

DEUS PRESERVOU O SEU TEXTO!

**A Preservação Divina
do Novo Testamento**

Terceira Edição

Wilbur Norman Pickering, ThM PhD

Copyright©2024 – Todos os direitos reservados por Wilbur
Norman Pickering

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Wilbur Norman Pickering, Deus Preservou o Seu Texto!, A
Preservação Divina do Novo Testamento - 2022.

ISBN – 979-8-9891013-5-1.

456 p.: 16cm x 23 cm

CDD – 220

1. Bíblia CDD – 240
2. Preceitos Bíblicos; Casuística moral cristã.

Prefácio

Wilbur Norman Pickering é um missionário cristão morando em Brasília, Brasil. Ele é Mestre em Teologia e Doutor em Linguística. Dos que trabalham na área da crítica textual do Novo Testamento, ninguém mantém uma posição mais radical quanto à inerrância e a autoridade objetiva do Texto Sagrado. Isto inclui a afirmação de que a exata redação original tem sido preservada através dos séculos até o dia de hoje, e que nós podemos saber qual é.

O Dr. Pickering ingressou na Associação Wycliffe para Tradução da Bíblia em 1958. Após três anos de preparo para o campo, chegou de volta ao Brasil em 1961 (pois nasceu em São Paulo, capital). Em seguida ele e a esposa deram início a um trabalho junto à etnia Apurinã. Em 1996 ele saiu da Wycliffe para se dedicar a outros interesses.

Durante muitos anos Dr. Pickering quis crer que entre as muitas centenas de manuscritos gregos do Novo Testamento por nós conhecidos, certamente Deus teria preservado a redação original. Após anos de pesquisa e comparação de manuscritos, ele chegou à conclusão de que Deus utilizou uma certa linha de transmissão para preservar essa redação. Essa linha é de longe a maior e a mais coesa (internamente consistente) de todos os grupos, ou famílias, de manuscritos. Ela se distingue de todas as demais linhas pelo elevado nível de cuidado com que foi copiado. (Dr. Pickering possui cópias de manuscritos perfeitos para 22 dos 27 livros do Novo Testamento.) Essa linha é tanto antiga como independente, e é a única que tem uma forma arquetípica demonstrável para todos os 27 livros. Essa forma arquetípica foi identificada objetivamente através de uma ampla comparação de representantes da família, e ela deveras é livre de erro. Não foi surpresa verificar que esse Texto sem erro não difere de forma séria de alguns outros textos gregos ‘bons’.

Agradecimento:

Agradeço ao Dr. William Penning (PhD em Astronomia) por seu trabalho na formatação deste livro. Ele é um perito em computação que trabalha em prol da tradução da Bíblia, mormente no Brasil.

Agradeço a Daniel Jore por ter contribuído a foto na capa. Marcelo Mendes Freitas ajudou com a tradução do inglês.

Sumário

PARTE I: A Evidência Histórica	1
Preâmbulo	1
Introdução	6
Inspiração	6
Iluminação	12
O Cânon	12
A Evidência Histórica para Preservação	14
Os autógrafos	16
O reconhecimento Imediato	20
Os cristãos primitivos eram cuidadosos?	28
Quem era o mais qualificado?	34
A transmissão do Texto foi normal?	41
O Fluxo de Transmissão	48
Qual é a evidência real?	54
Observações finais	58
PARTE II: A melhor Linha de Transmissão	61
Mas, o que é Família 35?	61
O Perfil da Família 35 para o Novo Testamento inteiro	65
Epistemologia	81
A datação de K^r (f³⁵) Revisitada	87
Sobre 'Padrão' e 'Dependência'	94
Apoio de Unciais Antigos para f³⁵ nas Epístolas Gerais	102
Perfil da Família 35 em Atos: antiga e independente	106
Fora com 'verdades' falazes!	112
O tratamento que von Soden deu a seu K^r	120
Quociente de Cuidado do Copista	135
Marcos	136
Romanos	145
Pós-escrito	153
Transmissão incrivelmente cuidadosa	153
Desempenho dos MSS da f³⁵ nas epístolas aos Tessalonicenses	153
Desempenho dos MSS da f³⁵ na 2 & 3 de João e de Judas	157
O Melhor Novo Testamento Completo Que Já Vi Até Agora!	159
As Maiores Divisões na f³⁵ em Mateus	167
Divisões dentro da Família 35 para o NT inteiro	178
O Arquétipo da Família 35 para Mateus – forma final	178
O Arquétipo da Família 35 para Marcos – forma final	188
O Arquétipo da Família 35 para Lucas – forma final	196

O Arquétipo da Família 35 para João – forma final	206
O Arquétipo da Família 35 para Atos – forma final	213
O Arquétipo da Família 35 para Romanos – forma final	227
O Arquétipo da Família 35 para 1 Coríntios – forma final	234
O Arquétipo da Família 35 para 2 Coríntios – forma final	241
O Arquétipo da Família 35 para Gálatas – forma final	248
O Arquétipo da Família 35 para Efésios – forma final	251
O Arquétipo da Família 35 para Filipenses – forma final	254
O Arquétipo da Família 35 para Colossenses – forma final	257
O Arquétipo da Família 35 para 1 Tess. – forma final	260
O Arquétipo da Família 35 para 2 Tess. – forma final	263
O Arquétipo da Família 35 para 1 Timóteo – forma final	264
O Arquétipo da Família 35 para 2 Timóteo – forma final	268
O Arquétipo da Família 35 para Tito – forma final	270
O Arquétipo da Família 35 para Filemom – forma final	273
O Arquétipo da Família 35 para Hebreus – forma final	273
O Arquétipo da Família 35 para Tiago – forma final	279
O Arquétipo da Família 35 para 1 Pedro – forma final	281
O Arquétipo da Família 35 para 2 Pedro – forma final	285
O Arquétipo da Família 35 para 1 João – forma final	288
O Arquétipo da Família 35 para 2&3 João e Judas – f. final	290
O Arquétipo da Família 35 para Apocalipse – forma final	292
A Divina Preservação da Redação Original das	
Epístolas Gerais	305
Desempenho dos MSS da \mathfrak{f}^{35} em livros individuais	
para as Epístolas Gerais	307
Interpretação	308
Mas, o texto arquétipo da Família 35 é o Autógrafo?	311
PARTE III: Algumas considerações adicionais	313
A Família 35 é Antiga?	313
A Importância da Evidência Objetiva	315
Sobre o Texto da <i>Pericope Adulterae</i>	321
Perfil \mathfrak{M}^7	322
Perfil \mathfrak{M}^6	323
Perfil \mathfrak{M}^5	324
Representantes inequívocos \mathfrak{M}^7 (\mathfrak{f}^{35}) = 245 MSS	325
Quando há recensão?	328
Uma recensão alexandrina?	328
Uma recensão bizantina?	330
Uma recensão \mathfrak{f}^{35} (\mathfrak{K}^{\dagger})?	337
Arquétipo nas Epístolas Gerais— \mathfrak{f}^{35} sim, \mathfrak{K}^x não	338
Tiago	338
1 Pedro	340
2 Pedro	341

1 João	342
2 João	342
3 João	343
Judas	343
Conclusão	343
‘ <i>Concordia discors</i> ’ e as leituras minoritárias da f ³⁵ nas Epístolas Gerais	344
Tiago	344
1 Pedro	349
2 Pedro	354
1 João	357
O aspecto espiritual da crítica textual do NT	362
A origem do problema	362
A perpetuação do problema	370
Uma solução para o problema	381
Conclusão	392
APÊNDICE	394
Avaliando o ‘princípio básico’	394
Subgrupos da f ³⁵ nas Epístolas Gerais	396
Grupo 1	397
Grupo 2	399
Número de variantes nos MSS contendo Judas	401
Abaixo a <u>falsificação</u>	404
K. Aland sobre o Egito	405
Eusébio (Cesaréia)	406
Jerônimo (Belém)	406
Adenda	407
Definindo ‘Preservação’	407
Manuscritos f ³⁵ já cotejados	409
Manuscritos bizantinos K ^r (Família 35)	412
Pecado de geração em geração	413
Método Genealógico Baseado em Coerência	417
Aonde colocar uma vírgula – Atos 12.25	418
É a crítica textual do NT uma ciência?	421
Um pouco de história relevante	422
A natureza de um exercício científico	426
A transmissão do Texto	431
O ‘ponto crucial’ de um Original ‘perdido’	434
A apresentação das evidências por Aland	438
Os unciais	439
Os cursivos	445
Observações finais	446

PARTE I: A Evidência Histórica

Preâmbulo

Em qualquer discussão envolvendo a interpretação da evidência, três coisas precisam ser claramente distinguidas: evidência, interpretação e pressuposição. A verdadeira evidência, a realidade objetiva, tem de ser a mesma para todos. No entanto, a interpretação que diferentes pessoas dão a essa evidência pode variar consideravelmente. Essas diferentes interpretações derivam de diferentes conjuntos de pressuposições. Como é impossível trabalhar sem pressuposições, ninguém deveria ser criticado por tê-las. Dito isso, no entanto, uma vez que a pressuposição controla, ou pelo menos influencia fortemente, a interpretação, qualquer participante honesto em uma discussão de evidência deve entender as suas próprias pressuposições e declará-las aberta e claramente. O omitir de declarar as pressuposições da pessoa é desonesto e repreensível. A pessoa é simplesmente perversa que não declara as suas pressuposições mas critica a outra pessoa que o faz; é uma postura desprezível. Toda e qualquer discussão envolvendo a interpretação das evidências deve começar com uma declaração de pressuposições. Nesse ponto, uma questão se apresenta: é possível avaliar os pressupostos? Caso que sim, como? Eu ofereço a seguinte tentativa para começar.

A questão fundamental que governa a existência humana em nosso planeta é a questão da autoridade: quem a tem, se é que tem, e sob que condições. A competição entre cosmovisões (ideologias, religiões, filosofias de vida), no mercado do mundo, remonta a essa questão. Estou ciente de que poucas pessoas se preocupam com a causa primordial, contentando-se em viver suas vidas da maneira como a sua cultura dita – talvez ‘contentando-se’ não seja a melhor palavra aqui; eles não têm tempo e oportunidade para bolar alternativas. Mas o que acontece quando um agente de mudança aparece? O agente de mudança está promovendo uma visão de mundo alternativa; ele está desafiando a cultura. Mesmo que a questão da autoridade não seja explicitamente declarada, ela se esconde em segundo plano. Eu submeto à devida consideração que o fator mais básico é a existência (ou não) de um Soberano Criador. Se tal Criador existe, então Ele terá autoridade absoluta sobre o que Ele criou. Onde mais de um candidato é apresentado, a escolha correta deve depender das evidências. No mundo de hoje, é comum se negar a existência de qualquer Criador. A existência do universo que nos cerca é atribuída a processos evolutivos.

Todo experimento científico, e conhecimento humano verdadeiro se baseia no princípio de causa e efeito – observamos um efeito e procuramos isolar a causa. Como corolário lógico, a causa tem de ser igual a, ou maior que o

efeito, caso contrário não seria capaz de produzi-lo. Qualquer ser humano, que seja tanto honesto como inteligente, confrontado pelo universo observável, com sua organização e complexidade incríveis, é obrigado a concluir que deve existir uma CAUSA, de inteligência e poder além de incríveis – negar-se a fazê-lo é ser perverso. Já que nós temos personalidade, Ele também deve tê-la.

A única alternativa a uma CAUSA seria o acaso trabalhando cegamente com nada. Mas é cientificamente impossível: absolutamente, estupidamente, ridiculamente impossível que o acaso trabalhando cegamente com nada seria capaz de produzir qualquer coisa. $10 \times 0 = 0$; $1.000 \times 0 = 0$; $1.000.000 \times 0 = 0$, e assim por diante. Não importa quantas vezes você multiplicar zero, o resultado será sempre zero. Se multiplicar zero por alguma coisa cada dia durante cinco bilhões (ou trilhões, ou quadrilhões) de anos, o resultado sempre será exatamente zero! Mesmo se alguém começar com a superstição de um ‘big bang’ de material inorgânico (sem vida), de onde veio a vida? (Isso deixando de lado a questão da origem de todo esse material inorgânico.)

A ciência da física nos informa que o universo inteiro conhecido, levando em conta unicamente a parte inorgânica (que não faz parte de um sistema vivo), pode ser descrito com até 350 ‘bits’ de informação. Para descrever a menor partícula de proteína (tão pequena que não pode viver sozinha, mas que faz parte de um organismo vivo), é necessário em torno de 1.500 ‘bits’ de informação (a bactéria ‘e-coli’ uns 7 milhões, e uma célula humana uns 20 bilhões!). Aonde, pois, poderia o nada mais o acaso encontrar 1.150 ‘bits’ de informação nova (para produzir a proteína mais simples), se no universo inteiro só tinha 350? A teoria da evolução, para explicar a origem da vida, é estupidamente, ridiculamente impossível!

A ciência da genética, com seus projetos de genoma, já descobriu que uma mudança aleatória de apenas 3 nucleotídeos é fatal para o organismo. A diferença genética entre um ser humano e um chimpanzé (que seria seu ‘parente’ mais próximo) gira em torno de 1,6% – pode não parecer muito, mas representa uma diferença de uns 48 milhões de nucleotídeos. Já que uma mudança ao acaso de apenas 3 nucleotídeos mata o animal, e um animal morto não pode reproduzir, é simplesmente impossível um chimpanzé evoluir até se tornar homem (uns 15 milhões de chimpanzés morreriam na tentativa! – mas nunca progredindo além dos primeiros três nucleotídeos). Cada tipo diferente de animal tinha de ser criado separadamente, assim como Gênesis afirma. A teoria da evolução, para explicar os tipos diferentes de animal (para nem se comentar pássaros, insetos, peixes, plantas, etc.), é cientificamente impossível, estupidamente, ridiculamente impossível!

A ‘coluna geológica’ é uma ficção. Na Austrália existem troncos de árvores fossilizados, em pé, atravessando várias camadas de pedra sedimentária, que segundo a ‘coluna geológica’ representariam muitos milhões de anos – estupidamente, ridiculamente impossível! Nos EUA existe uma chapada (cerro) com camada de pedra mais antiga em cima de camada mais nova (segundo a ‘coluna’), mas de uma área tão grande que não existe força conhecida capaz de vencer a fricção causada pela tentativa de fazer uma camada deslizar por cima da outra (o argumento que se usa) – outra coisa impossível para a ‘coluna’.

A uns 100 km ao sudoeste de Dallas, Texas, existe uma pequena cidade chamada Glen Rose, que fica perto das margens do riacho Paluxy. Lá tem o parque estadual do dinossauro, porque no leito do riacho têm pegadas de dois tipos de dinossauro: de três dedos e de quatro dedos. Riacho acima do parque, um paleontólogo chamado Dr. Carl Baugh comprou bastante terreno pelas margens do riacho, para poder fazer suas próprias escavações. Lá ele tem um museu que eu mesmo já visitei. Na **mesma camada** de pedra sedimentária, ele encontrou os fosseis de dois trilobites, que os evolucionistas dizem ter existido a 550 milhões de anos; um musgo fossilizado chamado ‘lapidodendron’, que os evolucionistas dizem ter existido a 250 milhões de anos; o fóssil inteiro de um dinossauro chamado ‘acrocantasauro’ (com dez metros de comprimento), que os evolucionistas dizem ter existido a 100 milhões de anos; sete pegadas de um ‘gato’ enorme, que os evolucionistas dizem ter existido a 6 milhões de anos; 57 pegadas de ser humano (algumas dentro de pegada de dinossauro); o quarto dedo da mão esquerda de uma mulher, fossilizado; e ainda um martelo de ferro pré-diluviano (cujo ferro não enferruja, sendo 96,6% ferro e 2,7% cloro) – **tudo isso na mesmíssima camada de pedra sedimentária!**

Segue-se que a ‘coluna geológica’ não existe; foi uma invenção perversa bolada por pessoas desonestas e perversas. Todos esses fosseis foram criados pelo Dilúvio de Noé, há uns 4.365 anos; caso contrário, como explicar que todas essas coisas estão na mesma camada de rocha? [De passagem, é muito comum os defensores da ‘coluna’ argumentar em círculo: a idade de uma camada é determinada pelos fosseis que ela contém, ao passo que a idade de um fóssil é determinada pela camada em que se encontra!]

Depois, a terra é jovem. No observatório real na Inglaterra, eles veem medindo a força do campo magnético que envolve a terra cada ano, desde 1839. Constataram que essa força vem diminuindo num ritmo constante e previsível, uma progressão geométrica – locando os valores, ano por ano, num gráfico, eles caem numa linha reta em declive. Com isso é possível projetar a linha para cima e para baixo. Projetando para trás, há 10.000 anos a força iria esmagar a vida na terra. Segue-se que qualquer teoria que exige

milhões, ou bilhões de anos é estupidamente, ridiculamente impossível.

O rio Mississippi nos EUA despeja 80.000 toneladas de sedimento no golfo do México cada hora! É só medir a delta para saber que a terra é jovem. O diâmetro do sol está diminuindo mais de um metro por hora. Projetando para trás, há 100.000 anos o sol teria o dobro do tamanho atual – iria assar tudo na superfície da terra; não haveria vida. Os evolucionistas querem que o granito tenha levado 300 milhões de anos para cristalizar, mas dentro do granito existem auréolas de polônio com meias-vidas de minutos e até segundos. O granito tinha de ser criado instantaneamente. As plantas e insetos **simbiontes** são impossíveis para a evolução – tiveram de ser criados ao mesmo tempo; eles dependem de dias de 24 horas. E assim por diante.

Conclusão: a teoria de evolução, como explicação de origens, é cientificamente impossível; é absolutamente, estupidamente, ridiculamente impossível. Há várias décadas o erudito Sir Frederick Hoyle foi contratado para avaliar a probabilidade científica de a vida ter aparecido no planeta por acaso (com dinheiro a contento e acesso livre às bibliotecas). A conclusão dele foi esta: seria mais fácil um ciclone passar por um campo de sucata e sair um Boeing 747 perfeito voando do outro lado do que a vida aparecer no planeta por acaso. Ora, ora, ora, que a vida poderia ter originado por um processo de evolução é obviamente, estupidamente, ridiculamente impossível!! [De passagem, questionamentos quanto à bondade do Criador não são de cunho científico.]

Portanto, uma Causa tem de existir, e essa Causa deve ser incrivelmente inteligente e poderosa. Essa Causa também deve ter personalidade, já que Ele criou seres com personalidade. O termo costumeiro usado para essa Causa é ‘Deus’, mas usarei o Soberano Criador. No mercado do mundo, não faltam ideias diferentes a respeito de ‘Deus’. Gênesis 1.27 nos informa que “Deus criou o homem à sua própria imagem” e, desde então, o homem tem tentado devolver o favor! Eu me pergunto se as pessoas entendem que qualquer deus que elas criarem será menor do que elas são.

Já que existe um Soberano Criador, Ele detém autoridade absoluta sobre o que Ele criou. Mas por quais meios pode a autoridade ser exercida? Ela pode ser exercida por decreto, por intervenção soberana, mas fazer isso com seres criados à imagem de Deus os transformaria em robôs, o que seria contraditório ao propósito de criar tais seres. Como o Soberano disse à mulher samaritana, enquanto Ele andava nesta terra no corpo de Jesus: “os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade” (João 4.23-24). Se o Pai está procurando adoração espontânea, ou pelo menos voluntária, então isso não pode ser coagido ou forçado. Mas como pode o homem saber o que o

Soberano Criador quer? Tem de haver comunicação. Mas que forma poderia essa comunicação tomar? Para comunicar conceitos, Ele teria que usar a linguagem humana. Sendo que qualquer idioma humano obedece a regras – fonológicas, gramaticais, semânticas – o Criador teria de se limitar ao conjunto de possibilidades oferecido pelo idioma escolhido.

Se o Criador estivesse preocupado apenas em transmitir informações a um determinado indivíduo, ou grupo, em um determinado momento, para um propósito específico, isso poderia ser feito oralmente, falando diretamente ou através de um representante. Mas se o propósito do Criador era de fornecer orientação que também fosse válida para as gerações subsequentes, a forma apropriada seria por escrito. Considere 1 Crônicas 16.15, “a palavra que Ele prescreveu para mil gerações”. Bem, como mal houve 300 gerações desde Adão até aqui, então a revelação escrita do Criador estará em vigor até o fim do mundo. No entanto, para estar em vigor até o final, ela deve ser mantida disponível até o final, mas estou me adiantando.

Se o Soberano Criador existe, e se Ele dirigiu uma Revelação escrita para nossa raça, então nada é mais importante para nós do que saber o que Ele disse (com a intenção de obedecê-la, se formos espertos). Isso porque tal revelação terá autoridade objetiva sobre nós (embora o Criador nos dê a opção de rejeitar essa autoridade [mas a devida consideração deve ser dada às consequências]). [De passagem, o inimigo sempre entendeu isso melhor do que quase todos nós, e ele começou seus ataques bem no início – “É verdade que Deus disse, . . . ?” (Gênesis 3.1).] Agora, autoridade objetiva depende de significado verificável; se um leitor/ouvinte pode dar qualquer significado que escolher para uma mensagem, qualquer autoridade que ela tenha para ele acaba sendo relativa e subjetiva (a abordagem ‘neo-ortodoxa’).

Como linguista (PhD), afirmo que o princípio fundamental da comunicação é o seguinte: tanto o falante/escritor quanto o ouvinte/leitor devem respeitar as normas da linguagem, em particular aquelas do código específico que é usado. Se o codificador violar as regras, ele estará enganando o decodificador (deliberadamente, se ele souber o que está fazendo). Se o decodificador violar as regras, ele irá deturpar a comunicação do codificador (deliberadamente, se ele souber o que está fazendo). Em qualquer caso, a comunicação fica prejudicada; a extensão do prejuízo dependerá das circunstâncias.

Várias vezes o Senhor Jesus se referiu ao Espírito Santo como “o Espírito da Verdade”, e Tito 1.2 afirma que Deus não pode mentir – é uma coisa que Ele não pode fazer, sendo contrária à Sua essência; “Ele não pode negar-se a si mesmo” (2 Timóteo 2.13). Deveria ser óbvio para todos que o Soberano

não aceitará ser chamado de mentiroso. Interpretar o Texto Sagrado de forma não fiel às regras do hebraico e do grego, respectivamente, é atribuir ao Autor divino a intenção de nos enganar, é chamá-lo de mentiroso – não convém. Mas, para interpretar o Texto, precisamos tê-lo, e vou abordar o assunto da preservação daqui a pouco.

Mas primeiro, como podemos saber se o Criador realmente dirigiu, ou não, uma revelação escrita para nós? E se Ele o fez, como podemos identificá-la? Partindo do ponto de vista que o Soberano Criador decidiu fornecer orientação para nossa raça, Ele saberia que Ele teria que torná-la reconhecível pelo que era, e as evidências precisariam permanecer disponíveis para as gerações subseqüentes. Mas como podemos saber que meios Ele usaria para tornar Sua revelação reconhecível? Podemos saber olhando para o que Ele fez, e ir voltando, tentando reconstruir a história. Neste ponto, eu preciso ir direto para as minhas conclusões, com base nas evidências e, em seguida, retroceder pelas etapas para verificar se a minha conclusão permanece válida. Eu aqui declaro as pressuposições que eu trago para minha tarefa: 1) o Soberano Criador existe; 2) Ele endereçou uma Revelação escrita para nossa raça; 3) Ele a preservou intacta até os dias atuais de tal forma que podemos saber qual é (tanto o conteúdo como a redação), baseado em critérios objetivos.

Introdução

Inspiração

Quando escrevo um livro,¹ identifico-me como o autor e normalmente dou alguma indicação quanto ao meu propósito ao escrevê-lo. Como cristão, aprendi que nossa Bíblia (contendo 66 ‘livros’) é uma Revelação escrita dada pelo Soberano Criador. Então eu pergunto: a Bíblia diz o que ela é? Ela afirma ser divinamente inspirada? Começaremos com a reivindicação e, em seguida, tentaremos verificá-la.

A reivindicação

Gênesis 1.1: “No princípio criou Deus os céus e a terra”. O único que poderia passar essa informação para Adão (como eu entendo) era o próprio Criador; o Autor está se identificando. Adão certamente desenvolveu uma forma escrita para o idioma que Deus deu a ele, e ele teria feito um registro escrito de tudo que o Criador lhe contou a respeito do começo deste planeta. Centenas, se não milhares de vezes em toda a Bíblia encontramos “Deus disse”, ou “o Senhor disse”. Os livros proféticos expressamente afirmam ser mensagens dadas por Deus. Aqui está apenas um exemplo: “A palavra

¹ Até aqui, já publiquei oito (sem contar traduções), além de um Texto grego do NT.

do Senhor que veio a Miquéias, morastita, nos dias de Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá” (Miquéias 1.1).

Salmo 138.2, "Engrandeceste a tua palavra acima de todo o teu nome". Como o nome de uma pessoa representa essa pessoa, o ponto dessa afirmação parece ser que a palavra de Deus representa a sua pessoa ainda melhor do que o nome dEle. "Para sempre, ó SENHOR, a tua palavra está firmada no céu" (Salmos 119.89). Se a palavra está no céu, então deve ser de Deus, e apenas um Ser eterno pode produzir uma palavra eterna. 1 Pedro 1.25 cita Isaías 40.8, "a palavra do SENHOR dura para sempre", e há várias outras passagens que dizem essencialmente a mesma coisa. Novamente, apenas um Ser eterno poderia produzir uma palavra eterna.

Mateus 5.18, "na verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem uma só 'iota', nem um só til, passará da Lei, até que tudo aconteça". O Soberano Jesus está fazendo uma declaração sobre a preservação da forma precisa do Texto Sagrado através dos tempos. Apenas uma autoridade máxima poderia garantir algo assim. "Toda a Escritura é exalada por Deus" (2 Timóteo 3.16). Paulo inventa uma expressão para descrever a íntima conexão entre Deus e Sua Revelação escrita; é como a Sua própria respiração.

Romanos 14.24, "Àquele que tem poder para estabelecer vocês de acordo com meu Evangelho e a proclamação de Jesus Cristo, de acordo com a revelação do mistério mantido em segredo através de longas eras, 25 mas agora revelado e tornado conhecido pelas Escrituras proféticas, de acordo com o mandamento do Deus eterno, com vista à obediência de fé entre todas as nações étnicas". Como está sendo revelado apenas 'agora', essas 'Escrituras proféticas' tem de ser os escritos do Novo Testamento, dados por Deus! [5,2% dos manuscritos gregos colocam os versos 24-26 no final do livro, em vez daqui. É costume de Paulo colocar doxologias no meio de suas cartas – não vem apenas no final.]

2 Pedro 1.20-21, "sabendo primeiro isto, que nenhuma Profecia das Escrituras acontece por liberação privada; porque nenhuma profecia jamais veio pela vontade do homem, e sim os homens santos de Deus falaram ao serem levados pelo Espírito Santo". Aqui temos uma descrição impressionante do processo de Inspiração.¹ Eu gosto da definição das Escrituras que encontramos em Romanos 2.20 – "tendo na Lei a

¹ O vocábulo que eu traduzi como 'liberação' acontece somente aqui no NT, mas o sentido básico da raiz é 'soltar' ou 'liberar'. Quanto a uma palavra profética, poderia dizer respeito tanto ao enunciar/originar dela, como à interpretação dela. O verso 21 deixa claro que aqui é o originar. Profecias falsas derivam da vontade do 'profeta' (ou influência demoníaca), mas profecia de verdade, nunca.

corporificação do conhecimento e da verdade”. Quem, senão o Soberano Criador, poderia produzir uma Revelação escrita que incorpora o conhecimento e a verdade? Entendo que as declarações já citadas afirmam a existência de uma Revelação escrita, mas elas não nos fornecem a identidade dos escritos inspirados que compõe essa revelação, isto é, a composição do Cânon. Tratarei essa questão no seu turno.

A evidência da Inspiração

Considero que lidei adequadamente com a afirmação, e agora passo para as evidências, ou para a verificação. Uma literatura que afirma ter origem sobrenatural deveria ser intrinsecamente sobrenatural e produzir resultados sobrenaturais. Começarei com os resultados sobrenaturais, que também nos dirão algo sobre o propósito do Criador ao dar a Revelação.

Paulo escreveu a Timóteo: “desde a infância, conhecestes as Sagradas Escrituras, que podem torná-lo sábio para a salvação pela fé que há em Cristo Jesus. Toda Escritura é exalada por Deus e é valiosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para treinar em retidão moral, para que o homem de Deus seja plenamente competente, totalmente equipado para toda boa obra” (2 Timóteo 3.15-17). Certamente, um dos propósitos mais importantes da Revelação é mostrar como obter a salvação eterna. Paulo continua dizendo que as Escrituras são valiosas para quatro coisas. Observe a sequência: 1) as Escrituras fornecem informações objetivamente verdadeiras; 2) então o Espírito Santo usa Sua Espada para convencer do pecado; 3) isso leva ao arrependimento e à conversão; 4) então a Palavra é nossa comida e água para o crescimento espiritual. (Acesso às Escrituras é necessário para crescimento e trabalho espirituais.) À medida que crescemos, podemos ajudar os outros a percorrer a sequência. Um grande número de cristãos, de todo o mundo, já descobriu que o que está dito acima é verdadeiro em sua experiência pessoal.

Hebreus 4.12-13, “a Palavra de Deus é viva e eficiente, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, penetrando até o ponto de separar alma e espírito, juntas e medulas; na verdade, é capaz de avaliar as reflexões e intenções de um coração. Nada em toda a criação está oculto da sua vista; antes, todas as coisas estão nuas e abertas aos olhos dAquele a quem devemos prestar contas”. Meditar na Palavra de Deus pode ser um tanto desconfortável; é um ‘espelho’ que nos diz a verdade sobre nós mesmos (Tiago 1.25). Efésios 6.17 chama isso de "a espada do Espírito". Uma palavra que pode separar a alma do espírito deve ser sobrenatural. (Se alma e espírito podem ser separados, então obviamente não podem ser uma só coisa; assim como juntas e medulas não são a mesma coisa.) Um grande número de cristãos, de todo o mundo, já descobriu que o que está dito acima

é verdadeiro em sua experiência pessoal. Voltando a Hebreus 4.13, teremos de prestar contas a um Juiz que conhece TODOS os fatos. Essa ciência realmente deveria fazer de nós pessoas sérias, que procuram Deus com diligência.

“Este Livro da lei não se apartará de sua boca, mas você deve meditar nele dia e noite, para poder observar para fazer de acordo com tudo que está escrito nele. Porque então prosperarás e serás bem-sucedido” (Josué 1.8). Tiago 1.25 diz algo muito semelhante. Moisés disse aos israelitas: “Colocam os vossos corações em todas as palavras que testifico entre vós hoje, as quais ordenareis que vossas crianças observem atentamente – todas as palavras desta lei. Pois não é uma coisa fútil para vocês, porque é a vossa vida” (Deuteronômio 32.46-47). Um grande número de cristãos, do mundo todo, já descobriu que o que está dito acima é verdadeiro em sua experiência pessoal. (Lembrar que estou falando das evidências; do efeito que produz.)

Romanos 1.16-17: “Não me envergonho do Evangelho de Cristo, porque é o poder de Deus para a salvação de cada um que crê (primeiro para o judeu, depois para o grego); porque nele a justiça de Deus é revelada, de fé em fé; assim como está escrito: ‘O justo viverá por fé’.” O Evangelho é o poder para a salvação. Como o Soberano Jesus disse em João 14.6 – “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim”. Não existem muitos caminhos, mas apenas um. Voltando a Romanos 1.16, de onde teria Paulo tirado a ideia de ‘vergonha’? Um mundo controlado por Satanás faz de tudo para acabrunhar qualquer um que se atreve a proclamar a Verdade. Paulo cita Habacuque 2.4. Para ‘viver por fé’ é necessário passar de um exercício de fé para outro. Milhões de vidas já foram transformadas pelo poder da Palavra de Deus; então, de onde veio esse poder?

A inspiração do Texto Sagrado é uma qualidade intrínseca; ela é, porque é. No entanto, podemos perceber a qualidade inerente, comparando material inspirado com material que não é inspirado. Considere a natureza do conteúdo ou mensagem da Bíblia: não é o tipo de coisa que o ser humano gostaria de escrever, mesmo que pudesse; nem é o tipo de coisa que ele poderia escrever, mesmo que ele quisesse. E depois, há a unidade da Bíblia: embora os 66 livros tenham sido escritos por pelo menos trinta autores humanos diferentes, durante uns 2.000 anos, e em dois idiomas muito diferentes (hebraico e grego),¹ o todo é coerente, não se contradiz. Há também profecias específicas e detalhadas, incluindo até mesmo o nome de uma pessoa, reveladas séculos antes do fato, que foram precisamente cumpridas.

¹ Uns poucos capítulos foram escritos em aramaico.

Para aqueles que creem que Jesus Cristo é Deus, a atitude dEle em relação ao Antigo Testamento será relevante. Ele atribuiu autoridade absoluta ao A.T.; em João 5.45-47 Ele colocou os escritos de Moisés no mesmo nível de Sua própria palavra, que Ele afirmou ter validade eterna (Lucas 21.33). Conforme relatado nos quatro Evangelhos, Ele citou pelo menos Gênesis, Êxodo, Números, Deuteronômio, Salmos, Isaías, Jeremias, Daniel, Oséias, Jonas, Zacarias e Malaquias. Em Lucas 24.44, Ele reconheceu explicitamente as três divisões do Cânon hebraico: a Lei, os Profetas e os Escritos (Salmos). E ainda há Mateus 23.35 – “para que caia sobre vocês todo o sangue justo já derramado sobre a terra, do sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Berequias, a quem vocês assassinaram entre o templo e o altar.” Jesus está aqui concluindo Sua denúncia dos escribas e fariseus. O assassinato de Abel é o primeiro registrado na Bíblia (Gênesis 4.8). Por favor, note que Jesus afirma a historicidade de Abel, e desde que Abel teve pais, necessariamente, Jesus também está afirmando a historicidade dos pais de Abel, Adão e Eva! Zacarias foi contemporâneo de Esdras e Ageu na época da construção do segundo templo. Então, “todo o sangue justo derramado” entre esses dois homens cobre todo o AT, uns 3.500 anos!

Tendo dito tudo isso acima, no entanto, reconheço que afirmar a inspiração divina da Bíblia é uma declaração de fé – uma fé inteligente, que é baseada em evidências, mas ainda assim é fé, uma vez que as evidências não são absolutas;¹ e elas não são absolutas por uma boa razão. O Soberano Criador deliberadamente não permite que as evidências sejam absolutas, porque então não haveria teste verdadeiro. O Criador requer que os homens escolham entre o bem e o mal, e a escolha não pode ser coagida. Naquela última noite, no cenáculo, Soberano Jesus se referiu ao Espírito Santo como “o Espírito da Verdade” e declarou que “Ele vos guiará a toda a verdade” (João 16.13). É a prerrogativa do Espírito Santo sentenciar e convencer.

Sua natureza.

Usamos o termo "inspiração" para nos referirmos ao processo que o Soberano Criador usou para produzir sua Revelação escrita. O Criador escolheu usar autores humanos, com exceção das tábuas de pedra contendo o Decálogo, que o próprio Criador gravou (Êxodo 31.18, 32.16). Ao comparar o estilo de livros escritos por pessoas diferentes, é evidente que a personalidade do autor humano não foi reprimida ou bloqueada: Paulo escreve de uma maneira, João escreve de uma maneira diferente e assim por diante. E o mesmo autor mudará de estilo, dependendo do público-alvo ou destinatário. Assim sendo, quando Pedro escreve que os autores foram

¹ De sorte que não estamos lidando com ciência, num sentido objetivo.

“conduzidos pelo Espírito Santo” (2 Pedro 1.21), podemos entender que o ‘conduzir’ garantiu que as palavras que foram escritas expressavam corretamente o significado que o Espírito Santo queria transmitir. Tanto a Palavra viva como a Palavra escrita envolvem uma união hipostática: como Jesus Cristo pode ser 100% Deus e 100% homem ao mesmo tempo é um mistério; como a Palavra escrita pode ser 100% divina e 100% humana ao mesmo tempo é também um mistério.

Mas não é só isso. A maneira como a inspiração funciona varia com o tipo de literatura.

1) Estritamente falando, ‘revelação’ significa informação dada diretamente a alguém pelo Criador (às vezes usando um anjo). A verdadeira profecia é um profeta repetindo palavra por palavra o que o Criador lhe disse: “a palavra do SENHOR veio a mim dizendo” (Jeremias 1.4). Por necessidade, a informação contida no primeiro capítulo de Gênesis foi dada diretamente a Adão pelo Criador. Da mesma forma, as informações contidas em Jó 1.6-12 e 2.1-7 tinham de ser dadas diretamente ao autor do livro (talvez Eliú, filho de Baraque – Jó 32.2). Atos 1.16 diz que o Espírito Santo falou pela boca de Davi. Com referência à ‘Ceia do Senhor’, Paulo escreveu: "Recebi do Senhor o que também transmiti a vocês" (1 Coríntios 11.23). Eu poderia adicionar outras referências, mas já dei o suficiente para ilustrar ‘revelação’; tal revelação é geralmente normativa, serve para orientar o nosso comportamento.

2) A informação histórica é um pouco diferente; a inspiração garante a veracidade do que é descrito – as coisas aconteceram exatamente daquela maneira. Deve ser óbvio que as descrições de pecado, mentira, crime ou perversidade não são normativas, embora sirvam de exemplos negativos para nos alertar. Gênesis 3.4 registra uma mentira; “Então a serpente disse à mulher: Você certamente não morrerá”. Obviamente, a inspiração não está de acordo com a mentira, apenas garante que a serpente disse exatamente isso. Informações históricas, ou registros, podem incluir orientação normativa. É sempre necessário prestar muita atenção ao contexto, que pode apropriadamente ser chamado de ‘rei da interpretação’.

3) O material poético é mais difícil. É um gênero de comunicação que tem suas próprias regras, e o contexto é muito importante. A Canção de Salomão é composta de treze ‘cânticos’; eles não são apresentados como normativos. Como a relação entre homem e mulher é fundamental para a existência humana, é natural que o assunto encontre um lugar na Revelação escrita. Que o Criador escolheu o gênero poético, foi Sua prerrogativa, e isso vai com o assunto; a emoção frequentemente encontra expressão em forma poética.

Em contraste, os Provérbios são geralmente normativos. Em Eclesiastes 12.9-11, Salomão declara a inspiração dos provérbios: eles “nos foram dados pelo único Pastor”.

Por outro lado, o próprio Salomão não faz a mesma reivindicação para Eclesiastes, outro livro que ele escreveu. O segundo verso, “Vaidade de vaidades, diz o pregador, vaidade de vaidades! Tudo é vaidade”, obviamente não concorda com o resto da Bíblia. Servir a Deus não é vaidade, a salvação em Cristo não é vaidade, e assim por diante. De fato, Salomão declara abertamente como o livro veio a ser: "Apliquei o meu coração a esquadrihar e a informar-me com sabedoria" (1.13), "Falei eu com o meu coração" (1.16), "Apliquei o meu coração a conhecer a sabedoria e a conhecer os desvãos e as loucuras" (1.17), “Busquei no meu coração como estimular com vinho a minha carne” (2.3). O livro é claramente uma tentativa de entender a vida e o mundo usando uma análise puramente humanista, deixando o Soberano Criador fora de cena. Essa análise foi realizada por um homem que era muito inteligente. Entendo que o livro foi incluído no Cânon precisamente para mostrar a que conclusão uma análise puramente humanista da vida deve chegar – ao vazio e ao desespero. No entanto, o autor concluiu o livro afirmando a verdadeira verdade, para que ninguém fosse enganado: “De tudo o que se tem ouvido, o fim é: Teme a Deus, e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo o homem. Porque Deus há de trazer a juízo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau.”

Iluminação

Eu afirmo que é importante distinguir entre inspiração e iluminação, com referência às Escrituras. Inspiração se refere ao escrever do material bíblico; iluminação se refere à interpretação do material bíblico. Ambos, inspiração e iluminação, são obra do Espírito Santo. A iluminação é geralmente reservada para aqueles que já foram regenerados. “Ora, um homem alimático não recebe as coisas do Espírito de Deus, porque são loucura para ele; de fato, ele não pode entendê-las, porque elas são espiritualmente discernidas” (1 Coríntios 2.14). É isso que o Texto diz. Uma pessoa alimática não pode entender as coisas espirituais, o que parece ser um defeito congênito. Os fatos concretos contidos em um registro histórico podem ser entendidos por qualquer pessoa. Que Davi matou Golias é um fato que qualquer um pode entender. Mas entender o propósito do Espírito Santo por trás de uma declaração inspirada depende da iluminação, e para recebê-la é preciso ser espiritual (1 Coríntios 2.15).

O Cânon

Chego agora à questão da canonicidade do Texto Sagrado: por que nossa

Bíblia tem a variedade exata de livros que ela possui – nem mais, nem menos, e não outros? Inspiração refere-se à atividade divina no ato de escrever o material, garantindo o resultado. Em contraste, a canonização do Texto refere-se à atividade humana, reconhecendo a qualidade divina desse material. O processo desse reconhecimento ocorreu dentro da comunidade da Fé – a comunidade hebraica, para o AT, e a comunidade cristã, para o NT. Já me referi à atitude que o Senhor Jesus Cristo demonstrou em relação ao AT, que era toda a Bíblia que existia naquele momento. Ele, evidentemente, reconheceu o Cânon de 39 livros que haviam sido definidos até Seu tempo. Ele citou vários livros – tirados da Lei, da história, da profecia e da poesia – e o fez como sendo a Palavra de Deus, algo verdadeiro, sagrado e autoritário. Os autores humanos do NT demonstraram o mesmo respeito pelo AT, que também era a Bíblia deles.

Eu já disse que o AT contém 39 livros, e assim foi até o século XVI da era cristã. O Concílio de Trento foi uma reação da Igreja Católica Romana contra a Reforma Protestante. Começou em 1545 e concluiu seu trabalho em 1563. Acrescentou quatorze ‘livros’ ao AT, embora os quatorze nunca tivessem sido reconhecidos pela comunidade hebraica. Nos círculos protestantes, esses livros são geralmente referidos como ‘Apócrifos’, enquanto nos círculos católicos romanos eles são referidos como ‘Deuterocanônicos’. O Cânon do NT foi formalmente fechado pelo Concílio de Cartago em 397 d.C., o Cânon do AT tendo sido fechado séculos antes. Certamente, 1563 já era tarde demais para acrescentar livros ao Texto Sagrado.

Agora, a canonização tem tudo a ver com a preservação do Texto. Isso porque certamente a comunidade da Fé só se preocuparia em transmitir e proteger os livros "canônicos", aqueles que foram considerados inspirados.¹ Prosseguindo, quando eu abordar a questão da preservação, abaixo, vou ponderar que é precisamente a preservação do Texto que comprova sua

¹ Por exemplo, existem pessoas que sustentam que o Autógrafo de Mateus foi escrito em hebraico. Mas existe uma pequena dificuldade com essa tese: não existe sequer uma única cópia conhecida desse Evangelho em hebraico. Sendo que foi somente o Mateus em grego que a Igreja protegeu e transmitiu, então o Autógrafo foi escrito em grego, obviamente. Contudo, parece-me igualmente óbvio que Mateus, e qualquer outra pessoa que sabia escrever, encheu ‘cadernos’ com as suas anotações de tudo que Jesus disse e fez. Sim, porque Lucas 1.1 afirma que “muitos têm empreendido pôr em ordem uma narração dos fatos que deveras se cumpriram entre nós”. Todas as anotações feitas ‘na hora’ teriam sido em hebraico, já que foi esse o idioma que Jesus usou. Quando Mateus escreveu o seu Evangelho em grego, ele certamente consultou suas anotações escritas em hebraico. A falta de sequer uma cópia em grego de coisas tais como o evangelho de Tomé, ou de Judas, ou como queira, significa que tais escritos não eram inspirados e não foram reconhecidos pela Igreja.

canonicidade. A parte humana na transmissão do Texto é óbvia; mas havia também atividade divina, protegendo o Texto (incluindo a exata redação)? E como poderia alguém ‘medir’ essa atividade divina? Eu vejo duas ‘ferramentas’ relevantes para fazer a medição: a lógica e a história. Eu começo com o argumento da lógica.

Inspiração é um resultado ou uma qualidade da Revelação – com essa declaração estamos afirmando que o Soberano Criador decidiu transmitir alguma informação objetiva à raça humana. Se o Criador estivesse apenas preocupado em transmitir informação a um determinado indivíduo, ou grupo, em um determinado ponto no tempo, para um propósito específico, isso poderia ser feito oralmente. Mas se o propósito dEle era alcançar uma sequência de gerações (até mil delas, 1 Crônicas 16.15), então a forma apropriada seria por escrito. Agora, se o Criador pretendesse que Sua Revelação chegasse intacta, ou pelo menos inteira e em condições confiáveis, ao século XXI, Ele absolutamente teria que vigiar o processo de transmissão através dos séculos. Ele teria que proibir a perda irrecoverável de qualquer material genuíno, bem como proibir qualquer inserção irreconhecível de material espúrio. A redação original deveria estar disponível, em qualquer geração, para pessoas que estivessem suficientemente interessadas em ter essa redação de que pagariam o preço necessário (tempo, viagem, dinheiro) para obtê-la. (Em geral, as pessoas ficariam satisfeitas com o texto que tinham, desde que considerassem confiável.) Então, uma pessoa que crê na inspiração divina do Novo Testamento, por exemplo, também deveria crer na preservação divina do NT – é uma questão de lógica. Mas, e quanto às evidências históricas; elas concordam com nossa lógica, ou não? É para essa pergunta que eu me ateno agora.

A Evidência Histórica para Preservação

Para começar, eu entendo que as seguintes referências bíblicas podem ser razoavelmente entendidas como sendo uma afirmação do Soberano Criador de que Ele pretendia preservar o Seu Texto, mas Ele não deu nenhuma indicação de como Ele propôs fazê-lo. Então, precisamos começar com o que Ele de fato fez, e retroceder pelas etapas. Mas, primeiro, vamos às referências:

1 Crônicas 16.14-15 faz parte de um salmo de louvor a Deus que foi cantado quando a Arca foi trazida para Jerusalém. “Ele é o SENHOR, NOSSO DEUS; Seus julgamentos estão em toda a terra. Lembrem-se de Seu mandamento para sempre, a palavra que Ele ordenou para mil gerações.” Para que a Palavra seja obrigatória até a milésima geração, ela terá de ser preservada até aquela geração, e precisaria estar disponível a cada geração ao longo do

caminho. Eu entendo que “mil gerações” é paralelo a “para sempre”, já que até aqui não passa de 300 gerações desde Adão! “Para sempre, ó SENHOR, a tua palavra está firmada no céu. A tua fidelidade é para todas as gerações” (Salmo 119.89-90). “Para sempre” é paralelo a “todas as gerações”. “A erva seca, a flor murcha, mas a palavra do nosso Deus permanece para sempre” (Isaías 40.8). Para ‘permanecer’ para sempre, tem que ser preservada para sempre.

Mateus 5.17-18 faz parte do chamado ‘Sermão da Montanha’, entregue pelo Soberano Jesus enquanto Ele andava nesta terra. “Não pensem que vim destruir a Lei ou os Profetas; não vim destruir, mas cumprir. Pois deveras vos digo: Até que, eventualmente, passem o céu e a terra, absolutamente não passará da Lei sequer um iota ou um til até que tudo aconteça.” O Senhor aqui faz uma declaração impressionantemente forte sobre a preservação através do tempo da exata forma do Texto Sagrado. Como nosso único acesso ao significado é através da forma, qualquer alteração na forma alterará o significado. (Uma das maneiras mais eficazes de anular um mandamento é corromper o Texto – algo que Satanás entende muito bem.) “É mais fácil passar o céu e a terra do que cair um só traço da Lei” (Lucas 16.17). “Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras jamais passarão” (Lucas 21.33). O Soberano Jesus declara que Suas palavras têm validade eterna e, portanto, estão em pé de igualdade com a Revelação escrita de Deus (ver Salmos 119.89).

Em Mateus 4.4, o Soberano Jesus rebate Satanás, citando Deuteronômio 8.3. “Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de cada palavra saindo da boca de Deus.” Se é para vivermos de “cada palavra”, então cada palavra deve ser mantida disponível.¹ Veja também Deuteronômio 29.29, “as coisas encobertas pertencem ao SENHOR nosso Deus, mas as que são reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei”. “Todas as palavras” inclui cada palavra individual que contribui para o todo; e para que a tricentésima geração possa obedecer a todas elas, todas elas ainda devem estar disponíveis. Veja também Isaías 59.21 – “Quanto a mim”, diz o SENHOR, “esta é a minha aliança com eles: o meu Espírito que está sobre ti, e as minhas palavras que pus na tua boca, não se apartarão da tua boca, nem da boca de teus descendentes, nem da boca dos descendentes dos teus descendentes”, diz o SENHOR, desde agora e para todo o sempre”. “Minhas palavras” inclui cada palavra individual que contribui para o todo, e elas devem estar disponíveis “desde agora e para todo o sempre”, o que inclui

¹ Lucas 4.4 é exatamente paralelo, onde menos que meio por cento dos manuscritos gregos conhecidos, de qualidade objetivamente inferior, omitem “mas de toda palavra de Deus” (lamentavelmente seguidos por NVI, LH, ARA, etc).

todas as gerações do intervalo. Apocalipse 22.18-19 também enfatiza as palavras individuais.

Eu considero que as referências apresentadas acima podem razoavelmente ser entendidas como sendo uma declaração de que o Soberano Criador pretende que a Sua Revelação escrita esteja disponível para todas as gerações até o fim do mundo – a Sua preocupação se estende às palavras individuais, e até mesmo às letras (Mateus 5.18)! No entanto, como Ele não nos deu nenhuma indicação sobre como Ele se propôs a fazê-lo, havemos de deduzir a resposta analisando o que Ele fez. Eu começarei com o Novo Testamento. Passo a apresentar as evidências.

Os Autógrafos

Quando falo da preservação divina do Texto do Novo Testamento, refiro-me à exata redação dos documentos originais, os Autógrafos. Quando falo de preservação, estou presumindo inspiração divina; são coisas logicamente interdependentes. Por que Deus inspiraria uma revelação escrita se Ele não fosse preservá-la? Por que Deus preservaria escritos que Ele não havia inspirado? Eu considero que a preservação do Texto do NT talvez seja o argumento mais forte em favor da natureza inspirada dele. O mesmo vale para a seleção precisa de livros que compõem o Canon do NT. Como considero que o Evangelho de Mateus foi o primeiro livro do NT a ser entregue ao público ('publicado'), vou começar por ele.

Na época em que o Evangelho de Mateus foi 'publicado' em 38 d.C., a produção de livros no Império Romano era generalizada, mas não havia "direitos autorais". Assim que um livro era solto, ele se tornava de "domínio público", e qualquer um poderia usá-lo e alterá-lo. Ora, se o Espírito Santo pensasse em proteger as obras que Ele estava inspirando, protegendo contra a livre alteração, o que Ele poderia fazer? Sugiro que a maneira mais óbvia seria que essas obras fossem 'publicadas' na forma de cópias múltiplas. Hoje em dia, a primeira edição de um livro geralmente é de alguns mil exemplares, mas naqueles dias cada cópia tinha de ser feita à mão (manuscrita). (Os colofões em 50% dos manuscritos, incluindo a Família 35, dizem que Mateus foi 'publicado' oito anos após a ascensão do Cristo. Sendo que Jesus ascendeu em 30 d.C., Mateus foi entregue ao público em 38. Os colofões dizem que Marcos foi publicado dois anos mais tarde (40), Lucas outros cinco anos mais tarde (45) e João em 62.)

Um livro do tamanho do Evangelho de Mateus representaria um considerável investimento de tempo e esforço, bem como de papiro e tinta. Entendo que os escritos do NT foram preparados em forma de livro a partir do começo (não rolo), e o material usado provavelmente era papiro. ["Traz

os livros, e principalmente os pergaminhos” (2 Timóteo 4.13). A partir disso podemos entender que pergaminho já estava sendo usado, mas os “livros” eram de papiro, presumivelmente; caso contrário, para que o contraste?] No entanto, papiro não suporta muito manuseio, e já no ano 38 havia muitas congregações cristãs apenas no território judeu, para não mencionar em outros lugares. Se o Espírito Santo pretendesse que os escritos do Novo Testamento tivessem uma ampla circulação, o que pareceria óbvio, seria necessário começar com cópias múltiplas. Um único exemplar de Mateus estaria caindo aos pedaços antes de chegar à vigésima congregação (se em papiro).

Mas por que eu insisto em papiro em vez de pergaminho? Bem, uma única cópia de Mateus representaria cerca de quinze ovelhas ou cabras; com base nisso, quem poderia pagar por múltiplas cópias? Dito isto, no entanto, a cópia original pode, de fato, ter sido feita em pergaminho, por duas razões: se uma cópia original era para ser guardada, para controle de qualidade, ela deveria estar em material durável; se várias cópias, da cópia original, fossem feitas antes de serem entregues ao público, uma cópia original em papiro não poderia durar.

A ideia de publicar um livro na forma de vários exemplares pode ser inferida das Epístolas. 2 Coríntios foi escrita para “a igreja de Deus que está em Corinto, com todos os santos que estão em toda a Acaia” (versículo 1). Quantas congregações haveria “em toda a Acaia”? Estaria Paulo pensando em cópias múltiplas? 1 Coríntios foi endereçada a “todos os que em toda a parte invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (versículo 2). Ora, quantas cópias **isso** levaria? Gálatas foi escrito para “as igrejas da Galácia” (versículo 2). Uma única cópia poderia chegar a todas elas?

Considere o caso da primeira carta de Pedro: ela é dirigida aos crentes em “Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia” (versículo 1). Agora, com que base poderia Pedro (apóstolo para a circuncisão, Gálatas 2.8) escrever para as pessoas nesses lugares? Provavelmente, um bom número dos líderes mais antigos estava com Pedro no Pentecostes, e se sentou sob seu ministério até que a perseguição sob Saul os mandou de volta para casa, presumivelmente (Atos 8.4). Observe que a lista de lugares em Atos 2.9-11 inclui os seguintes lugares na Ásia Menor: Ásia, Capadócia, Panfília, Frígia e Ponto. Três dos cinco estão na lista de Pedro e não precisamos presumir que a lista dele era exaustiva; quanto a isso, a lista em Atos 2.9-11 provavelmente não é exaustiva.

Você já olhou para um mapa para ver a localização das cinco províncias de Pedro? Elas basicamente representam toda a Ásia Menor (hoje a Turquia)! A “Ásia” parece ter sido usada de maneiras diferentes. Atos 27.2 tem a Ásia

incluindo Cilícia e Panfília (verso 5). O Cristo glorificado colocou as sete igrejas na Ásia (Apocalipse 1.4). Em Atos 16.6 o termo parece se referir a uma área mais limitada, a qual, no entanto, presumivelmente incluía Éfeso, à qual Paulo retornou mais tarde. A Ásia Proconsular incluía a Mísia e a Frígia. Agora, quantas congregações existiriam em toda a Ásia Menor? E como poderia uma única cópia chegar a todas elas? Se a carta foi escrita em papiro (como parece provável – mais barato, mais abundante), ela já estaria caindo aos pedaços ao chegar à vigésima congregação, se não antes (o papiro não suporta tanto manuseio).

Agora, suponhamos, só para efeito de raciocínio, que Pedro enviou cinco cópias de sua carta, uma para cada província. Quais seriam as implicações para a transmissão de seu texto? Isso significa que se multiplica o processo e o progresso da transmissão por cinco! Isso significa que você tem o começo de um 'texto majoritário' muito cedo. Isso significa que a integridade básica do texto seria garantida (ainda mais se Deus estivesse supervisionando o processo). Se Pedro enviou mais do que cinco cópias, o efeito seria um tanto maior. E quanto a Tiago? Quantas cópias seriam necessárias para alcançar "as doze tribos que estão na dispersão" (versículo 1)? (O termo "dispersão" não sugere que elas foram amplamente espalhadas? E se as "doze tribos" forem literais?) A segunda carta de Pedro não alista as cinco províncias, mas 3.1 parece indicar que ele tinha como alvo a mesma área.

Para ver que não tirei a ideia de cópias múltiplas do nada, vamos considerar 2 Pedro 1.12-15. Os versículos 12 e 13 referem-se a lembretes repetidos enquanto ele ainda está em sua "tenda", que seria sua própria atividade contínua; então por que o 'além disso' no verso 15? No verso 15 da NKJV lê-se: "Além disso, terei o cuidado de garantir que vocês tenham sempre uma lembrança dessas coisas depois da minha morte". Bem, como se pode "garantir" que alguém "sempre terá um lembrete" de algo? Parece claro para mim que o algo tem de ser escrito; um lembrete tem de ser por escrito, para ser garantido. Então, qual é a intenção de Pedro? Ele especifica "um lembrete dessas coisas", então, quais são as ditas "essas coisas"? Elas são evidentemente as coisas que ele irá discutir nesta carta. Mas ele deve estar se referindo a algo mais do que a versão inicial da carta (ou o verso se torna sem sentido) – por isso, várias cópias.¹

¹ Foi o Dr. Mike Loehrer, um pastor na Califórnia, que chamou a minha atenção para 2 Pedro 1.12-15, e comecei a refletir a respeito. Quanto ao verso 15, ele me escreveu o seguinte: "Poderia a escolha de usar *mneme* com *poieo* na voz reflexiva significar que era para garantir que sempre haveria uma maneira de validar uma memória? Naqueles dias poucas pessoas teriam as condições para possuir sua própria cópia de qualquer escrito, e a congregação, sem dúvida, iria guardar qualquer autógrafo. Naqueles dias a

Se Pedro escreveu sua segunda carta sob inspiração divina, então 1.15 é inspirado e, nesse caso, a ideia de cópias múltiplas veio de Deus. Seria um meio eficiente de preservar o texto e garantir sua integridade ao longo dos anos de transmissão. As igrejas na Ásia Menor poderiam se consultar mutuamente sempre que uma dúvida ou uma necessidade surgisse. Se fosse ideia de Deus que uma pequena carta fosse 'publicada' na forma de cópias múltiplas, quanto mais os livros maiores. Obviamente, Deus sabia o que estava fazendo; de sorte que a prática teria começado com o primeiro livro do NT, Mateus.¹

Se não for o primeiro livro, que tal o último livro? Considere Apocalipse 1.10-11. "Eu estava em espírito no dia do Senhor e ouvi uma voz atrás de mim, forte como uma trombeta, dizendo: 'O que vês escreve num livro e envia às sete igrejas: a Éfeso, a Esmirna, a Pérgamo, a Tiatira, a Sardes, a Filadélfia e a Laodicéia.'" Observe que ele deve escrever o que vê, não o que apenas ouve (as sete letras foram ditadas a ele, ele não as 'viu'). Ele deve enviar o que escreve às sete igrejas; a maneira óbvia de fazer isso seria enviar uma cópia separada para cada igreja. Nesse caso, o Apocalipse foi "publicado" em pelo menos sete cópias (ele pode ter guardado uma cópia para si mesmo).

A ideia é tão boa, que se tornou a norma, ainda mais se foi uma ordem divina. Creio que todos os livros do NT foram divulgados na forma de cópias múltiplas, com exceção das cartas endereçadas a indivíduos. (Como Lucas e Atos são dirigidos a um indivíduo, eles também podem ter começado como uma única cópia, a menos que Teófilo fosse um "benfeitor"

maneira mais comum de adquirir Escritura era memorizá-la, ao ouvi-la sendo lida na congregação. A existência de autógrafos múltiplos, em lugares múltiplos, certamente garantiria uma maneira de validar uma memória. Mesmo que os líderes de uma congregação ou sinagoga viessem a ser presos, e seu autógrafo levado ou destruído, eles poderiam descansar na certeza de que seria possível localizar outro autógrafo para validar sua memória quanto à exata redação de um verso ou uma passagem." [E eles poderiam fazer outra cópia para seu próprio uso.]

A ideia de validar uma memória é tanto interessante como sugestivo. O fato de Pedro ter usado $\mu\eta\mu\eta$, que é basicamente reflexivo, com $\pi\omicron\tau\epsilon\omega$ na voz reflexiva, torna a sugestão de Dr. Loehrer razoável, assim me parece. Acompanha as cópias múltiplas. Irineu ficou intrigado com o verso 15 e acabou sugerindo que Pedro tinha a intenção de fornecer cópias do Evangelho de Marcos àquelas regiões. Parece que a ideia de cópias múltiplas não lhe era estranha. E quanto aos demais livros?

¹ Deixando de lado a ideia de 'publicar' mediante cópias múltiplas, vamos pensar no que aconteceria quando uma congregação recebesse uma cópia de 1 Pedro, Tiago ou uma das cartas de Paulo, acompanhada da instrução de que deviam passá-la adiante. Se você fosse um dos líderes daquela congregação, o que você faria? Quanto a mim, eu certamente faria uma cópia para ficarmos com ela. Você não faria o mesmo? Quer dizer, assim que um livro inspirado começasse a circular, a proliferação de cópias começaria em seguida. O que significa que um 'texto majoritário' também começaria de imediato.

que estava financiando as várias cópias. Lucas e Atos são os dois livros mais longos do NT, e cópias múltiplas deles representariam um investimento financeiro significativo.) Mais uma vez eu digo que a ideia é tão boa que eu não ficaria surpreso se, uma vez que recebessem a ideia, as igrejas começassem a fazer várias cópias de outros escritos que considerassem inspirados, tais como cartas para indivíduos. Um ‘texto maioritário’ ficaria bem estabelecido em toda a área do Mar Egeu (Grécia e Ásia Menor) já no primeiro século. A ‘terra-corção da Igreja’ (para usar a frase de K. Aland) simplesmente continuou usando e copiando essa forma de texto – daí a massa de MSS bizantinos que chegaram até nós.

O reconhecimento imediato

Críticos naturalistas gostam de presumir e ensinar que os escritos do Novo Testamento não foram reconhecidos como Escritura quando primeiro apareceram, e assim, pelo descuido resultante na transcrição do texto, ele ficou confuso e a redação original se ‘perdeu’ desde o início (no sentido de que ninguém mais sabia ao certo qual teria sido). Mas será que eles têm razão? O lugar para começar é no início, quando os apóstolos ainda estavam escrevendo os Autógrafos.

O período apostólico

Fica claro que o apóstolo Paulo, pelo menos, considerou seus escritos como sendo de autoridade divina; podemos começar com Romanos 16.24-25. “Ora, ao que tem poder para vos estabelecer segundo o meu evangelho e a proclamação de Jesus Cristo, segundo a revelação do mistério que ficou encoberto durante longas eras, 25 mas agora foi revelado e dado a conhecer através das Escrituras proféticas, segundo a ordem do Deus eterno, visando a obediência de fé entre todas as nações étnicas.” Paulo afirma que **agora**, no tempo dele, estava havendo revelação “através das Escrituras proféticas segundo a ordem do Deus eterno”, e essas Escrituras incluíam o Evangelho que ele, Paulo, pregava, e “a proclamação de Jesus Cristo” (uma referência aos quatro Evangelhos, presumivelmente). O alvo era conversões em todas as nações étnicas; somente a Palavra de Deus poderia efetuar isso. Para alcançar todas as nações, aquela Palavra teria de ser traduzida para seus idiomas; “a ordem do Deus eterno” inclui uma distribuição mundial! [Segundo 95% dos manuscritos gregos, a posição correta para 16.24-26 é 14.24-26, sendo que a redação permanece exatamente a mesma.]

Vejam algumas outras referências: 1 Coríntios 2.13, “São justamente elas que expomos, não com palavras ensinadas por sabedoria humana, e sim, ensinadas por Espírito Santo”. Paulo afirma claramente que ele recebeu instrução do Espírito Santo. 1 Coríntios 14.37, “Se alguém pensa que é

profeta ou espiritual, ele deve reconhecer que as coisas que estou vos escrevendo são mandamentos do Senhor”. Ora, se são do Senhor, então representam Revelação. Gálatas 1.11-12: “Irmãos, eu quero que vocês saibam que o evangelho por mim anunciado não é de origem humana; porque eu não o recebi de homem algum, nem fui ensinado; antes, eu o recebi de Cristo por revelação.” O sentido claro destes versos é que Paulo reivindica revelação, e que a recebeu diretamente do Cristo glorificado!

Efésios 3.5: “Em outras gerações este segredo não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como agora tem sido revelado pelo Espírito aos Seus santos apóstolos e profetas.” Paulo afirma que o Espírito Santo deu Revelação a várias pessoas. Um apóstolo, ao receber uma revelação, funcionaria também como profeta, ao passo que pessoas como Marcos e Lucas eram profetas sem serem apóstolos. Colossenses 1.25-26: “Da qual [a Igreja] me tornei ministro segundo a comissão de Deus que me foi dada, para vocês, de **completar** a Palavra de Deus, o segredo que ficou escondido durante épocas e gerações, mas que agora foi manifestado aos Seus santos.” O sentido normal e central do verbo grego aqui, πληρωω, é exatamente ‘completar’, e não ‘cumprir’, ou coisa parecida. Para que fugir do sentido normal? Paulo afirma que Deus o comissionou para escrever Escritura! Com efeito, pois Deus fez incluir catorze das Epístolas de Paulo no Cânon do Novo Testamento.

1 Tessalonicenses 2.13, “quando vocês receberam de nós a Palavra falada de Deus, a acolheram não como palavra de homens, mas como de fato é, Palavra de Deus”. Paulo se refere ao falar, ou aplicar, a Palavra, enfatizando a origem divina. A autoridade da Palavra, quer falada ou escrita, também está em 2 Tessalonicenses 2.15.

Fica claro que Paulo esperava que seus escritos tivessem um público mais amplo do que apenas a igreja específica abordada. De fato, em Gálatas 1.2 ele se dirige às “igrejas da Galácia”; para não mencionar 2 Coríntios 1.1, “todos os santos na Acaia”, e 1 Coríntios 1.2, “todos os que em todo lugar”! Na verdade, como já sugeri, é provável que Paulo tenha enviado cópias múltiplas de suas cartas.

João também é bastante claro. Apocalipse 1.1-2: “Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus deu a Ele para mostrar aos Seus escravos – coisas que em breve hão de acontecer. E comunicou, enviando pelo Seu anjo ao escravo dEle, João, o qual testificou da Palavra de Deus, a saber, o testemunho de Jesus Cristo: as coisas que Ele viu, tanto coisas que são como as que hão de acontecer após estas.” É assim que o livro começa; agora vejamos como termina. Apocalipse 22.20: “O que está testificando estas coisas diz, ‘Sim, venho sem demora!’ Amém! Sim! Vem Soberano Jesus!”

Em outras palavras, o livro inteiro é o que o Cristo glorificado está atestando, está revelando, como testemunha ocular!! Quer dizer, o livro inteiro é inspirado.

Pedro também é claro. Em 1 Pedro 1.12 ele diz a respeito dos profetas do Antigo Testamento, “Foi revelado a eles que não estavam ministrando estas coisas para si próprios, mas para vocês, as quais agora tem sido anunciadas a vocês por aqueles que vos proclamaram o Evangelho, com o Espírito Santo enviado do Céu”. Pedro afirma que várias pessoas, certamente incluindo ele próprio, proclamaram o Evangelho, acompanhados pelo Espírito Santo. 1 Pedro 1.23-25: “já que foram gerados de novo, não de semente corruptível, mas de incorruptível, por meio da Palavra viva de Deus, que permanece *válida* para sempre. Pois: ‘Toda a carne é como relva, e toda a glória do homem como flor da relva. A relva murcha e cai a sua flor, mas a palavra do Senhor permanece para sempre.’ [Isaías 40.6-8] Ora, esta é a boa nova que vos foi proclamada.” Eles foram regenerados por meio do Evangelho de Cristo, que se encontra no Novo Testamento. Pedro coloca material neotestamentário em pé de igualdade com o A.T. – é a Palavra de Deus que permanece para sempre. Quando Pedro escreveu, pelo menos Mateus e Marcos já estavam em circulação, e talvez Lucas também. 2 Pedro 3.2 vai na mesma direção. Tanto Paulo quanto Pedro declaram que várias pessoas estavam escrevendo Escritura em seus dias.

Eu entendo que Lucas também reivindica inspiração divina; senão, vejamos. Lucas 1.1 a 4:

“Já que muitos têm empreendido pôr em ordem uma narração dos fatos que deveras se cumpriram entre nós,¹ 2 segundo nos transmitiram aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e ministros da Palavra,² 3 pareceu-me bem também a mim, ó excelentíssimo Teófilo, tendo anotado cuidadosamente tudo que veio do **Alto**, escrever-te com precisão e em sequência,³ 4 para que possas saber a certeza das coisas que te foram ensinadas.”⁴

¹ Pensando um pouco, parece óbvio que qualquer pessoa que sabia escrever iria anotar pontos salientes a respeito de Jesus, mas Lucas afirma que havia ‘muitos’ que tentaram escrever um relato sério. Tais relatos bem que poderiam ter fornecido material, possivelmente verdadeiro, para ‘correções’ espúrias acrescentadas aos quatro registros inspirados durante as primeiras décadas.

² Lucas assegura que sua informação vem de testemunhas oculares responsáveis, que acompanharam tudo.

³ De fato, com poucas exceções, a narrativa de Lucas segue a sequência cronológica, e enquanto médico ele certamente valorizava precisão.

⁴ Dado o propósito declarado que orientou Lucas, o seu registro deve relatar dados históricos de forma verdadeira. Observar que Teófilo já tinha recebido alguma instrução.

Podem ver que eu traduzi “tudo que veio do Alto”, em vez de ‘tudo desde o princípio’. É que o sentido normal, central do vocábulo grego aqui, *ανωθεν*, é precisamente ‘do alto’, e não vejo motivo adequado para rejeitar esse sentido aqui. Ainda mais porque no verso anterior Lucas já havia utilizado a frase normal, *απαρχης*, que significa ‘desde o princípio’. Entendo que Lucas está afirmando inspiração divina, sem rodeios.

Agora quero ver mais alguns versos onde um apóstolo reconhece que outro está escrevendo Escritura. Vejamos 1 Timóteo 5.18, “Pois a Escritura diz: ‘Não amordaçarás um boi que está debulhando cereal’, e ‘Digno é o trabalhador do seu salário.’” A parte sobre o boi é uma citação de Deuteronômio 25.4, definitivamente Escritura, mas a parte sobre o trabalhador é uma citação de Lucas 10.7! Agora isso é muito instrutivo. Paulo, um ex-fariseu, presumivelmente atribuiu o mais alto nível de inspiração aos cinco livros da Lei, e é de esperar que ele chame Deuteronômio de Escritura. Mas para ele colocar Lucas em pé de igualdade com Moisés é quase incrível. Embora possa ter havido cerca de quinze anos entre a “publicação” de Lucas e o escrever de 1 Timóteo, Lucas foi reconhecido e declarado pela autoridade apostólica como Escritura não muito depois de ter saído do prelo, por assim dizer. Para um homem que já foi um fariseu rigoroso colocar Lucas (ainda vivo) no mesmo nível de Moisés é simplesmente estonteante; teria exigido a direção do Espírito Santo. Aliás, se Paulo escreveu esta carta sob a inspiração do Espírito Santo, como creio, então o próprio Deus está declarando que Lucas é Escritura!

Em 2 Pedro 3.15-16, Pedro coloca as Epístolas de Paulo no mesmo nível das “outras Escrituras”. Embora algumas estivessem publicadas por talvez quinze anos, em outras, a tinta quase não secava, e talvez 2 Timóteo ainda não tivesse sido escrita quando Pedro escreveu. Os escritos de Paulo foram reconhecidos e declarados por autoridade apostólica como Escrituras assim que apareceram.

Em 1 Coríntios 15.4 lemos assim: “que foi sepultado, e que foi ressuscitado no terceiro dia, segundo as Escrituras”. “As Escrituras” presumivelmente se refere aos Evangelhos, mesmo porque “no terceiro dia” não se encontra no A.T. – isso mesmo, não há menção do ‘terceiro dia’ no A.T.

Em João 2.22 eu traduziria: “então eles creram na Escritura, a saber, na palavra que Jesus havia dito” – o que Jesus disse em João 2.19 já estava circulando como ‘Escritura’ em Mateus 26.61 e 27.40 (quando João escreveu, em 62 d.C.).

Clemente de Roma, cuja primeira Epístola aos coríntios comumente é datada por volta de 96 d.C., fez amplo uso das Escrituras, apelando para a sua autoridade; ele colocou lado a lado citações do NT e do A.T. Clemente

citou Salmo 118.18 e Hebreus 12.6 lado a lado como “a palavra santa” (56.3-4).¹ Ele atribui 1 Coríntios ao “bendito Paulo, o apóstolo” e diz acerca da carta, “com verdadeira inspiração ele vos escreveu” (47.1-3). Ele faz citações claras de Hebreus, 1 Coríntios e Romanos, e possíveis de Mateus, Atos, Tito, Tiago e 1 Pedro. Aqui está o bispo de Roma, antes do final do primeiro século, escrevendo oficialmente uma carta à igreja em Corinto, na qual vários livros do NT são reconhecidos e declarados Escritura por autoridade episcopal, incluindo Hebreus (e envolvendo pelo menos cinco autores diferentes).

A Epístola de Barnabé, datada entre 70 e 135 d.C., diz em 4.14: “tomemos cuidado, como está escrito, para que não se ache entre nós que ‘muitos são chamados, mas poucos escolhidos’.” A referência parece ser a Mateus 22.14 (ou 20.6) e a frase “como está escrito” pode ser considerada, com justiça, uma expressão técnica referente a Escritura. Em 5.9 há uma citação de Mateus 9.13 (ou Marcos 2.17 ou Lucas 5.32). Em 13.7 há uma citação livre de Romanos 4.11-12, palavras atribuídas a Deus. Semelhantemente, em 15.4 acha-se: “Observai, filhos, o que significa ‘ele terminou em seis dias’. Significa isto: que o Senhor acabará com tudo em seis mil anos, pois um dia para Ele significa mil anos. E Ele mesmo é minha testemunha, dizendo: ‘Eis que o dia do Senhor será como mil anos’.”²

O autor, quem quer que fosse, claramente reivindica autoria divina para esta citação, que parece ser de 2 Pedro 3.8.³ Em outras palavras, 2 Pedro é aqui considerado Escritura, assim como Mateus e Romanos. Barnabé também fez possíveis alusões a 1 e 2 Coríntios, Efésios, Colossenses, 1 e 2 Timóteo, Tito, Hebreus e 1 Pedro.

¹ Estou ciente que poderia ser Provérbios 3.12 (LXX) em vez de Hebreus 12.6. Clemente repetidamente cita ambos os livros por toda a carta e assim, neste ponto, ambos seriam candidatos iguais. Mas Clemente concorda exatamente com Hebreus enquanto Provérbios (LXX) difere em uma palavra importante. Além disso, o ponto principal do capítulo 56 de Clemente é que a correção deve ser aceita graciosamente como sendo do Senhor, o que também é o assunto de Hebreus 12.3-11. Uma vez que, evidentemente, Clemente tinha ambos os livros na sua frente (no próximo capítulo ele cita nove versículos consecutivos, Provérbios 1.23-31), então a concordância exata com Hebreus é significativa. Se ele escolheu deliberadamente a redação de Hebreus em lugar da de Provérbios, o que poderia isso implicar quanto à autoridade relativa dada a ambos os livros?

² Tenho utilizado a tradução feita por Francis Glimm em *The Apostolic Fathers* (New York: Cima Publishing Co., Inc., 1947), pertencente à coleção *The Fathers of the Church*, ed. Ludwig Schopp.

³ J.V. Bartlett diz sobre as fórmulas de citação utilizadas em Barnabé para apresentar citações das Escrituras: “o resultado geral é uma doutrina de inspiração absoluta”, mas ele não se dispõe a admitir que 2 Pedro está sendo usada. Oxford Society of Historical Research, *The New Testament in the Apostolic Fathers* (Oxford: Clarendon Press, 1905), pp. 2, 15.

O segundo século

As sete cartas de Inácio (cerca de 110 d.C.) contêm prováveis alusões a Mateus, João, Romanos, 1 Coríntios e Efésios (na sua própria carta aos efésios, Inácio diz que eles são mencionados “em todas as epístolas de Paulo” – um pouco de hipérbole, mas claramente ele estava ciente de um corpo paulino), e possíveis alusões a Lucas, Atos, Gálatas, Filipenses, Colossenses, 1 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo e Tito, mas bem poucas são citações claras e mesmo elas não são identificadas como tais.

Por outro lado, Policarpo, escrevendo para a igreja filipense (c. 115 d.C.), tece um fio quase contínuo de claras citações e alusões aos escritos do NT. Seu uso maciço das Escrituras lembra o de Clemente de Roma, sendo que Clemente utilizava mais o A.T. enquanto Policarpo usava mais o NT. Existem talvez cinquenta citações claras tiradas de Mateus, Lucas, Atos, Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, 1 e 2 Pedro, e 1 João, além de muitas alusões, inclusive a Marcos, Hebreus, Tiago, e 2 e 3 João. (O único escritor neotestamentário não incluído é Judas! Mas lembrar que estamos comentando apenas uma carta – se Policarpo escreveu outras cartas, bem que poderia ter citado Judas.) **Atenção: Favor de notar que a ideia do 'cânon' do NT evidentemente já existia em 115 d.C., e o 'cânon' de Policarpo era bem parecido com o nosso.**

Sua atitude para com os escritos do NT fica clara em 12.1: “Estou certo que vocês são bem versados nas Escrituras sagradas,... Agora, como se diz nessas Escrituras: ‘Irai-vos e não pequeis’, e ‘não se ponha o sol sobre a vossa ira’. Bem-aventurado quem se lembrar disso.”¹ Ambas as partes da citação poderiam ser de Efésios 4.26, mas tendo-a dividido, Policarpo talvez tenha se referido a Salmo 4.5 (LXX) na primeira parte. Em todo caso, ele declara Efésios ser “Escritura sagrada”. Um subsídio a mais quanto a sua atitude acha-se em 3.1-2.

Irmãos, eu vos escrevo isto acerca da justiça, não por iniciativa própria, mas porque primeiro me convidastes. Porque nem eu, nem ninguém como eu, pode se aproximar da sabedoria do bendito e glorioso Paulo, o qual, enquanto vivia entre vós, ensinava a palavra da verdade com cuidado e constância, face a face com os seus contemporâneos, e estando ausente vos escreveu cartas. Pelo exame cuidadoso de suas cartas podereis fortalecer-vos na fé que vos foi dada, “que é a mãe de todos nós,...”²

¹ Citei Francis Glimm, outra vez.

² *Ibid.*

(Isso veio de alguém que foi, talvez, o bispo mais respeitado da Ásia Menor no tempo dele. Foi martirizado em 156 d.C.)

A segunda carta, assim chamada, de Clemente de Roma (geralmente datada antes de 150 d.C.) parece claramente citar Mateus, Marcos, Lucas, Atos, 1 Coríntios, Efésios, 1 Timóteo, Hebreus, Tiago e 1 Pedro, com possíveis alusões a 2 Pedro, Judas e Apocalipse. Depois de citar e comentar uma passagem do A.T., o autor prossegue dizendo em 2.4: “Uma outra Escritura diz: ‘Eu não vim chamar os justos, mas pecadores’” (Mateus 9.13, Marcos 2.17, Lucas 5.32). Aqui há outro autor que reconheceu os escritos do NT como Escritura.

Duas outras obras primitivas, o *Didaquê* e a ‘Carta a Diogneto’, utilizam os escritos do NT como de autoridade, mas sem, expressamente, chamá-los de Escritura. O *Didaquê* aparentemente cita Mateus, Lucas, 1 Coríntios, Hebreus e 1 Pedro, e tem possíveis alusões a Atos, Romanos, Efésios, 1 e 2 Tessalonicenses e Apocalipse. A Carta a Diogneto cita Atos, 1 e 2 Coríntios e aluda a Marcos, João, Romanos, Efésios, Filipenses, 1 Timóteo, Tito, 1 Pedro e 1 João.

Uma outra obra primitiva, o Pastor de Hermas, muito usada nos séculos II e III, faz alusão relativamente clara a Mateus, Marcos, 1 Coríntios, Efésios, Hebreus e especialmente Tiago.

Pela metade do século II obras relativamente extensas de Justino Mártir (martirizado em 165) chegaram até nós. Seu “Diálogo com Trifão” demonstra um conhecimento magistral do AT, ao qual ele atribui a mais elevada autoridade possível, mantendo evidentemente uma visão de inspiração por ditar – em *Trifão* 34 ele diz: “para te persuadir que nada tens entendido das Escrituras, lembro-te de um outro Salmo, ditado a Davi pelo Espírito Santo.”¹ A finalidade de *Trifão* é provar que Jesus é Cristo e Deus, e portanto o que Ele disse e mandou era da mais elevada autoridade.

Em *Apológia*. i.66 Justino diz: "Pois os apóstolos nas memórias compostas por eles, que são chamados Evangelhos, transmitiram assim o que lhes foi ordenado...."² E em *Trifão* 119 ele diz que, assim como Abraão creu na voz de Deus, "da mesma maneira nós temos crido na voz de Deus falada pelos apóstolos de Cristo..." Veja bem, ‘a voz de Deus, através dos apóstolos’.

Também parece claro em *Trifão* 120 que Justino considerou os escritos do Novo Testamento como Escrituras. De considerável interesse é uma

¹ Utilizei a tradução constante no Volume I de *The Ante-Nicene Fathers*, ed., A. Roberts e J. Donaldson (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1956).

² Utilizei a tradução por E.R. Hardy em *Early Christian Fathers*, ed., C.C. Richardson (Philadelphia: The Westminster Press, 1953).

referência inequívoca ao livro de Apocalipse em *Trifão* 81. “Além disso, havia um certo homem conosco cujo nome era João, um dos apóstolos de Cristo, que por uma revelação que lhe foi feita profetizou que os que creem em nosso Cristo habitariam mil anos em Jerusalém.”¹

Justino prossegue dizendo: "Assim como nosso Senhor também disse", e cita Lucas 20.35; assim, evidentemente, ele considerava o Apocalipse de autoridade. (Ainda sobre o Apocalipse, em 165 d.C. Melito, Bispo de Sardes, escreveu um comentário sobre o livro.)

Uma passagem das mais instrutivas ocorre em *Apológia*. i.67.

E no dia chamado domingo há num lugar uma reunião dos que moram em cidades ou no campo, e ali se leem as Memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas, enquanto o tempo permitir. Quando o leitor termina, o presidente num discurso nos exorta e convida a imitar essas coisas nobres.²

Quer a seqüência sugira ou não que os Evangelhos eram preferidos sobre os Profetas, fica claro que ambos eram considerados de autoridade e igualmente admoestados aos ouvintes. Notar ainda mais que cada congregação teria de possuir a sua própria cópia dos escritos dos apóstolos para poder lê-los, e que tal leitura acontecia cada semana.

Atenágoro, em seu "Apelo", escrito no início do ano 177, cita Mateus 5.28 como Escritura: “não nos é permitido sequer um olhar lascivo. Porque a Escritura diz: ‘Aquele que repara uma mulher com concupiscência já come-teu adultério em seu coração’” (32).³ Ele trata de maneira semelhante Mateus 19.9, ou Marcos 10.11, no 33.

Teófilo, bispo de Antioquia, em seu tratado a Autólico, cita 1 Timóteo 2.1 e Romanos 13.7 como “a Palavra Divina” (iii.14); cita o quarto Evangelho, dizendo que João era “inspirado pelo Espírito” (ii.22); Isaías e “o Evangelho” são mencionados em um parágrafo como Escritura (iii.14), e ele insiste em diversas passagens que os escritores jamais se contradiziam. “As declarações dos Profetas e dos Evangelhos se acham coerentes, porque

¹ Utilizei a tradução de *The Ante-Nicene Fathers*.

² Utilizei a tradução de E.R.Hardy. Seu cuidadoso estudo dos papiros literários cristãos antigos levou C.H. Roberts a concluir: "Isto indica o uso cuidadoso e normal das Escrituras pelas comunidades locais" (*Manuscript, Society and Belief in Early Christian Egypt* [London: Oxford Univ. Press, 1979], p. 25). Ele também infere de P. Oxy. iii. 405 que uma cópia de *Adversus Haereses*, escrita por Irineu em Lion, foi trazida a Oxyrhynchus dentro de bem poucos anos depois de ter sido escrita (*Ibid.*, p. 23, 53), eloqüente testemunho da extensão de tráfego entre as antigas igrejas.

³ Utilizei a tradução em *Early Christian Fathers*; exceto que C.C. Richardson é o tradutor, aqui.

todas foram inspiradas pelo único Espírito de Deus” (ii.9; ii.35; iii.17).¹

Os escritos sobreviventes de Irineu (morto em 202 d.C.), sua obra principal *Contra Hereges* sendo escrito no ano 185 aproximadamente, são mais ou menos iguais em quantidade aos de todos os líderes anteriores juntos.

Seu testemunho da autoridade e inspiração da Sagrada Escritura é claro e inequívoco. Ele permeia todos os seus escritos; e este testemunho é mais do que ordinariamente valioso porque deve ser considerado como representando diretamente pelo menos três igrejas, as de Lyon, Ásia Menor e Roma. O uso impositivo de ambos os Testamentos é claramente estabelecido.²

Irineu afirmou que os apóstolos ensinavam que Deus é o autor de ambos os Testamentos (*Contra Hereges* IV. 32.2) e evidentemente considerou os escritos do Novo Testamento como formando um segundo Cânon. Ele citou todos os capítulos de Mateus, 1 Coríntios, Gálatas, Efésios, Colossenses e Filipenses, todos os capítulos menos um ou dois de Lucas, João, Romanos, 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo e Tito, da maioria dos capítulos de Marcos (incluindo os últimos doze versos), Atos, 2 Coríntios e Apocalipse, e de todos os outros livros, exceto Filemom e 3 João. Esses dois livros são tão curtos que Irineu pode não ter tido a ocasião de se referir a eles em seus trabalhos conhecidos – isso não significa necessariamente que ele os ignorava ou os rejeitava. **Atenção: Evidentemente, as dimensões do Cânon do Novo Testamento reconhecidas por Irineu ficam muito próximas ao que afirmamos hoje.**

A partir da época de Irineu, não pode haver dúvida sobre a atitude da Igreja em relação aos escritos do Novo Testamento – eles são Escritura. Tertuliano (em 208) escreveu da igreja em Roma, "a lei e os profetas, ela une em um volume com os escritos de evangelistas e apóstolos" (*Prescrição contra Hereges*, 36).

Atenção por favor! A contribuição da evidência até agora apresentada à nossa discussão é a seguinte: as implicações da atitude deles em relação ao Texto. Se alguém hoje concorda ou não com eles, não vem ao caso. Os primeiros cristãos criam que os 'livros' do NT eram divinamente inspirados, constituindo um segundo Cânon. Como consequência de sua crença, eles tratariam esses escritos com cuidado e respeito.

Os Cristãos Primitivos Eram Cuidadosos?

¹ Tirado de G.D. Barry, *The Inspiration and Authority of Holy Scripture* (New York: The McMillan Company, 1919), p. 52.

² *Ibid.*, p. 53.

Tem sido largamente afirmado que os cristãos primitivos eram indiferentes ou incapazes de vigiar a pureza do texto. Mais uma vez precisamos revistar o terreno. Muitos dos primeiros cristãos tinham sido judeus devotos que tinham reverência e cuidado inatos (que se estendiam aos jotás e tis) para com as Escrituras do AT. Tal reverência e cuidado seriam naturalmente passados para as Escrituras do NT também.

Por que será que críticos modernos imaginam que os cristãos primitivos, e particularmente os líderes espirituais entre eles, eram inferiores em integridade ou inteligência? Um líder da igreja citando de memória ou adaptando certa passagem à sua finalidade em sermão ou carta, de maneira nenhuma significa que ele usaria a mesma liberdade ao copiar um livro ou trecho do NT. A simples honestidade exigiria que ele produzisse uma cópia fiel. Deve-se presumir que todos os que fizeram cópias dos livros do NT nos primeiros anos eram bobos ou velhacos? Paulo certamente era um homem tão inteligente quanto qualquer um de nós. Se Hebreus foi escrito por outra pessoa, aí temos outro homem de elevado entendimento espiritual e capacidade intelectual. Havia Barnabé e Apolo e Clemente e Policarpo e tantos outros. A Igreja teve homens de raciocínio e inteligência em todas as épocas. Começando com o que eles **sabiam** ser o texto puro, os primeiros líderes da Igreja não precisavam ser críticos textuais. Só precisavam ser razoavelmente honestos e cuidadosos. Mas não existem motivos suficientes para crer que exerceriam vigilância e cuidado **especiais**?

Os apóstolos

Os próprios apóstolos não só declararam que os escritos do NT eram Escritura, o que criaria reverência e cuidado por parte deles no seu tratamento, mas também expressamente advertiram os crentes a ficarem alertas contra falsos mestres. Vejamos Atos 20.28-31: “Portanto, cuidem de vocês mesmos e do todo o rebanho dentre o qual o Espírito Santo vos colocou como supervisores, para pastorearem a igreja do Senhor e Deus, a qual Ele comprou com o Seu próprio sangue. Pois isto eu sei, que depois de minha partida, lobos ferozes entrarão no meio de vocês, não poupando o rebanho. Sim, dentre vocês mesmos se levantarão homens falando coisas destorcidas, para separar os discípulos após si. Portanto, vigiai!” Paulo poderia ser mais claro?

Vejamos também Gálatas 1.6-9: “Estou decepcionado porque assim tão rapidamente vocês estão se desviando daquele que vos chamou pela graça de Cristo, para um evangelho diferente – o qual não é uma mera variação, mas algumas pessoas estão vos confundindo, querendo perverter o Evangelho do Cristo. Atenção, ainda que nós ou um anjo do céu vos anuncie um evangelho contrário ao que vos anunciamos, que seja amaldiçoado! Como acabamos de dizer, e agora repito enfaticamente: Se alguém vos anunciar

um evangelho contrário ao que já receberam, que seja amaldiçoado!!” Paulo poderia ser mais enfático? Notar que Paulo está afirmando ser ele competente para definir o único verdadeiro Evangelho de Cristo, e só poderia fazer isso genuinamente através de inspiração divina.

Agora vejamos Pedro. 2 Pedro 2.1-2: “Houve também entre o povo falsos profetas, como, também, haverá entre vocês falsos mestres, os quais introduzirão heresias destruidoras, chegando a negar o Soberano que os comprou (trazendo sobre si mesmos repentina destruição). E muitos seguirão as libertinagens deles, por causa das quais o caminho da Verdade será difamado.” Pedro advertiu os crentes a ficarem alertas contra falsos mestres.

Agora vejamos João. 2 João 7 e 9-11: “Muitos enganadores já adentraram o mundo, os quais não admitem que Jesus Cristo esteja vindo em carne – tal é o enganador, o Anticristo!” “Todo aquele que se desvia e não permanece no ensino de Cristo, não tem Deus; mas quem permanece no ensino de Cristo, tem, sim, tanto o Pai como o Filho. Se alguém chegar a vocês, mas não trouxer este ensino, não o recebam em casa; e não digam “Passe bem” a ele, pois quem disser “Passe bem” a ele, torna-se participante das suas obras malignas.” A orientação que João dá pode nos parecer um tanto ‘forte’, mas que está alertando, está! Voltando ao verso 7, o Texto traz “esteja vindo”, não ‘veio’, de sorte que João deve estar se referindo à segunda vinda de Cristo, que certamente será “em carne”. Lembrar a palavra dos anjos em Atos 1.11.

A afirmação de Pedro a respeito da distorção dada às palavras de Paulo (2 Pedro 3.16) sugere que havia consciência e preocupação em relação ao texto e à maneira pela qual estava sendo tratado. Reconheço que os apóstolos se concentravam mais na interpretação do que na transcrição do texto, mas mesmo assim, uma vez que qualquer alteração do texto poderia resultar numa interpretação diferente, podemos razoavelmente deduzir que a sua preocupação pela verdade incluiria a transmissão fiel do texto.

Aliás, mal poderíamos pedir uma expressão mais clara desta preocupação do que a apresentada em Apocalipse 22.18-19. “Eu testifico a todos que ouvem **as** palavras da profecia deste livro: Se alguém acrescentar a elas, que Deus acrescente a ele as sete pragas escritas neste livro! E se alguém tirar algo **das** palavras do livro desta profecia, que Deus tire a parte dele da árvore da vida e na santa cidade que estão escritas neste livro!” Já que é o Cristo glorificado que está falando, não prestaria qualquer verdadeiro seguidor dEle cuidadosa atenção?

Mesmo no começo de seu ministério terreno, o Soberano Jesus expressou claramente essa preocupação protetora. Em Mateus 5.19 lemos: “qualquer que anular um destes mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar

aos homens, . . . ” Notar, “por menor que seja”; a preocupação do Senhor se estende ao "menor”.

Os líderes da igreja primitiva

Os líderes da igreja primitiva fornecem algumas pistas úteis sobre a situação em seus dias. As cartas de Inácio contêm diversas referências a um considerável intercâmbio entre as igrejas (as da Ásia Menor, Grécia, Roma) por intermédio de mensageiros (muitas vezes oficiais), o que parece indicar um profundo sentimento de solidariedade que as unia, e uma ampla circulação de notícias e atitudes (problemas com um herege em certo lugar logo ficariam conhecidos em todos os lugares, etc.). Que havia forte sentimento sobre a integridade das Escrituras, Policarpo deixa claro (7.1): “Quem perverter as palavras do Senhor . . . esse é primogênito de Satanás.” Críticos atuais podem até não gostar da terminologia de Policarpo, mas o uso de linguagem tão forte deixa claro que ele estava mais do que atento e preocupado; ele estava mesmo irado.

Da mesma forma, Justino Mártir afirma (*Apologia* i.58), "os demônios iníquos também patrocinaram Marcião de Ponto". Novamente, uma linguagem tão forte deixa claro que ele estava ciente e preocupado. E em *Trifão* xxxv ele diz dos hereges que ensinam doutrinas dos espíritos do erro, esse fato "faz com que nós, que somos discípulos da verdadeira e pura doutrina de Jesus Cristo, sejamos mais fiéis e firmes na esperança anunciada por Ele".

Parece óbvio que a atividade herética teria precisamente o efeito de colocar os fiéis de sobreaviso e de obrigá-los a definir nas próprias mentes o que iriam defender. Assim, o cânon truncado de Marcião evidentemente incitou os fiéis a definir o verdadeiro cânon. Mas Marcião também alterou a redação de Lucas e das Epístolas de Paulo, e por meio de suas recriminações amargas fica claro que os fiéis estavam tanto cientes como preocupados. De passagem podemos observar que a atividade herética também fornece evidência indireta de que os escritos do NT eram considerados Escritura – para quê falsificá-los se não tinham autoridade?

Dionísio, bispo de Corinto (168-176), queixava-se de que suas próprias cartas haviam sido adulteradas e, pior ainda, também as Sagradas Escrituras.

E insistiram em que tinham recebido uma tradição pura. Assim Irineu disse que a doutrina dos apóstolos havia sido transmitida através da sucessão de bispos, sendo guardada e preservada, sem qualquer alteração das Escrituras, sem permitir acréscimos nem diminuições, envolvendo leitura pública sem falsificação (*Contra Hereges* IV. 32.8).

Tertuliano também atesta o seu direito às Escrituras do NT: “Eu tenho os verdadeiros registros oficiais desde os próprios donos originais ... Sou o herdeiro dos apóstolos. Assim como prepararam com cuidado o seu testamento e testemunho, e o outorgaram a uma custódia . . . assim mesmo eu o retenho.”¹

Irineu

A fim de assegurar precisão na transcrição, os autores às vezes incluíam no final de suas obras literárias um encantamento dirigido a copistas futuros. Assim, por exemplo, Irineu anexou ao final do seu tratado *Da ogdôade* o seguinte: “Eu te encanto, quem copiar este livro, por nosso Senhor Jesus Cristo e por seu glorioso advento, quando vier julgar os vivos e os mortos, a que compares o que transcreves e o corrijas com cuidado a partir deste manuscrito do qual estás copiando, e também que transcrevas este encantamento e o coloques na cópia.”²

Se Irineu tomou tais precauções extremas em prol da transmissão precisa de sua própria obra, quanto mais preocupação teria pela transcrição exata da Palavra de Deus? De fato, ele demonstra a sua preocupação pela exatidão do texto por defender a leitura tradicional de uma **única letra**. A questão é se o apóstolo João escreveu $\chi\xi\xi$ (666) ou $\chiιξ$ (616) em Apocalipse 13.18. Irineu assevera que 666 se acha “em todas as cópias mais antigas e aprovadas” e que “aqueles homens que viram João face a face” atestam esta leitura. E ele adverte àqueles que fizeram a alteração (de uma só letra) que “não será leve o castigo sobre quem acrescentar ou subtrair qualquer coisa da Escritura” (*Contra Hereses* xxx.1). Parece que Irineu está impondo Apocalipse 22.18-19.

Considerando a intimidade entre Policarpo e João, a sua cópia pessoal do Apocalipse provavelmente se baseou no Autógrafo. E considerando a veneração de Irineu para com Policarpo, a sua cópia pessoal do Apocalipse provavelmente se baseou na de Policarpo. Embora Irineu evidentemente não mais podia se referir ao Autógrafo (nem 90 anos após este ter sido escrito!), claramente ele tinha condições de identificar uma cópia fiel e declarar com certeza a leitura original – isto no ano 186 d.C. Agora vamos a Tertuliano.

Tertuliano

¹ *Prescription against Heretics*, 37. Utilizei a tradução feita por Peter Holmes no Vol. III de *The Ante-Nicene Fathers*.

² B.M. Metzger, *The Text of the New Testament*, (London: Oxford University Press, 1964), p. 21.

Por volta do ano 208 ele instou os hereges a:

percorrer as igrejas apostólicas, nas quais os próprios tronos dos apóstolos ainda estão nos seus lugares proeminentes, nas quais os seus próprios escritos autênticos (*authenticae*) são lidos, expressando a voz e representando o rosto de cada um deles. Acáia fica bem perto de vós, (na qual) vós achais Corinto. Já que não estais longe da Macedônia, tendes Filipos; (e ali também) tendes os tessalonicenses. Já que podeis atravessar para a Ásia, encontrais Éfeso. Além disso, como estais perto da Itália, tendes Roma, donde chega às nossas mãos a própria autoridade (dos próprios apóstolos).¹

Alguns já pensaram que Tertuliano estivesse afirmando que os autógrafos de Paulo ainda eram lidos no seu tempo (208), mas no mínimo ele estava dizendo que utilizavam cópias fiéis. Era de esperar algo diferente? Por exemplo, quando os cristãos em Éfeso viram que o autógrafo da carta de Paulo a eles estava ficando gasto, não iriam com cuidado fazer uma cópia idêntica para o seu uso futuro, e que teria uma declaração de que ela havia sido autenticada? Deixariam o autógrafo perecer sem fazer uma tal cópia? (Deve ter havido um fluxo constante de pessoas vindo para fazer suas cópias da carta ou verificar a leitura correta.) Creio que somos obrigados a concluir que no ano 200 a igreja de Éfeso ainda estava em condições de atestar a redação original de sua carta (e assim também para as outras igrejas detentoras de autógrafos) – atenção: isso é contemporâneo de P⁴⁶, P⁶⁶ e P⁷⁵!

Justino Mártir e Irineu, ambos, afirmaram que a Igreja estava espalhada por toda a terra, no tempo deles – lembrar que Irineu, em 177, tornou-se bispo de Lion, na **Gália**, e não foi o primeiro bispo daquela região. Juntando esta informação com a afirmação de Justino que as memórias dos apóstolos eram lidas todos os domingos nas congregações, torna-se claro que deve ter havido milhares de cópias dos escritos do NT em uso, por volta de 200 d.C. Cada congregação precisaria de uma cópia (pelo menos) para fazer a leitura, e deve ter havido cópias particulares entre aqueles que podiam pagar por elas.

Temos evidência histórica objetiva para sustentar as seguintes proposições:

- O texto verdadeiro jamais foi ‘perdido’.
- Em 200 d.C. a exata redação original dos diversos livros ainda podia ser verificada e certificada.
- Portanto não havia necessidade alguma de praticar a crítica textual, e qualquer esforço nesse sentido seria espúrio.

¹ *Prescription against Heretics*, 36, usando a tradução de Holmes.

A disciplina da crítica textual (de qualquer texto) baseia-se na suposição / alegação / declaração de que existe uma dúvida legítima sobre a exata redação original de um texto. Ninguém faz crítica textual com a Bíblia King James de 1611, por exemplo, já que cópias da impressão original ainda existem. Com referência à crítica textual do Novo Testamento, o ponto crucial em questão é a preservação de seu texto. **Para que qualquer texto tenha autoridade objetiva, precisamos ter certeza quanto a sua redação.**

Mas, para continuar, presumivelmente algumas áreas estariam em melhor posição para proteger e transmitir o texto verdadeiro do que outras, o que será nosso próximo assunto.

Quem era o mais qualificado?

Que fatores seriam importantes para garantir, ou pelo menos facilitar, uma transmissão fiel do texto dos escritos do N.T.? Eu proponho que há quatro fatores de controle: acesso aos Autógrafos, proficiência na língua de origem, a projeção da Igreja e uma atitude apropriada em relação ao Texto.

Acesso aos Autógrafos

Este critério provavelmente vigorou por bem menos de cem anos (presume-se que os Autógrafos ficaram totalmente gastos dentro desse prazo) mas é altamente significativo para uma compreensão adequada da história da transmissão do Texto. Já no ano 100 certamente havia muitas cópias dos diversos livros (uns mais que outros) enquanto ainda era certamente possível verificar uma cópia com o original, ou uma cópia garantida, caso surgisse alguma dúvida. [Mas favor de ver a secção anterior onde proponho a possibilidade de os Autógrafos terem começado na forma de cópias múltiplas.] Certamente havia um fluxo crescente de cópias fielmente feitas emanando dos detentores dos autógrafos para o resto do mundo cristão. Naqueles primeiros anos os copistas sabiam que a redação verdadeira poderia ser conferida, o que exerceria pressão sobre eles no sentido de não tomarem liberdades com o texto.

Contudo, presume-se que distância seria um fator – para alguém no norte da África consultar o autógrafo de Efésios seria um empreendimento caro em termos de dinheiro e tempo. Creio que podemos concluir razoavelmente que de modo geral a qualidade das cópias seria melhor na região circunvizinha do autógrafo e iria deteriorar lentamente à medida que aumentasse a distância. Barreiras geográficas importantes aumentariam esta tendência.

Então, quem detinha os autógrafos? Falando em termos de regiões, seguramente podemos dizer que a Ásia Menor tinha doze (João, Gálatas, Efésios,

Colossenses, 1 e 2 Timóteo, Filemom, 1 Pedro, 1 e 2 e 3 João, e Apocalipse). Seguramente podemos dizer que a Grécia tinha seis (1 e 2 Coríntios, Filipenses, 1 e 2 Tessalonicenses, e Tito em Creta). Seguramente podemos dizer que a Roma tinha dois (Marcos e Romanos) – quanto aos outros, Lucas, Atos e 2 Pedro provavelmente ficaram na Ásia Menor ou Roma; Mateus e Tiago na Ásia Menor ou Palestina; Hebreus em Roma ou Palestina; enquanto é difícil citar probabilidade para Judas, é bem possível ter ficado na Ásia Menor. Considerando a Ásia Menor e Grécia juntas, a região Egeia (do Mar Egeu) detinha os autógrafos de pelo menos 18 (dois terços do total) e possivelmente até 24 dos 27 livros do NT. Roma detinha de dois a sete; Palestina talvez até três (mas em 70 d.C. eles teriam sido enviados para um lugar seguro, talvez Antioquia). Alexandria (Egito) não detinha **nenhum**.

Claramente a região Egeia tinha o melhor começo, e Alexandria o pior – o texto no Egito só poderia ser de segunda mão, na melhor hipótese. Tomando por base o exposto, podemos concluir razoavelmente que na primeira fase da transmissão do Texto do NT as cópias mais confiáveis circulavam na região que detinha os autógrafos. Relembrando a discussão de Tertuliano acima, creio que podemos estender esta conclusão até o ano 200 d.C. e além. Assim, alguém que no ano 200 procurava o melhor texto do NT presumivelmente iria à região Egeia; certamente não ao Egito.¹

Domínio da língua original

Como lingüista (PhD) e alguém que tem lidado com o processo de tradução da Bíblia por alguns anos, afirmo que uma tradução ‘perfeita’ é impossível. (Aliás, uma aproximação toleravelmente razoável muitas vezes é bastante difícil realizar – as áreas semânticas das palavras simplesmente não se sobrepõem, ou só em parte.) Segue-se que qualquer cuidado divino em prol da forma exata do Texto do NT teria que ser mediado através do idioma dos autógrafos – grego koinê. Evidentemente versões antigas (em siríaco, latim, copta) podem dar um voto claro com referência a variantes maiores, mas exatidão só é possível em grego (no caso do NT). Isso como pano de fundo, mas a nossa preocupação principal aqui é com os copistas.

¹ Aland afirma: “Egito se distinguia das demais províncias da Igreja, até onde podemos julgar, pela dominação precoce do gnosticismo”. Ele nos informa também que “ao término do II século” a igreja egípcia era “predominantemente gnóstica” e prossegue dizendo: “As cópias que existiam nas comunidades gnósticas não podiam ser utilizadas, porque estavam debaixo da suspeita de serem corrompidas”. Ora, tudo isso é muito esclarecedor – o que Aland está nos dizendo, em outras palavras, é que até o ano 200 d.C. a tradição textual no Egito **não merecia confiança!** (K. e B. Aland, p. 59 e K. Aland, “The Text of the Church?”, *Trinity Journal*, 1987, 8NS:138.)

Copiar um texto à mão em um idioma que você não entende é um exercício tedioso – é quase impossível produzir uma cópia perfeita (experimente e veja!). Você praticamente tem que copiar letra por letra e verificar constantemente o seu lugar. (É ainda mais difícil se não houver espaço entre as palavras e nenhuma pontuação, como foi o caso do Texto do NT nos primeiros séculos.) Mas se você não consegue entender o texto, é muito difícil permanecer atento. Considere o caso de P⁶⁶. Esse manuscrito em papiro talvez seja o mais antigo (c. 200) manuscrito conhecido do NT de algum tamanho (contém a maior parte de João). É uma das piores cópias que temos. Tem em média dois erros por versículo – muitos sendo erros óbvios, erros bobos, erros sem sentido. Pela natureza dos erros é evidente que o copista copiou sílaba por sílaba. Não hesito em afirmar que a pessoa que produziu P⁶⁶ não sabia grego. Se ele tivesse entendido o texto, ele não teria cometido o número e os tipos de erros que ele cometeu.

Agora, considere o problema do ponto de vista de Deus. A quem deveria Ele confiar a responsabilidade principal pela fiel transmissão do Texto do NT (lembre-se de 1 Crônicas 16.15)? Se o Espírito Santo fosse tomar parte ativa no processo, onde deveria concentrar os Seus esforços? Presumivelmente falantes fluentes do grego teriam a vantagem, e áreas onde o grego continuaria em uso ativo seriam as preferidas. Para ocorrer uma transmissão fiel, os copistas tinham que ter proficiência em grego, e isto ao longo dos anos. Então, onde o grego predominava? Evidentemente na Grécia e na Ásia Menor. O grego é língua pátria da Grécia até hoje (tendo mudado bastante no decorrer dos séculos, como acontece com qualquer língua viva). A predominância do grego na área do Mar Egeu foi assegurada por muitos séculos pelo Império Bizantino; por sinal, até a invenção da imprensa (século XV). Constantinopla foi tomada pelos turcos otomanos em 1453; a Bíblia Gutenberg (em latim) foi impressa apenas três anos depois, ao passo que a primeira edição impressa do NT em grego saiu em 1516. (Para os que creem na providência divina, sugiro que esses fatos constituem uma forte demonstração da mesma.)

E quanto ao Egito? O uso do grego no Egito já estava em declínio no começo da era cristã. Bruce Metzger observa que a seção helenizada da população no Egito “era só uma fração comparada com o número de habitantes nativos que falavam somente as línguas egípcias.”¹ No terceiro século, o declínio estava evidentemente bem avançado. Eu já ponderei que o copista que fez o P⁶⁶ (c. 200) não sabia grego. Agora considere o caso de P⁷⁵ (c. 220). E.C. Colwell analisou P⁷⁵ e encontrou cerca de 145 itacismos

¹ B.M. Metzger, *The Early Versions of the New Testament* (Oxford: Clarendon Press, 1977), p. 104.

[“Itacismo” significa a substituição de uma vogal ou um ditongo por outro/a que se pronunciava de forma igual ou muito parecida], mais 257 outras leituras singulares, 25% das quais não têm sentido. A partir da natureza dos erros, fica claro que o copista que fez P⁷⁵ copiou letra por letra!¹ Isto significa que ele não sabia grego – ao transcrever numa língua que se sabe, copia-se frase por frase, ou pelo menos palavra por palavra. K. Aland afirma que já antes do ano 200 o grego caía no desuso nas áreas onde se falava latim, siríaco ou copta, e 50 anos mais tarde a mudança para a língua local era bem acentuada.²

Mais uma vez, a região Egeia é de longe a mais bem qualificada para transmitir o Texto com confiança e integridade. Notar que mesmo se o Egito tivesse começado com um bom texto, já no final do século II a sua competência para transmiti-lo estava sempre diminuindo. De fato, os papiros antigos (provenientes do Egito) são demonstravelmente inferiores em qualidade, quando considerados individualmente, além de apresentarem tipos de texto um tanto divergentes (não concordam entre si).

A projeção da Igreja

Esta questão é relevante para a nossa discussão por dois motivos. Primeiro, a lei da oferta e da procura funciona na igreja tanto quanto em outros lugares. Onde há muitas congregações e crentes, haverá uma demanda crescente por cópias das Escrituras. Em segundo lugar, uma igreja forte e bem estabelecida normalmente terá uma liderança confiante e experiente – exatamente o tipo que se interessaria pela qualidade de suas Escrituras e que também seria capaz de fazer algo a respeito. Então, em que áreas a Igreja primitiva era mais forte?

Embora a Igreja evidentemente tenha começado em Jerusalém, as primeiras perseguições e a atividade apostólica fizeram com que ela se espalhasse. A principal linha de avanço parece ter sido ao norte para a Ásia Menor e daí ao oeste para a Europa. Se a escolha das igrejas para receber as ‘cartas’ do Cristo glorificado (Apocalipse 2 e 3) for indicativa, o centro de gravidade da Igreja parece ter se deslocado da Palestina para a Ásia Menor antes do final do primeiro século. (A destruição de Jerusalém pelos exércitos de Roma em 70 d.C. deve ter apressado o processo.) Kurt Aland concorda com Adolf Harnack que “cerca de 180 d.C. a maior concentração de igrejas estava na Ásia Menor e ao longo da costa do mar Egeu na Grécia”, e

¹ E.C. Colwell, “Scribal Habits in Early Papyri: A Study in the Corruption of the Text”, *The Bible in Modern Scholarship*, ed. J.P. Hyatt (New York: Abingdon Press, 1955), pp. 374-76, 380.

² K. e B. Aland, *The Text of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1981), p. 52-53.

continua: “A impressão geral é que a concentração do cristianismo era no Oriente ... Mesmo em torno de 325 a cena permanecia praticamente sem mudança. Ásia Menor continuava sendo ‘a terra-coração’ da Igreja.”¹ “A terra-coração da Igreja” – pois então, quem mais estaria numa posição melhor para certificar o texto correto do Novo Testamento?

O que dizer sobre o Egito? C.H. Roberts, num tratamento erudito dos papiros literários cristãos dos primeiros três séculos, parece favorecer a conclusão de que a igreja alexandrina era fraca e insignificante para o mundo grego cristão no segundo século.² Aland afirma: “O Egito se destacava das outras províncias da Igreja, até onde podemos julgar, pelo domínio, desde cedo, do gnosticismo.”³ Prossegue nos informando que “ao final do segundo século” a igreja egípcia era “dominada pelo gnosticismo”, e adianta mais: “As cópias existentes nas comunidades gnósticas não podiam ser usadas, por estarem sob suspeita de serem adulteradas.”⁴ Isto é bastante esclarecedor – o que Aland está nos dizendo, em outras palavras, é que durante o segundo século (101 a 200) a tradição textual do Egito **não era confiável**. A avaliação de Aland aqui é bem provavelmente correta. Notem o que Bruce Metzger diz sobre a igreja primitiva no Egito:

Entre os documentos cristãos que durante o segundo século se originaram no Egito ou lá circulavam entre tanto ortodoxos como gnósticos, estão numerosos livros apócrifos, evangelhos, atos, epístolas e apocalipses ... Há também fragmentos de obras dogmáticas e exegéticas compostas por cristãos alexandrinos, principalmente gnósticos, durante o segundo século ... De fato, baseado nos comentários de Clemente de Alexandria, quase todo o tipo de seita cristã digressiva se representava no Egito durante o segundo século. Clemente menciona os valentinianos, os basili-dianos, os marcionitas, os *peratae*, os encratitas, os docetistas, os haimetitas, os cainitas, os ofitas, os simonianos e os eutiquianos. Não se sabe que porcentagem de cristãos no Egito durante o segundo século era ortodoxa.⁵

Mas precisamos parar para refletir sobre as implicações das afirmações de Aland. Ele era um campeão do tipo de texto egípcio (‘alexandrino’), mas apesar disso, ele mesmo nos informa que até o final do segundo século a tradição textual do Egito não era confiável, e que já no ano 200 o uso de

¹ *Ibid.*, p. 53.

² C.H. Roberts, *Manuscript, Society and Belief in Early Christian Egypt* (London: Oxford University Press, 1979), pp. 42-43, 54-58.

³ K. e B. Aland, p. 59.

⁴ K. Aland, "The Text of the Church?" *Trinity Journal*, 1987, 8NS:138.

⁵ Metzger, *Early Versions*, p. 101.

grego por lá havia praticamente cessado. Pois então, baseando-se em quê pode ele argumentar que mais tarde o texto egípcio tornou-se o melhor? Aland também afirma que nos séculos II, III e IV a Ásia Menor continuava sendo “a terra-coração da Igreja”. Isto significa que as qualificações superiores da região Egeia para proteger, transmitir e certificar o Texto do NT vigoram **século IV adentro!** Acontece que Hort, Metzger e Aland (além de muitos outros) ligaram o tipo de texto bizantino com Luciano (de Antioquia), que morreu em 311 d.C. Ora vejam, um texto produzido por um líder “na terra-coração da Igreja” não seria melhor do que qualquer coisa que tivesse evoluído no Egito? É claro que eu faço a pergunta acima apenas para apontar a inconsistência deles. O tipo de texto ‘bizantino’ existia muito antes de Luciano.

Atitude para com o Texto

Onde se exige trabalho cuidadoso, a atitude das pessoas às quais a tarefa é confiada é essencial. Estão eles cientes? Concordam? Se não compreenderem a natureza da tarefa, provavelmente a qualidade diminuirá. Se compreendem mas não concordam, podem até sabotar – uma eventualidade danosa. No caso dos livros do NT podemos começar com a pergunta: “Por que cópias seriam feitas?”

Já vimos que os fiéis reconheceram a autoridade dos escritos do NT desde o princípio, e assim a produção de cópias começou imediatamente. Os autores claramente intencionaram que os seus escritos fossem circulados, e a qualidade dos escritos era tão óbvia que a notícia se espalhou e cada congregação iria querer uma cópia. O fato de Clemente e Barnabé citarem e fazerem alusão a vários livros do NT na virada do primeiro século torna claro que cópias estavam circulando. Um corpo paulino era conhecido a Pedro antes de 70 d.C. Atendendo a um pedido da igreja em Filipos, Policarpo [(XIII) c. 115] enviou uma coleção das cartas de Inácio, possivelmente dentro de cinco anos após serem escritas. Evidentemente era procedimento normal fazer cópias e coleções (de escritos dignos) para que cada congregação tivesse um conjunto. Inácio fez referência ao trânsito livre e ao intercâmbio entre as igrejas, e Justino à prática semanal de ler as Escrituras nas congregações. (Se liam, é porque tinham cópias, necessariamente.)

Uma segunda pergunta seria: Qual era a atitude dos copistas para com o seu trabalho? Já temos a essência da resposta. Sendo seguidores de Cristo, e crendo que lidavam com Escritura, a uma honestidade básica seria acrescentada reverência no seu lidar com o Texto, desde o princípio. E a vigilância também, visto que os apóstolos haviam advertido repetida e enfaticamente a respeito de falsos mestres. Dado que os fiéis eram pessoas com inteligência e integridade pelo menos medianas, com o passar dos anos

eles produziriam cópias cuidadosas dos manuscritos que haviam recebido da geração anterior, pessoas em quem confiavam, assegurados que estavam transmitindo o verdadeiro texto. Haveria erros acidentais no processo de copiar, mas nenhuma alteração proposital.

É importante ressaltar que os primeiros cristãos não precisavam ser especialistas em crítica textual. Começando com o que sabiam ser o texto puro, só tinham que ser razoavelmente honestos e cuidadosos. Eu digo que temos boa razão de entender que eram bastante vigilantes e cuidadosos—principalmente nas primeiras décadas. E numa linha de transmissão isso seguiu sendo o caso. Eu mesmo já cotejei pelo menos um livro em 130 MSS representando a linha de transmissão que denomino Família 35. Tenho uma cópia perfeita de pelo menos 22 dos 27 livros que compõe o NT. São cópias feitas nos séculos XI, XII, XIII, XIV e XV. Para que uma cópia feita no século XIV seja perfeita, todos os seus ‘ancestrais’ tinham de ser perfeitos também, até chegar no arquétipo da família. Creio que o arquétipo da Família 35, é o Autógrafo, mas caso contrário deve remontar ao terceiro século, pelo menos.

No decorrer do tempo desenvolveram-se atitudes regionais, além de políticas regionais. O surgimento da “Escola de Antioquia” é um fator relevante. A partir de Teófilo, um bispo de Antioquia (que morreu cerca de 185 d.C.), os antioquenos começaram a insistir na interpretação literal das Escrituras. O importante é que o literalista é obrigado (por formação) a preocupar-se com a exata redação do texto, visto que a sua interpretação ou exegese depende dela.

É razoável presumir que esta mentalidade ‘literalista’ tenha influenciado as igrejas da Ásia Menor e da Grécia, estimulando-as na transmissão cuidadosa e fiel do texto puro que haviam recebido. Por exemplo, os MSS conhecidos da *Peshitta* siríaca são sem igual na sua coerência (em contraste com os 8.000 MSS da *Vulgata* latina, que são notáveis por suas discrepâncias extensivas; nisto seguem o exemplo dos MSS da *Velha Latina*). Não é insensato supor que a antipatia antioquena contra a interpretação alegórica das Escrituras de Alexandria os indisporia a olhar com simpatia quaisquer formas concorrentes de texto procedentes do Egito. De modo semelhante, a controvérsia quarta-decimaniana com Roma não ajudaria quaisquer inovações procedentes do Oeste.

Na medida em que as raízes da abordagem alegórica, que floresceu em Alexandria durante o terceiro século, já estavam presentes, elas também seriam um fator negativo. Sendo que Filo de Alexandria estava no auge de sua influência quando os primeiros cristãos chegaram lá, pode ser que sua interpretação alegórica do AT tenha começado a influir na igreja jovem já no primeiro século. Visto que um alegorista vai impor suas próprias ideias

ao texto de qualquer maneira, ele presumivelmente teria menos inibições sobre alterá-lo – redação exata não teria prioridade elevada.

A escola de crítica literária existente em Alexandria também seria um fator negativo, se tivesse qualquer influência sobre a Igreja, e W.R. Farmer argumenta que teve. “Existe ampla evidência de que no tempo de Eusébio as práticas de crítica textual de Alexandria estavam sendo seguidas em pelo menos algumas bibliotecas onde manuscritos do NT estavam sendo produzidos. Precisamente quando primeiro foram usados os princípios da crítica textual da Alexandria ... não se sabe.”¹ Ele prossegue sugerindo que a Escola cristã em Alexandria fundada por Panteno (c. de 180), inevitavelmente seria influenciada pelos eruditos da grande biblioteca daquela cidade. O relevante é que os princípios utilizados para tentar ‘restaurar’ as obras de Homero, não seriam apropriados para os escritos do NT quando ainda era possível apelar para os autógrafos, ou cópias exatas deles.

Conclusão

Qual é a resposta dada à nossa pergunta pelos “quatro fatores controladores”? Os quatro falam com voz unida: “A região do mar Egeu era a melhor qualificada para proteger, transmitir e confirmar o verdadeiro texto dos escritos do NT.” Isto era verdade no segundo século; era verdade no terceiro século; continuou sendo verdade no quarto século. Então, em 350 d.C., em meados do século IV, onde deveríamos procurar as cópias mais corretas do NT? Na área do Mar Egeu; Egito seria o último lugar para ir. Se a transmissão do Texto do NT foi razoavelmente normal, a área Egeia continuaria a ter o melhor Texto nos séculos seguintes. Mas há aqueles que argumentaram que a transmissão não era normal; vamos analisar essa questão a seguir.

A transmissão do Texto foi normal?

Começando com Saulo de Tarso, os cristãos foram perseguidos cá e lá por todo o Império Romano até que Constantino deu um alívio em 312 d.C. As perseguições incluíram a destruição esporádica de cópias do Novo Testamento, no todo ou em parte, cá e lá. Mas em 303 d.C., Diocleciano decretou a mais severa perseguição que o cristianismo tinha experimentado até aquele ponto. Incluía a queima dos livros sagrados; eles deveriam ser destruídos, onde quer que fossem encontrados. Embora a perseguição fosse do Império inteiro, foi especialmente severa na Ásia Menor, onde o cristianismo era o mais forte, e continuou por pelo menos dez anos.

¹ W.R. Farmer, *The Last Twelve Verses of Mark* (Cambridge: University Press, 1974), p. 14-15. Ele cita B.H. Streeter, *The Four Gospels*, 1924, p. 111, 122-23.

Muitos MSS foram encontrados, ou traídos, e queimados, mas outros certamente escaparam. Que muitos cristãos não pouparam esforços para esconder e preservar suas cópias das Escrituras é demonstrado por sua atitude em relação àqueles que entregaram seus MSS – o cisma Donatista, que imediatamente seguiu à campanha de Diocleciano, tratou, entre outras coisas, da questão da punição para aqueles que haviam entregado MSS. Os cristãos, cuja inteira devoção às Escrituras foi assim demonstrada, seriam também os que seriam os mais cuidadosos com a linhagem de seus próprios MSS; assim como eles se esforçavam para proteger seus MSS, presumivelmente teriam se esforçado para garantir que seus MSS preservassem a verdadeira redação.

Aliás, a campanha de Diocleciano pode até ter tido um efeito purificador sobre a transmissão do texto. Se a atitude de desleixo em relação ao texto refletida na disposição de alguns cristãos de entregar seus MSS também se estendeu à qualidade do texto que eles estavam preparados para usar, então pode ter sido os MSS mais contaminados que foram destruídos, grosso modo, deixando os MSS mais puros para reabastecer a terra.¹ Mas esses MSS puros sobreviventes seriam demandados de maneira extraordinariamente pesada para serem copiados (para substituir aqueles que haviam sido destruídos) e seriam desgastados mais rápido que o normal.

Mas voltando à nossa pergunta: a transmissão foi normal? Sim e não. Presumindo que os fiéis eram pessoas de integridade e inteligência pelo menos medianas, eles produziram cópias razoáveis dos manuscritos que haviam recebido da geração anterior, pessoas em quem confiavam, tendo segurança que estavam transmitindo o texto verdadeiro. Haveria erros acidentais nos seus trabalhos de copiar, mas não alterações propositadas. Mas havia outros que expressaram interesse nos escritos do NT, pessoas às quais faltava integridade, e que fizeram suas próprias cópias com intenção maliciosa. Haveria erros acidentais em seu trabalho também, mas também alteração deliberada do texto. Vou traçar primeiro a transmissão normal.

A transmissão normal

Já vimos que os fiéis reconheceram a autoridade dos escritos do NT desde o princípio – se não fosse assim, estariam rejeitando a autoridade dos apóstolos, e como consequência não estariam entre os fiéis. A uma honestidade básica seria acrescentada a reverência no seu lidar com o texto, desde o princípio. E a estas seria acrescentada a vigilância, visto que os apóstolos

¹ Aqui havia uma excelente oportunidade para os tipos de texto ‘alexandrino’ e ‘ocidental’ se projetar e tirar ‘espaço’ do texto bizantino, mas não aconteceu. A Igreja rejeitou aqueles tipos de texto. Com que base os críticos modernos se julgam mais competentes de identificar o Texto verdadeiro do que a Igreja universal no começo do século IV?

os haviam advertido, repetida e enfaticamente, acerca de falsos mestres.

Com a procura sempre crescente e a conseqüente proliferação de cópias em todo o mundo greco-romano, e com a possibilidade de verificar cópias recorrendo aos centros que ainda possuíam os autógrafos, a situação inicial do texto era presumivelmente altamente favorável à ampla disseminação de MSS em estreita concordância com o texto original. Podemos razoavelmente entender que pelos primeiros anos do segundo século a disseminação de tais cópias teria sido bem ampla, com a conseqüência lógica que a forma de texto nelas incorporada logo ficaria consolidada e entrincheirada em toda a área de sua influência.

As considerações que acabamos de colocar são cruciais a uma compreensão adequada da história da transmissão do texto, porque indicam que uma tendência básica ficou estabelecida logo no princípio – tendência que continuaria inexoravelmente até o advento do texto impresso do NT. Digo “inexoravelmente” porque, dado um processo normal de transmissão, a ciência da probabilidade estatística demonstra que uma forma de texto em tais circunstâncias dificilmente poderia ser deslocada de sua posição dominante – as probabilidades contra uma forma concorrente de texto jamais alcançar atestação majoritária seriam proibitivas, isso não importando quantas gerações de MSS pudessem existir.¹ Seria necessário um transtorno muito incomum na história de transmissão para dar margem a que uma forma de texto aberrante chegasse a predominar. Não conhecemos nenhum lugar na história que dê espaço para tal transtorno.

O argumento baseado em probabilidade se aplica também a escritos seculares, além do NT, e não leva em conta qualquer preocupação extraordinária pela pureza do texto. Contudo, tenho argumentado que os primeiros cristãos realmente tinham uma preocupação especial por suas Escrituras e que essa preocupação acompanhou a difusão do Cristianismo. Assim, Irineu claramente levou para Gália a sua preocupação pela pureza do texto (que se estendia até o nível de uma só letra) e sem dúvida influenciou os cristãos daquela região. O ponto relevante é que a forma de texto dos autógrafos do NT tinha uma grande vantagem sobre aquela de qualquer literatura secular, de sorte que sua posição dominante se tornaria ainda maior do que a sugerida pelo argumento da probabilidade, e ainda mais se os autógrafos foram ‘publicados’ como cópias múltiplas. A rápida multiplicação e dispersão de boas cópias elevaria a níveis intransponíveis qualquer oportunidade para formas de texto aberrantes ganharem qualquer tipo de aceitação ou uso

¹ A demonstração que justifica minha afirmação encontra-se no Apêndice B de meu livro, *The Identity of the New Testament Text V*. Ele pode ser comprado na Amazon.com, ou baixado do meu site, www.prunch.org.

generalizado.¹

Segue-se que, dentro de relativamente poucos anos após os livros do NT serem escritos, surgiu rapidamente um texto ‘majoritário’ cuja forma era essencialmente aquela dos próprios Autógrafos. Esta forma de texto, no decorrer natural das coisas, continuaria a se multiplicar e em cada geração sucessiva de cópias continuaria a ser exibida na massa dos manuscritos conhecidos. Enfim, teria uma transmissão ‘normal’. A lei da oferta e demanda opera dentro da Igreja, assim como em outros lugares. Verdadeiros crentes estariam muito mais interessados em obter cópias dos escritos do NT do que pessoas que não eram. Os opositores do cristianismo, que poderiam tentar confundir a questão produzindo cópias alteradas, teriam um ‘mercado’ muito menor para seu trabalho.

O uso de designações como ‘sírio’, ‘antioqueno’ e ‘bizantino’ para o Texto Majoritário reflete sua ligação generalizada com aquela região. Não conheço nenhuma razão para duvidar que o texto ‘bizantino’ é de fato a forma de texto conhecida e transmitida na região Egeia desde o princípio.

Em suma, creio que a evidência claramente favorece aquela interpretação da história do texto que vê a transmissão normal do texto centrada na região Egeia, a área melhor qualificada, sob todos os aspectos, para transmitir o texto, desde o princípio. O resultado dessa transmissão normal é o tipo de texto ‘bizantino’. Em cada época, incluindo os séculos II e III, ele tem sido o texto tradicional.²

Pois então, afirmo que o texto do NT teve uma transmissão normal, isto é:

¹ Tenho evitado introduzir qualquer argumento baseado na providência de Deus, até aqui, porque nem todos aceitam tal raciocínio e porque a superioridade do Texto bizantino pode ser demonstrada sem se recorrer a tais raciocínios. Assim, creio que a argumentação a partir das probabilidades estatísticas, acima oferecida, é válida como ela se encontra. No entanto, embora eu não tenha argumentado com base na Providência, quero que o leitor entenda que, pessoalmente, não creio que a preservação do verdadeiro texto foi tão mecânica quanto a discussão acima poderia sugerir. A partir da evidência já apresentada, parece claro que um grande número de leituras variantes (talvez a maioria das leituras maliciosas) que existiram no segundo século simplesmente não sobreviveram — não temos nenhuma testemunha conhecida a favor deles. Podemos razoavelmente concluir que os antigos cristãos foram “cães de guarda” conscientes e capazes do texto verdadeiro. Eu gostaria de crer que eles foram ajudados e assistidos pelo Espírito Santo. Nesta hipótese, a segurança do texto é consideravelmente maior do que aquela sugerida somente pela probabilidade, incluindo a proposição que nenhuma das palavras originais foi perdida.

² Dentro do largo rio bizantino existem dúzias de ribeirões (lembrar que F. Wisse isolou 36 grupos, que incluem 70 subgrupos), mas a maior (de longe) linha de transmissão distinguível é Família 35, o fluxo central, e foi explicitamente esta família que Deus usou para preservar a redação original. Favor de ver a Parte II para uma explicação maior.

a plenamente previsível difusão e reprodução de cópias fieis dos autógrafos desde os primeiros anos ao longo da história da transmissão até que a disponibilidade de textos impressos colocou ponto-final na prática de copiar a mão.

*A transmissão anormal*¹

Voltando agora para a transmissão anormal, sem dúvida ela começou junto com a normal. Os próprios escritos apostólicos contêm fortes reclamações e advertências contra atividades heréticas e maliciosas. À medida que o Cristianismo se espalhou e começou a impactar o mundo, nem todas as pessoas o aceitaram como 'boas novas'. Vários tipos de oposição surgiram. Também surgiram divisões dentro da comunidade cristã global – o próprio NT toma conhecimento do começo de alguns desses desvios. Em alguns casos fidelidade a uma posição ideológica (teológica) evidentemente tornou-se mais importante do que fidelidade ao texto do NT. Certo é que alguns dos líderes da Igreja que escreveram durante o segundo século se queixaram amargamente das alterações propositadas do Texto feitas pelos "hereges".

Grandes partes dos escritos existentes dos primeiros líderes se ocupam precisa e exclusivamente com o combate aos hereges. É claro que durante o segundo século, e talvez já no primeiro, tais pessoas produziram muitas cópias dos escritos do NT incorporando as suas alterações.² Algumas aparentemente foram largamente circuladas por algum tempo. O resultado foi uma misturada de leituras variantes para confundir os mal informados e enganar os incautos. Tal cenário era totalmente previsível. Se o NT é de fato a Palavra de Deus, então tanto Deus quanto Satanás devem ter vivo interesse na sua situação. Abordar a crítica textual do NT sem levar isto devidamente em conta é agir irresponsavelmente.

A maior parte do estrago foi feito até 200 d.C.

¹ Tenho sido acusado de incoerência por criticar W-H por tratarem o NT como qualquer outro livro enquanto, todavia, eu próprio afirmo uma "transmissão normal" para o Texto Majoritário. Não procede; eu me refiro à transmissão normal de um Texto inspirado, o que W-H negaram. Refiro-me a cristãos copiando um texto que **eles** criam ser inspirado. Além disso, eu também reconheço uma "transmissão anormal", enquanto W-H não o fizeram. Fee distorce seriamente minha posição, por ignorar minha discussão da transmissão anormal (G.D. Fee, "A Critique of W.N. Pickering's *The Identity of the New Testamente Text: A Review Article*", *The Westminster Theological Journal*, XLI [Spring 1979], pp. 404-08) e representando distorcidamente minha visão da transmissão normal (*Ibid.*, p. 399). Eu mantenho que 95% das variantes, os óbvios erros de transcrição, se enquadram (na maior parte) na transmissão normal, ao passo que os 5% restantes, as variantes "significativas", se enquadram na transmissão anormal.

² J.W. Burgon, *The Revision Revised* (London: John Murray, 1883) pp. 323-24.

É geralmente aceito que a maioria das variantes significativas já existiam até o final do segundo século. Colwell afirmou: “A maioria esmagadora das leituras foi criada antes do ano 200.”¹ Décadas antes dele Scrivener disse: “Tanto é de acordo com os fatos, quanto soa paradoxal, que as piores corrupções às quais o Novo Testamento já foi submetido tiveram origem dentro dos cem anos que se seguiram à sua composição.”² Kilpatrick comentou a evidência dos papiros mais antigos.

Vamos considerar nossos dois manuscritos mais ou menos dessa data [200 d.C.] que contêm partes de João, o Papiro Chester Beatty e o Papiro Bodmer. Eles trazem mais ou menos setenta versículos em comum. No espaço desses setenta versículos eles discordam entre si umas setenta e três vezes, afora equívocos.

Além disso, no Papiro Bodmer o copista original frequentemente corrigiu o que havia primeiro escrito. Em alguns lugares ele corrigia os próprios equívocos, mas em outros ele substituiu uma forma de frase por uma outra. Em mais ou menos setenta e cinco dessas substituições ambas as alternativas são conhecidas independentemente a partir de outros manuscritos. O copista está de fato substituindo uma variante por uma outra em cerca de setenta lugares, de sorte que podemos concluir que no tempo dele já havia variação nesses pontos.³

O Papiro Bodmer é P⁶⁶, e o que Kilpatrick não te diz é que naqueles 75 lugares o escriba estava alternando entre leituras bizantinas e alexandrinas: às vezes ele começou com uma leitura bizantina e depois a alterou para uma alexandrina, e às vezes ele fez o contrário. Fica óbvio que ele tinha tais exemplares diante dele, o que significa que o Texto bizantino já existia no ano 200!

G. Zuntz também reconheceu tudo isso. “A crítica moderna pára diante da barreira do segundo século. Parece ser a época de liberdades incontidas para com o texto.”⁴

Kilpatrick prossegue argumentando que a criação de novas variantes cessou por volta de 200 d.C. porque se tornou impossível ‘vendê-las’. Ele comenta algumas das tentativas de Orígenes de introduzir uma mudança no texto, e

¹ E.C. Colwell, “The Origin of Texttypes of New Testament Manuscripts”, *Early Christian Origins*, ed. Allen Wikren (Chicago: Quadrangle Books, 1961), p. 138.

² F.H.A. Scrivener, *A Plain Introduction to the Criticism of the New Testament*, quarta edição, editada por E. Miller (2 Vols.; London: George Bell and Sons, 1894), II, 264.

³ G.D. Kilpatrick, “The Transmission of the New Testament and its Reliability,” *The Bible Translator*, IX (July, 1958), 128-29.

⁴ G. Zuntz, *The Text of the Epistles* (London: Oxford University Press, 1953), p. 11.

prossegue:

O tratamento dado por Orígenes a Mateus 19.19 é significativo de duas outras maneiras. Primeiro ele era provavelmente o comentarista mais influente da Igreja antiga e mesmo assim a sua conjectura neste ponto parece ter influenciado só um manuscrito de uma versão local do NT. A tradição grega aparentemente não sofreu nenhuma influência dela. A partir do terceiro século nem mesmo um Orígenes podia efetivamente alterar o texto.

Isto nos leva para o segundo ponto significativo – sua data. A partir do começo do terceiro século a liberdade para alterar o texto que havia obtido anteriormente não mais podia ser praticada. Taciano é o último autor, de quem temos informação explícita, a fazer mudanças propositadas no texto. Entre Taciano e Orígenes a opinião cristã mudou tanto que não era mais possível fazer alterações no texto, fossem inofensivas ou não.¹

Kilpatrick acha que essa atitude foi uma reação contra o remanejo do texto pelos hereges do segundo século. Certamente houve um grande clamor, e qualquer que seja a razão, parece que houve pouco prejuízo adicional após o ano 200 d.C. [Creio que podemos entender, com alguma razão, que variantes que só aparecem mais tarde, dentro de manuscritos conhecidos, de fato foram criadas bem antes.] Entretanto, eu certamente discordo da “liberdade para alterar o texto que havia obtido anteriormente” de Kilpatrick; não havia tal ‘liberdade’, era a perversidade dos inimigos da Verdade.

As formas de texto aberrantes

A dimensão das dificuldades textuais do segundo século facilmente pode ser exagerada. Mesmo assim, a evidência citada realmente prova que formas aberrantes do texto do NT foram produzidas. Naturalmente, algumas delas podem ter obtido aceitação local e temporária, mas mal poderiam se tornar mais do que pequenos remansos à beira do rio ‘majoritário’. Lembre-se de que a possibilidade de conferir com os autógrafos, ou cópias garantidas, deve ter servido para inibir a difusão de tais formas de texto.

Por exemplo, Gaio, um líder ortodoxo que escreveu próximo ao fim do segundo século, citou por nome quatro hereges que não só alteraram o texto do NT mas tinham discípulos que multiplicaram cópias de suas versões. De interesse especial aqui é a sua afirmação de que eles não podiam negar a

¹ Kilpatrick, "Atticism and the Text of the Greek New Testament," *Neutestamentliche Aufsätze* (Regensburg: Verlag Friedrich Pustet, 1963), pp. 129-30.

sua culpa por não poderem produzir os originais nos quais eram baseados as suas cópias.¹ Isto seria uma acusação vazia da parte de Gaio se também ele não podia produzir os originais. Já tenho argumentado que as igrejas na Ásia Menor, por exemplo, ainda possuíam os autógrafos ou cópias exatas que eles mesmos haviam feito – assim eles **sabiam**, absolutamente, qual era a redação verdadeira e podiam repelir as formas aberrantes com confiança. Um homem como Policarpo seria capaz de afirmar em 150 d.C., letra por letra se fosse o caso, a redação original do texto para a maior parte dos livros do NT. E presumivelmente os seus manuscritos não foram queimados junto com ele.

Não somente haveria pressão procedente dos autógrafos, mas também pressão exercida pelo já estabelecido ímpeto de transmissão detido pela forma de texto majoritária. Como já mostramos, a probabilidade estatística operando contra formas aberrantes do texto seria fulminante. Em outras palavras, apesar da existência de um sortimento atordoador de variantes, a julgar pelas testemunhas conhecidas (e essas variantes realmente exerceram uma influência perturbadora no fluxo da transmissão), elas não poderiam ser bem-sucedidas em frustrar o progresso da transmissão normal.

O fluxo da transmissão.

Agora, que tipo de quadro podemos esperar encontrar nas testemunhas sobreviventes, pressupondo que a história da transmissão do Texto do NT foi predominantemente normal? Podemos esperar um largo espectro de cópias, apresentando pequenas diferenças devido a erros no processo de copiar, mas todas refletindo uma tradição comum. A existência simultânea de transmissão anormal nos primeiros séculos resultaria num punhado de cópias singulares salpicadas fora daquela corrente principal. O quadro teria aparência semelhante à *Figura A*.

¹ Cf. Burgon, *The Revision Revised*, p. 323.

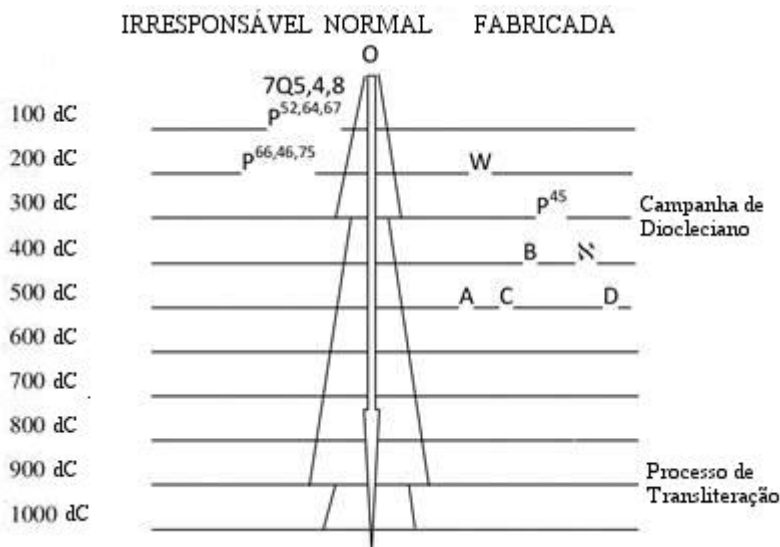


Figura A¹

Os MSS dentro dos cones representam a transmissão ‘normal’. À esquerda estão alguns possíveis representantes do que poderíamos caracterizar como transmissão ‘irresponsável’ do texto – os copistas produziram cópias defeituosas por incompetência ou descuido, mas não fizeram alterações proposicionadas. À direita estão alguns possíveis representantes do que poderíamos caracterizar como a transmissão ‘fabricada’ do texto – os copistas fizeram alterações proposicionadas no texto (quaisquer que tenham sido as razões), produzindo cópias falsificadas, não cópias verdadeiras. Estou bem ciente que os MSS distribuídos na figura acima contêm tanto erros de descuido quanto erros deliberados, em proporções diferentes (7Q5,4,8 e P^{52,64,67} são fragmentos pequenos demais para permitir a classificação de seus erros como deliberados em vez de descuidos), de sorte que uma classificação como esta, não deixa de ser relativa, e apresenta um quadro um pouco distorcido. Mesmo assim, eu insisto em que ignorância, descuido, intromissão e malícia, todos deixaram marcas na transmissão do texto do NT, e devemos levá-los em conta em qualquer tentativa de reconstruir a história dessa transmissão.

Como a figura sugere, eu sustento que a campanha de Diocleciano teve um efeito purificador sobre o fluxo da transmissão. Para suportar tortura antes

¹ A história do local onde o Codice W foi encontrado sugere que ele deveria ter sido copiado antes de 200 d.C.: foi encontrado nas ruínas de uma cidade que foi abandonada em 200 d.C. quando a sua água secou. Essa cidade ficava em uma área isolada, cercada pelo deserto. Como W mostra influência bizantina, esse tipo de texto já existia no segundo século.

de entregar o(s) seu(s) MS(S), alguém teria que ser crente comprometido, o tipo de pessoa que queria boas cópias das Escrituras. Assim, é provável que eram os MSS mais contaminados, em geral, que foram destruídos, deixando os MSS mais puros para reabastecer a terra.¹ A seta dentro dos cones representa a Família 35, que entendo representar o âmago da transmissão (ver a Parte II que segue).

Um outro elemento deve ser considerado — uma vez que a campanha de Diocleciano, como registrada pela História, foi mais intensiva e eficiente na região bizantina, a vantagem numérica do tipo de texto ‘Bizantino’ sobre o ‘Occidental’ e o ‘Alexandrino’ teria sido reduzida, dando a estes a oportunidade de avançar (no cômputo global). Mas não aconteceu assim. De modo geral a Igreja recusou-se a pagar essas formas do texto grego.

O que encontramos ao consultar as testemunhas é exatamente tal quadro. Temos o Texto Majoritário (como Aland o chamou), ou o Texto Tradicional (como Burgon o chamou), dominando o fluxo da transmissão, com umas poucas testemunhas individualmente seguindo seus caminhos peculiares. No Capítulo 4 do meu livro *Identity V*, demonstro que a noção de "tipos de texto" e recensões, como definida e usada por Hort e seus seguidores, é gratuita. A ideia de “fluxos” de Epp não é nada melhor. Só existe uma correnteza (na verdade, um rio), com vários remansos pequenos pelas suas margens.² Ao dizer que o Texto Majoritário domina o fluxo, isto significa que se representa em cerca de 95% dos MSS.³

Bem, tal afirmação não é completamente satisfatória porque não dá margem para a mistura ou as afinidades vagantes encontradas dentro de MSS individuais. Uma maneira melhor (embora mais trabalhosa) de descrever a situação seria algo mais ou menos assim: 100% dos MSS concordam quanto a, digamos, 50% do Texto; 99% dos MSS concordam quanto a outros 40% do Texto; mais de 95% dos MSS concordam quanto a outros 4% do Texto;

¹ Para uma discussão maior sobre este ponto, favor de ver a seção “Imperial repression of the N.T.” no meu livro, *The Identity of the New Testament Text V*, disponível no Amazon.com, bem como no meu site, www.prunch.org.

² Poderíamos falar de um remanso P⁴⁵, W ou um remanso P⁷⁵, B, por exemplo.

³ Embora eu tenha usado, por necessidade, o termo "tipo de texto" em alguns de meus escritos, vejo o Texto Majoritário como sendo muito mais amplo. É uma tradição textual que pode ser dita incluir vários "tipos de texto" parecidos, tais como K^a, Kⁱ, e K^l de von Soden. Quero enfatizar novamente que é apenas concordância em erros que determina relacionamentos genealógicos. Segue-se que os conceitos de "genealogia" e "tipo de texto" são irrelevantes com referência a leituras originais — eles são úteis (quando apropriadamente empregados) somente para identificar leituras espúrias. Bem, se há uma família que muito aproximadamente reflete o texto original, seu "perfil" ou mosaico de leituras irá distingui-la das outras famílias, mas a maioria daquelas leituras não será de erros (as variantes concorrentes distintivas das outras famílias sim **serão** erros).

mais de 90% dos MSS concordam quanto a outros 2% do Texto; mais de 80% concordam quanto a outros 2% do Texto; somente para 2% do Texto temos menos que 80% dos MSS concordando, e um número desproporcional desses casos ocorre no Apocalipse.¹ (Não me preocupo em defender a precisão dos números usados, eles são **palpites**, mas creio que representam uma aproximação razoável da realidade.) E os componentes do grupo dissidente variam de leitura para leitura. Contudo, com a ressalva acima, podemos razoavelmente dizer que até 95% dos MSS conhecidos pertencem à tradição textual Majoritária.

Não vejo como explicar a predominância de 95% (ou 90%) a não ser que esse texto seja procedente dos autógrafos. Hort viu o problema e inventou uma revisão. Harry Sturz parece não ter visto o problema. Ele demonstra que o “tipo de texto Bizantino” é primitivo e independente dos tipos de texto “Ocidental” e “Alexandrino”, e como von Soden, quer tratá-los como três testemunhas iguais.² Mas, se os três tipos de texto fossem iguais, **como** poderia o tipo “Bizantino” obter um domínio de 90% a 95%? [De passagem, um texto produzido por seguir dois dos “tipos de texto” contra o terceiro (em qualquer combinação), moveria o texto da SBU 80% da distância em direção ao Texto Majoritário.]

O argumento baseado em probabilidade estatística entra aqui com bastante força. Não somente os MSS nos apresentam uma forma de texto gozando de uma maioria de 95%, mas os outros 5% não representam um único tipo de texto concorrente. Os MSS da minoria discordam entre si tanto (ou mais) do que o fazem com a maioria. É uma raridade dois deles concordarem tanto quanto P⁷⁵ e B o fazem. Não estamos, portanto, julgando entre duas formas de texto, uma representando 95% dos MSS e a outra 5%. Antes, temos que julgar entre 95% e uma fração de 1% (comparando o Texto Majoritário com, por exemplo, a forma de texto P⁷⁵,B). Podemos ver um caso específico: em 1 Timóteo 3.16 uns 600 MSS gregos (além dos lecionários) trazem “Deus”, enquanto somente nove trazem algo diferente. Desses nove, três têm leituras particulares e seis concordam em ler “quem.”³ De sorte que

¹ Concordo de todo coração com Colwell quando ele insiste em que temos de “eliminar radicalmente a leitura singular” (“External Evidence and New Testament Criticism”, *Studies in the History of the Text of the New Testament*, ed. B.L. Daniels e M.J. Suggs [Salt Lake City: University of Utah Press, 1967], p. 8), na suposição inteiramente razoável (assim me parece) que uma testemunha que está solitária contra o resto do mundo não pode estar certa.

² Sturz, *Op. Cit.*

³ As leituras, com os MSS que as atestam, são as seguintes:

o - D

ω - 061

ος Θεος - um cursivo, 256 (e um Lecionário)

ος - Ν,33,365,442,1175,2127 (e três Lecionários)

Θεος - A,C^{vid},F/G^{vid},K,L,P,Ψ, uns 600 cursivos (além dos Lecionários) (inclusive quatro cursivos que têm ο Θεος e um Lecionário que têm Θεου).

Será observado que minha declaração difere daquela do texto SBU, por exemplo. Ofereço a seguinte explicação:

Young, Huish, Pearson, Fell, e Mill no século XVII; Creyk, Bentley, Wotton, Wetstein, Bengel, Berriman, e Woide no século XVIII; e Scrivener tão tardiamente quanto em 1881; todos eles afirmaram, baseados em cuidadosa inspeção, que o Códice A traz "Deus". Para uma discussão completa, favor ver Burgon, que diz de Woide: "O erudito e consciente editor do Códice declara que tão recente quanto em 1765 ele tinha visto traços do Θ que, vinte anos depois (a saber, em 1785), não mais lhe eram visíveis." (*The Revision Revised*, p. 434. Cf. pp. 431-36). Foi somente após 1765 que os estudiosos começaram a questionar a leitura de A (através de desvanecimento e desgaste, a linha do meio do *theta* não mais é discernível).

H.C. Hoskier devota o Apêndice J de *A Full Account and Collation of the Greek Codex Evangelium 604* (London: David Nutt, 1890) (o apêndice sendo uma reimpressão de parte de um artigo que apareceu em *Clergyman's Magazine*, fevereiro, 1887) a uma cuidadosa discussão da leitura de Códice C. Ele gastou três horas examinando a passagem em questão, neste MS (o próprio MS), e oferece evidência que mostra claramente, estou convencido, que a leitura original de C é "Deus". Ele examinou o contexto ao redor e observa, "A **barra-de-contracção** tem freqüentemente se desvanecido completamente (de um exame superficial, creio que a barra desapareceu mais vezes que não), mas outras vezes está evidente e imposta da mesma maneira que em 1 Timóteo. iii.16" (Apêndice J, p. 2). Ver também Burgon, *Ibid.*, pp. 437-38.

Os Códices F/G têm OC onde a barra-de-contracção é um traço inclinado. Tem sido argumentado que o traço representa a aspiração de ος, mas Burgon demonstra que o traço em questão nunca representa aspiração, mas é invariavelmente o sinal de contracção, e afirma que "ος não é **em nenhum outro local** escrito OC [com barra de contracção] em nenhum dos dois códices" (*Ibid.*, p. 442. Cf. p. 438-42). Presumivelmente a linha cruzada no pai comum [aos dois MSS] tinha se tornado muito fraca para ser vista. Quanto ao cursivo 365, Burgon o procurou exaustivamente e não apenas não conseguiu encontrá-lo, mas não pôde encontrar nenhuma evidência que ele jamais tenha existido (*Ibid.*, p. 444-45). [Fui informado recentemente que mais tarde o MS foi redescoberto por Gregory.]

As três variantes significativas envolvidas são representadas nos MSS unciais antigos como se segue: O, OC, e ΘC (com barra de contracção acima das duas letras), significando, respectivamente, "que", "quem" e "Deus". Ao escrever "Deus", se um copista omitisse (por pressa ou distração momentânea) as duas linhas [a que cruza o *theta* e a barra em cima] resultaria em "quem". Os Códices A, C, F, e G têm numerosas ocorrências onde uma das duas (a linha cruzante ou a barra de contracção) não é mais discernível (a linha original pode ter desvanecido ao ponto de ficar invisível, ou o copista pode ter falhado em escrevê-la). A hipótese de ambas as linhas se desvanecerem, como aqui no Códice A, é presumivelmente um evento infreqüente. A hipótese de um copista inadvertidamente omitir ambas as linhas também seria um caso infreqüente, presumivelmente, mas deve ter acontecido pelo menos uma vez, provavelmente bem cedo no segundo século e em circunstâncias que produziram um efeito que se propagou amplamente.

A colocação "o mistério ... quem" é ainda mais patológica em grego do que o é em português. Foi assim inevitável, uma vez que tal leitura surgiu e se tornou conhecida, que ação remediativa fosse tentada. Conseqüentemente, a primeira leitura acima, "o mistério . . . que," é geralmente considerada como uma tentativa de fazer a leitura difícil inteligível. Mas tem que ter sido um desdobramento antigo, por que domina completamente a tradição

temos que decidir entre 98,5% e 1%, “Deus” contra “quem.” É difícil imaginar qualquer combinação de circunstâncias na história da transmissão do texto possivelmente suficiente para produzir a cataclísmica “virada de cabeça para baixo” na probabilidade estatística necessária para afirmar que “quem” seja a leitura original.

Realmente parece que os eruditos que rejeitam o Texto Majoritário enfrentam um problema sério. Como ele se explica se não reflete o Original? A idéia de uma revisão luciânica, proposta por Hort, já foi aban-

latina, tanto de versões como dos líderes, como também é a leitura provável de Syr^p e das versões Cópticas. Encontra-se somente em um MS grego, Códice D, e em nenhum líder grego antes do quinto século.

A maioria dos estudiosos modernos considera “Deus” como uma outra resposta terapêutica para a leitura difícil. Embora domine os MSS gregos (acima de 98%), é certamente atestada por somente duas versões, a Geórgica e a Slavônica (ambas posteriores). Mas também domina os líderes gregos. Ao redor de 100 d.C. há possíveis alusões em Barnabé: “Ἰησοῦς ...ο υἱος του Θεου τυπω και εν σαρκι φανερωθεις” (Cap. xii), e em Inácio: “Θεου ανθρωπινως φανερουμενου” (*Ad Ephes.* c. 19) e “εν σαρκι γενομενος Θεος” (*Ibid.*, c. 7). No século III parece haver claras referências em Hipólito: “Θεος εν σωματι εφανερωθη” (*Contra Haeresim Noeti*, c. xvii), Dionísio: “Θεος γαρ εφανερωθη εν σαρκι” (*Concilia*, i. 853a) e Gregório Taumaturgo: “και εστιν Θεος αληθινος ο ασαρκος εν σαρκι φανερωθεις” (citado por Fócio). No 4º século há citações ou referências claras em Gregório de Nissa (22 vezes), Gregório de Nazianzo, Dídimo de Alexandria, Diodoro, as *Constituições Apostólicas*, e Crisóstomo, seguido por Cirílo de Alexandria, Teodoreto, e Eutálio no quinto século, e assim por diante (Burgon, *Ibid.*, p. 456-76, 486-90).

Quanto à leitura gramaticalmente aberrante, “quem”, além dos MSS já citados, a mais antiga versão que a atesta é a gótica (quarto século). Para se ter uma clara testemunha patristica grega para esta leitura se exige a seqüência *μυστηριον ος εφανερωθη*, uma vez que depois de qualquer referência a Cristo, Salvador, Filho de Deus, etc. no contexto anterior, o uso de uma cláusula predicativa é previsível. Burgon afirmou que não tinha conhecimento de nenhum tal testemunho (e seu conhecimento do assunto provavelmente nunca foi igualado) (*Ibid.*, p. 483).

Assim, parece que as leituras “Ocidental” e “Bizantina” têm atestação mais antiga que a “Alexandrina”. Todavia, se a leitura “que” surgiu para remediar a leitura “quem”, então a segunda tem que ser mais velha. A leitura “quem” é admitidamente a mais difícil, tanto assim que aplicar o cânon “escolha a leitura mais difícil”, face a uma tão fácil explanação transcricional [a omissão sem querer dos dois traços] para a leitura difícil, parece ser irrazoável. Como Burgon tão bem o disse: “Confio que pelo menos estamos de acordo que a máxima ‘*proclivi lectioni praestat ardua*,’ não enuncia uma tão tola proposição quanto que, ao escolher entre duas ou mais leituras conflitantes, devemos preferir aquela que tem a atestação externa mais frágil, -- contanto que, em si própria, seja [também] quase ininteligível?” (*Ibid.*, p. 497).

Seja qual for a intenção daqueles redatores que escolhem ‘quem’, o texto deles esvazia esta declaração forte quanto à divindade de Jesus Cristo, além de ser uma estupidez – qual é o ‘mistério’ a respeito de qualquer macho humano se manifestar em carne? Todo ser humano tem corpo. No Texto grego o pronome relativo não tem antecedente, sendo assim uma ‘impossibilidade’ gramatical.

donada pela maioria dos estudiosos pela falta total de evidência histórica. Os ecletistas nem estão tentando explicar [o Texto Majoritário]. A tese de “processo” não tem sido articulada em detalhe suficiente para permitir uma refutação, mas parece ser contraditada frontalmente pelo argumento da probabilidade estatística.¹ Como poderia qualquer quantidade de “processo” transpor o abismo entre B (ou Aleph) e o TR?

Mas existe um problema ainda mais básico com a tese de ‘processo’. Hort percebeu clara e corretamente que o Texto Majoritário tem que ter um arquétipo comum. Lembre-se que o método genealógico de Hort se baseava em comunidade de **erro**. Partindo da hipótese que o Texto Majoritário seja uma forma de texto posterior e inferior, a grande massa de leituras comuns que o distingue dos tipos de texto (assim chamados) “Oriental” e “Alexandrino” devem ser **erros** (que é exatamente o que Hort alegava) e tamanha concordância em erro teria que ter uma fonte comum. A tese de “processo” é totalmente incapaz de explicar tal concordância em erro (partindo dessa hipótese).

Hort percebeu a necessidade de uma fonte comum e alegou uma revisão luciânica. Eruditos hoje em dia geralmente reconhecem que o “tipo de texto Bizantino” deve ter originado dentro do segundo século, pelo menos. Mas que possibilidade teria o documento original “bizantino”, o arquétipo, de galgar aceitação quando ainda era possível apelar aos autógrafos (se fosse diferente)?

Sinceramente, só existe uma explicação razoável para o Texto Majoritário que tenha sido apresentada até agora – ele é o resultado de um processo de transmissão essencialmente normal, e a fonte comum para sua concordância é os autógrafos. Ao longo dos séculos de copiar, o texto original sempre tem sido refletido com elevado grau de precisão na tradição dos manuscritos como um todo. A história do texto apresentada nesta parte não só explica bem o Texto Majoritário como também explica a minoria de MSS incoerentes. Estes são resquícios da transmissão anormal do texto, refletindo antigas formas aberrantes. É uma dependência em tais formas aberrantes que distingue as edições contemporâneas críticas/ecléticas do NT em grego e as traduções modernas nelas baseadas.

Qual é a evidência real?

Qual é a evidência real que precisa ser avaliada? Os MSS de texto contínuo são as testemunhas primárias. Os lecionários são testemunhas secundárias. As antigas versões e citações patrísticas são testemunhas terciárias. Qualquer evidência histórica, na medida em que possa ser verificada, é

¹ Para uma discussão adicional, ver as páginas finais do Apêndice B em meu *Identity V*.

acessória. **Atenção:** a relevância dos tipos de evidência secundária e terciária depende das pressuposições de que a redação original foi perdida e de que a transmissão do texto não foi normal. Uma vez que ambas as pressuposições são falsas, vou limitar minha atenção às testemunhas primárias, ainda mais porque são tantas.

As testemunhas primárias são habitualmente tratadas como sendo de três tipos: os papiros, os unciais e os cursivos. Os papiros e os unciais são escritos com letras maiúsculas (muitas vezes sem espaçamento entre as palavras), sendo a diferença no material usado, papiro ou pergaminho (couro). Os cursivos são escritos com letras minúsculas, muitas vezes juntas, e geralmente com espaçamento entre as palavras; o material usado era pergaminho ou papel. A escrita uncial foi usada exclusivamente até o século IX, quando os primeiros MSS cursivos apareceram. No século XI, a escrita cursiva já havia dominado a transmissão.

A lista internacional de MSS conhecidos do NT é mantida pelo Instituto para Pesquisa Textual do Novo Testamento (*INTF*) em Münster, Alemanha. É chamado de *Kurzgefasste Liste*.¹ Em fevereiro de 2018, essa lista continha 133 papiros, 282 unciais (maiúsculos) e cerca de 2.850 cursivos numerados (minúsculos).

A datação dos MSS é um negócio escorregadio, vulnerável a pressuposições, vieses e ‘linha partidária’. O leitor deve entender que as datas que foram atribuídas aos MSS individuais podem ser pouco mais do que palpites por alto; tanto é assim que elas geralmente são dadas como um século. Quando um MS tem uma data específica, o copista escreveu a data em que ele terminou seu trabalho.

Fiz uma tabela por alto dos papiros por século (tomando a data posterior quando havia uma opção);² eles variam do II ao VIII: II – 4, III – 49, IV – 31, V – 14, VI – 16, VII – 16, VIII – 3. Destes 133 papiros, 35 têm menos de cinco versos (são meros fragmentos);³ 76 dos papiros têm entre seis e vinte versos (ainda fragmentos); mais 13 têm menos de dois capítulos; apenas 9 deles são de tamanho significativo. Para cerca de 40 capítulos ao longo do NT não há testemunho de papiro. Somente Lucas, João, Atos, Hebreus, 1 e 2 Pedro e Judas têm uma testemunha em papiro para um

¹ Kurt Aland, ed., *Kurzgefasste Liste der Griechischen Handschriften des Neuen Testaments* (Berlin: Walter de Gruyter, 1994).

² Este parágrafo, e o próximo, estão simplesmente baseados no *Liste* (quer eu concorde, quer não).

³ De passagem, na minha opinião, a única contribuição de um fragmento é estabelecer que qualquer variante que estiver existia quando foi copiado, se não foi criado pelo copista. Um fragmento datado antes de 100 d.C. estabelece que o livro existia naquele tempo.

capítulo inteiro. Apenas um papiro tem um livro completo: P⁷² contém 1 & 2 Pedro e Judas. A importância atribuída aos papiros dependerá dos pressupostos da pessoa.

Fiz uma tabela por alto dos unciais por século (tomando a data posterior quando havia uma opção); eles variam do III ao XI: III – 2, IV – 18, V – 50, VI – 65, VII – 36, VIII – 27, IX – 62, X – 20, XI – 2. Desses 282 unciais, 182 têm menos de um capítulo (a maioria deles tem apenas alguns versos; alguns até menos); outros 37 têm menos que um livro inteiro; apenas 63 têm um livro completo ou mais. A importância atribuída aos unciais dependerá das pressuposições de uma pessoa.

Os cursivos variam em data do século IX ao XVII. A grande maioria deles, cerca de 2.130, estão agrupados em quatro séculos: XI – XIV. Cerca de 90 deles são bastante fragmentados, e muitos outros não estão completos. Cerca de 25 deles têm um número, mas se sabe tão pouco sobre eles que, evidentemente, não estão disponíveis; e muitos outros desapareceram de vista. Mesmo assim, sobrou o suficiente para nos manter ocupados por muito, muito tempo.

Até a invenção do papel, os materiais usados para fazer cópias eram papiro e pergaminho (couro), ambos mais espessos que papel. Um NT completo encadernado em um volume seria bastante grosso e bastante caro. Então, bem cedo os livros começaram a ser encadernados em grupos menores: os quatro Evangelhos, as cartas de Paulo (incluindo Hebreus), Atos e as Epístolas Gerais, acrescentando o Apocalipse em alguns. Os Evangelhos eram de longe os mais populares, seguidos pelas cartas de Paulo. Até o momento, sabemos de cerca de 2.350 MSS (incluindo fragmentos) que contêm alguma parte dos Evangelhos, cerca de 800 que contêm alguma parte das cartas de Paulo, mais de 650 que contêm alguma parte de Atos, mais de 600 que contêm alguma parte das Epístolas Gerais, e cerca de 300 que contêm alguma parte do Apocalipse. Conhecemos cerca de 60 Novos Testamentos completos, outros 150 que contêm tudo menos o Apocalipse, e cerca de 270 que contêm de Atos até Judas.

Nem todos os MSS mencionados estarão disponíveis para uma pessoa interessada consultar. Considere os Evangelhos: dos 2.350 MSS mencionados acima, para um único Evangelho qualquer (como João), o número será em torno de 2.000. Mas por causa de fragmentos, danos e lacunas, para qualquer dado verso, o número será em torno de 1.700. O *INTF* em Münster, Alemanha, possui microfimes de quase todos eles. Nota entanto, tal pessoa interessada precisa entender que ele não está lidando com 1.700 testemunhas independentes – os MSS representam uma variedade de linhas de transmissão, ou ‘famílias’; tais famílias seriam as

testemunhas. Por exemplo, Frederik Wisse cotejou e comparou 1.386 MSS em Lucas 1, 10 e 20 (três capítulos); ele reduziu esses MSS a 37 grupos (famílias) (mais 89 'aleatórios').¹ Sucede que 36 dos 37 grupos se situam dentro do rio largo de transmissão bizantino. Ele identificou 70 subgrupos dentro dos 36, de sorte que ele se sentiu capaz de definir esses relacionamentos, baseado nos perfis (ou mosaicos).

Mas haverá inter-relações entre famílias e, para ter certeza sobre tais relações, precisamos de uma reconstrução cientificamente elaborada da história da transmissão do Texto do NT. Lamentavelmente, não existe tal reconstrução. Pior, devido ao efeito soporífero da teoria de Hort, as famílias ainda precisam ser definidas. Eu defini cientificamente a Família 35 para todo o NT, mas até onde eu sei, nenhuma outra família foi similarmente definida. Pode ser que nenhuma outra família exista em todo o NT, mas isso ainda precisa ser determinado.

Aqueles que catalogam MSS do NT nos informam que os séculos XII e XIII lideram a turma, em termos de MSS conhecidos, seguidos dos séculos XIV, XI, XV, XVI e X, nessa ordem. Há mais de quatro vezes mais MSS do século XIII que do X, mas obviamente o grego Koinê teria sido uma língua mais utilizada no século X do que no XIII; e então haveria mais demanda, e portanto mais oferta. Em outras palavras, muitas centenas de MSS realmente puros do século X morreram. Uma porcentagem maior dos MSS realmente bons produzidos no século XIV sobreviveu aos produzidos no século XI; e assim por diante. É por isso que existe um nível progressivo de concordância entre os MSS bizantinos, havendo maior percentual de concordância no XIV que no X. Mas se tivéssemos vivido no século X, e feito um amplo levantamento dos MSS, teríamos encontrado quase o mesmo nível de concordância (talvez 98%). O mesmo acontece se tivéssemos vivido nos séculos VIII, VI, IV ou II. Em outras palavras, OS MSS SOBREVIVENTES DOS PRIMEIROS DEZ SÉCULOS NÃO SÃO REPRESENTATIVOS DO VERDADEIRO ESTADO DE COISAS NO SEU TEMPO.

Aland parece aceitar que através dos séculos de história da igreja o texto bizantino foi considerado como "o texto da igreja", e ele traça o início deste estado de coisas a Luciano.² Ele faz repetidas menções a uma "escola de/em Antioquia" e da Ásia Menor. Tudo isso é muito interessante, porque em seu livro ele concorda com Adolf Harnack que "no ano 180, mais ou menos, a

¹ *The Profile Method for the Classification and Evaluation of Manuscript Evidence* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982).

² K. Aland, "The Text of the Church?", *Trinity Journal*, 1987, 8NS:131-144 [só publicado em 1989], pp. 142-43.

maior concentração de igrejas era na Ásia Menor e ao longo da costa do mar Egeu da Grécia".¹ Esta é a área onde o grego era a língua materna e onde o grego continuou a ser usado. É também a área que começou com a maioria dos Autógrafos. Mas Aland continua: "Mesmo por volta do ano 325 d.C. a cena ainda era praticamente inalterada. A Ásia Menor continuou a ser a terra-coração da Igreja". "A terra-coração da Igreja" – ora, quem mais estaria em melhor posição para identificar o texto correto do Novo Testamento? Quem poderia "vender" um texto fabricado na Ásia Menor no início do século IV? Eu afirmo que o texto bizantino dominou a história da transmissão, porque as igrejas na Ásia Menor promoveram ele. E elas fizeram isso, desde o início, porque sabiam que era o texto verdadeiro, tendo o recebido dos Apóstolos. O Texto Majoritário é o que é exatamente porque sempre foi o **Texto da Igreja**.

Observações Finais

Até este ponto, eu tenho lidado com o largo rio da transmissão normal do texto do NT. Esse amplo rio é comumente chamado de texto 'Bizantino', ou tipo de texto. Mas esse largo rio é composto de muitas linhas distintas de transmissão dentro dele – lembre-se que F. Wisse postulou 36 linhas tais, baseando-se em seu estudo de Lucas, capítulos 1, 10 e 20. Entre essas 36 linhas, uma é de longe a maior, em termos do número de MSS representativos, e eu argumentarei que também é claramente a melhor. Eu chamo essa linha de transmissão de 'Família 35', e minha exposição sobre essa família ocupa a Parte II. Ali eu argumento que a Família 35 constitui a prova máxima de que Deus preservou o Texto do NT.

Dadas as minhas pressuposições, considero que tenho boas razões para declarar a preservação divina da exata redação original do Texto completo do Novo Testamento, até hoje. Essa redação é reproduzida na minha edição do NT grego, *The Greek New Testament According to Family 35*. O livro pode ser encomendado na Amazon.com, e pode ser baixado gratuitamente do meu site, www.prunch.com.br. Eu alisto aqui minhas conclusões, prometendo ao leitor que então darei, na Parte II, as evidências que levam a essas conclusões (além daquelas já citadas acima).

Com base nas evidências até agora disponíveis, afirmo o seguinte:

1. O texto original nunca foi 'perdido', e sua transmissão ao longo dos anos foi basicamente normal, sendo reconhecido como material

¹ *The Text of the New Testament*, p. 53.

inspirado desde o início.

2. Esse processo normal resultou em linhas de transmissão.
3. Para delinear tais linhas, os MSS devem ser agrupados empiricamente com base em um mosaico compartilhado de leituras.
4. Tais grupos ou famílias devem ser avaliados quanto à independência e credibilidade.
5. O maior grupo claramente definido é a Família 35.
6. A Família 35 é demonstravelmente independente de todas as outras linhas de transmissão no N.T. inteiro.
7. A Família 35 é demonstravelmente antiga, remontando ao século III, no mínimo.
8. Os representantes da Família 35 vêm de toda a área mediterrânea; a distribuição geográfica é praticamente total.
9. A Família 35 não é uma recensão/revisão; seu arquétipo não foi criado em algum lugar ou momento subsequente aos Autógrafos.
10. A Família 35 é uma identidade definida objetivamente/empiricamente no N.T. inteiro; ela tem um perfil/mosaico demonstrável e diagnóstico de Mateus 1.1 a Apocalipse 22.21.
11. A forma do arquétipo da Família 35 é demonstrável – já foi demonstrado (ver o “Perfil” na Parte II).
12. O Texto Original é o arquétipo mor; então, qualquer candidato a texto original também precisa ser um arquétipo – isto é, um arquétipo real, verdadeiro, de fato e objetivamente verificável – só existe um, Família 35.
13. Que Deus tem interesse na preservação do Texto Bíblico é evidente: entendo que passagens tais como 1 Crônicas 16.15, Salmo 119.89, Isaías 40.8, Mateus 5.18, Lucas 16.17 e 21.33, João 10.35 e 16.12-13, 1 Pedro 1.23-25 e Lucas 4.4 podem ser razoavelmente interpretadas como contendo uma promessa que as Escrituras (até o til) serão preservadas para o uso do homem (havemos de viver a partir de “cada palavra de Deus”), e até o fim do mundo (“para mil gerações”), mas nenhuma indicação foi dada de como exatamente Deus se propunha a fazê-lo. Havemos de deduzir a resposta a partir do que Ele tem realmente feito – nós descobrimos que Ele de fato o fez!
14. Esse interesse é refletido na Família 35; ela se caracteriza por uma transmissão incrivelmente cuidadosa (contrastando-se com outras

linhas de transmissão). [Tenho em mãos cópias perfeitas do arquétipo da Família 35 para a maioria dos livros do N.T. (22); tenho em mãos cópias completas (nenhuma letra perdida) para outros quatro (4); ao passo que continuo cotejando manuscritos espero acrescentar o último que falta (Atos), mas até para ele a forma do arquétipo é demonstrável.]

15. Se Deus estivesse preservando a redação original em alguma outra linha de transmissão, em vez da Família 35, seria essa linha menos cuidadosa? Creio que não. Então qualquer linha de transmissão caracterizada por confusão interna fica desqualificada – isto inclui **todas** as outras linhas de transmissão que vi até aqui.
16. Afirmo que Deus utilizou a Família 35 para preservar a exata redação original do Texto do Novo Testamento. Está publicada na minha edição do Texto Grego. (E Deus utilizou principalmente as Igrejas Ortodoxas do Oriente para preservar o Texto do NT através dos séculos – elas sempre usaram um Texto que representava de forma adequada o Original, para todo efeito prático.)

Afirmo ter demonstrado a superioridade da Família 35 com base no tamanho (número de representantes), independência (é demonstravelmente independente de todas as outras linhas de transmissão), idade (remonta ao 3º século, pelo menos), distribuição geográfica (por toda a área mediterrânea), perfil (empiricamente determinado), esmero (dos copistas) e abrangência (todos os 27 livros). **Eu desafio a todos que façam o mesmo para qualquer outra linha de transmissão!**

O Texto Original é o arquétipo mor; qualquer candidato também deve ser um arquétipo – um arquétipo real, verdadeiro, objetivamente verificável; existe apenas um até agora identificado: a Família 35. A seguir tem a Parte II, onde forneço mais evidências; são elas que sustentam as minhas conclusões.

PARTE II: A Melhor Linha de Transmissão

Mas o que é Família 35?

Eu posso imaginar que muitas pessoas estão ouvindo falar da Família 35 pela primeira vez. Ela se refere a uma linha de transmissão dentro do largo rio ‘bizantino’ de MSS, e eu lhe dei esse nome. Até onde eu sei, o mundo acadêmico está ignorando severamente meu trabalho, como precisam, com certeza, já que eu exponho as falsidades que eles vêm transmitindo por gerações. Vou começar com um pouco da história recente.

Quando Thomas Nelson Inc. publicou meu primeiro livro em 1977, *The Identity of the New Testament Text* [“Qual o Texto Original do Novo Testamento”], o melhor Novo Testamento grego impresso que estava facilmente disponível era o *Textus Receptus*, o Texto Recebido – era o texto grego da Reforma Protestante. John William Burgon, deão de Chichester, o chamou de ‘Texto Tradicional’. Embora Zane C. Hodges e Arthur L. Farstad tivessem começado a trabalhar em um Texto Majoritário, baseando-se no trabalho de Hermann von Soden,¹ ele não foi publicado até 1982. Em 1977, demonstrei que a teoria crítica de Westcott-Hort era falsa em todos os pontos, e essa demonstração nunca foi refutada desde então, até onde sei. Mas quando se tratava de oferecer uma alternativa, eu estava limitado a generalidades e às sete “Notas de Verdade” de Burgon.² Thomas Nelson passou meu livro por pelo menos mais três impreções posteriores, incluindo algumas revisões, a última aparecendo em 1990. Mesmo em 1990, eu não tinha nada melhor para oferecer.

No entanto, em 1988, ajudei a fundar a Majority Text Society [Sociedade do Texto Majoritário], juntamente com Zane Hodges, Art Farstad e Frank Carmichael, e fui seu primeiro presidente. Naquela época, comecei a trabalhar seriamente na teoria do Texto Maioritário e, durante a década seguinte, desenvolvi o que achei por bem chamar de Teoria do Texto Original – TTO. Eu a usei como um meio termo a caminho da minha abordagem atual à crítica textual do Novo Testamento (que podemos chamar de Family 35 Priority Theory [Teoria da Prioridade da Família 35]). Aqui está a minha descrição da TTO:

1. Primeiro, a TTO tem o objetivo de identificar as exatas palavras da

¹ *Die Schriften des Neuen Testaments in ihrer ältesten erreichbaren Textgestalt* (Teil 1, Berlin: Verlag von Alexander Duncker, 1902-1910; Teil 2 Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1913).

² Elas são: 1) Antiguidade; 2) Consenso de testemunhas, ou número; 3) Variedade de evidência; 4) Respeitabilidade das testemunhas; 5) Continuidade na transmissão; 6) Contexto; 7) Ser razoável. Burgon, *The Traditional Text*, p.29.

redação original dos escritos do Novo Testamento. (Aqui eu rejeito a ideia de que a redação original está perdida e se foi.)

2. Segundo, os critérios devem ser bíblicos, objetivos e razoáveis. (Aqui eu rejeito a dependência de critérios subjetivos e uma abordagem puramente racionalista [que exclui o sobrenatural].)
3. Terceiro, uma atestação de 90% será considerada indiscutível, e de 80% será quase isso. (Isto é agora substituído pelos avanços no ponto 5, embora uma atestação de 90% permaneça difícil de atacar.)
4. Quarto, as "notas de verdade" de Burgon entrarão em jogo, especialmente quando a atestação ficar abaixo de 80%. (Isto é agora substituído pelos avanços no ponto 5, embora as suas "notas" permaneçam válidas, em geral.)
5. Quinto, onde existem cotejos, possibilitando um agrupamento empírico dos MSS com base em mosaicos compartilhados de leituras, isso deve ser feito. Tais grupos devem ser avaliados com base em seu desempenho e receber um quociente de credibilidade. Uma história putativa da transmissão do Texto precisa ser desenvolvida com base nas interrelações desses grupos. **Agrupamentos e relacionamentos demonstrados substituem a contagem de MSS.** (Por favor, notar que eu não estou me referindo a qualquer tentativa de reconstruir uma genealogia de MSS – eu concordo com aqueles estudiosos que declararam que tal empreendimento é virtualmente impossível [existem elos perdidos demais]. Estou, de fato, referindo-me à reconstrução de uma genealogia de **leituras** e, portanto, da história da transmissão do Texto. O último período sempre foi enfatizado. Quando todos os MSS tiverem sido cotejados e empiricamente agrupados, podemos dispensar a contagem deles.)
6. Sexto, ela pressupõe que o Criador existe e que Ele falou com nossa raça. Ela aceita o propósito divino implícito de preservar Sua revelação para o uso das gerações subseqüentes, inclusive a nossa. Ela entende que tanto Deus como Satanás têm um interesse ativo contínuo no destino do Texto do Novo Testamento – abordar a crítica textual do Novo Testamento sem levar em conta esse interesse é agir de forma irresponsável. (Aqueles que excluem o sobrenatural de seu modelo estão se autocondenando a nunca alcançar a Verdade – tanto Deus como Satanás existem, e ambos têm se envolvido na transmissão do Texto do NT.)
7. Sétimo, ela insiste que pressuposições e motivos devem sempre ser abordados e avaliados. (Em qualquer investigação científica, uma distinção rigorosa deve ser feita entre evidência, pressuposição e

interpretação. Como os pressupostos de uma pessoa influenciam muito, até mesmo controlam, sua interpretação da evidência [que deveria ser a mesma para todos], qualquer estudioso honesto precisa declarar abertamente suas pressuposições. É sem dúvida demais esperar que pecadores exponham seus motivos à luz do dia [João 3.20].)

Eu digo ‘meio termo’ porque eu ainda estava pensando em termos de uma grande maioria, e isso porque eu ainda não tinha reparado na Família 35 (eu ainda estava limitado a generalidades). No entanto, o quinto ponto acima mostra a direção em que eu estava indo; notar especialmente o último período, que sempre esteve em negrito, e mais especialmente o termo ‘demonstrado’. Por exemplo, meu aparato crítico para o Apocalipse dá a evidência em termos dos nove grupos de Hoskier, em vez de porcentagens de MSS. (De passagem, eu diria que Hort fez um malefício considerável à disciplina ao postular tipos de texto teóricos, desprovidos de evidência, e depois tratá-los como fato estabelecido.)

No entanto, em 2003, Wipf e Stock Publishers publicaram *The identity of the New Testament Text II*, como uma reimpressão acadêmica. Ele continha revisão a mais, mas ainda usava as “Notas de Verdade” de Burgon, embora eu tivesse introduzido uma Família 18, que logo mudei para a Família 35. Em 2002, eu já tinha tomado conhecimento da Família 35, mas meu desenvolvimento de uma teoria em torno dela era ainda hesitante e incompleto. Quando Wipf e Stock publicaram *The identity of the New Testament Text III* em 2012, eu havia trabalhado essa teoria o suficiente para substituir as “Notas de Verdade” de Burgon por ela.

Foi a apresentação da evidência de Hodges-Farstad no seu Texto Majoritário quanto à *Pericope Adulterae* que atraiu a minha atenção, por basear-se no suposto cotejo de von Soden de mais de 900 MSS. (De passagem, podemos observar que os cotejos de Maurice Robinson demonstram que von Soden manipulou os dados.) Como afirmado no aparato deles, havia três correntes principais: **M⁵**, **M⁶** e **M⁷**. **7** estava sempre na maioria absoluta [exceto em uma divisão de cinco leituras diferentes onde não há maioria] porque sempre foi acompanhada ou por **5** ou por **6** [**5 + 6** nunca vão contra **7**]. Isso me pareceu três correntes independentes, onde raramente mais do que uma se desviaria em qualquer dado item. Sendo o denominador comum, **7** era claramente o melhor dos três e, presumivelmente, também era o mais antigo.

Então eu fui ao Apocalipse (em H-F) e notei três fluxos principais novamente: **M^{a-b}**, **M^c** e **M^{d-e}**. O quadro era análogo ao da *PA*. Apocalipse representa um corpo muito maior do que a *PA*, mas mesmo assim, existem apenas 8 casos em que **a-b** e **d-e** se juntam contra **c** (+ 6 outros onde um dos quatro

é dividido), comparado com mais de 100 cada para **a-b** e **c** contra **d-e** e para **c** e **d-e** contra **a-b**. Novamente, sendo o denominador comum, **c** era claramente o melhor dos três (veja o aparato do meu Texto Grego em Apocalipse).

Pois então, acontece que **M**⁷ na *PA*, e **M**^c em Apocalipse são iguais ao **K**^r de Soden, e com isso eu comecei a ficar desconfiado. (Por que ‘ficar desconfiado’? Porque **M**⁷ é claramente mais antigo que **M**⁵ e **M**⁶ na *PA*, e **M**^c que **M**^{a-b} e **M**^{d-e} no Apocalipse, mas von Soden alegou que **K**^r era uma revisão de **K**^x [como poderia ser uma revisão se era mais antigo?].) Depois, a série *Text und Textwert* provou que **K**^r é independente de **K**^x em todo o NT. Segue-se que o **K**^r não pode ser uma revisão do **K**^x. Depois, há centenas de lugares onde **K**^r tem atestação antiga patente, contra **K**^x, mas não há padrão para essa atestação antiga. Se não há padrão, não há dependência. Não havendo padrão, então **K**^r tem que ser antigo, como já indicou o quadro na *PA* e no Apocalipse. Se **K**^r é antigo e independente, então tem que ser reabilitado na prática da crítica textual do Novo Testamento. Se é a melhor linha de transmissão na *PA* e no Apocalipse, bem que pode ser a melhor em outros lugares também.

Mas há um desdém e uma antipatia arraigados em relação ao símbolo **K**^r, e por isso propus um novo nome para esse tipo de texto. Devemos substituir **K**^r por **f**³⁵ – é mais objetivo e se afastará do preconceito contra o **K**^r. O Minúsculo 35 contém todo o NT e reflete **K**^r de fora a fora, e é o MS com o menor número, que atende essas qualificações. O minúsculo 18 tem um número menor e também contém o NT inteiro, mas segue outro tipo de texto no Apocalipse. (Por exemplo, os cursivos 1 e 13 são o menor número em suas famílias e, como eles, 35 nem sempre é o melhor representante [é geralmente excelente] – mas é do século XI [e é uma cópia de um exemplar mais antigo, não uma nova criação], de sorte que o tipo de texto não poderia ter sido criado no século XII, Q.E.D. – isto é uma abreviação do latim, *quod erat demonstrandum*, ‘o que tinha de ser demonstrado’.)

A família 35 representa cerca de 16% do total de MSS gregos conhecidos, mas quase nunca está inteiramente sozinha. No entanto, a lista de outros MSS quase nunca é a mesma, e isso em todo o NT. Isso não indica que **f**³⁵ é o denominador comum? Sendo que a lista de outros MSS quase nunca é a mesma, é possível isolar os MSS que representam **f**³⁵. Como afirmei no final da Parte I, o Texto Original é o arquétipo mor, e portanto qualquer candidato também precisa ser um arquétipo – um arquétipo verdadeiro, certo e justo, objetivamente verificável; existe apenas um que já foi identificado – Família 35. A maioria das palavras no NT tem virtualmente 100% de atestação (dos MSS gregos conhecidos), mas onde há discordância, é o mosaico, ou perfil, de leituras compartilhadas que definem uma família, ou

linha de transmissão. A seguir apresento o perfil que define a Família 35.

O perfil da Família 35 para o NT inteiro¹

Chave:

+++	Por volta de 20% = f ³⁵ virtualmente sozinha = diagnóstico
++--	Por volta de 25% = muito bom
++	Por volta de 30% = razoável
+-	Por volta de 35%
+	Por volta de 40%

Estabeleci arbitrariamente o ponto de corte em 40% (do total de MSS conhecidos), como suficiente para meu propósito atual, mas é claro que percentagens mais altas também podem contribuir para o mosaico/perfil da família. (Se eu incluísse 45% e 50%, os números subiriam visivelmente, especialmente para alguns livros. Em algumas das epístolas de Paulo, as outras linhas de trans-missão dentro da massa bizantina não se afastaram muito da norma da Família 35.) Quando as percentagens não somam 100%, existem outras variantes; o leitor interessado pode encontrá-las no aparato do meu Texto grego. A leitura da Família 35 é dada primeiro.

Mateus

++--	1.10	μανασσιν [25%] μανασση [73%]
++	5.31	ερρεθη [30%] 1 δε [70%]
++	6.6	ταμειον [30%] ταμειον [70%]
+++	6.25 ^a	ενδυσεσθε [20%] ενδυσησθε [80%]
+++	6.25 ^b	πλειων [20%] πλειον [80%]
++--	7.19	ουν [25%] --- [75%]
++--	8.4	προσενεγκαι [25%] προσενεγκε [75%]
++	8.13	εκατονταρχω [30%] εκατονταρχη [70%]
+++	8.20	λεγει [20%] και 1 [80%]
+++	8.21	μαθητων [20%] 1 αυτου [80%]
+-	9.4	ειδως (33.3%) ιδων (65.7%)
++	9.11	και πινει [30%] --- [70%]
+++	9.15	χρονον [20%] --- [80%]
++	9.18	τις [30%] εις [62%]
+++	9.28	αυτοις [20%] 1 ο ιησους [80%]
++--	9.33	οτι [25%] --- [75%]
++	10.2	εισιν [30%] εστιν [70%]
++	10.19	λαλησετε (1 ¹) [30%] λαλησητε [70%]
++	10.25	απεκαλεσαν [30%] εκαλεσαν [49%] επεκαλεσαν [20%]
+++	10.31	πολω [20%] πολλων [80%]
+-	11.20	ο ιησους [35%] --- [65%]
+++	11.21	χωραζιν [20%] χοραζιν [65%]
+-	11.23 ^a	η̄ [35%] η̄ [64%]
+-	11.23 ^b	υψωθης [35%] υψωθεισα [63%]
+++	12.15	απαντας [20%] παντας [80%]

¹ Esta informação foi tirada do meu Texto grego e seu aparato.

++-	12.22	κωφον [25%] 1 και [75%]
+++	12.23	ο χριστος [20%] --- [80%]
++-	12.24	εν [25%] 1 τω [75%]
++	12.28	εγω εν πνευματι θεου [28%] ~ 2341 [70%]
+	12.29	διαρπαση [40%] διαρπασει [60%]
++	13.2	εις [30%] 1 το [70%]
++-	13.3	εν παραβολαις πολλα [25%] ~ 312 [75%]
++	13.24	σπειραντι [30%] σπειροντι [70%]
++	13.32	παντων [30%] --- [70%]
++	13.44	εν αγρω [30%] 1 τω 2 [70%]
+++	14.5	εφοβειτο [20%] εφοβηθη [80%]
++	14.22	αυτου [30%] --- [70%]
++-	14.28	δε [25%] 1 αυτω [73%]
+++	14.31	και ευθεως [20%] ~ 2 δε [80%]
++	14.34	γενησαρετ [30%] γεννησαρετ [55%]
+--	14.36	καν [35%] --- [65%]
++-	15.6	μητερα [25%] 1 αυτου [75%]
++	15.14	εμπεσουνται [30%] πεσουνται [70%]
++	15.31	εδοξαζον [30%] εδοξασαν [70%]
++	15.32 ^a	ημερας [30%] ημεραι [70%]
++-	15.32 ^b	νηστις [25%] νηστεις [75%]
++	15.39	ενεβη [30%] ανεβη [70%]
+--	16.20	εστιν [35%] 1 ιησους [65%]
+	17.2	εγενετο [40%] εγενοντο [60%]
+++	17.18	ιαθη [20%] εθεραπευθη [80%]
++-	17.25	εισηλθον [25%] εισηλθεν [72%]
+	17.27	αναβαντα [40%] αναβαινοντο [60%]
++-	18.15 ^a	αμαρτη [25%] αμαρτηση [74%]
++	18.15 ^b	υπαγε [30%] 1 και [70%]
+++	19.5	προς την γυναικα [20%] τη γυναικι [80%]
++-	19.16	τις [25%] --- [75%]
+++	20.26	εσται [20%] 1 εν [80%]
+--	20.27	εσται [35%] εστω [65%]
++	21.8	αυτων [30%] εαυτων [70%]
++-	21.35	εδηραν [25%] εδειραν [75%]
+	22.37	τη [40%] --- [60%]
++	22.46	αποκριθηναι αυτω [30%] ~ 21 [69%]
++	23.8	διδασκαλος [30%] καθηγητης [70%]
++	23.10	εστιν υμων [30%] ~ 21 [65%]
++-	23.11	εστω [25%] εσται [75%]
++-	24.1	αυτω [25%] --- [75%]
++-	24.6	μελησετε [25%] μελλησετε [72%]
++	24.18	το ιματιον [30%] τα ιματια [70%]
++-	24.32	γνωσκεται [25%] γνωσκετε [75%]
++	24.49	τε [30%] δε [70%]
++	25.29	δοκει εχειν [30%] εχει [70%]
++-	25.32	συναχθησονται [25%] συναχθησεται ^{f^{95p}} [75%]
++-	26.1	ιησους [25%] 1 παντας [75%]
+	26.9	τοις [40%] --- [60%]
+	26.11	παντοτε γαρ τους πτωχους [40%] ~ 3421 [60%]
+	26.15	και εγω [40%] καγω [60%]
++	26.26	ευλογησας [30%] ευχαριστησας [70%]

++	26.29	γεννηματος [30%] γεννηματος f ^{35pt} [70%]
++	26.33 ^a	και [30%] --- [70%]
+	26.33 ^b	εγω [40%] 1 δε [60%]
+-	26.39	προελθων [35%] προσελθων [65%]
++	26.43	ευρεν [30%] ευρισκει [66%]
+++	26.46	ιδου [20%] 1 ηγγικεν [80%]
+	26.48	εαν [40%] αν [60%]
++	26.55	εν τω ιερω διδασκων [30%] ~ 4123 [69%]
+-	26.75	ρηματος [35%] 1 του [65%]
+++	27.1	πρεσβυτεροι [20%] 1 του λαου [80%]
++	27.12	και [30%] 1 των [70%]
++	27.33	λεγομενον [30%] λεγομενος [67%]
+-	27.35	βαλοντες [25%] βαλλοντες f ^{35pt} [75%]
+-	27.55	και [35%] --- [65%]
+-	27.64	οτι [25%] --- [75%]

Chave:

+++	Por volta de 20% = f ³⁵ virtualmente sozinha = diagnóstico (17)
+-	Por volta de 25% = muito bom (22)
++	Por volta de 30% = razoável (34)
+-	Por volta de 35% (10)
+	Por volta de 40% (9)

Total: 92

Uma única leitura diagnóstica poderia ser por acaso, mas várias, presumivelmente, indicam que o MS é pelo menos um membro marginal da família. Provavelmente, nenhum par de estudiosos prepararia listas idênticas – mudando de ‘patente’, adicionando ou subtraindo – mas aqui temos evidência suficiente para estabelecer que f³⁵ é uma família distinta. As declarações aqui se aplicam aos livros restantes também.

Marcos

+	1.12	ευθεως [40%] ευθυς [60%]
++	1.30	του [30%] --- [70%]
++	1.34	χριστον ειναi (28%) --- (58.9%) τον 12 (11.6%)
+	1.38	εληλυθα [40%] εξεληλυθα [59%]
+-	1.44	προσενεγκαι [25%] προσενεγκε [75%]
+	2.9	τον κραββατον σου [40%] ~ 312 [59%]
++	3.20	μηδε [30%] μητε [70%]
+-	3.35	μου [35%] --- [65%]
++	4.24	αντιμετρηθησεται [30%] μετρηθησεται [69%]
++	5.3a	οικησιν [30%] κατοικησιν [70%]
+	5.3b	ηδυνατο [40%] εδυνατο [60%]
+-	5.4	ισχυσεν [26%] ισχυεν [74%]
+	5.5	μνημασιν και εν τοις ορεσιν [40%] ~ 52341 [57%]
+++	6.20	ακουων [20%] ακουσας [80%]
+	6.45	απολυσει [40%] απολυση [59%]
++	6.53	γενησαρετ [30%] γεννησαρετ [53%]
++	7.4	χαλκειων [30%] χαλκιων [70%]
++	8.3	νηστις [30%] νηστεις [70%]

+	8.6	και [40%] --- [60%]
+-	8.14	οι μαθηται αυτου [35%] --- [64%]
+	8.21	ουπω [41%] ου [59%]
+++--	9.3	κναφους [25%] γραφους [75%]
++	9.20	ιδον [30%] ιδων [70%]
++	9.48	σκωληξ [30%] 1 αυτων [70%]
+-	10.8	σαρξ μια [35%] ~ 21 [65%]
+++	10.17	τις [20%] εις [70%] --- [10%]
+++	10.25	γαρ [20%] --- [80%]
+	10.30	πατερα και μητερα [40%] μητερας [55%]
+	10.33	τοις [40%] --- [60%]
+-	10.40	μου [35%] --- [65%]
+-	10.51	ραβουνι [35%] ραββουνι [59%]
++	10.52	ηκολουθησεν [30%] ηκολουθει [69%]
++	11.5	εστωτων [30%] εστηκοτων [70%]
+-	11.14	φαγη [35%] φαγοι [65%]
+-	11.18	απολεσουσιν [35%] απολεσωσιν [65%]
+++	11.30	ανθρωπων [20%] 1 αποκριθητε μοι [80%]
++	12.3	εδηραν [30%] εδειραν [70%]
++	12.5	δαιροντες [30%] δεροντες [70%]
+++	12.26	μουσεος [20%] μωσεως [50%] μουσεως [30%]
+++--	12.28	πασων [25%] παντων [72%]
+++--	12.29a	πασων [25%] παντων [72%]
+++--	12.29b	υμων [25%] ημων [74%]
+-	12.41	εβαλον [35%] εβαλλον [65%]
++	13.2a	αποκριθεις ο ιησους [30%] ~ 231 [68%]
+++	13.2b	ωδε (21.1%) --- (78.9%)
++	13.9	αχθησεσθε [30%] σταθησεσθε [70%]
+-	13.11a	αγωσιν [35%] αγαγωσιν [65%]
+-	13.11b	λαλησητε [35%] λαλησητε [65%]
++	13.21a	τοτε [30%] και 1 [70%]
+	13.21b	χριστος [40%] 1 η [60%]
++	13.28a	ηδη ο κλαδος αυτης (29%) ~ 4123 (50.2%)
+++--	13.28b	γινωσκεται [25%] γινωσκετε [75%]
+++	13.33	προσευχεσθε [20%] και 1 [77%]
+	14.11	αγρυρια [40%] αγρυριον [60%]
++	14.15	ανωγειων [30%] ανωγειον [39%] ανωγαιον [25%]
+++--	14.22	και [25%] --- [75%]
+++	14.28	μετα δε [20%] αλλα 1 [79%]
+-	14.32	προσευξομαι [35%] προσευξωμαι [65%]
++	14.36	παρενεγκαι [30%] παρενεγκε [70%]
+-	14.40	καταβαρυνομενοι [35%] βεβαρημενοι [64%]
++	15.18	και λεγειν [30%] --- [68%]
+++--	15.42	παρασκευη ην [25%] ~ 21 [75%]
+-	15.43	ελθων [35%] ηλθεν [65%]
++	16.1	τον ιησουν [30%] αυτον [70%]
++	16.9	ο ιησους [30%] --- [70%]

Chave:

- +++ Por volta de 20% = f³⁵ virtualmente sozinha = diagnóstico (8)
+++-- Por volta de 25% = muito bom (9)
++ Por volta de 30% = razoável (23)

- +-- Por volta de 35% (13)
 + Por volta de 40% (12)

Total: 65

Lucas

+--	1.55	εως αιωνος [35%] εις τον αιωνα [64%]
+++	1.63	εσται [26%] εστιν [74%]
+	2.40	αυτω [41%] αυτω [58%]
+	3.12	υπ αυτου [40%] --- [60%]
++++	3.18	τω λαω [15%] τον λαον [85%]
+++	3.30	ιωναμ [25%] ιωναν [48%]
+	3.34	θαρρα [40%] θαρα [60%]
+--	3.35	ραγαβ [25%] ραγαν [70%]
+++	4.7	σοι [25%] σου [75%]
+	4.42	εζητουν [40%] επεζητουν [60%]
++++	5.1 ^a	περι [18%] παρα [82%]
++	5.1 ^b	γενησαρετ [29%] γεννησαρετ [60%]
++	5.14	προσενεγκαι [30%] προσενεγκε [70%]
+--	5.19	πως [35%] ποιας [57%]
+++	5.35	ημεραι [25%] 1 και [75%]
+++	6.7	ει [25%] 1 εν [75%]
+	6.10	ουτως [42%] --- [54.5%]
+++	6.26a	καλωσ ειπωσιν υμας (22%) ~ 132 (76.1%)
+	6.26b	παντες (39.1%) --- (60.5%)
++	6.49	την [30%] --- [70%]
+--	8.3	σωσαννα [35%] σουσαννα [65%]
++	8.24	και προσελθοντες [32%] ~ 2 δε [68%]
+--	8.26	αντιπεραν [33%] αντιπερα [60%]
++++	9.4	ην [15%] 1 αν [85%]
++	9.13	αγορασομεν [30%] αγορασωμεν [70%]
+	9.33	ο [40%] --- [60%]
+++	9.48	υμων [20%] υμιν [79%]
+	9.52	εαυτου [40%] αυτου [60%]
+++	10.4	μη [26%] μηδε [74%]
+--	10.6	μεν [25%] --- [75%]
+--	10.13	χωραζιν [35%] χωραζιν [29%] χωραζειν [20%]
+--	10.39	των λογων [37%] τον λογον [63%]
+	10.41	ο ιησους ειπεν αυτη [40%] ~ 3412 [59%]
++++	11.19	αυτοι υμων [18%] ~ 21 [52%]
++	11.32	νινευι [32%] νινευιται [35%]
+--	11.34	η [35%] 1 και [65%]
+--	11.53	συνεχειν [26%] ενεχειν [70%]
++++	12.7	πολλω [15%] πολλων [85%]
+--	12.11	απλογησεσθε [35%] απλογησησθε [63%]
++	12.22 ^a	λεγω υμιν [28%] ~ 21 [72%]
+++	12.22 ^b	ενδυσεσθε [25%] ενδυσησθε [74%]
+++	12.23	πλειων [23%] πλειον [77]
+++	12.27	λεγω [20%] 1 δε [80%]
+	12.56	του ουρανου και της γης [40%] ~ 45312 [60%]
+--	12.58	βαλη σε [24%] ~ 21 [76%]
+--	13.28	οψεσθε [27%] οψησθε [73%]

+++	14.9	συ [20%] σοι [80%]
+	14.21	τυφλους και χωλους [42%] ~ 321 [57%]
++	14.26	μου ειναι μαθητης [36%] ~ 132 [60%]
+	15.20	εαυτου [42%] αυτου [58%]
+++	16.22	του [26%] --- [74%]
++	16.25	οδε [30%] ωδε [70%]
++	17.37	και [29%] --- [68%]
++	19.15	βασιλειαν [37%] 1 και [63%]
+++	19.23	την [23%] --- [77%]
+++	20.10	δηραντες [20%] δειραντες [80%]
+++	20.11	δηραντες [20%] δειραντες [80%]
+++	20.15	εκβαλοντες [24%] 1 αυτον [76%]
+++	20.28	ο αδελφος αυτου λαβη [20%] ~ 4123 [80%]
++	21.6	λιθον (32.2%) λιθω (65.1%)
++	21.12	απαντων [34%] παντων [66%]
++	21.15	η [30%] ουδε [68%]
++	21.30	προβαλλωσιν [28%] προβαλωσιν [66%]
++	21.33	παρελευσεται [32%] παρελευσονται [68%]
++	22.27	ουχ [33%] ουχι [67%]
++	22.52	προς [33%] επ [67%]
++	22.54	εισηγαγον [37%] 1 αυτον [55%]
++	22.63	δαιροντες [35%] δεροντες [65%]
+++	22.66	απηγαγον [24%] ανηγαγον [75%]
++	23.51	ος [32%] 1 και [67%]
++	24.19	ως [32%] ος [68%]
++	24.36	και [32%] --- [68%]
++	24.42	μελισσειου [30%] μελισσιου [70%]

Chave:

+++	Por volta de 20% = f ³⁵ virtualmente sozinha = diagnóstico (12)
+++	Por volta de 25% = muito bom (17)
++	Por volta de 30% = razoável (17)
++	Por volta de 35% (15)
+	Por volta de 40% (12)

Total: 73

João

+++	1.28	βιθαβαρα [25%] βηθανια [65%]
+	1.45	υιον [40%] 1 του [60%]
+	3.4	αυτον [40%] 1 ο [60%]
+++	4.1	ιησους (21.7%) κυριος (76.9%)
+	4.5	ου [40%] ο [60%]
++	4.35	οτι [35%] 1 ετι [65%]
+++	5.44	ανθρωπων (22.6%) αλληλων (77.2%)
+++	5.46	εμου γαρ [25%] ~ 21 [75%]
+++	6.12	των κλασματος [25%] κλασματα [75%]
++	6.58	μου [30%] --- [70%]
++	7.3	εργα [30%] 1 σου [63.5%]
+	7.31	σημεια [40%] 1 τουτων [55%]
++	7.39	ο [30%] ου [70%]

+	8.4	αυτοφωρω [40%] αυτοφορω [60%]
++++	8.7	τον λιθον επ αυτη βαλετω [18%] (5-way split)
+	8.14	η [40%] και [50%]
++	8.33	και ειπον [30%] --- [70%]
++	9.17	ουν [30%] --- [70%]
++	9.26	ανεωξεν [30%] ηνοιξεν [63%]
++-	9.34	ολως [25%] ολος [75%]
++++	10.39	ουν παλιν πιασαι αυτον (18.9%) ~ 1243 (32.8%) ~ 243 (30.3%)
+	11.2	εαυτης [40%] αυτης [60%]
++	11.46	οσα [29%] α [70%]
+-	11.51	ο [35%] --- [65%]
+++	11.56	υμιν δοκει [20%] ~ 21 [80%]
+	12.6	εμελεν [40%] εμελλεν f^{35pt} [60%]
+	12.12	ο [40%] --- [60%]
+	12.13	απαντησιν [38%] υπαντησιν [60%]
++	12.14	αυτω [30%] αυτο [70%]
+-	13.15 ^a	δεδωκα [35%] εδωκα [65%]
++-	13.15 ^b	καθως [25%] 1 εγω [75%]
+++	13.22 ^a	δε [20%] ουν [79.5%]
++-	13.22 ^b	προς [25%] εις [75%]
+-	18.23	δαιρεις [36%] δερεις [64%]
+++	18.39	ημιν [20%] υμιν [80%]
++	18.40	ουν [30%] 1 παλιν [70%]
+	19.14	ην [40%] δε [60%]
+	19.23	αρραρος [40%] αραρος [60%]
++	19.28	ηδη παντα [30%] ~ 21 [60%]
++	19.35	η μαρτυρια αυτου [30%] ~ 312 [65%]
+++	21.1 ^a	εαυτον [20%] 1 παλιν [80%]
+	21.1 ^b	αυτου [40%] --- [60%]
++-	21.1 ^c	εγερθεις εκ νεκρων [25%] --- [75%]

Chave:

+++	Por volta de 20% = f^{35} virtualmente sozinha = diagnóstico (8)
++-	Por volta de 25% = muito bom (7)
++	Por volta de 30% = razoável (11)
+-	Por volta de 35% (4)
+	Por volta de 40% (13)

Total: 45 (A transmissão de João foi mais conservadora do que a dos outros Evangelhos.)

Atos

++-	1.8	και [25%] 1 εν [75%]
+++	1.11	ουτος [20%] 1 ο [80%]
++-	1.13	ιακωβος [25%] 1 και [73%]
++-	1.18	ελακισεν [25%] ελακησεν [75%]
++-	2.13	διαχλευαζοντες [25%] χλευαζοντες [75%]
+++	2.14	επεφθεγξατο [20%] απεφθεγξατο [80%]
+++	2.38	ειπεν δε πετρος [20%] ~ 32 εφη [72%]
++-	3.23	αν [25%] εαν [75%]

++-	3.24	προκατηγγειλαν [25%] κατηγγειλαν [75%]
++	4.5	εν [30%] εις [70%]
++	4.12 ^a	ουδε [30%] ουτε [70%]
++-	4.12 ^b	ετερον εστιν [25%] ~ 21 [75%]
+++	4.14	εστωτα [20%] 1 τον [80%]
+++	4.17	ανθρωπω [20%] ανθρωπων [80%]
++++	4.20	α [18%] --- [82%]
+++	4.23	ανηγγειλαν [20%] απηγγειλαν [80%]
++-	4.33 ^a	δυναμει μεγαλη [25%] ~ 21 [75%]
++	4.33 ^b	οι αποστολοι το μαρτυριον [30%] ~ 3412 [70%]
++-	4.34	ην (24.5%) υπηρχεν (74.8%)
++-	5.1	σαφειρα [25%] σαφειρη [56%]
+++	5.15	του [20%] --- [80%]
++++	5.16	και [18%] οιτινες [80%]
++-	5.22	παραγενομενοι υπηρεται [25%] ~ 21 [75%]
++-	5.33	ακουοντες [25%] ακουσαντες [75%]
+++	5.36 ^a	προσεκλιθη [20%] προσεκληθη [54%]
++	5.36 ^b	ως [30%] ωσει [70%]
++	5.39	δυνησεσθε [30%] δυνασθε [58%]
+++	5.40	δηραντες [20%] δειραντες [80%]
++++	5.41	κατηξιωθησαν υπερ του ονοματος του χριστου [18%] ~ 234561 [15%] ~ 234 αυτου 1 [15%]
++	5.42	τον χριστον ιησουν [30%] ~ 312 [60%]
++-	6.5	πληρη [25%] πληρης [60%]
++-	7.5	δουναι αυτην εις κατασχεσιν αυτω [25%] ~ 15342 [65%]
++-	7.14 ^a	ιακωβ τον πατερα αυτου [25%] ~ 2341 [75%]
++-	7.14 ^b	αυτου [25%] --- [75%]
++	7.14 ^c	εβδομηκοντα πεντε ψυχαις [30%] ~ 312 [63%]
+-	7.16	εμωρ [33%] εμμορ [60%]
+++	7.21	ανειλετο [22%] 1 αυτον [60%]
++++	7.27	τουτον [18%] αυτον [82%]
+++	7.31 ^a	μωσης [20%] μωυσης [80%]
++-	7.31 ^b	εθαμασεν [25%] εθαμαζεν [75%]
+++	7.35	αρχηγον [20%] αρχοντα [80%]
++-	7.37	ημων [25%] υμων [75%]
+++	7.42	εν τη ερημω ετη τεσσαρακοντα [20%] ~ 45123 [80%]
++-	8.6	δε [25%] τε [75%]
++-	8.21	εναντιον [25%] ενωπιον [70%]
++-	9.12	ανανιαν ονοματι [25%] ~ 21 [75%]
++	9.18	παραχρημα [30%] --- [70%]
+-	9.19	των [35%] 1 οντων [65%]
++-	9.20	ιησουν [25%] χριστον [75%]
++-	9.28 ^a	και εκπορευομενος [25%] --- [75%]
+++	9.28 ^b	εν [20%] εις [80%]
+++	9.28 ^c	ιησου [20%] κυριου 1 [70%]
++-	9.29	ανελιν αυτον [25%] ~ 21 [75%]
+++	9.30	εξαπεστειλαν [20%] 1 αυτον [80%]
++-	9.37	τω [25%] --- [75%]
+++	9.43	αυτον ημερας ικανας μειναι [20%] ~ 2341 [79%]
++-	10.5	ος επικαλειται πετρος [25%] τον επικαλουμενον πετρον [75%]
++	10.17	υπο [30%] απο [70%]
++++	10.22	αγγελου [18%] 1 αγιου [80%]

+	10.26	ηγειρεν αυτον [40%] ~ 21 [60%]
++-	10.47	ως [25%] καθως [75%]
+++	10.48	ησου [20%] --- [67%]
+++	11.3	εισηλθεις προς ανδρας ακροβυστιαν εχοντας και συνεφαγες [20%] ~ 2345167 [71%]
+++	11.9	εκ δευτερου φωνη [20%] ~ 312 [80%]
++	11.13 ^a	δε [30%] τε [70%]
++-	11.13 ^b	ιοπιτην [25%] 1 ανδρας [75%]
+-	11.16 ^a	του [35%] --- [65%]
++-	11.16 ^b	οτι [25%] --- [75%]
++++	11.17 ^a	ησουν [18%] 1 χριστον [82%]
++-	11.17 ^b	εγω [25%] 1 δε [75%]
++-	11.26 ^a	ευρων [25%] 1 αυτον [75%]
+-	11.26 ^b	ηγαγεν [35%] 1 αυτον [65%]
+++	12.6	προαγειν αυτον [20%] ~ 21 [63%]
++++	12.20	τε [18%] δε [70%]
++	12.22	θεου φωνη [30%] ~ 21 [68%]
+++++	12.25	εις αντιοχειαν (5.1%)+{19.5%} 1 ιερουσαλημ (60%) ¹
+++	13.4 ^a	μεν [20%] 1 ουν [80%]
++-	13.4 ^b	τε [27%] δε [72%]
+-	13.12	εκπληττομενος [35%] εκπλησσομενος [65%]
+++	13.15	προς αυτους οι αρχισυναγωγοι [20%] ~ 3412 [80%]
++	13.26	εξαπεσταλη [30%] απεσταλη [70%]
++	13.27	κατοικουντες [30%] 1 εν [70%]
+++	13.39 ^a	εν [20%] 1 τω [80%]
+++	13.39 ^b	μουσσεος [20%] μουσσεως [40%] μωσσεως [40%]
+++	13.41	ω [20%] ο [80%]
++++	13.43	επιμενειν αυτους [18%] ~ 21 [64%]
+++	14.10	ηλλατο [20%] ηλλετο [35%]
+++	14.15	υμιν εσμεν [20%] ~ 21 [60%]
++-	14.20	των μαθητων αυτον [25%] ~ 312 [55%]
+++	14.21	εις [20%] 1 την [80%]
+++	15.1	μουσσεος [20%] μουσσεως [63%]
++-	15.5	μωσσεως [25%] μωσσεως [70%]
++	15.7	υμιν [30%] ημιν [70%]
+++	15.21	μωσης [20%] μωσσης [80%]
+++	15.23	κατα [20%] 1 την [80%]
++-	15.25	εκλεξαμενοι [25%] εκλεξαμενους [75%]
++	15.37	και [30%] τον [60%]
+++	15.39	χωρισθηναι [20%] αποχωρισθηναι [75%]
++++	16.3	ηδεσαν [18%] ηδειςαν [70%]
++++	16.9	την [18%] --- [82%]
++++	16.11	την [18%] --- [82%]
+++	16.15	αυτη [20%] --- [80%]
+++	16.17	τω σιλα [20%] ημιν [80%]

¹ Este é o único lugar no NT inteiro onde a Família 35 se fragmenta, sendo que existem cinco variantes significativas (além de duas outras ‘menores’). Normalmente só têm duas variantes quando a família se divide. Para uma discussão detalhada sobre este conjunto de variantes, favor de ver meu artigo, “Aonde colocar uma vírgula—Atos 12.25”, no Apêndice..

+--	16.26	δε [35%] τε [65%]
+++	16.37	δηραντες [20%] δειραντες [80%]
+++--	16.38	δε [25%] και [75%]
+++	16.40	απο [20%] εκ [80%]
+++	17.3	ησους ο χριστος [20%] ~ 231 [75%]
++	17.4	πληθος πολυ [30%] ~ 21 [70%]
++	17.5	ανδρας τινας [30%] ~ 21 [65%]
++	17.7	ετερον λεγοντες [30%] ~ 21 [70%]
+++--	17.10	βερροιαν [25%] βεροιαν [75%]
++	17.11	προθυμιας [30%] 1 το [70%]
+++--	17.13	βερροια [25%] βεροια [75%]
+++	18.6	τας κεφαλας [20%] την κεφαλην [80%]
+++--	18.13	αναπειθει ουτος [25%] ~ 21 [65%]
++	18.19	κακεινους [29%] και εκεινους [70%]
++	18.25	ησου [30%] κυριου [70%]
+++	19.3	τε (18.3%)+{6.2%} 1 προς αυτους (61.6%)+{6.2%}
+++	19.11	δε [21%] τε [79%]
++	19.13	ο [30%] --- [70%]
+++	19.17	εγενετο πασιν γνωστον [20%] ~ 132 [75%]
+++	19.19	συνενηφισαντο [20%] συνενηφισαν [67%]
++	19.27 ^a	αρτεμιδος ιερων [30%] ~ 21 [70%]
++	19.27 ^b	ουδεν [30%] ουθεν [70%]
++	19.40	αποδουναι [30%] δουναι [70%]
+++--	20.3	επιβουλης αυτω [25%] ~ 21 [75%]
+++--	20.4	βερροιαιος [25%] βεροιαιος [35%]
+++--	20.15	τρωγυλιω [25%] τρωγυλλιω [30%]
+++++	20.18	ημερας [18%] 1 αφ [82%]
+++++	20.35	του λογου [18%] τον λογον [57%] των λογων [25%]
++	20.37	κλαυθμος εγενετο [30%] ~ 21 [70%]
+	21.8	ηλθομεν (38.8%) οι περι τον παυλον ηλθον (46.4%)
+++	21.21	μουσεος [20%] μουσεως [50%] μωσεως [30%]
+++--	21.27	ημελλον [25%] εμελλον [65%]
+++--	21.31	σπειρας [25%] σπειρης [75%]
+++	21.37	εις την παρεμβολην εισαγεσθαι [20%] ~ 4123 [80%]
+++	21.40	προσεφωνει [20%] προσεφωνησεν [80%]
+++	22.19 ^a	δαιρων [20%] δερων [80%]
+++	22.19 ^b	εις [20%] επι [80%]
++	22.20	και ⁴ [30%] --- [70%]
+++	22.24	ο χιλιαρχος αγεσθαι αυτον [20%] ~ 4123 [64%]
++	22.25	προτειναν [30%] προτεινεν [30%]
++	22.26	τω χιλιαρχω απηγγειλεν [30%] ~ 312 [63%]
+--	22.30 ^a	υπο [35%] παρα [65%]
++	22.30 ^b	παν [30%] ολον [70%]
+++	23.6	φαρισαιων το δε ετερον σαδδουκαιων [20%] ~ 52341 [80%]
+	23.8	μητε [40%] μηδε [60%]
+++--	23.12 ^a	εαυτους [25%] 1 λεγοντες [75%]
+++++	23.12 ^b	ανελωσιν [18%] αποκτεινωσιν [80%]
+++--	23:15	καταγαγη αυτον [20%]+{6%} ~ 21 [74%]
+--	23:20	μελλοντες (33.1%) μελλοντα (27.2%)
+--	23:24	φηλικά [35%] φιληκα [25%] φιλικα [40%]
+	23:26	φηλικι [40%] φιληκι [30%] φιλικι [17%]
+++	23:35	του [18%]+{4%} --- [75%]

++++	24:4	πλεον [18%] πλειον [79%]
++	24:10	δικαιον [30%] --- [70%]
++	24:19	εδει [30%] δει [70%]
++++	24:26	πυκνότερον [18%] 1 αυτον [75%]
+--	25:2	οι αρχιερεις [35%] ο αρχιερευς [60%]
++--	25:9	υπ [25%] επ [73%]
++	25:13	ασπασομενοι [30%] ασπασαμενοι [70%]
++++	25:20 ^a	περι την [18%] ~ 21 [80%]
+--	25:20 ^b	τουτων [35%] τουτου [65%]
++--	26:12	εις [25%] 1 την [75%]
++	26:18	επιστρεψαι [30%] υποστρεψαι [35%] αποστρεψαι [35%]
+++	27:1	σπειρας [20%] σπειρης [80%]
+++	27:2	ατραμυτινω [21%] αδραμυττηνω [25%]
+++	27:5	κατηχημεν [21%] κατηλθομεν [75%]
+++	27:6	εις [20%] 1 την [80%]
+++	27:10	φορτου [22%] φορτιου [78%]
++--	27:31	εν τω πλοιω μειωσιν [25%] ~ 4123 [75%]
++	27:34	μεταλαβειν [30%] προσλαβειν [70%]
++	27:38	δε [30%] 1 της [70%]
++++	27:41	εμενεν [22%] εμεινεν [78%]
++	28:3 ^a	εξελθουσα [30%] διεξελθουσα [70%]
++--	28:3 ^b	καθηγηατο [25%] καθηγηεν [72%]
+++	28:21	πονηρον περι σου [20%] ~ 231 [80%]
+++	28:23	μουσεος [20%] μουσεως [35%] μουσεως [45%]
++--	28:27	ιασωμαι [25%] ιασομαι [75%]

Chave:

+++	Por volta de 20% = f ³⁵ virtualmente sozinha = diagnóstico (77)
++--	Por volta de 25% = muito bom (53)
++	Por volta de 30% = razoável (36)
+--	Por volta de 35% (10)
+	Por volta de 40% (4)

Total: 180

De todos os livros, f³⁵ tem o perfil mais definido em Atos, tendo de longe o maior número de variantes diagnósticas.

Corpo Paulino

++--	Rom. 1.23	ηλλαξαντο [26%] ηλλαξαν [74%]
++--	Rom. 1.27 ^a	ομοιως [23%] 1 τε [70%]
+++	Rom. 1.27 ^b	εξεκαυθησαν [20%] 1 εν [80%]
+++	Rom. 4.16	εκ [20%] 1 του [80%]
+	Rom. 5.1	εχωμεν (43%) εχομεν (57%)
+	Rom. 5.11	καυχωμεθα [38%] καυχωμενοι [52%]
++	Rom. 5.14	μουσεος [30%] μουσεως [50%] μουσεως [20%]
++--	Rom. 9.13	ησαν [25%] ησαν [75%]
++	Rom. 10.5	μωσης [30%] μουσης [70%]
+++	Rom. 10.19	μωσης [20%] μουσης [80%]
++	Rom. 11.7	τουτου [32%] τουτο [68%]
++--	Rom. 15.9	κυριε [27%] --- [73%]
+++	Rom. 16.6	υμας (22.8%) ημας (76.4%)

++++	Rom. 16.24	ημων [18%] υμων [82%]
++--	1Cor. 1.2	υμων [25%] ημων [75%]
+	1Cor. 4.11	γυμνιτευομεν [40%] γυμνητευομεν [60%]
+++	1Cor. 5.8	ειλικρινειας [20%] ειλικρινειας [55%]
+-	1Cor. 6.8	αλλ [35%] αλλα [65%]
+-	1Cor. 6.11	αλλ ¹ [35%] αλλα [65%]
++	1Cor. 9.9	αλωοντα [30%] αλωοντα [70%]
++	1Cor. 9.10	αλωον [30%] αλωον [70%]
+-	1Cor. 9.26	δαιρων [35%] δερων [65%]
++	1Cor. 10.13	δυνατος [30%] πιστος [70%]
++	1Cor. 11.6	κειρεσθαι [32%] κειρασθαι [64%]
+	1Cor. 12.26 ^a	συμπαση [40%] συμπασχει [60%]
+	1Cor. 12.26 ^b	συγχαρη [40%] συγχαρει [60%]
++--	1Cor. 14.25	οντως ο θεος εν υμιν εστιν [23%] ~ 231456 [75%]
++	1Cor. 16.2	ευοδουται [30%] ευοδοται [61%]
++--	2Cor. 1.12	ειλικρινεια [25%] ειλικρινεια [60%] (também em 2.17)
+++	2Cor. 1.15	προς υμας ελθειν το προτερον (21.6%) ~ 31245 (61.1%)
+-	2Cor. 3.7	μουσσεος [35%] μουσσεως [55%]
+	2Cor. 3.10	εινεκεν [43%] ενεκεν [57%]
+	2Cor. 3.15	μωσης [40%] μωσης [60%]
+-	2Cor. 5.15	παντων [35%] αυτων [55%]
++--	2Cor. 7.11	αλλ ¹ [27%] αλλα [73%]
++	2Cor. 8.4	δεξασθαι ημας [30%] --- [70%]
+	2Cor. 8.9	ημας [40%] υμας [60%]
++	2Cor. 8.12	καθο εαν [30%] καθ ο εαν [58%]
+++	2Cor. 11.7	εαυτον [22%] εμαυτον [78%]
+	2Cor. 11.20	δαιρει [40%] δερει [60%]
++	2Cor. 13.11	της [30%] --- [70%]
+	2Cor. 13.13	ημων [40%] --- [60%]
++	Gal. 1.12	αποκαλυψεως [30%] 1 ιησου [70%]
+	Gal. 3.6,etc.	αβρααμ [40%] αβρααμ [60%]
+	Gal. 3.16	ερρηθησαν [40%] ερρηθησαν [55%]
+	Gal. 4.2	αλλ [40%] αλλα [60%]
++	Ef. 1.12	της [30%] --- [70%]
+	Ef. 2.17	ημιν [40%] υμιν [60%]
+-	Ef. 4.32	υμιν [35%] ημιν [65%]
++	Ef. 5.5	ιστε [30%] εστε [70%]
+	Ef. 6.6	οφθαλμοδουλιαν [40%] οφθαλμοδουλιαν [60%]
++	Fip. 1.10	ειλικρινεις [30%] ειλικρινεις [70%]
++--	Fip. 1.20	καραδοκιαν [25%] αποκαραδοκιαν [74%]
+-	Fip. 2.1	τι ² [35%] τις [60%]
+	Fip. 2.4	το [40%] τα [45%] των [15%]
+	Fip. 2.30	πληρωση [40%] αναπληρωση [55%]
+	Fip. 3.1	το [40%] --- [60%]
+	Fip. 3.13	ουπω [40%] ου [60%]

+	Col. 1.22	αυτου [40%] --- [60%]
+	Col. 1.27	τις ο [40%] τι το [60%]
+	Col. 1.28	χριστω [40%] 1 ησου [60%]
+	Col. 3.22	οφθαλμοδουλαιας [40%] οφθαλμοδουλειαις [43%]
+	1Te. 1.7	και [40%] 1 τη [30%] 1 εν τη [30%]
+	1Te. 1.9	υμων [40%] ημων [60%]
+	1Te. 3.8	στηκητε [40%] στηκετε [60%]
++	1Te. 4.9	γαρ [30%] 1 υμεις [70%]

Nenhuma em 2 Tessalonicenses. (f³⁵ é sempre acompanhado por pelo menos 40% da massa bizantina .)

+	1Tm. 3.2	νηφαλιον [40%] νηφαλεον [50%]
+	1Tm. 3.11	νηφαλιους [40%] νηφαλεους [50%]
++	1Tm. 5.18	αλωοντα [30%] αλωοντα [70%]
+++	1Tm. 5.21	προσκλινσιν [25%] προσκλησιν f ^{35pt} [75%]
+	1Tm. 6.12	και [40%] --- [60%]
+++	2Tm. 3.6	ενδυνοντες [20%] ενδυνοντες [77%]
+++	2Tm. 3.14	οις ² [20%] --- [80%]
+	Tito 2.1	νηφαλιους [40%] νηφαλεους [40%] νηφαλαιους [20%]
+++	Tito 3.9	ερις [20%] ερεις [75%]
+	Fim. 1	ησου χριστου [40%] ~ 21 [60%]
+++	Fim. 25	ησου [20%] 1 χριστου [80%]
+-	Heb. 2.4	σημειοις [35%] 1 τε [65%]
+	Heb. 2.16,etc.	αβρααμ [40%] αβρααμ [60%]
+	Heb. 3.16	μουσεος [40%] μουσεως [45%] μωσεως [15%]
+	Heb. 3.19	δια [40%] δι [60%]
+	Heb. 6.3	ποιησομεν [40%] ποιησωμεν [59%]
+++	Heb. 8.3	προσενεγκοι [20%] προσενεγκη [80%]
+	Heb. 8.6	τετευχεν [40%] τετυχεν [50%]
+-	Heb. 8.11	πλησιον [35%] πολιτην [65%]
+++	Heb. 9.12	ευρομενος [20%] ευραμενος [80%]
++	Heb. 9.14	αγιου [29%] αιωνιου [70%]
+-	Heb. 9.19	μουσεος [35%] μουσεως [45%] μωσεως [20%]
+	Heb. 10.1	δυναται [40%] δυνανται [59%]
++	Heb. 10.28	μουσεος [30%] μουσεως [55%] μωσεως [15%]
++	Heb. 11.20	ησαν [30%] ησαν [70%] (também 12:16)
+-	Heb. 12.7	ει [35%] εις [65%]
++	Heb. 12.24	το [30%] τον [70%]
+	Heb. 12.25	ουρανου [40%] ουρανων [60%]

Chave:

+++	Por volta de 20% = f ³⁵ virtualmente sozinha = diagnóstico (14)
+++	Por volta de 25% = muito bom (10)
++	Por volta de 30% = razoável (21)
+-	Por volta de 35% (11)

+ Por volta de 40% (38)

Total: 94

Epístolas gerais

++	Tiago 1.23	νομου [30%] λογου [69%]
+-	Tiago 1.26	αλλ [35%] αλλα [65%]
++	Tiago 2.3	λαμπραν εσθητα [30%] ~ 2 την 1 [70%]
++-	Tiago 2.4	ου (26.8%) και 1 (72.2%)
+++	Tiago 2.13	ανηλεος [20%] ανελεος [30%] ανιλεως [50%]
++-	Tiago 3.2	δυναμενος [23%] δυνατος [76.5%]
+++	Tiago 3.4	ιθυνοντος [21%] ευθυνοντος [79%]
++-	Tiago 4.11	γαρ [26%] --- [74%]
++-	Tiago 4.14 ^a	ημων [26%] υμων [74%]
++	Tiago 4.14 ^b	επειτα [29.5%] 1 δε και [46%] 1 δε [15%] 1 και [9.5%]
+-	Tiago 5.10 ^a	αδελφοι [35%] 1 μου [62%]
+	Tiago 5.10 ^b	εν τω [40%] 2 [58%]
+	1Ped. 1.3	ελεος αυτου [38%] ~ 21 [60%]
+-	1Ped. 1.7	δοξαν και τιμην [35%] ~ 321 [28%] ~ 32 εις 1 [37%]
+	1Ped. 1.23	αλλ [40%] αλλα [60%]
+-	1Ped. 2.6	η [35%] εν τη [59%]
++-	1Ped. 2.21	και [23%] --- [77%]
++-	1Ped. 3.10	ημερας ιδειν [26%] ~ 21 [74%]
+++	1Ped. 3.16	τη αγαθη εν χριστω αναστροφη [20%] την αγαθην 34 αναστροφην [50%] ~ την 34 αγαθην αναστροφην [24%]
+++	1Ped. 4.2	του [22%] --- [78%]
+	1Ped. 4.3 ^a	υμιν (41.7%) ημιν (47.1%) --- (11.2%)
++-	1Ped. 4.3 ^b	χρονος [26%] 1 του βιου [74%]
+++	1Ped. 4.11 ^a	δοξαζηται θεος [20%] 1 ο 2 [73%]
++-	1Ped. 4.11 ^b	αιωνας [27%] 1 των αιωνων [73%]
+	1Ped. 4.14	αναπεπτουται [39%] αναπαυεται [52%]
+-	1Ped. 5.7	υπερ [35%] περι [65%]
++-	1Ped. 5.8	περιερχεται [24%] περιπατει [76%]
++	1Ped. 5.10	στηριξει...σθενωσαι...θεμελιωσαι [30%] στηριξει...σθενωσει...θεμελιωσει [66%]
+++	2Ped. 2.2	ας [20%] ους [80%]
+-	2Ped. 2.9	πειρασμων [33%] πειρασμου [67%]
++-	2Ped. 2.12	γεγενημενα φυσικα [26%] ~ 21 [54%]
++-	2Ped. 2.17	εις αιωνας (25.1%) 1 αιωνα (70.3%)
+	2Ped. 2.18	ασελγειας [40%] ασελγειαις [60%]
+++	2Ped. 3.1	ειλικρινη [20%] ειλικρινη [80%]
++-	2Ped. 3.5	συνεστοτα [23%] συνεστοσα [76%]
+-	2Ped. 3.16	εισιν [33%] εστιν [67%]
++-	2Ped. 3.18	αυξανητε [27%] αυξανετε [60%]
++	1João 1.6	περιπατουμεν [29%] περιπατωμεν [71%]
+-	1João 2.24	πατρι και εν τω υιο [35%] ~ 52341 [65%]
+-	1João 2.29	ειδητε [37%] ιδητε [59%]
+-	1João 3.1	ημας [36%] υμας [63.5%]

+++	1João 3.6	και [20%] --- [80%]
++	1João 3.24	εν [30%] και 1 [70%]
+-	1João 4.16	αυτω [37%] 1 μενει [63%]
+++	1João 5.11	ο θεος ημιν [24%] ~ 312 [76%]
++	2João 5	εχομεν [32%] ειχομεν [68%]
+++	2João 9	δε [20%] --- [80%]
+-	3João 11	δε [25%] --- [75%]
+-	3João 12	οιδαμεν (23%) οιδατε (61.5%) οιδας (15.1%)

Nenhuma em Judas (f³⁵ é sempre acompanhada por pelo menos 40% da massa bizantina.)

Chave:

+++	Por volta de 20% = f ³⁵ virtualmente sozinha = diagnóstico (9)
+++	Por volta de 25% = muito bom (16)
++	Por volta de 30% = razoável (7)
+-	Por volta de 35% (11)
+	Por volta de 40% (6)

Total: 49

Apocalipse

Devido aos cotejos de Hoskier, é possível (e melhor) colocar as evidências em termos de famílias, em vez de percentagens, como fiz em meu aparato – favor de consultá-lo para obter as evidências.

+++	1:2	ἀΐ άτινα ---
+	1:5	εκ ---
++	1:13	μαζοις μαστοις μασθοις
+-	2:2	κοπον 1 σου
+++	2:7	δωσω 1 αυτω
+++	2:24	βαλω βαλλω
+++	3:2	εμελλες αποβαλειν 1 αποβαλλειν ημελλες αποβαλλειν etc.
+-	3:5	ουτως ουτος
++	3:18 ^a	κολλουριον κουλουριον κολλυριον
+++	3:18 ^b	εγχρισον επι 1 ινα εγχριση ινα εγχρισαι εγχρισαι etc.
+	4:3	ομοια ομοιος ομοιως
+++	4:4	ειδον ---
+	4:6	κρυσταλω κρυσταλλω
+++	4:8	λεγοντα λεγοντες
+	5:2	αξιους 1 εστιν
+++	6:8	θανατος ο 1 ο αθανατος
+	6:9	των ανθρωπων ---
+	6:12	και ---
+	8:9	διεφθαρησαν διεφθαρη
+	8:13	τρις ---
+++	9:4	μονους ---
+++	9:5	πληξη παιση πεση

+-	9:6	ζητουσιν ζητησουσιν
+++	9:11	αββαδδων αββαδων αββααδων αββααδδων αβαδδων
+-	9:15	και την ημεραν 1 εις 23 13 ---
++	10:7 ^a	τελεσθη και 1 και ετελεσθη
+	10:7 ^b	ο̇ ως
++	10:7 ^c	ευηγγελισατο ευηγγελισεν ευηγγελησε
++	11:1	και ειστηκει ο αγγελος λεγων 1 φωνη λεγουσα 5 λεγει
+	11:11	επ αυτους εις 2 εν αυτοις αυτοις
+	11:17	και ο ερχομενος ---
+-	12:3	μεγας πυρρος 1 πυρος ~ 21 ~ πυρος 1
+++	12:4	τικτειν τεκειν
+++	12:5	ηρπαγη ηρπασθη
+++	12:7	του πολεμησαι 2 επολεμησαν
+	13:7	φυλην 1 και λαον
+	13:15	ινα ² ---
+	14:6	αλλον αγγελον 2 ~ 21
+++	14:12	του ιησου 2 2 χριστου
+	15:3	μουσεις μουσεως μωσεως
+++	15:4	αγιος ει 1 2 οσιος
+++	15:6	εκ του ουρανου 12 ναου ---
+	16:9	την ---
+	17:8	βλεποντες βλεποντων
+-	18:2	εν ισχυρα φωνη 123 μεγαλη 123 και μεγαλη 23 23 μεγαλη etc.
+	18:3	πεπωκεν πεπωκασιν πεπωτικεν πεπτωκασιν πεπτωκαν πεπωκαν
+	18:7	βασανισμον 1 και πενθος
+	18:14 ^a	απωλοντο απωλετο απηλθεν
+	18:14 ^b	ου μη ευρησεις αυτα 12 ευρησις 4 12 ευρης 4 12 ευρησουσιν 4 etc.
+++	18:17	ο επι των πλοιων πλεων 2345 234 ομιλος 234 ο ομιλος etc.
+++	18:21	λεγων 1 ουτως
+++	19:1	φωνην οχλου πολλου μεγαλην ~ 1423 123 φωνης 23
+	20:4	το μετωπον αυτου 12 των μετωπων 3
+++	20:11	ο ουρανος και η γη ~ 45312
+++	20:12 ^a	ανεωχθησαν ηνεωχθησαν ηνοιχθησαν ηνοιξαν
+++	20:12 ^b	ανεωχθη ηνεωχθη ηνοιχθη
+++	20:14	εστιν ο θανατος ο δευτερος ~ 1453 ~ 23451 ~ 2351 --- ~ 4531
+	21:5	καινα ποιω παντα ~ 312
+	21:6	αρχη και τελος η 12 το 3 και η 12 το 3
+++	21:10	την μεγαλην την αγιαν 12 και 4 34
+	21:24	την δοξαν και την τιμην αυτων εις αυτην 12678 αυτω 235 των εθνων 78
+-	22:2	εκαστον αποδιδους 1 αποδιδον 1 αποδιδουν ~ 21 ~ 2 εκαστος

Chave:

+++	f ³⁵ está sozinha, ou quase assim (15)
+++	f ³⁵ é acompanhada por parte de outra família (pequena) (10)
++	f ³⁵ é acompanhada por uma pequena família inteira (não a ou e) (5)
+-	f ³⁵ é acompanhada por uma pequena família inteira (não a ou e) mais (7)
+	f ³⁵ é acompanhada por menos de qualquer uma das outras duas principais linhas

de transmissão (25)

Total: 62

Aqui estão os totais para todo o Novo Testamento.

Chave:

- +++ Por volta de 20% = f^{35} virtualmente sozinha = diagnóstico (160)
- ++- Por volta de 25% = muito bom (144)
- ++ Por volta de 30% = razoável (154)
- +- Por volta de 35% (81)
- + Por volta de 40% (119)

Total: 658

A evidência é clara. A **Família 35** é uma entidade objetivamente e empiricamente definida em todo o Novo Testamento. Resta saber se o mesmo pode ser dito a respeito de qualquer outra família ou linha de transmissão – atenção, por favor: isto é para todos os 27 livros (algumas linhas existem somente nos Evangelhos, tais como f^1 e f^{13}).

A Família 35 é caracterizada pela transmissão incrivelmente cuidadosa (em contraste com outras linhas). Eu tenho uma cópia perfeita do texto arquetípico da Família para a maioria dos livros do NT (22); eu tenho cópias completas (nenhuma letra se perdeu) para mais quatro (4); ao passo que continuo a cotejar MSS, espero acrescentar o último (Atos), mas mesmo para ele, a forma arquetípica é demonstrável. Se Deus estivesse preservando a redação original em alguma linha de transmissão que não a Família 35, seria essa linha menos cuidadosa? Eu acho que não. Assim, qualquer linha de transmissão caracterizada por confusão interna é desqualificada – isso inclui **todas** as outras linhas de transmissão que já vi até agora.

Epistemologia

Caro leitor, permita-me sugerir que a questão da epistemologia não tem recebido a atenção que merece dentro da disciplina de crítica textual do NT. A epistemologia trata da natureza do conhecimento, incluindo origem e fundamentos. De onde vem o conhecimento? “O temor do SENHOR é o princípio do conhecimento” (Provérbios 1.7). Isso é correto? Só pode ser correto se o Soberano Criador existir – temer um ser inexistente não resultará em conhecimento verdadeiro. Qualquer evolucionista naturalmente excluirá o sobrenatural de qualquer modelo que ele crie, como fez Fenton John Anthony Hort. Observe que tal modelo não permite a possibilidade de um NT divinamente inspirado. A hipótese evolucionista, como teoria de origens, é cientificamente impossível; a evidência que nos cerca aponta claramente para a existência de um Criador

incrivelmente inteligente e poderoso.

Se o Criador existe, e se Ele entregou uma Revelação escrita à nossa raça, nada deveria ser mais importante para nós do que saber o que Ele disse. Claro, porque Ele será a Fonte de todo conhecimento verdadeiro. Pare e pense. Se algum Ser criou nosso planeta com tudo o que ele contém, incluindo todas as formas de vida (as plantas têm vida), e principalmente incluindo nossa capacidade de raciocinar, Ele obviamente é competente para nos dar informações corretas sobre o que Ele criou. Ele é a Fonte da verdade objetiva sobre nosso planeta.¹ Como “sabemos” alguma coisa? Só se a tivermos experimentado, ou se outra pessoa a tiver experimentado e nos contar a respeito. Mas o que acontece se as experiências entrarem em conflito? E como podemos saber se ou quando interpretamos uma experiência corretamente? E como podemos lidar com interpretações conflitantes?

Se não há Criador para nos dar informações corretas, nosso ‘conhecimento’ está condenado a ser sempre parcial e incerto, quando não perigosamente equivocado. Isso é igualmente verdadeiro para aqueles que fingem que não há Criador. O desespero do relativismo e a incerteza implacável sobre tudo o que não é ciência dura é o resultado. O rei Salomão foi esperto o suficiente para discernir isso há 3.000 anos: “Vaidade de vaidades, tudo é vaidade!” (Eclesiastes 1.2).

Satanás vem enchendo o mundo com sofismas por 6.000 anos, de sorte que não há limite para o falso “conhecimento” por aí – inclusive na “ciência” da crítica textual do NT. Para alguém que afirma ser cristão, excluir o sobrenatural de seu modelo de trabalho é envolver-se em uma contradição epistemológica fundamental. Ele afirma ser um cristão, mas trabalha como um ateu. Qualquer um que exclua o sobrenatural de seu pensamento obviamente não tem o Espírito Santo e, portanto, está bem aberto à interferência satânica em sua mente.²

Não adianta alguém alegar que está apenas tentando ser neutro; nem Deus nem Satanás permitirão a neutralidade. O Soberano Criador, enquanto Ele andava nesta terra como Jesus, foi bastante claro sobre o assunto. “Quem

¹ Entre as Pessoas da Trindade, o Filho é declarado ser o Agente principal na criação do nosso planeta (Colossenses 1.16, Hebreus 1.10, João 1.10). Segue-se que Ele é a Fonte de toda sabedoria verdadeira e conhecimento concernente à vida neste planeta (Colossenses 2.3).

² Já escrevi extensivamente sobre o assunto da guerra espiritual bíblica. A maior parte pode ser encontrada em meu livro, *Guerra Espiritual Bíblica*. Também está disponível no meu site, www.prunch.org (ou www.prunch.com.br). Para começar, você deve meditar em Efésios 2.2, junto com Lucas 8.12 e 2 Coríntios 4.3-4.

não é comigo é contra mim, e quem comigo não ajunta, espalha” (Mateus 12.30, Lucas 11.23). Observe que isso inclui tanto o que cremos quanto o que fazemos: espalhar é uma atividade. Trabalhar como um ateu é ser contra Jesus. Praticar a crítica textual ateuísta é ser contra Jesus. A neutralidade não existe.

Em 1881, quando Westcott e Hort publicaram seu trabalho em dois volumes, John William Burgon imediatamente começou a demonstrar que a teoria e o trabalho deles eram contrários à evidência empírica. O biógrafo de Burgon escreveu o seguinte: “Burgon foi neste país [Inglaterra] o principal professor religioso de seu tempo”.¹ Burgon era um homem de erudição inquestionável; seu biógrafo alista mais de cinquenta obras publicadas, sobre uma variedade considerável de assuntos. Seu índice de citações do Novo Testamento por líderes cristãos primitivos consiste em dezesseis grossos volumes manuscritos, encontrados na Biblioteca Britânica; contém 86.489 citações.² A erudição de Burgon nesta área da totalidade da disciplina nunca foi igualada. Ele talvez seja a única pessoa, viva ou morta, que pessoalmente cotejou cada um dos cinco grandes unciais antigos (conhecidos em sua época) – κ, A, B, C, D – em sua totalidade (NT). Ele catalogou 374 MSS gregos; naquela época não havia nem microfimes, ele tinha que ir pessoalmente até onde cada MS se encontrava.

Por causa do conhecimento em primeira mão de Burgon para com a evidência empírica, a sua refutação da teoria de Hort nunca foi respondida, pelo menos com base na evidência. Ele foi ignorado ou deturpado: ‘tudo o que ele faz é contar MSS’, uma falsidade perversa (e grotesca); ‘ele simplesmente não entende genealogia’, igualmente perverso e igualmente falso.³ Mas a crítica mais estridente e contínua era que sua argumentação era teológica, porque ele cria na inspiração divina do NT e a defendia. É aqui que entra a epistemologia: os ataques contra Burgon eram realmente uma epistemologia maligna atacando uma epistemologia piedosa.

É impossível trabalhar sem pressupostos, em qualquer disciplina. Portanto, é perverso criticar alguém por tê-los. Dito isso, as pressuposições podem e devem ser avaliadas. Uma vez avaliada, uma pressuposição pode ser razoavelmente criticada. A evidência concreta (empírica) é

¹ E.M. Goulburn, *Life of Dean Burgon* (London: John Murray, 1892, 2 vols.), I, vii.

² Leo Vaganay, *An Introduction to the Textual Criticism of the New Testament*, trans. B.V. Miller (London: Sands and Co., Ltd., 1937), p. 48.

³ A maioria dos ‘acadêmicos’ e professores são realmente ‘papagaios’, apenas repetindo o que foram ensinados – eles nunca voltaram à fonte para ver se é verdade. Quantos “estudiosos” do NT grego já cotejaram sequer um manuscrito grego? (Será que Hort cotejou algum MS?) Eles aceitam cegamente o que foi escrito sobre o assunto, talvez não percebendo que a maior parte do que foi escrito foi feito por ‘papagaios’.

presumivelmente a mesma para todos, mas a interpretação que se dá à evidência será controlada (ou pelo menos fortemente influenciada) por suas pressuposições. Segue-se que todo erudito honesto deve declarar abertamente suas pressuposições. Deixar de fazê-lo é repreensível.¹ Para alguém que não declara seus pressupostos criticar outrem por fazê-lo é pior que perverso – fingir que ele mesmo não tem nenhum é depravado (bem, talvez apenas tenha levado lavagem cerebral e sido cegado).

Embora eu não esteja na classe de Burgon como estudioso (viver na selva amazônica com um povo indígena não permitia pesquisas acadêmicas), também tenho sido constantemente criticado por declarar abertamente minha crença de que Deus tanto inspirou como preservou o NT. É até alegado que tal crença torna impossível fazer um trabalho acadêmico objetivo. Bem, bem, bem, se um servo de Deus não pode fazer um trabalho acadêmico objetivo, então um servo de Satanás certamente também não pode fazê-lo. Então, em que base um servo de Satanás critica um servo de Deus? Ele o faz com base em seus pressupostos, sua epistemologia.

Um irmão que mora em Curitiba, capital do estado do Paraná, escreveu recentemente a introdução de um livro em português que estou em coautoria. Ele elogia meu trabalho do ponto de vista da epistemologia. Achei seu argumento tão interessante (inspirou este artigo) que pedi sua permissão para usá-lo aqui. Seu nome é Carlos Eduardo Rangel Xavier. Peça ao leitor que se concentre no argumento dele e não se distraia com os elogios.

O trabalho do Dr. Pickering dentro da crítica textual do NT (embora ele próprio não se considere um crítico textual²), especialmente no cotejo de manuscritos, é impressionante e incomparável. E, mais do que isso, sua teoria acerca da preservação do Novo Testamento por meio do grupo de manuscritos identificado por ele como Família 35 é dotada de uma solidez epistemológica, de um rigor metodológico e de um valor apologético igualmente impressionantes.

Do ponto de vista epistemológico e apologético, o trabalho dele parte da premissa pressuposicionalista de que Deus dirigiu à raça humana uma revelação escrita, e que não faria sentido que esta redação escrita não fosse preservada pela própria providência divina. Como todo

¹ Enquanto eu era estudante no seminário teológico, fomos ensinados que nunca devemos questionar os motivos de outra pessoa. Ora, ora, de onde você acha que essa ‘doutrina’ veio?

² É verdade. Eu me considero um estudante do texto; o Texto está acima de mim. Um crítico está acima do texto. Não tenho uma teoria de crítica textual; minha teoria é sobre a preservação do texto.

primeiro princípio epistemológico, este ponto deve ser pressuposto, e o Dr. Pickering sempre faz questão de, demonstrando muita honestidade intelectual, deixar suas pressuposições bastante claras.

Mas é na análise das evidências empíricas que reside o impressionante rigor metodológico da teoria do Dr. Pickering.

Fazendo questão de enfatizar que a teoria tem uma base epistemológica pressuposicionalista, vou todavia introduzir a consideração das evidências empíricas a partir de um eixo completamente diferente. Como consequência do impacto recente que autores como Alvin Plantinga e William Lane Craig têm desempenhado sobre meus estudos, usarei, a seguir, lógica modal para trabalhar em bases de uma apologética evidencialista.

Deixando bem claro, portanto, que as linhas que seguem dizem respeito exclusivamente a um trabalho de argumentação persuasiva de lógica modal que eu estou construindo aqui (e não à forma como o Dr. Pickering constrói diretamente seus argumentos), posso enunciar as seguintes premissas para argumentar acerca da preservação do Texto do Novo Testamento na Família 35.

- 1) É possível que Deus tenha dirigido uma revelação escrita à humanidade.
- 2) Se Deus nos dirigiu esta revelação, é razoável que ela tenha sido preservada.
- 3) A existência de um texto preservado confirma 1) e 2).
- 4) O único tipo de texto que, objetivamente, se encaixa em 3) é o da Família 35.

Crer que Deus existe é uma decisão de fé. Mas não mero fideísmo, uma vez que a fé cristã constitui, como já ensinou Alvin Platinga, uma crença avalizada e, assim, corresponde a conhecimento verdadeiro se o seu objeto de crença é verdadeiro. Os argumentos apologéticos tradicionais para a existência de Deus operam neste campo.

Por outro lado, a consideração histórica da pessoa de Jesus se relaciona com a questão da revelação, uma vez que todos os fatos básicos da fé cristã conduzem a Cristo como o ponto culminante do processo de autorrevelação de Deus na História.

Logo, se existe um Deus criador de todas as coisas, e se Ele decidiu se revelar a nós em Cristo, é perfeitamente razoável inferir que Ele também tenha deixado e preservado uma revelação escrita para nós.

Em outras palavras, a única premissa que se acrescenta por inferência aos fatos básicos da fé cristã é a preservação do Texto do Novo

Testamento. Ou seja, o teísmo trinitário do Dr. Pickering pressupõe não apenas o Deus criador, redentor e providente, mas agrega, por uma inferência racional simples, à Providência deste Deus a preservação do Texto do Novo Testamento.

De todo modo, é importante notar que, embora eu tenha remetido a prova de (1) à apologética tradicional, e que (2), adicionalmente, seja algo razoavelmente inferido a partir de (1), o fato é que, para fins de análise do argumento, a proposição (3) se segue a (1) e (2). Portanto, toda a validade do argumento depende apenas de provar (4); ou seja, que o texto da Família 35 é o único tipo de texto do Novo Testamento que pode, objetivamente, ser demonstrado como preservado. E é aqui que entra o trabalho de toda uma vida do Dr. Pickering.

É precisamente neste ponto, da demonstração da proposição (4), que o trabalho do Dr. Pickering deixa de ser apenas pressuposicionalista e passa a ser empírico, considerando as evidências de forma objetiva, algo que qualquer cientista contemporâneo de respeito procura fazer.

Ou seja, a demonstração da antiguidade e da independência do texto de Família 35 é feita a partir de argumentos objetivos e da comparação das evidências (quer dizer, de todos os manuscritos conhecidos). Nesse aspecto, também, o trabalho do Dr. Pickering é incomparável.

Aproveitando a correlação com a apologética, posso articular que o trabalho do Dr. Pickering com as evidências segue, assim como a apologética cristã, uma linha defensiva e uma linha ofensiva.

Do ponto de vista defensivo, o trabalho consiste em, seguindo a tradição iniciada por John Burgon, apontar para as incoerências dos postulados subjetivos da teoria eclética e demonstrar, objetivamente, a qualidade inferior dos manuscritos mais antigos.

Do ponto de vista ofensivo (no sentido de positivo, propositivo), o trabalho do Dr. Pickering consiste em considerar as possíveis linhas de transmissão do texto e analisar objetivamente as evidências disponíveis – ou seja, os manuscritos. A conclusão a que chega é que o único arquétipo objetivamente demonstrável para o texto de todo o Novo Testamento é a Família 35. [É certamente o único que foi demonstrado até agora.]

Obrigado, Professor Carlos! Qualquer um que lide de forma justa com meu trabalho¹ sabe que não uso argumentos sobrenaturais ou teológicos para

¹ Visto que Satanás obriga seus servos a prevaricar, não espero ser tratado com justiça por eles.

defender a preservação divina do texto do NT. Minha afirmação de que a Família 35 preserva a redação original é baseada inteiramente em evidências empíricas, e dedução lógica baseada nessas evidências. Se eu uso a providência divina, é apenas para explicar os fatos, não para chegar a eles. A única maneira de explicar o caráter interno da Família 35 é entender que Deus estava preservando Seu Texto.

Insisto que não sou um empirista puro. Meu trabalho está ancorado em uma premissa transcendental. Meu cotejamento de MSS forneceu a comprovação empírica da premissa. Não uso a premissa para chegar aos fatos; chego aos fatos empiricamente. Utilizo a premissa para explicar os fatos, uma vez determinados empiricamente. **A minha epistemologia é baseada na pessoa e na obra do Soberano Jesus.**¹

A Datação de **K^r** (**f³⁵**) Revisitada

Quando Hermann von Soden identificou **K^r** e a declarou ser uma revisão de **K^x** feita no século XII, ele prestou um considerável malefício à Verdade e àqueles que tem interesse em identificar a redação original do NT. Esta seção argumenta que se Von Soden tivesse realmente prestado atenção às evidências disponíveis em seus dias, ele não poderia ter perpetrado tal injustiça.

Aqueles que estão familiarizados com o meu trabalho sabem que eu comecei usando **f¹⁸** em vez de **K^r**, porque o minúsculo 18 é o membro da família com o menor número. Depois mudei para **f³⁵** pelas seguintes razões: 1) embora o minúsculo 18 seja às vezes um representante mais puro do tipo de texto que o minúsculo 35, no Apocalipse o 18 desvia para outro tipo, enquanto 35 permanece fiel [ambos MSS contêm todo o NT]; 2) enquanto o 18 é datado ao século XIV, o 35 é datado ao século XI, desmentindo, assim, por si só, o dito de Von Soden que o **K^r** foi criado no século XII. Além disso, se 35 é uma cópia, não uma nova criação, então seu exemplar teria de ser mais antigo, e assim por diante.

Depois de fazer um cotejo completa de 1.389 MSS que contêm a *Pericope Adulterae* inteira (havia alguns outros que certamente contêm a *pericope*, mas não puderam ser cotejados porque o microfilme estava ilegível), Maurice Robinson concluiu:

¹ Hebreus 1.10, João 1.10 e Colossenses 1.16 deixam claro que das três Pessoas que compõem a Divindade, Jeová Filho foi o agente primário na criação de nosso planeta e nossa raça. Portanto, Ele é a Fonte de todo o verdadeiro conhecimento relativo à vida neste planeta, como Colossenses 2.3 declara claramente: “em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento”.

Com base nos dados cotejados, o presente escritor é forçado a inverter as suas suposições anteriores em relação ao desenvolvimento e restauração / preservação da forma textual bizantina neste sentido: embora a própria transmissão textual seja um processo, parece que, na maior parte, as linhas de transmissão permaneceram separadas, com relativamente pouca mistura ocorrendo ou se tornando perpetuado....

Certamente, todos os tipos de texto da PA são distintos e refletem uma longa linha de transmissão e preservação em suas integridades separadas.

Assim, parece que os MSS bizantinos minúsculos preservam linhas de transmissão que não são apenas independentes, mas que necessariamente tiveram sua origem em um tempo bem anterior ao século IX.¹

Muito bem. Se **K^r** (**M⁷**) foi preservado em sua "integridade separada" durante "uma longa linha de transmissão", então ele teria que ter sua origem "em um tempo bem anterior ao século IX". Além do testemunho do 35, os cotejos de Robinson demonstram que o minúsculo 1166 e o lecionário 139, ambos do século X, refletem **K^r**. Se são cópias, não novas criações, então seus exemplares precisam ser mais antigos, e assim por diante. Sem acrescentar qualquer evidência adicional, parece justo dizer que **K^r** deve ter existido já no século IX, se não no VIII.

Durante anos, com base na série *Text und Textwert*, tenho insistido que **K^r** é tanto antigo como independente. Robinson pareceria concordar. "A falta de larga comparação-cruzada e correção demonstrada nos MSS conhecidos contendo a PA impede o fácil desenvolvimento de qualquer forma existente do texto da PA a partir de qualquer outra forma do texto da PA durante pelo

¹ "Preliminary Observations regarding the *Pericope Adulterae* based upon Fresh Collations of nearly all Continuous-Text Manuscripts and over One Hundred Lectionaries", apresentado ao Evangelical Theological Society, nov., 1998, pp. 12-13. Contudo, já recebi a seguinte clarificação de Maurice Robinson: "Eu reivindicaria que, se meu nome for citado no que diz respeito a teus diversos artigos sobre **K^r** ou **M⁷**, você deixe claro que eu não concordo com a sua avaliação de **K^r** ou **M⁷**. Digo isto particularmente a respeito do artigo, "Preliminary Considerations regarding the *Pericope Adulterae*"; não deve ser usado para sugerir que eu considere a linha **M⁷** ou texto **K^r** como sendo antigos. Isto seria bem errôneo, já que eu sustento, junto com quase todos os outros, que **K^r** / **M⁷** são de fato textos recentes, que refletem atividade de revisão que começou, grosso modo, no século XII (talvez com exemplares de base do século XI, mas nada mais antigo)." [Bem, pressupondo que ele foi sincero quando escreveu aquele artigo, fico a indagar que evidência nova ele viu que levou ele a mudar de ideia – as colocações dele lá são mais do que claras. Além disso, eu mesmo tive em mãos uma cópia dos cotejos dele durante dois meses, e gastei a maior parte daquele tempo analisando-os; não vi motivo algum para duvidar das conclusões dele naquele artigo de novembro, 1998.]

menos a era do velino.”¹ “A era do velino” – isso não nos leva de volta ao século IV, pelo menos? Na realidade, sim. Considere:

- Atos 4.34 — τις ην **K^r** SA (~21 B) [**K^r** é independente, e tanto **K^r** como **K^x** são do IV século]
 τις υπηρχεν **K^x** P⁸D
- Atos 15.7 — εν υμιν **K^r** SABC, it^m [**K^r** é independente, e tanto **K^r** como **K^x** são antigos]
 εν ημιν **K^x** (D)lat
- Atos 19.3 — ειπεν τε **K^r** B(D) [**K^r** é independente, e tanto **K^r** como **K^x** são antigos]
 ο δε ειπεν SA(P³⁸)bo
 ειπεν τε προς αυτους **K^x** sy^p,sa
- Atos 21.8 — ηλθομεν **K^r** SAC(B)lat,syr,cop [**K^r** é mais antigo que **K^x**, muito antigo]
 οι περι τον παυλον ηλθον **K^x**
- Atos 23.20 — μελλοντες (33.1%) **K^r** lat,syr,sa [**K^r** é independente e muito antigo; não há **K^x**]
 μελλοντα (27.2%) {HF,RP}
 μελλοντων (17.4%)
 μελλων (9.2%) AB,bo
 μελλον (7.5%) {NU} S
 μελλοντας (5.4%)
- Rom. 5.1 — εχωμεν (43%) **K^r** K^{x(1/3)} S ABCD, lat, bo [teria parte de **K^x** assimilado a **K^r**?]
 εχομεν (57%) **K^{x(2/3)}**
- Rom. 16.6 — εις υμας **K^r** P⁴⁶ S ABC [**K^r** é independente e muito antigo, século II/III]
 εις ημας **K^x**
 εν υμιν D
- 2 Cor. 1.15 — προς υμας ελθειν το προτερον **K^r** [**K^r** é independente!]
 προς υμας ελθειν S
 προτερον προς υμας ελθειν ABC
 προτερον ελθειν προς υμας D, lat
 ελθειν προς υμας το προτερον **K^x**
- 2 Cor. 2.17 — λοιποι **K^r** K^{x(p)} P⁴⁶ D, syr [**K^r** é muito antigo, século II/III]
 πολλοι **K^{x(p)}** S ABC, lat, cop
- Tiago 1.23 — νομου **K^r** [**K^r** é independente]²
 λογου **K^x** S ABC
- Tiago 2.3 — την λαμπραν εσθητα **K^r** [**K^r** é independente]
 την εσθητα την λαμπραν **K^x** S ABC
- Tiago 2.4 — — ου **K^r** S ABC [**K^r** é independente e antigo]
 και ου **K^x**
- Tiago 2.8 — σεαυτον **K^r** S ABC [**K^r** é independente e antigo]
 εαυτον **K^x**
- Tiago 2.14 — εχει **K^r** [**K^r** é independente]
 εχη **K^x** S ABC
- Tiago 3.2 — δυναμενος **K^r** S [**K^r** é independente e antigo]
 δυνατος **K^x** AB

¹ *Ibid.*, p. 13.

² Para os exemplos em Tiago consultei *Editio Critica Maior* também.

- Tiago 3.4 — ἰθυνοντος **K^r** [**K^r** é independente; uma grafia clássica rara]
 ευθυνοντος **K^x** ∓ ABC
- Tiago 4.11 — ο γαρ **K^r** [**K^r** é independente]
 ο — **K^x** ∓ AB
- Tiago 4.14 — ημων **K^r** [**K^r** é independente]
 υμων **K^x** ∓ A(P¹⁰⁰B)
- Tiago 4.14 — επειτα **K^r** [**K^r** é independente]
 επειτα και ∓ AB
 επειτα δε και **K^x**
- 1 Ped. 3.16 — καταλαουσιν **K^r** ∓ AC, sy^p, bo [**K^r** é independente e antigo]
 καταλαωσιν **K^x**
 καταλαλεισθε P⁷²B, sa
- 1 Ped. 4.3 — υμιν **K^r** ∓ bo [**K^r** é independente e antigo]
 ημιν **K^x** C
 (omitir) P⁷²AB, lat, syr, sa
- 2 Ped. 2.17 — εις αιωνας **K^r** [**K^r** é independente]
 εις αιωνα **K^x** AC
 (omitir) P⁷² ∓ B, lat, syr, cop
- 3 João 12 — οιδαμεν **K^r** [**K^r** é independente]
 οιδατε **K^x**
 οιδας ∓ ABC

Então, que conclusões podemos tirar dessa evidência? **K^r** é independente de **K^x** e ambos são antigos, datando pelo menos ao século IV.¹ Alguns dos exemplos poderiam ser interpretados como significando que **K^r** é mais antigo que **K^x**, datando ao século III e até mesmo ao século II, mas deixarei essa possibilidade em banho-maria e observarei mais algumas evidências. Os exemplos a seguir são baseados em *Text und Textwert* e no IGNTP *Luke*.

- Lucas 1.55 — εως αιωνος **K^r** C [**K^r** é independente e do século V]
 εις τον αιωνα **K^x** ∓ AB
- Lucas 1.63 — εσται **K^r** C [**K^r** é independente e do século V]
 εστιν **K^x** ∓ AB
- Lucas 3.12 — υλ αυτου και **K^r** C [**K^r** é independente e do século V]
 — — και **K^x** ∓ ABD
- Lucas 4.7 — σοι **K^r** [**K^r** é independente]

¹ Alguém talvez objete que as leituras são antigas, mas não os tipos de texto; mas se um tipo de texto é claramente independente, e o sortimento de testemunhas antigas que o sustentam varia constantemente, então ele tem leituras antigas porque ele próprio é antigo. E no caso de **K^r** existem muitas centenas de jogos de variantes onde a sua leitura tem atestação antiga concreta. (Lembrar que o **M** de Aland e o **K** de Soden incluem **K^r** – o coitado do tipo de texto em si não deve ser responsabilizado pela maneira em que eruditos modernos o tratam.) Se é possível demonstrar objetivamente que um tipo de texto tem centenas de leituras antigas, mas não é possível demonstrar objetivamente que tem quaisquer leituras recentes, com que base pode alguém declarar que esse tipo é recente?

- σου **K^x NAB**
- Lucas 4.42 — εζητουν **K^r** [**K^r** é independente]
επεζητουν **K^x NABCD**
- Lucas 5.1 — περι **K^r** [**K^r** é independente]
παρα **K^x P⁷⁵ NABC**
- Lucas 5.19 — ευροντες δια **K^r** [**K^r** é independente]
ευροντες — **K^x NABCD**
- Lucas 5.19 — πως **K^r** [**K^r** é independente]
ποιας **K^x NABC**
- Lucas 6.7 — — τω **K^r D** [**K^r** é independente e do século **V**]
εν τω **K^x NAB**
- Lucas 6.10 — ουτως και **K^r** [**K^r** é independente]
— και **K^x NABD**
- Lucas 6.26 — καλωσ ειπωσιν υμας **K^r N A** [**K^r** é independente e do século **IV**]
καλωσ υμας ειπωσιν **K^x D**
υμας καλωσ ειπωσιν **P⁷⁵ B**
- Lucas 6.26 — παντες οι **K^r P⁷⁵ AB(N)** [**K^r** é independente e do começo do século **III**]
— οι **K^x D, syr**
- Lucas 6.49 — την οικιαν **K^r P⁷⁵** [**K^r** é independente e do começo do século **III**]
— οικιαν **K^x NABC**
- Lucas 8.15 — ταυτα λεγων εφωναει ο εχων ωτα ακουειν ακουετω **K^r** [**K^r** é independente]
(omitir) **K^x NABD**
- Lucas 8.24 — και προσελθοντες **K^r** [**K^r** é independente]
προσελθοντες και **K^x NABD**
- Lucas 9.27 — εστηκοτων **K^r NB** [**K^r** é independente e do século **IV**]
εστωτων **K^x ACD**
- Lucas 9.56 — (têm o verso) **K^r K^x lat, syr, Diat, Marcion** [tanto **K^r** como **K^x** são do século **II**]
(omitem o verso) **P^{45,75} NABCDW, cop**
- Lucas 10.4 — πηραν μη **K^r P⁷⁵ NBD** [**K^r** é independente e do começo do século **III**]
πηραν μηδε **K^x AC**
- Lucas 10.6 — εαν μεν **K^r** [**K^r** é independente]
εαν — **K^x P⁷⁵ NABCD**
- Lucas 10.39 — των λογων **K^r** [**K^r** é independente]
τον λογον **K^x P^{45,75} NABC**
- Lucas 10.41 — ο Ιησους ειπεν αυτη **K^r D** [**K^r** é independente e do século **V**]
ο Κυριος ειπεν αυτη **P⁴⁵** [a sequéncia das palavras é do século **III**]
ειπεν αυτη ο Ιησους **K^x ACW, syr, bo**
ειπεν αυτη ο Κυριος **P⁷⁵ NB, lat, sa**
- Lucas 11.34 — — ολον **K^r CD** [**K^r** é independente e do século **V**]
και ολον **K^x P^{45,75} NAB**
- Lucas 11.53 — συνεχειν **K^r** [**K^r** é independente!]
ενεχειν **K^x P⁷⁵ NAB**
εχειν **P⁴⁵ D**
επεχειν **C**
- Lucas 12.22 — λεγω υμιν **K^r P⁷⁵ NBD, lat** [**K^r** é independente e do século **II**]
υμιν λεγω **K^x AW**
- Lucas 12.56 — του ουρανου και της γης **K^r P^{45,75} D** [**K^r** é independente e do século **III**]
της γης και του ουρανου **K^x NAB**

Lucas 12.58 — βαλη σε σε βαλη	K^r (D) [K^r é independente] K^x A(P ⁷⁵ SB)
Lucas 13.28 — οψεσθε οψησθε ιδητε	K^r BD [K^r é independente e do século IV] K^x P ⁷⁵ AW S
Lucas 19.23 — επι την επι —	K^r [K^r é independente] K^x SABD
Lucas 21.6 — επι λιθον επι λιθω	K^r [K^r é independente] K^x SAB
Lucas 21.15 — αντειπειν η αντιστηναι αντειπειν ουδε αντιστηναι — — αντιστηναι αντιστηναι η αντειπειν	K^r A [K^r é independente e do século V] K^x W D,it,syr SB,cop
Lucas 22.12 — αναγαιον αναγεον ανωγεον	K^r SABD [K^r é independente e do século IV] CW K^x
Lucas 22.66 — απηγαγον ανηγαγον	K^r P ⁷⁵ SBD [K^r é independente e do começo do século III] K^x AW
Lucas 23.51 — ος — ος και	K^r P ⁷⁵ SBCD,lat [K^r é independente e do século II] K^x AW

Há um bom número de outros exemplos em que **K^r** está sozinho contra o mundo, mostrando sua independência, mas eu me cansei, decidindo que eu já havia incluído o suficiente para defender a afirmação. Notar que N-A²⁷ menciona apenas um terço desses exemplos de Lucas – ser desprezado é ser ignorado. Esta evidência a mais confirma que **K^r** é independente de **K^x** e que ambos são antigos, só que agora ambos têm que datar ao século **III**, pelo menos.

Será observado que eu forneci exemplos dos Evangelhos (Lucas, João), Atos, Paulo (Romanos, 2 Coríntios), e as Epístolas Gerais (Tiago, 1 Pedro, 2 Pedro, 3 João), com ênfase em Lucas, Atos e Tiago.¹ Ao longo do Novo Testamento, **K^r** é independente e antigo. Datando ao século **III**, ele é tão antigo quanto qualquer outro tipo de texto. Portanto, **deve ser tratado com o respeito que ele merece!!**

Eu já citei Maurice Robinson duas vezes e mostrei que a evidência sustenta suas afirmações. Tanto **K^r** como **K^x** datam ao começo da era velina. Mas ele faz uma afirmação adicional que é ainda mais ousada:

Nem os unciais, nem os minúsculos mostram qualquer indicação de qualquer linha conhecida derivando de uma linha paralela conhecida. As cerca de 10 linhas de transmissão de "tipo de texto" permanecem independentes e devem necessariamente se estender até um ponto muito antes de ocorrerem suas estabilizações separadas – um ponto que parece

¹ Além disso, tenho pelo menos uma página de exemplos em Apocalipse que confirmam que **K^r** (**M^c**) é independente e do século **III** nesse livro também.

remontar (como Colwell e Scrivener sugeriram) para bem dentro do segundo século.¹

Ora, ora, ora, estamos chegando bem perto dos Autógrafos! Evidência objetiva do século II é um pouco difícil de se obter. Contudo, os exemplos tirados acima de Atos 21.8, Atos 23.20, Romanos 5.1, Lucas 9.56, Lucas 12.22 e Lucas 23.51 talvez coloquem **K^r** (e **K^x**) no século II. No entanto, não é o propósito desta seção defender essa tese. Por enquanto, contente-me em insistir que **K^r** deve datar ao século III e, portanto, tem de ser reabilitado na prática da crítica textual do NT.

Concluindo, afirmo ter demonstrado que **K^r** é independente e antigo, datando ao século III (pelo menos). Mas há um desdém, uma antipatia arraigada em relação a esse símbolo, e por isso já propus um novo nome para esse tipo de texto. Devemos substituir **K^r** por **f³⁵** – é mais objetivo e se afastará do preconceito que se prende a **K^r**.

Já que critiquei a datação de **K^r** por von Soden, pergunto agora: o que o levou a essa conclusão, e por que sua conclusão é quase universalmente aceita pela comunidade acadêmica? Eu respondo: o número de MSS do tipo **K^r** se torna notório precisamente no século XII, embora haja alguns do XI. Esse número cresce no XIII e cresce um pouco mais no XIV, chamando atenção para si mesmo. Aqueles que já haviam abraçado a doutrina de Hort de um texto "sírio" tardio, não veriam motivo para questionar a afirmação de Soden, e não teriam nenhuma inclinação ou motivação para 'desperdiçar' tempo checando-a. Se o próprio von Soden tinha abraçado a doutrina de Hort, então ele estava cego quanto à evidência.

Aqueles que catalogam MSS do NT nos informam que os séculos XII e XIII lideram a turma, em termos de MSS conhecidos, seguidos dos séculos XIV, XI, XV, XVI e X, respectivamente. Há mais de quatro vezes mais MSS do XIII que do X, mas obviamente o grego koinê teria sido uma língua mais viva no X do que no XIII, e assim teria havido mais procura e, portanto, mais oferta. Em outras palavras, muitas centenas de MSS realmente puros do século X pereceram. Uma porcentagem maior dos MSS realmente bons produzidos no século XIV sobreviveu do que os produzidos no século XI; e assim por diante. É por isso que existe um nível progressivo de concordância entre os MSS bizantinos, havendo maior percentual de concordância no XIV que no X. Mas se tivéssemos vivido no X e feito um amplo levantamento dos MSS, teríamos encontrado quase o mesmo nível de concordância (talvez 98%). O mesmo acontece se tivéssemos vivido no século VIII, VI, IV ou II. Em outras palavras, OS MSS SOBREVIVENTES

¹ *Ibid.*

DOS PRIMEIROS DEZ SÉCULOS NÃO SÃO REPRESENTATIVOS DO VERDADEIRO ESTADO DE COISAS NO SEU TEMPO.

Sobre ‘Padrão’ e ‘Dependência’

Quando 100% dos MSS conhecidos estão de acordo, o padrão e a dependência entre os MSS é total, ou completo. Já que **TODOS** os MSS receberam influência comum a partir do Texto Original, são as divergências que exigem atenção especial.

Quando 100% dos MSS conhecidos estão de acordo, não pode existir dúvida razoável quanto à redação original. Isto provavelmente diga respeito a pelo menos 50% das palavras do NT. Quanto a muitas outras palavras, apenas um MS discorda – chamamos isso de leitura ‘singular’. Eu concordo com E.C. Colwell quando ele declarou que toda e qualquer leitura singular deve ser excluída de consideração, rigorosamente¹ – mesmo quando uma dada leitura não é um erro óbvio. É simplesmente desarrazoado imaginar que um MS solitário possa estar certo contra 1.700 nos Evangelhos, ou contra 700 em Paulo. Quando todas as linhas de transmissão estão de acordo, elas certamente refletem a leitura Original. Se o MS que contém uma variante singular pertence a uma linha de transmissão, essa variante não pode estar certa (é interna a essa linha).

MSS que são tão discrepantes individualmente que não podem ser agrupados, não pertencem a nenhuma linha de transmissão. Qualquer leitura singular que eles apresentam não pode estar certa. O número de MSS do NT é tão vasto que qualquer MS discrepante foi meramente a propriedade particular de alguém: é irrelevante para a história da transmissão do Texto.

Quando dois MSS, ou mais, concordam numa divergência, devemos fazer pelo menos três perguntas: 1) Foram produzidos no mesmo lugar? 2) É um erro de copiar fácil que copistas diferentes poderiam fazer independentemente? 3) Pertencem eles à mesma linha de transmissão? Quando dois MSS, ou mais, compartilham algumas variantes em comum, é provável existir alguma dependência: eles compartilham uma influência comum de algum tipo. O alcance de tal influência exige avaliação.

Colwell opinou que dois MSS deveriam concordar pelo menos 70% das vezes, havendo variação, para serem classificados como representantes da

¹ "External Evidence and New Testament Criticism", *Studies in the History of the Text of the New Testament*, ed. B.L. Daniels and M.J. Suggs (Salt Lake City: University of Utah Press, 1967), p. 8.

mesma família¹ [eu exigiria 80%]. Sendo que os códices Aleph e B concordam menos que 70% das vezes, eles caem abaixo do piso de Colwell. Dito isso, no entanto, não há como negar que aqueles dois MSS sofreram uma contaminação em comum, acompanhados, em graus diferentes, pelos códices A, C, D e W. Essa contaminação em comum teria de ter uma fonte; aonde? Dentro da disciplina da crítica textual do NT, essa contaminação em comum se chama de tipo de texto ‘alexandrino’. Sendo que a Alexandria se situa no Egito, esse tipo de texto é também chamado de ‘egípcio’. Cada um dos seis códices mencionados acima traz um aglomerado distinto de variantes; cada um é um tanto diferente de todos os outros. Já que nenhum deles tem pais ou filhos (que saibamos), eles são produções individuais, cópias fabricadas. Não temos como saber o que motivou cada um dos copistas que produziram essas cópias fabricadas. Contudo, a nossa ignorância a esse respeito não altera a natureza dessas cópias fabricadas.

Após eu ter divulgado uma versão anterior deste artigo, o Dr. Michael C. Loehrer me enviou algumas ideias sobre como produzir um ‘tipo de texto’ sem um arquétipo:

Embora não possamos *saber* o que motivou os copistas a introduzir variações fabricadas no texto, podemos conjecturar o que os motivou a partir do lugar onde viviam e daquilo que criam. Eles viviam no Egito e detinham crenças gnósticas num mundo greco-romano. No mundo deles, uma mistura de crenças demonstrava respeito mútuo e uma disposição para promover paz, um de seus valores mais elevados. Judeus e cristãos criam que tal mistura diluía ou comprometia verdade absoluta. Gnósticos egípcios faziam por aonde melhorar um texto imperfeito. Judeus e cristãos criam que começaram com um texto perfeito. Portanto, judeus e cristãos procuravam fazer cópias fieis a seu exemplar. Gnósticos egípcios procuravam melhorar seu exemplar. Essas conclusões se baseiam em várias linhas de raciocínio:

- 1) No império romano não havia leis que protegiam direitos autorais, de sorte que no momento que um texto foi entregue ao público ficava vulnerável a alteração livre – qualquer um poderia fazer alterações.
- 2) Copistas gnósticos introduziam mudanças propositais porque criam que eles estavam melhorando um texto imperfeito (partiam da pressuposição de que todos textos eram imperfeitos, por serem de produção humana).
- 3) Eles não criam que autoria divina e inerrância fossem possíveis num mundo material (a perfeição só existia no mundo imaterial).

¹ “The Significance of Grouping of New Testament Manuscripts,” *New Testament Studies*, IV (1957-1958).

- 4) Eles criam que eles detinham conhecimento especial, e com isso eles tinham uma obrigação de fazer por aonde aprimorar.
- 5) Eles criam que eles eram superiores (acadêmica e religiosamente) ao povo comum, os que tinham provido cópias inferiores previamente.

Com isso, um tipo de texto egípcio mal definido foi produzido sem arquétipo por gnósticos egípcios que tinham uma cosmovisão muito diferente da dos judeus e cristãos que produziram o texto original. [Entendo que essas ponderações merecem consideração.]

Há muitos anos, Colwell demonstrou que é impossível definir uma forma arquetípica para o tipo de texto ‘alexandrino’, assim dito, baseado no voto dos MSS participantes.¹ **Um tipo de texto sem um arquétipo é uma ficção.** Isso dito, no entanto, a contaminação em comum atribuída à Alexandria não é uma ficção. Antes de morrer, Kurt Aland, aquele grande campeão do texto ‘egípcio’, escreveu que em 200 d.C. a presença e a influência gnósticas no Egito eram tão maciçamente difundidas que os manuscritos no Egito não eram confiáveis!² Ele escreveu também que naquele tempo o uso de grego no Egito estava se acabando.³ (Com que base, então, afirmava ele que o texto ‘egípcio’ era o melhor?)

Baseado nas evidências objetivas disponíveis a nós, eu diria que a produção de MSS na Alexandria e arredores nunca passou de um remanso estagnado à margem do grande rio da transmissão do NT. Os MSS sobreviventes, supostamente produzidos naquela região, são tão discrepantes, individualmente, que não perfazem uma linha de transmissão. Já que temos os nomes de pelo menos onze ‘denominações’ gnósticas no Egito em 200 d.C., certamente não faltavam cópias fabricadas entre eles. A antiguidade de uma cópia fabricada não altera o fato de ser ela uma cópia fabricada! Uma cópia fabricada é irrelevante para a história da transmissão do Texto.

Frederik Wisse cotejou e comparou 1.386 MSS para Lucas 1, 10 e 20 (três capítulos inteiros); ele reduziu esses MSS a 37 grupos (famílias), além de 89 MSS tão discrepantes que não podiam ser agrupados.⁴ Sucede que 36 dos 37 ficam dentro do largo rio bizantino de transmissão. Ele identificou

¹ Colwell, "The Significance of Grouping of New Testament Manuscripts", *New Testament Studies*, IV (1957-1958), 86-87.

² "The Text of the Church?", *Trinity Journal*, 1987, 8NS:138.

³ K. and B. Aland, *The Text of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1981), pp. 52-53.

⁴ *The Profile Method for the Classification and Evaluation of Manuscript Evidence* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982).

70 subgrupos dentre os 36, transparecendo que ele se julgou capaz de definir tais relacionamentos, baseado nos perfis. O grupo 37 é o ‘alexandrino’, ao qual ele designou exatamente 10 MSS para os três capítulos – 10 entre 1.386, justamente o que poderíamos esperar de um remanso estagnado. Wisse utilizou padrão e dependência.

Herman C. Hoskier cotejou uns 220 MSS para o Apocalipse inteiro, e os distribuiu entre nove famílias, ou grupos, baseado nas suas afinidades.¹ Para o propósito da discussão que segue, vou designar esses grupos com letras: **a** até **i**. O aparato crítico de meu Texto grego (Família 35) para o Apocalipse, baseado nos cotejos de Hoskier, trata uns 954 jogos de variantes. Fiz uma contagem rápida de todas as divisões internas nos nove grupos, como apresentadas no meu aparato (para meu propósito aqui, exatidão não é necessária). Agora alisto as famílias pela ordem decrescente de número de divisões:

e—495

i—424

h—412

a—268

g—191

d—163

b—135

f—104

c—20

O total é de 2.212, o que dá uma média de 2,3 por jogo de variantes! Por estranho que possa parecer, apesar de toda a confusão, cada um dos grupos tem leituras particulares em número suficiente para permitir identificação. Os primeiros três apresentam divisão em torno de metade das vezes; deve ter havido bastante comparação e mistura. O grupo **a** é de longe o maior, e Hoskier identificou cinco subgrupos dentro dele, de sorte que o número elevado não deve nos surpreender. O número para o último, **c**, é muito pequeno, comparado com os outros. Acontece que o grupo **c** é a minha Família 35, e talvez seja o segundo em tamanho. Quero analisar a questão: o que padrão e dependência nos dizem a respeito das evidências já apresentadas?

Mas primeiro, quero analisar as divisões da Família 35. Existem onze números que podem ser tanto escritos por inteiro ou representados pelas

¹ *Concerning the Text of the Apocalypse*, 2 vols. (London: Bernard Quaritch, 1929).

letras correspondentes; como são duas maneiras de dizer a mesma coisa, não são variantes, e não os alistei. Nove são grafias alternadas da mesma palavra; alistei eles, sim, mas não são propriamente variantes (para oito delas a diferença é de uma letra, e a outra é ditongo). Isso deixa onze variantes de fato, cinco das quais envolvem só uma letra, e três um ditongo; apenas uma envolve mais que duas letras. Enfim, a família 35 é muito sólida (internamente coerente), muito mais do que quaisquer dos outros grupos. As variantes de fato envolvem apenas 19 letras para todo o livro de Apocalipse – impressionante!

O que nos dizem padrão e dependência a respeito das evidências apresentadas acima? Começo com os postulados seguintes:

- 1) Quando 100% dos MSS conhecidos concordam, o padrão e a dependência entre os MSS são totais.
- 2) Todos os MSS receberam influência comum do Texto original.
- 3) Todas as variantes singulares devem ser excluídas de consideração, rigorosamente.
- 4) Qualquer MS idiossincrásico simplesmente foi a propriedade particular de alguém, uma cópia fabricada; é irrelevante para a história da transmissão do Texto.
- 5) Fragmentos não preservam uma quantidade suficiente de texto para permitir classificação, e assim como os MSS idiossincrásicos, são irrelevantes para a história da transmissão do Texto.¹

Já que todos os MSS conhecidos dos primeiros cinco séculos (para o Apocalipse) são ou fragmentos ou idiossincrásicos, vou limitar a minha análise às linhas de transmissão.

Para começar, Hoskier utilizou padrão e dependência para identificar seus nove grupos. Mas obviamente eles todos não podem representar a redação original, exceto quando todos concordam. Será que os nove grupos são independentes, ou podem alguns dos grupos serem agrupados? Verifiquei o meu aparato crítico e alistei todas as combinações diferentes entre os nove grupos, junto com o número de vezes que cada combinação ocorreu (combinação de dois grupos, ou mais). Encontrei **238** combinações diferentes!! Alistei somente grupos inteiros (não as divisões) exceto que tomei 2/3 ou mais como representando o grupo completo. Devido à

¹ Contudo, tanto fragmentos como MSS discrepantes demonstram que quaisquer variantes que eles contêm existiram no tempo em que foram produzidos. Eles demonstram existência, não valor.

quantidade exagerada de confusão, as estatísticas que ofereço não passam de uma aproximação aproximada, mas elas são boas o suficiente para permitir conclusões defensáveis. Contudo, 96 das combinações ocorrem só uma vez, e outras 42 só duas, de sorte que não as incluí no quadro que segue. Mas isso ainda deixa cem!

É um prazer notar que o recente *Text und Textwert* para o apocalipse (2017) reconhece o texto ‘*Complutensian*’ deles como sendo uma linha independente de transmissão, fazendo companhia aos seus textos ‘*Koinê*’ e ‘*Andreas*’, assim chamados. O *Complutensian* deles é a minha família 35; corresponde ao grupo **c** abaixo. O *Koinê* deles corresponde aos grupos **a, b, f, g, i** abaixo. O *Andreas* deles corresponde aos grupos **d, e, h** abaixo – bem, isto é, segundo a minha avaliação. Como podem ver a seguir, há bastante ‘promiscuidade’, os grupos se movimentam, uns mais que outros. O caso mais difícil é de **h**, que acompanha *Koinê* quase o mesmo tanto que acompanha *Andreas*.

Baseado na minha análise de Hoskier, os grupos têm o tamanho que segue: **a** é representado por 65 MSS; **b** por 10; **c** por 33;¹ **d** por 15; **e** por 31; **f** por 11; **g** por 9; **h** por 13; **i** por 11. (**a** sozinho é maior que **b, f, g, i** juntos.) (**d** é menor que **e**, mas **e** é de longe o grupo mais fragmentado.)² Sendo que considero que o grupo **c** é o denominador comum, o coloco primeiro; **a** lidera o *Koinê* e **d** o *Andreas*. Só alisto combinações; cada grupo ocorre sozinho também.

ca—10	cbdeg—5	ab—3	bd—9
cabdfgi—15	cbdegh—11	abdefghi—11	bde—12
cabdfi—3	cbdeh—6	abdfghi—10	bdeh—12
cabefgi—4	cbdfhi—3	abdfgi—4	bdf—4
cabf—5	cbefghi—3	abdfh—3	bdh—3
cabfg—8	cbegh—4	abefghi—4	be—7
cabfghi—28	cd—22	abefhi—3	beh—4
cabfgi—47	cde—49	abf—23	bf—4
cabfhi—7	cdef—13	abfg—15	bg—3

¹ Eu já acrescentei 10 MSS aos 33, baseado na pesquisa que eu mesmo fiz no INTF (Münster, Alemanha). Dos 43, um é um mero fragmento, mas ele contém a primeira leitura diagnóstica da família.

² Eu devo mencionar que Hoskier cotejou outros 14 MSS que eu não incluí nos nove grupos (por motivos variados). Se esses não pertencem a nenhuma linha de transmissão, nem compõem juntos um grupo separado, são irrelevantes.

cabfi—13	cdefghi—3	abfgh—3	bh—5
cabghi—3	cdefhi—3	abfghi—20	
cadfghi—4	cdeg—11	abfgi—33	de—52
cadfgi—5	cdegh—14	abfh—4	def—8
caf—9	cdeghi—4	abfhi—8	deg—5
cafg—6	cdeh—32	abfi—17	degh—8
cafgh—5	cdehi—7	abgh—3	deh—25
cafgi—24	cdg—3	af—19	dei—3
cafhi—3	cdh—7	afg—15	df—6
cafi—5	ce—10	afghi—9	dg—3
cag—4	cef—4	afgi—7	dh—19
caghi—6	ceg—3	afh—5	
cb—5	ceh—5	afhi—3	eg—5
cbd—4	cf—4	afi—14	egh—3
cbde—15	cg—5	ag—19	eh—11
cbdefghi—3	ch—3	agh—5	
cbdefhi—6		agi—3	gh—4

Favor de lembrar que não alistei 138 combinações outras que ocorrem só uma vez ou duas. A quantidade de mistura é atordoadora. Apesar de tudo isso, durante os últimos 80 anos, pelo menos, prevalece dentro da disciplina a ‘verdade falaz’ de que o grupo *Complutensian* seria um composto baseado nos grupos *Koinê* e *Andreas*. Mas será que essa ideia ‘bate’ com as evidências apresentadas? **c** ocorre em nada menos que 129 combinações com outros grupos, sem falar das vezes que fica sozinho. Contudo, raramente fica totalmente só; um apanhado aleatório de outros MSS o acompanham; mas a lista de tais MSS é sempre diferente (se a lista fosse a mesma, tais MSS fariam parte da família). A incrível variedade de associações não relacionadas permite duas conclusões: 1) os MSS que representam o grupo podem ser identificados e separados, dando-nos uma família definida empiricamente; 2) essa família empiricamente definida **tem de ser independente** de todas as outras linhas de transmissão.

Então, o que padrão e dependência nos dizem a respeito das evidências? Eles funcionam em dois níveis: dentro de um grupo e entre grupos. Dentro de um grupo eles definem o nível de consistência, ou coerência interna, exibido por esse grupo. Assim, entre os nove grupos no apocalipse, **e**, **i** e **h**

exibem a confusão interna maior, o que reduz a credibilidade deles enquanto linhas de transmissão. **a** é grande, mas tem cinco subgrupos; sem os subgrupos ele cai de 65 para 18 MSS – os cinco subgrupos, junto com confusão interna a mais, reduz a sua credibilidade enquanto linha de transmissão. Contrastando com os demais, **c** é muito sólido, internamente consistente ou coerente – o padrão e a dependência internos são pesados, o que aumenta a credibilidade do grupo, enquanto linha de transmissão.

E que fazem eles entre grupos? É o nível comparativamente alto de padrão e dependência que permite que agrupemos **a,b,f,g,i** e digamos que juntos eles compõem um tipo de texto (podemos chamá-lo de *Koinê*). Tudo isso aplica-se também a **d,e,h** (podemos chamá-lo de *Andreas*). Contrastando com esses oito, **c** é independente de todos eles, demonstrado pela falta de padrão e dependência. **c** e *Koinê* concordam contra *Andreas* mais de 100 vezes, ao passo que **c** e *Andreas* concordam contra *Koinê* mais de 100 vezes também. O rol completo de *Koinê* e *Andreas* juntos concorda contra **c** apenas onze vezes. Eu entendo que a explicação mais razoável para as evidências apresentadas é que **c** é o denominador comum; é o âmago da transmissão do qual todos os outros se desviaram, em momentos e maneiras diferentes.

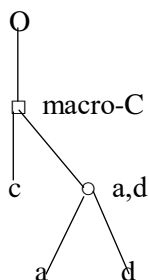
Pois então, o que padrão e dependência nos dizem? Eles permitem que identifiquemos grupos, ou famílias, de MSS. Eles também definem o nível de consistência interna de cada grupo. A falta de padrão e dependência permite que identifiquemos linhas independentes de transmissão. Todos os MSS receberam alguma influência em comum da forma original, mas é evidente que linhas independentes de transmissão não podem representar a redação original no mesmo nível. Assim sendo, que havemos de fazer quando confrontados por várias linhas tais? Ou, para ver um caso concreto, como podemos escolher entre *Koinê*, *Andreas* e *Complutensian* no Apocalipse? Se seguirmos dois contra um, teremos um texto ‘majoritário’ – por alto eu diria que tal texto será pelo menos 90% *Complutensian* (porque fica sozinho poucas vezes).¹ (Do meu ponto de vista, aquilo seria um Texto muito bom!)

Não existe sequer uma divisão tríplice clara no livro inteiro, e somente um caso que poderíamos dizer que chega perto (em 15.4). O que nos diz a falta de divisão tríplice? Nos diz que os três grupos **não** são igualmente independentes. Nos diz que o *Complutensian* é o mais independente dos três – quer dizer, independente dos outros dois! Já que todos os três dependem

¹ Só para constar, a edição *TuT* já mencionada utiliza uma “maioria relativa”. Eles chegaram a essa “*M_r*” por acrescentar a NA²⁸ como sendo uma quarta linha de transmissão, mas também usaram considerações ‘internas’. Eles seguiram *Koinê* 98 vezes, *Complutensian* 95 vezes, *Andreas* 79 vezes e NA²⁸ 41 vezes (extraídas de doze combinações). Eles seguiram *Koinê* sozinho onze vezes, a única linha assim contemplada.

do Original em algum grau, haveria como determinar qual dos três é o mais dependente, e portanto o mais próximo do Original? Se as evidências apontam para o *Complutensian* como sendo o denominador comum, então os outros dois dependem dele, pelo menos em parte. Isso significa que o *Complutensian* se posiciona entre eles e o Original, e portanto é o mais próximo do Original.

Sim, mas que fazer com os poucos casos onde *Koinê* e *Andreas* concordam contra *Complutensian*; conseguiriam ter dado uma ‘volta por cima’ e ter apelado diretamente ao Original? [Aliás, como seria sequer possível isso?] Ou fizeram escolhas caprichosas, consultando um exemplar diferente do *Complutensian*? Tal exemplar seria um ‘nodo’ (ponto de bifurcação) acima de *Koinê* e *Andreas*, já que eles se separaram depois. [Isso, pelo menos, seria possível, imagino.] Mas, e se *Complutensian* representa o Original corretamente? Então poderíamos ter uma ‘árvore’ parecida com esta:



Reconheço que a decisão final de alguém será guiada por considerações além de padrão e dependência. Mas precisamos de padrão e dependência para nos levar a essa decisão final.

Apoio de Unciais Antigos para f^{35} nas Epístolas Gerais

Entendo que Klaus Wachtel, em seu *Der Byzantinische Text der Katholischen Briefe* [*O Texto Bizantino nas Cartas Católicas*], reconhece que o **texto** bizantino é antigo (embora muitas vezes decida contra ele por motivos internos), despedindo assim a ficção predominante de que o texto bizantino é tardio. Creio que as evidências que serão apresentadas a seguir demonstram o mesmo para o **texto** da f^{35} .

Passo a catalogar o desempenho dos unciais antigos (século V e anteriores) como eles aparecem no aparato do meu texto grego das sete Epístolas Gerais, mas suplementado a partir da série *Editio Critica Maior*.¹ Eu uso f^{35} como o ponto de referência, mas apenas catalogo conjuntos de variantes em

¹ *Editio Critica Maior*, The Institute for New Testament Textual Research, ed (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997), vol. IV, Catholic Epistles.

que pelo menos um dos antigos unciais conhecidos (existentes naquele ponto) vai contra \mathfrak{f}^{35} (isto é necessário, uma vez que a maioria das palavras tem atestação unânime).

Treze unciais antigos aparecem em meu aparato: $P^{20,23,72,78,81,100}, \aleph, A, B, C, 048, 0173, 0232$. Apenas P^{72}, \aleph, A, B, C não são fragmentos (048 é uma variedade de pedaços, cá e lá). O Códice C está faltando basicamente os capítulos 4 e 5 de Tiago, 1 Pedro e 1 João [curiosamente, os mesmos dois capítulos para os três livros], assim como 2 João por inteiro. Claro que P^{72} tem apenas 1 e 2 Pedro e Judas. 0173 é o único deles que nunca esta do lado de \mathfrak{f}^{35} . Do total de 795 conjuntos de variantes, \mathfrak{f}^{35} recebe atestação antiga concreta 77.9% das vezes ($619 \div 795$).

Antes de tirar conclusões, apresento as evidências (somente as combinações com pelo menos um caso, são catalogadas). De passagem, esclareço que não disponho de quem verifique, e com isso não garanto precisão completa, mas um equívoco cá e lá não altera o quadro geral, e nem invalida as minhas conclusões.

	<u>Tiago</u>	<u>1Pedro</u>	<u>2Pedro</u>	<u>1João</u>	<u>2&3João</u>	<u>Judas</u>	<u>Total</u>
\mathfrak{f}^{35} só	53	45	17	31	17	13	176
$\mathfrak{f}^{35} P^{72}$		7	1			1	9
$\mathfrak{f}^{35} P^{100}$	2						2
$\mathfrak{f}^{35} \aleph$	9	9	7	11	3	1	40
$\mathfrak{f}^{35} A$	10	8	2	6		1	27
$\mathfrak{f}^{35} B$	2	3	1	7	3		16
$\mathfrak{f}^{35} C$	5	8	3	4	1	1	22
$\mathfrak{f}^{35} 048$	1		1	1			3
$\mathfrak{f}^{35} P^{20}\aleph$	1						1
$\mathfrak{f}^{35} P^{72}A$		3					3
$\mathfrak{f}^{35} P^{72}B$		3	1				4
$\mathfrak{f}^{35} P^{72}C$		3					3
$\mathfrak{f}^{35} P^{72}048$		1					1
$\mathfrak{f}^{35} P^{100}A$	2						2
$\mathfrak{f}^{35} \aleph A$	12	3	6	10		1	32
$\mathfrak{f}^{35} \aleph B$	10	5		22	2		39
$\mathfrak{f}^{35} \aleph C$		1	1	5		2	9
$\mathfrak{f}^{35} \aleph 048$			1		1		2
$\mathfrak{f}^{35} AB$	4	2	1	12		2	21
$\mathfrak{f}^{35} AC$	7	4	4	2		1	18
$\mathfrak{f}^{35} A048$			1	1	2		4
$\mathfrak{f}^{35} BC$	3			3			6
$\mathfrak{f}^{35} B048$	1			1	1		3
$\mathfrak{f}^{35} P^{72}\aleph A$		8					8
$\mathfrak{f}^{35} P^{72}\aleph B$		4				1	5
$\mathfrak{f}^{35} P^{72}\aleph C$		2	1				3
$\mathfrak{f}^{35} P^{72}AB$		12	3			3	18
$\mathfrak{f}^{35} P^{72}AC$		2	1			1	4
$\mathfrak{f}^{35} P^{72}BC$		1	13				14
$\mathfrak{f}^{35} P^{72}C048$			1				1

f ³⁵ P ⁸¹ BC		1						1
	<u>Tiago</u>	<u>1Pedro</u>	<u>2Pedro</u>	<u>1João</u>	<u>2&3João</u>	<u>Judas</u>	<u>Total</u>	
f ³⁵ P ¹⁰⁰ NA	1						1	1
f ³⁵ P ¹⁰⁰ NB	1						1	1
f ³⁵ P ¹⁰⁰ AB	2						2	2
f ³⁵ P ¹⁰⁰ AC	1						1	1
f ³⁵ NAB	13	13	1	10	1	3	41	41
f ³⁵ NAC	8	4	1	11		2	26	26
f ³⁵ NA048			2	3	1		6	6
f ³⁵ NBC	17	1	2	17	2	2	41	41
f ³⁵ NB048				2			2	2
f ³⁵ NB0232					1		1	1
f ³⁵ NC048			1				1	1
f ³⁵ ABC	8	5	2	15	3	2	35	35
f ³⁵ AB048	2			4	1		7	7
f ³⁵ AB0232					1		1	1
f ³⁵ AC048			2				2	2
f ³⁵ BC048			1		1		2	2
f ³⁵ P ²³ ABC	1						1	1
f ³⁵ P ^{72,78} AB						1	1	1
f ³⁵ P ⁷² NAB		9	4			4	17	17
f ³⁵ P ⁷² NAC		4	1			1	6	6
f ³⁵ P ⁷² NBC		6	10			3	19	19
f ³⁵ P ⁷² ABC		8	4			5	17	17
f ³⁵ P ⁷² AB048			1				1	1
f ³⁵ P ⁷² BC048			1				1	1
f ³⁵ P ⁸¹ NAB		1					1	1
f ³⁵ P ⁸¹ NAC		1					1	1
f ³⁵ P ¹⁰⁰ NBC	2						2	2
f ³⁵ P ¹⁰⁰ ABC	1						1	1
f ³⁵ NABC	1	11	4		2	7	25	25
f ³⁵ NAC048					1		1	1
f ³⁵ NBC048		1			1		2	2
f ³⁵ ABC048					2		2	2
f ³⁵ AB048,0232					2		2	2
f ³⁵ P ^{72,78} NAB						1	1	1
f ³⁵ P ^{72,81} NBC		1					1	1
f ³⁵ P ⁷² NABC						1	1	1
f ³⁵ P ⁷² NAB048			3		6		9	9
f ³⁵ P ⁷² NAC048		2					2	2
f ³⁵ P ⁷² NBC048			1				1	1
f ³⁵ P ⁷² ABC048		1	2				3	3
f ³⁵ P ⁷⁸ NABC						1	1	1
f ³⁵ P ⁸¹ NABC		3					3	3
f ³⁵ NABC048		3	3				6	6
Total c/ uncial	127	155	95	147	38	48	619	619
envolvendo P ²⁰	-	1					1	1
envolvendo P ²³	-	1					1	1
envolvendo P ⁷²	-	153					153	153
envolvendo P ⁷⁸	-	3					3	3
envolvendo P ⁸¹	-	4					4	4

envolvendo P ¹⁰⁰	-	12
envolvendo N	-	356
envolvendo A	-	356 ¹
envolvendo B	-	378
envolvendo C	-	285
envolvendo 048	-	62
envolvendo 0232	-	4

Cada um desses doze unciais é claramente independente de todos os outros.² A total falta de padrão na atestação que estes unciais antigos dão à f³⁵ mostra com a mesma clareza que a f³⁵ é independente de todos eles também, sem comentar os 22,1% sem eles. Mas que 77,9% das unidades recebem apoio uncial antigo, sem padrão ou dependência, mostra que o **texto** da f³⁵ é antigo.

Eu convido especial atenção para o primeiro bloco, onde um único uncial está com f³⁵; cada um dos sete unciais é independente do resto (e da f³⁵) nesse ponto, por necessidade, mas juntos eles atestam 15% do total (119 ÷ 795). Como não há padrão ou dependência para esses 15%, como podemos explicar essas 119 leituras antigas na f³⁵? Haverá alguém para argumentar que quem "inventou" o primeiro MS da f³⁵ tinha todos esses unciais na frente dele, arbitrariamente tirando 9 leituras de P⁷², 2 de P¹⁰⁰, 40 de N, etc., etc., etc.? Pois então, como podemos explicar essas 119 leituras antigas na f³⁵? (Se alguém objetar que os MSS do 5º século não são tão antigos assim, indago: são cópias, ou criações originais? Se são cópias, os seus exemplares tinham de ser mais antigos – todas essas 119 leituras certamente existiam no 3º século.)

Prosseguindo para o próximo bloco, temos outras 148 leituras onde não há padrão ou dependência; 119 + 148 = 267 = 34%. **E** agora, como

¹ Este número está correto, igual por acaso.

² A título de evidência a mais de sua independência, passo a alistar as leituras singulares para cada um desses unciais (cinco não têm), fornecendo ainda mais evidências da independência:

	Tiago	1Pedro	2Pedro	1João	2&3João	Judas	TOTAL
P ⁷²		33	12			17	62
P ⁷⁸						2	2
N	11	25	13	18	5	4	76
A	8		5	10	2	2	27
B	7	10	3	8	4	5	37
C	3	7	7	5	2		24
048	1		1	4	3		9

explicaremos essas 267 leituras antigas na f^{35} ? Indo para o próximo bloco, temos outras 224 leituras onde não há padrão ou dependência; $267 + 224 = 491 = 61,8\%$. Ora, ora, como podemos explicar essas 491 leituras antigas na f^{35} ? Indo para o próximo bloco, temos outras 100 leituras onde não há padrão ou dependência; $491 + 100 = 591 = 74,3\%$. O último bloco leva o total a 77,9%.

Alegar uma dependência em face desta EVIDÊNCIA, eu considero ser desonesto. A f^{35} é claramente independente de todas essas linhas de transmissão, elas próprias independentes. Se a f^{35} é independente, então é antiga, por necessidade. A f^{35} tem todas aquelas leituras primitivas pelo suficiente motivo de que seu texto é primitivo, datando ao século III, pelo menos. Mas se f^{35} é independente de todas as outras linhas de transmissão (é comprovadamente independente de K^x , etc.), então ela há de remontar aos Autógrafos. Que outra explicação razoável existe? Caso alguém queira alegar que f^{35} é uma recensão, eu requeiro (e insisto) que ele identifique quem a fez, quando e aonde, e provenha a evidência que apoia a alegação. Sem evidência, qualquer alegação nessa direção é frívola e irresponsável.

Perfil da Família 35 em Atos: antiga e independente

Ao meu perfil publicado para Atos, adicionei as testemunhas dos primeiros cinco séculos, conforme registrado no aparato crítico em meu Texto grego. Ou seja, mostro apenas aqueles que concordam com a Família 35, onde for o caso. No entanto, verifiquei também as evidências fornecidas na *Editio Critica Maior* para Atos, que me levaram a fazer alterações em cerca de 60% da seguinte lista de conjuntos de variantes. Então, terei que revisar meu perfil publicado. Não cotejei nenhuma dessas testemunhas antigas; eu simplesmente copiei as informações de outras fontes. Um erro ocasional que possa existir não mudará a força do meu argumento.

Atos

+++	1.8	και f^{35} A,C,D [25%] 1 εν [75%]
+++	1.11	ουτος f^{35} [20%] 1 ο [80%]
+++	1.13	ιακωβος f^{35} [25%] 1 και [73%]
+++	1.18	ελακισεν f^{35} [25%] ελακησεν [75%]
+++	2.13	διαχλευαζοντες f^{35} κ,A,B,C [25%] χλευαζοντες [75%]
+++	2.14	επεφθεγατο f^{35} [20%] απεφθεγατο [80%]
+++	2.38	ειπεν δε πετρος f^{35} [20%] ~ 32 εφη [72%]
+++	3.23	αν f^{35} B,D [25%] εαν [75%]
+++	3.24	προκατηγγειλαν f^{35} [25%] καταγγειλαν [75%]
++	4.5	εν f^{35} A,B,D(0165) [30%] εις [70%]
++	4.12 ^a	ουδε f^{35} κ,A,B,0165 [30%] ουτε [70%]

- +++ 4.12^b ετερον εστιν **f³⁵** A,0165 [25%] || ~ 21 [75%]
+++ 4.14 εστωτα **f³⁵** [20%] || 1 τον [80%]
+++ 4.17 ανθρωπω **f³⁵** [20%] || ανθρωπων [80%]
++++ 4.20 α **f³⁵** [18%] || --- [82%]
+++ 4.23 ανηγγειλαν **f³⁵** (**κ**) [20%] || απηγγειλαν [80%]
+--+ 4.33^a δυναμει μεγαλη **f³⁵** P⁸(**κ**)A,B,D [25%] || ~ 21 [75%]
+--+ 4.33^b οι αποστολοι το μαρτυριον **f³⁵** A [25%] || ~ 3412 [75%]
+--+ 4.34 ην **f³⁵** **κ**,A(B) (24.5%) || υπηρχεν (74.8%)
+--+ 5.1 σαφειρα **f³⁵** B [25%] || σαφειρη [56%] || ||
+++ 5.15 του **f³⁵** [20%] || --- [80%]
++++ 5.16 και **f³⁵** D [18%] || οιτινες [80%] ||
+--+ 5.22 παραγενομενοι υπηρεται **f³⁵** **κ**,A,B [25%] || ~ 21 [75%]
+--+ 5.33 ακουοντες **f³⁵** P⁴⁵ [25%] || ακουσαντες [75%]
+++ 5.36^a προσεκληθη **f³⁵** **κ**,A,B [20%] || προσεκληθη [54%] || ||
+++ 5.36^b ως **f³⁵** A,B,C,D [20%] || ωσει [80%]
++ 5.39 δυνασεσθε **f³⁵** B [30%] || δυνασθε [58%] || ||
+++ 5.40 δηραντες **f³⁵** [20%] || δειραντες [80%]
++++ 5.41 κατηξιωθησαν υπερ του ονοματος του χριστου **f³⁵** [18%] || ~ 234561 [15%] || ~ 234 αυτου 1 [15%] || || ||
++ 5.42 τον χριστον ιησουν **f³⁵** **κ**,A,B [30%] || ~ 312 [60%] || ||
+--+ 6.5 πληρη **f³⁵** B [25%] || πληρης [60%] ||
+--+ 7.5 δουναι αυτην εις κατασχεσιν αυτω **f³⁵** **κ**,A [25%] || ~ 15342 [65%] ||
+--+ 7.14^a ιακωβ τον πατερα αυτου **f³⁵** **κ**,A,B,C,D [25%] || ~ 2341 [75%]
+--+ 7.14^b αυτου **f³⁵** D [25%] || --- [75%]
++ 7.14^c εβδομηκοντα πεντε ψυχαις **f³⁵** [30%] || ~ 312 [63%] ||
+- 7.16 εμμωρ **f³⁵** **κ**,A,B,C,D [33%] || εμμωρ [60%] ||
+++ 7.21 ανειλετο **f³⁵** [22%] || 1 αυτον [60%] || ||
++++ 7.27 τουτον **f³⁵** [18%] || αυτον [82%]
+++ 7.31^a μωσης **f³⁵** A [20%] || μουσης [80%]
+--+ 7.31^b εθαυμασεν **f³⁵** A,B,C [25%] || εθαυμαζεν [75%]
+++ 7.35 αρχηγον **f³⁵** A [20%] || αρχοντα [80%]
+--+ 7.37 ημων **f³⁵** [25%] || υμων [75%] ||
+++ 7.42 εν τη ερημω ετη τεσσαρακοντα **f³⁵** (A) [20%] || ~ 45123 [80%]
+--+ 8.6 δε **f³⁵** **κ**,A,B,C [25%] || τε [75%]
+--+ 8.21 εναντιον **f³⁵** C [25%] || ενωπιον [70%] ||
+--+ 9.12 ανανιαν ονοματι **f³⁵** **κ**,A,B,C [25%] || ~ 21 [75%]
++ 9.18 παραχρημα **f³⁵** [30%] || --- [70%]
+- 9.19 των **f³⁵** **κ**,A,B,C [35%] || 1 οντων [65%]
+--+ 9.20 ιησουν **f³⁵** P⁴⁵ **κ**,A,B,C [25%] || χριστον [75%]
+--+ 9.28^a και εκπορευομενος **f³⁵** **κ**,A,B,C [25%] || --- [75%]
+++ 9.28^b εν **f³⁵** [20%] || εις [80%]

+++	9.28 ^c	ιησου f ³⁵ (C) [20%] κυριου 1 [70%]
+++	9.29	ανελειν αυτον f ³⁵ κ(A)B(C) [25%] ~ 21 [75%]
+++	9.30	εξαπεστειλαν f ³⁵ A [20%] 1 αυτον [80%]
+++	9.37	τω f ³⁵ P ⁵³ A,C [25%] --- [75%]
+++	9.43	αυτον ημερας ικανας μειναι f ³⁵ A [20%] ~ 2341 [79%]
+++	10.5	ος επικαλειται πετρος f ³⁵ κ(A)B,C [25%] τον επικαλουμενον πετρον [75%]
++	10.17	υπο f ³⁵ κ,B [30%] απο [70%]
++++	10.22	αγγελου f ³⁵ [18%] 1 αγιου [80%]
+	10.26	ηγειρεν αυτον f ³⁵ κ,A,B,C,D [40%] ~ 21 [60%]
+++	10.47	ως f ³⁵ κ,A,B [25%] καθως [75%]
+++	10.48	ιησου f ³⁵ [20%] --- [67%]
+++	11.3	εισηλθες προς ανδρας ακροβυστιαν εχοντας και συνεφαγες f ³⁵ κ,A,D [20%] ~ 2345167 [71%]
+++	11.9	εκ δευτερου φωνη f ³⁵ B [20%] ~ 312 [80%]
++	11.13 ^a	δε f ³⁵ κ,A,B,D [30%] τε [70%]
+++	11.13 ^b	ιοππην f ³⁵ κ,A,B,D [25%] 1 ανδρας [75%]
+-	11.16 ^a	του f ³⁵ κ,A,B,D [35%] --- [65%]
+++	11.16 ^b	οτι f ³⁵ [25%] --- [75%]
++++	11.17 ^a	ιησουν f ³⁵ [18%] 1 χριστον [82%]
+++	11.17 ^b	εγω f ³⁵ κ,A,B,D [25%] 1 δε [75%]
+++	11.26 ^a	ευρων f ³⁵ κ,A,B [25%] 1 αυτον [75%]
+-	11.26 ^b	ηγαγεν f ³⁵ P ⁴⁵ κ,A,B,D [35%] 1 αυτον [65%]
+++	12.6	προαγειν αυτον f ³⁵ D [20%] ~ 21 [63%]
++++	12.20	τε f ³⁵ [18%] δε [70%]
++	12.22	θεου φωνη f ³⁵ κ,A,B(D) [30%] ~ 21 [68%]
+++++	12.25	εις αντιοχειαν f ^{35pt} (5.1%)+(19.5%) 1 ιερουσαλημ [60%] ¹
+++	13.4 ^a	μεν f ³⁵ [20%] 1 ουν [80%]
+++	13.4 ^b	τε f ³⁵ κ,A,B,C [27%] δε [72%]
+++	13.12	εκπληττομενος f ³⁵ B [24%] εκπλησσομενος [76%]
+++	13.15	προς αυτους οι αρχισυναγωγοι f ³⁵ [20%] ~ 3412 [80%]
++	13.26	εξαπεσταλη f ³⁵ κ,A,B,C [30%] απεσταλη [70%]
++	13.27	κατοικουντες f ³⁵ C [30%] 1 εν [70%]
+++	13.39 ^a	εν f ³⁵ κ,A,B,C,D [20%] 1 τω [80%]
+++	13.39 ^b	μουσεος f ³⁵ [20%] μουσεως [40%] μωσεως [40%]
+++	13.41	ω f ³⁵ [20%] ο [80%]

¹ Este é o único lugar em todo o NT onde a Família 35 se fragmenta, havendo cinco variantes significativas (mais duas menores). Normalmente existem apenas duas variantes, onde a família é dividida. Para uma discussão detalhada deste conjunto de variantes, consulte o artigo, “Aonde colocar uma vírgula—Atos 12.25”.

- ++++ 13.43 επιμενειν αυτους f³⁵ [18%] || ~ 21 [64%] ||
- +++ 14.10 ηλλατο f³⁵ [20%] || ηλλατο [35%] || ||
- +++ 14.15 υμιν εσμεν f³⁵ C [20%] || ~ 21 [60%] ||
- +++ 14.20 των μαθητων αυτον f³⁵ κ,Α,Β,С [25%] || ~ 312 [55%] ||
- +++ 14.21 ειφ f³⁵ D [20%] || 1 την [80%]
- +++ 15.1 μουσεος f³⁵ [20%] || μουσεως [63%] ||
- +++ 15.5 μωσεως f³⁵ Α, D [25%] || μουσεως [70%] ||
- ++ 15.7 υμιν f³⁵ κ,Α,Β,С [30%] || ημιν [70%]
- +++ 15.21 μωσης f³⁵ P⁴⁵Α [20%] || μωσης [80%]
- +++ 15.23 κατα f³⁵ [20%] || 1 την [80%]
- +++ 15.25 εκλεξαμενοις f³⁵ P⁴⁵Α,Β [25%] || εκλεξαμενους [75%]
- ++ 15.37 και f³⁵ Α,С [30%] || τον [60%] ||
- +++ 15.39 χωρισθηναι f³⁵ [20%] || αποχωρισθηναι [75%] ||
- ++++ 16.3 ηδεσαν f³⁵ [18%] || ηδεισαν [70%] ||
- ++++ 16.9 την f³⁵ [18%] || --- [82%]
- ++++ 16.11 την f³⁵ [18%] || --- [82%]
- +++ 16.15 αυτη f³⁵ [20%] || --- [80%]
- +++ 16.17 τω σιλα f³⁵ [20%] || ημιν [80%]
- +- 16.26 δε f³⁵ κ,Α,Β, D [35%] || τε [65%]
- +++ 16.37 δηραντες f³⁵ [20%] || δειραντες [80%]
- +++ 16.38 δε f³⁵ P⁴⁵κ,Α,Β [25%] || και [75%]
- +++ 16.40 απο f³⁵ κ,Β [20%] || εκ [80%]
- +++ 17.3 ιησους ο χριστος f³⁵ [20%] || ~ 231 [75%] ||
- ++ 17.4 πληθος πολυ f³⁵ κ,Α,Β, D [30%] || ~ 21 [70%]
- ++ 17.5 ανδρας τινας f³⁵ Α,Β [30%] || ~ 21 [65%] ||
- ++ 17.7 ετερον λεγοντες f³⁵ κ,Α,Β [30%] || ~ 21 [70%]
- +++ 17.10 βερροιαν f³⁵ [25%] || βερροιαν [75%]
- ++ 17.11 προθυμιας f³⁵ P⁴⁵κ,Α(D) [30%] || 1 το [70%]
- +++ 17.13 βερροια f³⁵ [25%] || βερροια [75%]
- +++ 18.6 τας κεφαλας f³⁵ [20%] || την κεφαλην [80%]
- +++ 18.13 αναπειθει ουτος f³⁵ κ(Α)Β [25%] || ~ 21 [65%] ||
- ++ 18.19 κακεινους f³⁵ κ,Α,Β [29%] || και εκεινους [70%]
- ++ 18.25 ιησου f³⁵ κ,Α,Β(D) [30%] || κυριου [70%]
- +++ 19.3 τε f³⁵ Β(D) (18.3%)+(6.2%) || 1 προς αυτους (61.6%)+(6.2%) || ||
- +++ 19.11 δε f³⁵ D [21%] || τε [79%]
- ++ 19.13 ο f³⁵ P³⁸ [30%] || --- [70%]
- +++ 19.17 εγενετο πασιν γνωστον f³⁵ [20%] || ~ 132 [75%] ||
- +++ 19.19 συνειψηφισαντο f³⁵ [20%] || συνειψηφισαν [67%] ||
- ++ 19.27^a αρτεμιδος ιερων f³⁵ κ,Α,Β [30%] || ~ 21 [70%]
- ++ 19.27^b ουδεν f³⁵ D [30%] || ουθεν [70%]
- ++ 19.40 αποδουναι f³⁵ κ,Α,Β, D [30%] || δουναι [70%]

+++	20.3	επιβουλης αυτω f ³⁵ κ,A,B [25%] ~ 21 [75%]
+++	20.4	βερροιαιος f ³⁵ [25%] βεροιαιος [35%]
+++	20.15	τραγουλιω f ³⁵ [25%] τραγουλλιω [30%]
++++	20.18	ημερας f ³⁵ [18%] 1 αφ [82%]
++++	20.35	του λογου f ³⁵ [18%] τον λογον [57%] των λογων [25%]
++	20.37	κλαυθμος εγενετο f ³⁵ κ,A,B,C,D [30%] ~ 21 [70%]
+	21.8	ηλθομεν f ³⁵ κ,A(B)C (38.8%) οι περι τον παυλον ηλθον (46.4%)
+++	21.21	μουσεος f ³⁵ [20%] μουσεως [50%] μωσεως [30%]
+++	21.27	ημελλον f ³⁵ [25%] εμελλον [65%]
+++	21.31	σπειρας f ³⁵ [25%] σπειρης [75%]
+++	21.37	εις την παρεμβολην εισαγεσθαι f ³⁵ [20%] ~ 4123 [80%]
+++	21.40	προσεφωνει f ³⁵ [20%] προσεφωνησεν [80%]
+++	22.19 ^a	δαιρων f ³⁵ [20%] δερων [80%]
+++	22.19 ^b	εις f ³⁵ [20%] επι [80%]
++	22.20	και f ³⁵ κ,A,B,D [30%] --- [70%]
+++	22.24	ο χιλιαρχος αγεσθαι αυτον f ³⁵ [20%] ~ 4123 [64%]
++	22.25	προετειναν f ³⁵ (κ)B [30%] προετεινεν [30%]
++	22.26	τω χιλιαρχω απηγγειλεν f ³⁵ (κ)A(B)C(D) [30%] ~ 312 [63%]
+-	22.30 ^a	υπο f ³⁵ κ,A,B,C [35%] παρα [65%]
++	22.30 ^b	παν f ³⁵ κ,A,B,C [30%] ολον [70%]
+++	23.6	φαρισαιων το δε ετερον σαδδουκαιων f ³⁵ [20%] ~ 52341 [80%]
+	23.8	μητε f ³⁵ κ,A,B,C [40%] μηδε [60%]
+++	23.12 ^a	εαυτους f ³⁵ C [25%] 1 λεγοντες [75%]
++++	23.12 ^b	ανελωσιν f ³⁵ (A) [18%] αποκτεινωσιν [80%]
+++	23.15	καταγαγη αυτον f ³⁵ [20%]+P ⁴⁸ κ,A,B,C {6%} ~ 21 [74%]
+-	23.20	μελλοντες f ³⁵ (33.1%) μελλοντα (27.2%)
+-	23.24	φηλικα f ³⁵ κ,B [35%] φιληκα [25%] φιλικα [40%]
+	23.26	φηλικι f ³⁵ P ⁴⁸ κ,B [40%] φιληκι [30%] φιλικι [17%]
+++	23.35	του f ³⁵ [18%]+κ,A {4%} --- [75%]
++++	24.4	πλεον f ³⁵ [18%] πλειον [80%]
++	24.10	δικαιον f ³⁵ [30%] --- [70%]
++	24.19	εδει f ³⁵ κ,A,B,C [30%] δει [70%]
++++	24.26	πυκνοτερον f ³⁵ [18%] 1 αυτον [75%]
+-	25.2	οι αρχιερεις f ³⁵ κ,A,B,C [35%] ο αρχιερευς [60%]
+++	25.9	υπ f ³⁵ [25%] επ [73%]
++	25.13	ασπασομενοι f ³⁵ [30%] ασπασαμενοι [70%]
++++	25.20 ^a	περι την f ³⁵ [18%] ~ 21 [80%]
+-	25.20 ^b	τουτων f ³⁵ κ,A,B,C [35%] τουτου [65%]
+++	26.12	εις f ³⁵ A [25%] 1 την [75%]
++	26.18	επιστρεψαι f ³⁵ κ,B,C [30%] υποστρεψαι [35%] αποστρεψαι [35%]

+++	27.1	σπειρας f^{35} [20%] σπειρης [80%]
+++	27.2	ατραμυτινω f^{35} [21%] αδραμυττηνω [25%]
+++	27.5	κατηχθημεν f^{35} [21%] κατηλθομεν [75%]
+++	27.6	εις f^{35} [20%] 1 την [80%]
+++	27.10	φορτου f^{35} [22%] φορτιου [78%]
+++	27.31	εν τω πλοιω μεινωσιν f^{35} κ [25%] ~ 4123 [75%]
++	27.34	μεταλαβειν f^{35} κ,A,B,C [30%] προσλαβειν [70%]
++	27.38	δε f^{35} κ,A,B,C [30%] 1 της [70%]
+++	27.41	εμεινεν f^{35} A [22%] εμεινεν [78%]
++	28.3 ^a	εξελθουσα f^{35} κ,A,B,C [30%] διεξελθουσα [70%]
+++	28.3 ^b	καθηψατο f^{35} C [25%] καθηψεν [72%]
+++	28.21	πονηρον περι σου f^{35} [20%] ~ 231 [80%]
+++	28.23	μουσεος f^{35} [20%] μωσεως [35%] μουσεως [45%]
+++	28.27	ιασωμαι f^{35} [25%] ιασομαι [75%]

Chave:

- +++ em torno de 20% = f^{35} praticamente sozinho = diagnóstico (78)
- +++ cerca de 25% = muito bom (53)
- ++ cerca de 30% = nada mal (35)
- +- cerca de 35% (10)
- + cerca de 40% (4)

Total: 180

Deve ser óbvio para qualquer leitor imparcial que f^{35} é totalmente independente da massa bizantina (K^x de Soden). Dos 180 conjuntos de variantes, f^{35} está sozinho 75 vezes (42%), e portanto é independente das linhas de transmissão representadas pelos MSS primitivos que inclui também. Se f^{35} é independente da massa bizantina, então não pode ser uma revisão baseada nessa massa – a qualquer momento! Antes de comentar mais, vou alistar o apoio primitivo para as leituras que classifico como 'diagnóstica' e 'muito boa', identificadas como +++ e +++- (25% ou menos), respectivamente.

$P^{45} - 1$, $\kappa - 2$, $A - 9$, $B - 4$, $C - 5$, $D - 5$, $P^{45}A - 1$, $\kappa,A - 2$, $\kappa,B - 1$,
 $A,D - 1$, $A,0165 - 1$, $B,D - 2$, $P^{45}A,B - 1$, $P^{53}A,C - 1$, $\kappa,A,B - 7$,
 $\kappa,A,D - 1$, $A,B,C - 1$, $A,C,D - 1$, $P^{45}\kappa,A,B - 1$, $\kappa,A,B,C - 8$,
 $\kappa,A,B,D - 2$, $A,B,C,D - 1$, $P^8\kappa,A,B,D - 1$, $P^{45}\kappa,A,B,C - 1$,
 $P^{48}\kappa,A,B,C - 1$, $\kappa,A,B,C,D - 2$

Total de vezes cada: $P^8 - 1$, $P^{45} - 5$, $P^{48} - 1$, $P^{53} - 1$, $\kappa - 29$, $A - 42$,

Observe o apoio dado pelos três grandes códices ‘alexandrinos’. Como poderiam eles apoiar algo produzido no século 12? Deixe-me dizer novamente: como podem MSS do século IV apoiar algo que não existia até o século 12? De um total de 131 conjuntos, **f³⁵** está sozinho 68 vezes (52%) e tem algum apoio antigo 63 vezes (48%). Aqui, novamente, **f³⁵** é independente das linhas de transmissão representadas pelos MSS primitivos que incluí, e portanto, não há padrão. Como não há padrão, não há dependência, de sorte que o **texto** de **f³⁵** deve ser antigo, datando pelo menos ao século IV. Não havendo padrão ou dependência, não adianta afirmar que apenas as leituras individuais são antigas. Mais uma vez digo, a evidência indica que é impossível que a **f³⁵** possa ser baseada na massa bizantina. Quem continuar a dizer isso está desinformado, na melhor das hipóteses. O **K^r** de von Soden deve ser aposentado e substituído por **f³⁵**, ou **f¹⁸**.

Fora com ‘verdades’ falazes¹

Utilizei ‘verdade falaz’ para traduzir ‘*canard*’. Um ‘*canard*’ é uma falsidade que galgou o ‘status’ de ‘verdade aceita’ dentro de uma disciplina. Lá pelas tantas, um homem chamado Hermann von Soden afirmou que o seu **K^r** era uma revisão de seu **K^x**, provavelmente feita no século XII. A informação disponível na própria obra dele, de quatro volumes, demonstra que essa afirmação é falsa. Não obstante, essa falsidade galgou o ‘status’ de ‘verdade aceita’ dentro da disciplina da crítica textual do NT. Tornou-se um ‘*canard*’.

Considere a seguinte declaração de Kirsopp Lake:

Escritores sobre o texto do Novo Testamento geralmente copiam um do outro a afirmação que Crisóstomo usou o texto bizantino ou antioqueno. Mas no momento que alguém faz uma investigação, fica evidente, mesmo a partir do texto impresso de suas obras, que há muitas variações importantes no texto que ele cita, o que evidentemente não era idêntico ao encontrado nos MSS do texto Bizantino.²

Sendo que eu mesmo já passei alguns anos nos corredores arcanos da

¹ Usei ‘verdade falaz’ para traduzir ‘*canard*’. Os dicionários oferecem uma variedade de definições para o termo, mas todos concordam que é informação falsa, e que teria sido criado maliciosamente para enganar. Claro que alguém pode repetir o ‘*canard*’ sem malícia, embora sem verificar a evidência.

² Kirsopp Lake, *The Text of the New Testament*, sexta edição revisada por Silva New (London: Rivingtons, 1959), p. 53.

academia, observei que a repetição acrítica de coisas que ‘todo mundo sabe’ é realmente bastante comum, em quase todas as disciplinas. A crítica textual do Novo Testamento não é exceção, como Lake observou acima.

Entendo que Hermann von Soden foi o primeiro a identificar formalmente seu **K^r** como um tipo de texto distinto, o 'r' significando 'revisão', já que ele o considerava uma revisão baseada em seu **K^x**. Ora, por definição uma 'revisão' é perpetrada por alguém específico, em um momento específico e em um lugar específico. Dentro de nossa disciplina, eu entendo que 'revisão' e 'recensão' são sinônimas. Ouça Hort: “O texto sírio deve, de fato, ser o resultado de uma 'recensão' no sentido próprio da palavra, uma obra de tentativa de crítica, realizada deliberadamente por editores e não apenas por escribas”.¹ Não é meu costume recorrer a Fenton John Anthony Hort, mas a sua compreensão de ‘recensão’ é presumivelmente correta. Uma recensão é produzida por um certo alguém (ou grupo) em um determinado momento em um determinado lugar. Se alguém deseja postular ou alegar uma revisão/recensão, e fazê-lo com responsabilidade, ele precisa indicar a fonte e fornecer algumas evidências.²

Então, com base em que alegou von Soden que seu **K^r** (que eu chamo de Família 35) era uma revisão de seu **K^x** e que foi criado no século XII? Tivesse ele realmente prestado atenção às evidências disponíveis em sua própria *magnum opus*, *Die Schriften des Neuen Testaments* (4 vols.; Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1911-1913), ele não poderia ter feito isso, pelo menos não honestamente. Mas foi ele honesto? Pelo menos com referência a João 7.53 – 8.11 (a *P.A.*), acho que não. Ele alegou ter cotejado mais de 900 MSS para essa *pericope* e, com base nisso, postulou sete famílias, ou linhas de transmissão, e até reproduziu uma suposta forma arquetípica para cada uma delas. Hodges e Farstad aceitaram a palavra dele e refletiram sua declaração das evidências em seu aparato crítico; e eu reflito o aparato de H-F no meu (para aquela *pericope*) por falta de algo melhor (exceto que eu garanto a testemunha de **M⁷** [minha Família 35], baseado em meu exame pessoal dos cotejos de Robinson). Fazendo já vários anos, Maurice Robinson fez um cotejo completo de 1.389 MSS que contêm a *P.A.*,³ e eu tive a fotocópia de William Pierpont desses cotejos em meu

¹ B.F. Westcott and F.J.A. Hort, *The New Testament in the Original Greek* (2 vols.; London: Macmillan and Co., 1881), *Introduction*, p. 133.

² Quanto a Hort, ele sugeriu que Luciano de Antioquia teria sido o principal responsável – uma sugestão tanto gratuita como frívola, sendo que ele não tinha estudado as evidências já disponíveis no tempo dele. (Se ele fosse repetir a sugestão hoje, seria meramente ridícula.)

³ 240 MSS omitem a *PA*, 64 dos quais se baseiam no comentário de Teofilacto. Outros catorze têm lacunas, mas não são testemunhas de omissão total. Alguns outros

poder por dois meses, passando a maior parte do tempo estudando esses cotejos. Ao fazer isso, ficou óbvio para mim que von Soden 'manipulou' os dados, arbitrariamente 'criando' a suposta forma arquetípica para suas primeiras quatro famílias, $M^{1,2,3,4}$ – se elas existem, elas são um tanto fluidas. Seus $M^{5\&6}$ existem, com perfis distintos, mas são um pouco 'moles', com bastante confusão interna para tornar arbitrária a escolha da forma arquetípica. Contrastando com isso, seu M^7 (que eu chamo de Família 35) tem um perfil sólido e inequívoco – a forma arquetípica é demonstrável, empiricamente determinada.

Lá pelas tantas, fui levado a acreditar que o trabalho de von Soden era razoavelmente confiável. Isso foi importante porque o trabalho dele é a base para as edições tanto de Hodges-Farstad como de Robinson-Pierpont do Texto Majoritário. Contudo, os cotejos em *Text und Textwert (TuT)*¹ demonstram objetivamente que, não raro, von Soden está seriamente errado. Com referência ao tratamento que von Soden deu ao códice 223, K.W. Clark escreveu: “Além disso, nosso cotejo revelou sessenta e dois erros em 229 leituras tratadas por von Soden”.² 27% de erro ($62 \div 229$) é demais em demasia, e o que é verdadeiro para o MS 223 também pode ser verdade para outros MSS. Por favor, pare e pense sobre isso por um minuto. 27% de erro não pode ser atribuído a um simples descuido ou até a um desleixo; mera falta de cuidado não deve exceder 5%. Realmente parece que o leitor está sendo enganado, deliberadamente, e isso é desonesto. H.C. Hoskier não estava totalmente enganado em sua avaliação.

Além disso, como poderia o K^f ser uma revisão de K^x se K^x nem sequer existe? O próprio Soden estava perfeitamente ciente de que não havia K^x na P.A. Os cotejos de H.C. Hoskier provam que certamente não há K^x no Apocalipse. Somos gratos ao *Institut für Neutestamentliche Textforschung* pela série *Text und Textwert*. Uma olhada cuidadosa em seus cotejos indica que provavelmente não há K^x em lugar algum. Veja, por exemplo, os volumes da *TuT* no Evangelho de João, capítulos 1-10. Eles examinaram um total de 1.763 MSS (incluindo fragmentos) (para 153 conjuntos de variantes) e incluíram os resultados nos dois volumes. As páginas 54-

certamente contém a passagem, mas o microfilme é ilegível. Então, $1389 + 240 + 14 + 7(?) =$ uns 1650 MSS verificados por Robinson. Isso não inclui lecionários, dos quais ele verificou um bom número. (Todos esses MSS são microfilmes lotados no *Institut* em Münster. Atualmente temos conhecimento de um bom número a mais, além de outros ainda desconhecidos, provavelmente.) Infelizmente, Robinson ainda não publicou os seus cotejos, tornando-os disponíveis ao público maior.

¹ *Text und Textwert der Griechischen Handschriften des Neuen Testaments* (Ed. Kurt Aland, Berlin: Walter de Gruyter).

² *Eight American Praxapostoloi* (Kenneth W. Clark, Chicago: The University of Chicago Press, 1941), p. 12.

90 (volume 1) contêm "Agrupamentos de acordo com graus de concordância" "concordando mais freqüentemente entre si do que com o texto majoritário". Apenas um símbolo de grupo é usado, precisamente \mathbf{K}^r – o primeiro representante da família, MS 18, lidera um grupo de cerca de 120 MSS, mas todos os representantes subsequentes têm apenas um \mathbf{K}^r . Dos 120, os últimos seis mostram 98% de concordância, todos os demais são 99% (74) ou 100% (40). Eu diria que a Família 35 nos Evangelhos tem mais de 250 representantes; a classificação aqui é baseada em apenas 153 conjuntos de variantes (mas veja o que acontece abaixo).

O grupo liderado pelo MS 18 enumera 120, e é o único que recebe um símbolo de grupo, sendo de longe o maior. Mas existem outros grupos de tamanho significativo? Agora vou alistá-los em ordem decrescente, começando com aqueles que têm 40 ou mais:

<u>grupo</u>	<u>tamanho</u>	<u>coerência</u>
2103	52	95% (15); 97% (20); 98% (13); 100% (4)
318	44	96% (1); 97% (24); 98% (6); 99% (10); 100% (4)
961	42	97% (1); 98% (4); 99% (34); 100% (3)
1576	42	97% (1); 98% (4); 99% (34); 100% (3)
1247	41	97% (1); 98% (4); 99% (33); 100% (3)
2692	41	97% (1); 98% (4); 99% (33); 100% (3)
1058	40	97% (1); 98% (17); 99% (15); 100% (7)
1328	40	98% (6); 99% (33); 100% (1)
1618	40	100% (todos)
2714	40	98% (6); 99% (33); 100% (1)

Ora, 961, 1576, 1247, 2692, 1328, 1618 e 2714 pertencem todos à Família 35 (\mathbf{K}^r), o que deixa apenas 2103, 318 e 1058. Quando olhamos para a coluna 'coerência', notamos que 961, 1576, 1247 e 2692 são iguais e, após inspecioná-los, verificamos que as listas de MSS são virtualmente idênticas – portanto, podemos adicionar 40 MSS aos 120 já designados \mathbf{K}^r . 1618 e 2714 têm sobreposição pesada, e 1328 sobreposição parcial, então podemos adicionar pelo menos outros 20. Agora vamos olhar para os três que restam: 2103, 318 e 1058. Lembrando que o limite para o \mathbf{K}^r foi de 98%, notamos que metade dos grupos 2103 e 318 estão abaixo dele; então esses grupos não são sólidos. 1058 sai melhor, mas quase a metade cai abaixo de 99% (todos os grupos \mathbf{f}^{35} são maciçamente 99% ou 100%). Pode ser relevante observar que o MS 1058 provavelmente seja \mathbf{f}^{35} marginal. Então, onde está o \mathbf{K}^x ?

Agora alisto os grupos entre 25 e 39, em ordem decrescente:

<u>grupo</u>	<u>tamanho</u>	<u>coerência</u>
1638	37	97% (2); 98% (2); 99% (29); 100% (4)
710	34	94% (18); 95% (1); 96% (13); 98% (2)
763	34	97% (1); 99% (33)
1621	32	98% (1); 99% (24); 100% (7)
1224	29	97% (1); 99% (28)
66	28	98% (1); 99% (26); 100% (1)
394	27	99% (todos)
1551	26	99% (todos)
1657	26	99% (todos)
2249	26	99% (todos)
685	25	99% (todos)
1158	25	99% (todos)

Adivinhe só: todos são da Família 35, exceto 710; uma olhada na coerência nos dá a pista. Se o 710 é realmente um grupo, é um tanto ‘mole’. As últimas seis listas são praticamente idênticas, e há considerável sobreposição entre as outras. Mesmo assim, mais alguns MSS provavelmente podem ser adicionados à lista da Família 35, e um exame dos 300 +/- grupos restantes (dependendo do limite que for escolhido) sem dúvida acrescentará ainda mais. E assim por diante. Então, onde está o **K^x**? Caro leitor, permita-me sussurrar em seu ouvido: Não há **K^x**, só existia na imaginação de von Soden. Obviamente **K^r** não pode ser uma revisão de algo que nunca existiu.¹

E depois há a questão da independência demonstrada. Por definição, uma revisão/recensão depende de sua fonte. Se não há nenhuma fonte demonstrável em qualquer lugar dos materiais existentes/disponíveis (que para o NT são realmente bastante consideráveis), então é desonesto, irresponsável e repreensível alegar uma revisão/recensão. [Favor de ver “É a **f³⁵** antiga?” na Parte III.]

E depois, há a questão da antiguidade demonstrada. Existem centenas de lugares onde a **f³⁵** recebe o apoio de testemunhas antigas, mas sem padrão. O ponto crucial aqui é a falta de padrão; sem padrão não há dependência. Não havendo dependência, a **f³⁵** é antiga, necessariamente. Existem mais que trinta linhas de transmissão dentro da massa bizantina, e a **f³⁵** é demonstravelmente independente de todas elas. Repito aqui quarto parágrafos tirados de uma seção acima.

Cada um desses doze unciais é claramente independente de todos os

¹ Ver também o artigo, “Arquétipo nas Epítolas Gerais – **f³⁵** sim, **K^x** não” na Parte III.

outros. A total falta de padrão na atestação que estes unciais antigos dão a f^{35} mostra com a mesma clareza que f^{35} é independente de todos eles também, sem comentar os 22.1% sem eles. Mas que 77.9% das unidades recebem apoio uncial antigo, sem padrão ou dependência, mostra que o **texto** de f^{35} é antigo.

Eu convido especial atenção para o primeiro bloco, onde um único uncial está com f^{35} ; cada um dos sete unciais é independente do resto (e da f^{35}) nesse ponto, por necessidade, mas juntos eles atestam 15% do total ($119 \div 795$). Como não há padrão ou dependência para esses 15%, como podemos explicar essas 119 leituras antigas na f^{35} ? Haverá alguém para argumentar que quem "inventou" o primeiro MS da f^{35} tinha todos esses unciais na frente dele, arbitrariamente tirando 9 leituras de P^{72} , 2 de P^{100} , 40 de \aleph , etc., etc., etc.? Realmente, como podemos explicar essas 119 leituras antigas na f^{35} ? (Se alguém objetar que os MSS do 5º século não são tão antigos assim, indago: são cópias, ou criações originais? Se são cópias, os seus exemplares tinham de ser mais antigos – todas essas 119 leituras certamente existiam no 3º século.)

Prosseguindo para o próximo bloco, temos outras 148 leituras onde não há padrão ou dependência; $119 + 148 = 267 = 34\%$. **E** agora, como explicaremos essas 267 leituras antigas na f^{35} ? Indo para o próximo bloco, temos outras 224 leituras onde não há padrão ou dependência; $267 + 224 = 491 = 61,8\%$. Ora, ora, como podemos explicar essas 491 leituras antigas na f^{35} ? Indo para o próximo bloco, temos outras 100 leituras onde não há padrão ou dependência; $491 + 100 = 591 = 74,3\%$. O último bloco leva o total a 77,9%.

Alegar uma dependência em face desta EVIDÊNCIA, eu considero ser desonesto. A f^{35} é claramente independente de todas essas linhas de transmissão, elas próprias independentes. Se a f^{35} é independente, então é antiga, por necessidade. A f^{35} tem todas aquelas leituras primitivas pelo suficiente motivo de que seu **texto** é primitivo, datando ao século III, pelo menos. Mas se f^{35} é independente de todas as outras linhas de transmissão (é comprovadamente independente de K^x , etc.), então ela há de remontar aos Autógrafos. Que outra explicação razoável existe? Caso alguém queira alegar que f^{35} é uma recensão, eu requeiro (e insisto) que ele identifique quem a fez, quando e aonde, e provenha a evidência que apoia a alegação. Sem evidência, qualquer alegação nessa direção é frívola e irresponsável.

Mas por que, então, não temos MSS da f^{35} antes do século XI? Bem, por que você imagina que, com poucas exceções, apenas MSS da f^{35} tem as

lições do Lecionário marcados na margem? Poderia ser porque as comunidades de língua grega as usavam em seus cultos de adoração, bem como para a leitura em refeições comunitárias? E qual efeito produz o uso constante em qualquer livro? Sugiro, para uma consideração calma, fria e consciente de todos os interessados, que quaisquer MSS dignos estariam em uso constante e, portanto, não poderiam sobreviver por séculos. Cópias que eram consideradas de qualidade inaceitavelmente má seriam deixadas na prateleira pegando poeira, e são essas más cópias que sobreviveram.

Seja lá como for, convido a atenção para a seguinte lista de MSS da f^{35} do século XI. Os MSS entre () parecem ser membros marginais da família, ou estão misturados.

<u>MS</u>	<u>Local</u>	<u>Conteúdo</u>
35	Egeia	eapr
83	Munique	e
(125)	Wien	e
(476)	Londres	e (f^{35} em João)
(516)	Oxford	e
547	Karakallu	eap
(585)	Modena	e
746	Paris	e
(1164)	Patmos	e
1384	Andros	eapr
1435	Vatopediu	e
(1483)	M Lavras	e
(1841)	Lesbos	apr (IX/X—talvez seja f^{35} em Paulo)
1897	Jerusalém	ap (Já fiz um cotejo completo, e parece-me da mesma idade)
2253	Tirana	e (Material introdutório indica o século XI)
2587	Vaticano	ap
2723	Trikala	apr
(2817)	Basel	p

Para começar, notamos que há 18 MSS alistados, e cada um em um local distinto (claro, alguns daqueles atualmente na Europa Ocidental podem ter sido adquiridos do mesmo mosteiro). Além disso, como são internamente distintos, representam o mesmo número de exemplares. Uma vez que os exemplares têm de existir antes de quaisquer cópias feitas deles, necessariamente, e uma vez que muitos/a maioria (todos?) desses exemplares também tinham de ser baseados em exemplares distintos, por sua vez, mesmo que alguém alegue uma recensão, não poderia ser perpetrado depois do século VIII – simplesmente impossível. Claro, porque é preciso levar em consideração a distribuição geográfica.

Alguém bolou o arquétipo de f^{35} no século VIII? Quem? Por quê? E como poderia se espalhar pelo mundo mediterrâneo? Há MSS da f^{35} em todo o lugar – Jerusalém, Sinai, Atenas, Constantinopla, Trikala, Kalavryta, Ochrida, Patmos, Karditsa, Roma, Esparta, Meteora, Venedig, Lesbos e a maioria dos mosteiros no Monte Atos (que representavam diferentes ‘denominações’), etc. Mas a massa bizantina controlava pelo menos 60% do fluxo de transmissão (f^{35} = uns 16%); como poderia alguma coisa bolada no século VIII se espalhar tão longe, tão rápido e com tanta pureza? Como isso inspirou tanta lealdade? Tudo o que sabemos sobre a história da transmissão do texto responde que não podia e não aconteceu. É simplesmente impossível que a f^{35} poderia ter sido ‘bolada’ em qualquer momento posterior ao século IV. A lealdade com que a f^{35} foi copiada, o nível de lealdade para com f^{35} sendo muito mais alto do que para qualquer outra linha de transmissão, indica que ela nunca foi ‘bolada’ – ela remonta ao Original.

Precisamos tratar a questão de ‘nível de lealdade’ e o ‘quociente de qualidade’, comparando várias linhas de transmissão nessa base. Por exemplo, por que será que um MS mediano f^{35} terá meramente uma variante cada duas páginas de texto grego impresso, enquanto um MS mediano da massa bizantina terá pelo menos três variantes por página, e um MS mediano alexandrino terá mais que quinze por página? Esse quadro sugere qualquer coisa a respeito de atitude, a respeito de levar a tarefa a sério? Por ‘atitude’ quero dizer para com o exemplar que está sendo copiado – o copista o tratou com respeito ou reverência?

E depois, há o silêncio da história. Embora eu já tenha tocado nisso em outro lugar, isso merece atenção específica. Permita-me pegar emprestado do meu tratamento da ‘Recensão Lucianica’.¹ John William Burgon deu a resposta suficiente para essa invenção.

Além da improbabilidade intrínseca grosseira da suposta Recensão – a completa ausência de uma partícula de evidência, tradicional ou não, de que alguma vez tenha ocorrido, tem de ser considerada fatal para a hipótese de que *aconteceu*. É simplesmente incrível que um incidente de tal magnitude e interesse não tenha deixado vestígio algum de si mesmo na história.²

Não funcionará alguém dizer que o argumento do silêncio não prova nada. Em uma questão dessa ‘magnitude e interesse’, é conclusivo. Sir Frederick G. Kenyon, também, achou esta parte da teoria de Hort como sendo gratuita.

¹ *The Identity of the New Testament Text IV*, p. 84.

² J.W. Burgon, *The Revision Revised* (London: John Murray, 1883), p. 293.

A ausência de evidência aponta para o outro lado; pois seria muito estranho, se Luciano tivesse realmente editado ambos os Testamentos, que apenas o seu trabalho no Antigo Testamento fosse mencionado em tempos posteriores. **O mesmo argumento vai contra qualquer teoria de uma revisão deliberada em qualquer momento definido** [ênfase adicionada]. Sabemos os nomes de vários revisores da Septuaginta e da Vulgata, e seria estranho se os historiadores e escritores da Igreja tivessem omitido registrar ou mencionado tal evento como a revisão deliberada do Novo Testamento em seu grego original.¹

Ora veja, teria algo de misterioso no que Burgon e Kenyon afirmaram? Não é óbvio? Por favor, pare e pense sobre isso por um minuto. O silêncio da história ‘tem de ser considerada fatal para a hipótese’. De passagem, podemos notar que ao passo que Burgon era um defensor ferrenho do Texto Tradicional, Kenyon enfaticamente não o era, sendo de fato um advogado do texto ‘crítico’, assim chamado.

E depois, existe a questão de ‘procura e oferta’. Aqueles que catalogam MSS do NT nos informam que os séculos XII e XIII lideram a turma, em termos de MSS conhecidos, seguidos dos séculos XIV, XI, XV, XVI e X, respectivamente. Há mais de quatro vezes mais MSS do XIII que do X, mas obviamente o grego koinê teria sido uma língua mais viva no X do que no XIII, e assim teria havido mais procura e, portanto, mais oferta. Em outras palavras, muitas centenas de MSS realmente puros do século X pereceram. Uma porcentagem maior dos MSS realmente bons produzidos no século XIV sobreviveu que os produzidos no século XI; e assim por diante. É por isso que existe um nível progressivo de concordância entre os MSS bizantinos, havendo maior percentual de concordância no XIV do que no X. Mas se tivéssemos vivido no X e feito um amplo levantamento dos MSS, teríamos encontrado quase o mesmo nível de concordância (talvez 98%). O mesmo acontece se tivéssemos vivido no século VIII, VI, IV ou II. Em outras palavras, OS MSS SOBREVIVENTES DOS PRIMEIROS DEZ SÉCULOS NÃO SÃO REPRESENTATIVOS DO VERDADEIRO ESTADO DE COISAS NO SEU TEMPO.

Para concluir, quero crer que o leitor não considerará que eu não esteja sendo razoável se eu solicitar que, doravante, todas as pessoas informadas cessem e desistam de chamar a Family 35 (**K^r**) de uma revisão em qualquer momento. Encheu! **Fora com ‘verdades’ falazes!**

¹ F.G. Kenyon, *Handbook to the Textual Criticism of the Greek Bible*, 2nd ed. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1951), pp. 324-25.

O tratamento que Von Soden deu a seu **K^r**

Tenho sido criticado porque nunca respondi, de forma organizada, aos ‘argumentos’ de von Soden, segundo os quais ele chamou seu **K^r** de revisão tardia – nunca fiz por ele o que fiz por Hort. Como há pessoas hoje que ainda pensam que seus ‘argumentos’ são válidos, reconheço que deveria ter feito. Apelei ao Dr. Jakob van Bruggen por ajuda com von Soden. Ele começou sua resposta dizendo que von Soden “faz afirmações e dá descrições, mas não apresenta argumentos ou provas”. Ora, ora, como é possível refutar ‘argumentos’ que não existem? Mas como uma resposta de algum tipo está sendo solicitada, avaliarei as ‘declarações’.

- 1) Von Soden observou que havia relativamente poucos MSS **K^r** nas bibliotecas da Europa Ocidental, provavelmente verdade. Mas ele passou a opinar que era uma circunstância negativa, um ponto contra **K^r**.¹ Ele parece ter esquecido que até a Reforma Protestante a Igreja Romana dominava a Europa Ocidental, e essa igreja usava latim, não grego. Pior ainda, somente o Papa podia interpretar as Escrituras, e somente o clero tinha permissão para lê-las, sequer. As pessoas comuns, os leigos, foram proibidos de fazê-lo. Então, no século 14, quem em toda a Europa Ocidental teria alguma utilidade para os MSS gregos? Eram curiosidades, peças de museu, encontradas apenas em bibliotecas ou museus. Todos os MSS do NT dessas bibliotecas vieram do leste. O Museu Britânico (agora Biblioteca) tem uma coleção considerável; como os conseguiu? Eles foram doados por viajantes que os compraram no leste. Tudo dito e feito, submeto ao leitor que o número de MSS **K^r** no ocidente é irrelevante para a idade e natureza do tipo de texto, e não deve ser aduzido.
- 2) Von Soden repetidamente mencionou o fato bem conhecido de que os MSS **K^r** são caracterizados por um bem trabalhado aparato litúrgico nas margens, incluindo 'começo' e 'fim' escritos dentro do próprio Texto, mas em tinta de uma cor diferente, geralmente vermelha, para que o leitor saiba exatamente por onde começar e parar. Embora alguns MSS não-**K^r** tenham alguma indicação de leituras em suas margens, nenhum é tão elaborado quanto **K^r**, com exceção do que Frederik Wisse² chamou de *Cluster 17* em Lucas, composto por menos de dez MSS (**K^r** tem mais de 250 nos Evangelhos). Até onde eu sei, eles são os únicos dois grupos que possuem o aparato elaborado, de sorte que a presença desse aparelho

¹ Soden, Hermann F. von. *Die Schriften des Neuen Testaments*. 2 vols. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1911, pages 757-765. (O alemão dele é difícil de ler.)

² *The Profile Method for the Classification and Evaluation of Manuscript Evidence* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982).

é virtualmente diagnóstica de seu **K^r** (minha Família 35, **f³⁵**). Isso é fato, mas o que isso significa?

Von Soden deu como sua opinião que a circunstância indicava que seu **K^r** era uma revisão litúrgica produzida em Constantinopla no século XII, mas não ofereceu sequer um fragmento de evidência em apoio de sua opinião. (Ele tentou defender o século XII mudando a data dos três MSS **K^r** que ele conhecia do XI.) (Tenho cópias de pelo menos dez desses MSS, e há outros, mas argumentarei que o ponto é irrelevante.) Agora, deve ser óbvio para todos que preparar uma cópia em duas cores com um aparato elaborado levará mais tempo e esforço do que uma cópia em uma cor sem esse aparato. Então, por que as pessoas fariam isso? Tinha que haver uma demanda por tais cópias. Mas que fator, ou fatores, poderia impulsionar tal demanda?

Um MS com um aparato litúrgico foi obviamente preparado para ser usado para leitura pública, para ser lido em voz alta para uma audiência. Para leitura e estudo particulares, você deseja um texto sem interrupções. Von Soden chegou a notar que as letras individuais em seus MSS **K^r** tendiam a ser um pouco maiores do que em MSS não-**K^r**. Então, por que seria isso? Presumivelmente para facilitar a leitura pública. Então, por que **K^r/f³⁵** é de longe a maior família dentro da ampla tradição bizantina? E por que estão seus representantes espalhados por todo o mundo mediterrâneo? E quantas pessoas podiam ler grego koinê, e quantas delas podiam comprar uma cópia privada do NT? Afinal, a ‘oferta e demanda’ opera na Igreja tanto quanto no mundo. No início, eram as congregações locais que exigiam cópias, para serem acompanhadas pelas comunidades monásticas, mais tarde.

Em 2014 passei nove noites na península de Monte Atos, com seus vinte mosteiros independentes. Visitei cinco deles (incluindo os quatro primeiros na hierarquia), dormi em três deles e comi refeições em dois deles. Até hoje, os monges e visitantes comem em silêncio, enquanto um monge lê as Escrituras em voz alta. Os mosteiros orgulham-se de serem regidos pela tradição, que afirmam remontar aos primeiros séculos. Não é razoável concluir que essa tradição inclui a leitura das Escrituras durante as refeições? Não usariam MSS precisamente preparados para leitura pública? E a que tipo de texto esses MSS pertencem? E por que eles usaram esse tipo de texto? Esses MSS pertencem à Família 35, e eles usaram essa família porque foi essa a tradição que receberam, uma tradição que foi repassada ao longo dos séculos.

Independentemente do Talmud, sabemos pelo NT que era costume nas sinagogas judaicas ler os escritos do AT em suas reuniões de sábado. O próprio Senhor Jesus fez isso, conforme registrado em Lucas 4.16-19. No ‘Concílio de Jerusalém’, Tiago concluiu sua decisão com: “Pois desde as

gerações antigas Moisés tem em cada cidade aqueles que o pregam, sendo lido nas sinagogas todos os sábados” (Atos 15.21). O apóstolo Paulo sempre começou seu ministério em uma nova cidade com a sinagoga judaica, quando havia uma. Observe o que Atos 13.15 diz: “Depois da leitura da Lei e dos Profetas, os líderes da sinagoga lhes enviaram . . .” Em uma sinagoga, Paulo geralmente começava seu discurso com: “Homens de Israel e vocês que temem a Deus”, o ‘vocês que temem a Deus’ referindo-se aos gentios que estavam presentes.

Ora, no início, a comunidade cristã era composta principalmente de judeus e tais gentios, e eles naturalmente continuariam a prática de ler as Escrituras em suas reuniões semanais. Lembre-se do que deu origem ao ofício de diácono em Atos 6. “Não é vantajoso que nós deixemos a Palavra de Deus para servirmos às mesas” (versículo 2). “Nós perseveraremos na oração e no ministério da Palavra” (versículo 4). Claro que naquela época a Bíblia deles era o AT; o primeiro Evangelho, Mateus, não sendo publicado até 38/39. No entanto, uma vez que os escritos do NT foram reconhecidos como Escritura desde o início, era natural que eles fossem adicionados ao AT, e com o tempo provavelmente assumiram a liderança. Observe o que Justino Mártir escreveu em sua Primeira Apologia (por volta de 150 d.C.):

No dia chamado domingo, todos os que moram nas cidades ou no campo se reúnem em um lugar, e as memórias dos Apóstolos ou os escritos dos profetas são lidos, enquanto o tempo permite; então, quando o leitor cessa, o presidente [ministro presidindo] instrui verbalmente e exorta à imitação dessas coisas boas.¹

As “memórias dos Apóstolos” eram os Evangelhos como os conhecemos (Primeira Apologia 66). Se considerarmos o uso de Justino da frase “memórias dos Apóstolos” em todos os seus escritos, pode-se concluir com segurança que ele se refere com precisão a dois apóstolos (Mateus e João) e dois seguidores dos apóstolos (Marcos e Lucas), que ele delineou. Justino usou a frase “memórias dos Apóstolos” para fazer referência aos quatro evangelhos, mas ele nunca usou essa frase para fazer referência a evangelhos gnósticos ou apócrifos.²

Observe que os Evangelhos são mencionados primeiro, antes dos ‘escritos dos profetas’, que se referem ao AT. Justino deixa claro que a prática de ler as Escrituras nas reuniões semanais foi continuada pelos cristãos e, como era de se esperar, os escritos do NT passaram a ser preferidos. Não temos

¹ Roberts, Alexander and Donaldson, James, eds. *The Ante-Nicean Fathers*. American Edition. New York: Christian Literature Co., 1906. I. p. 186.

² Comunicação pessoal do Dr. Michael C. Loehrer.

evidências de que a prática de ler as Escrituras em reuniões públicas tenha sido abandonada, pelo menos no leste. Aliás, a própria existência de manuscritos Lecionários seria evidência de que a prática continuou. Se os “Cânones Eusebianos” foram realmente produzidos por Eusébio de Cesaréia (m. 339), temos evidências do início do século IV, e ele certamente estava apenas padronizando o que já estava sendo praticado nas igrejas. Então, quando os monges do Monte Atos afirmam que sua prática remonta aos primeiros tempos, eles estão corretos. No entanto, **nenhuma das colocações acima nos diz que tipo de texto foi usado**, e cabe a mim tratar dessa questão.

Mas primeiro, a evidência dos lecionários contradiz categoricamente a afirmação de von Soden de que o sistema foi criado em Constantinopla no século XII. De acordo com a *Kurzgefasste Liste*¹ (fev., 2018), temos um lecionário conhecido do século IV, dois do V, dois do VI, dois do VII, quinze do VIII, 113 do IX, 162 do X e 303 do XI. Mesmo se reduzirmos todos esses números pela metade (para evitar rodeios), eles demonstram que von Soden estava completamente enganado. Ocorre que entre os Lecionários conhecidos, a segunda maior família contém o texto **K^r/f³⁵**, mas é pequena, comparada à família dominante; mas observe: a diferença está na redação, não na seleção de leituras. Von Soden também afirmou que o texto **K^r/f³⁵** foi imposto por autoridade eclesiástica. Nesse caso, **como é que a grande maioria dos Lecionários tem um texto diferente?** E como poderia algo criado no século 12 suplantar uma prática antiga? Mais uma vez, von Soden estava completamente enganado.

Deveria ser óbvio para todos que os livros usados se desgastam; quanto mais eles são usados, mais rápido eles se desgastam. Os manuscritos mais antigos sobreviveram porque ninguém queria usá-los; nem foram copiados (por que desperdiçar bom pergaminho?). Se as comunidades usassem **K^r/f³⁵** para leitura pública, essas cópias seriam desgastadas e não poderiam sobreviver fisicamente. Assim, a falta de MSS **K^r/f³⁵** antigos não é necessariamente um argumento contra o tipo de texto.

3) Von Soden observou, corretamente, que MSS **K^r/f³⁵** são caracterizados por muito menos variantes do que MSS de outros tipos. Sua explicação foi que seu **K^r** era uma revisão imposta por autoridade eclesiástica; era um texto controlado. Dentro da disciplina, a noção de um texto controlado foi estendida a todo o texto bizantino. Por exemplo, na página 11* da “Introdução” em inglês, os editores da *Editio Critica Maior* de

¹ Kurt Aland, ed., *Kurzgefasste Liste der Griechischen Handschriften des Neuen Testaments* (Berlin: Walter de Gruyter, 1994).

Tiago¹ referem-se ao texto bizantino (que inclui K^r/f^{35}) como sendo “cuidadosamente controlado”. K^r/f^{35} é de longe a maior e mais coesa (internamente consistente) linha de transmissão dentro do amplo rio bizantino, de sorte que se a massa bizantina foi controlada, K^r/f^{35} seria ainda mais.

Pois então, se um texto é ‘controlado’, alguém tem que fazer o controle – se não há controlador, não pode haver controle. Então, quem são os possíveis candidatos? Vejo três possibilidades: seres humanos, Satanás, Deus. Tanto quanto sei, todos aqueles que se referem ao texto bizantino como ‘controlado’ excluem o sobrenatural de seu modelo; então para eles, o controle é feito por seres humanos, independente de influência sobrenatural. Como o suposto controle teria que operar por mais de um milênio, não poderia ser feito por um único indivíduo. Mas quem poderia controlar todo o mundo mediterrâneo? Por mais de mil anos a Igreja Romana usou latim, não grego. Houve alguma vez uma autoridade central em funcionamento entre as Igrejas Ortodoxas? Certamente não por mil anos, e não por todo o mundo mediterrâneo. Então, quem fez o controle?

Não apenas isso, mas o suposto controle era evidentemente bastante frouxo, já que os MSS estão cheios de erros aleatórios, além de dependências compartilhadas. Considere a conclusão alcançada por F. Wisse depois que ele cotejou e analisou 1.386 MSS gregos contendo os capítulos 1, 10 e 20 de Lucas (três capítulos completos). Ele descreveu 37 linhas de transmissão, além de 89 “mavericks”, MSS tão díspares individualmente que não podiam ser agrupados. Dos 37 grupos, 36 caem dentro do amplo rio bizantino, e dentro deles Wisse descreveu 70 subgrupos. Então, que tipo de “controle” poderia permitir semelhante situação? Espero que meus leitores não me achem irracional quando digo que, diante de tais evidências concretas, acho a tese de um texto bizantino “controlado” (excluindo o sobrenatural) ser menos que convincente. Mas então, como podemos explicar a uniformidade comparativa encontrada nele?

Espero que meus leitores estejam cientes de que eu pessoalmente insisto que o sobrenatural deve ser incluído em qualquer modelo de crítica textual do NT. Tanto Deus quanto Satanás certamente existem, e ambos têm um interesse contínuo no destino do Texto do NT. Há algum tempo venho defendendo a preservação divina do Texto do NT em termos concretos. Curiosamente, aqueles que alegam um texto bizantino controlado costumam rejeitar qualquer noção de preservação divina. Mas é claro, se eles não acreditam na inspiração divina, não acreditarão na preservação.

¹ Aland, Barbara, Mink, Gerd, and Wachtel, Klaus (eds.). *Novum Testamentum Graecum, Editio Critica Maior*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

Alguém que nega a existência de um Soberano Criador insistirá logicamente que um ser inexistente não pode fazer nada. Mas como, então, pode tal pessoa explicar o texto bizantino? Digo que nenhuma hipótese naturalista pode explicar a Família 35 (**K^f**).

Satanás certamente não faria nada para ajudar a preservar o Texto do NT; qualquer envolvimento dele seria com o objetivo de perverter o texto, minando assim sua autoridade. (Eu diria que ele concentrou seus esforços no Egito.) Já argumentei em outro lugar que a transmissão do Texto do NT era predominantemente “normal”, e que essa normalidade foi definida pela Igreja Cristã. Por que foram feitas cópias? Porque as congregações precisavam delas. Por que as congregações ‘precisavam’ delas? Porque eles entendiam que os escritos do NT eram divinamente inspirados, e eram lidos e discutidos em suas reuniões semanais. Argumentar que os primeiros cristãos estavam errados nesse entendimento seria irrelevante. Esse entendimento (errado ou não) determinou sua atitude em relação aos escritos do NT, que controlava sua produção de cópias. Se a maioria das pessoas que produziam cópias era composta por cristãos sinceros (mais ou menos), eles fariam seu trabalho com cuidado razoável (alguns mais, outros menos). Aqueles que tinham uma visão forte da inspiração seriam especialmente cuidadosos.

Digo que os MSS sobreviventes refletem minha descrição acima. **K^f/f³⁵**, de longe o grupo maior e mais coeso (talvez o único que existe em todos os 27 livros), representa o núcleo da transmissão, tendo sido seus representantes produzidos por copistas com uma alta visão de inspiração (como evidenciado pelo extremo cuidado em seu trabalho). Fora desse núcleo há um grande número de tangentes, ou riachos, que divergem do núcleo em graus variados, e que começaram em tempos e lugares diferentes. Um monge que estivesse apenas cumprindo uma obrigação religiosa produziria uma cópia bizantina ‘mais ou menos’; bom o suficiente para praticamente todos os propósitos práticos, mas aquém do padrão **f³⁵**.

Então, era o texto bizantino “controlado”? Obviamente não em qualquer sentido estrito. O controle foi exercido por uma crença comum (dentro da comunidade cristã) de que o NT foi divinamente inspirado. Foi essa crença que ditou a proliferação de cópias feitas com razoável cuidado. Esse cuidado razoável se reflete na uniformidade básica dentro da massa bizantina. Mas o explicar da transmissão incrivelmente cuidadosa refletida nos representantes do **f³⁵** requer algo mais.

Dos MSS da família 35 que eu mesmo já cotejei, tenho cópias perfeitas do arquétipo da família (determinado empiricamente) como segue: 29 para Filemom, 15 para 2 Tessalonicenses, 9 para Tito, 6 para Gálatas, 4 para

Eféssios e pelo menos um para 22 dos 27 livros do NT (e muitos outros erram apenas uma única letra!). Estes são MSS de todo o mundo mediterrâneo e que representam cinco séculos. Então, que tipo de controle poderia produzir um nível tão incrível de perfeição – um controle exercido em mosteiros isolados espalhados pelo mundo mediterrâneo e durante cinco séculos? Não conhecemos nenhuma agência humana que pudesse fazê-lo. Se a agência não era humana, então tinha que ser divina. Como von Soden certamente não estava pensando em controle sobrenatural, mais uma vez ele estava completamente enganado.

4) Von Soden estava obcecado com a passagem da mulher adúltera (João 7.53-8.11) (aparentemente ele pensou que ela forneceria uma chave para todo o NT). Ele e sua equipe cotejaram mais de 900 MSS para esses doze versículos (muito mais do que para qualquer outra passagem do NT). Ele reduziu esses 900 MSS a sete famílias, ou linhas de transmissão, que chamou de $M^{1,2,3,4,5,6,7}$ (sendo o M a primeira letra de 'adulterio', em grego). Na página 524 ele ofereceu uma 'árvore', em que seu M^1 estava mais próximo da Fonte e M^7 o mais distante dessa Fonte. As últimas três famílias eram de longe as maiores, qualquer uma delas sendo maior do que as quatro primeiras juntas; tanto assim que quaisquer dois dos três representavam a maioria absoluta do total. Von Soden argumentou que seu M^7 era um composto baseado em seu M^6 e M^5 e, portanto, era posterior e inferior a eles.

Isso faz lembrar do tratamento que Hort deu a seu texto "sírio". No entanto, Hort produziu oito supostas "conflações" dentro de seu texto sírio e o condenou para todo o NT com base nisso. Ora, uma conflação genuína é, por definição, secundária (se você puder provar que as duas leituras mais curtas não são simplificações independentes da leitura original mais longa). Mas na 'Pericope', M^7 não contém nenhuma 'conflação'. Então, em que base objetiva afirmou von Soden que era baseado em M^6 e M^5 ? Dentro da Pericope existem 32 conjuntos de variantes que são relevantes para os três grandes grupos, que agora reproduzirei. Peço ao leitor que tente analisar as evidências sem noções preconcebidas.

As informações oferecidas abaixo são baseadas no cotejo completo feito por Maurice A. Robinson de 1.389 MSS que contêm a Pericope, João 7.53 – 8.11.¹ Tentei estabelecer um perfil de leituras para cada um dos três

¹ 240 MSS omitem a PA, 64 dos quais são baseados no comentário de Teofilato. Outros quatorze têm lacunas, mas não são testemunhas de omissão total. Alguns outros certamente contêm a passagem, mas o microfilme é ilegível. Então, 1389 + 240 + 14 + 7(?) = cerca de 1650 MSS de texto contínuo verificados por Robinson. Ele também verificou um bom número de Lecionários.

grupos principais de MSS, **M^{5,6,7}**. Usei * para distinguir variantes que poderiam ser chamadas de ‘espinha dorsal’ da família, com o objetivo de distingui-la das demais.

	M⁷	M⁶	M⁵
7:53	01 απηλθεν	απηλθεν / απηλθον	*επορευθη / επορευθησαν
8:1	02 Ιησους δε	*και ο Ιησους δε/και ο Ιησους	Ιησους δε
8:2	03 (βαθεως) = omitir	*βαθεως / βαθεως	(βαθεως)
8:2	04 παρεγενετο	*ηλθεν ο Ιησους	παρεγενετο
8:2	05 προς αυτον	προς αυτον	*(προς αυτον)
8:3	06 προς αυτον	(προς αυτον) / προς αυτον	προς αυτον
8:3	07 επι	επι	*εν
8:3	08 κατειλημμενην	κατειλημμενην	*καταληφθεισαν
8:3	09 εν μεσω	εν τω μεσω / εν μεσω	εν μεσω
8:4	10 λεγουσιν	*ειπον	λεγουσιν
8:4	11 (πειραζοντες)	(πειραζοντες)	*πειραζοντες
8:4	12 ταυτην ευρομεν	ταυτην ευρομεν	*αυτη η γυνη κατεληφθη / ειληπται / κατειληπται
8:4	13 επαυτοφωρω	επαυτοφωρω/-φωρω/-φωρω	επαυτοφωρω/-φωρω
8:4	14 μοιχευομενην	μοιχευομενην / -νη	*μοιχευομενη
8:5	15 ημων Μωσης	ημων Μωσης / υμων Μωσης / Μ. ενετ. ημιν / Μωση	*Μωσης ημιν
8:5	16 λιθοβολεισθαι	*λιθαζειν	λιθοβολεισθαι
8:5	17 (περι αυτης)	(περι αυτης) / περι αυτης	(περι αυτης)
8:6	18 κατηγοριαν κατ	κατηγοριαν κατ	*κατηγορειν
8:6	19 μη προσποιουμενος	(μη προσποιουμενος) / μη προσποιουμενος	μη προσποιουμενος
8:7	20 ερωτωντες	ερωτωντες / επερωτωντες	ερωτωντες
8:7	21 ανακυψας	αναβλεψας / ανακυψας	ανακυψας
8:7	22 προς αυτους	*αυτοις	προς αυτους
8:7	23 *τον λιθον επ αυτη βαλετω	*λιθον βαλετω επ αυτην	*επ αυτην τον λιθον βαλετω
8:9	24 και υπο της συνειδησεως ελεγχομενοι	(και υπο της συνειδησεως ελεγχομενοι) / και υπο της συνειδησεως ελεγχομενοι	και υπο της συνειδησεως ελεγχομενοι
8:9	25 εως των εσχατων	εως των εσχατων	*(εως των εσχατων)
8:9	26 μονος ο Ιησους	ο Ιησους μονος / μονος	μονος ο Ιησους
8:10	27 και μηδενα θεασαμενος πλην της γυναικος	*ειδεν αυτην και	και μηδενα θεασαμενος πλην της γυναικος
8:10	28 αυτη	*(αυτη) γυναι	αυτη / αυτη γυναι
8:10	29 εκεινοι οι κατηγοροι σου	εκεινοι οι κατηγοροι σου / οι κατηγοροισου	εκεινοι οι κατηγοροι σου
8:11	30 ειπεν δε αυτη ο Ιησους	ειπεν δε αυτη ο Ιησους	*ειπεν δε ο Ιησους
8:11	31 κατακρινω	κατακρινω	*κρινω / κατακρινω
8:11	32 και απο του νυν	και απο του νυν / απο του νυν και	*και

M⁷ tem um perfil/mosaico único, claro e inequívoco, conforme definido por 127 MSS – não há variação interna entre eles (os 127 são precisamente os mesmos para todos os doze versos). Isso contrasta dramaticamente com **M⁶** e **M⁵**. É possível chegar a um perfil parcial tanto para **5** quanto para **6**, para distingui-los entre si e de **7**, mas eles têm tanta variação interna que não

vejo como chegar a um arquétipo da família que seja objetivamente definido. Como o leitor pode verificar, **6** tem divisão interna nada menos que 15 vezes em 32, o que não melhora seu quociente de credibilidade. **5** tem ‘apenas’ quatro, e por isso é muito menos ‘mole’ que **6**, mas a natureza desses quatro não permite uma única forma arquetípica. (Eu não incluí o conjunto 13 acima porque há uma confusão generalizada entre os MSS.)

Agora atenção, **7** e **6** se juntam contra **5** quatorze vezes; **7** e **5** juntam-se contra **6** nove vezes; **6** e **5** se juntam contra **7** nem uma única vez. Isso significa que **7** é dependente de **5** e **6** (von Soden), ou significa que **5** e **6** são saídas independentes de **7** (WNP)? Apenas para o conjunto 23 os três grupos são inteiramente distintos, mas pelo menos para este conjunto **7** não depende dos outros dois. (Curiosamente, os MSS nos apresentam pelo menos sete arranjos diferentes das cinco palavras do conjunto 23, e o grupo principal dos lecionários atesta uma quarta leitura, não uma das três grandes.) Ao meu ver, **7** é o menor denominador comum, e portanto, mais velho e melhor do que os outros dois. Então qual é o ponto? A questão é que M^7 é igual ao K^r de von Soden (meu f^{35}), e ele usou sua análise de M^7 para caracterizar seu K^r para todo o NT! Ele repetidamente ofereceu M^7 como ‘prova’ de que K^r era tardio. Como qualquer um que esteja remotamente familiarizado com os MSS sabe, caracterizar até mesmo um livro, para não mencionar todo o NT, com base em doze versículos é simplesmente errado.¹

5) Por alguma razão misteriosa von Soden parecia determinado que seu K^r deveria ter sido criado no século XII, e por isso ele se esforçou para mudar a data dos três MSS K^r do XI que ele conhecia. Mas como os três são cópias, não criações originais, seus exemplares eram mais antigos, necessariamente (assim como os exemplares dos exemplares), então o que achava von Soden que estava ‘provando’? Para ele, aparentemente, um tipo de texto não poderia ter existido antes de seu representante mais antigo conhecido [!]. Por muitos anos, tenho ouvido pessoas repetindo a evidente estupidez de que, como não há MSS bizantinos antigos, o texto bizantino não pode ser antigo, e eles ainda estão fazendo isso. Isso se baseia na suposição obviamente falsa de que os MSS sobreviventes dos primeiros séculos são representativos da situação total dos manuscritos naquela época.

Os únicos ‘edifícios’ sobreviventes no Egito com 4.000 anos são as pirâmides. Será alguém tão ridículo a ponto de argumentar que uma

¹ Como é impossível demonstrar objetivamente que M^7 é dependente de M^6 e M^5 , essa dependência imaginada não deve ser alegada como relevante para a idade e a natureza do tipo de texto.

pirâmide era o único tipo de estrutura usada no Egito naquela época? Quantos egípcios naquela época viviam em pirâmides? Absolutamente nenhum, porque as pirâmides eram apenas para os mortos. Mas conseguiram as pessoas comuns uma pirâmide para uma tumba? Apenas um faraó poderia pagar um. Podemos dizer com total certeza que as pirâmides não são representativas da totalidade das estruturas do Egito há 4.000 anos, embora sejam as únicas que sobreviveram. Eu diria que é igualmente certo que os MSS mais antigos não são representativos da situação dos manuscritos na época. (Eles são o local de descanso das formas 'mortas' do Texto do NT, algo como as pirâmides.)

Não sei nem mesmo o nome de nenhum dos meus tataravôs, e não tenho artefatos que eles tenham usado. No entanto, posso afirmar com total certeza que eles existiram. Como eu posso fazer isso? Posso fazer isso porque estou aqui, porque existo. Eu não poderia existir sem tataravôs. Meu corpo contém alguns de seus genes, seu DNA. Só porque eu não existia 400 anos atrás, não significa que nenhum dos meus ancestrais existiu lá. Isso não é perfeitamente óbvio?

Em 1976, o Dr. Jakob van Bruggen publicou *The Ancient Text of the New Testament* (Winnipeg: Premier Printing Ltd.). Ele contém um capítulo sobre 'A Idade do Tipo Bizantino' que ocupa as páginas 22 a 29. Ele arregimenta uma variedade de argumentos para mostrar que o tipo de texto bizantino deve ser mais antigo do que seus representantes sobreviventes. Limitar-me-ei a citar apenas um parágrafo (página 25).

Que condições devem ser satisfeitas se quisermos conceder o prêmio aos maiúsculos mais antigos? Ao fazer essa pergunta, presumimos, intencionalmente ou não, que éramos capazes de fazer uma comparação justa entre os manuscritos de um período anterior e os de um período posterior. Afinal, só podemos chegar a afirmações positivas se for esse o caso. Imagine que alguém dissesse: na Idade Média eram construídas principalmente catedrais, mas nos tempos modernos muitas igrejas pequenas e mais simples estão sendo construídas. Esta afirmação parece completamente verdadeira quando olhamos hoje em volta nas cidades e aldeias. No entanto, estamos enganados. Um erro compreensível: muitas pequenas igrejas da Idade Média desapareceram e, geralmente, apenas as catedrais foram restauradas. Assim, surge uma grande falsificação histórica de perspectiva em relação à história da construção de igrejas. Não podemos fazer uma afirmação geral sobre a construção de igrejas na Idade Média com base nos materiais sobreviventes. Se ainda nos atreveríamos a fazer tal afirmação, presumimos erroneamente que os materiais sobreviventes nos permitiram fazer uma comparação justa.

Mas como está a situação no campo dos manuscritos do Novo Testamento? Temos um número *representativo* de manuscritos dos primeiros séculos? Só se for esse o caso temos o direito de tirar conclusões e declarações positivas. Mas é justamente nesse ponto que surgem as dificuldades. A situação é mesmo tal que sabemos com certeza que *não* possuímos um número representativo de manuscritos dos primeiros séculos. Isso se deve a três motivos, que agora merecem nossa atenção sucessivamente [ênfase no original].

Ele então passa a discutir essas três razões. (Conheço o Dr. van Bruggen pessoalmente, e posso dizer que ele é uma autoridade no assunto das catedrais.) As páginas 101 – 111 do meu *The Identity of the New Testament Text V* fornecem uma discussão detalhada das evidências de um tipo de texto bizantino primitivo.

Continuo a insistir que a maioria dos MSS mais antigos sobreviveu porque eram intoleravelmente ruins; era psicologicamente impossível usá-los, além de ser um desperdício criminoso de bom pergaminho para copiá-los (o uncial 06 não é o único com um ‘filho’ conhecido?). Há algum tempo, cotejei o cursivo GA 789 (Atenas: Biblioteca Nacional) para João, já tendo feito isso para Lucas. Embora o copista tenha cometido um erro ocasional, julgo que seu exemplar foi um representante quase perfeito da Família 35. No entanto, 789 está faltando João 19.12 até o fim. Uma mão posterior, 789^s, tem 19.26 até o final, mas aquele copista era um péssimo soletrador, com média de quase um erro por verso – faz pensar no P⁶⁶ (embora P⁶⁶ seja pior, com média de cerca de dois erros por verso). Dei por mim a ficar zangado com o copista – estava preparado para lançar maldições sobre a sua cabeça! Supondo que a causa dos erros fosse a ignorância, e não a perversidade, o copista não deveria ter empreendido uma tarefa para a qual estava tão lamentavelmente desqualificado. Seria psicologicamente impossível para mim usar 789^s para devoção ou estudo. Eu ficaria com raiva demais para continuar. Presumo que os cristãos sinceros dos primeiros séculos teriam reagido da mesma maneira.

Por estranho que possa parecer, o próprio INTF que Kurt Aland fundou – ele que declarou que os MSS bizantinos eram irrelevantes para a busca do texto original – esse INTF agora publicou o seguinte:

Desde que o *Textus Receptus* foi superado pela crítica textual acadêmica do século 19, há um viés negativo tenaz contra o texto majoritário bizantino. Aonde quer que testemunhas textuais bem conhecidas e antigas como *Vaticanus* e *Sinaiticus*, e ainda mais em combinação com um papiro, se oponham à maioria dos minúsculos, a decisão contra o texto majoritário foi muitas vezes tomada facilmente,

sem considerar seriamente a qualidade das variantes em questão. Portanto, os editores da presente edição tomaram dois fatores como primordiais.

Primeiro, muitas vezes é esquecido que na grande maioria das passagens com variantes apenas umas poucas testemunhas diferem de todas as outras. Como regra, as testemunhas populares dos séculos IV/V e, se conhecidos, de papiros ainda mais antigos, concordam com a maioria absoluta de todas as testemunhas. Isso implica que em todas essas passagens a antiguidade do texto majoritário não está em dúvida.

Segundo, é necessário distinguir consistentemente entre um manuscrito e o texto nele transmitido. “*Recentiores non deteriores*” é um princípio amplamente aceito no editar de filologia, mas na erudição do Novo Testamento foi aplicado apenas a alguns manuscritos mais recentes com peculiaridades textuais semelhantes a Vaticanus e Sinaiticus. Pela razão dada acima, é indubitavelmente verdade que a tradição textual como um todo remonta a um período muito antigo e que a transmissão coerente da maioria de todas as testemunhas textuais fornece um forte argumento *a favor*, não *contra*, a variante em questão [ênfase no original]. (Página 30* da recente [2017] *Editio Critica Maior* de Atos.)

Ora, ora, ora, antes tarde do que nunca! “A tradição textual como um todo” inclui $\mathbf{f}^{35}/\mathbf{K}^r$, necessariamente. A série *Text und Textwert*¹ agora está completa para todo o NT, exceto para João 11-21. A evidência objetiva que ela fornece mostra claramente, empiricamente, que a Família 35 (\mathbf{K}^r) é independente da massa bizantina (\mathbf{K}^x de Soden) em todo o NT. Segue-se que não pode ser uma revisão dessa massa. Qualquer um que continue afirmando que o \mathbf{K}^r de von Soden foi uma revisão de seu \mathbf{K}^x é desinformado ou perverso.²

- 6) Resta abordar a questão do aparato litúrgico característico de $\mathbf{f}^{35}/\mathbf{K}^r$. Uma cópia do lecionário seria muito mais fácil e rápida de produzir do que uma cópia de texto contínuo completa, sem falar de um aparato em uma cor diferente. Já que temos lecionários conhecidos do IV e de todos os séculos subsequentes, por que alguém se daria ao trabalho extra de adicionar um aparato litúrgico a uma cópia contínua do texto? E por que esse aparato foi adicionado a apenas um tipo de texto?

¹ *Text und Textwert der Griechischen Handschriften des Neuen Testaments* (Ed. Kurt Aland, Berlin: Walter de Gruyter).

² Ignorar evidências claras que foram chamadas à sua atenção e continuar a promover uma afirmação que você sabe ser falsa é ser perverso.

Mas primeiro, por que foram preparados lecionários, em vez de MSS de texto contínuo? À medida que a prática de ler e expor passagens estabelecidas em domingos específicos se generalizou, ter que usar um MS de texto completo tornou-se trabalhoso; por que não preparar MSS contendo apenas as leituras estabelecidas? Lembre-se de que a maioria das pessoas não sabia ler e se limitava a ouvir as Escrituras durante as reuniões semanais. Muitas poucas pessoas conseguiam ler e estudar as Escrituras em casa. Menos ainda estariam em condições de fazer cópias escritas de qualquer coisa. Escriba era uma profissão. No entanto, submeto à consideração do leitor que a própria mentalidade que consideraria um lecionário uma coisa boa, por si só, representava um relaxamento de um devoto compromisso com a forma precisa do Texto Sagrado.

A partir do século IV, se não antes, a Igreja Romana usou o latim, não o grego. Então, quem preservou o NT grego durante a Idade Média? Cada vez mais teriam sido as comunidades monásticas de língua grega. Por definição, um mosteiro é uma comunidade religiosa; sua vida diária e sua própria existência derivam e dependem de sua religião. Para as comunidades cristãs, os escritos do NT seriam centrais para sua fé. No entanto, com o passar do tempo, a tradição tomou conta, e haveria um relaxamento de um compromisso devoto com a forma precisa do Texto Sagrado. Isso se refletiria no nível de controle de qualidade que prevalecia em cada mosteiro com referência ao copiar de MSS do NT. Também se refletiria no aumento da produção de lecionários nos mosteiros.

O relaxamento do controle de qualidade no copiar de MSS do NT se reflete na variedade de leituras encontradas entre os MSS que compõem a tradição bizantina. Para três capítulos de Lucas, F. Wisse identificou 36 linhas de transmissão dentro dessa tradição. Um MS bizantino médio terá de 3 a 5 variantes por página de um texto grego impresso (em comparação com 15 a 20 para um MS alexandrino). O monge estava cumprindo um dever religioso, mas sem compromisso pessoal com o Texto. Um MS f^{35}/K^r meramente 'mais ou menos' terá uma variante por duas páginas de um texto grego impresso, enquanto os melhores terão apenas uma variante por quatro ou mais páginas de um texto grego impresso (os realmente bons serão perfeitos para os livros mais curtos). Eu já cotejei um MS com apenas uma variante para os 21 capítulos de João; o mesmo MS (GA 586) tem apenas uma variante para os 16 capítulos de Marcos. O que nos diz esse quadro sobre a mentalidade dos copistas? Como podemos explicar o extremo cuidado demonstrado pelos copistas f^{35}/K^r ?

Os MSS f^{35}/K^r conhecidos provêm de mosteiros isolados ao redor do mundo mediterrâneo e foram produzidos durante cinco séculos (XI-XV). (Ignoro, por enquanto, as gerações de exemplares que eles representam.)

Simplemente não havia agência humana que pudesse exercer tal controle. Evidentemente, alguns mosteiros seriam mais conservadores em doutrina e atitude do que outros, e dentro de um mosteiro conservador um copista individual poderia estar comprometido com a autoridade divina do exemplar que estava copiando. Deixando de lado a participação sobrenatural no processo, a atitude predominante em certos mosteiros mais a convicção pessoal de copistas individuais é a única explicação que posso ver para a incrível consistência interna que os MSS f^{35}/K^r demonstram.

Mas por que iria alguém se dar ao trabalho extra de adicionar um aparato litúrgico a uma cópia de texto contínuo, já que os lecionários eram abundantes? E por que esse aparato foi acrescentado a apenas um tipo de texto, justamente aquele de maior consistência interna? Ora, o que faria um mosteiro conservador se quisesse usar as leituras estabelecidas para a leitura em voz alta nas refeições da comunidade, mas fazê-lo com um MS de texto contínuo (por respeito ao Texto)? O início e o fim das leituras teriam que ser marcados de alguma forma. Mas o respeito ao Texto determina que tais marcadores de leitura não podem ser confundidos com o próprio Texto – portanto, tinta de cor diferente (que também ajudaria o leitor a começar e parar nos pontos corretos).

Muito bem, mas por que escolher f^{35}/K^r ? Bem, se é o respeito ao Texto que te motiva a usar MSS de texto contínuo, ao invés de lecionários, que tipo de texto você vai usar? Se você estiver ciente de que os diferentes MSS oferecem algumas diferenças na redação, como você escolherá? Essa mesma consciência derivará de uma convicção dentro do mosteiro sobre qual linha de transmissão entre os MSS tem o melhor *pedigree*, e será essa linha que merece seu maior respeito. Então esse é o tipo de texto que você vai usar. Mas como é que mosteiros isolados fizeram a mesma escolha? Sim, eis a questão, como é que mosteiros isolados fizeram a mesma escolha? Von Soden opinou que uma autoridade central ordenou uma revisão e a impôs aos mosteiros. Uma vez que é demonstrável que f^{35}/K^r não é uma revisão, em que base essa autoridade imaginária faria uma escolha de qual texto impor? Se essa autoridade fosse um cristão sincero, ele não escolheria o que considerasse ser o melhor texto? Como não havia tal autoridade, resta-nos ainda a questão: como é que os mosteiros isolados fizeram a mesma escolha? Eles provavelmente não fizeram essa escolha; eles simplesmente continuaram a tradição que haviam recebido de gerações anteriores.

E todos eles receberam a mesma tradição porque havia uma convicção generalizada em toda a comunidade cristã global quanto à identidade da linha de transmissão com o melhor *pedigree*. Uma vez que a transmissão do texto do NT ao longo dos séculos foi essencialmente normal, desde o

início, a convicção sobre o *pedigree* seria baseada em evidências históricas. Quando os autógrafos foram escritos, não havia lições do NT. A ideia de adicionar marcadores de leitura veio depois; quanto tempo depois não temos como saber. Em algum lugar ao longo do tempo, o primeiro MS tal foi produzido. A ideia foi tão brilhante que se espalhou como fogo selvagem? Ou a ideia se espalhou lentamente? Nós não temos como saber. No entanto, quando quer que tenha sido, esses marcadores foram adicionados ao tipo de texto que estava sendo usado nas reuniões públicas.

Deve ser óbvio para todos que preparar uma cópia em duas cores com um aparato cuidadoso levará mais tempo e esforço do que uma cópia em uma cor sem esse aparato. Então, por que as pessoas faziam isso? Tinha que haver uma demanda por tais cópias. Um MS com um aparato litúrgico foi obviamente preparado para ser usado para leitura pública, para ser lido em voz alta para uma audiência. Para leitura e estudo particulares, você deseja um texto sem interrupções. Von Soden chegou a notar que as letras individuais em seus MSS \mathbf{K}^r tendiam a ser um pouco maiores do que em MSS não- \mathbf{K}^r . Então por que seria? Presumivelmente para facilitar a leitura pública. De qualquer forma, os livros usados se desgastam. Tanto assim, que os mosteiros que usavam um tipo de texto específico para sua leitura pública certamente faziam e mantinham várias cópias sobressalentes à mão. Não haveria a mesma motivação para os tipos de texto que não foram utilizados. Pode ser por isso que $\mathbf{f}^{35}/\mathbf{K}^r$ é de longe a maior família dentro da tradição bizantina, e é a única família que até agora foi demonstrada existir em todos os 27 livros.¹ (Cópias sobressalentes que nunca foram usadas teriam uma boa chance de sobreviver.)

CONCLUSÃO: A caracterização de Von Soden de seu \mathbf{K}^r como uma revisão tardia é simplesmente falsa. Segue-se que todas as pessoas informadas devem parar de usar o símbolo \mathbf{K}^r .

Quociente de Cuidado do Copista

Há algum tempo, detenho a opinião de que a questão da mentalidade que um copista tinha quando trabalhava merece muito mais atenção do que recebeu até agora. Se podemos concordar que a incumbência de um copista é reproduzir o exemplar que ele está copiando, então deve ser possível avaliar suas falhas ao fazê-lo. É claro que tal avaliação depende da existência conhecida de seu exemplar, ou do arquétipo da família à qual a

¹ De passagem, é do conhecimento geral que os Lecionários não contêm lições do Apocalipse. O que poucas pessoas sabem é que alguns MSS \mathbf{f}^{35} contêm, sim, um aparato litúrgico no Apocalipse. Poderia isso ser algo que merece um estudo mais aprofundado?

cópia pertence (conforme determinado por seu mosaico ou perfil). Onde há uma linha de transmissão descendente de um arquétipo, uma determinada variante poderia estar no exemplar, é claro, mas não vejo nenhuma maneira de controlar essa possibilidade no momento. Uma ‘variante’ é definida por ser diferente da forma arquetípica, como determinada empiricamente pelo consenso dos representantes da família.¹ A variante pode ser avaliada, quando quer que tenha sido introduzida.

Contudo, devemos pensar numa exata definição para ‘variante’. Sou da opinião que no fim o termo ‘variante’ deve ser reservado para leituras que fazem diferença no sentido, e mesmo assim, somente se foram criadas de propósito. Naturalmente, já que uma alteração sem querer também pode alterar o sentido, havemos de ir devagar, razão pela qual usei ‘no fim’. Enquanto isso, no quadro em baixo omiti grafias alternadas da mesma palavra, mas elas estão devidamente registradas no meu aparato completo de f³⁵ para Marcos.

Marcos

Eu convido a atenção para as seguintes evidências do Evangelho de Marcos. Usarei a análise de E.C. Colwell de treze MSS "alexandrinos" no primeiro capítulo e meu próprio cotejo de cinquenta e três MSS da Família 35 para o livro inteiro.² Aqui está a declaração do próprio Colwell.

Depois de um estudo cuidadoso de todas as supostas testemunhas do tipo de texto Beta no primeiro capítulo de Marcos, seis manuscritos gregos emergiram como testemunhas primárias: \aleph , B, L, 33, 892,

¹ Determinei a forma arquetípica da f³⁵ para Marcos com base de cotejos completos dos 53 representantes da família plotados no gráfico que segue. Os resultados se encontram no meu aparato completo de f³⁵ para Marcos. Existem sete divisões em torno de 20%, quatro dos quais são grafias alternadas da mesma palavra. Existem duas divisões em torno de 25%. Nenhum desses nove é candidato sério para a forma arquetípica. Há somente uma divisão séria, em torno de 40%; se encontra em 13.31. O verbo que acompanha “o céu e a terra” é singular ou plural? Em português, a tradução para qualquer um tem que ser “passarão”, então são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Embora o plural tenha uma distribuição geográfica considerável, o singular tem muito mais. Há bons representantes dos dois lados, mas os cinco exemplares melhores têm o singular. Dos cinco MSS do XI, quatro têm o singular. Somando tudo, o singular recebe o aceno.

² A quem nunca cotejou um manuscrito grego, posso dizer que é um trabalho de escravo, enfadonho mesmo. Cotejar uma cópia de um livro do tamanho de Marcos leva vários dias. Então, por que faço? O fator básico é a convicção de que os livros do NT são divinamente inspirados, uma revelação escrita dada pelo Soberano Criador. Uma revelação assim tem autoridade objetiva, e torna-se importante dispor da exata redação original. Se Marcos fosse apenas uma peça de literatura antiga comum, a exata redação original seria de pouco interesse. Para que? Que diferença faria?

2427. Portanto, os manuscritos tipo Beta mais fracos: C, D, 157, 517, 579, 1241 e 1342 foram postos de lado. Então, com base nas seis testemunhas primárias, foi reconstruído um texto ‘mediano’ ou médio, incluindo todas as leituras apoiadas pela maioria das testemunhas primárias.¹ Mesmo nessa base restrita, a quantidade de variação registrada no aparato era consternante. Neste primeiro capítulo, cada uma das seis testemunhas diferiu da média do tipo de texto Beta como segue: L, dezenove vezes (Westcott e Hort, vinte e uma vezes); Aleph, vinte e seis vezes; 2427, trinta e duas vezes; 33, trinta e três vezes; B, trinta e quatro vezes; e 892, quarenta e uma vezes. Esses resultados mostram de forma convincente que qualquer tentativa de reconstruir um arquétipo do tipo de texto Beta em uma base quantitativa está fadada ao fracasso. O texto assim reconstruído não é reconstruído, mas construído; é uma entidade artificial que nunca existiu.² [Um tipo de texto sem arquétipo não pode representar o Original.]

Vamos considerar com cuidado o que Colwell fez, lembrando que ele era um partidário do tipo de texto ‘Alexandrino’ (seu "tipo de texto Beta"). Ele tentou chegar à forma arquetípica daquele tipo de texto, para um capítulo, por maioria absoluta de votos de seus conhecidos representantes, que ele presumiu serem os treze alistados.³ O resultado foi tão incrivelmente ruim

¹ Observar que o texto ‘médio’ dele não incluiria uma leitura onde a divisão interna era tal que não havia maioria absoluta; e como ele usou apenas seis MSS, que fez ele quando deu divisão igual?

² Colwell, "The Significance of Grouping of New Testament Manuscripts", *New Testament Studies*, IV (1957-1958), 86-87. Cf. também Colwell, "Genealogical Method", pp. 119-123. Colwell segue Kenyon e usa "tipo de texto Beta" para se referir ao texto ‘alexandrino’ de hoje, ao passo que Hort usou "grupo b" para se referir a seu texto ‘ocidental’.

³ Notar que a representação total desse tipo de texto é meramente treze MSS (nos Evangelhos), e esse número não aumentou visivelmente desde o tempo de Colwell (fazendo sessenta anos) – mas lembrar que não tem arquétipo demonstrável; o que contrasta com os cinquenta e três MSS da f35 que já cotejei, mas que representam apenas 20% dos representantes da família conhecidos, nos Evangelhos (uns 250 MSS). Resta ver quantas outras famílias, dentro da massa bizantina, podem ser identificadas tendo forma arquetípica única demonstrável, baseada num cotejo completo de uma proporção adequada de seus representantes para estabelecer o arquétipo. Para os volumes do *TuT* cobrindo os primeiros dez capítulos de João, o *INTF* cotejou uns 1875 MSS para 153 jogos de variantes. As páginas 54-90 no primeiro volume contêm uma lista de ‘agrupamentos’ de MSS; deixando de lado o seu Kr, o grupo maior tem 53 MSS, encabeçado pelo MS 2103. O número de grupos é desconcertante. Além disso, com poucas exceções, os grupos, ou famílias, identificados por von Soden e outros se limitam aos Evangelhos; eles não existem em todos os 27 livros que compõem o nosso Cânon do NT. Mas se Deus inspirou todos os 27 livros, então Ele há de ter preservado todos os 27 (caso contrário, para que inspirar). Já que o Autógrafo é o arquétipo quintessencial, qualquer candidato para essa preservação deve ter um arquétipo, um arquétipo

que ele descartou os sete representantes "mais fracos" e tentou novamente, usando apenas as seis testemunhas "primárias". Em suas próprias palavras: "Mesmo nessa base restrita, a quantidade de variação registrada no aparato era consternante". O grande Códice Vaticano discordou de sua forma arquetípica não menos que trinta e quatro vezes, em um capítulo. Ora veja, pode um MS que discorda de seu arquetipo 34 vezes em um capítulo ser chamado de uma boa cópia? Que base objetiva poderia alguém ter para fazer isso? A título de comparação, ou contraste, convido a atenção para as seguintes evidências da Família 35, cobrindo todos os dezesseis capítulos de Marcos, inclusive os últimos doze versos.

Legenda:

- s = leitura singular (até que todos os MSS sejam cotejados, isso é apenas uma suposição; ademais, erros fáceis de transcrição podem ser feitos por mais de um copista, independentemente);
- c = variante corrigida (variação de qualquer espécie corrigida para o arquetipo presumido);
- x = variante não corrigida ('variante' aqui significa que ela é atestada por MSS fora da família, mas por nenhum outro membro da família; isso pode indicar mistura);
- y = a família é dividida, mas a variante também é atestada por MSS fora da família (isso pode ser mistura por parte de quem introduziu a variante);
- / = a família está dividida e a variante não tem atestação externa (um grupo dissidente);
- h = um caso óbvio de homoioteleuton (ou -arcton) [Eu não considero isto como uma 'variante' verdadeira, mas está incluída abaixo];
- i = pura desatenção (frequentemente repetindo uma sílaba de uma linha para a que segue);
- = nenhum desvio do perfil presumido.

Será observado que eu atribuo um número menor de variantes ao exemplar presumido do que à cópia – eu desconto 'c', 's', 'h' e 'i', atribuindo-os ao copista; "c" poderia ter sido feito por outra pessoa, mas o resultado está correto. É claro que qualquer um deles poderia ter estado no exemplar, e o exemplar poderia ter tido um erro que o copista corrigiu, de sorte que os números na coluna "exemplar" são apenas uma aproximação (mas provavelmente não erram muito). Também é verdade que uma variante classificada como 'x', 'y' ou '/' poderia ser um erro independente do copista, e não do exemplar. Apesar de tudo isso, considero que o contorno

empiricamente determinado, e para todos os 27 livros – até este momento só tem um: Família 35.

geral das evidências dadas abaixo é válido e relevante.

f³⁵ em Marcos — dados brutos

MS	dados	total	exemplar	data	local ¹	conteúdo
18	5y, 1/, 7s, 2i	15	6	1364	Constantinopla	eapr
35	5c	5	---	XI	Egeia	eapr
128	1y, 1/, 2s, 1h, 2i	7	2	XIII	Vaticano	e
141	2x, 2y, 4/, 3c, 9s, 2h	22	8	XIII	Vaticano	eapr
204	3y, 2/, 3s, 1i	9	5	XIII	Bologna	eap
510	1x, 1y, 9s, 3i	14	2	XII	Oxford-cc	e
547	10y, 1/, 4s	15	11	XI	Karakallu	eap
553	2x, 9y, 2/, 1c, 4s, 3i	21	13	XIII	Jerusalém	e
586	1i	1	---	XIV	Modena	e
645	2x, 8y, 4/, 3c, 16s, 2h, 13i	48	14	1304	Chipre	e
689	5x, 5y, 1/, 1c, 7s, 3i	22	11	XIII	Londres	e
789	1y, 2s	3	1	XIV	Atenas	e
824	2x, 3y, 3s, 2i	10	5	XIV	Grottaferrata	eapr
928	3y, 1/, 1c, 1s	6	4	1304	Dionysiu	eap
1023	1x, 4y, 2/, 1c, 1s, 1i	10	7	1338	Iviron	e
1040	2x, 3y, 1/, 2s, 1h	9	6	XIV	Karakallu	eap
1072	1y, 2i	3	1	XIII	M Lavras	eapr
1075	4y, 2/, 1s, 2i	9	6	XIV	M Lavras	eapr
1111	4y, 3/, 1c, 1s	9	7	XIV	Stavronikita	e
1117	1x, 3y, 7s, 1i	12	4	XIV	Philotheu	e
1133	10y, 12/, 1c, 10s, 1h	34	22	XIV	Philotheu	e
1145	1x, 9y, 3/, 5c, 2s, 2i	22	13	XII	Constantinopla	e
1147	1y, 3/, 1c, 5s, 2h, 3i	15	4	1370	Constantinopla	e
1199	8x, 12y, 10/, 24s, 19i	73	30	XII	Sinai	e
1251	1x, 9y, 4/, 7s, 1h, 7i	29	14	XIII	Sinai	eap
1339	2x, 1y, 1/, 1s, 1i	6	4	XIII	Jerusalém	e
1384	1x, 8y, 1/, 1c, 7s, 1h, 4i	23	10	XI	Andros	eapr
1435	4y, 1/, 10s	15	5	XI	Vatopedi	e
1461	1y, 3s	4	1	XIII	M Lavras	e
1496	1y, 2s, 1i	4	1	XIII	M Lavras	e
1503	2/, 1c, 2s, 1i	6	2	1317	M Lavras	eapr
1572	3y, 1/, 3s	7	4	1304	Vatopedi	e
1628	1y, 5s, 1h, 2i	9	1	1400	M Lavras	eap
1637	2y, 2s, 2i	6	2	1328	M Lavras	eapr
1652	1y, 1s, 2i	4	1	XVI	M Lavras	eapr
1667	5y, 2/, 1c, 8s	16	7	1309	Panteleimonos	e
1705	1x, 15y, 4/, 13s, 1h, 4i	38	20	XIV	Tirana	e
1713	1y, 2c, 2s	5	1	XV	Lesbos	e
2122	5y, 5s	10	5	XII	Atenas	e
2221	6x, 15y, 1/, 2s, 1h	25	22	1432	Sparta	eap
2253	1y, 1s, 1i	3	1	XI	Tirana	e
2261	10y, 9/, 3c, 1s, 3i	26	19	XIV	Kalavryta	eap
2323	10y, 2/, 4c, 4s	20	12	XIII	Atenas	er
2352	2y, 2/, 4c, 4i	12	4	XIV	Meteora	eapr
2382	1/	1	---	XII	Constantinopla	e
2466	3y, 1/, 3c, 12s, 4i	23	4	1329	Patmos	eap
2503	3y, 1/, 5s, 1i	10	4	XIV	Sinai	e
2554	1/, 1c	2	1	1434	Bucarest	eapr
2765	4y, 1/, 1i	6	5	XIV	Corinto?(Oxford)	e
2875	1x, 37, 2/, 1c, 5s, 1i	13	6	1314	Valopedi	e
2876	2x, 2y, 3/, 13s	20	7	XIV	Vatopedi	e

¹ Dou o local onde o MS foi adquirido, quando é diferente do lugar onde se encontra atualmente, com base em informação disponível.

MS	dados	total	exemplar	data	local ¹	conteúdo
I.2110	2y, 2/, 2c, 1s, 1i	8	4	1322	Iviron	e
L.65	2x, 3y, 2/, 2c, 9s, 2i	20	7	XIV	Leukosia	e

Como escolhi quais MSS cotejar? Eu usei os volumes da *TuT* para Marcos. O *INTF* cotejou cerca de 1.700 MSS para 196 conjuntos de variantes (nem todos os MSS trazem todos os conjuntos). O perfil distintivo da \mathfrak{f}^{35} é composto de apenas quatro desses 196 conjuntos, mas é suficiente para identificar qualquer MS da \mathfrak{f}^{35} que eles cotejaram. Dentro da lista de MSS que se presume pertencer à \mathfrak{f}^{35} , escolhi primeiro aqueles que me dariam a distribuição geográfica mais ampla. Em seguida, concentrei-me nos MSS com um perfil ‘perfeito’. Claro, eu estava limitado pela disponibilidade de MSS em PDF. Com o perfil da minha família para todo o NT, posso identificar rapidamente qualquer MS da \mathfrak{f}^{35} que ainda precisa ser estudado. Foi assim que o Iviron 2110 e o Leukosia 65 entraram (eles ainda não receberam um número do *INTF*, no momento em que escrevo).

Olhando para a tabela, onze MSS têm uma média de apenas uma variante a cada três capítulos ou mais – excepcional! (MS 586 é praticamente perfeito como está.) Outros nove MSS têm apenas uma variante por dois capítulos – excelente. Virtualmente 40% são excelentes ou melhor. Outros dezessete têm apenas uma variante por capítulo – bom. Outros doze têm duas variantes por capítulo – mais ou menos. Outros três têm três variantes por capítulo – pobre. Um MS tem cinco variantes por capítulo – marginal. Note que o pior dos cinquenta e três representantes da \mathfrak{f}^{35} (1199, e, XII, Sinai) é quatro vezes ‘melhor’ do que o melhor representante alexandrino de Colwell, o Codex L. Pare por um momento e pense nas implicações. Como pode qualquer pessoa sã defender a proposição de que o tipo de texto alexandrino representa a melhor linha de transmissão?¹

Um caso representativo

No parágrafo de abertura, afirmo que as variantes podem ser avaliadas.

¹ Repito aqui um período de Colwell: “Estes resultados mostram de forma convincente que qualquer tentativa de reconstruir um arquétipo do tipo de texto Beta com base quantitativa está fadada ao fracasso.” “Estes resultados mostram de forma convincente” outra coisa; aqueles copistas não estavam incomodados por qualquer respeito especial ou consideração para com o que estavam copiando. Fica óbvio que eles não criam que estavam copiando um texto sagrado, o que me faz perguntar a mim mesmo por que eles iriam gastar tempo e material fazendo isso. Vejo só uma explicação que faz sentido: eles estavam deliberadamente pervertendo o texto, presumivelmente debaixo de influência satânica ou demoníaca. De forma contrastante, o cuidado com que a maioria dos copistas da \mathfrak{f}^{35} fizeram seu trabalho implica um alto grau de respeito pelo texto sendo copiado. Se Deus se preocupava com a preservação de Seu Texto, que tipo de copista iria Ele utilizar? Que tipo de copista iria o Espírito Santo proteger e abençoar? [Já que tanto Deus quanto Satanás existem, alguém que exclui o sobrenatural de seu modelo está sendo ingênuo ao extremo.]

Agora vou tomar um dos representantes da f^{35} meramente ‘mais ou menos’
– MS 1384, eapr, XI, Andros – alistar suas variantes e avaliá-las.

- 1.17 γενεσθαι || --- 1384 [o verbo tem que ser entendido de qualquer maneira; o sentido não é alterado]
- 1.44 προσενεγκαι || προσενεγκε [75%] 1384 + cinco [estas formas eram intercambiáveis, de sorte que são praticamente grafias alternadas da mesma palavra]
- 2.17 εχοντες || 1 και 1384 [ele meramente acrescentou uma conjunção implícita; o sentido básico não é alterado]
- 3.12 πολλα || --- 1384 [isto não altera o sentido básico]
- 3.28 υιοις των ανθρωπων || ανθρωποις 1384 [isto é um sinônimo, o sentido básico não é alterado]
- 4.24 μετρειτε || μετρειται 1384 [um itacismo produzindo um erro de grafia]
- 5.4 αλυσειν || αλισειν 1384^{lx} [um erro de grafia; ele acertou em outros lugares]
- 5.13 τα ακαθαρτα || --- [1%] 1384 + um [um caso fácil de homoioteleuton e –arcton]
- 5.19 αναγγελιον || αναγκειλον 1384 [uma grafia alternada]
- 5.27 ακουσασα || ακουσα 1384 [de uma linha para a próxima]
- 6.13 εξεβαλλον || εξεβαλον [10%] 1384 + três [imperfeito, ou 2nd aoristo? um ‘I’ poderia ter sido omitido sem querer, mas há pouca diferença no sentido, de qualquer maneira]
- 6.20 ακουων 1384^{alt} || ακουσας [80%] 1384 + nove [presente, ou aoristo? A primeira mão colocou o presente acima do aoristo como alternativo; há pouca diferença no sentido]
- (1384 está faltando 6.20-45)
- 6.53 γενησαρετ || γεννησαρετ [53%] 1384 + três [uma grafia alternada]
- 7.4 χαλκειων || χαλκιων [70%] 1384 + um [um itacismo, ou uma grafia alternada]
- 7.26 εκβαλη || εκβαλλη [30%] 1384 + dois [2nd aoristo, or presente? no contexto faz pouca diferença]
- 8.7 παραθειναι || παραθηναι [15%] 1384 + um [um itacismo produzindo um erro de grafia]
- 8.35 απολεση || απολεσει [5%] 1384 [subjuntivo do aoristo, ou indicativo do futuro? no contexto faz pouca diferença]
- 8.38 μοιχαλιδι || μοιχαλιδη 1384 [um itacismo produzindo um erro de grafia]
- 9.19 φερετε || 1 μοι 1384 [uma repetição desnecessária do pronome que não altera o sentido]
- 9.20 ιδον || ιδων [70%] 1384 + oito [é o sujeito do verbo o demônio, ou o menino? no contexto faz pouca diferença]
- 9.40 υμων || ημων [12%] 1384 + três [a variante é de qualidade inferior, mas no contexto faz pouca diferença]
- (1384 está faltando 10.23-46, 12.16-41)
- 12.43 βαλλοντων || βαλοντων [39%] 1384 + seis [presente, ou 2nd aoristo? no contexto faz pouca diferença]
- 13.28 γινωσκεται || γινωσκετε [75%] 1384^{alt} + dois [ver 1.44, só que aqui é o alternativo]
- 14:36 παρενεγκαι || παρενεγκε [70%] 1384 + três [ver 1.44]
- (1384 está faltando 15.29-16.7)
- 16.9a μαγδαληνη || μαγδαλινη 1384 [um itacismo produzindo um erro de grafia]
- 16.9b εκβεβληκει || εκβεβληκη 1384 [um itacismo produzindo um erro de grafia]
- 16.14 ωνειδισεν || ωνειδησε 1384 [um itacismo produzindo um erro de grafia]

Com quatro exceções, apenas uma única letra ou sílaba está envolvida, e

em nenhum lugar o significado é seriamente afetado. Se as páginas faltantes estivessem disponíveis e cotejadas, um número de variantes presumivelmente seria adicionado, mas elas não difeririam em espécie das demais. **Alguém lendo o MS 1384 não seria enganado quanto ao significado pretendido em qualquer ponto do livro.** Eu digo que isso é digno de nota e é típico de quase todos os MSS da f³⁵. Ao longo dos séculos de transmissão, qualquer pessoa com acesso a um representante da f³⁵ poderia conhecer o sentido pretendido do Autógrafo.¹ Não apenas isso, a maioria das linhas de transmissão dentro da massa bizantina seria razoavelmente próxima, boa o suficiente para a maioria dos propósitos práticos. Isto também é verdade para o muito criticado *Textus Receptus*; é certamente bom o suficiente para a maioria dos propósitos práticos. Ao longo dos séculos da história da Igreja, a maioria das pessoas poderia ter acesso razoável à revelação escrita de Deus.

Transmissão incrivelmente cuidadosa

Agora vou avaliar as variantes nos onze representantes ‘excepcionais’.

MS 586 tem uma: 10.35 – ημιν || υμιν 510,586. Como o MS 510 tem catorze variantes, e o 586 nunca se junta a ele em outro lugar, evidentemente não há dependência, portanto, essas são variantes independentes. Mas há um aspecto curioso para essa variante: é sem sentido! Os filhos de Zebedeu dizem: “Mestre, queremos que tu faças para nós qualquer coisa que pedirmos”. Portanto, a variante “fazer para vós (pl)” é algo manifestamente sem sentido. Foi um mero caso de itacismo? Se assim for, é o único em todo o livro (para 586). Em várias ocasiões, com copistas diferentes em livros diferentes, tenho observado uma situação semelhante: o copista fez um trabalho perfeito até esse ponto e, em seguida, introduz uma variante impossível, onde o leitor fará quase automaticamente a correção necessária, como aqui. Isso me faz perguntar se o copista se sentiu indigno de produzir uma cópia perfeita e introduziu um erro óbvio de propósito.

MS 2382 tem uma: 13.1 – εις || 1 εκ 510,1117,2382. Como no exemplo acima, evidentemente não há dependência, portanto, são variantes independentes. (MS 1117 tem doze variantes.) “Um dos Seus discípulos disse-lhe” – a preposição é implícita, e tornando-a concreta não altera o significado; a tradução permanece a mesma.

MS 2554 tem duas: 2.23 – ποιειν 2554^c || πειειν 1251,2554,2765; 15.46 – επι την θυραν || 1 τη θυρα 2554 + onze representantes da família. A primeira é obviamente sem sentido, casos independentes de itacismo. O

¹ Sendo que MSS da f³⁵ estão espalhados por todo o mundo mediterrâneo, tal acesso teria sido exequível para a maioria das pessoas.

copista de 2554 percebeu o seu erro e corrigiu-o; por isso esta não é uma variante verdadeira. A segunda representa uma divisão na família. A preposição leva três casos – genitivo, dativo, acusativo – portanto, há pouca diferença no significado.

MSS 789, 1072 e 2253 têm três, a serem discutidos nessa sequência. MS 789: 1.20 – αυτων || αυτον 789,1199; 13.31 – παρελευσεται || παρελευσονται [40%] 789 + vinte e um representantes da família; 16.9 – πρωτη || πρωτον 789. A primeira é um itacismo independente, com resultado sem sentido. (MS 1199 tem 73 variantes). A segunda já foi explicada na primeira nota de rodapé, em “Quociente de Cuidado do Copista”. A terceira é um erro bobo, onde aparentemente o copista ficou confuso e assimilou o sufixo ao do substantivo seguinte, só que assim não faz sentido – talvez ele estivesse correndo para terminar, estando tão perto do final do livro. Em qualquer caso, não é uma variante válida.

MS 1072: 6.22 – ορχησαμενης || ωρχησαμενης 1072; 7.37 – εξεπλησσοντο || εξεπληστο 1072; 9.20 – ιδον || ιδων [70%] 1072 + sete representantes da família. A primeira é presumivelmente um itacismo, resultando em uma ortografia alternativa para a mesma palavra. A segunda é um erro, indo de uma linha à próxima, e não é propriamente uma variante. Quanto à terceira, o verbo tem como sujeito o demônio ou o menino? No contexto, faz pouca diferença.

MS 2253: 5.36 – ευθεως ακουσας || ~ 21 [1%] 547,2253; 8.24 – περιπατουντες || περιπαπατουντες 2253; 15.46 – επι την θυραν || 1 τη θυρα 2253 + onze representantes da família. A primeira é presumivelmente um erro independente, que não afeta o significado. (MS 547 tem quinze variantes.) A segunda é uma repetição acidental de uma sílaba, indo de uma linha à próxima, e não é propriamente uma variante. A terceira foi discutida acima.

Os MSS 1461, 1496 e 1652 têm quatro, a serem discutidas nessa sequência. (Curiosamente, todos os três vêm de M. Lavras, mas têm diferentes conjuntos de variantes.) MS 1461: 5.13 – αυτοις || --- 1461; 6.15 – δε || --- 1461; 12.6 – οτι || --- 824,1461; 13.31 – παρελευσεται || παρελευσονται [40%] 1461 + vinte e um representantes da família. A primeira é uma omissão acidental, presumivelmente, que não altera o significado. A segunda omissão também não afeta o significado. A terceira omissão, presumivelmente independente, também não afeta o significado. (MS 824 tem dez variantes.) A quarta variante foi discutida acima.

MS 1496: 10.43 – εν || --- 1496,2323; 11.10 – υψιστοις || υυψιστοις 1496; 13.31 – (veja acima); 14.43 – παραγινεται || 1 ο 1496. A primeira

é uma omissão independente, tornando a preposição implícita. (MS 2323 tem vinte variantes.) A segunda é uma repetição acidental da vogal, indo de uma linha à próxima, e não é propriamente uma variante. A terceira variante foi discutida acima. A quarta é um acréscimo ‘natural’ do artigo, que não afeta o significado.

MS 1652: 8.32 – προσλαβομενος || προσλαβομενον 1652; 11.13 – αυτην || αυτη 1652; 13.6 – πολλοι || πολλοι 1652; 13.31 – (veja acima). A primeira é um erro óbvio que qualquer leitor corrigiria em sua mente. Para a segunda, a preposição leva os dois casos, sem mudança de significado, neste contexto. A terceira é um erro ortográfico óbvio. A quarta foi discutida acima.

Os MSS 35 e 1713 têm cinco, a serem discutidos nessa sequência. MS 35: todas as cinco foram corrigidas para o arquétipo.

MS 1713: as duas primeiras foram corrigidas para o arquétipo; 9.5 – ηλια || ηλιαν 1705, 1713, 2503; 9.50 – αρτυσετε || αρτυσητε 1713; 13.31 – (veja acima). A terceira parece ser uma mudança independente, do dativo para o acusativo, embora o dativo é claramente correto. O significado não é alterado. (MS 1705 tem 38 variantes; MS 2503 tem dez.) A quarta pode ser um itacismo, embora mude o modo verbal. O significado não é alterado. A quinta foi discutida acima.

De um total de trinta e cinco variantes, em onze MSS, em todo o livro de Marcos,¹ oito foram corrigidas, o que deixa vinte e sete. Pelo menos seis não são propriamente variantes, o que deixa vinte e uma. Cinco são repetições de uma variante em comum, o que deixa dezesseis.² A maioria destas envolve uma única letra ou sílaba, como é típico das variantes da f³⁵. Nenhuma delas muda o significado. Ora veja, eu chamo isso de **transmissão incrivelmente cuidadosa**.

Atrevo-me a prever, se todos os MSS conhecidos chegarem a ser cotejados, que nenhuma outra linha de transmissão chegará perto desse nível de precisão, ou o quociente de cuidado do copista.

Observações

1) Dois terços dos MSS cotejados acima não têm variantes extrafamiliares

¹ 11 MSS x 16 capítulos = 171 capítulos; levou esses onze MSS juntos nada menos que 171 capítulos para introduzir o tanto de variantes que Códice B conseguiu fazer em um! Isso quer dizer que Códice B é 171 vezes pior do que os onze representantes da f³⁵ juntos. Mesmo assim, existem pessoas que dizem que B é o nosso ‘melhor’ MS!

² Quer dizer, os onze MSS juntos têm 16 variantes para o livro inteiro, o que dá uma média de 1,5 variantes cada, para o livro inteiro!

- = sem mistura. Os monges reproduziam fielmente o que estava na frente deles.
- 2) O MS mais descuidado, 1199, também tem o maior número de variantes extrafamiliares = o copista era relativamente descuidado e não se preocupava com a pureza. (Mas se representasse qualquer outra linha de transmissão dentro da massa bizantina, provavelmente seria uma boa cópia.)
 - 3) Os cinco MSS do século XI evidentemente refletem exemplares distintos (que provavelmente tinham exemplares distintos), de modo que o arquétipo certamente existiu no período uncial.
 - 4) Embora o perfil exato do arquétipo seja claro, também fica claro que os MSS conhecidos refletem várias linhas de transmissão separadas dentro da família.
 - 5) Qualquer tentativa de reconstruir uma árvore genealógica para a família exigirá a colocação de um número razoável de nódulos intervenientes, nódulos que bem poderiam estar separados por séculos.
 - 6) Segue-se que qualquer alegação de que o arquétipo da f^{35} foi criado após o início do período minúsculo é desinformada ou perversa.

Romanos

Eu convido a atenção para as seguintes evidências para a carta de Paulo aos Romanos. Usarei o cotejo de Reuben Swanson dos três grandes MSS 'alexandrinos' – Códice Aleph (01), Códice A (02) e Códice B (03)¹ – e meu próprio cotejo de trinta e sete MSS da Família 35, ao longo de todo o livro em ambos os casos.

Eu simplesmente segui Swanson religiosamente; não conferi nenhum de seus MSS. Eu fiz uma contagem aproximada; eu geralmente contava uma frase como uma variante, e uma longa omissão também. Eu não contei *nomina sacra*, *nu* móvel, acentos e $\kappa\alpha\theta\omega\varsigma/\kappa\alpha\theta\omega$. Swanson cotejou contra tanto o UBS⁴ como o Oxford 1873 TR. A diferença entre a 3ª e a 4ª edição da SBU está no aparato; o texto é o mesmo, o texto que Kurt Aland teve o prazer de chamar de texto "padrão". É basicamente um texto 'alexandrino', e eu o usarei para representar o arquétipo 'alexandrino' hipotético (considero que esse seja o julgamento dos editores).

Com base nessa contagem aproximada descrita acima, o Códice B diferiu de UBS⁴ 271 vezes, Aleph 308 vezes e Códice A 333 vezes; isso para o

¹ *New Testament Greek Manuscripts—Romans* (Pasadena, CA: William Carey International University Press, 2001). Nos Evangelhos, códice A é marginalmente bizantino, mas nas Epístolas ele é considerado alexandrino de boa qualidade. (Parece-me que lembro ter visto a opinião de que é melhor do que Aleph, e até de B.)

livro inteiro de Romanos. Mesmo que minha contagem aproximada fosse reduzida em 10, 20 ou mesmo 50, faria pouca diferença para o propósito deste exercício: **esses três grandes códices são lamentavelmente pobres representantes de seu tipo de texto alexandrino**. No entanto, fiz uma segunda contagem, eliminando também grafias alternativas da mesma palavra (a maioria envolvia ei/i/e). Com base nesta segunda contagem, o Códice B diferiu do UBS⁴ 170 vezes, Aleph 133 vezes e do Códice A 204 vezes. Houve muitos e muitos itacismos, especialmente em Aleph. O quadro melhorou consideravelmente, mas esses três grandes códices ainda são representantes bastante pobres de seu tipo de texto alexandrino.

A título de comparação, ou contraste, convido a atenção para as seguintes evidências da Família 35, abrangendo também Romanos por completo.

f³⁵ em Romanos – dados brutos

MS	dados	total	exemplar	data	local ¹	conteúdo
18	2y, 1s, 1h, 1i	5	2	1364	Constantinopla	eapr
35	3c	3	---	XI	Egeia	eapr
141	1x, 1c, 4s, 2h, 1i	9	1	XIII	Vaticano	eapr
201	2x, 2/, 1c, 3s, 1i	9	4	1357	Constantinopla	eapr
204	1/, 1h, 1i	3	1	XIII	Bologna	eap
386	2y, 2s, 1h	5	2	XIV	Vaticano	eapr
394	2y, 3/, 4s, 1i	10	5	1330	Roma	eap
757	1y, 1/, 1c, 3s, 1h	7	2	XIII	Atenas	eapr
824	1x, 1y, 1/, 1s	4	2	XIV	Grottaferrata	eapr
928	2/	2	2	1304	Dionysiu	eap
986	2y, 1/, 4s, 1i	8	3	XIV	Esphigmenu	eapr
1040	2x, 1y, 1/	4	4	XIV	Karakallu	eap
1072	1x, 1y, 1/, 4s	7	3	XIII	M Lavras	eapr
1075	1x, 1y, 1/, 1s, 1h	5	3	XIV	M Lavras	eapr
1100	1y, 1s	2	1	1376	Dionysiu	ap
1249	1c, 3s, 1i	5	---	1324	Sinai	ap
1482	---	---	---	1304	M Lavras	eap
1503	1y, 1/, 1i	3	2	1317	M Lavras	eapr
1548	1x, 2/, 6s, 3i	12	3	1359	Vatopediu	eap
1637	1y, 1/, 1s, 1i	4	2	1328	M Lavras	eapr
1652	1y, 1/, 1s	3	2	XIV	M Lavras	eapr
1704	1y, 5s, 2h, 5i	13	1	1541	Kutlumusiu	eapr
1725	1/, 3s, 4i	8	1	1367	Vatopediu	ap
1732	1x, 1y, 1s, 2h	5	2	1384	M Lavras	apr
1761	2x, 2y, 1c, 3s, 1h	9	4	XIV	Atenas	ap
1855	1s	1	---	XIII	Ivion	ap
1856	6x, 1y, 2/, 6s, 1h	16	9	XIV	Ivion	ap
1858	1y, 1/, 1s, 1i	4	2	XIII	Konstamonitu	ap
1864	1y, 1/	2	2	XIII	Stavronkita	apr
1865	1s	1	---	XIII	Philotheu	apr
1876	2x, 2/, 12s, 2h, 5i	23	4	XV	Sinai	apr

¹ Indico o local onde o MS foi adquirido, quando este difere do local onde se encontra atualmente, com base nas informações disponíveis.

1892	3y, 2/, 1c, 12s, 1h, 2i	21	5	XIV	Jerusalém	ap
1897	1/, 4s, 2h, 1i ¹	8	1	XII	Jerusalém	ap
2466	2c, 11s, 2i	15	---	1329	Patmos	eap
2554	---	---	---	1434	Bucarest	eapr
2587	1/, 2s	3	1	XI	Vaticano	ap
2723	---	---	---	XI	Trikala	apr

Olhando para a tabela, dezoito MSS têm uma média de apenas uma variante a cada quatro capítulos ou mais – excepcional! (MSS 1482, 2554 e 2723 são perfeitos como estão.) Outros nove MSS têm apenas uma variante a cada dois capítulos – excelente. Mais de 70% são excelentes ou melhor. Outros oito têm apenas uma variante por capítulo – bom. Outros dois têm duas variantes por capítulo – mais ou menos. Notar que o pior dos trinta e sete representantes da I³⁵ (1876, apr, XV, Sinai) é quase seis vezes ‘melhor’ do que o melhor representante de Alexandria, o Códice Aleph. Pare por um momento e pense nas implicações. **Como pode qualquer pessoa sã defender a proposição de que o tipo de texto alexandrino representa a melhor linha de transmissão?**

Um caso representativo

No parágrafo de abertura, afirmei que as variantes podem ser avaliadas. Agora vou tomar um dos dois representantes meramente "mais ou menos" da I³⁵ – MS 1892, ap, XIV, Jerusalém – alistar suas variantes e avaliá-las.

- 1.6 ημων 1892^c || --- 1892 [uma omissão sem querer que foi corrigida]
- 2.5 του || --- (grupo 1) 1892 [como o caso é genitivo, não altera o sentido]
- 4.21 πληροφορηθεις || πληροφορηθεις 1892 [um itacismo resultando num erro de grafia; os dois tinham a mesma pronúncia]
- 5.11 νων || --- 1892 [uma omissão sem querer que não altera o sentido básico]
- 5.13 ελλογεται || ελλογειτο 1892 [será que o copista estava querendo mudar de presente para imperfeito? Não altera o sentido]
- 9.15 μωση || μουσει 1892 [meramente uma grafia alternada para o nome próprio]
- 9.27 ως η || ωσει 1892 [um itacismo resultando num erro de grafia; os dois tinham a mesma pronúncia]
- 12.8 1892 supre ο μεταδιδους εν απλοτητι na margem (um caso claro de homioarcton, e/ou -teleuton)
- 13.11 γαρ || --- 1892 [uma omissão sem querer que não altera o sentido básico]
- 14.8 αποθησκομεν || αποθησκωμεν 1725,1876,1892 [um itacismo que muda Indicativo para Subjuntivo, mas que faz pouca diferença dentro do contexto; os dois tinham a mesma pronúncia; os outros dois MSS não pertencem ao grupo 1, de

¹ Só contém 1:1 – 11:22.

- sorte que é uma mudança independente]
- 14.15 χριστος || 1 δωρεαν 1892 [um acréscimo que faz pouca diferença]
- 15.7 αλληλους || αλληλοις 1892 [assim parece—trabalhando com filme preto e branco, certeza é difícil; muda acusativo para dativo, mas não altera o sentido]
- 15.9 ψαλω || ψαλλω 1892 [provavelmente um descuido, mas muda futuro para presente, mas que faz pouca diferença no sentido; os dois tinham a mesma pronúncia]
- 15.13 περισσευειν || περησσευειν 1892 [assim parece—trabalhando com filme preto e branco, certeza é difícil; um itacismo resultando num erro de grafia; os dois tinham a mesma pronúncia]
- 15.29 του χριστου || της ειρηνης 1892 [talvez o exemplar estava danificado; dentro do contexto a mudança faz pouca diferença]
- 15.30 συναγωνισασθαι || συναγωνισασθε 141,1892 [muda Indicativo para Subjuntivo, mas eles produzem o mesmo efeito; são duas maneiras de dizer a mesma coisa; o outro MS não pertence ao grupo 1, de sorte que é uma mudança independente]
- 16.2 και γαρ || 121 1892 [uma repetição por descuido da conjunção coordenadora, que não altera o sentido]
- 16.3 πρισκαν || πρισκιλλαν [30%] 394,1249^c,1761,1892 [nomes alternados para a mesma pessoa]
- 16.6 υμας || ημας (75.5%) 394,1732,1761,1892 [uma mudança que dominou a transmissão geral; dentro do contexto a mudança faz pouca diferença]
- 16.20 συντριπει || συντριψοι 1652^{alt},1892 [uma mudança do futuro do Indicativo para o Optativo que enfraquece a força do verbo]
- 16.24 ημων || υμων [82%] (grupo 1)+ 1892 [uma mudança que dominou a transmissão geral que aconteceria quase automaticamente se o copista não percebeu que é o Tertio que estava falando; dentro do contexto a mudança faz pouca diferença]

Com cinco exceções, apenas uma única letra ou sílaba está envolvida, e em nenhum lugar o significado é seriamente afetado.¹ **Alguém lendo o MS 1892 não seria enganado quanto ao significado pretendido em qualquer ponto do livro.** Eu digo que isso é digno de nota e é típico de quase todos os MSS da f³⁵. Ao longo dos séculos de transmissão, qualquer pessoa com acesso a um representante da f³⁵ poderia conhecer o sentido pretendido do Autógrafo.² Não apenas isso, a maioria das linhas de transmissão dentro da

¹ Observando essa lista, fica evidente que o quociente de cuidado do copista ‘flutuou’; metade das alterações ocorreram nos últimos dois capítulos; entre 5.13 e 9.15 não há alteração: durante quatro capítulos o trabalho dele foi perfeito. No capítulo 16 parece que ele sofreu alguma influência de fora da família. Contudo, 1892 é um representante adequado da redação original de Romanos.

² Sendo que MSS da f³⁵ estão espalhados por todo o mundo mediterrâneo, tal acesso seria exequível para a maioria das pessoas.

massa bizantina seria razoavelmente próxima, boa o suficiente para a maioria dos propósitos práticos. Isto também é verdade para o muito criticado *Textus Receptus*; é certamente bom o suficiente para a maioria dos propósitos práticos. Ao longo dos séculos da história da Igreja, a maioria das pessoas poderia ter acesso razoável à revelação escrita de Deus.¹

Transmissão incrivelmente cuidadosa

Agora vou avaliar as variantes nos dezoito representantes ‘excepcionais’. (Dezoito, dos trinta e sete, é praticamente a metade).

Os MSS 1482, 2554 e 2723 são perfeitos como estão.

Os MSS 1855 e 1865 têm uma, a serem discutidos nessa sequência. O MS 1855: 13.1 – υπο || 1 του 1855, 1856. Ambos os MSS são mantidos pelo mesmo mosteiro, e portanto podem ter tido um exemplar comum. Eles adicionam o artigo antes de "Deus", mas como o caso é genitivo o significado não é tocado.

MS 1865: 16.18 – ευλογιας || ευλογολογιας 1865 (assim parece – trabalhando a partir de um filme preto e branco, é difícil ter certeza). É óbvio que algo deu errado aqui e o resultado é sem sentido; um leitor presumivelmente faria a correção necessária.

Os MSS 928, 1100 e 1864 têm duas, a serem discutidos nessa sequência. MS 928: 11.1 – αβρααμ || 1 εκ 394, 928, 1856. Os três MSS pertencem ao grupo 2, e podem apontar para um subgrupo. A preposição é implícita, e torná-la concreta não altera o significado; a tradução continua a mesma. 16.19 – ειναι 1249c || --- 201,394,928,1249, 1856. Todos, exceto 201, pertencem ao grupo 2. O verbo deve ser entendido em qualquer caso, e portanto o significado não é afetado, mas em todo caso, foi corrigido.

MS 1100: 15.6 – δοξαζητε || δοξαζηται 1100. Essa mudança é bastante comum, evidentemente sendo considerada como duas maneiras de dizer a mesma coisa. 16.24 – ημων || υμων [82%] (grupo 1) + 1100. MS 1100 não faz parte do grupo 1 ou 2. Esta é uma mudança que dominou a transmissão geral que aconteceria quase automaticamente se o copista não percebeu que é o Tertio que estava falando; dentro do contexto a mudança faz pouca diferença.

MS 1864: 2.5 – του || --- (grupo 1) 1864. O grupo omite o artigo antes de

¹ Contudo, é bom lembrar o que está escrito em 2 Coríntios 4.7: detemos o ‘tesouro’ em ‘vasos de barro’. Mesmo com um Texto perfeito em mãos, devido a nossas limitações inerentes somos incapazes de aproveitar ao máximo esse Texto. Quem entre nós pode garantir uma interpretação perfeita desse Texto perfeito? Haja humildade!

“Deus”, mas como o caso é genitivo o significado não é tocado. 16.24 – ημων || υμων [82%] (grupo 1) + 1864. O MS 1864 faz parte do grupo 1. Essa é uma mudança que dominou a transmissão geral que aconteceria quase automaticamente se o copista não percebeu que é o Tertio que estava falando; dentro do contexto a mudança faz pouca diferença.

Os MSS 35, 204, 1503, 1652 e 2587 têm três, a serem discutidos nessa sequência. MS 35: 1.27 – εξεκαυθησαν 35^c || 1 εν [70%] 35. A preposição é implícita, mas em qualquer caso a variante foi corrigida. 2.4 – αυτου και της 35^c || --- 35. Esta pode ser um caso de homoioteleuton, mas em qualquer caso a variante foi corrigida. 15.31 – γενηται τοις αγιοις 35^c || ~ 231 [5%] 35,2466. A mudança na ordem das palavras não afeta o significado, mas em todo caso a variante foi corrigida. Enquanto corrigido, este manuscrito é perfeito.

MS 204: 2.25 – σου || 11 204. A palavra é repetida de um lado da folha para o outro. É obviamente um erro não intencional que seria automaticamente corrigido por um leitor. 6.8 – πιστευομεν || πιστευωμεν (grupo 2)+ 204. Isto pode ser um itacismo, mas muda o modo verbal do Indicativo para Subjuntivo, o que enfraquece um pouco a força do verbo. Como o MS 204 não faz parte do grupo 2, pode ter sido um deslize independente. 10.15 – ειρηνην των ευαγγελιζομενων || --- 204. Isto parece ser um caso claro de homoioteleuton, que eu não considero ser uma variante propriamente dita; mas como o resultado dá um bom sentido, o copista evidentemente não percebeu (é parte de uma citação do AT).

MS 1503: 2.5 – του || --- (grupo 1) 1503. O grupo omite o artigo antes de “Deus”, mas como o caso é genitivo o significado não é tocado. 11.4 – 1503 repete ‘o’ de uma linha para a seguinte. É obviamente um erro não intencional que seria automaticamente corrigido por um leitor. 16.24 – ημων || υμων [82%] (grupo 1) + 1503. O MS 1503 faz parte do grupo 1. Essa é uma mudança que dominou a transmissão geral que aconteceria quase automaticamente se o copista não percebeu que é o Tertio que estava falando; dentro do contexto a mudança faz pouca diferença.

MS 1652: 1.15 – και || 1 εν 1652. Isso parece ser um erro de descuido que um leitor provavelmente ignoraria. 2.5 – του || --- (grupo 1) 1652. O grupo omite o artigo antes de “Deus”, mas como o caso é genitivo o significado não é tocado. 16.24 – ημων || υμων [82%] (grupo 1) + 1652. O MS 1652 faz parte do grupo 1. Essa é uma mudança que dominou a transmissão geral que aconteceria quase automaticamente se o copista não percebeu que é o Tertio que estava falando; dentro do contexto a mudança faz pouca diferença.

MS 2587: 3.20 – δικαιωθησεται || δικαιουται 2587. Isso muda a pessoa do plural para o singular e o tempo do futuro para o presente. No contexto, o significado não é alterado. 6.8 – πιστευομεν || πιστευωμεν (grupo 2)+ 2587. Pode ser um itacismo, mas muda o modo do Indicativo para o Subjuntivo, o que enfraquece um pouco a força do verbo. 12.2 – μεταμορφουσθε || μεταμορφουσθαι 2587. Isso muda o Subjuntivo para o Indicativo, mas eles têm o mesmo efeito; são duas maneiras de dizer a mesma coisa.

Os MSS 824, 1040, 1249, 1637 e 1858 têm quatro, a serem discutidos nessa sequência. MS 824: 2.5 – του || --- (grupo 1) 824. O grupo omite o artigo antes de “Deus”, mas como o caso é genitivo o significado não é tocado. 11.17 – αγριελαιος || αγριελεος 824. Isso parece ser um itacismo, resultando em uma ortografia alternativa. 15.14 – αλλους || αλληλους [7%] 824. “Admoestar um ao outro” talvez parecesse mais natural que “admoestar os outros”, mas a diferença de significado é pequena. 16.24 – ημων || υμων [82%] (grupo 1) + 824. O MS 824 faz parte do grupo 1. Essa é uma mudança que dominou a transmissão geral que aconteceria quase automaticamente se o copista não percebeu que é o Tertio que estava falando; dentro do contexto a mudança faz pouca diferença.

MS 1040: 11.17 – πιστητος || ποιτητος 1040, 1072^c, 1548. Isso parece ser um erro de descuido de ortografia, já que o resultado não é uma palavra. No contexto, um leitor faria a correção necessária. 15.2 – ημων || υμων [22%] 1040. Que isso foi uma alteração ‘natural’ se vê pelos 22%, mas no contexto faz pouca diferença. 15.7 – ημας || υμας [38%] 757^c, 1040. Que isso também foi uma alteração ‘natural’ se vê pelos 38%, mas no contexto faz pouca diferença. 16.24 – ημων || υμων [82%] (grupo 1) + 1040. O MS 1040 faz parte do grupo 1. Essa é uma mudança que dominou a transmissão geral que aconteceria quase automaticamente se o copista não percebeu que é o Tertio que estava falando; dentro do contexto a mudança faz pouca diferença.

MS 1249: 2.14 – ποιη || ποιει 1249. Embora isso seja provavelmente um itacismo, muda o modo verbal, mas o significado não é afetado. 9.12 – το || το 1249. Isto se parece com outro itacismo, mas muda o caso por engano. Um leitor faria a correção necessária e, como as duas formas são pronunciadas da mesma forma, um ouvinte entenderia corretamente. 9.20 – το || τω 1249, 1876. Isso parece um itacismo reverso; veja o comentário acima. 16.19 – ειναι 1249^c || --- 201, 394, 928, 1249, 1856. Todos, exceto 201, pertencem ao grupo 2. O verbo tem de ser entendido em qualquer caso, portanto o significado não é afetado, mas a variante foi corrigida.

MS 1637: 2.5 – του || --- (grupo 1) 1637. O grupo omite o artigo antes de “Deus”, mas como o caso é genitivo o significado não é tocado. 15.20 – δε || --- 1637. Essa parece ser uma omissão negligente que não afeta o significado. 16.2 – και || 11 1637. Esse é um erro descuidado; a palavra é repetida de uma linha para a próxima. Um leitor automaticamente corrigiria isso. 16.24 – ημων || υμων [82%] (grupo 1) + 1637. O MS 1637 faz parte do grupo 1. Essa é uma mudança que dominou a transmissão geral que aconteceria quase automaticamente se o copista não percebeu que é o Tertio que estava falando; dentro do contexto a mudança faz pouca diferença.

MS 1858: 1.25 – κτισει || κτιση 1858. Isto parece ser um itacismo que soletra mal a palavra; um leitor faria a correção necessária. 2.15 – κατηγορουντων || κατοιγορουντων 1858. Repita o comentário acima. 6.8 – πιστευομεν || πιστευωμεν (grupo 2) + 1858. Isto pode ser um itacismo, mas muda de Indicativo para Subjuntivo, que enfraquece um pouco a força do verbo. 8.28 – εις || 1 το [27%] 986, 1732^c, 1858. O artigo não é exigido, mas faz pouca diferença.

De um total de quarenta e três variantes, para dezoito MSS, para todo o livro de Romanos,¹ cinco foram corrigidas, o que deixa trinta e oito. Pelo menos dez não são uma variante válida, o que deixa vinte e oito. Treze são repetições de uma variante em comum, o que deixa quinze.² Mais de 30 dos 43 envolvem uma única letra ou sílaba, como é típico das variantes da \mathfrak{F}^{35} . Nenhum deles muda o significado. Ora veja, eu chamo isso de **transmissão incrivelmente cuidadosa**.

Atrevo-me a prever que, se todos os MSS conhecidos forem cotejados, nenhuma outra linha de transmissão chegará perto desse nível de precisão, ou quociente de cuidado do copista.

Observações

1) Dois terços dos MSS cotejados acima não têm variantes extrafamiliares

¹ Se dividirmos 43 por 18 dará uma média de 2,4 variantes para cada um dos dezoito MSS, para o livro inteiro. Se escolhermos um MS médio dos 18, como 204, que tem três variantes, e o compararmos ao Códice Aleph, que tem 133 variantes, levaria o MS 204 nada menos que 44 livros do tamanho de Romanos para produzir tantas divergências de seu arquétipo quanto fez Aleph de seu arquétipo hipotético, para um livro. Levaria o MS 204 nada menos que 56 tais livros para produzir tantas divergências quanto fez B, e 68 para Códice A!! Ora, ora, caro leitor, que base objetiva poderia alguém alegar para preferir o texto ‘alexandrino’? Fazê-lo com base de preferência subjetiva não passa de mera superstição.

² Quer dizer, entre eles os dezoito MSS têm quinze variantes para o livro inteiro, ou uma média de 0,83 variante cada, para o livro inteiro – certamente, transmissão incrivelmente cuidadosa.

= sem mistura. Os monges reproduziam fielmente o que estava na frente deles.

- 2) Os três MSS do século XI evidentemente refletem exemplares distintos (que provavelmente tinham exemplares distintos), de modo que o arquétipo certamente existiu no período uncial.
- 3) Embora o perfil exato do arquétipo seja claro, também fica claro que os MSS conhecidos refletem várias linhas de transmissão separadas dentro da família.
- 4) Qualquer tentativa de reconstruir uma árvore genealógica da família exigirá a colocação de um número razoável de nódulos intermediários, nódulos que bem poderiam estar separados por séculos.
- 5) Segue-se que qualquer alegação de que o arquétipo da f^{35} foi criado após o início do período minúsculo é desinformado ou perverso.

Pós-escrito

As leituras da Família 35 são atestadas por testemunhas antigas, mas sem padrão e, portanto, sem dependência. Mas existem muitas centenas dessas leituras. Então, como o arquétipo da f^{35} veio a ter todas aquelas leituras antigas? Por ventura, o seu criador viajou e recolheu algumas leituras de Aleph, algumas de B, algumas de $P^{45,66,75}$, algumas de W e D, etc.? Essa sugestão não é patentemente ridícula? A única conclusão razoável é de que o texto da f^{35} é antigo (também independente).

Afirmo ter demonstrado a superioridade da Família 35 com base no tamanho (número de representantes), independência, idade, distribuição geográfica, perfil (empiricamente determinado), esmero e abrangência (todos os 27 livros). Eu desafio a todos que façam o mesmo para qualquer outra linha de transmissão!

Transmissão Incrivelmente Cuidadosa

Esta seção enfoca as epístolas à Tessalônica, geralmente consideradas como tendo sido os primeiros dos escritos canônicos do apóstolo Paulo (pelo menos em círculos conservadores). Caso que sim, seu prestígio e autoridade como apóstolo ainda não teriam atingido sua plena estatura e, conseqüentemente, esses primeiros escritos poderiam não ter recebido tanto respeito quanto os posteriores. À medida que continuo a cotejar mais e mais MSS da f^{35} , tenho sido surpreendido por uma imagem diferente. Já cotejei os seguintes trinta e quatro representantes da família, e convido a atenção para os resultados.

Desempenho dos MSS da f^{35} nas Epístolas aos Tessalonicenses

MS	1 Tess.	2 Tess.	Local	Data ¹	Exemplar
18	---	---	Constantinopla ²	1364	---
35	2c	---	Egeia ³	XI	---
201	2y,2/	2x	Londres	1357	2x,2y,2/
204	1	---	Bologna	XIII	1/
328	1/,1s	2s	Leiden	XIII	1/
386	1y,1/,1s	1s	Vaticano	XIV	1y,1/
394	1s	---	Roma	1330	---
444	1s	2s	Londres	XV	---
604	1x,1y	1s	Paris	XIV	1x,1y
757	1s	1y,1c	Atenas	XIII	1y
824	---	li	Grottaferrata	XIV	---
928	---	---	Dionysiu (Atos)	1304	---
986	1s	1s	Esphigmenu (Atos)	XIV	---
1072	li	---	M. Lavras (Atos)	XIII	---
1075	1x,1	---	M. Lavras	XIV	1x,1/
1100	1y,1s	1y	Dionysiu	1376	2y
1248	3x,1/,4s	2s,2i	Sinai	XIV	3x,1/
1249	1y	---	Sinai	1324	1y
1503	2s	---	M. Lavras	1317	---
1548	2x,1s	1s	Vatopediu (Atos)	1359	2x
1637	1/	---	M. Lavras	1328	1/
1725	2/	1/	Vatopediu	1367	3/
1732	1y,2s	1/	M. Lavras	1384	1y,1/
1761	2x,2y,1s	1s,li	Atenas	XIV	2x,2y
1855	---	1s	Iviron (Atos)	XIII	---
1864	---	---	Stavronikita (Atos)	XIII	---
1865	1c	---	Philotheu (Atos)	XIII	---
1876	4y,1/	1y,1/	Sinai	XV	5y,2/
1892	10s	3s	Jerusalém	XIV	---
1897	1/,1c	3s,1h	Jerusalém	XII	1/
2466	1x,2y,1s	1s	Patmos	1329	1x,2y
2554	1c	---	Bucarest	1434	---
2587	1s	1s	Vaticano	XI	---
2723	---	---	Trikala	XI	---

Chave:

x = uma variante não corrigida que é atestada por MSS fora da família;

y = uma divisão que não se limita à família;

/ = uma divisão dentro da família (sem atestação externa);

c = uma variante de qualquer tipo que foi corrigida para o arquétipo presumido;

s = leitura singular / variante privada (até que todos os MSS tenham sido cotejados, isso é apenas uma suposição);

h = um caso óbvio de homoioteuton (ou –arcton), freqüentemente envolvendo uma linha ou mais, mas pode ser apenas três ou quatro

¹ Dou o local e a data conforme estão na *Kurzgefasste Liste* (1994), embora eu tenha algumas dúvidas quanto à exatidão das datas.

² Embora atualmente em Paris, 18 foi produzido em Constantinopla.

³ Embora atualmente em Paris, 35 foi adquirido na região Egeia.

palavras;
i = pura desatenção;
--- = sem afastamentos do perfil presumido.

Implicações

Começo com a última coluna na tabela, "Exemplar". Exceto para 18, 928, 1864 e 2723 que são perfeitos como estão, a maioria dos outros tem uma classificação diferente. Todas as leituras singulares devem ser descontadas (incluindo homoioteleuton e desatenção); se não foi introduzido pelo copista, foi feito pelo "pai" ou "avô" – um ancestral estava livre de todos os "s = singulares", portanto, eles não contribuem em nada para o histórico da transmissão, não são relevantes para o rastreamento dessa transmissão. Todas as variantes que foram corrigidas para o perfil presumido da família também devem ser desconsideradas – seja quem tenha feito a correção, elas foram feitas com base em um exemplo correto (correto naquele ponto). Então eu atribuo apenas 'x', 'y' e '/' ao exemplar – é claro que alguns deles podem ter sido feitos pelo copista, o que tornaria o exemplar ainda melhor, mas eu não tenho como saber quando isso ocorreu.

Observe que de trinta e quatro MSS, dezesseis de seus exemplares (quase a metade) eram 'perfeitos', e outros seis tinham apenas uma variante (o pior tinha apenas sete, em dois livros). Se não tivesse subgrupos, poderíamos estar olhando para trinta e quatro linhas independentes de transmissão, dentro da família, o que para mim é simplesmente fantástico.¹ Mas e os subgrupos? Há alguns bem pequenos em 1 Tessalonicenses, e apenas alguns pares em 2 Tessalonicenses.

Concluo que todos os trinta e quatro MSS eram independentes em sua geração, e não vejo nenhuma evidência que indique uma conclusão diferente para seus exemplares. Por favor, perceba que eu não estou afirmando que todas as trinta e quatro linhas permanecem distintas até o arquétipo. Eu reconheço tranquilamente que haveria uma série de convergências antes de chegar à fonte. No entanto, seja como for tudo isso, estamos olhando para uma transmissão muito cuidadosa.

Agora, eu convido a atenção para a localização geográfica. Os MSS vêm de todo o mundo mediterrâneo. Os treze MSS do Monte Athos foram certamente produzidos em seus respectivos mosteiros (sete). A política eclesiástica tendendo a ser o que ela tende a ser, há pouca probabilidade de ter havido conluio entre os mosteiros sobre a transmissão dos escritos do

¹ 18, 928, 1864 e 2723 foram produzidos em Constantinopla, Dionysiu, Stavronikita e Trikala, respectivamente – considero ser virtualmente impossível que pudessem ter um exemplar comum (claro que poderiam convergir para cá do arquétipo).

Novo Testamento – considero os treze como representando o mesmo número de exemplares. Os MSS de Trikala, Patmos, Jerusalém e Sinai foram presumivelmente produzidos lá; o cursivo 18 foi certamente produzido em Constantinopla; o cursivo 35 foi adquirido na área do Mar Egeu. Os MSS no Vaticano e Grottaferrata podem muito bem ter sido produzidos lá.

Agora, eu convido atenção especial para o minúsculo 18, produzido em Constantinopla em **1364!** Tal como está, é um representante perfeito do presumido perfil de família para as epístolas aos tessalonicenses (digo 'presumido' apenas por deferência a todos os representantes da família que ainda não cotejei, mas dada a distribuição geográfica dos trinta e quatro acima, eu não tenho dúvidas de que o perfil como dado no meu Texto é correto).¹ Quantas gerações de exemplares teria havido entre o MS 18 e o arquétipo da família? Poderia ter havido quinze ou mais? Imagino que tenha havido pelo menos dez. Fossem quantos realmente fossem, favor de notar que todas essas gerações eram perfeitas! As implicações de encontrar um representante perfeito de qualquer texto arquetípico são bastante poderosas. Todos os 'cânones' da crítica textual tornam-se irrelevantes para qualquer ponto posterior à criação desse texto (eles ainda poderiam entrar em jogo quando se estuda a criação do texto, no caso). Para o MS 18 ser perfeito, todas as gerações intermediárias tinham que ser perfeitas também. Agora, eu chamo isso de **transmissão incrivelmente cuidadosa**. Nada do que me foi ensinado no Seminário teológico sobre a crítica textual do Novo Testamento me preparou para essa descoberta! Aliás, nem nada que eu tenha lido também. E o MS 18 não é um caso isolado; todos os trinta e quatro MSS no gráfico acima refletem uma transmissão incrivelmente cuidadosa – até mesmo os piores da turma, minúsculos 1761 e 1874, com suas sete variantes [os 'singulares' em 1893 e 1248 são erros de descuido {monges chateados}], são realmente razoavelmente bons, considerando todas as gerações intervenientes.

Este ponto merece alguma elaboração. Um típico MS 'alexandrino' terá mais de uma dúzia de variantes por página de texto grego impresso. Um típico MS 'bizantino' terá de 3-5 variações por página. Os MSS 1761 e 1876 têm cerca de um por página, e um dos melhores MSS da f³⁵ passará por páginas sem uma variante. Há uma diferença óbvia na mentalidade que os monges trouxeram para sua tarefa. Um monge copiando um MS

¹ Em verdade, eu já cotejei 39 representantes da família para 1 Tessalonicenses e 38 para 2 Tessalonicenses. Eles devem representar pelo menos 40% da totalidade de representantes conhecidos, de sorte que não há dúvida de que os 40% representam corretamente o arquétipo da família.

‘alexandrino’ evidentemente não considerou que ele estava lidando com Escritura, em contraste gritante com outro copiando um MS da f³⁵. Para aqueles que não excluem o sobrenatural de seu modelo, eu sugiro que a informação acima é altamente significativa: obviamente, Deus não estava protegendo nenhum tipo de MS ‘Alexandrino’, provavelmente porque continha ‘joio’ (Mateus 13.28). Um monge que copiava um tipo de MS ‘bizantino’ fazia um trabalho muito melhor do que o alexandrino, mas ainda não estava sendo suficientemente cuidadoso – provavelmente estava apenas cumprindo um dever religioso, mas sem compromisso pessoal com o Texto. Visto que Deus respeita nossas escolhas (João 4.23-24), o resultado foi um típico MS ‘bizantino’. Também é verdade que nem todos os MSS da f³⁵ foram feitos cuidadosamente, mas concluo que os representantes centrais foram feitos por copistas que criam estar lidando com a Palavra de Deus e queriam que seu trabalho fosse agradável a Ele¹ – exatamente do tipo que o Espírito Santo se deleitaria em ajudar e proteger.

Desempenho dos MSS da f³⁵ na 2 & 3 de João e de Judas

Esta seção enfoca a 2 & 3 de João e de Judas. Eu já cotejei quarenta e seis representantes da Família 35 até agora (para estes três livros), e convido a atenção para os resultados. Até o momento identifiquei 84 MSS como pertencentes à f³⁵ nas Epístolas Gerais (mais outros 10 ou 12 na periferia), e portanto esta amostra certamente representa a família, considerando também a distribuição geográfica.

MS	2 João	3 João	Judas	Local	Data	Exemplar
18	---	1s	---	Constantinopla	1364	---
35	---	---	2c	Egeia	XI	---
141	---	---	---	Vaticano	XIII	---
149	---	1/	1/,1c	Vaticano	XV	2/
201	---	1/	1/	Londres	1357	2/
204	---	---	---	Bologna	XIII	---
328	---	---	1x,1s	Leiden	XIII	1x
386	---	---	---	Vaticano	XIV	---
394	---	1i	---	Roma	1330	---
432	2s	1/	3s	Vaticano	XV	1/
444 ²	---	---	1s	Londres	XV	---
604	1x	1/	---	Paris	XIV	1x,1/
664	1x,1s	3s	3s	Zittau	XV	1x
757	2s	---	---	Atenas	XIII	---
824	---	---	---	Grottaferrata	XIV	---
928	---	---	---	Dionysiu (Atos)	1304	---

¹ Não é raro encontrar um colofão no término de um MS onde o copista clama a Deus por misericórdia, ou mesmo por reconhecimento e bênção.

² 444 é um MS mixto. Em Tiago, e na 1 & 2 de Peter, ele tem nada de f³⁵, ao passo que na 1 de João ele fica na periferia da família.

MS	2 João	3 João	Judas	Local	Data	Exemplar
986	1s	---	1s,1i	Esphigmenu (Atos)	XIV	---
1072	---	---	---	M Lavras (Atos)	XIII	---
1075	---	---	---	M Lavras	XIV	---
1100	---	---	---	Dionysiu	1376	---
1247	1x,1/,1s	1/,1s	1x,1/,6s	Sinai	XV	2x,3/
1248	2/	1/,3s	4s	Sinai	XIV	3/
1249	1/,1c	---	1/	Sinai	1324	2/
1503	1s	---	---	M. Lavras	1317	---
1548	---	---	1s	Vatopediu (Atos)	1359	---
1628	---	---	1s	M. Lavras	1400	---
1637	---	---	---	M. Lavras	1328	---
1725	---	---	1s	Vatopediu	1367	---
1732	1/	---	1x,1s	M. Lavras	1384	1x,1/
1754	1s	1/,1s	2s	Panteleimonos (Atos)	XII	1/
1761	1s	2s	---	Atenas	XIV	---
1768	---	1y	1s	Ivion (Atos)	1516	1y
1855	---	---	---	Ivion	XIII	---
1864	---	---	---	Stavronikita (Atos)	XIII	---
1865	---	1/	---	Philotheu (Atos)	XIII	1/
1876	2/,1s	1/	1/,2s	Sinai	XV	4/
1892	1x	---	---	Jerusalém	XIV	1x
1897	---	---	1s	Jerusalém	XII	---
2221	---	---	---	Sparta	1432	---
2352	1c,1i	---	---	Meteora	XIV	---
2431	---	---	1i	Kavsokalyvia (Atos)	1332	---
2466	---	1/	2s	Patmos	1329	1/
2554	---	---	---	Bucarest	1434	---
2587	---	---	1c	Vaticano	XI	---
2626	1/	1/,1s	2/	Ochrida	XIV	4/
2723	---	---	---	Trikala	XI	---

Implicações

Em 2 João, 2/3 (trinta) dos MSS são representantes perfeitos da família como estão; em 3 João, a porcentagem também é de 2/3 (trinta, mas com uma seleção diferente); em Judas, pouco menos da metade (vinte e dois); e para todos os três abaixo de 1/3 (quatorze). Mais da metade (vinte e nove) dos exemplares foram presumivelmente perfeitos. Como tenho as estatísticas de todos os sete livros das Epístolas Gerais, posso assegurar ao leitor que todos os 46 MSS são independentes em sua geração, assim como seus exemplares. Os cursivos 149 e 201 estão claramente relacionados, assim como 432 e 604, e todos os quatro provavelmente provêm de uma fonte comum depois do arquétipo. Não vejo evidência de conluio – não houve esforço organizado para padronizar o Texto. Estamos olhando para uma transmissão normal, exceto que foi extremamente cuidadosa. Os catorze MSS que são perfeitos em todos os três livros tinham antepassados perfeitos durante todo o caminho de volta ao arquétipo, e assim também com os vinte e nove exemplares perfeitos. Remeto o leitor para a seção anterior para a explicação de como chego à classificação dos exemplares.

No decorrer da tarefa de cotejar MSS, tenho observado um padrão previsível. Para as primeiras 2 ou 3, até 4 páginas, os MSS tendem a ter poucos erros, ou nenhum. Se o escriba vai cometer erros, tende a ser depois de ter passado tempo suficiente para começar a ficar cansado ou entediado. Muitas vezes, a maioria dos erros está em uma única página ou em um único capítulo; então o escriba fez uma pausa (suponho) e, voltando renovado à sua tarefa, fez um trabalho melhor. Eu diria que a alta porcentagem de cópias ‘perfeitas’ é em grande parte devido ao pequeno tamanho de nossos três livros – os copistas não tiveram a tempo para ficar cansados. Apesar disso, essa observação não muda o fato de que houve uma **transmissão incrivelmente cuidadosa** ao longo dos séculos.¹ Considerando o tamanho de minha amostra e a distribuição geográfica dos MSS, tenho certeza tranquila de que temos a exata redação original, letra por letra, do arquétipo da **f³⁵** para a 2 e 3 de João e Judas. Está reproduzida no meu Texto grego.

Dadas as minhas pressuposições, considero que tenho boas razões para declarar a preservação divina da exata redação original do texto completo do Novo Testamento, até hoje. Essa redação é reproduzida em minha edição do NT grego, *The Greek New Testament According to Family 35* [O Novo Testamento Grego de acordo com a Família 35], disponível na Amazon.com e na Amazon.com.br, bem como no meu site www.prunch.org. Também já foi publicado no Brasil pela Editora Os Semeadores (trabalho muito bem feito, por sinal). MAS, POR FAVOR, NOTE: se o arquétipo da **f³⁵** é ou não o autógrafo (como eu afirmo), o fato permanece que os MSS cotejados para este estudo refletem uma transmissão incrivelmente cuidadosa de sua fonte, e isso durante toda a idade média. Minhas pressuposições incluem: Deus existe; Ele inspirou o Texto Bíblico; Ele prometeu preservá-lo por mil gerações (1 Crônicas 16.15); então Ele deve ter um interesse ativo e contínuo nessa preservação [como tem havido menos de 300 gerações desde Adão, Ele tem um caminho a percorrer!]. **Se Ele estivesse preservando a redação original em alguma linha de transmissão diferente de **f³⁵**, essa transmissão seria menos cuidadosa do que a que já demonstrei para **f³⁵**?** Eu acho que não. Assim, qualquer linha de transmissão caracterizada por confusão interna fica desqualificada – isso inclui todas as outras linhas de transmissão que vi até agora!²

¹ Eu já demonstrei isto quanto às epístolas aos tessalonicenses, acima, e estou em condições de fazer o mesmo para todos os livros do NT. Naturalmente, quanto maior o livro, maior a possibilidade de um copista cometer algum erro sem querer. Mesmo assim, tenho na mão uma cópia perfeita de Romanos (livro de algum tamanho e complexidade), e uma de Mateus (nada menos que um Evangelho!).

² Coisas como **M⁶** e **M⁵** em João 7.53 a 8.11 vêm à mente.

O Melhor NT Completo que eu já vi, até agora!

O GA 2554 é um dos vários manuscritos completos do NT que representam a Família 35 e estão disponíveis para a comunidade acadêmica. É datado em 1434 d.C. e está lotado na Academia Romena, em Bucareste. Desejo registrar meus sinceros agradecimentos ao Instituto de Pesquisa Textual do Novo Testamento em Münster por disponibilizar uma cópia digital de seu microfilme deste manuscrito. Embora do século XV, a escrita é nítida. Dos dezoito manuscritos completos do NT que representam a Família 35, dos quais eu tenho uma cópia (há outros), 2554 é facilmente o melhor – eu já o cotejei de capa a capa. Agora vou alistar todos os lugares em que ele se desvia do arquétipo da família, incluindo alguns casos duvidosos, em todo o NT.¹ Existem apenas 49,² nem todos dos quais são propriamente variantes.

1. Mt. 11.8 βασιλειων || βασιλεων (36,4%)³ 2554^c [a primeira mão claramente tinha o *iota*, que foi subsequentemente apagado, de sorte que esta não é uma variante; em qualquer caso, dentro do contexto as duas formas são sinônimas].
2. Mt. 13.15 ιασωμαι || ιασομαι [50%] 2554^c [vestígios do lado direito do ômega apagado permanecem, e então a primeira mão estava correta, de sorte que esta não é uma variante; em qualquer caso, dentro do contexto a mudança no tempo verbal não afeta o significado].
3. Mt. 25.32 συναχθησονται || συναχθησεται [70%] [incluo este caso apenas porque, dos 51 representantes da família que cotejei para Mateus até agora, uma pequena maioria (27) tem o singular, não o plural; por causa da qualidade da minoria (24), incluindo 2554, escolhi-a como o arquétipo; em qualquer caso, se o substantivo de massa é visto como singular ou plural, o significado permanece o mesmo].
4. Mt. 26.29 γεννηματος || γενηματος [70%] 2554^c [o *nu* extra foi adicionado acima da linha, mas a primeira mão estava correta, e então esta não é uma variante; em qualquer caso, dentro do contexto as duas formas são sinônimas].

Comentário: Eu considero que a primeira mão nos dá uma cópia perfeita

¹ O perfil da Família 35 para o NT inteiro se encontra no começo desta Parte II. O arquétipo completo está impresso no meu Texto grego: *The Greek New Testament according to Family 35*.

² Existir meramente 49 para o NT inteiro é estonteante.

³ As percentagens dentro de parenteses se baseiam no *Text und Textwert* (que tenho por confiáveis), ao passo que as dentro de colchetes representam a minha própria dedução.

do arquétipo de Mateus.

5. Mc. 2.23 ποιειν 2554^c || πειν 2554 [parece que o exemplar de 2554 tinha πειν, e o copista copiou devidamente, mas depois percebeu que era um erro sem sentido, e o corrigiu; se a correção foi feita pela primeira mão, então não temos propriamente uma variante, mas trabalhando a partir de um microfilme, é difícil dizer se a tinta é a mesma].
 6. Mc. 5.41 κουμ || κουμ (17,4%) 2554 [essa é uma transliteração de outra língua, e portanto uma diferença de grafia não afeta o significado, ainda mais porque é seguida imediatamente pela tradução; eu não considero isso propriamente uma variante].
 7. Mc. 14.25 γενηματος || γεννηματος [25%] 2554^c [o *nu* extra foi adicionado acima da linha, mas a primeira mão estava correta, e então essa não é uma variante; em qualquer caso, dentro do contexto as duas formas são sinônimas].
 8. Mc. 15.46 επι την θυραν || 1 τη θυρα [1%] 2554 [uma minoria significativa de representantes da família se junta a 2554 aqui; a preposição trabalha com três casos – genitivo, dativo, acusativo – dentro desse contexto a mudança no caso não afeta o significado].
- Comentário:** Eu considero que a primeira mão tem, propriamente, apenas uma variante em Marcos, a última [Mc 15.46], a qual não afeta o significado.
9. Lc. 1.36 συγγενης || συγγενις [10%] 2554 [em vez do adjetivo funcionar como um substantivo genérico, o 2554 usa o substantivo feminino; dentro do contexto as duas formas são sinônimas].
 10. Lc. 1.55 εως αιωνος || εις τον αιωνα [64%] 2554 [a variante é de longe a mais comum e, portanto, esperada, mas dentro do contexto as duas formas são virtualmente sinônimas; qualquer diferença na nuance não altera o significado básico].
 11. Lc. 3.1 αβιληνης || αβιλινης 2554 [talvez um itacismo que resultou em uma grafia alternativa para o nome do lugar; as duas formas receberiam a mesma pronúncia; Eu não considero isso propriamente uma variante].
 12. Lc. 3.18 τω λαω || τον λαον [85%] 2554 [já que o objeto direto, 'boas novas', está implícito no verbo, 'as pessoas' funcionam como o objeto indireto, e o caso dativo está correto; no entanto, o caso acusativo ocorre e, dentro do contexto, não há diferença de significado]

13. Lc. 12.18 γενηματα || γεννηματα [7%] 2554^c [o *nu* extra foi adicionado acima da linha, mas a primeira mão estava correta, e então essa não é uma variante; em qualquer caso, dentro do contexto as duas formas são sinônimas].
14. Lc. 21.33 παρελευσεται || παρελευσονται [68%] 2554 [se o sujeito composto do verbo é visto como singular ou plural, o significado é o mesmo; em inglês a tradução é a mesma].
15. Lc. 22.18 γενηματος || γεννηματος [15%] 2554^c [o *nu* extra foi adicionado acima da linha, mas a primeira mão estava correta, e então esta não é uma variante; em qualquer caso, dentro do contexto as duas formas são sinônimas].

Comentário: Eu considero que na primeira mão há propriamente quatro variantes em Lucas, mas elas não afetam o significado.

16. Jo. 6.55 αληθως || αληθης (24,5%) 2554^{2x} [seja um advérbio ou um adjetivo, dentro do contexto eles têm o mesmo significado; eu trato a repetição como uma variante única]
17. Jo. 12.6 εμελεν || εμελλεν [60%] [levando em conta as correções, os MSS que eu já cotejei são divididos quase igualmente. É o verbo μελω ou μελλω? μελει como forma impessoal é mais comum; no entanto, o verbo também é usado em um sentido pessoal/ativo. μελλω ('estar prestes a') não faz sentido aqui. μελλω é cerca de dez vezes mais freqüente no NT e alguns copistas podem ter colocado a grafia mais comum sem pensar. Eles haviam acabado de escrever μελλων duas linhas acima e podem ter repetido a forma por atração. No entanto, como as duas formas têm a mesma pronúncia, alguém que ouvia o texto lido em voz alta o entenderia corretamente, sendo guiado pelo contexto. Precisamente por essa razão, pode ser que a área semântica da forma mais longa veio a ser considerada como incluindo a da forma mais curta; e nesse caso teríamos grafias alternativas do mesmo verbo. (Não é meu costume apelar para os unciais mais antigos, mas todos eles têm a forma mais curta aqui, o que concordaria com a minha hipótese acima.) A primeira mão do 2554 deixou espaço para o segundo *lambda*, e então ele estava ciente da variante, mas ele corretamente não o copiou.]
18. Jo. 12.40 ιασωμαι || ιασομαι [20%] 2554 [a primeira mão do 2554 deixou espaço para completar o *omega*, e então ele estava ciente da variante; dentro do contexto a mudança no tempo não afeta o significado].

Comentário: Eu considero que a primeira mão tem propriamente duas variantes em João, e elas não afetam o significado. $2 + 4 + 1 = 7$; um manuscrito com apenas sete variantes para os quatro Evangelhos é certamente um exemplo máximo de virtude. Eu chamo isso de transmissão extraordinariamente cuidadosa, uma vez que isso também seria verdadeiro para as gerações anteriores, por necessidade.

19. Atos 1.11 ουτος || 1 ο [70%] 2554 [um pronome demonstrativo define, ainda mais que um artigo definido, e então o artigo é redundante aqui; em qualquer caso, o significado não é afetado].
20. Atos 11.26 συναχθηται || 1 εν [20%] 2554 [a família está dividida aqui; dos 63 MSS já cotejados, 30 adicionam a preposição, que é um 'natural' mas é redundante; em qualquer caso, o significado não é afetado].
21. Atos 12.25 εις αντιχειαν || απο ιερουσαλημ 2554 [este é o único lugar em todo o NT onde a Família 35 se fragmenta, havendo divisão em seis leituras diferentes (geralmente há apenas dois contedores principais); para uma discussão detalhada, por favor, veja meu artigo, "Onde colocar uma vírgula – Atos 12.25", disponível no meu site, www.prunch.org; dentro do contexto, as duas leituras aqui dadas têm o mesmo efeito].
22. Atos 16.9 την 2554^c || --- [80%] 2554 [a Família 35 é praticamente unânime para o artigo, e então a primeira mão pode ter omitido por conta própria, para ser corrigida por outra pessoa; em qualquer caso, o significado não é afetado].
23. Atos 18.17 εμελλεν || εμελεν [14%] 2554^c [a Família 35 é dividida aqui; 2554 tem um único *lambda* em um espaço que é muito grande para ele, então eu presumo que a primeira mão tinha o dobrado, mas foi apagado. O verbo é μελλω ou μελω? Se o primeiro, o significado não é comum e poderia facilmente dar origem ao segundo. Traduzir: "Nada disso foi um atraso para Gallio"; Gálio está no dativo. Gálio presumivelmente considerava-se um homem ocupado e não apreciava a interrupção; ele não estava disposto a se deixar atrasar mais. Em 22.16, o mesmo verbo tem o sentido de "atraso". Embora haja alguma diferença de significado, o ponto da narrativa não é alterado.]
24. Atos 25.7 καταβεβηκοτες || 1 οι 2554 [isso parece ser um erro descuidado da parte do copista, mas que ainda faz sentido; o significado não é afetado].
25. Atos 28.27 ιασωμαι || ιασομαι [60%] 2554 [a primeira mão do

2554 deixou espaço para completar o *ômega*, e então ele estava ciente da variante; dentro do contexto a mudança no tempo não afeta o significado].

Comentário: Eu considero que a primeira mão tem propriamente seis variantes em Atos, uma das quais foi corrigida, deixando cinco. Dos cinco, quatro não afetam o significado. Em Atos 12.25, dentro do contexto, as duas variantes são virtualmente duas maneiras de dizer a mesma coisa, o ponto da narrativa não é afetado.]

26. Rom. 7.13 *αλλα* || *αλλ* [30%] 2554 [estas são grafias alternativas da mesma palavra, e então esta não é propriamente uma variante].

27) Rom. 16.24 *ημων* || *υμων* [82%] 2554^c [se o verso 24 não foi ditado por Paulo, a primeira pessoa é especialmente apropriada, vindo de Tertius; dentro do contexto, o significado dificilmente é afetado].

Comentário: Eu considero que a primeira mão nos dá uma cópia perfeita do arquétipo para Romanos, não havendo propriamente variantes. 1 Coríntios também nos dá uma cópia perfeita do arquétipo.

28. 2 Cor. 8.9 *ημας* || *υμας* [60%] [a Família 35 está dividida aqui, mas os melhores representantes, incluindo 2554, estão com a primeira pessoa, que é mais inclusiva; dentro do contexto não há diferença real no significado].

29. 2 Cor. 9.10 *γενηματα* || *γεννηματα* [6%] 2554^c [o *nu* extra foi adicionado acima da linha, mas a primeira mão estava correta, e então esta não é uma variante; em qualquer caso, dentro do contexto as duas formas são sinônimas].

30. 2 Cor. 11.7 *εαυτον* || *εμαυτον* [78%] 2554^c [o *mu* foi adicionado acima da linha por uma mão posterior, e então isso não é uma variante; em qualquer caso, dentro do contexto as duas formas são sinônimas].

Comentário: Eu considero que a primeira mão nos dá uma cópia perfeita do arquétipo de 2 Coríntios. Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses também nos dão uma cópia perfeita do arquétipo.

31. 1 Tess. 2.8 *μειρομενοι* || *ομειρομενοι* [30%] 2554^c [parece que um *ômicron* foi escrito em torno de um *iota*, mas é difícil dizer a partir de um microfilme; em qualquer caso, uma vez que elas parecem ser grafias alternativas da mesma palavra, essa não é propriamente uma variante].

Comentário: Eu considero que a primeira mão nos dá uma cópia perfeita do arquétipo para 1 Tessalonicenses. Em 2 Tessalonicenses ela também nos

dá uma cópia perfeita do arquétipo.

32. 1 Tim. 1.9a πατραλοιαις || πατρολωαις [34%] [a Família 35 está dividida aqui, mas a maioria absoluta, incluindo 2554, tem a primeira leitura. Liddell & Scott dão a ela e a contraparte feminina como as formas básicas, seu significado sendo ‘batedor’, ao invés de ‘matador’, o que faz mais sentido].

33. 1 Tim. 1.9b μητραλοιαις || μητρολωαις [40%] [o mesmo que acima].

34. 1 Tim. 5.21 προσκλισιν || προσκλησιν [75%] [a família 35 está dividida aqui, mas a maioria, incluindo 2554, tem a primeira leitura; as duas formas foram pronunciadas da mesma maneira; dentro do contexto, o significado não é afetado].

Comentário: Eu considero que a primeira mão nos dá uma cópia perfeita do arquétipo de 1 Timóteo.

35. 2 Tim. 3.14 επιστωθης || επιστευθης [10%] 2554 [as duas formas representam verbos diferentes, mas dentro do contexto elas atuam como sinônimos; o significado não é afetado].

36. Tit. 2.7 αδιαφθοριαν || αδιαφοριαν (8%) 2554 [isso é apenas uma grafia alternativa da mesma palavra e, portanto, não é propriamente uma variante].

Comentário: Eu considero que a primeira mão tem propriamente apenas uma variante em 2 Timóteo, e isso não afeta o significado. Tito e Filemon nos dão uma cópia perfeita do arquétipo.

37) Heb. 3.13 καλειται || καληται 2554^c [um itacismo produzido por uma mão posterior, resultando em algo sem sentido].

38) Heb. 9.1 πρωτη || 1 σκηνη [30%] [a família 35 está dividida aqui, mas com as correções, a maioria, incluindo 2554, tem a primeira leitura; em qualquer caso, dentro do contexto o significado não é afetado].

Comentário: Eu considero que a primeira mão nos dá uma cópia perfeita do arquétipo de Hebreus. Tiago e 1 e 2 Pedro também nos dão uma cópia perfeita do arquétipo. Um manuscrito com apenas uma variante apropriada para todo o corpo paulino é certamente um modelo máximo de virtude. Eu chamo isso de transmissão extraordinariamente cuidadosa, uma vez que isso também seria verdadeiro para as gerações precedentes, por necessidade.

39. 1 Jo. 1.6 περιπατουμεν || περιπατωμεν [71%] [A família 35 está

dividida aqui; eu sigo uma minoria, composta dos melhores MSS, incluindo 2554. O verbo 'dizer' é propriamente Subjuntivo, sendo controlado por εαν, mas os verbos 'ter' e 'caminhar' fazem parte de uma declaração e são propriamente indicativos – apenas se estamos, de fato, andando na escuridão, nos tornamos mentirosos por afirmar estar em comunhão. Então, περιπατουμεν é correto. Em qualquer caso, dentro do contexto, o significado não é afetado.]

40. 1 Jo. 3.23 πιστευσωμεν || πιστευομεν (26,5%) 2554^c [traços do *sigma* são visíveis; em qualquer caso, dentro do contexto a mudança no tempo não afeta o significado]

Comentário: Eu considero que a primeira mão nos dá uma cópia perfeita do arquétipo de 1 João. 2 e 3 João e Judas também nos dão uma cópia perfeita do arquétipo. Um manuscrito sem uma única variante para todas as sete Epístolas Gerais é certamente um modelo máximo de virtude. Eu chamo isso de transmissão extraordinariamente cuidadosa, uma vez que isso também seria verdadeiro para as gerações precedentes, por necessidade. Até aqui, só houve propriamente treze variantes, mas vamos ver o que acontece em Apocalipse.

- 41) Ap. 1.17 επεσα || επεσον 2554 [estas parecem ser formas alternativas da mesma palavra, e então esta não é propriamente uma variante].¹
- 42) Ap. 4.8 λεγοντα || λεγοντες 2554^{alt} [É o sujeito do verbo apenas os seres viventes, ou os anciãos são incluídos? Com base nos versos 9-11, seriam apenas os seres viventes. Em qualquer caso, uma tradução para o português será a mesma para as duas formas.]
43. Ap. 7.17a ποιμινει 2554^{alt} || ποιμανει 2554 [bem mais da metade dos representantes da família que têm o tempo verbal no futuro tem a forma presente como uma alternativa acima da linha, como faz 2554; esse parece ter sido um procedimento padrão em Apocalipse, quando havia dúvida entre duas formas, de modo que o arquétipo é sempre representado; dentro do contexto, o significado não é afetado].
44. Ap. 7.17b οδηγει 2554^{alt} || οδηγησει 2554 [a mesma explicação como a anterior].
45. Ap. 9.5 πληξη 2554^{alt} || παιση 2554 [a mesma explicação como a anterior, exceto que aqui é o verbo que é alterado; dentro do contexto, o significado não é afetado].

¹ Para o Apocalipse, não dou percentagens porque a evidência é dada em termos de famílias; o leitor interessado deve consultar meu Texto grego para ver as evidências.

46. Ap. 14.14 καθήμενος ομοιος 2554^{alt} || καθημενον ομοιον 2554 [a mesma explicação como a anterior, exceto que aqui é apenas o caso que é alterado; dentro do contexto, o significado não é afetado].
47. Ap. 14.19 τον μεγαν || την μεγαλην 2554 [A frase está modificando ‘ira’ ou ‘prensa de vinho’? Dentro do contexto, são duas maneiras de dizer a mesma coisa.]
48. Ap. 16.12 μεγαν || 1 τον 2554 [a variante não afeta o significado]
49. Ap. 19.18 και⁷ || --- 2554 [esta parece ser uma leitura singular; ela não afeta o significado]

Comentário: Eu considero que na primeira mão há sete variações do arquétipo, quatro das quais são corrigidas com o alternativo; o que deixa propriamente três variantes, nenhuma das quais afeta o significado. Nenhuma das leituras alternativas afeta o significado também. Para todos os efeitos práticos, 2554 é um representante perfeito do arquétipo no Apocalipse.

Conclusão

Dos 49 casos alistados acima, apenas dezesseis podem ser classificados como uma ‘variante válida’, e somente um deles talvez afete o significado: Atos 12:25.¹ Mesmo aqui, dentro do contexto, as duas leituras alistadas têm o mesmo efeito. O manuscrito GA 2554 é um representante praticamente perfeito de seu arquétipo para todo o Novo Testamento, e isso no século XV! Isso significa que todas as gerações anteriores também tiveram que ser virtualmente perfeitas. Ora, eu chamo isso de transmissão extraordinariamente cuidadosa. **Deus preservou o Seu Texto!**

As maiores divisões na f³⁵ em Mateus

Existem apenas cinco divisões que podem ser chamadas de ‘sérias’ em Mateus. A primeira leitura alistada é a que escolhi para representar o arquétipo da família, por razões explicadas no final deste artigo.

- 9.17 απολουνται [80%] || απολλυνται [20%] – o verbo é o mesmo e ambos são indicativos; o primeiro é futuro médio e o segundo é presente passivo. Nas cláusulas imediatamente anteriores, ambos εκχεται e ρηγνυνται são presentes

¹ Nenhum dos 49 casos alistados altera o sentido do Texto. Uma pessoa lendo GA 2554 não será enganada quanto ao sentido pretendido pelo autor em nenhum lugar, no NT inteiro!

passivos e caminham juntos; então por que a segunda referência aos odres? Qualquer diferença no significado é muito pequena para ser traduzida.

- 19.29 οικιας [66%] || οικαν [30%] – plural ou singular? Tal como acontece com os irmãos, se você tiver apenas um, isso é tudo o que você pode deixar; e se você não tem nenhum, você não deixa nenhum.
- 25.32 συναχθησονται [25%] || συναχθησεται [75%] – plural ou singular; é substantivo de massa, ou não? A tradução é a mesma.
- 26.29 γεννηματος [30%] || γεννηματος [70%] – os substantivos são diferentes, o primeiro diz respeito a produto vegetal e o segundo a cria de animal; se o segundo é usado para plantas, é num significado secundário. A tradução é a mesma.
- 27.35 βαλοντες [25%] || βαλλοντες [75%] – aoristo ou presente? No contexto, qualquer diferença de significado é tão pequena que a tradução é a mesma.

Como é típico da variação dentro da família, a diferença é de uma letra, exceto da sílaba, e Mateus não é um livro pequeno. Chamo isso de transmissão incrivelmente cuidadosa – em nenhum momento um leitor será enganado quanto ao significado pretendido. A redação original de Mateus foi precisamente preservada até hoje. (As porcentagens entre colchetes são estimativas, referentes ao total de MSS conhecidos contendo Mateus.)

Eu verifiquei 227 representantes da Família 35, com referência às cinco principais divisões, e o resultado é plotado no gráfico abaixo. Eu confio que qualquer pessoa razoável irá considerar que a amostra é adequada para o meu propósito (os representantes da Família 35 conhecidos para Mateus são pelo menos 250). No gráfico que segue, ++ representa a primeira leitura, e — a segunda.

MS	9.17	19.29	25.32	26.29	27.35	LOCAL	DATA
18	++	—	—	—	++	Constantinopla	1364
35	—	ilegível	—	++	—	Egeia	XI
55	—	—	—	++	++	Bodleian	XIV
58	—	—	++	++	—	Oxford	XV
66	—	—	++	—	—	Trinity	XIV
83	++	++	++	++	++	Munique	XI
125	++	++	++	++	—	Wien	XI
128	—	—	—	++	—	Vaticano	XIII

141	lacuna	—	—	—	—	Vaticano	XIII
147	—	—	—	++	—	Vaticano	XIII
155	—	—	—	++	—	Vaticano	XIII
167	—	—	—	++	—	Vaticano	XIII
170	++	++	++	—	++	Roma	XIII
189	—	—	++	—	—	Florence	XIII
201	++	—	—	—	++	Constantinopla	1357
204	++	—	—	—	—	Bologna	XIII
214	++	—	—	—	++	Venedig	XIV
246	++	++	++	—	++	Moscou	XIV
290	—	++	—	++	—	Paris	XIV
MS	9.17	19.29	25.32	26.29	27.35	LOCAL	DATA
361	—	—	—	++	—	Paris	XIII
363	—	++	—	++	—	Florence	XIV
386	++	—	—	—	++	Vaticano	XIV
394	—	++	—	—	—	Roma	1330
402	++	—	—	++	—	Neapel	XIV
415	lacuna	++	—	—	—	Venedig	1356
479	—	—	—	++	—	Birmingham	XIII
480	++	—	—	—	++	Constantinopla	1366
510	++	—	—	++	—	Oxford-cc	XII
516	++	++	++	++	—	Oxford-cc	XI
520	—	—	++	—	ilegível	Oxford-cc	XII
521	—	++	—	—	—	Bodleian	1321
536	—	—	—	++	—	Ann Arbor	XIII
547	—	—	—	++	—	Karakallu	XI
553	—	++	—	—	—	Jerusalém	XIII
575	++	++	++	—	++	St Petersburg	XV
586	++	—	—	++	—	Modena	XIV
584	++	++	++	++	++	Parma	X
594	++	—	—	—	++	Venedig	XIV
645	—	—	++	++	—	Chipre	1304
664	++	++	++	++	—	Zittau	XV
673	lacuna	—	—	—	lacuna	Cambridge	XII
676	—	—	++	—	—	Munster	XIII
685	—	—	++	—	++	Ann Arbor	XIII

689	lacuna	++	—	++	++	Londres	XIII
691	++	—	—	—	++	Londres	XIII
694	—	—	—	—	++	Londres	XV
696	—	—	—	++	—	Londres	XIII
746	++	++	++	++	—	Paris	XI
757	++	lacuna	++	++	++	Atenas	XIII
758	++	—	—	—	—	Atenas	XIV
763	++	++	++	++	++	Atenas	XIV
769	—	++	—	—	—	Atenas	XIV
781	—	—	—	++	—	Atenas	XIV
789	++	++	++	++	++	Atenas	XIV
MS	9.17	19.29	25.32	26.29	27.35	LOCAL	DATA
797	++	—	++	—	—	Atenas	XIV
824	++	++	++	++	++	Grottaferrata	XIV
825	—	—	++	—	—	Grottaferrata	XIII
867	—	—	—	++	—	Vaticano	XIV
897	lacuna	—	—	++	—	Edinburgo	XIII
928	—	—	—	—	—	Dionysiu	1304
932	++	++	++	—	—	Dionysiu	XIV
938	—	++	—	++	—	Dionysiu	1318
940	++	—	—	++	—	Dionysiu	XIII
952	—	++	++	—	++	Dionysiu	XIV
953	—	—	++	++	—	Dionysiu	XIV
955	++	++	++	++	++	Dionysiu	XV
958	++	++	++	—	++	Dionysiu	XV
959	++	++	++	++	++	Dionysiu	1331
960	++	++	++	++	++	Dionysiu	XIV
961	—	—	++	—	—	Dionysiu	XV
962	—	—	—	—	++	Dionysiu	1498
966	—	—	++	++	—	Dochiariu	XIII
978	++	++	++	++	lacuna	Dochiariu	1361
986	++	—	—	++	—	Esphigmenu	XIV
1003	++	++	++	++	++	Ivion	XV
1023	—	++	—	++	—	Ivion	1338
1025	++	++	++	++	++	Ivion	XIV
1030	++	++	++	—	++	Ivion	1518

1040	++	++	++	++	++	Karakallu	XIV
1046	++	++	++	++	++	Kutlumusiu	XII
1059	++	++	—	++	++	Kutlumusiu	XV
1062	++	—	—	++	++	Kutlumusiu	XIV
1072	++	++	++	—	++	M Lavras	XIII
1075	++	++	++	++	++	M Lavras	XIV
1088	++	—	—	—	—	Xiropotamu	XVI
1092	—	—	++	—	—	Panteleimonos	XIV
1095	—	—	++	—	—	Pavlu	XIV
1111	—	—	++	++	++	Stavronikita	XIV
1117	++	++	++	++	++	Philotheu	XIV
MS	9.17	19.29	25.32	26.29	27.35	LOCAL	DATA
1131	++	++	++	++	++	Philotheu	XV
1132	—	—	++	—	—	Philotheu	XV
1133	—	—	++	—	—	Philotheu	XIV
1145	++	++	++	—	++	Constantinopla	XII
1147	lacuna	—	—	—	—	Constantinopla	1370
1158	++	—	++	++	—	Lesbos	XIV
1165	—	—	++	—	—	Patmos	1335
1180	—	++	++	—	—	Patmos	XV
1185	++	++	++	—	++	Sinai	XIV
1189	—	—	—	—	—	Sinai	1346
1199	—	—	++	++	—	Sinai	XII
1234	++	—	++	—	++	Sinai	XIV
1236	—	—	++	—	—	Sinai	XIV
1247	++	++	—	—	++	Sinai	XV
1248	++	—	—	—	++	Sinai	XIV
1250	++	—	++	++	++	Sinai	XV
1251	—	—	—	++	—	Sinai	XIII
1323	—	—	++	—	—	Jerusalém	XII
1328	++	++	++	++	++	Jerusalém	XIV
1334	—	++	—	—	—	Jerusalém	XIII
1339	++	++	++	++	++	Jerusalém	XIII
1384	ilegível	—	—	++	—	Andros	XI
1389	—	—	++	++	—	Patmos	XV
1390	++	++	++	—	—	Stavronikita	XIV

1401	—	—	—	++	—	Pantokratoros	XII
1409	++	++	++	++	++	Xiropotamo	XIV
1427	—	—	—	—	—	Sofia	XIV
1435	—	—	—	++	—	Vatopediu	XI
1445	++	—	—	—	—	M Lavras	1323
1461	++	++	++	++	++	M Lavras	XIII
1462	++	++	—	++	++	M Lavras	XIV
1476	—	—	++	—	—	M Lavras	1333
1480	++	++	++	++	++	M Lavras	XIV
1482	—	—	—	—	—	M Lavras	1304
1487	++	++	++	++	++	M Lavras	XIII
MS	9.17	19.29	25.32	26.29	27.35	LOCAL	DATA
1488	++	++	++	—	++	M Lavras	XIV
1489	++	++	++	++	++	M Lavras	XII
1490	—	—	—	++	—	M Lavras	XII
1492	++	—	—	—	++	M Lavras	1342
1493	—	—	—	—	—	M Lavras	XIV
1496	++	++	++	++	++	M Lavras	XIII
1501	++	++	++	—	++	M Lavras	XIII
1503	++	++	++	++	++	M Lavras	1317
1508	++	++	—	++	++	M Lavras	XV
1517	++	—	++	++	++	M Lavras	XI
1543	—	++	++	++	—	Vatopediu	1236
1548	++	++	++	—	++	Vatopediu	1359
1551	++	++	++	—	++	Vatopediu	XIII
1552	—	++	++	++	—	Vatopediu	XIV
1559	++	++	++	++	++	Vatopediu	XIV
1560	++	++	++	++	++	Vatopediu	XIV
1572	—	—	—	—	—	Vatopediu	1304
1584	++	++	++	++	++	Vatopediu	XIV
1591	++	++	++	++	++	Vatopediu	1591
1596	++	++	++	—	++	Vatopediu	1596
1599	—	—	—	++	—	Vatopediu	XIV
1600	++	++	++	lacuna	++	Vatopediu	XIV
1609	++	—	++	++	—	M Lavras	XIII
1614	lacuna	++	++	++	++	M Lavras	1324

1617	++	++	++	++	++	M Lavras	XIV
1619	lacuna	++	++	++	++	M Lavras	XIV
1620	++	++	++	++	++	M Lavras	XIV
1621	lacuna	lacuna	—	++	—	M Lavras	XIV
1622	++	++	++	—	++	M Lavras	XIV
1625	—	—	++	—	—	M Lavras	XV
1628	++	++	++	—	++	M Lavras	1400
1636	++	++	++	++	++	M Lavras	XV
1637	++	++	++	++	++	M Lavras	1328
1648	lacuna	++	++	—	++	M Lavras	XV
1649	++	++	—	++	—	M Lavras	XV
MS	9.17	19.29	25.32	26.29	27.35	LOCAL	DATA
1650	++	++	++	++	++	M Lavras	XIV
1652	++	++	++	++	++	M Lavras	XVI
1656	lacuna	++	++	—	++	M Lavras	XV
1658	lacuna	++	—	++	++	M Lavras	XIV
1659	outro	—	—	++	—	M Lavras	XIV
1667	lacuna	++	++	++	—	Panteleimonos	1309
1680	—	—	++	—	—	Panteleimonos	XVI
1686	++	++	++	++	++	Atenas	1418
1688	—	—	—	—	—	Atenas	XIV
1694	—	—	++	—	—	Atenas	XIII
1698	—	—	—	++	—	Atenas	XIV
1700	outro	—	++	—	—	Atenas	1623
1702	++	++	++	++	++	Konstamonitu	1560
1705	++	++	++	—	—	Tirana	XIV
1713	++	++	++	++	++	Lesbos	XV
1786	++	—	—	—	—	Sofia	XV
1813	—	++	++	++	—	Duke	XII
2122	ilegível	—	—	++	—	Atenas	XII
2175	++	++	—	—	—	St Petersburg	XIV
2204	++	—	—	++	—	Elasson	XV
2221	++	++	++	++	++	Sparta	1432
2253	++	++	—	++	++	Tirana	XI
2255	++	++	++	++	++	Iviron	XVI
2260	—	—	++	++	—	Kalavryta	XII

2261	—	—	++	—	—	Kalavryta	XIV
2265	++	—	—	—	—	Sparta	XIV
2273	—	++	—	++	—	St Petersburg	XIV
2284	—	—	—	—	—	Manchester	XIII
2296	—	—	—	++	—	Manchester	XII
2322	—	++	—	—	—	Prinkipos Is	XII
2323	++	++	++	—	++	Benaki (Atenas)	XIII
2352	++	++	++	++	++	Meteora	XIV
2355	++	++	—	—	—	Sinai	XIV
2367	—	—	—	++	—	Princeton	XII
2382	++	—	—	++	—	Constantinopla	XII
MS	9.17	19.29	25.32	26.29	27.35	LOCAL	DATA
2399	lacuna	++	—	++	++	Chicago	XIV
2407	—	—	++	—	—	Chicago	1332
2418	lacuna	—	—	++	—	Zagora	XV
2444	—	—	—	++	—	Munster	XIII
2454	++	++	++	++	++	Vatopediu	XIV
2460	lacuna	—	—	++	—	Joannina	XII
2466	—	—	—	—	—	Patmos	1329
2483	—	—	—	++	lacuna	Bulligny	XIII
2496	++	—	++	—	—	Sinai	1555
2503	++	—	—	—	++	Sinai	XIV
2508	—	—	++	—	outro	Atenas	XIV
2520	—	—	—	++	—	Atenas	XIII
2554	++	++	++	++	++	Bucarest	1434
2559	lacuna	—	—	—	lacuna	Benaki (Atenas)	XII
2598	—	—	++	—	—	Strasburg	XIV
2621	lacuna	—	++	—	++	Princeton	1380
2635	++	++	++	++	++	Atenas	1568
2636	++	++	++	—	++	Atenas	XVI
2647	—	++	—	++	—	Amorgos	XIII
2673	—	—	++	—	—	Dimitsana	XV
2689	++	++	—	++	++	Meteora	XIV
2692	++	++	—	—	—	Meteora	XV
2709	++	++	++	++	++	Meteora	1377
2714	—	—	++	—	—	Meteora	XVI

2715	—	—	—	++	lacuna	Meteora	XVI
2765	—	—	—	++	—	Corinto? (Oxford)	XIV
2767	—	—	—	++	—	Bucarest	XIV
2774	++	++	++	—	++	Sofia	XIV
2806	++	++	—	—	++	Trikala	1518
2897	++	++	++	—	++	Orlando	XIII
2916	++	—	++	—	lacuna	Atenas	XIII
I.2110	++	++	++	++	++	Ivion	1322
L.65	++	++	lacuna	++	lacuna	Leukosia	XIV

Agora vou plotar os padrões para os cinco conjuntos de variantes. Notei oito "correções" e nove "alternativas", espalhadas cá e lá; ignorei-as para o propósito deste exercício (embora 12 das 17 mudem um '—' para um '++'). Esse propósito é avaliar se os padrões indicam linhas independentes de transmissão dentro da Família 35. Aqui estão os padrões. Os números representam a primeira leitura (++), e — a segunda.

<u>PADRÕES</u>					<u>TOTAL</u>	
1	2	3	4	5	—	45**

1	2	3	4	—	—	4

1	2	3	—	5	—	19*

1	2	—	4	5	—	5

1	—	3	4	5	—	2

—	2	3	4	5	—	0

lacuna	2	3	4	5	—	1

1	lacuna	3	4	5	—	1

1	2	lacuna	4	lacuna	—	1

lacuna	2	—	4	5	—	2

lacuna	2	3	4	—	—	1

1	2	3	—	—	—	3
1	2	—	4	—	—	1
1	2	—	—	5	—	2
1	—	—	4	5	—	1
—	—	3	4	5	—	1
—	2	3	4	—	—	3
—	2	3	—	5	—	1
1	—	3	—	5	—	1
1	—	3	4	—	—	2
1	—	3	—	lacuna	—	1
1	—	—	—	5	—	10*
—	—	—	4	5	—	1
—	2	3	—	—	—	1
—	2	—	4	—	—	6
1	—	—	4	—	—	6
—	—	3	4	—	—	7
1	—	3	—	—	—	2
—	—	3	—	5	—	1
1	2	—	—	—	—	3
lacuna	2	—	—	—	—	1
lacuna	—	—	4	—	—	1
illegível	—	—	4	—	—	1

—	ilegível	—	4	—	—	1
1	—	—	—	—	—	6
—	2	—	—	—	—	6
—	—	3	—	—	—	21*
—	—	—	4	—	—	23*
—	—	—	—	5	—	2
—	—	—	—	—	—	9*
lacuna	—	—	—	—	—	2
lacuna	—	—	—	lacuna	—	1

Existem nada menos que 29 padrões, o que indica uma transmissão normal.

Desconsiderarei todas as linhas que não estejam completas, bem como todas as linhas que tenham menos de nove ‘votos’. Convido a atenção para os seis padrões a seguir:

- 1) 1, 2, 3, 4, 5 = 45 MSS
- 2) —,—,—, 4,— = 23 MSS
- 3) —,—, 3,—,— = 21 MSS
- 4) 1, 2, 3,—, 5 = 19 MSS
- 5) 1,—,—,—, 5 = 10 MSS
- 6) —,—,—,—,— = 9 MSS

Eu considero que o padrão 1) representa o arquétipo da família; é de longe o padrão mais forte e, necessariamente, representa uma linha de transmissão. Mas, e o padrão 2); será que 23 copistas fizeram o mesmo conjunto de escolhas independentemente? Não é muito mais provável que eles representem uma linha independente de transmissão? De fato, eu já cotejei muitas dúzias de MSS da f^{35} , e com poucas exceções os copistas foram fiéis ao seu exemplar. Por exemplo, considere a seguinte evidência para seis dos padrões alistados acima:

Padrão 1) – GA 2554 (Bucareste, 1434, eapr) e GA 1046 (Kutlumsiu, XII, e) são cópias precisamente perfeitas da linha de transmissão que possui o Padrão 1). Existem vários outros que são praticamente perfeitos.

Padrão 2) – GA 867 (Vaticano, XIV, e) está faltando os primeiros cinco capítulos de Mateus, mas de outra forma, é uma cópia precisamente perfeita da linha de transmissão que tem o Padrão 2). GA 128 (Vaticano, XIII, e) é quase perfeito.

Padrão 3) – Acontece que cotejei apenas um dos 21 MSS que possuem esse padrão, e não é uma boa cópia. No entanto, este padrão tem uma ampla distribuição geográfica, pelo que não é um produto local (os 21 estão atualmente localizados em mais de 15 localidades).

Padrão 4) – GA 1072 (M Lavras, XIII, eapr) é uma cópia praticamente perfeita da linha de transmissão que possui o Padrão 4). GA 246 (Moscou, XIV, e) é quase perfeito.

Padrão 5) – GA 18 (Constantinopla, 1364, eapr) e GA 2503 (Sinai, XIV, e) são cópias quase perfeitas da linha de transmissão que tem o Padrão 5).

Padrão 6) – GA 1189 (Sinai, 1346, e) é uma cópia virtualmente perfeita da linha de transmissão que possui o Padrão 3). GA 928 (Dionysiu, 1304, eap), GA 1572 (Vatopediu, 1304, e) e GA 2466 (Patmos, 1329, eap) são todos bons.

O que seria o Padrão 8)—GA 586 (Modena, XIV, e) é uma cópia perfeita da linha de transmissão que possui o Padrão 8). GA 2382 (Constantinopla, XII, e) é quase perfeito, e GA 510 (Oxford-cc, XII, e) é virtualmente perfeito.

Claramente, os copistas estavam reproduzindo fielmente seus exemplares, que representavam linhas distintas de transmissão. Três dos padrões têm atestação explícita do século XI, e outro do século XII, e todos têm distribuição geográfica dispersa. A evidência diante de nós simplesmente requer a conclusão de que o arquétipo da Família 35 tinha que existir no período uncial, e provavelmente bem para dentro daquele período. Já argumentei em outro lugar que a evidência na mão indica que ele já existia no século III, se não antes ainda. **Todas as noções preconcebidas sobre o K^r de von Soden precisam ser descartadas.**

Divisões dentro da Família 35 para o NT Inteiro

O arquétipo da Família 35 para Mateus – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes 57 representantes da família para Mateus: 18, 35, 55, 128, 204, 246, 361, 363, 386, 402, 479, 510, 547, 553, 586, 685, 757, 769, 789, 824, 867, 897, 928, 955, 1040, 1046, 1062, 1072, 1075, 1111, 1117, 1145, 1189, 1339, 1435, 1461, 1496, 1503, 1551, 1560, 1572, 1637, 1652, 1667, 1694, 1713, 2122, 2175, 2253, 2352, 2382, 2466, 2503, 2554, 2621, 2765 e I.2110.¹

Nos dez locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos 54), verifiquei os seguintes **158** MSS: 58, 66, 83, 141, 147, 155, 167, 170, 189, 201, 290, 394, (415), 480, 516, 520, 521, 536, 575, 594, 645, (664), 673, 676, 689, 691, 694, 696, 746, 758, 763, 781, 797, 825, 932, 938, 940, 952, 953, 958, 959, 960, 961, 962, 966, 978, 986, 1003, 1023, 1025, 1030, 1059, 1088, 1092, 1095, (1131), 1132, 1133, 1147, 1158, 1165, 1180, 1185, (1199), 1234, 1236, 1250, 1251, 1323, 1328, 1334, 1384, 1389, (1390), 1401, 1409, 1427, 1445, 1462, 1476, 1480, 1482, 1487, 1488, 1489, 1490, 1492, 1493, 1501, 1508, (1517), (1543), 1548, (1552), 1559, 1584, 1591, 1596, 1599, 1600, (1609), 1614, 1617, 1619, 1620, 1621, 1622, 1625, 1628, 1636, 1648, (1649), 1650, 1656, 1658, 1659, 1680, 1686, 1688, 1700, 1702, 1786, 2204, (2221), 2255, 2260, 2261, 2265, 2273, 2284, 2296, 2322, 2323, 2355, 2367, 2399, 2407, 2418, 2444, 2454, 2460, 2483, 2496, 2508, 2520, 2598, 2635, 2636, 2647, 2673, 2689, 2692, 2709, 2714, 2715, 2767, (2774), 2806, L.65.

Esses 215 MSS representam uma grande maioria dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros 17 MSS que eram difíceis de ler, indisponíveis, incompletos, marginais ou embaralhados (as páginas estavam encadernadas fora de ordem). Há um bom número de MSS adicionais com quantidades variadas de mistura adicionadas a uma base da Família 35 (exatamente como meu modelo prevê). Os MSS entre parênteses, na lista acima, são membros marginais da família; são 12.

Alguns representantes da família a mais poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Depois de adicionar os 158 MSS verificados pontualmente aos 57 que foram totalmente cotejados, a atestação para a segunda leitura geralmente aumentou, às vezes bastante. Minha explicação é que a maioria dos melhores representantes da família já foram cotejados e sua média está mais próxima do arquétipo. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM (com exceção de Iviron 2110 e Leukosia 65). Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

¹ Todos os 57 MSS eu mesmo cotejei. Iviron 2110 não possui número GA, até onde eu sei (está na tesouraria do mosteiro).

Comento agora as divisões que foram verificadas individualmente. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária (com uma exceção) estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados individualmente. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos. Nos exemplos abaixo, um MS entre parênteses tem uma variação da variante.

9.17—*απολουνται* 928^e,1572^e || *απολλυνται* 35,55,128,361,363,479,547,553,685,769, 867,928,1111,1189,1435,1572,1694,2466,2765 {58,66,147,155, 167,189,290,394,520,521,536,645,676,694,696,758^e,781,825, 938,952,953,961,962, 966,1023,1092,1095,1132,1133,1165,1180, 1199,1236,1251,1323,1334,1389,1401,1427,1476,1482,1490, 1493,1543,1552,1599,1625,1680,1688,2260,2261,2273,2284, 2296,2322,2367,2407,(2444),2483,2508,2520,2598,2647,2673, (2714),(2715),2767}

Dos 215 MSS, faltam 20, e portanto dos 195 MSS (dentro da família) 85 têm a variante, o que equivale a 43,6%. O verbo é o mesmo e ambos são Indicativos; o primeiro é futuro médio e o segundo é presente passivo. Nas orações imediatamente anteriores, tanto *εκχεται* quanto *ρηγνυνται* são presentes passivos e andam juntos; então por que a segunda referência aos odres? (Talvez porque o odre de vinho fosse mais valioso; um odre velho poderia ser usado para água, etc.) Qualquer diferença de significado é quase pequena demais para ser traduzida. Embora 43,6% seja significativo, não é suficiente para justificar uma mudança. Nas passagens paralelas em Marcos e Lucas o verbo é futuro médio sem questionamento. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

19.29—*οικιας* 586^{alt},928^{alt},1189^{alt},1572^{alt} || *οικιαν* 18,35,55,128,204,361,386,402,479,510,547, 586,685,867,897,928,1062,1111,1189,1435,1572,1694, 2122,2382,2466, 2503,2621,2765 {58,66,141,147,155, 167,189,201,480,536,594,645,673,676,691,694,696,758, 781,797,825,940,953,961,962,966,986,1088,1092,1095, 1132,1133,1147,1158,1165,1199,1234,1236,1250,1251, 1323,1389,1401,1427,1445,1476,1482,1490,1492,1493, 1517,1543,1599,1609,1625,1659,1680,1688,1700,1786, 2204,2260,2261,2265,2273^e, 2284,2296,2322^m,2367,2407, 2418,2444,2460,2483,2496,2508,2520,2598,2673,2714, (2715),2767}

Dos 215 MSS, faltam 2, e portanto dos 213 MSS (dentro da família) 108 têm a variante, o que equivale a 50,7%. Porém, cinco dos MSS para o singular têm o plural como alternativo, mais seis correções, que colocam o plural à frente. Plural ou singular? Tal como acontece com os irmãos, se você tiver apenas um, isso é tudo que você pode deixar; e se você não tiver nenhum, você não deixa nenhum. Nas passagens paralelas de Marcos e Lucas, a evidência é praticamente unânime a favor do singular; então onde Mateus conseguiu o plural? Como comparativamente poucas pessoas teriam mais de uma casa, presumivelmente, o singular é esperado. Se o original de Mateus fosse singular, por que alguém o mudaria para o plural,

já que ninguém fez isso em Marcos ou Lucas? Mas se o original fosse plural, haveria uma pressão óbvia para alterá-lo para singular. O facto cruel é que os representantes da família estão divididos pela metade, mas considero que os melhores representantes estão geralmente do lado do plural. Juntando tudo, considero que a primeira forma reproduz o arquétipo, embora haja dúvidas razoáveis. Em qualquer caso, a mudança não faz diferença no que o Senhor estava dizendo; você não pode deixar o que não tem.

20.5—ενατην 35^c;1072^c || εννατην 35,361,363,479,897,928,1072,1572,1667^c;1694,2175,2765 {58^c;66,147,155,167,189,290,415,516,520,521,536,645,676,691,696,797,825,932^c;938,953,961,966,986,1023,1030,1088,1092,1095,1132,1133,1158,1165,1180,1199,1251,1323,1334,1384,1389,1401,1476,1482,1490,1552,1599,1609,1625,1628,1648,1659,1680,1700,1786,2204,2260,2273^c;2284,2296,2407,2418,2444,2460,2508,2598,2635,2647,2673,2692,2714,2715}

Dos 215 MSS, faltam 2, e portanto dos 213 MSS (dentro da família) 79 têm a variante, o que equivale a 36,7%. Não considero a grafia alternativa de um número ser uma variante adequada, uma vez que não há absolutamente nenhuma diferença de significado. Embora a atestação de 36,7% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

21.42—ημων || υμων 361,479,685,1072,1560,1694,2175 {58,66,141,167,189,290,415,520,664,689,758,781,797,825,938,953,958,961,966,978,986,1023,1025,1059,1092,1131,1132,1133,1199,1236,1323,1384,1389,1390^c;1401,1445,1462,1476,1508,1543,1552,1584^c;1596,1599,1609,1614,1622,1625,1649,1658,1659,1680,1700,1702,1786,2204,2221,2255,2260,2261,2265,2296,2323,2399,2407,2418,2444,2454,2460,2483,2508,2598,2635,2689,2714,2774,L.65}

Dos 215 MSS, faltam 3, e portanto dos 212 MSS (dentro da família) 82 têm a variante, o que equivale a 38,7%. Primeira ou segunda pessoa? Esta é uma citação do Salmo 118.22-23. O Texto Hebraico tem a primeira pessoa, assim como a LXX. Fora da Família 35, provavelmente menos de 3% dos MSS têm a segunda pessoa, e portanto a atestação comparativamente pesada aqui parece ser uma variação dentro da família. As duas formas foram pronunciadas da mesma maneira. A mudança não faz diferença no que o Senhor estava dizendo aqui. Os melhores representantes da família estão fortemente do lado da primeira pessoa. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

24.2—παντα ταυτα 1072^c;1075^c || ~ 21 479,685,1072,1075,1694,2175 {58,66,189,520,664,673,676,694,758,797,932,938,953,961,962,966,986,1023,1092,1131,1132,1133,1165,1180,1199,1234,1236,1323,1384,1389,1476,1488,1517,1543,1552,1584,1599,1609,1621,1622,1625,1648,1659,1700,1786,2204,2360,2261,2296,2355,2407,2418,2508,2520,2598,2715}

Dos 215 MSS, falta 1, e então dos 214 MSS (dentro da família) 62 têm a variante, o que equivale a 29%. Como os substantivos, pronomes e adjetivos gregos têm sufixos de caso, mudar a ordem das palavras não afeta o significado, de sorte que são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Em qualquer caso, uma atestação de 29% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

24.35—παρελευσονται 1075^{ait}, 2466^{ait}, 2765^c || παρελευσεται 35,361,479,1075,1694, 2175,2466,2765 {58,66,520,536,664,676,689, 758,797,825,938,953,961,966,1059,(1131),1132, 1165,1185,1199,1323,1384,1389,1462,1476, 1508,1543,1552,1599,1609,1621,1625,1649, 1658,1659,2260,2261,2273^c, 2296,2399,2444, 2460,2508,2598,2467,2689,2715}

Dos 215 MSS, falta 1, e portanto dos 214 MSS (dentro da família) 54 têm a variante, o que equivale a 25,2%. Devem “o céu e a terra” ser tratados como uma unidade (singular) ou como entidades distintas (plural)? Em inglês, a tradução é a mesma, perdendo a distinção entre singular e plural. Em grego e hebraico a distinção é mantida. Por que menciono o hebraico? Bem, Jesus ensinou em hebraico, e Mateus estava ali com Ele, provavelmente tomando notas, em hebraico. (Lucas certamente não estava lá, e Marcos provavelmente não estava; eles oferecem relatos paralelos, e irei abordá-los em breve.) Suponho que Jesus usou a forma plural do verbo, que Mateus devidamente registrou, e ao traduzir sua nota para Grego ele manteve o plural. Não pode haver dúvida de que o arquétipo tinha o plural. Tanto para Mateus. Tanto Marcos como Lucas têm o verbo no singular: o plural acumula 35% em Marcos e 30% em Lucas, dentro da família. Em todos os três Evangelhos, “o céu” é singular, não plural. Como existem pelo menos três céus, a referência aqui deve ser à atmosfera terrestre, que contém pássaros e nuvens. De sorte que é este planeta com a sua atmosfera que será destruído, e é perfeitamente razoável tratá-los como uma unidade, como fazem Marcos e Lucas. Certamente estava dentro da prerrogativa do Espírito Santo que Mateus fizesse isso de uma maneira e Marcos e Lucas de outra. O significado é o mesmo em ambos os casos.

25.32—συναχθησονται || συναχθησεται 18^c,35,55,128,204,246ⁱ,361,363,386,402,479, 510,547,553,586,769,867,897,928,1062,1189,1435,1572,2122,2175, 2253,2382,2466,2503,2765 {141,147,155,167,201,290,394,415,480, 521,536,594,673,689,691,694,696,758,781,938,940,962,986,1023, 1059,1088,1147,1158^c,1251,1334,1384,1401,1427,1445,1462,1482, 1490,1492,1493,1508,1599,1621,1649,1658,1659,1688,1786,2204, 2261^c,2265,2273,2284,2296,2322,2355,2367,2399,2418,2444,2460, 2483,2520,2647,2689,2692,2715,2767,2806}

Dos 215 MSS não falta nenhum, portanto dos 215 MSS (dentro da família) 96 têm a variante, o que equivale a 44,7%. Singular ou plural; substantivo de massa, ou não? O significado é o mesmo em ambos os casos. Embora a atestação de 44,7% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança; tanto mais que os melhores representantes geralmente estão no plural. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

26.29—γεννηματος || γεννηματος 18,204,246,386,553,685,769,928,1072,1075,1145,1189, 1551,1572,1652^c,1694,2175,2253^c,2466,2503,2554^c,2621 {66,141,170,189, 201,394,415, 480,520,521,575,594,673,676,691,694,746^c,758,797,825,932, 952,958,961,962,1030,1088,1092,1095,1132,1133,1147,1165,1180,1185, 1234,1236,1323,1334,1390,1427,1445,1476,1482,1488,1492,1493,1501, 1548,1596,1622,1625,1628,1648,1656,1680,1688,1700,1786,2221,2261, 2265,2284,2322,2323,2355,2407,2418^c,2496,2508,2598,2636,2673,2692, 2714,2774,2806}

Dos 215 MSS, falta 1, então dos 214 MSS (dentro da família) 94 têm a variante, o que equivale a 43,9%. A diferença de uma letra muda a palavra. A primeira refere-se aos produtos vegetais; a segunda refere-se à prole animal. No contexto, o Senhor Jesus está claramente se referindo aos produtos. Tanto é verdade que um leitor que visse a forma mais longa lhe daria o significado secundário, e temos duas maneiras de dizer a mesma coisa. Embora a atestação de 43,9% seja significativo, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

27.35—βαλοντες || βαλλοντες 35,128,204,361,363,402,479,510,547,553,586,769,867,897, 928,1189,1435,1572,1667,1694,2122,2175,2382,2466,2765 {58,66,141,147, 155,167,189,290,394,415,516,521,536,645,664,676,696,746,758,781,797,825, 932,938,940,953,(961),966,986,1023,1088,1092,(1095),1132,1133,1147,1158, 1165,1180,1199,1236,1251,1323,1334,1384,1389,1390,1401,1427,1445,1476, 1482,1490,1493,1543,1552,1599,1609,1621,1625,1649,1659,1680,1688,1700, 1786,2204,2221^c,2260,2261,2265,2273,2284,2296,2322,2355,2367,2407,2418, 2444,2460,2496,2520,2598,2647, (2673),2692,2714,2767}

Dos 215 MSS, faltam 7, e portanto dos 208 MSS (dentro da família) 113 têm a variante, o que equivale a 54,3%. É aoristo ou presente? A cláusula controladora é assim: “Tendo-O crucificado, distribuíram Suas vestes entre si, . . .” É “lançando sortes” ou “tendo lançado sortes”? Qualquer um faz sentido, mas a rigor, a distribuição aconteceu após o lançar.¹ Por essa razão, e porque a maioria dos melhores representantes tem o aoristo, escolhi aqui a leitura minoritária para representar o arquétipo. Em ambos os casos, o

¹ Segundo a gramática grega, um particípio no aoristo significa que aconteceu antes do tempo do verbo principal ao qual está subordinado; um particípio no presente significa que é simultâneo ao verbo principal.

significado básico não é alterado.

27.45—ενατης 35^c || εννατη^{c2x} 35^v,361,363,479,547,897,928,1572,1667,1694,2175,2765 {58, 66,147,155,167,189,290,415,516,520,521,536,645,676,696,797,825,932^c,938, 953,966,1023,1092^c,1095,1158,1165,1180,1199,1236,1251,1323,1334,1384, 1389,1390,1401,1427,1445,1476,1482,1490,(1501),1552,1599,1609,1621,1625, 1659,1680,1700,(1702),2204,2260,2273^c,(2284),2296,2367,2407,(2418),2444, 2460,2496,2508,2598, 2635,2647,2673,2692,2709,2714,2715}

Dos 215 MSS, faltam 4, e portanto dos 211 MSS (dentro da família) 80 têm a variante, o que equivale a 37,9%. Não considero a grafia alternativa de um número uma variante adequada, uma vez que não há absolutamente nenhuma diferença de significado. Embora a atestação de 37,9% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos dez locais onde há uma divisão de pelo menos 10% entre os MSS cotejados. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Geralmente, a diferença é de uma única letra. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo familiar para todo o livro de Mateus, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido em meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmo que o arquétipo da família foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante. [Não garanto precisão total. Um erro ocasional não alterará o quadro geral.]

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 53 MSS cotejados (completos, ou quase), 43 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 53 MSS cotejados (completos, ou quase), 48 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a

forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 53 MSS cotejados (completos, ou quase), 49 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 53 MSS cotejados (completos, ou quase), 42 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 53 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 31 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 16. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Capítulo 7: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 39 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo sete.

Capítulo 8: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 39 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo oito.

Capítulo 9: Nenhuma variante tem mais do que 17 MSS. Dos 54 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do

arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo nove.

Capítulo 10: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 54 MSS cotejados (completos, ou quase), 35 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 14. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dez.

Capítulo 11: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 34 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 2. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo onze.

Capítulo 12: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 29 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo. Contudo, os MSS ainda por cotejar acrescentarão sem dúvida muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 16. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo doze.

Capítulo 13: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 54 MSS cotejados (completos, ou quase), 28 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo treze.

Capítulo 14: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 36 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatorze.

Capítulo 15: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 39 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a

forma arquetípica precisa do capítulo quinze.

Capítulo 16: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 42 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezesseis.

Capítulo 17: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 35 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 18. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezessete.

Capítulo 18: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 40 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezoito.

Capítulo 19: Nenhuma variante tem mais do que 26 MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 24 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezenove.

Capítulo 20: Nenhuma variante tem mais do que dez MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 32 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte.

Capítulo 21: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 33 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-um.

Capítulo 22: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 43 são representantes perfeitos do

arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-dois.

Capítulo 23: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 56 MSS cotejados (completos, ou quase), 32 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-três.

Capítulo 24: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 57 MSS cotejados (completos, ou quase), 31 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 12. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-quatro.

Capítulo 25: Nenhuma variante tem mais do que 27 MSS. Dos 57 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 2. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-cinco.

Capítulo 26: Nenhuma variante tem mais do que 17 MSS. Dos 57 MSS cotejados (completos, ou quase), 24 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-seis.

Capítulo 27: Nenhuma variante tem mais do que 23 MSS. Dos 57 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-sete.

Capítulo 28: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 57 MSS cotejados (completos, ou quase), 45 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a

forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-oito.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Mateus, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquetipo da Família 35 para Marcos – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo, feito por mim, dos seguintes 61 representantes da família para Marcos: 18, 35, 128, 141, 204, 361, 510, 547, 553, 586, 645, 689, 769, 789, 824, 867, 928, 960, 1023, 1040, 1046, 1072, 1075, 1111, 1117, 1133, 1145, 1147, 1199, 1251, 1339, 1384, 1435, 1461, 1496, 1503, 1572, 1628, 1637, 1652, 1667, 1705, 1713, 2122, 2221, 2253, 2261, 2265, 2273, 2323, 2352, 2382, 2466, 2503, 2554, 2621, 2765, 2875, 2876, Iviron 2110 e Leukosia 65 [os dois últimos ainda não têm um número GA, até onde eu sei].

Nos treze locais onde há uma divisão de pelo menos 10%, dos MSS cotejados, verifiquei os seguintes **168** MSS: 55, (56), 58, 66, 147, 155, 167, 170, 189, 201, 214, 246, 290, 363, 386, 394, 402, (415), 479, 480, 520, 521, 575, 594, 664, 673, 676, 685, 691, 694, 696, 746, 757, 758, 763, 781, 797, 825, 890, 897, (924), 932, 938, 940, 952, 953, 955, 958, 959, 961, 962, 966, 978, 986, (1003), 1020, 1025, (1030), 1059, 1062, 1092, 1095, 1131, 1132, 1158, 1165, 1180, 1185, 1189, 1234, 1236, (1247), 1250, 1323, 1328, 1329, 1334, 1389, (1390), 1400, 1401, 1409, 1427, 1445, (1453), 1462, 1476, 1480, 1482, 1487, 1488, 1489, 1490, 1492, 1493, 1499, 1501, 1508, (1517), 1543, 1544, 1548, 1551, 1552, 1559, 1560, 1576, 1584, 1591, 1596, 1599, 1600, 1601, 1609, 1614, 1617, 1619, 1620, 1621, 1622, 1625, 1633, 1636, 1638, 1648, 1649, 1650, 1656, 1658, 1659, 1680, 1686, 1688, 1694, 1700, 1702, 1779, 1786, 2204, 2249, 2255, 2260, 2284, 2296, 2322, 2355, 2367, 2399, 2407, 2444, 2454, 2460, 2483, 2496, 2508, 2520, 2559, 2598, 2635, 2673, 2689, 2692, 2709, 2714, 2767, 2774, 2806.

Esses 229 MSS representam uma grande maioria dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei 16 MSS difíceis de ler, indisponíveis, incompletos ou embaralhados (as páginas estavam encadernadas fora de ordem). Há um bom número de MSS adicionais com quantidades variadas de mistura adicionadas a uma base da Família 35 (exatamente como meu modelo prevê). Os MSS entre parênteses, na lista acima, são membros marginais da família; são 9.

Alguns representantes da família a mais poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Observe que a imagem baseada nos 61 MSS totalmente cotejados permanece a mesma após a adição dos 168 MSS verificados individualmente. Quatro das

variantes caíram, aquela com maior atestação caiu 4%. Nove deles subiram, seis dos quais subiram significativamente. Minha explicação é que a maioria dos melhores representantes da família já foram cotejados, e sua média está mais próxima do arquétipo. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM (com exceção de Iviron 2110 e Leukosia 65). Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas individualmente. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária são alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados individualmente. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos. Os parênteses nos exemplos indicam que o MS tem uma variação nessa leitura.

1.44—προσενεγκαι || προσενεγκε 361,689,1133,1199,1384,1705,2221 {56,58,66,290,479,520,594,(664)797,897,932,953,961,966,986,1020,1059,1095,1131,1132,1165,1323,1329,1389,1453,1462,1476,1480,1499,1508,1517,1543,1552,1584,1599,1609,1614,1621,1638,1648,1649,1658,1659,1700,1702,2204^c;2249,2260,2296,2399,2444,2460,2483,2496,2508,2598,2673,2689}

Dos 229 MSS, faltam 3, e portanto dos 226 MSS (dentro da família) 64 têm a variante, o que equivale a 28,3%. É infinitivo ou imperativo? Um dos usos do Infinitivo é comandar, o que é claramente o caso neste contexto. Portanto, temos duas maneiras de dizer a mesma coisa. Mas em qualquer caso, com menos de 29% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.41—κουμ || κουμ 18,789,1046,1111,1117,1713,2253,2352,2382,2503,2554,2621,1,2110 {170,201,214,386,480,594,673,691,694,746,758,940,952,958,962,1025,1062,1185,1234,1250,1389,1401,1488,1492,1501,1548,1596,1600,1622,1636,1648,2255,2355,2559,2635,2774,2806}

Dos 229 MSS, faltam 2, e portanto dos 227 MSS (dentro da família) 50 têm a variante, o que equivale a 22%. Não considero uma diferença na grafia de uma palavra estrangeira uma variante adequada. Como as palavras estrangeiras são seguidas de uma tradução, não há diferença de significado. Mas em qualquer caso, com apenas 22% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

6.20—ακουων 35^c;1023^{alt};1384^{alt} || ακουσας 35,204,361,547,645,1023,1199,1251,1384,1572^m,1667^c;2273^c;2466,2765 {147,155,167,189,246^m,479,664,676,696,825,938,953,966,1020,1158,1236,1247,1389,1401,1453,1482^m,1490,1493^m,1552,1576^m,1599,1601,1609,1621,1625,1659,2260,2273^c;2296,2367,2444,2460}

Dos 229 MSS (dentro da família), 43 têm a variante, o que equivale a

18,8%. O participio é presente ou aoristo? Será “consultando-o, ele faria muitas coisas”, ou “tendo-o consultado, ele faria muitas coisas”? A questão é a mesma. Era previsível que alguns copistas seriam influenciados pela grande maioria fora da família. Mas em qualquer caso, com menos de 19% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

8.1—παμπολλου 141^c,1147^{au},L.65^c || παμπολου 141,1133,1147,1705,2122,2261,2265,2323,2352,L.65 {56,58,66,167^c,214,290,664,781,953,978,1020,1025,1247,1250,1323,1389,1409,1476,1487,1488,1543,1544,1617,1621,1633,1638,1648,1649,1659,1700,1786,2255,2673,2774,2806}

Dos 229 MSS, faltam 5, e portanto dos 224 MSS (dentro da família) 44 têm a variante, o que equivale a 19,6%. Não considero a grafia alternativa de um adjetivo uma variante adequada, uma vez que não há absolutamente nenhuma diferença de significado. Mas em qualquer caso, com menos de 20% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

8.3—νηστις 1145^c || νηστεις 928,1133,1145^v,1572,1667^c,2221,2261,2323^c,2877 {66,246,290,394,521,575,594,676,691,758,825^c,953,959,961,978,986,1020,1030,1092,1132,1189,1247,1334,1389,1390,1427,1445,1482,1487,1543,1544,1576,1622,(1638),1649,1650^c,1680,1694,1700,1779,1786,2204,2407,2444,2460,2635,2692,2714}

Dos 229 MSS, faltam 6, e portanto dos 223 MSS (dentro da família) 53 têm a variante, o que equivale a 23,8%. Temos duas formas da mesma palavra, que parece funcionar como substantivo ou adjetivo. O acusativo plural estaria correto se funcionasse como um adjetivo normal, como na leitura bizantina principal. Mas com menos de 24% de atestação na família, essa variante não é uma candidata crível. A primeira forma pode ter funcionado como uma forma congelada, mas em qualquer caso, o significado é o mesmo. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

8.25—ενεβλεψεν || ανεβλεψεν 128,547,689,1023,1145,1199,1251,1435,1705,2876,1,2110 {56,58,147,155,167,(170),201,246,290,363,394,402,415,520,521,664,691,763,781,938,952,(953),958,966,986,1003,1020,1030,1131,1165,1185,1234,1236,1247,1334,1390,1400,1401,(1453),1462,1476,1480,1488,1489,1490,1499,1508,1544,1548,1551,1584,1596,1600,1609,1614,1622,1633,1648,1649,1658,(1686),1700,1702,1779,1786,2204,2367,2399,(2444),2454,(2460),2483^c,2496,2689,2692,2709,2767,2806}

Dos 229 MSS (dentro da família) 88 têm a variante, o que equivale a 38,4%, que é a percentagem mais elevada para qualquer uma das variantes. A diferença de apenas uma letra altera o verbo. É εμβλεπω ou αναβλεπω? O advérbio imediatamente seguinte controla o significado, portanto os dois verbos são sinônimos aqui. Embora a atestação de 38,4% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o

arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.20—ιδον || ιδων 553,645,689^c,1023^c,1072,1133,1251,1384,1705,2261,2875,L.65 {56,58,66,155,167,201,214,290,386,479,694,758,781,953,958,959,961,966,978,1020,1062,1092,1132,1234,1247,1323,1328,1389,1390,1401,1409,1453,1480,1487,1490,1499,1543,1560,1576,1591,1596,1599,1601,1609,1614,1617,1621,1622,1633,1638,1648,1700,1702,1786,2249,2260,2355,2367,2399^c,2407,2454,2483,2635,2692,2714,2774,2806}

Dos 229 MSS, falta 1, e então dos 228 MSS (dentro da família) 76 têm a variante, o que equivale a 33,3%. A diferença de uma letra muda o gênero de neutro para masculino. O sujeito do verbo é o demônio ou o menino? No contexto, o demônio é claramente o sujeito, então o neutro está correto. Mas em qualquer caso, com apenas um terço da atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

12.5—αποκτενοντες 35^c,L.65^c || αποκτενοντες 35,204,361,553,689,769,789,1046,1072,1147,1251^c,1503,1667,2382^c,L.65 {83,415,746,825,952,955,978,1059^c,1180,1185,1409^c,1462,1488,1493,1548,1584,1601^c,1614,1650,1656,1658^c,2322,2399,2444,2460,2508,2598}

Dos 229 MSS (dentro da família), 36 têm a variante, o que equivale a 15,7%. A diferença de uma letra reflete apenas uma grafia alternativa para o verbo. Não há diferença de significado. Mas em qualquer caso, com menos de 16% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

12.43—βαλλοντων 2466^c || βαλοντων 1145,1199,1384,1705,2221,2323,2466 {(56),58,189,479,520,676,685,746,758,797,825,932,938^c,953,966,1020,1095,1165,1180,1236,1323,1389,1400,1427,1453,1476,1517,1544,1552,1584^c,1601,1621,1625,1659,1680,2255,2260,2284,2296,(2496),2508,2559,2598,2673,2714}

Dos 229 MSS, faltam 2, e portanto dos 227 MSS (dentro da família) 50 têm a variante, o que equivale a 22%. A diferença de uma letra muda o tempo verbal do presente para aoristo. No contexto, são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Mas em qualquer caso, com apenas 22% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

13.31—παρελευσεται 1145^c || παρελευσονται 547,645,789,824,960,1023,1040,1046,1075,1145,1339,1461,1496,1503,1628,1637,1652,1667,1705,1713,2221,2323,2352,2765 {83,147,155,167,189,246,575,685,691,696,757,763,924,932,938,952,955,958,959,962,978,1025,1158,1185,1236,1328,1390,1401,1409,1489,1490,1501,1517,1548,1551,1560,1576,1584,1591,1596,1617,1619,1620,1622,1633,1638,1650,1656,1686,1702,2255,2367,2454,2508,2635,2709}

Dos 229 MSS, faltam 3, e portanto dos 226 MSS (dentro da família) 80 têm

a variante, o que equivale a 35,4%. Devem “o céu e a terra” ser tratados como uma unidade (singular) ou como entidades distintas (plural)? Em inglês, a tradução é a mesma. Em todos os três Evangelhos, “o céu” é singular, não plural. Como existem pelo menos três céus, a referência aqui deve ser à atmosfera terrestre, que contém pássaros e nuvens. Portanto, é este planeta com a sua atmosfera que será destruído, e é perfeitamente razoável tratá-los como uma unidade, como fazem Marcos e Lucas. Curiosamente, o percentual caiu quatro pontos, em relação aos MSS totalmente cotejados. Embora a atestação de 35,4% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquetipo, sem qualquer dúvida razoável.

14.25—γενηματος || γεννηματος 18,141,204,553,769,928,1133,1147^{alt},1572,1705,2221,2253^c,2261,2323,2466,2503,2554^c {58,66,170,189,201,214,386,394,402,415,480,520,521,594,664,676,694,746^c,758,797,825,932,940,961,1092,1095,1132,1158,1165,1180,1189,1234,1236,1247,1323,1334,1390^c,1427,1445,1476,1482,1487,1492,1493,1559,1621^c,1625,1649,1656,1659,1680,1688,1694,1700,1779,1786,2204,2284,2322,2355,2407,2496,2508,2559,2598,2673,2692,2714,2774,2806}

Dos 229 MSS, faltam 4, e portanto dos 225 MSS (dentro da família) 81 têm a variante, o que equivale a 36%. A diferença de uma letra muda a palavra. A primeira refere-se aos produtos vegetais; a segunda refere-se à prole animal. No contexto, o Senhor Jesus está claramente se referindo aos produtos, e então a primeira forma está correta. A segunda forma funciona como um significado derivado. Embora a atestação de 36% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquetipo, sem qualquer dúvida razoável.

15.33—ενατης 35^c,1075^c || εννατης 35,361,547,645,928,1023,1075,1199,1251,1572,1667^c,2765 {56,58,66,147,155,167,189,290,363^c,394,415,479,520,521,676,696,797^c,825,897,932,938,953,966,986,1020,1092^c,1095,1158,1165,1180,1236,1247,1323,1334,1389,1390,1401,1445,1453,1476,1480,1482,1490,1499,1552,1559,1576,1599,1601,1609^c,1621,1622,1625,1633,1638,1659,1680,1700,2204,2260,(2284),2296,2367,2407,2444,2460,2496,2508,2598,2635,2673,2692,2714}

Dos 229 MSS, faltam 5, e portanto dos 224 MSS (dentro da família) 80 têm a variante, o que equivale a 35,7%. Não considero a grafia alternativa de um número uma variante adequada, uma vez que não há absolutamente nenhuma diferença de significado. Embora a atestação de 35,7% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquetipo, sem qualquer dúvida razoável.

15.46—επι την θυραν 35^c,1111^{alt},2273^c || 1 τη θυρα 35,141,553,769,928,1111,1133,1147,1572,2253,2261,2554,2876,I.2110 {66,170,394,402,521,746^c,758,797,890,961,986,1092,1132,1189,1247,1250,1334,1427,1445,1482,1487,1493,1517^c,1543,1559,1600,1636,1680,1688,1694,1700,1779,1786,2204,

Dos 229 MSS, faltam 5, portanto dos 224 MSS (dentro da família) 56 têm a variante, o que equivale a 25%. O sintagma nominal é acusativo ou dativo? A preposição funciona com três casos, esses dois mais o genitivo. No contexto, a tradução é a mesma, “contra a porta”. Se a ideia de “movimento em direção” estiver incluída no acusativo, então é especialmente apropriada aqui. Mas em qualquer caso, com apenas 25% de atestação, a variante não é uma candidata credível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos treze locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos MSS cotejados. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo familiar para todo o livro de Marcos, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido em meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmo que o arquétipo da família foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS que já foram cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 35 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo (que é bastante longo), e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 43 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 32 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a

forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que doze MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que dez MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 16 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo (que é bastante longo), e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 19. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Capítulo 7: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 36 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo sete.

Capítulo 8: Nenhuma variante tem mais do que onze MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo oito.

Capítulo 9: Nenhuma variante tem mais do que dez MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 25 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo nove.

Capítulo 10: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 25 são representantes perfeitos do

arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dez.

Capítulo 11: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 29 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo onze.

Capítulo 12: Nenhuma variante tem mais do que onze MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 18 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo doze.

Capítulo 13: Nenhuma variante tem mais do que 23 MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 19 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo treze.

Capítulo 14: Nenhuma variante tem mais do que treze MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 24 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo catorze.

Capítulo 15: Nenhuma variante tem mais do que catorze MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quinze.

Capítulo 16: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 51 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a

forma arquetípica precisa do capítulo dezesseis, todos os vinte versos.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Marcos, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquetipo da Família 35 para Lucas – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo (feito por mim) dos seguintes 55 representantes da família para Lucas: 18, 35, 128, 201, 204, 246, 361, 402, 479, 510, 547, 553, 586, 691, 757, 769, 781, 789, 824, 867, 897, 928, 1046, 1072, 1111, 1117, 1147, 1328, 1339, 1384, 1409, 1427, 1435, 1461, 1493, 1496, 1503, 1548, 1551, 1621, 1637, 1652, 1667, 1694, 1713, 2122, 2253, 2352, 2367, 2382, 2466, 2503, 2554, 2765 e Iviron 2110.

Nos quinze locais onde há uma divisão de pelo menos 10% desses 55, verifiquei os seguintes **167** MSS: 55, (56), 58, 61, (66), 83, 141, 147, 155, 167, 170, (189), (285), (290), 363, 386, 387, 394, (516), 520, 521, 575, 645, 664, (676), 689, 696, 758, 763, 797, 932, 938, 940, 952, 953, 955, 958, 959, 960, 962, 966, 1003, (1017), 1018, 1020, 1023, 1025, 1030, 1040, 1059, 1062, 1075, 1088, 1092, 1095, 1116, 1119, 1131, 1132, 1133, 1145, 1158, 1165, 1185, 1189, 1199, 1224, 1234, (1236), (1247), 1250, 1251, 1323, 1329, 1334, 1389, (1390), 1400, 1401, 1445, (1453), 1462, 1471, 1476, 1480, 1482, 1487, 1488, 1489, 1490, 1492, 1499, 1501, 1508, (1517), 1543, (1544), 1559, 1560, 1572, 1576, 1584, 1591, 1599, 1600, 1601, 1614, 1617, 1619, 1620, 1622, (1625), 1628, 1633, 1636, 1638, 1648, 1649, 1650, 1656, 1658, 1659, 1686, 1688, 1700, 1702, 1703, 1705, 1779, 1786, 1789, 1813, (2175), 2204, 2221, 2249, 2255, 2260, 2261, 2273, 2284, 2296, 2309, 2322, 2323, 2355, 2399, 2407, 2418, 2444, 2454, 2460, (2483), (2508), 2510, 2520, 2559, 2621, 2635, 2673, 2689, 2692, 2709, 2714, 2715, 2734, 2767.

Esses 222 MSS representam uma grande maioria dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros 21 MSS que eram difíceis de ler, indisponíveis, incompletos ou embaralhados (as páginas estavam encadernadas fora de ordem). Há um bom número de MSS adicionais com quantidades variadas de mistura adicionadas a uma base da Família 35 (exatamente como meu modelo prevê). Os MSS entre parênteses, na lista acima, são membros marginais da família; são 18.

Alguns representantes da família a mais poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Observe que o quadro baseado nos 55 MSS totalmente cotejados permanece o mesmo após a adição dos 167 MSS verificados individualmente. Duas das variantes caíram e outras duas subiram ligeiramente, mas a maioria subiu significativamente, e duas mais que dobraram! Minha explicação é que a maioria dos melhores representantes da família já foram cotejados, e sua

média é mais próxima do arquétipo. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM (com exceção do Iviron 2110). Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão listados. Aqueles dentro de { } foram verificados individualmente. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.55—εως αιωνος 35^c,769^c,928^c,1493^c,1694^c || εις τον αιωνα 35,204,402,553,769,928,1117,1427,1493,1694,2253,2466,2554,I.2110 {58,61,66,141,394,516,521,758,797,1088,1092,1132,1133,1189,1250,1334,1390,1445^c,1482,1487,1517,1543,1559,1572,1600,1620,1688,1700,1786,2175,2204,2249,2261,2322,2407,2734}

Dos 222 MSS, faltam 4, e portanto dos 218 MSS (dentro da família) 49 têm a variante, o que equivale a 22,5%. As duas frases são praticamente sinônimas, com pouca diferença de significado. Mas em qualquer caso, com menos de 23% de atestação, a variante não é uma candidata crível. Observe também que cinco foram corrigidos. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.40—αυτω 35^{alt},586^{alt},789^c || αυτο 18,35,201,246,510,547,586,757^{alt},789,1072^c,1111,1328,1339,1496^{alt},1503^{alt},1548,1551,2352^{alt},2367,2382,2503,2765 {55,56,61,66^m,83,147,155,167,285,386,387,516,645,696,938,940,952,955,958,960,1017,1023,1025,1046^c,1062,1075,1158,1185,1234,1251,1389,1400,1401,1453,1488,1489,1490,1492,1501,1517,1544,1560,1584,1591,1617^{alt},1619^{alt},1622,1628,1633,1650,1656^{alt},1686,1702,1705,2175,2221,2323,2407,2510,2559,2709,2715}

Dos 222 MSS, faltam 5, e portanto dos 217 MSS (dentro da família) 74 têm a variante, o que equivale a 34,1%. A preposição assume três casos, com pouca diferença de significado. Contudo, o dativo está correto: a graça repousava sobre Ele o tempo todo. Mas em qualquer caso, embora a atestação de 34% seja significativa, um terço do total não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.18—τω λαω 1072^{alt} || τον λαον 18,35^{alt},128,246,402,479^{alt},547,757^{alt},781,789^{alt},824,867,1072,1111,1117,1328,1384,1409,1435,1503^{alt},1551,1637^{alt},1652^{alt},2122,2367,2466^{alt},2554,2765,I.2110 {55,66,83^c,147,155,167,189,285,290,363,386,521,645,664,676,696,758,763,938,952,960^{alt},962^{alt},1003,1017,1018,1023,1025,1030,1040^c,1046^c,1059,1075,1092,1131,1132,1133,1158,1234,1236,1247,1250,1251,1329,1334,1400,1401,1445,1471,1488^{alt},1490,1492,1501^{alt},1508,1517,1543,1560,1548^{alt},1600,1622,1625,1633,1650,1656^{alt},1658,1659^c,1686,1700,1703,1705,1779,1786,1813,2221,2249,2255,2261,2273,2284,2355,2399,2483,2510^c,2520,2533,2689,2692,2709,(2734),2767}

Dos 222 MSS, faltam 7, e portanto dos 215 MSS (dentro da família) 99 têm

a variante, o que equivale a 46%. O verbo *ευαγγελιζω* normalmente leva o dativo, embora o acusativo ocorra – parece não haver diferença no significado, a tradução será a mesma. Como o caso normal para um objeto direto é o acusativo, os copistas que não estavam familiarizados com a peculiaridade desse verbo fariam previsivelmente a mudança (testemunhe os [85%]). Se o arquétipo tivesse o acusativo, quem o mudaria para dativo? Embora 46% seja quase metade, não é suficiente para justificar uma mudança, uma vez que o caso adequado para o verbo é o dativo. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.26—*σεμει* || *σεμει* 201,1072,1339,1461,1496,1503 {56,58,61,189,285,387,520,575,664,676, 758^c,797,932,1003,1017,1030,1040,1092,1095,1165,1236,1323,1390,1476,1488,1489, 1544,1619,1620,1622,1625,1648,1649,2221,2284,2323,2407,2508,2635,2673,2734}

Dos 222 MSS, faltam 6, e portanto dos 216 MSS (dentro da família) 46 têm a variante, o que equivale a 21,3%. Não considero uma grafia alternativa de um nome próprio uma variante própria, uma vez que não há absolutamente nenhuma diferença de significado. Mas em qualquer caso, com menos de 22% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.27—*εστωτων* 246^m || *εστηκοτων* 246,691,757,781,789^c,824,1046,1072,1328,1339,1409, 1461,1496,1503,1548,1551,1637,1652,1694,1713,2352 {66,83,285,516,575, 689,758^c,763,938,955,958,959,960,962,1003,1017,1018,1023,1025,1030, 1040,1059,1075,1116,1131,1132,1145,1185,1224,1390^c,1453,1462,1487, 1488,1489,1501,1508,1543,1544,1559,1560,1584,1591,1614,1617,1619, 1620,1622,1628,1633,1636,1648,1649,1650,1656,1658,1686,1700,1702, 1705,2221,2249,2255,2309,2323,2399,2454,2483,2510,2635,2689,2734}

Dos 222 MSS, faltam 2, e portanto dos 220 MSS (dentro da família) 90 têm a variante, o que equivale a 40,9%. Estas parecem ser formas alternativas do particípio ativo perfeito do mesmo verbo, e portanto são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Embora uma atestação de 41% seja certamente significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

10.41—*ο ιησους ειπεν αυτη* || ~ 3412 35^c,128,510,586,867,1111,1435,2122,2382 {56,58, 61,167,290,363,516,520,932,940,1095,1165,1323,1329,1476, 1779,2508,2520,2673,2767}

Dos 222 MSS, faltam 5, e portanto dos 217 MSS (dentro da família) 28 têm a variante, o que equivale a 12,9%. Como o grego tem sufixos de caso, uma mudança na ordem das palavras geralmente faz pouca ou nenhuma diferença no significado, uma tradução será a mesma. Mas em qualquer caso, com menos de 13% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

12.18—*γενηματα* || *γεννηματα* 201,246,553^c,928,1427,1548,1551,1621,1667,2554^c {66,189,

386,394,520,521^c,676,758^c,797,932,938^c,958,1023,1088,1095,1132,1165,1185,1189,1234,1236,1247,1323,1329,1334,1400,1445,1462,1476,1482,1501^{alt},1572,1576,1625,1649,1656,1659,1688,1700,1779,2204,2249,2284,2418,2508,2673,2692,2714}

Dos 222 MSS, faltam 3, e portanto dos 219 MSS (dentro da família) 52 têm a variante, o que equivale a 23,7%. A diferença de uma letra muda a palavra. A primeira refere-se aos produtos vegetais; a segunda refere-se à prole animal. No contexto, o homem rico está claramente se referindo aos produtos. Mas em qualquer caso, com menos de 24% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

12.23—πλειων || πλειον 246,757,1548,1551,1694,2122,2367 {56,58,61,66,141,285^c,290,516,797,938,952,953,958,959,966,1020,1023,1075,1092,1116,1132,1133,1185,1199,1224,1236,1250,1389,1390,1400,1401,1453,1501,1543,1544,1591,1601,1648,1649,1700,1703,1705,1779,1786,1789,1813,2175,2249,2261,2296,2355,2407,2418,2454,2483,2510,2520,2635^c,2715}

Dos 222 MSS, faltam 2, e portanto dos 220 MSS (dentro da família) 65 têm a variante, o que equivale a 29,5%. A diferença de uma letra muda o gênero de masculino/feminino para neutro. No contexto, o sujeito da comparação é feminino, portanto a primeira forma está claramente correta. Mas em qualquer caso, com menos de 30% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

13.9—εκκοψεις || εκκοψης 246,1461,1496,1548,1551,1.2110 {290,363,520,575,763,953,958,959,966,1025,1030,1040,1092,1095,1185,1189,1389,1499,1544,1576^c,1619,1620,1648,1649,2255,2355,2418,2635,2673,2715}

Dos 222 MSS, faltam 2, e portanto dos 220 MSS (dentro da família) 35 têm a variante, o que equivale a 15,9%. A diferença de uma letra muda o tempo /modo do futuro indicativo para o aoristo subjuntivo. Qualquer uma das formas faz sentido e a diferença de significado é pequena. Na caligrafia cursiva as duas formas podem ser muito semelhantes. Mas em qualquer caso, com menos de 16% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

15.24—απολωλως 479^c || απολωλος 246,479,547,691,1072,1328,1339,1409,1461,1493,1496,1503,1551,1637,1667,2122,2352,2367,2466 {56,83,155,167,189,290,387,394,521,575,645,664,763,797,958,959,960,962,1025,1062,1088,1092,1116,1132,1133,1165,1185,1224,1234,1236,1250,1251,1329,1334,1401,1453,1476,1480,1487,1489,1490,1499,1501,1508,1543,1559,1576,1591,1601,1614,1619,1620,1622,1633,1636,1638,1648,1649,1658,1686,1700,1703,1705,1779,1789,1813,2175,2204,2249,2255,2273,2355,2407,2418,2444,2460,2483,2621,2635,2673,2692,2714,2715}

Dos 222 MSS, falta 1, e então dos 221 MSS (dentro da família) 102 têm a variante, o que equivale a 46,2%. A diferença de uma letra altera o

caso/gênero do nominativo masculino para o acusativo neutro. Para ajudar na discussão, começarei com uma tradução: “este meu filho estava morto e reviveu; ele estava perdido e foi encontrado”. O referente, “filho”, é nominativo masculino, claramente, então de onde veio a variante? Bem, ‘morto’, νεκρός, é um adjetivo e é nominativo masculino, mas ‘perdido’ é um particípio ativo perfeito e o sufixo é diferente. Suponho que os copistas trataram o particípio como um adjetivo e repetiram o sufixo. Além disso, ambas as formas foram pronunciadas da mesma forma e, na caligrafia cursiva, as duas formas podem ser semelhantes. Embora 46,2% seja quase metade, não é suficiente para justificar uma mudança, uma vez que a forma correta é claramente o nominativo masculino. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

15.32—απολωλως 479^c || απολωλος 204,479,547,691,1072,1328,1339,1409,1461,1637, 1667,2122,2352,2367 {56,155,167,290,387,394,521,575,645,664,758, 763,959,1088,1092,1116,1132,1165,1185,1224,1234,1247,1250,1251, 1334,1401,1453,1476,1487,1490,1499,1501,1508,1543,1559,1576, 1614,1619,1620,1622,1638,1648,1649,1656,1658,1686,1700,1703, 1705,1789,2175,2204,2249,2255,2407,2418,2444,2460,2483,2621, 2635,2692,2714,2715}

Dos 222 MSS, falta 1, e então dos 221 MSS (dentro da família) 78 têm a variante, o que equivale a 35,3%. A discussão acima também se aplica aqui, exceto que o referente agora é “irmão”. O percentual caiu dez pontos, uma diferença considerável. Por que? Talvez alguns dos copistas tenham percebido o erro, não o repetiram, mas não se preocuparam em voltar atrás e corrigi-lo. De qualquer forma, com apenas 35,3% de atestação, há ainda menos motivos para mudar aqui do que na primeira vez. A forma correta continua sendo o nominativo masculino. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

21.33—παρελευσεται || παρελευσονται 246,547,757,1046,1111,1117,1384^{alt},1548,1551, 1652,1667,1713,2352,2367,2554,2765,1.2110 {(61).66^c:147,155,167, 170,189,285,516,645,696,938,958,960,962,1017,1018,1023,1025,1040, 1075,(1088),1145,1158,1185,1247,1251,1400,1401,1453,1471,1488, 1490,1501,1517,1544,1576,1600,1628,1633,1636,1638,1686,1705,2175, 2221,2255,2323,2407,2483,2510}

Dos 222 MSS, falta 1, e então dos 221 MSS (dentro da família) 66 têm a variante, o que equivale a 29,9%. Devem “o céu e a terra” ser tratados como uma unidade (singular) ou como entidades distintas (plural)? Em inglês, a tradução é a mesma. (Veja a discussão em Mateus e Marcos.) Em qualquer caso, com menos de 30% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

22.18—γενηματος || γεννηματος 18,201,402,553,769,928,1147,1427,1493,1621,1667,2466^{alt}, 2503,2554^c {61,66,141,189,363,386,394,520^v,521,676,758^c,797,932,940,958, 1095,1132,1165,1189,1234,1236,1247,1250,1323,1329,1334,1445,1453,1476, 1480,1482,1492^{alt},1543,1572,1576,1600,1625,1649,1659,1700,1705,1779, 2175,2204,2249,2284,2296,2322,2355,2418,2508,2559,2673,2692,2714}

Dos 222 MSS, faltam 2, e portanto dos 220 MSS (dentro da família) 65 têm a variante, o que equivale a 29,5%. A diferença de uma letra muda a palavra. A primeira refere-se aos produtos vegetais; a segunda refere-se à prole animal. No contexto, o Senhor Jesus está claramente se referindo aos produtos. Mas em qualquer caso, com menos de 30% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

23.44—ενατης 35^c || εννατης 35,361,479,547,691,897,928,1384,1409^s,1621,1667,1694,2367, 2765 {56,58,61,66,147,155,167,170,189,363,387,394,520^v,521,645,676,696, 797^c,932,938,953,966,1020,1023,1075,1092,1095,1116,1132,1158,1165,1199, 1236,1250,1251,1323,1329,1334,1389,1401,1445,1453,1471,1476,1480,1482, 1490,1499,1543,1572,1576,1599,1601,1625,1638,1649,1659,1700,1703,1813, 2204,2249,2260,2273^{alt},2284,2296,2399,2407,2444,2460,2483,2508,2510, 2635,2673,2692,2714,2715}

Dos 222 MSS, faltam 5, e portanto dos 217 MSS (dentro da família) 90 têm a variante, o que equivale a 41,5%. Não considero a grafia alternativa de um número uma variante adequada, uma vez que não há absolutamente nenhuma diferença de significado. Embora a atestação de 41,5% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

24.10—η 1111^c || --- 201[?],246,1072,1111,1493,1548,1551,1637,1667,2466.l.2110 {167,170,189,290, 387,394,516,664,676,689,758,763,938,952,953,955^c,958,959,960,962,966,1020, 1023,1025,1059,1062,1075,1088,1092^c,1095,1116,1119,1131,1132,1185,1199,1236, 1247,1389,1400,1453,1462,1471,1476,1480,1489,1499,1501,1508,1543,1544,1576, 1614,1620,1622,1625,1628,1633,1636,1658,1659,1686,1700,1702,1703,1705,1779, 1786,1789,1813,2175,2249,2255,2261,2309,2355,2407,2444,2454,2483,2508,2520, 2621,2635,2673,2689,2709,2714,2715}

Dos 222 MSS, faltam 3, e portanto dos 219 MSS (dentro da família) 98 têm a variante, o que equivale a 44,7%. É “e a Maria de Tiago” ou “e Maria de Tiago”? Visto que há outra ‘Maria’ quatro palavras antes, e uma série de outras ‘Marias’ nos Evangelhos, o uso do artigo é apropriado; mas também pode ser considerado desnecessário. A maioria das versões, inclusive a minha, traz “a mãe de”, embora a palavra “mãe” não esteja no Texto (a alternativa seria “esposa”). Seria esse o objetivo do artigo? Embora a atestação de 44,7% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos quinze locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos MSS cotejados. Como é típico da variação dentro da

família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo familiar para todo o livro de Lucas, sem qualquer dúvida razoável. É reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo da família foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS que já foram cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que treze MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo (que é muito longo), e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que 17 MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 25 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que vinte MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 54 MSS cotejados (completos, ou quase), 36 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 17 (para um total de 53). Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão,

sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 14. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 18 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 17. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Capítulo 7: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 12. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo sete.

Capítulo 8: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 54 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 17. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo oito.

Capítulo 9: Nenhuma variante tem mais do que 18 MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo nove.

Capítulo 10: Nenhuma variante tem mais do que oito MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dez.

Capítulo 11: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 26 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 20. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo onze.

Capítulo 12: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 17 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 16. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo doze.

Capítulo 13: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo treze.

Capítulo 14: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo catorze.

Capítulo 15: Nenhuma variante tem mais do que 18 MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 28 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quinze.

Capítulo 16: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 35 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezesseis.

Capítulo 17: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 35 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezessete.

Capítulo 18: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 46 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão,

sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezoito.

Capítulo 19: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 32 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 14. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezenove.

Capítulo 20: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 38 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte.

Capítulo 21: Nenhuma variante tem mais do que quinze MSS. Dos 54 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-um.

Capítulo 22: Nenhuma variante tem mais do que onze MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 12. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-dois.

Capítulo 23: Nenhuma variante tem mais do que doze MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 26 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-três.

Capítulo 24: Nenhuma variante tem mais do que onze MSS. Dos 55 MSS cotejados (completos, ou quase), 31 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-quatro.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Lucas, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquetipo da Família 35 para João – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo (feito por mim) dos seguintes 62 representantes da família para John: 18, 35, 83, 128, 141, 201, 204, 361, 363, 402, 479, 480, 510, 547, 553, 586, 685, 696, 757, 769, 789, 824, 867, 897, 928, 955, 1046, 1072, 1075, 1111, 1117, 1145, 1147, 1334, 1339, 1384, 1435, 1461, 1493, 1496, 1503, 1559, 1560, 1572, 1617, 1637, 1652, 1667, 1686, 1694, 1700, 1713, 2122, 2253, 2322, 2352, 2382, 2466, 2503, 2554, 2765 e Iviron 2110.

Nos sete locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos 62, verifiquei os seguintes **165** MSS: 55, 56, 58, 61, 66, 105, 147, 155, 167, 170, 189, 246, 285, 290, 353, 386, 387, 394, 415, 521, 575, 588, 645, 660°, 664, 676, 689, 691, 758, 763, 768, 781, 797, 806, 825, 932, 938, 940, 952, 953, 958, 959, 960, 961, 962, 966, 986, 1003, 1017, 1020, 1023, 1025, 1030, 1059, 1062, 1088, 1092, 1095, 1116, 1119, 1131, 1132, 1133, 1158, 1165, 1180, 1181, 1185, 1189, 1199, 1224, 1236, 1247, 1248, 1250, 1251, 1314, 1323, 1328, 1329, 1348, 1390, 1400, 1401, 1445, 1453, 1462, 1476, 1477, 1482, 1487, 1488, 1489, 1490, 1492, 1497, 1499, 1501, 1508, 1543, 1544, 1548, 1551, 1584, 1591, 1596, 1599, 1600, 1601, 1614, 1618, 1619, 1620, 1622, 1625, 1628, 1633, 1634, 1636, 1638, 1648, 1649, 1650, 1656, 1657, 1658, 1659, 1702, 1703, 1813, 2131, 2136, 2204, 2221, 2255, 2260, 2261, (2265), 2273, 2284, 2296, 2309, 2355, 2365, 2367, 2399, 2407, 2454, 2460, 2479, 2496, 2508, 2510, 2520, 2559, 2598, 2621, 2636, 2647, 2673, 2689, 2692, 2715, 2767, 2806.

Esses 227 MSS representam uma grande maioria dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros 15 MSS que eram difíceis de ler ou embaralhados (as páginas estavam encadernadas fora de ordem). Existem pelo menos mais 60 MSS com quantidades variadas de mistura adicionadas a uma base da Família 35 (exatamente como meu modelo prevê). Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Observe que a quadro baseado nos 62 MSS totalmente cotejados permanece a mesma após a adição dos 165 MSS verificados individualmente. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM (com exceção do Iviron 2110). Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária (com uma exceção) estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados individualmente. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.32—εμαρτυρησεν || 1 ο 201,363,547,553,1435,1667 {147,189,290,575,660^c,676,825,953,1236,1492,1544,1625,1638,1813,2261,2355,2367,2407,2598,2767}

Dos 227 MSS, faltam 3, e portanto dos 224 MSS (dentro da família) 26 têm a variante, o que equivale a 11,6%. A adição do artigo definido não afeta o significado; a tradução é a mesma. Mas em qualquer caso, com menos de 12% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A forma mais curta reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

6.54—αυτον 685^c || 1 εν 685,1339,1496,1617,1637,1700 {56,58,61,66^c,170,189,285,290,353,660^c,676,758,763^c,932,953,986,1003,1017,1095,1116,1158,1165,1180,1236,1314,1323,1329,1348,1390^c,1476,1489,1499,1508,1543,1551,1591,1619,1620,1625,1634,1638,1658,1813,2131,2204,2221,2261,2265,2309,2399,2496,2508,2598,2673,2689,2715,2767}

Dos 227 MSS, faltam 2, e portanto dos 225 MSS (dentro da família) 60 têm a variante, o que equivale a 26,7%. Como os substantivos e adjetivos gregos têm sufixos de caso, que sinalizam a função gramatical, uma preposição geralmente está implícita no sufixo, como neste caso. Tornar a preposição explícita não afeta nem o significado nem a tradução, portanto temos duas maneiras de dizer a mesma coisa. Se a forma mais longa fosse original, por que alguém excluiria a preposição? Adicionar a preposição à forma mais curta seria “natural”. Mas em qualquer caso, com menos de 27% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A forma mais curta reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.29—εγω || 1 δε 141,204,547,553,769,897,928,1147,1334,1493,1572,2322 {56,394,415,521,588,691,758,781,797,806,962,986,1092,1119^c,1133,1180,1181,1189,1247,1248,1250,1445,1477,1482,1625^c,1638,2204,2261^c,2273,2355,2407,2636,2692}

Dos 227 MSS, faltam 4, e portanto dos 223 MSS (dentro da família) 42 têm a variante, o que equivale a 18,8%. A conjunção era esperada, então adicioná-la seria “natural”. Faria uma pequena diferença na tradução. Mas em qualquer caso, com menos de 19% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

8.4—αυτοφωρω || αυτοφωρω 479^c,1145,1334,1559,1700,2352,2466,1,2110 {56,61,189,285,290,387,394,521,664,689,691,758,763^c,806,940,952,959,961,966,1017,1025,1059,1062,1131,1132,1158,1165,1224,1247,1445,1453,1462,1476,1487,1501,1543,1591,1599,1601,1614,1618,1622,1634,1638,1649,1656,1657,1658,1702,1813,2204,2221,2255,2260,2309,2399,2559,2598,2621,2635,2689,2692,2715}

Dos 227 MSS, falta 1, e então dos 226 MSS (dentro da família) 69 têm a variante, o que equivale a 30,5%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

11.21—ουυ || 1 η 141,204,363,553,769,928,1147,1334,1493,1572,1667,2322 {290,394,521,660^o, 691,758,797,806,953,986,1017,1020,1092,1116,1133,1158,1181,1189,1199,1247, 1248,1250,1314,1445,1477,1482,1497,1622,1656^o;2136,2204,2261^o;2284,2296,2355, 2407,2692,2715}

Dos 227 MSS, faltam 4, e portanto dos 223 MSS (dentro da família) 48 têm a variante, o que equivale a 21,1%. A adição do artigo definido não afeta o significado; a tradução é a mesma. Mas em qualquer caso, com menos de 22% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

12.6—εμελεν 18,141,201,204,361^c,363^c;402,479,480,553^c,685^c,769,789^c;928,955,1072^c,1075,1111^c;1334, 1339,1384,1461,1493,1496,1503,1572,1667,2253,2322,2382^c;2503,2554 {55,58,61,66, 285,386,691,758,763,938^c;940,959,1030^c;1132,1189,1247,1390^c;1400,1445,1482,1492, 1499,1544,1548,1599,1600^c;1619,1620,1625,1638,1648,1650,1656^c;1702,1813,2131, 2136,2221,2260,2284,2496,2559,2598,2621,2635,2636,2692,2806}

εμελλεν 35,83,128,361,363,510,547,553,575,586,685,696,757,789,824,867,897,1046,1072,1111, 1117,1145,1147,1435,1559,1560,1617,1637,1652,1686,1694,1700,1713,2352,2382,2466, 2765, I.2110 {56,105,147,155,170,189,246,290,353,387,394,415,521,588,645,660^o;664, 676,689,758^c;768,781,797,806,825,932,938,952,953,958,960,961,962,966,986,1003, 1017,1020,1023,1030,1025,1059,1062,1088,1092,1095,1116,1119,1131,1133,1158,1165, 1180,1181,1185,1199,1224,1236,1248,1250,1251,1314,1323,1328,1329,1348,1390,1401, 1453,1462,1476,1477,1488,1489,1490,1497,1499^c;1501,1508,1543,1548,1551,1591, 1596,1600,1601,1614,1618,1622,1628,1633,1634,1636,1638,1649,1656,1657,1703,1813, 2204,2255,2260,2261,2265,2273,2296,2355,2367,2407,2454,2479,2508,2510,2647,2673, 2689,2715,2767}

A segunda leitura tem o dobro da atestação da primeira. Como é típico da variação dentro da família, a diferença é de uma letra. Porém, neste caso aquela letra muda o verbo! O verbo é μελω ou μελλω? μελει como forma impessoal é mais comum; entretanto, o verbo também é usado no sentido pessoal/ativo. μελλω (“estar prestes a”) simplesmente não faz sentido aqui. μελλω é cerca de dez vezes mais frequente no NT e alguns copistas podem ter colocado a grafia mais habitual sem pensar. Eles tinham acabado de escrever μελλων duas linhas acima e podem ter repetido a forma por atração. Porém, como ambas as formas têm a mesma pronúncia, quem ouvisse o Texto lido em voz alta o compreenderia corretamente, guiado pelo contexto. Alguém lendo para si mesmo faria o mesmo. Precisamente por esta razão, pode ser que a área semântica da forma mais longa tenha passado a ser considerada como incluindo a da forma mais curta; nesse caso, teríamos grafias alternativas do mesmo verbo. Não é meu costume apelar para os unciais mais antigos, mas todos eles – P^{66,75},^x,A,B,D,Q,W – têm aqui a forma mais curta, o que iria de acordo com minha hipótese acima. Apesar da atestação desequilibrada, uma vez que o significado central da forma mais longa não pode ser correto, sendo um absurdo, concluo que a primeira forma reproduz o arquétipo, além de qualquer dúvida razoável.

18.39—ημιν || ομιν 928,1334,1572,1667,1700 {56,58,61,66,105,147,167,189,285,290,353,387,

394,588,660*,676,691,758,768,825,932,952,953,966,986,1003,1017,1095,1165,1180,
1181,1185,1224,1236,1247,1248,1250,1323,1329,1348,1445,1476,1477,1482,1497,
1622,1625,1633,1648,1703,1813,2136,2204,2221,2260,2261,2265,2284,2296,2479,
2496,2508,2598,2673,2692,2715}

Dos 227 MSS, faltam 16, e portanto dos 211 MSS (dentro da família) 71 têm a variante, o que equivale a 33,6%. Ora veja, será que Roma libertaria um prisioneiro com base numa exigência judaica? Isto era evidentemente um pouco de ‘relações públicas’ que Roma decidiu fazer. Visto que a segunda pessoa dominava a transmissão fora da família, por qualquer motivo, isso pode ter influenciado alguns copistas. Como sempre, a diferença é de uma letra, e ambas as vogais foram pronunciadas da mesma forma, aumentando a confusão. De qualquer forma, a atestação de 33,6% não é suficiente para justificar uma alteração. Concluo que a primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos sete locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos MSS cotejados. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de João, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido em meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Considerarei agora a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 39 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 42 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 62 MSS

cotejados (completos, ou quase), 34 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 36 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 38 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 16. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Capítulo 7: Nenhuma variante tem mais do que dez MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 31 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo sete.

Capítulo 8: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 32 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 18. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo oito.

Capítulo 9: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 47 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares

(dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo nove.

Capítulo 10: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 38 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dez.

Capítulo 11: Nenhuma variante tem mais do que dez MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 26 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo onze.

Capítulo 12: Nenhuma variante tem mais do que 35 MSS (por favor leia a discussão sobre a divisão em 12.6). Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), somente 14 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo doze.

Capítulo 13: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 37 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo treze.

Capítulo 14: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 43 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo catorze.

Capítulo 15: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 47 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quinze.

Capítulo 16: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 42 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezesseis.

Capítulo 17: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 62 MSS cotejados (completos, ou quase), 51 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezessete.

Capítulo 18: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 37 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezoito.

Capítulo 19: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 59 MSS cotejados (completos, ou quase), 32 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 18. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezenove.

Capítulo 20: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 58 MSS cotejados (completos, ou quase), 42 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte.

Capítulo 21: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 59 MSS cotejados (completos, ou quase), 42 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados acrescentarão, sem dúvida, muitos mais. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-um.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de João, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou o Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para Atos – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes 62 representantes da família para Atos: 18, 35, 141, 149*, 201, 204, 328, 386, 394, 444, 604, 757, 801, 824, 928, 986, 1040*, 1058*, 1072, 1075, 1100, 1140, 1247*, 1248*, 1249, 1482, 1503, 1508*, 1548, 1617, 1619*, 1628, 1636*, 1637, 1652, 1656*, 1723, 1725,¹ 1732, 1740, 1746*, 1749*, 1761, 1855, 1856, 1858^{frag}, 1864, 1865, 1876, 1892*, 1897, 2080, 2218, 2255*, 2261, 2303^{frag}, 2352, 2378, 2431*, 2441, 2466, 2554, 2587 e 2723.²

Nos 29 locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos 62, verifiquei os seguintes 26 MSS: 206^s, 432, 634, 664, 1101, 1618, 1733, 1737, 1745, 1748, 1752, 1754^s, 1763, 1766, 1767, 1768, 2175, 2221, 2289, 2626, 2653, 2691, 2704, 2777, 2778, 2926^s.

Esses 88 MSS representam o total de representantes de família disponíveis atualmente, com exceção do GA 1400, cujo microfilme é muito difícil de ler. Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária (com uma exceção) estão alistados.³ Aqueles dentro de { } foram verificados individualmente. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.11—ουτος || 1 o 18,35,141,204,328,386,444,1100,1732,1876,1897,2255,2466,2554 {432,634, 1101,1733,1766⁴,1768,2221,2653,2926^s,⁵}

Dos 88 MSS, faltam 16, e portanto, dos 72 MSS conhecidos (dentro da família), 23 têm a variante, o que equivale a 32%. Um pronome demonstrativo define, ainda mais do que um artigo definido, de sorte que o artigo é redundante aqui. Incluir o artigo não afeta o significado nem a tradução, e por isso é desnecessário. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

¹ Os primeiros quatro capítulos não são f³⁵.

² Os MSS marcados com asterisco (*) foram cotejados pelo Dr. Eduardo Flores; o resto eu mesmo cotejei. 1858 contém 23.6 – 28.31 e 2303 contém 8.19 – 15.25.

³ Existe um subgrupo cujo núcleo é composto pelos MSS 328,394,928,1249,2431 e 2441, com 1247, 1723 e 1856 num segundo nível, além de alguns outros. Este subgrupo aparece na maioria das divisões.

⁴ 1766 tem 1.1 – 2.31; 16.1-29; 19.40 – 20.28.

⁵ 2926^s tem 1.1 – 4.21.

3.1—ενατην 35^c,141^c || εννατην 35,141,204,328,394,928,1247,1249,1749,1855,1856,1876,
2080,2255,2261,2431 {1101,1748¹,2175,2653,2926^s}

Dos 88 MSS, faltam 14, e portanto, dos 74 MSS conhecidos (dentro da família), 21 têm a variante, o que equivale a 28,4%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.7—ενειοι 35^c,2466^c || εννειοι 35,141^c,328,386,394,801,928,986,1040,1058,1140,1247,1249,1482,
1508,1548,1723,1725²,1746,1749,1761,1855,1856,1892,2218,2255,2431,2466,
2587 {634,664,1101,1748,1752³,1763⁴,2175,2653,2704}

Dos 88 MSS, faltam 11, e portanto, dos 77 MSS conhecidos (dentro da família), 37 têm a variante, o que equivale a 48%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. A primeira forma, atestada pelos melhores representantes, reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

10.3—ενατην 35^c || εννατην 35,328,394,928,986,1247,1249,1482,1508,1725,1732,1749,1855,
1856,2255,2431 {1748,2175,2653}

Dos 88 MSS, 11 estão faltando, então dos 77 MSS conhecidos (dentro da família) 19 têm a variante, o que equivale a 24,7%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

10.30—ενατην 35^c || εννατην 35,328,394,928,986,1247,1249,1482,1508,1732,1749,1855,1856,
2255,2431 {1101,1748,1763,2175,2653}

Dos 88 MSS, faltam 11, e portanto, dos 77 MSS conhecidos (dentro da família), 20 têm a variante, o que equivale a 26%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

11.9—εκ δευτερου φωνη || ~ 312 328,394,928,986,1247,1249,1482,1723,1749,1855,1856,
2255,2431,2441 {1748,1752,1763,2175,2704}

Dos 88 MSS, faltam 10, e portanto, dos 78 MSS conhecidos (dentro da família), 19 têm a variante, o que equivale a 24,4%. Como os substantivos

¹ 1748 está faltando 4.13-22.

² 1725 teve um exemplar diferente nos primeiros quatro capítulos.

³ 1752 começa em 8.11.

⁴ 1763 começa em 4.25.

e adjetivos gregos têm sufixos de caso, que sinalizam a função gramatical, mudar a ordem das palavras dentro de uma frase raramente faz qualquer diferença no significado; são duas maneiras de dizer a mesma coisa, como neste caso. Qualquer uma das opções não afeta o significado nem a tradução, mas com menos de 25% de atestação, a variante não é uma candidata confiável. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

11.26—συναχθῆναι 35^c, 1508^c, 1652^c, 1746^c || 1 εἰν 35, 141, 204, 328, 394, 444, 604, 801, 928, 986, 1058, 1247, 1249, 1482, 1508, 1723, 1725, 1732, 1746, 1749, 1761, 1855, 1856, 1876, 1897, 2080, 2255, 2261, 2431, 2554, 2587 {432, 1748, 1752, 1763, 1768, 2175, 2221, 2704}

Dos 88 MSS, faltam 10, e portanto dos 78 MSS conhecidos (dentro da família) 39 têm a variante, o que equivale a 50% (se subtrairmos as correções, seriam 44,87%). Como os substantivos e adjetivos gregos têm sufixos de caso, que sinalizam a função gramatical, uma preposição geralmente está implícita no sufixo, como neste caso. Tornar a preposição explícita não afeta nem o significado nem a tradução, de sorte que temos duas maneiras de dizer a mesma coisa. Se a forma mais longa fosse original, por que alguém excluiria a preposição? Adicionar a preposição à forma mais curta seria ‘natural’. Embora a variante tenha a atestação mais forte que vimos até agora, não é suficiente para justificar a substituição da primeira leitura. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

12.4—αναγαγεῖν 1723^c || αγαγεῖν 328, 394, 928, 986, 1249, 1508, 1723, 1725, 1749, 1855, 1856, 2255, 2431

Dos 88 MSS, 12 estão faltando, então dos 76 MSS conhecidos (dentro da família) 13 têm a variante, o que equivale a 17,1%. Pode haver uma ligeira diferença de significado entre os verbos, mas a atestação da variante é tão baixa que não é um candidato sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

12.25—εἰς ἀντιοχείαν 141, 204, 328, 394, 801, 928, 986, 1140, 1247, 1249, 1482, 1723, 1725, 1732, 1749, 1761, 1855, 1856, 1876, 1897, 2080, 2255, 2261, 2378, 2431, 2441
 ἀπο ἱερουσαλῆμ 18, 386, 1100, 2554 {634, 1101, 1733, 2303}
 ἀπο ἱερουσαλῆμ εἰς ἀντιοχείαν 444, 1058, 1548, 2587 {664, 1400, 1752, 1763, 2221, 2704}
 ἐξ ἱερουσαλῆμ 1865
 ἐξ ἱερουσαλῆμ εἰς ἀντιοχείαν 604, 1865^c {432, 1767, 1768}
 εἰς ἱερουσαλῆμ 35^c, 149, 201, 757, 824, 1040, 1072, 1075, 1248, 1503, 1508, 1617, 1619, 1628, 1636, 1637, 1656, 1723^c, 1740, 1746, 1864, 1892, 2352, 2431^c, 2466, 2723 {1618, 1737, 1748, 2653, 2691}
 εἰς ἱερουσαλῆμ εἰς ἀντιοχείαν 35 (não é uma conflagração, porque é um absurdo; o copista conhecia as duas leituras e colocou ambas)

Faltando: 1652,2218 {206^{s.fr.},1745^{fr.},1754^{s.fr.},1766^{fr.},1858^{fr.},2175^{fr.},2289^{fr.},2626^{fr.}, 2777^{fr.},2778^{fr.},2926^{s.fr.}}

Totais: εις αντιοχειαν = 26
απο ιερουσαλημ = 8
απο ιερουσαλημ εις αντιοχειαν = 10
εξ ιερουσαλημ = 1
εξ ιερουσαλημ εις αντιοχειαν = 4
εις ιερουσαλημ = 28
Faltando = 13

Comentário: As cinco primeiras leituras são votos contra a sexta, e portanto a votação é 49:28. No entanto, 15 dos 28 são do mosteiro M. Lavras (Monte Atos), o que provavelmente indica uma influência comum. A votação para a sexta leitura provavelmente deveria ser reduzida, tornando a vantagem da primeira leitura ainda mais forte (se os 15 representassem 5 exemplares, a votação seria 49:18). A leitura do arquétipo é a primeira, εις αντιοχειαν. Dentro do contexto, “para Jerusalém” não faz sentido. Para uma discussão completa, consulte meu artigo, “Aonde colocar uma ‘vírgula’ – Atos 12.25”.

14.10—ηλλατο 35^c || ηλατο 35,328,386,394,444,801,928,986,1058,1247,1249,1482,1508,1548,1746,1749,1855^c,1856,2255,2431,2441,2587 {634,1748,1752,2704}

Dos 88 MSS, faltam 11, e portanto, dos 77 MSS conhecidos (dentro da família), 25 têm a variante, o que equivale a 32,5%. A primeira leitura é presumivelmente uma forma incomum do 1º aoristo que alguns 'corrigiram' tornando-o imperfeito (como em HF, RP e TR), enquanto outros excluíram o λ 'extra', produzindo a forma normal do 1º aoristo (como em OC e NU). Se tivermos grafias alternativas do primeiro aoristo, então não há diferença no significado ou na tradução. É previsível que alguns copistas mudassem uma forma incomum para uma forma esperada, mas quem mudaria a forma esperada para uma forma incomum? Por que? De qualquer forma, a atestação de 32,5% não é suficiente para justificar uma alteração. Concluo que a primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

14.17—υμιν || ημιν 328,386,394,604,801,928,986,1140,1247,1249,1482,1508,1652,1723,1732,1746,1749,1855,1856,1892,1897,2080,2218,2255,2441 {432,634,1101,1737,1763,1768,2653}

Dos 88 MSS, faltam 10, e portanto, dos 78 MSS conhecidos (dentro da família), 32 têm a variante, o que equivale a 41%. É ‘dando-vos chuva do céu’ ou ‘dando-nos chuva do céu’? Dentro do contexto, o ‘sermão’ extemporâneo em Listra, não faz diferença; o ‘nos’ seria inclusivo, incluindo os ouvintes. Dito isto, a atestação de 41% não é suficiente para justificar uma mudança. Concluo que a primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

16.26—ανεθη || ανεθη 328,394,928,986,1058,1249,1482,1723,1746,1749,1855,1856,2255,
2352,2431,2441,2587 {664,1752,1763,1768,2289¹,2704}

Dos 88 MSS, faltam 9, e portanto, dos 79 MSS conhecidos (dentro da família), 23 têm a variante, o que equivale a 29,1%. Temos grafias alternativas para o aoristo passivo, de sorte que são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Qualquer uma das opções não afeta o significado nem a tradução, mas com menos de 30% de atestação, a variante não é uma candidata viável. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

17.4—εξ αυτων επεισησαν || ~312 328,394,928,1247,1249,1508,1723,1749,1856,2431
{664,1748,2289}

Dos 88 MSS, faltam 10, e portanto, dos 78 MSS conhecidos (dentro da família), 13 têm a variante, o que equivale a 16,67%. Como os substantivos e adjetivos gregos têm sufixos de caso, que sinalizam a função gramatical, mudar a ordem das palavras dentro de uma frase raramente faz qualquer diferença no significado; são duas maneiras de dizer a mesma coisa, como neste caso. Qualquer uma das escolhas não afeta o significado nem a tradução, mas com apenas 16,67% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

17.25—διδους πασιν ζωνη και πνοην || ~21543 394,928,1247,1249,1508,1723,1749,
1856,2431 {1748,2289}

Dos 88 MSS, 11 estão faltando, então dos 77 MSS conhecidos (dentro da família) 11 têm a variante, o que equivale a 14,3%. Como os substantivos e adjetivos gregos têm sufixos de caso, que sinalizam a função gramatical, mudar a ordem das palavras dentro de uma frase raramente faz qualquer diferença no significado; são duas maneiras de dizer a mesma coisa, como neste caso. Qualquer uma das escolhas não afeta o significado nem a tradução, mas com apenas 14,3% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

18.17—εμελλεν 1652° || εμελεν 18,141^c,149,201,386,394,444,604,757,928,1040,1058,1072,
1075^c,1100,1247,1248,1249^c,1482,1503,1548,1619,1628,1636,1652,1656^c,
1723,1740,1761,1855,1864,2218,2255,2352,2554^c;2587 {634,1101,1737,
1754^s,2221}

Dos 88 MSS, faltam 11, e portanto, dos 77 MSS conhecidos (dentro da família), 36 têm a variante, o que equivale a 46,75%. Aqui temos verbos diferentes, embora a diferença seja de apenas uma letra. O verbo é μελλω

¹ 2289 tem 15.36 – 28.31.

ou μελω? No primeiro caso, o significado não é comum e poderia facilmente dar origem ao segundo; a mudança inversa seria improvável. Render: ‘Nada disso foi um atraso para Gálio’; Gálio está no caso dativo. Seu nome deverá estar no caso nominativo, se for considerado sujeito do verbo. Gálio provavelmente se considerava um homem ocupado e não gostou da interrupção; ele não estava disposto a permitir-se mais atrasos. Em Atos 22.16 o mesmo verbo tem o sentido de “atrasar”. Tendo em conta todas as considerações relevantes, a atestação de 46,75% não é suficiente para justificar uma alteração. Concluo que a primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

19.34—επιγνοντες 35^c,1249^c || επιγνοντων 35,328,394,604,928,986,1247,1249,1482,1723,1749,1855,1856,2080,2255 {432,2289}

Dos 88 MSS, 11 estão faltando, então dos 77 MSS conhecidos (dentro da família) 17 têm a variante, o que equivale a 22%. O caso é nominativo ou genitivo? No contexto, o nominativo está gramaticalmente correto. De qualquer forma, com apenas 22% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

20.3—γνωμη || γνωμης 328,394,928,986,1058,1247,1249,1482,1749,1856,2255 {1752,1763,1766,2704}

Dos 88 MSS, faltam 10, e portanto, dos 78 MSS conhecidos (dentro da família), 15 têm a variante, o que equivale a 19,2%. O caso é nominativo ou genitivo? Sendo sujeito do verbo, o nominativo está correto. De qualquer forma, com apenas 19,2% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

20.9—απο || υπο 328,394,1140,1247,1249^c,1725,1732,1749,1761,1856,1897 {432,1766,2289}

Dos 88 MSS, faltam 10, e portanto, dos 78 MSS conhecidos (dentro da família), 13 têm a variante, o que equivale a 16,7%. Ambas as preposições funcionam com o caso genitivo e ambas podem significar ‘por’. A segunda é mais comum nessa função, o que provavelmente explica a mudança. De qualquer forma, com apenas 16,7% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

22.20—στεφανου του μαρτυρος σου || ~2341 328,394,928,1247,1249,1508,1723,1749,2441 {664,2289,2653}

Dos 88 MSS, faltam 10, e portanto, dos 78 MSS conhecidos (dentro da família), 12 têm a variante, o que equivale a 15,4%. Como os substantivos e adjetivos gregos têm sufixos de caso, que sinalizam a função gramatical,

mudar a ordem das palavras dentro de uma frase raramente faz qualquer diferença no significado; são duas maneiras de dizer a mesma coisa, como neste caso. Qualquer uma das escolhas não afeta o significado nem a tradução, mas com apenas 15,4% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

23.24—φηλικα 35^c || φιληκα 35,328,394,604,757,928,1040,1058,1072,1247,1248,1249,1482, 1503,1508,1548,1617,1619,1636,1637,1652,1723,1740,1746,1749,1761, 1855^c,1892,2218,2255,2352,2431,2441,2587 {432,664,1618,1737,1745¹, 1748,1752,1754^s,1763,1768,2289,2653,2704,2777²}

Dos 88 MSS, faltam 7, e portanto, dos 81 MSS conhecidos (dentro da família), 47 têm a variante, o que equivale a 58%. Estamos lidando com grafias alternativas de um nome próprio, um nome que ocorre nove vezes com divisão nos capítulos 23-25. Esta discussão servirá para todos as nove. A atestação varia entre 47 e 41. A primeira leitura é atestada pelos códices B e Aleph, e P⁴⁸, o que indica que a grafia não é uma invenção tardia. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. Dito isto, porém, devemos escolher uma para imprimir no Texto. Quase todos os textos gregos e as traduções têm ‘Felix’, então essa é a grafia aceita. A maioria dos melhores representantes da família atestam a primeira grafia. Não vejo razão adequada para inovar uma nova ortografia. Concluo que a primeira grafia reproduz o arquétipo.

23.27—των || --- 328,394,1247,1249,1508,1723,1749,2441 {664,2289}

Dos 88 MSS, faltam 7, e portanto, dos 81 MSS conhecidos (dentro da família), 10 têm a variante, o que equivale a 12,3%. No contexto, a omissão do artigo não faria muita diferença, mas com apenas 12,3% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

25.11—το 141^c || του 141,801,1617,1723,1876,2255,2261,2441 {1752,1767,2626,2704}

Dos 88 MSS, faltam 10, e portanto, dos 78 MSS conhecidos (dentro da família), 12 têm a variante, o que equivale a 15,4%. Ambas as formas são possíveis e a tradução será a mesma em ambos os casos, mas com apenas 15,4% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

26.3—ζητηματων || 1 επισταμενος 328,394,928,986,1247,1249,1482,1508,1723,1749,

¹ 1745 tem 23.8 – 24.22, 25.18 – 28.31.

² 2777 tem 20.19 – 21.21, 23.6 – 25.22, 26.7 – 28.31.

Dos 88 MSS, faltam 8, e portanto, dos 80 MSS conhecidos (dentro da família), 14 têm a variante, o que equivale a 17,5%. A adição do particípio é inofensiva, mas com apenas 17,5% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

26.29—εὐξαμην || εὐξάμην 18,35,386,1058,1100,1247,1865,2466,2587,2723 {634,1101,1733,1752,2691,2704}

Dos 88 MSS, 6 estão faltando, então dos 82 MSS conhecidos (dentro da família) 16 têm a variante, o que equivale a 19,5%. A modalidade é optativa ou indicativa? Dentro do contexto, a optativa é melhor, mas de qualquer forma, com apenas 19,5% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

27.2—ατραμυτιω || ατραμμυτιω 328,394,928,986,1058,1247,1249,1482,1508,1548,1749,1855,1856,2255,2587 {664,1752}

Dos 88 MSS, faltam 6, e portanto, dos 82 MSS conhecidos (dentro da família), 17 têm a variante, o que equivale a 20,7%. Estamos lidando com grafias alternativas de um nome próprio (existem várias outras grafias). Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. Com apenas 20,7% de atestação, a variante não é uma candidata confiável. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

28.14—εις την ρωμην ηλθομεν || ~4123 328,394,928,1247,1249,1508,1723,1749,1856,2441 {664,2289,(2626),2777}

Dos 88 MSS, 6 estão faltando, então dos 82 MSS conhecidos (dentro da família) 14 têm a variante, o que equivale a 17%. Como os substantivos e adjetivos gregos têm sufixos de caso, que sinalizam a função gramatical, mudar a ordem das palavras dentro de uma frase raramente faz qualquer diferença no significado; são duas maneiras de dizer a mesma coisa, como neste caso. Qualquer uma das escolhas não afeta o significado nem a tradução, mas com 17% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

28.22—παρα σου ακουσαι || ~312 328,394,444,604,928,1247,1249,1508,1723,1740,1749,1856,2261,2441,2466 {432,664,1768,2289}

Dos 88 MSS, faltam 6, e portanto, dos 82 MSS conhecidos (dentro da família), 19 têm a variante, o que equivale a 23,2%. Como os substantivos e adjetivos gregos têm sufixos de caso, que sinalizam a função gramatical,

mudar a ordem das palavras dentro de uma frase raramente faz qualquer diferença no significado; são duas maneiras de dizer a mesma coisa, como neste caso. Qualquer uma das escolhas não afeta o significado nem a tradução, mas com 23,2% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

28.25—ημων || υμων 444,1075,1248,1503,1652,1740,1746,2261,2352,2431 {1618,1745,1748,1754s,2777}

Dos 88 MSS, 6 estão faltando, então dos 82 MSS conhecidos (dentro da família) 15 têm a variante, o que equivale a 18,3%. Dentro do contexto, qualquer um dos pronomes faz sentido, mas com 18,3% de atestação, a variante não é uma candidata confiável. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

28.27—ιασωμαι || ιασομαι 141,1058,1075,2218,2261,2303,2378,2554 {1763,2221}

Dos 88 MSS, faltam 6, e portanto, dos 82 MSS conhecidos (dentro da família), 10 têm a variante, o que equivale a 12,2%. O verbo é aoristo subjuntivo ou futuro indicativo? Há uma ligeira diferença de significado, mas com 12,2% de atestação, a variante não é uma candidata confiável. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos vinte e nove locais onde há uma divisão de pelo menos 10%. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de Atos, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido em meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS que já foram cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Além da divisão no versículo 11, nenhuma variante tem mais do que três MSS. Incluindo o versículo 11, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 33 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica

precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 19. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Além da divisão no versículo 1, nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Incluindo o versículo 1, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 39 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 36 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 31 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que um MS (mas este capítulo é muito curto). Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 50 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11 (que nos dá todos os 61 MSS). Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Capítulo 7: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo (e ele é muito longo), e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 14. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo sete.

Capítulo 8: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 40 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo oito.

Capítulo 9: Além da divisão no versículo 7, nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Incluindo o versículo 7, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. (E se ignorarmos a divisão, já que é apenas uma grafia alternativa, adicionaremos ainda mais.) Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo nove.

Capítulo 10: Além das divisões nos versículos 3 e 30, que são paralelas, nenhuma variante tem mais do que três MSS. Incluindo os versículos 3 e 30, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dez.

Capítulo 11: Além das divisões nos versículos 9 e 26, nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Incluindo os versículos 9 e 26, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo onze.

Capítulo 12: Além das divisões nos versículos 4 e 25, nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Incluindo os versículos 4 e 25, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), somente 9 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo (devido à fragmentação no verso 25). Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo doze.

Capítulo 13: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a

forma arquetípica precisa do capítulo treze.

Capítulo 14: Além das divisões nos versículos 10 e 17, nenhuma variante tem mais do que três MSS. Incluindo os versículos 10 e 17, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 25 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo catorze.

Capítulo 15: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 31 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 16. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quinze.

Capítulo 16: Além da divisão no versículo 26, nenhuma variante tem mais do que três MSS. Incluindo o versículo 26, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 28 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezesseis.

Capítulo 17: Além das divisões nos versículos 4 e 25, nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Incluindo os versículos 4 e 25, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezessete.

Capítulo 18: Além da divisão no versículo 17, nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Incluindo o versículo 17, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezoito.

Capítulo 19: Além da divisão no versículo 34, nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Incluindo o versículo 34, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 25 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão

mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 14. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezenove.

Capítulo 20: Além das divisões nos versículos 3 e 9, nenhuma variante tem mais do que três MSS. Incluindo os versículos 3 e 9, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 15. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte.

Capítulo 21: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 24 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-um.

Capítulo 22: Além da divisão no versículo 20, nenhuma variante tem mais do que três MSS. Incluindo o versículo 20, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 14. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-dois.

Capítulo 23: Além das divisões nos versículos 24, 26 e 27, nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Incluindo os versículos 24, 26 e 27, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 17 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-três.

Capítulo 24: Além das seis divisões ortográficas paralelas, nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Incluindo essas seis divisões, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 14 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-quatro.

Capítulo 25: Além das divisões nos versículos 11 e 14, nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Incluindo os versículos 11 e 14, dos 61 MSS

cotejados (completos, ou quase), 11 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-cinco.

Capítulo 26: Além das divisões nos versículos 3 e 29, nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Incluindo os versículos 3 e 29, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-seis.

Capítulo 27: Além da divisão no versículo 2, nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Incluindo o versículo 2, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 18 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-sete.

Capítulo 28: Além das divisões nos versículos 14, 22, 25 e 29, nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Incluindo os versículos 14, 22, 25 e 29, dos 61 MSS cotejados (completos, ou quase), 18 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-oito.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Atos, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou o Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para Romanos – forma final

Esta seção é baseada em uma compilação completa dos seguintes trinta e nove MSS representativos – 18, 35, 141, 201, 204, 386, 394, 757, 824, 928, 986, 1040, 1072, 1075, 1100, 1249, 1482, 1503, 1548, 1637, 1652, 1704, 1725, 1732, 1733, 1761, 1855, 1856, 1858, 1864, 1865, 1876, 1892, 1897, 2080, 2466, 2554, 2587 e 2723.

Nos doze locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos 39, verifiquei os seguintes 60 MSS: 110, 149, 328, 432, 522, 604, 634, 664, 801, 913, 959, 986, 1058, 1247, 1248, 1508, 1610, 1617, 1618, 1628, 1636, 1656, 1726, 1737, 1740,

1743, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1754, 1763, 1767, 1768, 1830, 1867, 1929, 1948, 1950, 1958, 2009, 2102, 2194, 2218, 2221, 2255, 2261, 2288, 2289, 2352, 2374, 2378, 2431, 2501, 2626, 2691, 2704, 2774, 2777.

Esses 99 MSS representam o total de representantes da família disponíveis atualmente. Negligencie outros seis que eram difíceis de ler.¹ Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Observe que o quadro baseado nos 39 MSS totalmente cotejados permanece o mesmo após a adição dos 60 MSS verificados individualmente, com exceção do último conjunto de variantes. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados individualmente. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.32—πρασσουσιν || πραττουσιν 201,757,824,986,1040,1072,1075,1503,1637,1652,1864,1892 {149,432,522,604,986,1248,1617,1618,1628,1636,1656,1737,1740,1743,1745,1746,1748,1756,1768,1948,1958,2009,2102,2218,2352,2431,2777}

Dos 99 MSS, falta um, e portanto, dos 98 MSS conhecidos (dentro da família), 39 têm a variante, o que equivale a 39,8%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. Essa diferença ortográfica é quase propriedade exclusiva da Família 35; fora da família, quase todos os MSS apresentam a primeira forma. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.5—του || --- 201,757,824,986,1072,1075,1503,1548,1637,1652,1864,1892 {149,432,522,604,913,986,1508,1610,1617,1618,1628,1636,1656,1740,1745,1746,1748,1754,1768,1830,1929,1948,1958,2288,2352,2431,2777}

Dos 99 MSS conhecidos, falta um, e portanto, dos 98 MSS conhecidos (dentro da família), 39 têm a variante, o que equivale a 39,8%. Dentro do contexto, a omissão do artigo não afeta o significado. Esta omissão é propriedade quase exclusiva da Família 35; fora da família, quase todos os MSS têm o artigo.² A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

¹ 228, 1161, 1400, 1899, 1913, 2675.

² Observe que as listas desses dois primeiros conjuntos de variantes são quase idênticas; evidentemente temos um subgrupo de algum tamanho. Dado que os melhores representantes estão geralmente do outro lado, o subgrupo continua a ser um subgrupo.

4.7—αφεθισαν || αφειθισαν 201,394,928,986,1040,1249,1482,1548,1704^c,1855,1856,2587
{149,328,432,522,604,664,959^c,986,1058,1247,1508,1617^{alt},1743,1746^c,1749,
1752,1763,1768,1929,1948,1950,1958,2009,2255,2261,2288,2289,2374,2704,
2777}

Dos 99 MSS, falta um, então dos 98 MSS conhecidos (dentro da família) 38 têm a variante, o que equivale a 38,8%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. A primeira forma, atestada pelos melhores representantes, reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

6.8—πιστευομεν 141^c,1761^c || πιστευομεν 35^c,141,204,394, 928^{alt},1482^{alt},1732^{alt},1761,1855^{alt},
1856^{alt},1858,1865^{alt},1876,1897,2080^c,2587,2723^{alt} {328,664,1508,
1726,1749,1767,1950,2255,2261,2289,2378,2626}

Dos 99 MSS conhecidos (dentro da família), 20 têm a variante, o que equivale a 20,2%. A diferença de uma letra muda o modo, do Indicativo para o Subjuntivo, o que provoca uma ligeira diferença na tradução. Mas com apenas 20% de a variante não é uma candidata crível, em qualquer caso. Essa diferença ortográfica é quase propriedade exclusiva da Família 35; fora da família, quase todos os MSS apresentam a primeira forma. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.13—αλλα || αλλ 204,394,1249,1482,1725,1732,1761,1855,1856,1858,1876,1897,2080,2554,2587
{110,328,664,801,913,959,1058,1247,1508,1636,1726,1749,1752,1830,1929,1950,
2102, 2221,2255,2261,2288,2289,2378,2501,2626,2691,2704,2774}

Dos 99 MSS, falta um, então dos 98 MSS conhecidos (dentro da família) 43 têm a variante, o que equivale a 43,9%. Esta é apenas uma mudança fonológica causada pela vogal seguinte. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. Os 44% não são suficientes para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.3—ευχομην || ηυχομην 201,757,824,986,1040,1072,1075,1503,1637,1652,1864,1892 {149,
522,664,913,986,1248,1610,1617,1618,1628,1636,1656,1737,1740,1745,1746,
1748^v,1754,1830,1929,1948,1950,1958,2009,2102,2218,2352,2431,2777}

Dos 99 MSS conhecidos (dentro da família), 41 apresentam a variante, o que equivale a 41,4%. Temos o mesmo subgrupo dos dois primeiros conjuntos. Estamos vendo formas alternativas, ou grafias alternativas, do imperfeito de ευχομαι; são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Qualquer uma das escolhas não afeta o significado nem a tradução, mas com apenas 41% de atestação, ainda mais por se tratar de um subgrupo, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

11.10—συγκαμψον 141^c,1892^c || συγκαψον 141,1072,1856,1876,1892,2466 {328,432,522, 604,801,913,1247,1610,1628,1656,1746,1749,1763,1768,1830, 1950,1958,2009,2194,2218,2261,2289,2352,2374,2378,2431, 2501,2626,2691,2774}

Dos 99 MSS, falta um, então dos 98 MSS conhecidos (dentro da família) 36 têm a variante, o que equivale a 36,7%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. A primeira forma, atestada pelos melhores representantes, reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

15.24—σπανιαν || ισπανιαν 18^c,35,394,928,1249,1482,1548,1855^c,1856,2587 {328,432,522, 604,664,913,959,1058,1247,1610,1749,1752,1754,1763,1767,1768,1830,1867, 1929,1950,1958^c,2102,2194,2255,2288,2289,2704}

Dos 99 MSS conhecidos (dentro da família), 34 têm a variante, o que equivale a 34,3%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. A primeira forma, atestada pelos melhores representantes, reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

15.28—σπανιαν || ισπανιαν 394,928,1249,1482,1548,1855^c,1856,1892^c,2587 {328,432,522, 604,664,(913),959,1058,(1610),1749,1752,1754,1763,1767,1768,1830,1929, 1950,1958^c,2102,2194,2255,2288,2289,2704}

Dos 99 MSS, falta um, então dos 98 MSS conhecidos (dentro da família) 31 têm a variante, o que equivale a 31,6%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. A primeira forma, atestada pelos melhores representantes, reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

16.6—υμας || ημας 394,1732,1761,1892 {110,328,432,604,664,913,1248,1508,1610,1617,1618, 1726,1740,1743,1745,1754,1763,1768,1830,1929,2102^c,2194,2218,2261,2288,2289, 2352,2374^c,2501,2774,2777}

Dos 99 MSS, falta um, então dos 98 MSS conhecidos (dentro da família) 33 têm a variante, o que equivale a 33,7%. A mudança de uma letra altera o pronome; é 'vós' ou 'nós'? Dentro do contexto, faz pouca diferença. A forte atestação da primeira pessoa fora da família pode ter influenciado alguns copistas, ainda mais porque a segunda pessoa seria inesperada. De qualquer forma, a atestação de 34% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma, atestada pelos melhores representantes, reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

16.19—ειναι 1249^c || --- 201,394,928,1249,1856 {149,328,522,959,1656,1749,1948,1958,2009}

Dos 99 MSS conhecidos (dentro da família), 14 têm a variante, o que

equivale a 14,1%. Dentro do contexto, a omissão do verbo não afeta o significado. Qualquer uma das escolhas não afeta o significado nem a tradução, mas com apenas 14% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

16.24—ημων || υμων 18,386,757,824,986,1040,1072,1075,1100,1503,1637,1652,1856,1864,1892,2554^c {110,328,432,522,604,634,664,801,986,1058,1247,1248,1508,1617,1618,1628,1636,1656,1737,1740,1743,1745,1746,1748,1754,1763,1768,1867,2218,2221,2288,2352,2374,2431,2626,2691,2777}

Dos 99 MSS, falta um, e portanto, dos 98 MSS conhecidos (dentro da família), 52 têm a variante, o que equivale a 53%. Sem os MSS verificados individualmente, a variante tem 38,5%; isso ocorre porque a maioria dos melhores MSS já foram cotejados. O pronome na primeira pessoa é propriedade privada da Família 35; quase todos os MSS fora da família têm a segunda pessoa, e foi assim que Paulo terminou todas as suas cartas, exceto Efésios e 1 Timóteo. Romanos é a única carta onde o secretário de Paulo (Tércio) acrescenta suas próprias saudações no final. Tércio certamente escreveu os versículos 22 e 23 por conta própria, e não vejo razão para duvidar que ele tenha feito o mesmo com o versículo 24. Nesse caso, a primeira pessoa é especialmente apropriada, vinda de Tércio. Mas a primeira pessoa é inesperada, e os copistas escreveriam o pronome habitual sem pensar. Se o original fosse a segunda pessoa, quem o mudaria para a primeira pessoa? Essa mudança não é bastante improvável? Observe também que o subgrupo que causou as divisões em 1.32, 2.5 e 9.3 é o fator dominante aqui em 16.24; sem ele a variante cairia abaixo de 20%. Porém, dentro do contexto, a escolha entre os dois pronomes faz pouca ou nenhuma diferença. Em suma, parece-me que a única maneira de explicar a primeira pessoa é tomá-la como a forma arquetípica. A primeira forma, atestada pelos melhores representantes, reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isto completa a discussão dos doze lugares onde há uma divisão de pelo menos 10% dos 39. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de Romanos, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo,

simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas (sete das doze) e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que doze MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 17 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que doze MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 16 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 29 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que onze MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 19 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que oito MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 25 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Capítulo 7: Nenhuma variante tem mais do que catorze MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 17 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo sete.

Capítulo 8: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 28 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo oito.

Capítulo 9: Nenhuma variante tem mais do que doze MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 16 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo nove.

Capítulo 10: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 32 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dez.

Capítulo 11: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo onze.

Capítulo 12: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo doze.

Capítulo 13: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente

acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo treze.

Capítulo 14: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 34 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 2. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo catorze.

Capítulo 15: Nenhuma variante tem mais do que oito MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 18 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quinze.

Capítulo 16: Nenhuma variante tem mais do que quinze MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 14 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezesseis.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Romanos, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para 1 Coríntios – forma final

Esta seção é baseada em uma compilação completa dos seguintes trinta-e-quatro MSS representativos – 18, 35, 141, 201, 204, 386, 394, 444, 604, 757, 824, 928, 986, 1072, 1075, 1100, 1249, 1503, 1548, 1637, 1761, 1855, 1864, 1865, 1892, 1897, 2080, 2352, 2431, 2466, 2554, 2587, 2723 e 2817.

Nos quatorze locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes **54** MSS: 149, 328, 432, 522, 634, 664, 801, 959, 1040, 1058, 1248, 1400, 1482, 1508, 1617, 1618, 1628, 1636, 1652, 1656, 1704, 1725, 1726, 1732, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1767, 1768, 1856, 1858, 1876, 1899, 1948, 1958, 2009, 2218, 2221, 2255, 2261, 2289, 2378, (2501), 2626, 2691, 2704, 2774, 2777.

Esses 88 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros quatro que

eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ Alguns representantes a mais da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Observe que o quadro baseado nos 34 MSS totalmente cotejados permanece o mesmo após a adição dos 54 MSS verificados individualmente. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados individualmente. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.13—υμων 1865^{alt} || ημων 141,757,824,1072,1637^{alt},1864,1865,1892,2080,2431,2466,2723
{634,801^c,959,1508,1656,1704,1725,1726,1732,1733,1748,1752,1858,2261,
2378,2626,2774}

Dos 88 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 88 MSS conhecidos (dentro da família), 27 têm a variante, o que equivale a 30,7%. A segunda pessoa é claramente melhor, mas a primeira é possível. No contexto, a mudança faz pouca diferença (pode ter resultado de ditografia). Em qualquer caso, a atestação de 31% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

1.28—αγενη || αγεννη 394,604,928,1249,1548,1855,2587 {328,432,664,959,1058,1482,1749,
1752,1768,1856,2255^c,2289,2704}

Dos 88 MSS, faltam dois, e portanto, dos 86 MSS conhecidos (dentro da família), 19 têm a variante, o que equivale a 22,1%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. Além disso, com apenas 22% de atestação, a variante não é uma candidata confiável. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.4—πειθοις || πειθοι 18,141,204,386 {432,634,801,1704,1725,1732,1768,1858,2691}

Dos 88 MSS, faltam quatro, e portanto, dos 84 MSS conhecidos (dentro da família), 13 têm a variante, o que equivale a 15,5%. Mas, em qualquer caso, uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. Além disso, com apenas 15,5% de atestação, a variante não é uma candidata confiável. A

¹ 228, 1161, 1913, 2675. De passagem, deixo uma observação a todos que seguirem meus passos. No corpo paulino, a massa bizantina tende a ser mais “conservadora” do que em Atos e nas Cartas Gerais, os MSS se desviam menos do núcleo da Família 35. Pode ser difícil traçar a linha entre ‘f³⁵’ e ‘não-f³⁵’; um bom número de MSS está à margem (e não os incluo na lista da família).

primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.2—ηδυνασθε || εδυνασθε 201,604,757,824,986,1072,1075,1503,1637,1864,1892,2352,2431, 2817 {149,432,(522),959,1040,1248,1617,1618,1628,1636,1652,1656,1737,1740, 1745,1746,1748,1763,1768,1948,1958,2009,2218,2777}

Dos 88 MSS, falta um, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 38 têm a variante, o que equivale a 43,7%. Estas são grafias alternativas do imperfeito médio/passivo, e uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. Além disso, a primeira forma é Ática e, em anos posteriores, seria naturalmente alterada para Koinê, mas não o contrário. Embora uma atestação de 43,7% seja certamente significativa, a variante não é uma candidata crível, uma vez que pode ser explicada fonologicamente. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

4.6—μη || --- 604,986,1075,1548,1637,1855,1892,2080,2352,2431 {432,664,1040,1248,1618,1636, 1652,1704,1725,1737,1740,1745,1746,1748,1752,1763,1768,1899,2218,2255,2289,2501, 2704,2777}

Dos 88 MSS, falta um, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 34 têm a variante, o que equivale a 39,1%. A partícula negativa é repetida para dar ênfase; omitir a repetição não altera o significado básico, nem a tradução. Além disso, a partícula é geralmente atestada pelos melhores representantes. Embora uma atestação de 39,1% seja certamente significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.11—vυvι || vυv 394,928,1249,1855 {328,959,1482,1508,1749,1856,2255,2289}

Dos 88 MSS, falta um, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 12 têm a variante, o que equivale a 13,8%. Temos grafias alternativas do mesmo advérbio, sendo a primeira mais enfática. Uma mera grafia alternativa não é uma variante adequada, uma vez que nem a identidade nem o significado da palavra são afetados. Mas em qualquer caso, com apenas 14% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

6.5—διακριναι || ανακριναι 18,35,201,204,1249,1892,2466,2587,2723 {432,522,801,1876, 2261,2501,2626,2691,2774}

Dos 88 MSS, falta um, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 18 têm a variante, o que equivale a 20,1%. Embora os verbos sejam diferentes, no contexto funcionam como sinônimos virtuais, resultando na mesma tradução. Mas em qualquer caso, com apenas 20% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.13—ητις || ει τις 201,757,824,1072,1503,1637^c,1864,1892,2352,2431 {149,664,1248,1617,1618,1628,1636,1652,1656,1740,1745,1746,1748,1948,1958^v,2009,2626,2777}

Dos 88 MSS, falta um, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 27 têm a variante, o que equivale a 31%. A variante é uma repetição da redação com o homem: ‘se algum irmão tiver’ → ‘se alguma mulher tiver’; em vez de “uma mulher que tem”. São duas maneiras de dizer a mesma coisa. Mas, em qualquer caso, a atestação de 31% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.17—ει 928^c || η 394,928,1548,1855,2080,2466,2587 {328,664,1058,1482,1508,1726^m,1732^{alt},1733^{alt},1752,1763,1856,1858,2289,2378,2501,2704^{alt}}

Dos 88 MSS, faltam dois, e portanto, dos 86 MSS conhecidos (dentro da família), 19 têm a variante, o que equivale a 22,1%. A partícula pode ser resultado de ditografia, que ao se tornar exemplar foi fielmente copiada. No contexto, o versículo 17 parece tratar de situações não abordadas no contexto anterior. Seja ει μη ou η μη, a tradução deve ser ‘caso contrário’, ou algo do tipo. Mas em qualquer caso, com apenas 22% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.9—α̂λωντα || α̂λωντα 35^c,386,394,928,1249,1637^c,1761,1855,2587 (1864,2554 são ambíguos, mas são aspirados no próximo exemplo) {328,634,959,1040,1058,1482,1617,1652,1656,1726,1740,1745,1746,1748,1749,1752,1763,1767,1876,2221,2255,2691,2704,2774}

Dos 88 MSS, dois são ambíguos e um é ilegível, e portanto, dos 85 MSS conhecidos (dentro da família), 31 têm a variante, o que equivale a 36,5%. As marcas de aspiração podem ser bastante ambíguas, se não forem escritas com cuidado. Neste caso, estamos vendo formas alternativas ou grafias alternativas; são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Qualquer escolha não afeta o significado nem a tradução. A atestação de 36,5% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.10—α̂λων || α̂λων 35^c,386,394,928,1249,1637^c,1761,1855,2587 {328,634,959,1040,1058,1400,1482,1617,1652,1656,1740,1745,1746,1748,1749,1752,1763,1767,2221,2255,2626,2704,2774}

Dos 88 MSS, um é ilegível, portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 30 têm a variante, o que equivale a 34,5%. As marcas de aspiração podem ser bastante ambíguas, se não forem escritas com cuidado. Neste caso, estamos vendo formas alternativas ou grafias alternativas; são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Qualquer escolha não afeta o significado nem a tradução. A atestação de 34,5% não é suficiente para justificar uma

mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

11.13—θεω || κυριω 394,928,1249,1855 {328,1482,1508,1749,1856,1899,2255,2289}

Dos 88 MSS, faltam três, e portanto, dos 85 MSS conhecidos (dentro da família), 12 têm a variante, o que equivale a 14,1%. No contexto, as duas palavras referem-se à mesma Pessoa. Mas, em qualquer caso, com apenas 14% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

13.3—καυθησομαι || καυθησομαι 386,604,1548,1637,2080 {432,634,664,801,1508,1617,1618,1737,1748,1763,1768,2218,2289^c,2626,2691,2777}

Dos 88 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 88 MSS conhecidos (dentro da família), 20 têm a variante, o que equivale a 22,7%. O verbo futuro passivo é indicativo ou futuro passivo subjuntivo? Como o grego normalmente não tem futuro no subjuntivo, a variante é improvável, para dizer o mínimo! Visto que a conjunção *hina* normalmente leva o Subjuntivo, embora o Indicativo não seja raro, os copistas aparentemente fizeram a mudança sem pensar. Mas, em qualquer caso, com apenas 23% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

16.2—ευοδουται || ευοδωται 394,928,1249,1548,1855,1865,2080,2587,2723,2817 {328,664,801,959,1058,1482,1508,1726,1746,1749,1752,1763,1767^{alt},1856,1876,1899,2255,2289,2378,2626,2691,2704,2774}

Dos 88 MSS, faltam três, e portanto, dos 85 MSS conhecidos (dentro da família), 32 têm a variante, o que equivale a 36,4%. O verbo é indicativo ou subjuntivo? É ‘conforme ele está sendo prosperado’ ou ‘conforme ele seja prosperado’? No contexto o Indicativo é melhor, mas o Subjuntivo é possível; a diferença de significado é pequena. Embora uma atestação de 36,4% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos quatorze locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos MSS cotejados. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de 1 Coríntios, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo da família foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que onze MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 10 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 1. Existem dois subgrupos, ambos os quais entraram em jogo neste capítulo. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que catorze MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 12 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 1 (outra vez os dois subgrupos). Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que dez MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 19 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 1. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que nove MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares

(dentro da família), acrescentamos mais 1. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Capítulo 7: Nenhuma variante tem mais do que nove MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 12 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo sete.

Capítulo 8: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo oito.

Capítulo 9: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo nove.

Capítulo 10: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dez.

Capítulo 11: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo onze.

Capítulo 12: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo doze.

Capítulo 13: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 34 MSS

cotejados (completos, ou quase), 28 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 1. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo treze.

Capítulo 14: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo catorze.

Capítulo 15: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quinze.

Capítulo 16: Nenhuma variante tem mais do que dez MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 17 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezesseis.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de 1 Coríntios, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou o Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para 2 Coríntios – forma final

Esta seção é baseada em um cotejo completo dos seguintes trinta e seis MSS representativos – 18, 35, 141, 201, 204, 328, 386, 432, 444, 757, 824, 928, 986, 1072, 1075, 1100, 1249, 1482, 1503, 1548, 1617, 1637, 1652, 1725, 1740, 1855, 1864, 1865, 1892, 1897, 2352, 2431, 2466, 2554, 2587 e 2723.

Nos dezoito locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes **55** MSS: 149, 394, 522, 604, 634, 664, 801, 959, 1040, 1058, 1247, 1248, 1400, 1508, 1618, 1628, 1636, 1656, 1704, 1723, 1726, 1732, 1733, 1737, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1761, 1763, 1767, 1768, 1856, 1858, 1876, 1899, 1948, 1958, 2009, 2080, 2218, 2221, 2255, 2261, 2289, 2378, (2501), 2626, 2653, 2691, 2704, 2774, 2777, 2817.

Esses 91 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da

família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros quatro que eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Com uma exceção, apenas os MSS que atestam a variante minoritária são alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados individualmente. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.17—βουλευομενος 1548^c || βουλομενος 201,204,824,1548,1725,1897 {149,522,664, 801,959,1247,1704,1752,1761,1858,1948,1958,2009,2261,2378, 2501,2691,2704}

Dos 91 MSS, faltam dois, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 24 têm a variante, o que equivale a 27%. Os verbos são diferentes, mas são sinônimos virtuais. No contexto a mudança faz pouca diferença, a tradução pode ser a mesma. Em qualquer caso, a atestação de 27% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

1.20—το 1617^c,1637^c,1864^c,2723^c || τω 35^c,204,328,928,1249,1482,1548,1617,1637,1725,1855,1864, 1897,2466^c,2587,2723 {394,522^{c1x},664,801,959,1058,1247,1508, 1618,1704,1723,1726,1749,1752,1856^{c1x},1858,1876,1899,1948^{1x}, 2080,2255,2261,2289,2378,(2501),2626,2691,2704,2774^{c1x},2777}

Dos 91 MSS, faltam três, e portanto, dos 88 MSS conhecidos (dentro da família), 40 têm a variante, o que equivale a 45,5%. Este é complicado. Tratei do “sim” e do “amém” como uma única unidade de variação, uma vez que quase todos os MSS são iguais para ambos. Contudo, há nada menos que onze correções (quase igualmente divididas) e dois MSS dividiram os seus votos. Mas o que aconteceu aqui? A gramática pede o nominativo, em vez do dativo, mas a tradução será a mesma. Porém, em ambos os casos o pronome imediatamente anterior é dativo, o que teria exercido atração. Além disso, se o monge não estivesse prestando atenção ao significado, ele poderia fazer o caso concordar, como uma ação reflexa. Nenhuma dessas observações explicaria o nominativo, se o original fosse o dativo. Além disso, o dativo é propriedade quase exclusiva da lasca Γ^{35} ; todos os MSS antigos (que existem aqui) e quase todos os outros MSS têm o nominativo. Embora uma atestação de 45,5% seja certamente significativa, tudo considerado não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida

¹ 228, 1161, 1913, 2675.

razoável.

2.6—επιτιμια || επιτιμης 328,928,1249,1482,1855 {394,959,1247,1508,1723,1749,1856,1899,2255,2289}

Dos 91 MSS, faltam dois, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 15 têm a variante, o que equivale a 16,9%. São sinônimos, duas maneiras de dizer a mesma coisa. No entanto, com apenas 16,9% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.14—ει || --- 986,1503,1637,1892 {1040,1247,1618,1737,1746,1748,1749,2218,2777}

Dos 91 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 91 MSS conhecidos (dentro da família), 13 têm a variante, o que equivale a 14,3%. A conjunção faz mais sentido no contexto, mas a variante é possível. Mas de qualquer forma, com apenas 14,3% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.20—δεομεθα || 1 ουν 328,928,1249,1482,1855 {394,664,959,1247,1508,1723,1749,1856,1899,2255,2289}

Dos 91 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 91 MSS conhecidos (dentro da família), 16 têm a variante, o que equivale a 17,6%. A conjunção simplesmente não é necessária; pode até atrapalhar. Mas, em qualquer caso, com apenas 17,6% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.12a—υμων || ημων 328,432,1482^{alt},1503,1548,1725,1855^c,2466^c {604,664,959,1040,1058^{alt},1247,1704,1723,1732^{alt},1752,1761,1763,1768,1856^c,1858,1876,1899,2080,2255^c,2261,2289,2626,2704}

Dos 91 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 91 MSS conhecidos (dentro da família), 24 têm a variante, o que equivale a 26,4%. Este caso funciona em conjunto com o próximo. Será “vosso verdadeiro compromisso conosco pode ficar claro para vocês”, ou “nosso verdadeiro compromisso com vocês pode ficar claro para vocês”? A alternativa parece ser a mais provável ou esperada, presumivelmente motivo suficiente para a mudança, mas a leitura da maioria ajusta-se melhor ao contexto. Dito isto, temos dois significados diferentes, mas no contexto mais amplo a diferença não é séria. Mas, em qualquer caso, com apenas 26,4% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.12b—ημων || υμων 204,328,432,928^c,1482^{alt},1548,1725,1855^c,1897,2466,2587^c {604,664,801,959,1040,1058^{alt},1247,1704,1723,1732^{alt},1752,1761,1763,1768,1858,1876,1899,2080,2255,2261,2289,2501,2626,2691,2704}

Dos 91 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 91 MSS conhecidos (dentro

da família), 30 têm a variante, o que equivale a 33%. Veja a discussão acima. Por que aumentou a atestação da variante? Seja qual for a resposta, uma vez que este caso funciona em conjunto com o anterior, a atestação de 33% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.12c—υμας 928^c,1855^c,2587^c || ημας 386,928,1249,1482^{alt},1855,2587 {664^v,801,1058,1856,2691}

Dos 91 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 91 MSS conhecidos (dentro da família), 10 têm a variante, o que equivale a 11%. A confusão aqui pode ter repercutido nos dois casos anteriores. Mas, em qualquer caso, com apenas 11% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

8.9—ημας 18,35,141,204,386,444,928,986,1100^v,1249,1482,1855,1865,2466,2554,2587,2723 {394,522,634,664,801,1400,1508,1732,1733,1737,1767,1856,1876,2080,2218,2221,2255,2261,2289,2626,2653,2691,2774}

υμας 35^c,201,328,432,444^c,757,824,928^c,1072,1075,1503,1548,1617,1637,1652,1725,1740,1855^c,1864,1892,1897,2352,2431,2587^c {149,394^{alt},604,801^c,959,1040,1247,1248,1618,1628,1636,1656,1704,1723,1726,1732^{alt},1745,1746^v,1748,1749,1752,1761,1763,1768,1856^c,1858,1899,1948,1958,2009,2378,2501,2704,2777,2817}

Dos 91 MSS, falta um, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 50 têm a variante, o que equivale a 55,6%. Este é difícil. ‘Para o vosso bem’ concorda com o complemento; “para o nosso bem” é mais inclusivo; ambos são verdadeiros. Como a segunda pessoa concorda com o complemento, isso é esperado, então se a segunda pessoa fosse original, por que alguém mudaria para a primeira pessoa? Então, de onde veio a primeira pessoa? Os melhores representantes geralmente têm a primeira pessoa. Além disso, temos uma circunstância curiosa: 28 dos MSS tendo a segunda pessoa formam o segundo subgrupo identificado em I Pedro, e cerca de metade deles vem de um único mosteiro, M. Lavras. 28 é mais da metade de 50. Num ponto anterior da história da transmissão da família, a segunda pessoa era provavelmente a variante minoritária. A diferença é pequena, mas a primeira pessoa inclui a outra, mas não o contrário. Embora haja dúvidas, considero que a primeira forma reproduz o arquétipo.

8.15—ο || --- 18,201,1100,1725,2431 {149,522,959,1248,1508,1704,1737,1763,1948,1958,2009,2218,2255,2289,2653}

Dos 91 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 91 MSS conhecidos (dentro da família), 20 têm a variante, o que equivale a 22%. Temos duas orações paralelas em uma frase composta; omitir o artigo paralelo não altera o significado básico, nem a tradução. Mas o artigo não é omitido; com apenas 22% de atestação, a variante não é uma candidata confiável. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

8.20—ημας || υμας 141,201,757,824,1072,1075,1503,1637,1652,1864,2352 {149,522,1618,1628,1636,1656,1737,1745,1746,1748,1763,1948,1958,2009,2218,2653,2777}

Dos 91 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 91 MSS conhecidos (dentro da família), 28 têm a variante, o que equivale a 30,8%. No contexto, a primeira pessoa é claramente melhor, mas a segunda pessoa é possível. De qualquer forma, com apenas 30,8% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

8.24—εις αυτους 1249^m(2431) || --- 328,928,1249,1482,1855 {394,959,1247,1723,1749,1856,1899,2255,2289}

Dos 91 MSS, falta um, então dos 90 MSS conhecidos (dentro da família) 14 têm a variante, o que equivale a 15,6%. A omissão da frase é claramente inferior no contexto, pois faria com que os coríntios representassem as congregações estrangeiras. Mas de qualquer forma, com apenas 15,6% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.4—συν εμοι 1249^m || --- 328,928,1249,1482,1855 {394,959,1723,1749,1856,1899,2255,2289}

Dos 91 MSS, falta um, então dos 90 MSS conhecidos (dentro da família) 13 têm a variante, o que equivale a 14,4%. A omissão da frase é inferior no contexto, embora não afete o significado básico. Mas de qualquer forma, com apenas 14,4% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.10—γενηματα || γεννηματα 328,386,432,444,928,1249,1482,1548,1725,1855,2554^c,2587 {394,604,634,959,1058,1247,1508,1704,1723,1732,1749,1752,1768,1856,1858,2221,2255,2289,2704}

Dos 91 MSS, falta um, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 30 têm a variante, o que equivale a 33,3%. Os substantivos são diferentes, o primeiro referindo-se à produção vegetal e o segundo à prole animal; se o segundo for usado para plantas, é um significado secundário. O primeiro também é usado para designar o resultado de esforço ou valor, como aqui. A tradução é a mesma em qualquer caso; mas como a retidão é valor em ação, o primeiro substantivo é mais apropriado. A atestação de 33,3% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

11.7—εαυτον || εμαυτον 141,328,386,432,444,1249,1482,1725,1855,2554^c {394,604,959,1058^b,1247,1508,1704,1723,1749,1768,1856,1858,1899,1958^c,2221,2289,2817}

Dos 91 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 91 MSS conhecidos (dentro da família), 25 têm a variante, o que equivale a 27,5%. É “humilhar-se” ou “humilhar-me”? A segunda é mais direta, mas são duas maneiras de dizer a

mesma coisa. A atestação de 27,5% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

11.16—με δοξη || ~ 21 328,432,928,1249 {394,604,959,1247,1508,1723,1749,1768,1856,1899,2289}

Dos 91 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 91 MSS conhecidos (dentro da família), 15 têm a variante, o que equivale a 16,5%. Em grego, uma mudança na ordem das palavras muitas vezes faz pouca ou nenhuma diferença no significado, como aqui; são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Mas, em qualquer caso, com apenas 16,5% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

12.1—δη || δει 141,1892,2431,2723 {801,1737,1763,1767,2255,2653,2691,2774}

Dos 91 MSS, falta um, então dos 90 MSS conhecidos (dentro da família) 12 têm a variante, o que equivale a 13,3%. É uma partícula ou um verbo impessoal? Ambas fazem sentido, mas com apenas 13,3% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

13.3—δυναται || δυνατοι 141,432,1249,1617 {604,1704,1737,1763,1768,2218,2653,2704,2774}

Dos 91 MSS, faltam dois, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 13 têm a variante, o que equivale a 14,6%. É um verbo ou um adjetivo? No contexto, o sujeito do verbo é singular, mas o adjetivo é plural. O adjetivo seria possível se fosse singular, mas não plural. Mas de qualquer forma, com apenas 14,6% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos dezoito locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos MSS cotejados. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo familiar para todo o livro de 2 Coríntios, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas

devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que quatorze MSS. Dos 35 MSS cotejados (completos, ou quase), 11 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 26 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 35 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 35 MSS cotejados (completos, ou quase), 18 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Capítulo 7: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 19 são representantes perfeitos do

arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 2. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo sete.

Capítulo 8: Nenhuma variante tem mais do que 19 MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 9 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 1. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo oito.

Capítulo 9: Nenhuma variante tem mais do que onze MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 18 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 2. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo nove.

Capítulo 10: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 28 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dez.

Capítulo 11: Nenhuma variante tem mais do que nove MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 16 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo onze.

Capítulo 12: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo doze.

Capítulo 13: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a

forma arquetípica precisa do capítulo treze.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de 2 Coríntios, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para Gálatas – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes trinta-e-sete MSS representativos – 18, 35, 201, 204, 328, 386, 394, 444, 604, 757, 824, 928, 986, 1072, 1075, 1100, 1248, 1249, 1503, 1548, 1617, 1637, 1725, 1732, 1761, 1855, 1864, 1865, 1892, 2080, 2352, 2431, 2466, 2554, 2587, 2723 e 2817.

Nos cinco locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes **52** MSS: 141, 149, 432, 522, 634, 664, 801, 959, 1040, 1058, 1247, 1400, 1482, 1508, 1618, 1628, 1636, 1652, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1767, 1768, 1856, 1858, 1876, 1899, 1948, (1958), 2009, 2218, 2221, 2255, 2261, 2289, 2378, 2501, 2626, 2653, 2691, 2704, 2774, 2777.

Esses 89 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros quatro que eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ O MS dentro de () é um membro marginal. Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas individualmente. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados individualmente. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.8—ευαγγελιζηται || ευαγγελιζεται 757,824,986,1072,1503,1617,1855,1864,2352,2431
{141, 522,664,1628,1737,1748,1876,2255,2289,2501,2774,2777}

Dos 89 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 22 têm a variante, o que equivale a 24,7%. O verbo é subjuntivo ou indicativo? Neste contexto, qualquer uma das duas opções é possível, mas a atestação de 24,7% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.19—ω || ο 201,1503,1855,2431 {141,149,522,634,1508,1704,1748,1763,1899,1948,1958,2009,2255}

Dos 89 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro

¹ 228, 1161, 1913, 2675.

da família), 17 têm a variante, o que equivale a 19,1%. É ‘a quem foi prometido’ ou ‘que foi prometido’? Neste contexto, qualquer uma das duas opções é possível, mas com apenas 19,1% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.26—ιησου || --- 328,394,928,1249 {959,1247,1749,1856,2289}

Dos 89 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 9 têm a variante, o que equivale a 10,1%. É ‘fé em Cristo Jesus’ ou ‘fé em Cristo’? Neste contexto, qualquer uma das duas opções é possível, mas com apenas 10,1% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

4.7—δια 394^c || 1 ιησου 394,1248,1732,2080 {1636,1704,1726,1740,1746,1899,2218,2221,2653,2774}

Dos 89 MSS, falta um, então dos 88 MSS conhecidos (dentro da família) 14 têm a variante, o que equivale a 15,9%. É “através de Cristo” ou “através de Jesus Cristo”? Neste contexto, qualquer uma das duas opções é possível, mas com apenas 15,9% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.26—γινωμεθα || γενωμεθα 18,1548,1732,1761,1892 {141,959,1508,1618,1737,1746,1763,1767,1899,2218,2501,2653,2691,2704,2774,2777}

Dos 89 MSS, faltam dois, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 21 têm a variante, o que equivale a 24,1%. O verbo está no presente ou aoristo? No contexto, são praticamente duas maneiras de dizer a mesma coisa. De qualquer forma, a atestação de 24,1% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos cinco locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos MSS cotejados. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de Gálatas, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas

devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que dez MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 16 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 19 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 12. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 19 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Gálatas, com base nas

evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para Efésios – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes trinta-e-sete MSS representativos – 18, 35, 201, 204, 328, 386, 394, 444, 604, 757, 824, 928, 986, 1072, 1075, 1100, 1248, 1249, 1503, 1548, 1617, 1637, 1725, 1732, 1761, 1855, 1864, 1865, 1892, 1897, 2080, 2352, 2431, 2466, 2554, 2587 e 2723.

Nos cinco locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes **53** MSS: 141, 149, 432, 522, 634, 664, 801, 959, 1040, 1058, 1247, 1400, 1482, 1508, 1618, 1628, 1636, 1652, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1767, 1768, 1856, 1858, 1876, 1899, 1948, (1958), 2009, 2218, 2221, 2255, 2261, 2289, 2378, 2501, 2626, 2653, 2691, 2704, 2774, 2777, 2817.

Esses 90 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros três que eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ O MS dentro de () é um membro marginal. Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.13— $\eta\mu\epsilon\iota\varsigma$ || $\upsilon\mu\epsilon\iota\varsigma$ 604,1075,1637,1761,2080,2587 {141,432,959,1040,1618,1652,1704,1737,1752,1763,1768,1948,2218,2221,2289,2653,2777}

Dos 90 MSS, falta um, então dos 89 MSS conhecidos (dentro da família) 23 têm a variante, o que equivale a 25,8%. É ‘nós ouvimos’ ou ‘vocês ouviram’? O versículo 13 é uma continuação e subordinado ao versículo 12, onde o sujeito de ambos os verbos é a primeira pessoa do plural; então a primeira forma está correta. De qualquer forma, a atestação de 25,8% não é suficiente para justificar uma alteração. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

4.16— $\alpha\phi\eta\varsigma$ || $\alpha\phi\eta\varsigma$ 757,1248,1732,1865,1892,2352 {141,801,1058,1247,1400,1746,1763,1767,2218,2221,2255,2501,2691,2704}

Dos 90 MSS, falta um, então dos 89 MSS conhecidos (dentro da família)

¹ 1161, 1913, 2675.

20 têm a variante, o que equivale a 22,5%. A primeira vogal é aspirada ou não? A aspiração está correta, mas sua falta seria apenas uma grafia alternativa e, portanto, não uma variante adequada. De qualquer forma, com apenas 22,5% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.5— $\text{ιστε} \parallel \text{εστε}$ 18,35,386,1100,2466 {141,634,1247,1733,1767,1876,1899,1958^m,2221,2774}

Dos 90 MSS, faltam quatro, e portanto, dos 86 MSS conhecidos (dentro da família), 14 têm a variante, o que equivale a 16,3%. O verbo é ‘saber’ ou ‘ser’? Ele forma uma frase verbal com o particípio seguinte. Neste contexto, qualquer uma das duas opções é possível, mas com apenas 16,3% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

6.5— της 1503^c \parallel --- 328,1249,1503,1892 {664,1247,1628,1767,1768}

Dos 90 MSS, faltam dois, e portanto, dos 88 MSS conhecidos (dentro da família), 9 têm a variante, o que equivale a 10,2%. São duas maneiras de dizer a mesma coisa: ‘com sinceridade de coração’. No contexto, a omissão do artigo não afeta o significado, mas com apenas 10,2% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

6.15— $\text{υποδησαμενοι} \parallel \text{υποδυσαμενοι}$ 328,1249,1855,2080,2431 {141,522,959,1058,1247,1508,1652,1746,1749,1752,2009,2218,2255,2378,2501,2653}

Dos 90 MSS, faltam dois, e portanto, dos 88 MSS conhecidos (dentro da família), 21 têm a variante, o que equivale a 23,9%. Os verbos são diferentes, mas no contexto são praticamente duas maneiras de dizer a mesma coisa. De qualquer forma, a atestação de 23,9% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos cinco locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos MSS cotejados. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo familiar para todo o livro de Efésios, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido em meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permaneça verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmo que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração

precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 12. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 28 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 19 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 35 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma

arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Efésios, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquetipo da Família 35 para Filipenses – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes trinta-e-sete MSS representativos – 18, 35, 201, 204, 328, 386, 394, 432, 444, 604, 757, 824, 928, 986, 1072, 1075, 1100, 1248, 1249, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1761, 1855, 1864, 1865, 1876, 1892, 1897, 2080, 2352, 2466, 2554, 2587 e 2723.

Nos quatro locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes **52** MSS: 141, 149, 522, 634, 664, 801, 959, 1040, 1058, 1247, 1400, 1482, 1508, 1617, 1618, 1628, 1636, 1652, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1767, 1768, 1856, 1858, 1899, 1948, (1958), 2009, 2218, 2221, 2255, 2261, 2378, 2431, 2501, 2626, 2653, 2691, 2704, 2774, 2777, 2817.

Esses 89 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros quatro que eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ O MS dentro de () é um membro marginal. Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.4— $\pi\alpha\sigma\eta$ || 1 $\tau\eta$ 432,604,1897,2587 {664,1058,1723,1767,1768}

Dos 89 MSS, falta um, e portanto, dos 88 MSS conhecidos (dentro da família), 9 têm a variante, o que equivale a 10,2%. A tradução será ‘em todas as minhas orações’ em ambos os casos. O pronome possessivo define, com ou sem o artigo. De qualquer forma, com apenas 10,2% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquetipo, sem qualquer dúvida razoável.

1.10— $\epsilon\dot{\iota}\lambda\iota\kappa\rho\nu\epsilon\iota\varsigma$ || $\epsilon\iota\lambda\iota\kappa\rho\nu\epsilon\iota\varsigma$ 201,432,604,757,1548,1761,1865 {141,149,522,801,1636,1704,1767,1768,1899,1948,1958,2009,2221*,2255,2691,2817}

Dos 89 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 22 têm a variante, o que equivale a 24,7%. Visto que aspiração

¹ 1161, 1913, 2289, 2675.

é fonêmica em grego, deve ser escrita, quando aplicável. Neste caso, temos grafias alternativas da mesma palavra. A primeira metade da palavra parece estar relacionada com a palavra luz solar, que é aspirada, o que poderia explicar porque um derivado também é aspirado. Mas, em qualquer caso, com apenas 24,7% de atestação, a variante não é um concorrente sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.26—υμας || 1 ιδειν 18,386,1100,1761,1876 {141c,634,801,1247,(1958m),2501,2626,2691,2774}

Dos 89 MSS, falta um, e portanto, dos 88 MSS conhecidos (dentro da família), 12 têm a variante, o que equivale a 13,6%. É ‘saúde de todos vocês’ ou ‘saúde de ver todos vocês’? Neste contexto, qualquer uma das duas opções é possível, mas com apenas 13,6% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.27—λυτην || λυτη 604,986,1075,1761,1892,2080,2466 {141c,1652,1763,1899,2221,2774,2777,2817}

Dos 89 MSS, falta um, então dos 88 MSS conhecidos (dentro da família) 14 têm a variante, o que equivale a 15,9%. O caso é acusativo ou dativo? A preposição aqui talvez seja a mais versátil de todas, trabalhando com três casos. No contexto, o acusativo é provavelmente a melhor escolha, mas em qualquer caso, com apenas 15,9% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isto completa a discussão dos quatro locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos 37. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de Filipenses, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido em meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmo que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 19 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente

acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 25 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 25 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Filipenses, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para Colossenses – forma final

Esta seção é baseada em uma compilação completa dos seguintes trinta e sete MSS representativos – 18, 35, 201, 204, 328, 386, 394, 444, 604, 757, 824, 928, 986, 1072, 1075, 1100, 1248, 1249, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1761, 1768, 1855, 1864, 1865, 1876, 1892, 1897, 2080, 2352, 2466, 2554, 2587 e 2723.

Nos cinco locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes **52** MSS: 141, 149, 432, 522, 634, 664, 801, 959, 1040, 1058, 1247, 1400, 1482, 1508, 1617, 1618, 1628, 1636, 1652, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1767, 1856, 1858, 1899, 1948, (1958), 2009, 2218, 2221, 2255, 2261, 2378, 2431, 2501, 2626, 2653, 2691, 2704, 2774, 2777, 2817.

Esses 89 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros quatro que

eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ O MS dentro de () é um membro marginal. Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.2—κολοσσαϊς || κολασσαϊς 201,328,394,604,757,986,1075,1249,1548,1855,1864^c,2352,2587 {149,522,664,(959),1040,1058,1247,1482,1618,1628,1636,1723,1737^c,1740^c,1746,1749,1752,1763,1767,1856,1899,1948,1958,2009,2218,2255,2261,2431,2626,2704,2777}

Dos 89 MSS, falta um, então dos 88 MSS conhecidos (dentro da família) 41 têm a variante, o que equivale a 46,6%. Temos grafias alternativas de um nome próprio, o que não é uma variante própria, pois nem a identidade nem o significado são afetados. Ambas as grafias são antigas e a massa bizantina também está dividida. Qualquer uma das vogais funcionará, mas para imprimir um texto uma escolha deve ser feita. Até onde sei, todas as Bíblias impressas têm o ‘o’, e não vejo razão para criar confusão. Uma atestação de 46,6% é certamente significativa, mas não é suficiente para justificar uma mudança; tanto mais que a maioria dos melhores representantes tem o ‘o’. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.14—ηρκεν || ηρεν 201,328,394,928^c,986,1072^c,1249,1768,1876,1892^c {141,149,522,664,959,1247,1508,1618,1723,1737,1749,1856,1899,1948,1958,2009,2218,2431,2626,2653,2774,2777}

Dos 89 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 29 têm a variante, o que equivale a 32,6%. O tempo verbal é perfeito ou aoristo? É ‘de fato Ele já tomou’ ou ‘e Ele tomou’? Nosso verbo aqui está rodeado por outros verbos no tempo aoristo, que exerceriam pressão sobre o tempo perfeito, se este fosse original; se o original fosse aoristo, não haveria necessidade de alterá-lo. No contexto, qualquer uma das formas faz sentido, mas embora a atestação de 32,6% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.16—υμας || ημας 328,394,604,928,1249,1855 {959,1247,1482,1723,1749,1856,1899,2255}

¹ 1161, 1913, 2289, 2675.

Dos 89 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 14 têm a variante, o que equivale a 15,7%. É ‘que ninguém julgue vocês’ ou ‘que ninguém julgue a nós’? No contexto a segunda pessoa é certamente melhor, e com apenas 15,7% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.19— $\alpha\phi\omega\nu$ || $\alpha\phi\omega\nu$ 1248,1725,1732,1876,2352
{141,801,1058,1247,1636,1704,1746,1763,1767,
1948,1958,2218,2221,2255,2691,2704,2774,2817}

Dos 89 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 23 têm a variante, o que equivale a 25,8%. A primeira vogal é aspirada ou não? A aspiração está correta, mas sua falta seria apenas uma grafia alternativa e, portanto, não uma variante adequada. De qualquer forma, com apenas 25,8% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

4.3— $\text{o } \theta\epsilon\omicron\varsigma \alpha\nu\omicron\iota\zeta\eta \eta\mu\iota\nu$ || \sim 3412 328,394,604,928,1249 {959,1247,1508,1723,1749,1856,
1899}

Dos 89 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 12 têm a variante, o que equivale a 13,5%. Em grego, uma mudança na ordem das palavras muitas vezes faz pouca ou nenhuma diferença no significado, como aqui; são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Mas, em qualquer caso, com apenas 13,5% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isto completa a discussão dos cinco locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos 37. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de Colossenses, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido em meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que treze MSS. Dos 37 MSS

cotejados (completos, ou quase), 16 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que oito MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 15 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Colossenses, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para 1 Tessalonicenses – forma final

Esta seção é baseada em uma compilação completa dos seguintes trinta e nove MSS representativos de 1 Tessalonicenses – 18, 35, 149, 201, 204, 328, 386, 394, 444, 604, 757, 824, 928, 959, 986, 1072, 1075, 1100, 1248, 1249, 1250, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1761, 1768, 1855, 1864, 1865, 1876, 1892, 1897, 2080, 2466, 2554, 2587 e 2723.

Nos cinco locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes 52 MSS: 141, 432, 522, 634, 664, 801, 1040, 1058, 1247, 1400, 1482, 1508, 1617, 1618, 1628, 1636, 1652, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1767, 1856, 1858, 1899, 1948, (1958), 2009, 2218, 2221, 2255, 2261, 2352, 2378, 2431, 2501, 2626, 2653, 2691, 2704, 2774, 2777, (2817).

Esses 91 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros três que eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ Os MSS dentro de () são membros marginais. Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.9—απαγγελουσιν || απαγγελουσιν 149,201,1250,1876 {522,1948,1958,2009,2255}

Dos 91 MSS, falta um, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 9 têm a variante, o que equivale a 10%. O verbo está no presente ou no futuro? No contexto, o presente está correto. De qualquer forma, com apenas 10% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.7—ηπιου || η̂πιου 394,444,604,824,928,959,1249,1548,1761,1768,1855,1865,1892,2587^v {634, 664,801,1058,1247,1400,1482,1508,1723,1740,1749,1752,1767,1856,2255,2378,2501, 2626,2653}

Dos 91 MSS, faltam quatro, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 33 têm a variante, o que equivale a 37,9%. A primeira vogal é aspirada ou não? Temos grafias alternativas da mesma palavra, o que não é uma variante adequada, pois a identidade e o significado permanecem os mesmos. No entanto, a ‘respiração suave’ está correta. De onde quer que tenha vindo a aspiração, embora a atestação de 37,9% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.8—ιμειρομενοι 35^c,2554^c || ομειρομενοι 35,386,1100,1732,1761,1768,2466,2554 {432, 634,1400,1726,1733^c,1899,2221,2261,2501,2817}

Dos 91 MSS, faltam dois, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 17 têm a variante, o que equivale a 19,1%. Embora os verbos sejam diferentes, eles são sinônimos, duas formas de dizer a mesma coisa. Mas com apenas 19,1% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.8—στηκητε || στηκετε 959,1249,1250,1876 {432,801,1247,1752,2255,2261,2501^v,2691,2704,

¹ 1161, 1913, 2675.

Dos 91 MSS, falta um, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 15 têm a variante, o que equivale a 16,7%. O verbo é subjuntivo ou indicativo? Embora a conjunção normalmente funcione com o Subjuntivo, o Indicativo ocorre. No contexto, qualquer um deles faz sentido; as boas novas de Timóteo talvez tenham levado alguns copistas a fazer a mudança. Mas de qualquer forma, com apenas 16,7% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.21—δοκιμαζετε || δοκιμαζοντες 604,1761,1768,2080 {141,1723,1899,2221,2774}

Dos 91 MSS, falta um, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 9 têm a variante, o que equivale a 10%. O verbo é imperativo ou particípio? No contexto o Imperativo está correto. Mas, em qualquer caso, com apenas 10% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isto completa a discussão dos cinco locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos 39. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de 1 Tessalonicenses, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que catorze MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 11 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares

(dentro da família), acrescentamos mais 5. Acontece que as duas maiores divisões no livro se enquadram neste capítulo. Para qualquer palavra, a atestação nunca fica abaixo de 25 das 39.¹ Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 29 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentam mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 24 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentam mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 39 MSS cotejados (completos, ou quase), 17 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentam mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de 1 Tessalonicenses, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para 2 Tessalonicenses – forma final

Para este livro a família é muito sólida; nenhuma variante tem mais do que dois MSS! Segue-se que não existiam divisões a verificar. Simplesmente não há dúvidas sobre a redação do arquétipo. Contudo, darei a força da evidência capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 38 MSS cotejados (completos, ou quase), 28 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentam mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a

¹ A título de retrospectiva, para todos os livros, para qualquer capítulo e qualquer palavra dentro desse capítulo, sua atestação mínima será o total dos MSS cotejados (para o capítulo) menos o número de MSS para a maior divisão.

forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 38 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentam mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 38 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentam mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 12. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de 2 Tessalonicenses, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para 1 Timóteo – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes trinta-e-sete MSS representativos – 18, 35, 201, 204, 328, 386, 394, 444, 604, 757, 824, 928, 959, 986, 1072, 1075, 1100, 1247, 1249, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1761, 1768, 1855, 1864, 1865, 1876, 1892, 1897, 2080, 2466, 2554, 2587 e 2723.

Nos sete locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes 53 MSS: 141, 149, 432, 522, 634, 664, 801, 1040, 1058, 1248, 1250, 1400, 1482, 1508, 1617, 1618, 1628, 1636, 1652, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1767, 1856, 1858, 1899, 1948, (1958), 2009, 2218, 2221, 2255, 2261, 2352, 2378, 2431, 2501, 2626, 2653, 2691, 2704, 2774, 2777, (2817).

Esses 90 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros quatro que eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ Os MSS dentro de () são membros marginais. Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que

¹ 1161, 1913, 2289, 2675.

atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.9—πατραλοιαις || πατρολωαις 201,757,824,986,1072,1075,1503,1637,1864,1865,1876, 1892,2080,2723 {(141),149,522,1040,1248,1508,1617,1618,1628,1636, 1652,1726,1740,1745,1746,1748,1767,1948,1958,2009,2352,2378,2431, 2626,(2774),2777,2817}

1.9—μητραλοιαις || μητρολωαις 201,757,824,986,1072,1075,1503,1637,1864,1865,1876, 1892,2080,2723 {(141),149,522,1040,1248,1508,1617,1618,1628,1636, 1652,1726,1740,1745,1746,1748,1767,1948,1958,2009,2352,2378,2431, 2626,(2774),2777,2817}

A atestação é praticamente idêntica para os dois conjuntos, e então irei discuti-los juntos. Dos 90 MSS, três estão faltando e dois são mistos, portanto, dos 85 MSS conhecidos (dentro da família), 41 têm as variantes, o que equivale a 48,2%. Liddell e Scott consideram que as primeiras leituras são as formas primitivas e básicas, e que as variantes são grafias alternativas das mesmas palavras. As grafias alternativas não são variantes adequadas, uma vez que a identidade e o significado das palavras não são afetados. Por que monges medievais ressuscitariam formas clássicas, se o seu exemplar tivesse a grafia do Koinê do tempo deles? A pressão seria na direção oposta. Liddell & Scott consideram ainda que a área semântica inclui tanto um ‘batedor’ como um ‘assassino’; no contexto, “batedor” faz mais sentido, uma vez que o próximo crime listado é “assassinato”. Por que citar “assassinato” três vezes? Uma lista normal não repete itens. Embora a atestação de 48,2% seja certamente significativa, neste caso não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

4.1—πλανοις 1876^c || πλανης 201,328,394,604,928,959,1247,1249,1855,1876,2080 {141,149, 522,664,801,1250,1508,1618,1704,1723,1737,1746,1749,1763,1767,1856, 1899,1948,1958,2009,2218,2255,2431,2653,2691,2704,2774,2777}

Dos 90 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 39 têm a variante, o que equivale a 43,3%. É um adjetivo ou um substantivo? São ‘espíritos enganadores’ ou ‘espíritos de engano’? São duas maneiras de dizer a mesma coisa, e então pode ser qualquer uma delas. Embora a atestação de 43,3% seja certamente significativa, neste caso não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.3—εγκονα || εγγονα 328,394,928,959,1247,1249,1855,2587 {664,1058,1482,1508,1723,1749, 1752,1763,1856,1899,2255,2704}

Dos 90 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 20 têm a variante, o que equivale a 22,2%. As variantes são

grafias alternativas da mesma palavra, sendo a segunda um simples caso de assimilação ou atração fonética. De qualquer forma, com apenas 22,2% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.18—α`λοωντα || αλοωντα 35,328,386,394,444,959,1247,1249,1855,1865,2587 {634,1040,1058,1250,1482,1652,1745,1746,1749,1752,1767,2255,2691,2704,2817}

Dos 90 MSS, faltam dois, e portanto, dos 88 MSS conhecidos (dentro da família), 26 têm a variante, o que equivale a 29,5%. A primeira vogal é aspirada ou não? A aspiração está correta, mas sua falta seria apenas uma grafia alternativa e, portanto, não uma variante adequada. O substantivo equivalente é escrito em todos os lugares com aspiração. De qualquer forma, a atestação de 29,5% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.21—προσκλισιν || προσκλησιν 35,204,386^{alt},444,604,757,986,1100,1247,1249,1503,1548,1637,1732,1768,1855,1865,1892,2080,2466,2723 {141,522,634,1040,1400,1508,1617^{alt},1628,1704,1723,1726,1737,1746,1763,1767,1958,2218,2255,2261,2378,2653,2691,2704,2777,2817}

Dos 90 MSS, falta um, então dos 89 MSS conhecidos (dentro da família) 44 têm a variante, o que equivale a 49,4%. Aqui temos uma divisão igual. São substantivos diferentes, mas cada um ocorre apenas aqui no NT, e portanto não temos contextos diferentes para nos ajudar. O significado básico da segunda forma era “uma intimação judicial”, o que simplesmente não se enquadra neste contexto. No entanto, precisamente para este contexto, as duas formas aparentemente foram consideradas como sinónimos significando “parcialidade” (as duas vogais foram pronunciadas da mesma forma). De acordo com os meus pressupostos, tanto o Espírito Santo quanto o apóstolo Paulo eram bons em grego, de sorte que se quisessem dizer “parcialidade”, usariam a palavra com esse significado básico. Então, apesar da divisão, considero que a primeira forma reproduz o arquétipo.

6.20—παραθηκην 35^c || παρακαταθηκην 35,604,1732^c,1768,2080 {141,801,1704,1723^c,1737,1746,1899,(1948^m),1958,2218,2501,2653,2691}

Dos 90 MSS, falta um, então dos 89 MSS conhecidos (dentro da família) 15 têm a variante, o que equivale a 16,9%. Os substantivos são diferentes, mas no contexto são praticamente duas maneiras de dizer a mesma coisa. De qualquer forma, a atestação de 16,9% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos sete locais onde há uma divisão de pelo

menos 10%. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de 1 Timóteo, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que quatorze MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 14 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 26 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 29 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que onze MSS. Dos 37 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que vinte MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 6 são representantes perfeitos do arquétipo

neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. A maior divisão, mais duas de tamanho médio, estão todas no capítulo 5. Nenhuma palavra terá menos do que 16 MSS. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquetipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de 1 Timóteo, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquetipo da Família 35 para 2 Timóteo – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes trinta-e-seis MSS representativos – 18, 35, 201, 204, 328, 386, 394, 444, 604, 757, 824, 928, 959, 986, 1072, 1075, 1100, 1247, 1249, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1761, 1768, 1855, 1864, 1865, 1876, 1892, 2080, 2466, 2554, 2587 e 2723.

Nos três locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes **54** MSS: 141, 149, 432, 522, 634, 664, 801, 1040, 1058, 1248, 1250, 1400, 1482, 1508, 1617, 1618, 1628, 1636, 1652, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1767, 1856, 1858, 1897, 1899, 1948, (1958), 2009, 2218, 2221, 2255, 2261, 2352, 2378, 2431, 2501, 2626, 2653, 2691, 2704, 2774, 2777, (2817).

Esses 90 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros quatro que eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ Os MSS dentro de () são membros marginais. Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram

¹ 1161, 1913, 2289, 2675.

verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.16—επισχυνοθη 35^c,1732^c || επισχυνοθη 35,204,1732,2466 {141,522,801,1726,1737,1763,1897,2218,2261,2378,2431,2501,2653,2691,2774}

Dos 90 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 19 têm a variante, o que equivale a 21,1%. Estas são grafias alternativas do aoristo passivo indicativo do mesmo verbo, e portanto esta não é uma variante adequada. De qualquer forma, com apenas 21,1% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.6—ενδουοντες || ενδουοντες 328,394,604,928,959,1247,1249,1768,1892^c,2587 {141,432,664,1058,1482,1508,1618,1723,1737,1746,1749,1752,1763,1856,1897,1899,2218,2221,2501,2653,2704,2777,2817}

Dos 90 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 32 têm a variante, o que equivale a 35,6%. Temos verbos diferentes, o segundo significado é 'mover-se furtivamente' ou 'entrar sorrateiramente'. O significado básico do primeiro verbo é 'entrar' ou 'entrar com força', que com o tempo foi obscurecido pelo uso estatisticamente predominante com referência para entrar em roupas (em português falamos em 'vestir' roupas), exceto que para esse uso o verbo normalmente está na voz média, não na ativa, como aqui. No contexto, a descrição de tais pessoas, dada nos versículos 2-5, não concorda com 'mover-se furtivamente' ou 'entrar sorrateiramente' – elas entram abertamente, exalando confiança e competência. O primeiro verbo é provavelmente correto. Embora a atestação de 35,6% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.14—επιστωθης || επιστευθης 204,444,1548,1725,1732,1761,1768,1855,1876,2080,2554,2587 {432,664,801,1058,1250,1704,1726,1752,2221,2255,2261,2378,2501,2626,2691,2704,2774}

Dos 90 MSS, faltam quatro, e portanto, dos 86 MSS conhecidos (dentro da família), 29 têm a variante, o que equivale a 33,7%. Novamente temos dois verbos muito semelhantes, ambos no aoristo passivo Indicativo. É 'sobre o qual você foi assegurado' ou 'ao qual você foi comprometido'? Ambos fazem sentido e fazem pouca diferença para a mensagem do parágrafo. No entanto, a atestação de 33,7% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos três locais onde há uma divisão de pelo menos 10%. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar

a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de 2 Timóteo, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido em meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 35 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 20 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que doze MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 10 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. As duas maiores divisões se enquadram no capítulo três. Nenhuma palavra terá menos de 24 MSS. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 17 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de 2 Timóteo, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para Tito – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes trinta-e-seis MSS representativos – 18, 35, 201, 204, 328, 386, 394, 444, 604, 757, 824, 928, 959, 986, 1072, 1075, 1100, 1247, 1249, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1761, 1768, 1855, 1864, 1865, 1876, 1892, 2080, 2466, 2554, 2587 e 2723.

Nos quatro locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes **54** MSS: 141, 149, 432, 522, 634, 664, 801, 1040, 1058, 1248, 1250, 1400, 1482, 1508, 1617, 1618, 1628, 1636, 1652, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1767, 1856, 1858, 1897, 1899, 1948, (1958), 2009, 2218, 2221, 2255, 2261, 2352, 2378, 2431, 2501, 2626, 2653, 2691, 2704, 2774, 2777, (2817).

Esses 90 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros quatro que eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ Os MSS dentro de () são membros marginais. Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

2.2—πρεσβυτας || πρεσβυτερους 328,394,928,959,1247,1249 {1482,1508,1652,1723,1749, 1856,1899}

Dos 90 MSS, falta um, então dos 89 MSS conhecidos (dentro da família) 13 têm a variante, o que equivale a 14,6%. É um substantivo ou um adjetivo? No contexto, o substantivo está claramente correto. De qualquer forma, com apenas 14,6% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.7—αδιαφοριαν || αδιαφοριαν 35^c,201,204,386,444,757,824,986,1075,1503^c,1637^c,1725, 1732,1768,1864^c,1865,1876,2466,2554,2723^c {149,432,522,634,801,1250, 1400,1617,1628,1704,1733,1748,1767,1858,1948,1958,2009,2221,2261, 2352,2378,2501,2626,2691}

Dos 90 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 39 têm a variante, o que equivale a 43,3%. αδιαφορια,

¹ 1161, 1913, 2289, 2675.

‘indiferença /descuido’, era uma palavra comum no grego clássico, enquanto ἀδιαφορία, ‘integridade’, aparentemente não existia no grego clássico, e alguns escribas podem ter escrito a palavra mais comum sem pensar. Além disso, φθ → φ seria uma alteração mais fácil que o inverso, sendo uma simplificação fonética previsível; além disso, a consoante dupla é mais difícil de pronunciar. 91,9% de todos os manuscritos gregos conhecidos têm a consoante dupla, embora 8,3% o façam numa forma mais curta da palavra. Em qualquer caso, é pouco crível que Paulo diria a Tito para ensinar com indiferença ou descuido, de modo que aqueles que lessem a forma mais curta presumivelmente lhe dariam um significado derivado de imparcialidade. De acordo com os meus pressupostos, tanto o Espírito Santo quanto o apóstolo Paulo eram bons em grego, e por isso, se quisessem dizer “integridade”, usariam a palavra com esse significado básico. Pois então, apesar da divisão, considero que a primeira forma reproduz o arquétipo.

2.11—γαρ || --- 328,394,432,1100,1247 {432,664,1400,1749,1763,1767}

Dos 90 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 11 têm a variante, o que equivale a 12,2%. No contexto, a conjunção é esperada, embora não seja estritamente necessária. Mas, em qualquer caso, com apenas 12,2% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.9—ερις 394^c,1768^c || ερεις 201,394,604,986,1247,1249^c,1548,1768,1855^c {149,522,664,801,1508,1723,1737,1899,1948,1958,2009,2218,2255,2626,2653,2691,2817}

Dos 90 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 24 têm a variante, o que equivale a 26,7%. O substantivo é singular ou plural? Os outros substantivos da lista são todos plurais, e os copistas mudariam o singular para o plural sem pensar, mas que razão alguém teria para fazer a mudança inversa? Embora o singular seja inesperado, faz sentido; a atestação de 26,7% não justifica alteração. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos quatro locais onde há uma divisão de pelo menos 10%. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de Tito, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi

perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que quinze MSS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 13 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Acontece que três das divisões no livro se enquadram neste capítulo. Para qualquer palavra a atestação nunca fica abaixo de 21 das 36. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Tito, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou o Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para Filemom – forma final

Para este livro a família é muito sólida; nenhuma variante tem mais do que um único MS! Segue-se que não existiam divisões a verificar. Simplesmente não há dúvidas sobre a redação do arquétipo. Contudo, darei a força da evidência para um capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 36 MSS cotejados (completos, ou quase), 29 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo e, portanto, para o livro, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão muitos mais (o livro é tão curto que

o os copistas não tinham tempo para ficar cansados ou entediados). Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa desta carta.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Filemom, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou o Seu Texto.

O arquetipo da Família 35 para Hebreus – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes trinta e quatro MSS representativos – 18, 35, 201, 204, 328, 386, 394, 444, 604, 757, 824, 928, 959, 1072, 1075, 1100, 1248, 1249, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1761, 1768, 1855, 1864, 1865, 1892, 2080, 2466, 2554, 2587 e 2723.

Nos oito locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos MSS cotejados), verifiquei os seguintes **53** MSS: 149, 432, 522, 634, 664, 801, 986, 1040, 1058, 1247, 1250, 1400, 1482, 1508, 1617, 1618, 1628, 1636, 1652, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1767, 1856, 1876, 1899, 1948, (1958), 2009, 2218, 2221, 2255, 2261, 2352, 2378, 2431, 2501, 2626, 2653, 2691, 2704, 2774, 2777, (2817).

Esses 87 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. Negligenciei outros quatro que eram difíceis de ler ou não estavam disponíveis.¹ Os MSS dentro de () são membros marginais. Mais alguns representantes da família poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Com uma exceção, apenas os MSS que atestam a variante minoritária são alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

3.17—επεσεν || επεσον 959,1248,1548,1892 {664,801,986,1617,1618,1723,1726,1737,1740, 1746,1752,1763,2218,2501,2653,2691,2704,2777}

Dos 87 MSS, falta um, e portanto, dos 86 MSS conhecidos (dentro da família), 22 têm a variante, o que equivale a 25,6%. Singular ou plural? O sujeito do verbo é ‘cujos membros’, referindo-se aos membros ou membros do corpo, mas presumivelmente o autor não estava dizendo que essas pessoas perderam um braço ou uma perna de cada vez. Foi o corpo inteiro,

¹ 1161, 1913, 2289, 2675.

ou cadáver, que caiu, e cada pessoa só teve um corpo para cair. Os membros são tratados como uma unidade e, portanto, singulares, como em todos os MSS mais antigos e na maioria dos MSS bizantinos. Alguns copistas não entenderam e mudaram o verbo para concordar com o substantivo plural. De qualquer forma, a atestação de 25,6% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

4.16—προσερχομεθα || προσερχομεθα 394,824,1725,1768 {522,1058,1250,1508,1749, 1763,1876,1899,2009,2255,2501,2704,2774}

Dos 87 MSS, falta um, e portanto, dos 86 MSS conhecidos (dentro da família), 17 têm a variante, o que equivale a 19,8%. Subjuntivo ou Indicativo? No contexto o Subjuntivo é melhor, embora o Indicativo seja possível. No entanto, com apenas 19,8% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.14—μωσσης || μωσης 328,386,394,1249 {634,664,1247,1482,1508,1745,1749,1856,1899,2218, 2626}

Dos 87 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 15 têm a variante, o que equivale a 17,2%. Temos grafias alternativas de um nome próprio, o que não é uma variante própria. De qualquer forma, com apenas 17,2% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.1—πρωτη 35^c,1503^c,1637^c,1864^c,2723^c || 1 σκηνη 35,757,824,1075,1249,1503,1548,1637,1761, 1864^{a,2},1865,1876,1892,2466,2587,2723 {149,664,801, 1040,1058,1247^{ai},1250,1400,1508,1617,1618^c,1628, 1636^c,1652,1723^c,1726,1737^c,1740,1745,1746,1748,1749, 1752,1763,1767,1876,1948,1958,2218,2261,2352,2387, 2431,2501,2626,2691,2704,2774}

Dos 87 MSS, dois são diferentes, e portanto dos 85 MSS conhecidos (dentro da família) 49 têm a variante, o que equivale a 57,6%. Este é incômodo. Todo o capítulo 8 é sobre uma nova e melhor aliança, em comparação com a primeira, e o último versículo (13) tem “a primeira”. Isto é repetido no início de 9:1, e “aliança” deve ser entendida em ambos os lugares; dois MSS realmente fornecem a palavra. No entanto, como o versículo 2 se refere ao 'Lugar Santo' como o primeiro tabernáculo, em algum momento alguém entendeu mal o versículo 1 e acrescentou oficiosamente 'tabernáculo' (não encontrado em nenhum MS dos mais antigos, nem na maioria considerável dos MSS bizantinos).). Aqui temos evidência de que os copistas reproduziram fielmente o exemplar que copiavam; poucos deles analisariam o texto à medida que avançavam. Contudo, colocar

“tabernáculo” no versículo 1 é claramente incorreto, uma vez que a primeira tenda, o Lugar Santo, não continha o Santo dos Santos; eles eram separados por uma cortina pesada. O “santuário terrestre”, no final do versículo 1, de fato continha ambos os lugares e fazia parte da primeira aliança. Pois então, embora a primeira forma seja atestada por uma minoria de MSS dentro da família, considero que reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.7—προσφερει || προσφεροι 757,824,1072,1075,1503,1864,1892 {1040,1628,1636,1652, 1733,1740,1745,1748,2352}

Dos 87 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 16 têm a variante, o que equivale a 18,4%. Indicativo ou Optativo? No contexto, o Indicativo está claramente correto. Mas, em qualquer caso, com apenas 18,4% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.12—ευρομενος || ευραμενος 201,204,604,959,1248,1732,1761,1768,1855,1892,2587 {149, 432,522,664,801,1058,1247,1250,1618,1636,1723,1726,1740,1752,1763,1876, 1948,1958,2009,2221,2255,2261,2378,2501,2626,2653,2691,2704,2774,2777}

Dos 87 MSS, falta um, então dos 86 MSS conhecidos (dentro da família) 41 têm a variante, o que equivale a 47,7%. Estas são grafias alternativas da mesma forma, e portanto não é uma variante adequada; são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Os MSS bizantinos atestam massivamente o ‘a’, o que presumivelmente influenciou alguns copistas; os melhores representantes da família têm o ‘o’. Embora a atestação de 47,7% seja certamente significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. Considero que a primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.14—υμων || ημων 201,328,394,604,928 {149,522,1040,1247,1482,1508,1723,1749,1856,1899, 1948,1958,2009,2221,2431}

Dos 87 MSS, faltam dois, e portanto, dos 85 MSS conhecidos (dentro da família), 20 têm a variante, o que equivale a 23,5%. É 2ª pessoa ou 1ª pessoa? Qualquer um deles faz muito sentido e ambos são verdadeiros. No entanto, com apenas 23,5% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

11.9—εις || ι την 1100,1248,1761,1768 {664,801,1247,1723,1740^e,1899,2218,2378,2431,2501,2691}

Dos 87 MSS, faltam dois, e portanto, dos 85 MSS conhecidos (dentro da família), 14 têm a variante, o que equivale a 16,5%. É ‘para dentro de uma terra’ ou ‘para dentro da terra’? Qualquer uma das duas opções faz sentido, mas com apenas 16,5% de atestação, a variante não é uma candidata

confiável. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isto completa a discussão dos oito locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos 34. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções (com uma exceção). Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro de Hebreus, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirimo que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 25 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 18 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a

forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 30 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 2. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 26 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Capítulo 7: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo sete.

Capítulo 8: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 24 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo oito.

Capítulo 9: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 4 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Acontece que quatro das oito divisões caem neste capítulo, incluindo as duas maiores. No entanto, nenhuma palavra terá menos de 18 MSS. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 2. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo nove.

Capítulo 10: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dez.

Capítulo 11: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 10 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 12. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo onze.

Capítulo 12: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 21 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo doze.

Capítulo 13: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 34 MSS cotejados (completos, ou quase), 24 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo treze.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35 para o livro de Hebreus, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para Tiago – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes 44 representantes da família para Tiago: 18, 35, 141, 149, 201, 204, 328, 386, 394, 432, 604, 757, 824, 928, 986, 1072, 1075, 1100, 1248, 1249, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1754, 1761, 1768, 1855, 1858, 1864, 1865, 1876, 1892, 1897, 2221, 2303, 2352, 2431, 2466, 2554, 2587, 2626 e 2723.

Nos três locais onde há uma divisão de pelo menos 10%, verifiquei os seguintes 45 MSS: 209, 226, 634, 664, 801, 1040, 1058, 1101, 1140, 1247, 1250, 1482, 1508, 1617, 1618, 1619, 1628, 1636, 1652, 1656, 1704, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1766, 1767, 1856, 1899, 2080, 2218, 2261, 2378, (2501), (2653), 2691, 2704, 2777.

Esses 89 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis; Negligenciei quatro outros que estão embaralhados, incompletos ou difíceis de ler. Alguns representantes da família a mais poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

2.6—ητιμασατε 1892^c || ητοιμασατε 149,201,328,986,1072,1892,2352 {1617,1767,2704}

Dos 89 MSS, 1 é diferente, então dos 88 MSS conhecidos (dentro da família) 10 têm a variante, o que equivale a 11,4%. Este é curioso, porque a vogal extra altera o verbo, de ‘desonrar’ para ‘preparar’, o que não faz sentido no contexto. Talvez tenha sido um caso de ditografia. De qualquer forma, com apenas 11% de atestação, a variante não é uma candidata séria. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.13—ελειον || ελεος 328,394,432,604,928,986,1249,1548,1725,1732^{alt},1897,2587 {209,634,664,1058,1247,1482,1619^c,1636,1749,1752,1766,1856,2080,2704}

Dos 89 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 89 MSS conhecidos (dentro da família), 24 têm a variante, o que equivale a 27%; no entanto, 13 deles fazem parte de um subgrupo, o que poderia reduzir essa porcentagem em cerca de metade. O caso é acusativo ou nominativo? No contexto, considero que a ‘lei da liberdade’ deve ser entendida como o sujeito do verbo e, nesse caso, o Acusativo está correto. Mas, em qualquer caso, com apenas 27% (ou muito menos) de atestação, a variante não é um concorrente sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.14—εχει || εχη 141,328,386,394,604,928,986,1075,1249,1548,1855,1876,2431,2587,2626 {634,664,801,1058,1140,1247,1250,1482,1508,1656,1704,1737,1746,1748,1749,1752,1766,1856,1899,2218,2501,2653,2704}

Dos 89 MSS, falta 1, e portanto dos 88 MSS conhecidos (dentro da família) 38 têm a variante, o que equivale a 43,2%; no entanto, 15 deles fazem parte de um subgrupo (com vários outros à sua margem), o que poderia reduzir essa porcentagem em cerca de um terço. Indicativo ou Subjuntivo? No contexto, “se alguém diz” é propriamente Subjuntivo, enquanto “mas não tem obras” é propriamente Indicativo. É o fato de não haver obras que torna a afirmação espúria. Embora a atestação de 43,2% para a variante seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança (ainda mais se subtrairmos o subgrupo). A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos três locais onde há uma divisão de pelo menos 10%. Como é típico da variação dentro da família, a mudança envolve uma única letra; no terceiro caso as formas tinham a mesma pronúncia. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para o livro de Tiago, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to*

Family 35. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirimo que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS que foram totalmente cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 44 MSS cotejados (completos, ou quase), 27 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 13. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Todas as três divisões discutidas acima estão neste capítulo; essas discussões entram em jogo aqui. Nenhuma variante tem mais do que quinze MSS. Dos 44 MSS cotejados (completos, ou quase), 11 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 44 MSS cotejados (completos, ou quase), 29 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 44 MSS cotejados (completos, ou quase), 26 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 44 MSS cotejados (completos, ou quase), 23 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma

arquetípica precisa da Família 35, para o livro de Tiago, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para 1 Pedro – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes 43 representantes da família para 1 Pedro: 18, 35, 141, 149, 201, 204, 328, 386, 394, 432, 604, 757, 824, 928, 986, 1072, 1075, 1100, 1248, 1249, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1754, 1761, 1768, 1855, 1858, 1864, 1865, 1876, 1892, 1897, 2221, 2352, 2431, 2466, 2554, 2587, 2626 e 2723.

Nos nove locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (dos 43), verifiquei os seguintes 46 MSS: 209, 226, 634, 664, 801, 1040, 1058, 1101, 1140, 1247, 1250, 1482, 1508, 1617, 1618, 1619, 1628, 1636, 1652, 1656, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1766, 1767, 1856, 1899, 2080, 2218, 2261, 2378, (2501), (2653), 2691, 2704, 2777.

Esses 89 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis; negligenciei quatro outros que estão embaralhados, incompletos ou difíceis de ler. Alguns representantes da família a mais poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.23— $\alpha\lambda\lambda$ || $\alpha\lambda\lambda\alpha$ 149,201,432,604,757,824,1072,1075,1248,1503,1548,1637,1754,1768,1864, 1892,2352,2431 {209,226,1040,1250,1617,1618,1619,1628,1636,1652,1656,1723, 1740,1745,1746,1748,1763,2691^c,2777}

Dos 89 MSS, faltam 2, e portanto dos 87 MSS conhecidos (dentro da família) 36 têm a variante, o que equivale a 41,4%; no entanto, 27 deles fazem parte de um subgrupo, o que reduziria essa porcentagem em bem mais de metade. A palavra seguinte começa com um alfa, e é fonologia normal que duas vogais idênticas sejam reduzidas a uma quando justapostas. Neste caso temos grafias alternativas que não afetam o significado. Embora uma atestação de 41,4% para a variante seja significativa, se for reduzido em mais da metade, já não é um candidato sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.9— $\epsilon\zeta\alpha\gamma\gamma\epsilon\iota\lambda\eta\tau\epsilon$ 757^c,1503^c,1637^c,1864^{alt} || $\epsilon\zeta\alpha\gamma\gamma\epsilon\lambda\lambda\eta\tau\epsilon$ 604,757,1075,1503,1548,1637,

1754,1864,2352 {1619,1628,1652,1656,1740,1745,
2691}

Dos 89 MSS, um está faltando e seis são diferentes; portanto, dos 82 MSS conhecidos (dentro da família), 16 têm a variante, o que equivale a 19,5%. O tempo é aoristo ou presente? No contexto, a tradução será a mesma. Mas, em qualquer caso, com apenas 19,5% de atestação, a variante não é um concorrente sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.11—*απεχεσθαι* 1072^{alt} || *απεχεσθε* 149,201,204,604^c,757^c,824,1072,1248,1503^c,1548,1637^c,
1864^{alt},2352,2431 {209^{alt},1040^{alt},1617,1618,1619^{alt},1628^{alt},1652^{alt},
1656^c,1745^{alt},1746,1748,1899,2704,2777}

Dos 89 MSS, faltam 2, e portanto dos 87 MSS conhecidos (dentro da família) 16 têm a variante, o que equivale a 18,4%; porém, 13 fazem parte de um subgrupo, o que desqualificaria esta variante. Parece que o Infinitivo e o Imperativo eram frequentemente usados de forma intercambiável, com pouca ou nenhuma diferença de significado, como aqui. Mas, em qualquer caso, com apenas 18,4% de atestação (ou menos), a variante não é uma candidata séria. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.24—*απογενομενοι* || *απογεννωμενοι* 394,432,928,986,1249,1548,1768,1855,2587 {664,
1058,1247,1482,1508,1723,(1749^c),(2704)}

Dos 89 MSS, 6 são diferentes, e portanto dos 83 MSS conhecidos (dentro da família) 16 têm a variante, o que equivale a 19,3%. A variante parece ser baseada em um verbo não encontrado no NT que pode significar “destruir”, mas seria estranho neste contexto. Mas, em qualquer caso, com apenas 19,3% de atestação, a variante não é um concorrente sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.6—*εγεννηθητε* || *εγεννηθητε* 604,1637,1732,1876,2431,2587,2626 {209,226,664,801,1058,
1247,1250,1618,1748,1752,1763,1899,2653,2704,2777}

Dos 89 MSS, dois são diferentes, e portanto dos 87 MSS conhecidos (dentro da família) 22 têm a variante, o que equivale a 25,3%. O *nu* extra altera o verbo, fazendo-as gestar os filhos de Sara fazendo o bem, o que não faz sentido; o *nu* extra provavelmente é apenas um erro. Mas, em qualquer caso, com apenas 25,3% de atestação, a variante não é um concorrente sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

4.2—*του* || --- 149,201,432,604,757,824,1072,1075,1248,1503,1548,1637,1761,1768,1864,1892,
2352,2431 {209,226,1040,1101,1508^c,1617,1618,1619,1636,1652,1656,1737,1740,
1745,1746,1748,1766,1856,1899,2218,2261,2501,2653,2691,2777}

Dos 89 MSS, faltam dois, e portanto dos 87 MSS conhecidos (dentro da família) 42 têm a variante, o que equivale a 48,3%; no entanto, 28 deles

fazem parte de um subgrupo, o que reduziria essa percentagem em bem mais da metade. O caso genitivo define: então a tradução será a mesma com qualquer uma das variantes. A enorme atestação da variante fora da família provavelmente influenciou vários copistas. Embora uma atestação de 48,3% para a variante seja significativa, se for reduzida em mais da metade, já não é um candidato sério. Entendo que a primeira forma reproduz o arquétipo, embora possa haver alguma dúvida.

4.11—ως || ης 141^c,149,201,432,604,757,824,1072,1075,1248,1503,1637,1864,1982,2352,2431 {226, 1040,1508,1617,1618,1619,1628,1636,1652,1656,1737,1740,1745,1746,1748,1856,2218, 2691,2777}

Dos 89 MSS, um é diferente, e portanto dos 88 MSS conhecidos (dentro da família) 34 têm a variante, o que equivale a 38,6%; no entanto, 24 deles fazem parte de um subgrupo, o que reduziria essa percentagem em bem mais da metade. É ‘como Deus fornece’ ou ‘que Deus fornece’? Ambos fazem sentido e a mudança poderia ser feita quase sem pensar. Embora uma atestação de 38,6% para a variante seja significativa, se for reduzida em mais da metade, já não é um candidato sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.7—μελει || μελλει 141,432,604,824,986,1248,1249,1768,1876,1892,2352,2431,2626 {209,226, 801,1247,1250,1508,1617,1723,1726,1748,1752,1763,1766,1899,2261,2501,2653,2691}

Dos 89 MSS, três estão faltando e um é diferente; portanto, dos 85 MSS conhecidos (dentro da família), 31 têm a variante, o que equivale a 36,5%; no entanto, 10 deles fazem parte de um subgrupo, o que reduziria essa percentagem em quase um terço. A letra adicionada muda o verbo de ‘se importar’ para ‘estar prestes a’. No contexto, a variante não faz sentido. Por alguma razão, este conjunto específico de variantes ocorre repetidamente no NT. Embora a atestação de 36,5% para a variante seja significativa (se não reduzida), não é suficiente para justificar uma mudança, tanto mais que não faz sentido. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

5.8—καταπειν 394^{alt} || καταπιη 328,394,604,928,986,1075,1249,1761,1855,1892^c,2431,2587^c {664,1058^c,1247,1482,1508,1628^{alt},1723,1745^m,1748,1749,1752,1763,1766, 1899,2704}

Dos 89 MSS, 3 estão faltando e um é diferente; portanto, dos 85 MSS conhecidos (dentro da família), 22 têm a variante, o que equivale a 25,9%; porém, 16 deles fazem parte de um subgrupo, o que desqualificaria esta variante. É Infinitivo ou Subjuntivo; ‘alguém para devorar’, ou ‘alguém que ele possa devorar’? São quase duas maneiras de dizer a mesma coisa. Mas, em qualquer caso, com apenas 25,9% (ou menos) de atestação, a variante não é um concorrente sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos nove locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (dos 43). Como é típico da variação dentro da família, as diferenças são pequenas. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família do livro de 1 Pedro, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, O Novo Testamento Grego de acordo com a Família 35. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo da família foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS que foram totalmente cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que 17 MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 11 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que nove MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 14 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 16 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que 17 MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 16 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que doze MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 17 são representantes perfeitos do

arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35 para o livro de 1 Pedro, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para 2 Pedro – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes 43 representantes da família para 2 Pedro: 18, 35, 141, 149, 201, 204, 328, 386, 394, 432, 604, 757, 824, 928, 986, 1072, 1075, 1100, 1248, 1249, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1754, 1761, 1768, 1855, 1858, 1864, 1865, 1876, 1892, 1897, 2221, 2352, 2431, 2466, 2554, 2587, 2626 e 2723.

Nos seis locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (nos 43), verifiquei os seguintes 45 MSS: 209, 226, 634, 664, 801, 1040, 1058, 1101, 1140, 1247, 1250, 1482, 1508, 1617, 1618, 1619, 1628, 1636, 1652, 1656, 1704, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1766, 1767, 1856, 1899, 2080, 2218, 2261, 2378, (2501), (2653), 2691, 2704, 2777.

Esses 88 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis; negligenciei quatro outros que estão embaralhados, incompletos ou difíceis de ler. Alguns representantes da família a mais poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.14—ταχινη || ταχεινη 394,432,604,1100,1768,2221 {801,1058,1101,1746,1749,2261,2378*,2691}

Dos 88 MSS, um está faltando e um é diferente; portanto, dos 86 MSS conhecidos (dentro da família), 14 têm a variante, o que equivale a 16,3%. Estas parecem ser grafias alternativas da mesma palavra que não afetam o significado. Mas, em qualquer caso, com apenas 16,3% de atestação, a variante não é um concorrente sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

1.19—διαλογαση || διαλογασει 328,386,394,1754,2587 {226,664,1058,1247,1482,1737,1749, 1752,1763,1766,1856,2218,2653,2704}

Dos 88 MSS, um é ilegível, e portanto dos 87 MSS conhecidos (dentro da família) 19 têm a variante, o que equivale a 21,8%. O tempo verbal é aoristo subjuntivo ou futuro indicativo? No contexto, a tradução será a mesma. Mas, em qualquer caso, com apenas 21,8% de atestação, a variante não é um concorrente sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

1.21— $\eta\nu\epsilon\chi\theta\eta$ || $\eta\nu\epsilon\gamma\chi\theta\eta$ 394,928,986,1249,1548 {1058,1482,1749,1752,2704}

Dos 88 MSS, falta um, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 10 têm a variante, o que equivale a 11,5%. Estas parecem ser grafias alternativas da mesma forma. Mas, em qualquer caso, com apenas 11,5% de atestação, a variante não é um concorrente sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

2.14— $\pi\lambda\epsilon\omicron\nu\epsilon\xi\iota\alpha\varsigma$ || $\pi\lambda\epsilon\omicron\nu\epsilon\xi\iota\alpha\nu$ 394,928,1249,1855,1876,2587,2626 {664,801,1058,1250,1482,1508,1726,1749,1752,1763,2261,2378,2691,2704}

Dos 88 MSS, falta um, e portanto, dos 87 MSS conhecidos (dentro da família), 21 têm a variante, o que equivale a 24,1%; no entanto, 11 deles fazem parte de um subgrupo, o que reduziria essa percentagem em cerca da metade. O caso é genitivo ou acusativo? No contexto, o genitivo está correto. Mas, em qualquer caso, com apenas 24,1% de atestação (ou menos), a variante não é uma candidata séria. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.1— $\epsilon\dot{\iota}\lambda\iota\kappa\rho\iota\nu\eta$ || $\epsilon\iota\lambda\iota\kappa\rho\iota\nu\eta$ 149,201,432,604,1548,1761,1768,1876,2221 {226,664,801,1140,1250,1618,1704,1767,2691,2704}

Dos 88 MSS, faltam dois, e portanto, dos 86 MSS conhecidos (dentro da família), 19 têm a variante, o que equivale a 22,1%. Visto que aspiração é fonêmica em grego, deve ser escrita, quando aplicável. Neste caso, temos grafias alternativas da mesma palavra. A primeira metade da palavra parece estar relacionada com a palavra luz solar, que é aspirada, o que poderia explicar porque um derivado também é aspirado. Mas, em qualquer caso, com apenas 22,1% de atestação, a variante não é um concorrente sério. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.3— $\gamma\iota\nu\omega\sigma\kappa\omicron\nu\tau\alpha\varsigma$ || $\gamma\iota\nu\omega\sigma\kappa\omicron\nu\tau\alpha\varsigma$ 328,394,928,1249,1855,2587 {664,1058,1247,1482,1508,1618,1749,1752,1856,2080*,2704}

Dos 88 MSS, faltam dois, e portanto, dos 86 MSS conhecidos (dentro da família), 17 têm a variante, o que equivale a 19,8%; porém, 13 deles fazem parte de um subgrupo, o que desqualificaria a variante. O caso é nominativo ou acusativo? O acusativo não se enquadra neste contexto, portanto o nominativo está correto. Mas, em qualquer caso, com apenas 19,8% de atestação (ou menos), a variante não é uma candidata séria. A primeira

forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos seis locais onde há uma divisão de pelo menos 10% dos MSS cotejados. Como é típico da variação dentro da família, as diferenças são pequenas. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para o livro de 2 Pedro, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, O Novo Testamento Grego de acordo com a Família 35. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmando que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS que já foram totalmente cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 18 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 19 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 11. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que nove MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 14 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35, para o livro de 2 Pedro, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para 1 João – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes 43 representantes

da família para 1 João: 18, 35, 141, 149, 201, 204, 328, 386, 394, 432, 604, 757, 824, 928, 986, 1072, 1075, 1100, 1248, 1249, 1503, 1548, 1637, 1725, 1732, 1754, 1761, 1768, 1855, 1858, 1864, 1865, 1876, 1892, 1897, 2221, 2352, 2431, 2466, 2554, 2587, 2626 e 2723.

Nos dois locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (dos 43), verifiquei os seguintes 47 MSS: 209, 226, 368, 634, 664, 801, 1040, 1058, 1101, 1140, 1247, 1250, 1482, 1508, 1617, 1618, 1619, 1628, 1636, 1652, 1656, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1766, 1767, 1856, 1899, 2080, 2218, 2261, 2378, (2501), (2653), 2691, 2704, 2777.

Esses 90 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis; negligenciei quatro outros que estão embaralhados, incompletos ou difíceis de ler. Alguns representantes da família a mais poderão surgir, mas não o suficiente para contestar quaisquer decisões tomadas aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária são alistados, exceto o primeiro. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

1.6—*περιπατούμεν* 18,35,141,204,386,824,1100,1725,1732,1754,1761,1858,1865,1876,1897,2221,2466,2554,2626,2723 {226^c,801,1101,1140,1250,1704,1726,1733^c,1740,1767,2080,2261,2691}

περιπατώμεν 149,201,328,394,432,604,757,928,986,1072,1075,1248,1249,1503,1548,1637,1768,1855,1892,2352,2431,2587 {209,226,368¹,634,664,1058,1247,1482,1508,1617,1618,1619,1628,1636,1652,1656,1723,1733,1737,1740^c,1745,1748,1749,1752,1763,1766,1856,1899,2218,2501,2704,2777}

Dos 90 MSS, 3 estão faltando e 2 estão ilegíveis; portanto, dos 85 MSS conhecidos (dentro da família), 53 têm a variante, o que equivale a 62,4%; entretanto, observamos uma circunstância curiosa: o rol de MSS que lê o Subjuntivo é composto basicamente pelos dois subgrupos que foram claramente identificados em 1 e 2 Pedro, nada menos que 44 deles. Além disso, 18 deles vêm de um único mosteiro: M Lavras. O Indicativo tem melhor distribuição geográfica. O verbo 'dizer' é propriamente subjuntivo, sendo controlado por *εαν*, mas os verbos 'ter' e 'andar' fazem parte de uma afirmação e são propriamente indicativos: somente se estivermos de fato andando na escuridão é que nos tornamos mentirosos por alegar estarmos em comunhão. Então *περιπατούμεν* está correto. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

¹ GA 368 é da Família 35, mas tem apenas 1-3 João.

Dos 90 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 90 MSS conhecidos (dentro da família), 21 têm a variante, o que equivale a 23,3%; porém, 15 deles fazem parte de um subgrupo, o que poderia desqualificar essa variante. É indicativo ou subjuntivo? No contexto, você só se torna um mentiroso se realmente odiar seu irmão, e então o Indicativo está correto. De qualquer forma, com apenas 23,3% de atestação (ou menos), a variante não é uma candidata séria. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos dois locais onde há uma divisão de pelo menos 10% (dos 43). Como é típico da variação dentro da família, as diferenças são pequenas. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família do livro de 1 João, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido no meu Texto Grego, *The Greek New Testament according to Family 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmo que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS que já foram totalmente cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que 22 MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 14 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 22 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 16 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que nove MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 28 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que doze MSS. Dos 43 MSS cotejados (completos, ou quase), 17 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35 para o livro de 1 João, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para 2 & 3 João e Judas – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes 47 representantes da família para 2 & 3 João e Judas: 18, 35, 141, 149, 201, 204, 328, 386, 394, 432, 444, 604, 757, 824, 928, 986, 1072, 1075, 1100, 1247, 1248, 1249, 1503, 1548, 1628, 1637, 1725, 1732, 1754, 1761, 1768, 1855, 1858, 1864, 1865, 1876, 1892, 1897, 2221, 2352, 2431, 2466, 2554, 2587, 2626 e 2723.

Não há divisão de pelo menos 10% (dos 47) em 2 João ou Judas, e apenas um em 3 João. Naquele único lugar, verifiquei os seguintes 43 MSS: 209, 226, 368, 634, 664, 801, 1040, 1058, 1101, 1140, 1250, 1482, 1508, 1617, 1618, 1619, 1636, 1652, 1656, 1704, 1723, 1726, 1733, 1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1763, 1766, 1767, 1856, 1899, 2080, 2218, 2261, 2378, (2501), (2653), 2691, 2704, 2777.

Esses 90 MSS representam uma lista quase completa dos representantes da família que estão atualmente disponíveis; negligenciei quatro outros que estão embaralhados, incompletos ou difíceis de ler. Alguns representantes da família a mais poderão surgir, mas não o suficiente para contestar qualquer decisão tomada aqui. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora a divisão que foi verificada. Apenas os MSS que atestam a variante minoritária estão alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

3 John 10—εκ || --- 149,201,432,604,1768,1865,2466 {209,368,1737,1767,2218,2261,2501,2777}

Dos 90 MSS, dois são ilegíveis, e portanto, dos 88 MSS conhecidos (dentro da família), 15 têm a variante, o que equivale a 17%. Por causa do caso, a preposição pode ser entendida, mas torná-la evidente é melhor. De qualquer forma, com apenas 17% de atestação, a variante não é uma candidata séria. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão do único lugar onde há uma divisão de pelo menos 10% (dos 47). Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo familiar para os livros de 2 e 3 João e Judas, sem qualquer dúvida razoável. Está reproduzido em meu Texto Grego, *O Novo Testamento Grego segundo a Família 35*.

Irei agora considerar a força das evidências para os três ‘capítulos’, simplesmente contando os MSS que já foram totalmente cotejados.

2 João: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 47 MSS cotejados, 31 são representantes perfeitos do arquétipo deste livro, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa de 2 João.

3 João: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 47 MSS cotejados, 31 são representantes perfeitos do arquétipo deste livro, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa de 3 João.

Judas: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 47 MSS cotejados, 25 são representantes perfeitos do arquétipo deste livro, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 12. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa de Judas.

Conclusão: Demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35 para os livros de 2 e 3 João e Judas, com base nas evidências disponíveis. Deus preservou Seu Texto.

O arquétipo da Família 35 para o Apocalipse – forma final

Esta seção é baseada num cotejo completo dos seguintes vinte-e-três MSS representativos – (35), 757, 824, 986, 1072, 1075, 1248, 1328, 1503, 1637, 1746, 1768, 1864, 1865, 2041, 2323, 2352, 2431, 2434, 2554, 2669, 2723 e 2821. Além desses 23, verifiquei os seguintes 22 MSS: 432, 1064, (1384), 1551, 1617, (1732), 1733, 1740, 1745, 1771, (1773), 1774, 1894, 1903, 1957, 2023, 2035, 2061, 2196, 2201, 2656, 2926.

Tanto quanto posso dizer, esses 45 MSS representam uma lista completa

dos representantes da família que estão atualmente disponíveis. GA 1652 também é membro da família, mas aqui é um fragmento contendo apenas os três primeiros versos; entretanto, a primeira leitura diagnóstica da família está nesses versículos, e ele tem essa leitura – além disso, contém todo o NT e é **f**³⁵ do começo ao fim. Comentarei todas as divisões que envolvem 15% ou mais desses 45 MSS, dos quais existem 29. (Qualquer variante com menos de 15% não poderia representar o arquétipo.) Os MSS dentro de () são membros marginais; são quatro. Meu ‘atualmente disponível’ refere-se às imagens que foram postadas tanto pelo INTF quanto pelo CSNTM. Digo um sincero “Muito obrigado” a ambas as organizações.

Comento agora as divisões que foram verificadas. Com três exceções, apenas os MSS que apoiam a variante minoritária são alistados. Aqueles dentro de { } foram verificados no local. As porcentagens entre [] referem-se ao total de MSS conhecidos.

2.27—κεραμικα || κεραμεικα 1503,1746,1768,1865,2431 {1384,1732,1773,1957,2196,2201}

Dos 45 MSS, falta um, então dos 44 MSS conhecidos (dentro da família) 10 têm a variante, o que equivale a 22,7%. Temos grafias alternativas da mesma palavra, o que não é uma variante adequada, pois nem o significado nem a identidade são tocados. Mas, em qualquer caso, com apenas 22,7% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.5—ουτως 1384^c,1732^c || ουτος 2669 {1384,1732,1733,1957,2035,2196,2201,2656,2926}

Dos 45 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 45 MSS conhecidos (dentro da família), 10 têm a variante, o que equivale a 22,2%. É um advérbio ou um pronome? O advérbio refere-se ao contexto imediatamente anterior e é presumivelmente correto, embora o pronome também faça sentido. Como as duas palavras eram pronunciadas da mesma forma, a confusão era fácil. Mas, em qualquer caso, com apenas 22,2% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

3.9—ηξουσιν 1865^c || ηξωσιν 35,1746,1768,1865,2041,2323,2723 {1384,1551,1617,1732^c,
1773,1894,1903,1957,2023,2061,2196,2201,2656,2926}

Dos 45 MSS, não falta nenhum, e portanto, dos 45 MSS conhecidos (dentro da família), 20 têm a variante, o que equivale a 44,4%. É futuro indicativo ou aoristo subjuntivo? A primeira impressão que se tem é que os três verbos controlados por *ινα* são paralelos e devem estar no mesmo modo, ou seja, subjuntivo—*γνωσιν* é tranquilo, *προσκυνησωσιν* tem uma grande maioria [incluindo **f**³⁵], mas com alguma dissidência; com *ηξωσιν* a dissidência torna-se mais forte, incluindo uma ligeira maioria da Família 35

[uma preponderância dos melhores representantes, lê o indicativo]. A divisão generalizada sugere que a ‘norma’ do subjuntivo com *ινα* estava em ação nas mentes dos copistas, ainda mais porque os outros dois verbos estão nesse modo; mas o indicativo não é tão raro e, neste caso, presumivelmente enfatiza a certeza – eles virão. Se o exemplar tivesse o subjuntivo, por que um copista o mudaria para indicativo? A pressão seria na direção oposta. Considerando tudo isso, embora a atestação de 44,4% seja certamente significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. Entendo que a primeira forma reproduz o arquétipo, embora possa haver alguma dúvida.

4.6^a—υαλινη || υελινη 986,1248,2821 {1551,1740,2023,2061,2196,2323^c,2656}

Dos 45 MSS, falta um, então dos 44 MSS conhecidos (dentro da família) 9 têm a variante, o que equivale a 20,5%. Temos grafias alternativas da mesma palavra, o que não é uma variante adequada, pois nem o significado nem a identidade são tocados. Mas, em qualquer caso, com apenas 20,5% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

4.6^b—κρυσταλω 1864^c || κρυσταλλω 35,1075,1248,1746,1864,1865,2041,2431,2723,2821 {432,1384,1617,1732,1740,1745,1771,1773,1903,2023,2196,2201,2656}

Dos 45 MSS, falta um, então dos 44 MSS conhecidos (dentro da família) 23 têm a variante, o que equivale a 52,3%. (A correção nos dá uma divisão uniforme.) Temos grafias alternativas da mesma palavra, o que não é uma variante adequada, uma vez que nem o significado nem a identidade são tocados. No entanto, este caso é interessante, por uma razão incomum. Embora $\lambda\lambda \rightarrow \lambda$ fosse presumivelmente mais fácil como erro de transcrição do que o contrário, em 21.11 João aparentemente inventou o verbo $\kappa\rho\upsilon\sigma\tau\alpha\lambda\iota\zeta\omega$, escrevendo-o com um único ‘λ’ (se você inventar um palavra, você pode soletrá-la como quiser) – presumo que ele fez a mesma coisa com o substantivo, aqui e em 22.1, mas a grafia incomum levou os copistas a ‘corrigi-lo’, especialmente em um assunto percebido como sendo de praticamente nenhuma consequência, uma vez que não afetou o significado. Considerando tudo isso, embora a divisão igual seja certamente significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. Entendo que a primeira forma reproduz o arquétipo, embora possa haver alguma dúvida.

4.8—λεγοντα 757^c,2023^c,2323^c || λεγοντες 35,757,1072,1248,1328,2323 {986^{alt},1503^{alt},1617^c,1637^c,1732,1733,1740^{alt},1745^{alt},1746^{alt},1771^{alt},1773,1774,1864^{alt},1865^{mar},1894,1957,2023,2035,2196,2352^{alt},2926}

Dos 45 MSS, falta um, então dos 44 MSS conhecidos (dentro da família) 16 têm a variante, o que equivale a 36,4%. O particípio é neutro ou

masculino? Qual é o sujeito do verbo? O Sujeito do particípio é τα ζωα, neutro, de sorte que a forma neutra está correta. Parece claro no versículo 9 que são apenas os quatro seres vivos que estão repetindo “santo”, mas se os copistas pensassem que os anciãos estavam em coro com os seres vivos, eles naturalmente mudariam o gênero para masculino. A maioria dos melhores representantes da família atestam a primeira variante. Em inglês a tradução é a mesma, “dizendo”. Com este conjunto, ‘alt’ se torna proeminente e haverá uso intenso mais tarde, então preciso explicar a diferença entre ‘alt’ e ‘c’. ‘c’ = corregedor (presumivelmente não da primeira mão), ‘alt’ = alternativo (aparentemente da primeira mão, que estava ciente da grafia alternativa e a escreveu acima da palavra). Neste caso, existem seis ‘alt’ para o masculino, mas nenhum para o neutro, então parece que os copistas consideraram o neutro melhor, dando-o como a forma básica – o que está claramente correto no contexto. Embora a atestação de 36,4% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

6.4—πυρρος 2023^c,2035^c || πυρος 1075,1328,2323,2821 {432,1617,1894,1903,2023,2035,2196,2201,2926}

Dos 45 MSS, falta um, então dos 44 MSS conhecidos (dentro da família) 13 têm a variante, o que equivale a 29,5%. É um adjetivo ou um substantivo? πυρρος é a leitura de todos os membros mais fiéis de \mathbf{f}^{35} . Como um erro não intencional, ρρ→ρ seria muito mais fácil do que ρ→ρρ. É “vermelho ardente” ou “de fogo”? Como a palavra se refere à cor do cavalo, o adjetivo é melhor. Mas, em qualquer caso, a atestação de 29,5% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.5—ρουβιμ || ρουβειμ 1072,1075,(1248),1503,1637,1746,2041,2431,2821 {1617,1740,1745,1771,2023}

Dos 45 MSS, um é diferente e outro está faltando, então dos 43 MSS conhecidos (dentro da família) 14 têm a variante, o que equivale a 32,6%. Temos grafias alternativas da mesma palavra, um nome próprio, que não é uma variante própria, pois nem o significado nem a identidade são tocados. Mas, em qualquer caso, a atestação de 32,6% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.10—τω θρονω || του θρονου 1248,2554 {1064,1732,1733,1740,1773,1774,1894,2035,2061,2196,2201,2656,2926}

Dos 45 MSS, falta um, então dos 44 MSS conhecidos (dentro da família) 15 têm a variante, o que equivale a 34,1%. A frase é dativa ou genitiva?

Visto que o Pai está firmemente assentado, o dativo está correto. Porém, como a preposição leva três casos, a tradução sai igual. Mas, de qualquer forma, a atestação de 34,1% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

7.17^a—ποιμαίνει || ποιμανει 35,757,824,986,1075,1248,1328,1503,1637,1746,1864,2041,2352,2431,2554,2821 {1732,1733,1740,1745,1771,1773,1894,1903,2023^{alt},2035,2196,2201,2656,2926}

Dos 45 MSS, falta um, então dos 44 MSS conhecidos (dentro da família) 29 têm a variante, o que equivale a 64,4%. Este caso é complicado. É presente ou futuro? O versículo 17 dá a razão das bênçãos descritas no versículo 16, onde os verbos são futuros, assim como o último verbo no versículo 17; então, de onde veio o presente? É porque o Cordeiro os pastoreia que eles receberão as bênçãos. No entanto, o tempo futuro também faz sentido; tanto que se o Texto fosse sempre futuro, o presente não teria sido aproveitado; a pressão dos verbos circundantes é em direção ao futuro. O presente é atestado por 15 MSS, mais 15 alternativos; mas perde um alternativo, de sorte que se seguirmos os alternativos, temos 29 a 15 a favor do presente, exatamente o oposto do resultado sem os alternativos. O uso dos alternativos nos mostra quão seriamente os copistas levaram a sua tarefa; eles estavam cientes da dúvida e a transmitiram conscientemente aos seus leitores. Considerando tudo isso, embora a divisão igual (com alternativos) seja certamente significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. Entendo que a primeira forma reproduz o arquétipo, embora haja dúvida. A diferença é de apenas uma letra, e o que está sendo dito não é alterado.

7.17^b—οδηγει || οδηγησει 35,757,824,986,1075,1248,1328,1503,1637,1864,2041,2352,2431,2554,2821 {1064,(1551),1617,1732,1733,1740,1745,1746,1771,1773,1894,2023,2035,2061,2196,2201,2656,2926}

Dos 45 MSS, falta um, e portanto, dos 44 MSS conhecidos (dentro da família), 33 têm a variante, o que equivale a 75%. Considero este o quebra-cabeça mais difícil do livro. Presente ou futuro? ‘Guiá-los’ está ligado a ‘pastoreá-los’ por ‘e’ e deve estar no mesmo tempo, a menos que você coloque uma vírgula entre eles. Contudo, a atestação para o futuro é agora de 75%, o que normalmente é determinante. Além disso, o número de alternativos cai de 15 para 9 – com os alternativos o presente tem 20, o que é menos da metade. Mas novamente pergunto: de onde veio o presente? Aqui o tempo futuro faz ainda mais sentido do que no caso anterior; tanto é assim que se o Texto tivesse sido sempre futuro, o presente não teria sido utilizado (na verdade, quatro MSS mudaram de lado). Além disso, este verbo ainda responde ao ‘porque’ no início do versículo (a menos que você coloque uma vírgula entre as frases verbais). A ‘sede’ no versículo 16 é

presumivelmente física, e para isso você precisa de água comum, não de ‘águas da vida’. Será que as ‘águas da vida’ também resolveriam o calor e a fome? Dito e feito, temos três opções: ‘Ele pastoreia e lidera’, ‘Ele pastoreia e liderará’ ou ‘Ele pastoreará e liderará’. Faça a sua escolha. Eu escolho a primeira, mas não importa qual escolhamos, o propósito da passagem permanece o mesmo. Nenhuma das palavras originais foi perdida.

8.3—δωσει || δωση 986v,1072,2669,2821 {1064,1551,1903,1957,2023,2061,2196,2656}

Dos 45 MSS, falta um, então dos 44 MSS conhecidos (dentro da família) 12 têm a variante, o que equivale a 27,3%. É futuro indicativo ou aoristo subjuntivo? Há uma divisão generalizada ao longo das linhas de transmissão, o que sugere que a ‘norma’ do subjuntivo com *ινα* estava em ação nas mentes dos copistas; mas o indicativo não é tão raro e, neste caso, presumivelmente enfatiza a certeza. Não há dúvida sobre o que o anjo fará. Os melhores representantes da família ficam do lado do indicativo. De qualquer forma, a atestação de 27,3% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.5—πληξη || παιση 35,757,824,1075,1248,1503,1637,1746,1864,2041,2352,2431,2554 {1733, 1740,1745,1771,1773,1957,2201}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 20 têm a variante, o que equivale a 46,5%. Os verbos são diferentes. É difícil imaginar monges medievais mudando o familiar *παιση* para *πληξη*; com base em que eles fariam isso? Por outro lado, o desconhecido *πληξη* poderia ser alterado para *παιση* (e até mesmo *πεση*), logo no início. *πλησσω* tendo sido usado com o 2º aoristo em 8.12 acima, o 1º aoristo, que temos aqui, seria inesperado. *πλησσω* é usado para ataques repentinos e violentos, como raios ou a ira de Deus; é usado expressamente para a picada de um escorpião no século I d.C. [Sammelb. 1267,6]. Neste contexto, *πληξη* é precisamente apropriado, embora a diferença de significado seja pequena; uma única tradução cobre ambos. Além dos 23 MSS, a primeira forma conta com 11 alternativos e 2 correções, o que a coloca bem à frente. Considerando tudo isso, embora a atestação de 46,5% seja certamente significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.6—ζητουσιν 1075c,1551c || ζητησουσιν 35,1075,1746,2323 {1551,1732,1771,1773,2023, 2061,2201}

Dos 45 MSS, dois estão faltando, então dos 43 MSS conhecidos (dentro da família) 11 têm a variante, o que equivale a 25,6% (as duas correções

reduzem isso em 5%). O tempo verbal é presente ou futuro? O futuro é esperado; tanto é verdade que uma grande maioria dos MSS fora da família o lê, o que pode ter influenciado alguns copistas. Dito isto, o presente é por vezes usado com um sentido futuro, o que é exigido aqui pelo “naqueles dias”. Se o original fosse futuro, quem o mudaria para o presente? A pressão é forte na outra direção. Os melhores representantes da família estão do lado do presente. Considerando tudo isso, a atestação de 25,6% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

9.11— $\alpha\beta\beta\alpha\delta\delta\omega\nu$ || $\alpha\beta\beta\alpha\delta\omega\nu$ 35,1075,1248,1503,1746,1768,1865,2323,2431,2821 {432,1551,1732,1740,1745,1773,1894,2023,2061,2201,2926}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 21 têm a variante, o que equivale a 48,8%. Temos grafias alternativas da mesma palavra, um nome próprio estrangeiro, que não é uma variante própria, pois nem o significado nem a identidade são tocados. Embora a divisão equilibrada seja certamente significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. Entendo que a primeira forma reproduz o arquétipo, embora possa haver alguma dúvida.

11.18— $\delta\iota\alpha\phi\theta\epsilon\iota\rho\alpha\nu\tau\alpha\varsigma$ || $\delta\iota\alpha\phi\theta\epsilon\iota\rho\omega\nu\tau\alpha\varsigma$ 1328,2431 {1774,1894,2035,2061,(2196),2201,2656,2926}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 10 têm a variante, o que equivale a 23,3%. O contexto exige o tempo aoristo, mas esse verbo geralmente aparece no 2º aoristo, e então o desconhecido 1º aoristo foi alterado para o presente, uma mudança de apenas uma letra. O aoristo recebe alguma atestação de todos os nove grupos de MS, o que significa que não foi inventado na Idade Média – se o presente fosse original, por que os copistas de todas as tradições o mudariam para uma forma desconhecida? Mas, em qualquer caso, com apenas 23,3% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

14.14— $\kappa\alpha\theta\eta\mu\epsilon\nu\omicron\varsigma\ \omicron\mu\omicron\iota\omicron\varsigma$ || $\kappa\alpha\theta\eta\mu\epsilon\nu\omicron\nu\ \omicron\mu\omicron\iota\omicron\nu$ 35,757,824,1328,1637,1864,2041,2352,2431,2434,2554,2669 {1617,1732²⁰¹,1740,1745,1771,2196}

Dos 45 MSS, faltam quatro, e portanto, dos 41 MSS conhecidos (dentro da família), 17 têm a variante, o que equivale a 41,5%. A frase é nominativa ou acusativa? Entendo que a gramática exige o nominativo, mas a tradução é a mesma. Além dos 24 MSS, o nominativo conta com 12 alternativos, o que o coloca bem à frente. Mas, de qualquer forma, a atestação de 41,5% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

14.19— $\tau\omicron\nu\ \mu\epsilon\gamma\alpha\nu$ 2023^c || $\tau\eta\nu\ \mu\epsilon\gamma\alpha\lambda\eta\nu$ 1328,2554 {432,1732,1733,1894,2023,2035,2656,298}

Dos 45 MSS, faltam quatro, e portanto, dos 41 MSS conhecidos (dentro da família), 10 têm a variante, o que equivale a 24,4%. O gênero é masculino ou feminino? O referente é a ‘ira’ (m) ou o ‘lagar’ (f)? Como “a ira” está modificando “o lagar”, “lagar” é o referente esperado; mudar o referente era um procedimento diferenciado. Entendo que a grandeza da ira está sendo enfatizada. O inesperado levou alguns copistas a fazerem a mudança. De qualquer forma, a atestação de 24,4% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

15.8—ηδυνατο || εδυνατο 35,1248,1328,1637,2352 {2196,2201}

Dos 45 MSS, faltam quatro, e portanto, dos 41 MSS conhecidos (dentro da família), 7 têm a variante, o que equivale a 17,1%. Temos grafias alternativas da mesma palavra, o que não é uma variante adequada, pois nem o significado nem a identidade são tocados. Ambas as grafias são conhecidas desde os tempos clássicos e aparentemente não afetam o sentido. Mas, em qualquer caso, com apenas 17,1% de atestação, a variante não é uma candidata crível. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

16.19—επεσον || επεσαν 35,757,824,1075,1503,1637,1864,2431,2821 {1617,1740,1745,1771, 1773,2023,2041^{alt},2196,2201}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 17 têm a variante, o que equivale a 38,5%. Temos grafias alternativas da mesma palavra, o que não é uma variante adequada, pois nem o significado nem a identidade são tocados. Além dos 26 MSS, a primeira forma conta com 11 alternativos, o que a faz avançar bastante. Mas, de qualquer forma, a atestação de 38,5% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

17.10—επεσον || επεσαν 35,757,824,1075,1503,1637,1746,1864,2041,2431,2821 {1617,1740, 1745,1771^{alt},1773,2023,2196,2201}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 18 têm a variante, o que equivale a 41,9%. Temos grafias alternativas da mesma palavra, o que não é uma variante adequada, pois nem o significado nem a identidade são tocados. Além dos 25 MSS, a primeira forma conta com 11 alternativos, o que a faz avançar bastante. Mas, de qualquer forma, a atestação de 41,9% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

17.16^a—ηρημωμενην || ερημωμενην 35,757,824,1075,1503,1637,1864,2821 {986^{alt},1617,1740,1745,1894,1903,2041^{alt},2926}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 14 têm a variante, o que equivale a 32,6%. Estas são evidentemente grafias alternativas da mesma forma. Mas, de qualquer forma, a atestação de 32,6% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

17.16^b—φαγονται || φαγωνται 1248,1503,1637,1746,2041,2431,2821 {1617,1740,1745,1771}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 11 têm a variante, o que equivale a 25,6%. Estas são evidentemente grafias alternativas da mesma forma. Mas, de qualquer forma, a atestação de 25,6% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

19.4—επεσαν || επεσον 35,1248,1328,1768,1865,2554,2723 {432,1384,1732,1733,1740^{alt},1894,1957,2656,2926}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 15 têm a variante, o que equivale a 34,9%. Estas são evidentemente grafias alternativas da mesma forma. Mas, de qualquer forma, a atestação de 34,9% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

19.10—επεσον || επεσα 35,757,824,1075,1248,1503,1637,1864,2041,2323,2352,2431,2821 {1551,1617,1740,1745,1771,1773,2023,2196,2201}

Dos 45 MSS, dois estão faltando e três são diferentes; portanto, dos 40 MSS conhecidos (dentro da família), 22 têm a variante, o que equivale a 55%. Estas são evidentemente formas alternativas da primeira pessoa, e portanto não há diferença de significado. Além dos 18 MSS, a primeira forma conta com 12 alternativos, o que a faz avançar bastante. Como não há diferença de significado, podemos usar qualquer uma das grafias, mas para um texto impresso devemos escolher uma delas. Considerando tudo isso, considero que a primeira forma reproduz o arquétipo, embora possa haver dúvida.

20.2—εστιν || 1 ο 1328,1503 {1384,1732,1733,1773,1894,1903,2035,2201,2926}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 11 têm a variante, o que equivale a 25,6%. É ‘um diabo’ ou ‘o diabo’? Qualquer uma das duas opções faz sentido, mas com apenas 25,6% de atestação, a variante não é uma candidata confiável. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

21.20^a—σαρδωνυξ || σαρδονυξ 35,986,1072,1637,2041,2323,2352,2434,2669 {1551,1617,2023,2061,2196,2656}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 15 têm a variante, o que equivale a 34,9%. Temos grafias alternativas da mesma palavra, o que não é uma variante adequada, pois nem o significado nem a identidade são tocados. Embora a atestação de 34,9% seja significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

21.20^b—ενατος 35^c || εννατος 35,757^s {1551,1617,1903,2023,2061}

Dos 45 MSS, faltam dois, e portanto, dos 43 MSS conhecidos (dentro da família), 7 têm a variante, o que equivale a 16,3%. Estas são evidentemente grafias alternativas da mesma forma. Mas, de qualquer forma, a atestação de 16,3% não é suficiente para justificar uma mudança. A primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

22.1—κρυσταλον 1864^c || κρυσταλλον 35,757^s,1075,1248,1637,1864,2041,2323,2821
{1384,1617,1732^s,1740,1745^c,1771,1903,2023,2201,2656}

Dos 45 MSS, faltam três, e portanto, dos 42 MSS conhecidos (dentro da família), 17 têm a variante, o que equivale a 40,5%. Temos grafias alternativas da mesma palavra, o que não é uma variante adequada, pois nem o significado nem a identidade são tocados. Por favor, veja a discussão do mesmo conjunto de variantes em 4.6. Considerando tudo, embora a atestação de 40,5% seja certamente significativa, não é suficiente para justificar uma mudança. Entendo que a primeira forma reproduz o arquétipo, sem qualquer dúvida razoável.

Isso completa a discussão dos vinte e nove locais onde há uma divisão de pelo menos 15%. Como é típico da variação dentro da família, há muita pouca diferença de significado entre as opções. Como demonstrei, somos capazes de afirmar a forma precisa do arquétipo da família para todo o livro do Apocalipse, talvez com alguma dúvida ocasional. Está reproduzido no meu Texto Grego, *O Novo Testamento Grego segundo a Família 35*. Se alguém preferir uma ou mais das alternativas, permanece verdade que nada do texto foi perdido; é um ou outro. Afirmo que o arquétipo familiar foi perfeitamente preservado, mas em todo caso, foi completamente preservado: nenhuma redação foi perdida.

Irei agora considerar a força das evidências capítulo por capítulo, simplesmente contando os MSS cotejados, mas a devida consideração precisa ser dada à discussão das divisões acima. Meras grafias alternativas devem ser desconsideradas, e assim por diante. Preciso dizer algo sobre Herman C. Hoskier. Ele fez um cotejo completo de cerca de 220 MSS para o Apocalipse, dos quais apenas 29 são da Família 35 (seu Complutense). Dos 41 representantes da família que eu já identifiquei, excluindo quatro representantes marginais (35,1384,1732, 1773), já cotejei 22 e Hoskier

cotejou mais 14¹ (ele não teve acesso aos outros cinco; também, cotejei alguns MSS que ele não fez). Até os seus oponentes admitiram que os cotejos de Hoskier são quase sobrenaturalmente precisos, mas extrair o cotejo dele desses 14 MSS seria muito tedioso e demorado, e decidi renunciar ao exercício. Portanto, o que se segue é baseado no meu próprio cotejo de 22 dos 41 MSS.

Capítulo 1: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 12 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo um.

Capítulo 2: Nenhuma variante tem mais do que cinco MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 8 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dois.

Capítulo 3: Nenhuma variante tem mais do que seis MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 8 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo três.

Capítulo 4: Nenhuma variante tem mais do que oito MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 5 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Existem três divisões neste capítulo, mas nenhuma palavra terá menos de 14 MSS. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quatro.

Capítulo 5: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 13 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 9. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo cinco.

¹ Para quem estiver interessado, alisto os números GA para esses 14: 432, 1617, 1733, 1740, 1745, 1771, 1774, 1894, 1903, 1957, 2023, 2035, 2061, 2196.

Capítulo 6: Nenhuma variante tem mais do que quatro MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 12 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 6. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo seis.

Capítulo 7: Nenhuma variante tem mais do que quinze MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 5 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Existem três divisões neste capítulo, mas nenhuma palavra terá menos de 7 MSS. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo sete.

Capítulo 8: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 12 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo oito.

Capítulo 9: Nenhuma variante tem mais do que doze MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 2 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Existem duas divisões neste capítulo, mas nenhuma palavra terá menos de 10 MSS. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 1. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo nove.

Capítulo 10: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 15 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dez.

Capítulo 11: Nenhuma variante tem mais do que um MS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 12 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 10. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo onze.

Capítulo 12: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 13 são representantes perfeitos do

arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 7. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo doze.

Capítulo 13: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 9 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 8. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo treze.

Capítulo 14: Nenhuma variante tem mais do que onze MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 4 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Existe uma divisão grande neste capítulo, mas nenhuma palavra terá menos de 11 MSS. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo catorze.

Capítulo 15: Nenhuma variante tem mais do que dois MSS. Dos 21 MSS cotejados (completos, ou quase), 12 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo quinze.

Capítulo 16: Nenhuma variante tem mais do que oito MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 7 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezesseis.

Capítulo 17: Nenhuma variante tem mais do que nove MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 7 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Existem duas divisões neste capítulo, mas nenhuma palavra terá menos de 12 MSS. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezessete.

Capítulo 18: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 10 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente

acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 5. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezoito.

Capítulo 19: Nenhuma variante tem mais do que doze MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 2 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Existem duas divisões neste capítulo, mas nenhuma palavra terá menos de 10 MSS. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo dezenove.

Capítulo 20: Nenhuma variante tem mais do que três MSS. Dos 22 MSS cotejados (completos, ou quase), 14 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte.

Capítulo 21: Nenhuma variante tem mais do que oito MSS. Dos 21 MSS cotejados (completos, ou quase), 3 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Existe uma divisão grande neste capítulo, mas nenhuma palavra terá menos de 13 MSS. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 4. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-um.

Capítulo 22: Nenhuma variante tem mais do que sete MSS. Dos 20 MSS cotejados (completos, ou quase), 8 são representantes perfeitos do arquétipo neste capítulo, e os MSS ainda a serem cotejados provavelmente acrescentarão mais alguns. Se desconsiderarmos as leituras singulares (dentro da família), acrescentamos mais 3. Segue-se que conhecemos a forma arquetípica precisa do capítulo vinte-e-dois.

Conclusão: demonstrei empiricamente que conhecemos a forma arquetípica precisa da Família 35 para o livro do Apocalipse, com base nas evidências disponíveis. Já comentei e resolvi as divisões dentro da Família 35 para todos os vinte-e-sete livros do NT.

Deus preservou o Seu Texto!

A Divina Preservação da Redação Original das Epístolas Gerais.

Como ponto de partida para esta discussão, eu vou usar a definição de

‘preservação’ escrita por Bart D. Ehrman:

Qualquer afirmação de que Deus preservou o texto do Novo Testamento intacto, dando a Sua igreja atual, não teórica, posse do mesmo, precisa [ênfase adicionada] significar uma de três coisas – ou 1) Deus o preservou em todos os manuscritos conhecidos tal que nenhum deles contém sequer uma corrupção textual, ou 2) Ele o preservou em um grupo de manuscritos, em que nenhum deles contém corrupção, ou 3) Ele o preservou em algum manuscrito solitário que, sozinho, não contém corrupção.¹

Ele limita o conceito de preservação de modo que beira a criação de um ‘espantinho’, mas a definição dele é muito útil para meu presente propósito. É óbvio que a opção 1) não se sustenta, mas, e as opções 2) e 3)? Como o título indica, esta seção é restrita às Epístolas Gerais; este grupo de sete livros é uma das seções em que os escribas dividiram o Novo Testamento com o propósito de fazer cópias.² Das três opções de Ehrman, a terceira pareceria ser a mais fácil de preencher, se pudermos, de sorte que vou começar com ela.³

Devemos primeiro definir a abrangência – estamos procurando um manuscrito que é perfeito para um livro todo,⁴ para uma seção toda, ou para o Novo Testamento todo? Eu acho que é razoavelmente claro que a resposta correta é um livro todo; afinal, foi assim que o Novo Testamento foi escrito; segue-se que as primeiras cópias foram feitas livro por livro (e todas as cópias subsequentes são dependentes dessas). Até onde sei, ninguém afirma que há divina inspiração da divisão em seções – através dos séculos de copiar, isso se tornou uma resposta aceita perante as restrições de material e tempo. Contudo, já que a maioria das cópias conhecidas refletem essa divisão, será interessante ver se nós podemos encontrar um manuscrito que

¹ “New Testament Textual Criticism: Search for Method”, M.Div. thesis, Princeton Theological Seminary, 1981, p. 40 – utilizando uma cópia que ele me mandou pessoalmente.

² Temos em torno de 60 MSS que contêm o NT inteiro (e mais 150 que têm tudo menos Apocalipse); por causa do volume (e a dificuldade tanto física como financeira de juntar o suficiente de couro), os quatro Evangelhos eram copiados como uma unidade, e assim para as cartas de Paulo (incluindo Hebreus), bem como para as Epístolas Gerais. Atos era comumente unido aos Gerais, mas nem sempre, e temos mais que 300 que trazem Atos, Paulo e as Gerais. Apocalipse era acrescentado cá e lá.

³ Isso à primeira vista, mas uma vez reformulada de forma adequada, a segunda pode ser mais fácil.

⁴ Sendo que os Autógrafos não tinham as divisões de capítulo e versículo, ou mesmo espaço entre as palavras (a julgar pelos MSS mais antigos que temos), qualquer coisa menos que um livro inteiro não será convincente.

é perfeito para uma seção toda. O reconhecimento formal do cânon completo do Novo Testamento não aconteceu até o fim do quarto século, mesmo que informalmente tenha sido reconhecido no segundo (e muitas centenas, senão milhares, de cópias já existiam na época – de fato, as principais linhas de transmissão tinham sido estabelecidas há muito tempo), mas a pergunta ali era a lista precisa de livros a serem incluídos, não a precisão da redação dos vários livros. Embora muitos de nós cremos que Deus certamente dirigiu a escolha dos livros, a redação não era a questão. Então, estamos procurando por manuscritos que são perfeitos para um livro inteiro.

Em seguida, devemos definir o texto – exatamente que perfil estamos procurando; como podemos saber se um MS é ‘perfeito’? Essa pergunta nos coloca diretamente no antro de cobras da crítica textual do NT [e a maioria das cobras são peçonhentas]. O que penso sobre esse assunto começou a ser impresso em 1977¹ e não vou repetir aqui o que está disponível em outros lugares. Como retirada tática, vou recuar para uma pergunta mais fácil (mas voltarei à principal): como podemos saber se um MS é um representante perfeito de seu tipo de texto, ou seja, do arquétipo de sua família? Para ganhar tempo, ilustrarei a teoria com um exemplo concreto. Convido a atenção para o gráfico que segue:

Desempenho dos MSS da f³⁵ em Livros Individuais para as Epístolas Gerais²

Chave:

s = leitura singular (até que todos os MSS sejam cotejados, isto é só uma suposição);

c = variante corrigida (variante de qualquer tipo corrigida ao arquétipo presumido);

x = variante não corrigida (‘variante’ aqui significa que é atestada por MSS fora da família);

/ = família dividida (um grupo dissidente);

h = um caso obvio de homoioteleuton (ou – arcton), envolvendo uma linha ou mais;

i = pura desatenção (normalmente repetindo uma sílaba de uma linha para a próxima);

--- = nenhuma saída do perfil presumido.

MS	Tiago	1 Pedro	2 Pedro	1 João	2 João	3 João	Judas	data	local	exemplar do corpus
18	---	1x,2/	1s	1x,2/	---	1s	---	1364	Constantinopla	2x,4/
35	2c	2c	---	2c	---	---	2c	XI	Egeia	---
141	1/,2s	1x,4/, 2s	1c,1s	1/,3s, 2h	---	---	---	XIII	Vaticano	1x,6/
149	1x,5/, 1c,7s	1x,8/, 3s	5/,2s	4/,1c, 3s	---	1/	1/,1c	XV	Vaticano	2x,24/
201	5/,1s	7/	3/	2/	---	1/	1/	1357	Londres	19/
204	1x	1/	2/,2s	---	---	---	---	XIII	Bologna	1x,3/

¹ *The Identity of the New Testament Text* (Nashville: Thomas Nelson Inc., Publishers, 1977)—mas agora, favor de ver a edição atual, *The Identity of the New Testament Text V*.

² Eu mesmo cotejei todos os 43 MSS.

MS	Tiago	1 Pedro	2 Pedro	1 João	2 João	3 João	Judas	data	local	exemplar do corpus
328	1x,5/,2s	5/,4s	1x,2/,1s	2x,4/,1c,1s	---	---	1x,1s	XIII	Leiden	5x,16/
386	2/	1/,1s	1/,2s	3/,3s,1h	---	---	---	XIV	Vaticano	7/
394	2/	4/,1c,1i	4/	4/,1s	---	1i	---	1330	Roma	14/
432	5/,3s,1h	10/,6s	1x,2/,1c,1s	1x,5/,1c,1s,1h	2s	1/	3s	XV	Vaticano	2x,23/
604	6/,1s	1x,11/,1s	4/,1c,1s	7/,1s	1x	1/	---	XIV	Paris	2x,29/
664 ¹	4x,5/,21s	5x,9/,1c,25s	4/,1c,1s	6x,6/,14s,1h	1x,1s	3s	3s	XV	Zittau	16x,24
757	1x	3/,1c,1s	1x,1s	1/	2s	---	---	XIII	Atenas	2x,4/
824	1x,2s	1s	1s	---	---	---	---	XIV	Grottaferrata	1x
928	2/	3/	3/	1/,1c	---	---	---	1304	Dionysiu	9/
986 ²	4/,2s,1i	6/,4s	1/,1s	3/,3s	1s	---	1s,1i	XIV	Ephigmeniu	14/
1072	2/,1h,1i	3/,2c,1s	1s	1/,1c	---	---	---	XIII	M Lavras	6/
1075	1/,1s	7/,2s	1s	1/	---	---	---	XIV	M Lavras	9/
1100	2x,1s	1/,1i	1/	---	---	---	---	1376	Dionysiu	2x,2/
1248	1x,2/,2c,2s,2h	1x,5/,2c,3s,1h	2x,1/,7s	4s,2h	2/	1/,2s,1h	2s,2h	XIV	Sinai	4x,11/
1249	3/	1x,5/,2s	4/	1x,3/	1/,1c	---	1/	1324	Sinai	2x,17/
1503	1s	3/,1c	1s	1s	1s	---	---	1317	M Lavras	3/
1548	2/,2s	1x,6/,1c,2s	1/,2s	1/,1s	---	---	1s	1359	Vatopediu	1x,10/
1637	1/,1s	4/,1c,1s	1/	1c	---	---	---	1328	M Lavras	6/
1725	2/	1/,1c	---	1s,1i	---	---	1s	1367	Vatopediu	3/
1732	2s	1/,2s	1/,1i	2s	1h	---	1s,1i	1384	M Lavras	2/
1754 ³	2/,16s	3/,8s	2/,9s	2x,1/,13s,3h	1s	1/,1s	2s	XII	Panteleimonos	2x,9/
1761	2x,2s	2x,4/,3s	1/	1/,1s,1h	1s	2s	---	XIV	Atenas	4x,6/
1768	7/,2c,1s	12/,1i	6/,2i	2c	---	1/	1s	1516	Ivion	26/
1855	1/,1s	1x,2/	2/	1/,1c	---	---	---	XIII	Ivion	1x,6/
1864	---	3/,2c	---	1c,2s	---	---	---	XIII	Stavronikita	3/
1865	1s	---	2s	1c	---	1/	---	XIII	Philotheu	1/
1876	1x,4/,3s	2x,4/,3s,1h	4/,1s	1x,3/,1c,2s	2/,1s	1/	1/,2s	XV	Sinai	4x,19/
1892	1x,4/,2c,1s	3x,4/,4s	1x,2/,1c	1/,1c,2s	1x	---	1c,1s	XIV	Jerusalém	6x,11/
1897	2/,3s	1/,3s	2s	2s	---	---	1/	XII	Jerusalém	4/
2221	1s	2x	1x,3/,1s	1x,1/	---	---	---	1432	Sparta	4x,4/
2352	1/,1c,1i	6/,1c,1s,1i	3/,1c	2/,1c	1c,1i	---	---	XIV	Meteora	12/
2431	4/,4s,1i	11/,2s,2i	2/,1c,2s,2i	2/,2s,2i	---	---	1i	1332	Kavokalyvia	19/
2466	1/,1s	1x,1/,1c,4s	1x,2s	3/,1s	---	1/	2s	1329	Patmos	2x,6/
2554	---	---	---	---	---	---	---	1434	Bucarest	---
2587	2/	3/	3/	1/	---	---	1c	XI	Vaticano	9/
2626	1/,1s	1x,5/	1/,1s	2/	1/	1/,1s	2/	XIV	Ochrida	1x,13/
2723	---	---	---	1h	---	---	---	XI	Trikala	---

Interpretação

¹ Por mais irresponsável que seja, 664 traz todas as leituras diagnósticas da f⁹⁵, e portanto é claramente membro da família (embora frouxo e promíscuo).

² 986 está faltando 1 Pedro 1.23 a 2.15.

³ MS 1754 só perde para 664 em matéria de frouxidão, mas é claramente membro da família.

Agora, então, o tipo de texto que eu chamo Família 35 (F³⁵) é representado por uns 84 MSS (conhecidos) nas Epístolas Gerais. Esta amostra de quarenta-e-três membros da família é certamente representativa do tipo de texto inteiro, sendo pelo menos a metade dos representantes, e levando-se em consideração a distribuição geográfica também. A pergunta a ser respondida é: como podemos saber se um MS é um representante perfeito de seu tipo de texto? A resposta tem de valer para um livro inteiro.

O primeiro livro na seção é Tiago. Olhando para a tabela, observamos que os cursivos 18, 1864, 2554 e 2723 são representantes presumivelmente perfeitos, assim como estão – eles não têm qualquer desvio do perfil do arquétipo presumido.¹ Já que o MS 35 tem sido corrigido sistematicamente, o seu exemplar também era perfeito. Se atribuirmos leituras singulares ao copista, então os exemplares de 1503, 1732, 1865 e 2221 também seriam perfeitos. Se 18, 1864, 2554 e 2723 são cópias, não criações originais, então seus exemplares também eram perfeitos; e os exemplares dos exemplares também eram perfeitos, e assim por diante. As implicações de achar um representante perfeito de qualquer texto arquetípico são bastante poderosas. Todos os ‘cânones’ da crítica textual se tornam irrelevantes para qualquer ponto subsequente ao da criação daquele texto (eles ainda poderiam entrar em jogo quando se estuda a criação do texto, no caso). Quanto aos outros MSS, 204 e 757 tem apenas um desvio; 386, 394, 928, 1075, 1637, 1732, 1855, 2466 e 2587 tem apenas dois; e assim por diante. (O MS 664 tem trinta, a maioria sendo erros por descuido; 664 atesta o perfil básico [as variantes diagnósticas que o distingue de todos os outros perfis] e assim é claramente um membro da família, embora desleixado.)

Eu tenho me referido a ‘o perfil presumido do arquétipo’. Mas como eu o identifiquei? Eu fiz isso com base em um princípio fundamental. Se nós tivermos uma família composta de 50 MSS, onde eles estão todos em acordo, ali não pode haver dúvida quanto à leitura da família. Onde um único MS se desvia do resto, ali ainda não pode haver dúvida – que é o argumento usado acima, em Tiago. Onde quer que 2 concordem (contra o resto), então temos uma ‘lasca’ – de imediato eu diria que qualquer grupo de até 20% do total da família ainda seria uma ‘lasca’, sem nenhuma chance provável de representar a leitura do arquétipo (isso se os outros 80% forem unânimes). Onde a atestação cai para menos de 80%, ainda mais se houver várias variantes concorrentes, outras considerações devem entrar em jogo.

¹ Antes de eu mesmo cotejar o cursivo 18, eu estava limitado ao cotejo refletido em *TuT (Text und Textwert der Griechischen Handschriften des Neuen Testaments* [Ed. Kurt Aland, Berlin: Walter de Gruyter, 1987], volumes 9 e 11), que aparentemente acusa o copista de dois erros; eu não vi nenhum.

Voltando a Tiago, eu afirmo que temos razoável certeza quanto ao exato perfil da família para esse livro. Assim sendo, nós podemos agora avaliar os MSS individualmente. É por isso que eu afirmo que os exemplares de 18, 35, 1503, 1732, 1864, 1865, 2221, 2554 e 2723 são representantes perfeitos da família. Para se ter nove exemplares perfeitos entre quarenta e três é provavelmente um número maior que a maioria de nós esperaria! Então em Tiago nós temos vários MSS que preenchem a opção 3) de Ehrman, com referência ao arquétipo da família.

Mas, e quanto à segunda opção de Ehrman? Quando ele fala de um ‘grupo’ de MSS, como diferente de um MS ‘solitário’ (opção 3), ele presumivelmente está pensando em uma família, já que todos eles teriam o mesmo perfil, por necessidade. Mas se ele está pensando numa família, então eu argumento que a opção 2) precisa ser reformulada. Eu sugiro: “Ele o preservou em uma família de manuscritos cujo texto arquetípico não contém corrupção – desde que o exato perfil pode ser asseverado acima de qualquer dúvida razoável.” (Lembre-se de que estamos falando da posse atual do perfil.) Os erros óbvios em representantes individuais podem tranquilamente ser excluídos, deixando o testemunho da família intocado. Como reformulada, a segunda opção de Ehrman é preenchida por f³⁵ em Tiago, com referência ao texto arquetípico. Vamos passar para 1 Pedro.

Olhando para a tabela, os cursivos 1865, 2554 e 2723 são representantes perfeitos do arquétipo do perfil presumido, mas como o MS 35 tem sido corrigido sistematicamente, seu exemplar também era perfeito. Se atribuímos leituras singulares ao copista, então o exemplar de 824 também era perfeito. Quanto aos outros MSS, 204 tem apenas um desvio; 386, 1100, 1725 e 2221 tem apenas dois; e assim por diante. Argumentando como eu fiz para Tiago, em 1 Pedro nós temos cinco exemplares que preenchem a opção 3) de Ehrman, e novamente f³⁵ preenche a opção 2), com referência ao texto arquetípico. Vamos para 2 Pedro.

Olhando para a tabela, os cursivos 35, 1725, 1864, 2554 e 2723 são representantes perfeitos do perfil presumido do arquétipo. Se atribuímos leituras singulares aos copistas, então os exemplares de 18, 824, 1072, 1075, 1503, 1865 e 1897 também eram perfeitos. Quanto aos outros MSS, 110, 1637 e 1761 têm apenas um desvio; 141, 757, 986, 1732, 1855 e 2626 tem apenas dois; e assim por diante. Argumentando como fiz para Tiago, em 2 Pedro nós temos doze exemplares que preenchem a opção 3) do Ehrman e, novamente, f³⁵ preenche a opção 2), com referência ao texto arquetípico. Vamos para 1 João.

Olhando para a tabela, os cursivos 204, 824, 1100 e 2554 são representantes perfeitos do perfil presumido do arquétipo, mas como 35, 1637, 1768 e 1865

têm sido sistematicamente corrigidos, seus exemplares eram também perfeitos. A única variação em 2723 é a omissão de uma linha inteira, sendo um caso obvio de homoioteleuton, o que, ao meu ver, não constitui propriamente uma variante de leitura. Em qualquer caso, seu exemplar seria perfeito. Se nós atribuirmos ao copista as leituras singulares, então os exemplares de 1503, 1725, 1732 e 1897 também seriam perfeitos. Quanto aos outros MSS, 757, 1075 e 2587 tem apenas um desvio; 201, 928, 1072, 1548, 1855, 2221 e 2626 tem apenas dois; e assim por diante. Argumentando como fiz para Tiago, em 1 João nós temos treze exemplares que preenchem a opção 3) e novamente f³⁵ preenche a opção 2), com referência ao texto arquetípico. Vamos a 2 João.

Olhando para a tabela, a maioria dos cursivos são representantes perfeitos do perfil presumido do arquétipo. Argumentando como eu fiz para Tiago, em 2 João nós temos trinta-e-seis exemplares que preenchem a opção 3) e, novamente f³⁵ preenche a opção 2), com referência ao texto arquetípico. Vamos a 3 João.

Olhando para a tabela, a maioria dos cursivos são representantes perfeitos do perfil do arquétipo presumido. Argumentando como fiz para Tiago, em 3 João nós temos trinta-e-dois exemplares que preenchem a opção 3) de Ehrman e, novamente, f³⁵ preenche a opção 2), com referência ao texto arquetípico. Vamos a Judas.

Olhando para a tabela, metade dos cursivos são representantes perfeitos do perfil presumido do arquétipo. Argumentando como fiz para Tiago, em Judas nós temos trinta-e-seis exemplares que preenchem a opção 3) de Ehrman e, novamente, f³⁵ preenche a opção 2), com referência ao texto arquetípico.

A seção a seguir deve ser vista como continuação desta.

Mas, o texto arquétipo da f³⁵ é o Autógrafo?

Eis a questão! Na Parte III apresento mais evidências objetivas em apoio à afirmação de que o texto de f³⁵ é antigo e independente de todas as outras linhas de transmissão. Se f³⁵ é independente de todas as outras linhas de transmissão, então ela tem de remontar aos Autógrafos. Que outra explicação razoável existe? Se alguém tem uma explicação diferente que explique as evidências melhor que a minha (ou tão bem como), gostaria de vê-la.¹

¹ Caso alguém queira alegar que a f³⁵ seja uma recensão, eu requeiro (e insisto) que ele especifique quem a fez, quando e aonde, e que forneça evidência que apoie a alegação. Sem evidência, qualquer alegação do tipo é frívola e irresponsável – a alegação de Hort

As leituras da Família 35 são atestadas por testemunhas antigas, mas sem padrão e, portanto, sem dependência. Mas existem muitas centenas de tais leituras. Então, como foi que o arquétipo f³⁵ adquiriu todas aquelas leituras antigas? Será que o seu criador viajou e recolheu algumas leituras de Aleph, algumas de B, algumas de P^{45,66,75}, algumas de W e D, etc.? Essa sugestão não é patentemente ridícula? A única conclusão razoável é que o texto f³⁵ é antigo (também independente).

Eu afirmo ter demonstrado a superioridade da Família 35 com base no tamanho (número de representantes), independência, idade, distribuição geográfica, perfil (empiricamente determinado), esmero (ver acima) e abrangência (todos os 27 livros). Eu desafio todos e qualquer um a fazer o mesmo para qualquer outra linha de transmissão!

Pois então, se o texto arquetípico da f35 é o Autógrafo, então preenchamos duas das três opções de Ehrman para cada uma das sete Epístolas Gerais. Eu sustento que neste ano de nosso Senhor nós temos posse atual (não teórica) e real da exata redação original de Tiago, 1 Pedro, 2 Pedro, 1 João, 2 João, 3 João e Judas!! Além disso, estou preparado para oferecer o mesmo tipo de demonstração para cada um dos 27 livros que compõem o nosso NT. Em consequência disso, eu sustento que neste ano de nosso Senhor temos posse atual (não teórica) e real da exata redação original do texto de todo o Novo Testamento!!! É reproduzido no meu texto grego publicado, *The Greek New Testament According to Family 35 [O Novo Testamento Grego segundo a Família 35]*.

Argumentei acima que a preservação deve ser demonstrada livro por livro, mas não seria interessante se pudéssemos fazer o mesmo para uma seção inteira? Mas é claro que já fizemos - a opção 2) de Ehrman, conforme redefinido, é preenchida em toda a seção de sete livros. Não apenas interessante, mas surpreendente, seria encontrar um único MS que seja perfeito em uma seção de sete livros!¹ E, mais uma vez, temos!! 2554 preenche a conta, assim como os exemplares de 35 e 2723, e o próprio 2723, virtualmente. Tão recentemente como dezoito anos atrás, eu não teria sonhado com tal coisa.

Se Deus demonstradamente preservou a exata redação de um texto ao longo de dois milênios, isso pressupõe fortemente que Ele o inspirou em primeiro

de que o seu texto 'Siríaco' teria sido o resultado de uma recensão 'Luciânica' é um exemplo clássico (Burgon protestou a completa falta de evidência, na época, e essa falta perdura até hoje). Faço lembrar ao leitor que evidência deve ser rigorosamente distinguida de pressuposição e interpretação.

¹ Isso seria verdade para o texto arquetípico de qualquer grupo de 70 a 80 MSS, ou até menos. Se o arquétipo é o Autógrafo, tanto mais.

lugar – caso contrário, por que se preocupar com isso? E se Ele se deu a tanto trabalho, me parece claro que Ele espera que nós prestemos atenção muito séria a esse Texto. Quando comparecermos diante do Juiz Justo – que também é Criador, Salvador e Inspirador – Ele exigirá uma prestação de contas baseada na autoridade objetiva daquele Texto.

PARTE III: Algumas Considerações Adicionais

A f³⁵ é Antiga?

Eu já recebi um retorno mais ou menos assim: “Ok, a evidência que você apresentou indica que a f³⁵ é independente, mas isso não prova que ela seja antiga” [Eu afirmo ambos]. Eu considero que o ponto merece ser ‘mastigado’ um pouco. Por exemplo: os minúsculos GA 35, 2587 e 2723 são geralmente datados ao século XI; embora o minúsculo 1897 seja geralmente datado ao século XII, eu já o cotejei e devo dizer que me parece mais antigo, tão antigo quanto os outros três, de sorte que eu digo que ele é do século XI também. E quanto à proveniência deles? 35 está atualmente em Paris, mas foi adquirido na área do mar Egeu [18, também em Paris, foi feito em Constantinopla]; 1897 está em Jerusalém e presumivelmente foi feita lá; 2587 está no Vaticano, e talvez também tenha sido produzido lá; 2723 está em Trikala, Grécia, e sem dúvida foi produzido lá.

Agora passo a considerar a desempenho deles nas sete Epístolas Gerais (um corpo de tamanho e diversidade suficientes para evitar contestação razoável – eu fiz um cotejo completo se todos os quatro MSS em todo esse corpo). Até onde eu posso avaliar, os exemplares de 35 e de 2723 eram representantes perfeitos do arquétipo presumido da família – nenhuma variante em todos os sete livros. O exemplar de 1897 participa de um pequeno grupo (dentro da família) em três pontos, sem nenhuma outra

variante. O exemplar de 2587 participa de um pequeno grupo (dentro da família) em seis pontos, sem nenhuma outra variante. Então os quatro monges que produziram nossas quatro cópias do século XI estavam vendo um exemplar praticamente perfeito do texto arquetípico da família (f³⁵). Mas qual foi a idade dos exemplares?

Se um MS não estivesse em uso constante ou regular, duraria facilmente por um século ou mais, até vários. Os MSS gregos em Roma, seriam muito usados naquela época? Provavelmente não, de sorte que o exemplar de 2587 poderia facilmente ter sido um uncial. E quanto a Jerusalém? As chances de uso maior provavelmente eram pouco maior do que em Roma. Em Constantinopla (35?) e Trikala o grego certamente ainda estava em uso. Mas será que sabemos até que ponto os cristãos estavam realmente lendo as Escrituras naqueles anos? Acho que podemos razoavelmente presumir que os exemplares eram pelo menos um século mais antigos que suas cópias. Mas 1897 e 2587 se juntam a pequenos grupos, de sorte que estamos olhando para alguma história de transmissão – tem de haver o originador do grupo entre nosso exemplar e o arquetipo.

Então, os exemplares eram presumivelmente do século X, no mais tardar. Se nós calculamos uma geração para a criação dos grupos pequenos, essa geração seria do século IX, no mais tardar, e o arquetipo do século VIII, no mais tardar. (Tenho dado um mínimo absoluto, mas obviamente poderia ter havido uma série de outras gerações intervenientes, o que colocaria o arquetipo muito antes.) Mas quais são as implicações de representantes perfeitos de uma família no século X em quatro locais diversos? Como poderiam existir cópias perfeitas de qualquer coisa no século X?? Que existiam quatro representantes praticamente perfeitos do arquetipo da f³⁵ em diversas localidades no século X é um fato. Também é fato que eles foram separados do arquetipo por pelo menos uma geração intermediária. Então, como podemos explicá-los?

Será que alguém ‘bolou’ um arquetipo da f³⁵ no século VIII? Quem? Por que? E como isso poderia se espalhar por todo o mundo Mediterrâneo? Existem MSS da f³⁵ por todo lugar – Jerusalém, Sinai, Atenas, Constantinopla, Trikala, Kalavryta, Ochrida, Patmos, Karditsa, Roma, Esparta, Meteora, Venedig, Lesbos, e a maioria dos mosteiros na península do Monte Atos (que representavam diferentes ‘denominações’), etc. [Se tivessem seis mosteiros em Chipre – um Anglicano, um da Assembleia de Deus, um Batista, um da Igreja de Cristo, um Metodista e um Presbiteriano – até que ponto iriam eles se consultar mutuamente? A natureza humana mudou?] Mas a massa Bizantina (K^x) controlou pelo menos 60% do fluxo de transmissão (f³⁵ = por volta de 16%); como poderia algo bolado no século VIII se espalhar tão longe, tão rápido, e com tanta pureza? Como inspirou

tamanha lealdade? Tudo o que sabemos sobre a história da transmissão do Texto responde que isso não poderia acontecer, e de fato não aconteceu. É simplesmente impossível que f^{35} pudesse ter sido ‘inventada’ em qualquer momento posterior ao século IV. A lealdade com que f^{35} foi copiada, o nível de lealdade para f^{35} sendo muito maior do que para qualquer outra linha de transmissão, indica que ela nunca foi ‘inventada’ – ela remonta ao Original.

Contudo, mesmo que a f^{35} tenha sido demonstrada ser independente de K^x (a massa bizantina), eles são realmente muito próximos e devem ter uma fonte comum. (Eu diria que K^x representa um desvio de f^{35} , e que f^{35} é, portanto, mais antiga.) Nas Epístolas Gerais f^{35} não difere tanto do Texto Majoritário de H-F. Por exemplo, em Tiago, f^{35} difere de H-F dezenove vezes, apenas dois dos quais afetam o significado (não seriamente). Se f^{35} e K^x tem uma fonte em comum, mas f^{35} é independente de K^x , então f^{35} deve mesmo ser pelo menos tão antiga quanto K^x – Q.E.D. [*quod erat demonstrandum*, para os que leem latim; “que era para ser provado”, para o resto de nós; e em português ainda mais claro, “o ponto a ser provado foi provado”].

Além disso, se f^{35} é independente de todas as outras linhas de transmissão conhecidas, então ela certamente remonta aos Autógrafos. Se foi criada a partir de materiais existentes em qualquer momento posterior, então é dependente desses materiais, e essa dependência deve ser possível de se demonstrar. Até aonde eu sei, nenhuma dependência tal tem sido demonstrada, e com base em toda a minha avaliação das evidências, ela não pode ser demonstrada.

A Importância de Evidência Objetiva

Mesmo quando os MSS são cotejados por pessoas com um viés negativo (preconceito contra os MSS), se eles registrarem os cotejos com precisão, o resultado é valioso. Os MSS de texto contínuo são as testemunhas primárias do Texto do NT. Para poder rastrear a história de transmissão das leituras individuais, precisamos de cotejos completos de um grande número dos MSS conhecidos, quanto mais, melhor. Desejo ilustrar o que afirmei com os cotejos da *Editio Critica Maior (ECM)* em Tiago e 1 João. Eles foram feitos enquanto Kurt Aland ainda dirigia o Instituto para Pesquisa Textual do Novo Testamento em Münster (*INTF*), e o trabalho reflete seu preconceito contra os MSS Bizantinos. (Quando a *ECM* para as Epístolas Gerais finalmente foi publicada, em 1997, Kurt havia morrido, mas desde que sua esposa, Barbara, o sucedeu como diretora do Instituto, *INTF*, não haveria nenhuma mudança na orientação teórica.)¹

¹ Na verdade, para James, os editores incluíram 70 MSS que classificaram como

Até maio de 1988, Kurt e Barbara Aland haviam excluído “mais de 1.175 minúsculos” (p. 138) como exibindo “um texto puramente ou predominantemente bizantino”. Eles prosseguem dizendo: “eles são todos irrelevantes para a crítica textual, pelo menos para estabelecer a forma original do texto e seu desenvolvimento nos primeiros séculos” (p. 142). (*The Text of the New Testament*, Eerdmans, 1989.) Que esse preconceito prevaleceu na *Editio Critica Maior* em Tiago é inteiramente claro. Sem desculpas, os editores excluíram cerca de 340 dos 522 MSS que avaliaram porque eles “atestam o texto Majoritário em pelo menos 90% das passagens de teste” (p. 12). As “passagens de teste” referem-se aos 98 conjuntos de variantes escolhidos das sete Epístolas Gerais apresentados em *Text und Textwert*. No entanto, eles incluíram GA 18 e 35 para representar o **K^r** de Soden (minha Família 35) e GA 1, 424, 607, 617 e 2423 para representar os MSS bizantinos centrais que foram excluídos. Além desses sete, eles classificam outros 70 (dos MSS incluídos) como sendo bizantinos, embora ficando abaixo do piso de 90%.

Então, por que digo que o trabalho deles é valioso, apesar de seu preconceito? Eu apresso-me para explicar. No aparato crítico do meu Novo Testamento Grego segundo a Família 35, alisto oito leituras da **f³⁵** (em Tiago) como tendo 30% de atestação geral, ou menos, o que as tornaria leituras mais ou menos diagnósticas da **f³⁵**. A Família 35 representa cerca de 16% do total de MSS conhecidos, mas quase nunca está inteiramente sozinha. Contudo, conforme ilustrado abaixo, o pequeno sortimento de MSS alheios quase nunca é o mesmo. Então eu pergunto: **Como esse sortimento variado pode ser explicado?** No gráfico abaixo, as oito leituras formam a primeira linha, e abaixo de cada leitura eu alisto os MSS que *ECM* dá como apoiando cada uma. Já que GA 18 e 35 têm todas elas, óbvio, eles não entram na lista. Discutirei as implicações abaixo, mas primeiro, as evidências (números com um asterisco são classificados como bizantinos):

3.4	1.23	4.14	4.14	3.2	2.3	4.11	2.4
ιθυνοντος	νομου	ημων	επειτα	δυναμενος	λαμπ. εσθ.	γαρ	ου
---	---	---	---	Ν	---	---	Ν
---	---	---	---	---	---	---	A
---	---	---	---	---	---	---	C
---	---	33	---	---	---	---	33
---	---	---	---	---	---	---	81
---	88	88	---	---	---	---	---
---	104*	---	---	---	---	---	---

bizantinos; mas para 1 Pedro eles reduziram o número para 51, e para 2 Pedro para 44. Para 1 João foi reduzido para 41 – pode-se concluir que Bárbara era ainda mais radical do que Kurt em seu desdém pelos MSS bizantinos.

3.4 ιθυνοντος	1.23 νομου	4.14 ημων	4.14 επειτα	3.2 δυναμενος	2.3 λαμπ. εσθ.	4.11 γαρ	2.4 ου
---	---	206	206	206	206	206	206
---	---	254*	---	254	---	254	254
---	---	321*	321	---	---	---	---
---	378*	---	---	---	---	378	---
400	---	---	---	---	400	---	---
---	---	429	429	429	429	429	429
---	---	---	---	---	---	---	436
442*	---	---	---	---	---	---	442
---	459*	---	---	---	---	---	---
---	467*	---	---	---	---	---	---
---	---	---	522	522	522	522	522
---	<u>607</u>	---	---	---	---	---	---
---	---	---	614	614	614	614	614
---	---	---	---	621	---	621	621
---	---	630	630	630	630	630	630
---	---	---	---	---	720*	---	---
---	---	---	---	---	876*	---	---
---	915	915	---	---	---	---	---
---	---	---	---	---	---	---	945
---	---	999*	---	---	---	---	---
---	---	---	---	---	---	---	1067
---	1127	---	---	---	---	---	---
---	---	---	---	---	---	---	1175
---	---	---	---	---	---	---	1241
---	---	---	---	---	---	---	1243
1270	---	---	---	---	---	---	---
---	---	---	1292	---	1292	1292	1292
1297	---	---	---	---	---	---	---
---	---	---	---	---	1367*	1367	---
---	---	---	---	1448	1448	1448	1448
---	---	1490	---	1490	1490	1490	1490
---	1501*	---	---	---	---	---	---
---	---	---	1505	1505	1505	1505	1505
---	---	1524	---	1524	---	1524	1524
1595*	---	---	---	---	---	---	---
1598	---	---	---	---	---	---	---
---	---	---	1611	---	1611	1611	1611
---	---	1678	---	---	---	---	---
---	---	1729*	---	---	---	---	---
---	---	---	---	---	---	---	1735
---	---	---	---	---	---	---	1739
---	---	---	---	---	---	1751	---
---	---	---	---	---	1765*	---	---
---	---	---	1799	---	1799	1799	1799

3.4 ιθυνοντος	1.23 νομου	4.14 ημων	4.14 επειτα	3.2 δυναμενος	2.3 λαμπ. εσθ.	4.11 γαρ	2.4 ου
---	---	---	---	1827*	---	---	---
---	---	1831	1831	1831	1831	1831	1831
---	---	---	---	---	1832*	---	---
---	1838*	1838	---	---	---	---	---
---	1842	---	---	1842	---	---	---
---	1848*	---	---	---	---	---	---
---	---	---	---	1852	---	1852	---
---	---	---	---	---	---	---	1874*
---	1890	---	1890	1890	1890	1890	1890
1893*	---	---	---	---	---	---	---
2080*	2080	---	2080	---	2080	2080	2080
---	---	---	2138	2138	2138	2138	2138
---	2147	---	2147	---	2147	2147	---
---	---	---	---	---	---	---	2180*
---	---	2200	2200	2200	2200	2200	2200
---	---	---	---	---	---	---	2298
---	---	---	---	---	---	---	2344
---	---	---	---	2374	---	2374	2374
---	---	---	2412	2412	2412	2412	2412
---	---	---	---	---	---	---	2492
---	---	---	---	---	2494*	---	---
---	---	---	2495	2495	2495	2495	2495
---	---	---	---	---	2523	---	---
---	---	---	---	---	---	---	2541
---	---	---	2652	---	2652	2652	---
---	---	2674*	---	---	---	---	---
---	---	2774*	---	---	---	---	---
---	---	---	---	2805	---	2805	2805
---	---	---	---	---	---	---	2818*
8	16	18	19	23	28	29	44

Então, o que podemos aprender com essas evidências? Para começar, o único MS sublinhado que aparece no gráfico, 607, é o único dos cinco representantes principais a aparecer, e o faz apenas uma vez. Isso mostra claramente que \mathbf{f}^{35} é diferente da massa bizantina, ou \mathbf{K}^x de Soden. Além disso, existem 43 MSS que estão sozinhos em atestar uma leitura \mathbf{f}^{35} : A, C, 81, 104*, 436, 459*, 467*, 607, 720*, 876*, 945, 999*, 1067, 1127, 1175, 1241, 1243, 1270, 1297, 1501*, 1595*, 1598, 1678, 1729*, 1735, 1739, 1751, 1765*, 1827*, 1832*, 1848*, 1874*, 1893*, 2180*, 2188*, 2344, 2492, 2494*, 2523, 2541, 2674*, 2774*, 2818*. Vinte e um deles, ou praticamente a metade, são classificados como bizantinos, mas como aparecem apenas uma vez, são evidentemente independentes da massa bizantina. (Na verdade, todos os MSS que aparecem aqui são independentes da massa bizantina, exceto 607.) Portanto, temos 43 testemunhas

Eu alisto quatro leituras f^{35} (para 1 João) como tendo 30% de atestação geral, ou menos, o que as tornaria leituras mais ou menos diagnósticas da f^{35} . No gráfico abaixo, essas leituras formam a primeira linha, e abaixo de cada leitura eu alisto os MSS que o ECM dá como atestando cada uma. Como os GA 18 e 35 têm todas elas, é claro, eles não estão alistados. Discutirei as implicações abaixo, mas primeiro, as evidências (os números com um asterisco são classificados como bizantinos):

3.6 και	5.11 ο θεος ημιν	1.6 περιπατουμεν	3.24 --- εν
---	---	---	8
---	B	---	---
---	---	0142*	---
---	0296	---	---
---	---	33	---
---	---	61	---
---	69*	---	---
---	---	---	94
---	---	180*	180
254	---	---	---
---	323	---	---
---	---	378	---
---	---	607*	607
---	614	---	614
---	630	---	---
915	---	---	---
---	1292	---	---
---	---	1501*	---
---	1505	1505	---
1523	---	---	---
1524	---	---	---
---	1611	---	---
---	1739	---	---
1827*	---	---	---
---	---	---	1836
---	---	1842*	---
1844	---	---	---
1852	---	---	---
---	1881	---	---
---	---	1890*	1890
---	2138	---	---
---	---	2147	---
---	2200	---	---
---	2298	---	---
2374	---	---	---
---	2412	---	2412

3.6	5.11	1.6	3.24
και	ο θεος ημιν	περιπατουμεν	--- εν
---	---	---	<u>2423</u>
---	2492	---	---
---	---	2544	---
---	---	2652	---
---	---	---	2805
8	16	13	10

Assim como em Tiago, não há sobreposição entre as duas primeiras colunas (em Tiago, a 1ª coluna compartilha um MS com a 2ª, mas nenhum com a 3ª e a 5ª), e apenas um MS em comum com a 2ª e a 3ª! Segue-se que f^{35} é independente de todas as linhas de transmissão representadas pelo MSS nessas colunas. Não há MSS bizantinos na 1ª coluna e apenas um (não muito forte – 69) na 2ª. Em contraste, a 3ª coluna tem um MS bizantino muito forte (607), um forte (180), dois mais ou menos (0142, 1890) e dois fracos (1501, 1842); a pesar disso, eles obviamente não representam a massa da tradição bizantina. Como em Tiago, f^{35} é claramente antiga e independente de K^x . Se é independente de todas as outras linhas de transmissão também, como creio poder demonstrar, então remonta ao Original – que outra explicação razoável existe?

A família 35 representa cerca de 16% do total de MSS conhecidos, mas quase nunca está totalmente sozinha. No entanto, como ilustrado acima, o sortimento de outros MSS quase nunca é o mesmo. Então, novamente eu pergunto: como pode essa distribuição diversa ser explicada? Isso não indica que f^{35} é o núcleo do qual muitas tangentes partiram? Que outra explicação razoável existe? Se for o núcleo, então representa o Original. (Estou pressupondo uma transmissão razoavelmente normal, que defendi em outro lugar.)

Convido o leitor a fazer uma pausa e realmente pensar sobre as implicações das evidências apresentadas acima (tentando deixar de lado ideias preconcebidas). Tem sido um procedimento padrão para os partidários de uma certa orientação teórica insistir na diferença entre leituras individuais e um tipo de texto. Concordo que estes devem ser distinguidos. No entanto, é o mosaico, ou perfil, ou seleção de leituras individuais que definem um tipo de texto, ou família, ou linha de transmissão. **Se todas as leituras individuais que definem uma família são comprovadamente antigas, então forçosamente a própria família é antiga!**

Suponho que seria teoricamente possível para alguém no século VIII ‘bolar’ um novo arquétipo, usando apenas leituras antigas; mas que possível razão poderia alguém ter para fazê-lo? E como poderia um tal texto bolado se

espalhar por todo o mundo mediterrâneo? E como poderia atingir um nível de fidelidade muito superior ao de qualquer outra linha de transmissão, incluindo as muito mais antigas? Como poderia um arquétipo inventado no século VIII suplantar todos os arquétipos mais antigos? Refiro-me à fidelidade de transmissão. (Em nossos dias, um texto inventado, baseado em MSS antigos, tomou conta do mundo acadêmico, mas não há analogia – sabemos quem fez isso, quando, como e por quê. Já escrevi uma página ou duas sobre esse assunto em outro lugar.)

Qualquer um que deseje avançar uma teoria de que a Family 35 foi inventada por alguém no século XII, ou VIII, ou quarto, e fazê-lo com responsabilidade, tem de apresentar as evidências que dão origem à teoria. Ele tem de mostrar quem fez isso, quando e aonde. Existem muitas centenas de cópias conhecidas dos escritos do NT. Se todos esses MSS não fornecerem a evidência necessária, então a teoria é patentemente falsa. Avançar uma teoria que é patentemente falsa é ser perverso.

Sobre o texto da *Pericope Adulterae*

As informações oferecidas abaixo são baseadas no cotejo completo feito por Maurice A. Robinson de 1.389 MSS que contêm a Pericope, João 7.53 – 8.11.¹ Tentei estabelecer um perfil de leituras para cada um dos três grupos principais de MSS, M^{5,6,7} (como no aparato do H-F *Majority Text*). Entendo que os grupos menores sejam todos misturas baseadas nos três grandes. Esta seção apresenta os resultados, juntamente com minha interpretação de seu significado.

Perfil M⁷

7.53	01	απηλθεν
8.1	02	Ιησους δε
8.2	03	(βαθεως) = omitir
8.2	04	παρεγενετο
8.2	05	προς αυτον
8.3	06	προς αυτον
8.3	07	επι
8.3	08	κατειλημμενην
8.3	09	εν μεσω

¹ 240 MSS omitem a PA, 64 dos quais são baseados no comentário de Teofilato. Outros quatorze têm lacunas, mas não são testemunhas de omissão total. Alguns outros certamente contêm a passagem, mas o microfilme é ilegível. Então, 1389 + 240 + 14 + 7(?) = cerca de 1650 MSS verificados por Robinson. (Estes são microfilmes mantidos pelo *Institut* em Münster. Agora sabemos que existem muitos outros MSS conhecidos, e provavelmente ainda mais que ainda não são 'extant'.)

8.4	10	λεγουσιν
8.4	11	(πειραζοντες)
8.4	12	ταυτην ευρομεν
8.4	13	επαυτοφωρω
8.4	14	μοιχευομενην
8.5	15	ημων Μωσης
8.5	16	λιθοβολεισθαι
8.5	17	(περι αυτης)
8.6	18	κατηγοριαν κατ
8.6	19	μη προσποιουμενος
8.7	20	ερωτωντες
8.7	21	ανακυψας
8.7	22	προς αυτους
8.7	23	τον λιθον επ αυτη βαλετω
8.9	24	και υπο της συνειδησεως ελεγχομενοι
8.9	25	εως των εσχατων
8.9	26	μονος ο Ιησους
8.10	27	και μηδενα θεασαμενος πλην της γυναικος
8.10	28	αυτη
8.10	29	εκεινοι οι κατηγοροι σου
8.11	30	ειπεν δε αυτη ο Ιησους
8.11	31	κατακρινω
8.11	32	και απο του νυν

Comentário: Este é um perfil/mosaico único, claro e inequívoco, conforme definido por 127 MSS – não há variação interna entre eles. Isso contrasta dramaticamente com **M⁶** e **M⁵**, e suponho que com os grupos menores (embora eu não os tenha verificado). Conforme dado abaixo, é possível criar um perfil tanto para **5** quanto para **6**, para distingui-los entre si e de **7**, mas eles têm tanta variação interna que não vejo como chegar a um arquetipo que é objetivamente definido; ambos terão de ser subdivididos. O perfil acima define o texto arquetípico de **M⁷**.

Perfil M⁶

7.53	01	απηλθεν / απηλθον
8.1	02	**και ο Ιησους δε / και ο Ιησους
8.2	03	**βαθεως / βαθεος
8.2	04	**ηλθεν ο Ιησους
8.2	05	προς αυτον
8.3	06	(προς αυτον) / προς αυτον
8.3	07	επι
8.3	08	κατειλημμενην

8.3	09	εν τω μεσω / εν μεσω
8.4	10	**ειπον
8.4	11	(πειραζοντες) = omitir
8.4	12	ταυτην ευρομεν
8.4	13	επαυτοφωρω / -φορω / -φορωσ
8.4	14	μοιχευομενην / -νη
8.5	15	ημων Μωσης / υμων Μωσης / Μ. ενετ. ημιν / Μωσης
8.5	16	**λιθαζειν
8.5	17	(περι αυτης) / περι αυτης
8.6	18	κατηγοριαν κατ
8.6	19	(μη προσποιουμενος) / μη προσποιουμενος
8.7	20	ερωτωντες / επερωτωντες
8.7	21	αναβλεψας / ανακυψας
8.7	22	**αυτοις
8.7	23	**λιθον βαλετω επ αυτην
8.9	24	(και υπο της συνειδησεωσ ελεγχομενοι) / και υπο της συνειδησεωσ ελεγχομενοι
8.9	25	εωσ των εσχατων
8.9	26	ο Ιησους μονος / μονος
8.10	27	** (και μηδενα θεασαμενος πλην της γυναικος)
8.10	28	**ειδεν αυτην και ειπεν
8.10	29	** (αυτη) γυναι
8.10	30	(εκεινοι) / (εκεινοι οι κατηγοροι σου) / (που εκεινοι οι κατηγοροι σου)
8.11	31	ειπεν δε αυτη ο Ιησους
8.11	32	κατακρινω
8.11	33	πορευου και απο του νυν / πορευου απο του νυν και

Comentário: Eu verifiquei os MSS M^6 do século XI (mais de 80) e para minha surpresa nenhum deles tinha um mosaico idêntico de variantes com outro. Não importa qual conjunto contrastante se use como base (por exemplo, βαθεωσ X βαθεωσ), assim que você olhar para a lista de outras variantes, os MSS vaguei-am, produzindo uma coleção desconcertante de variação, alianças cambiantes, ou como queira. Se todos os séculos forem verificados, presumivelmente haverá alguns pequenos grupos em que os MSS membros compartilham mosaicos idênticos, mas nenhum perfil definitivo para M^6 surgirá (em contraste com M^7). Se não há um perfil único, então não há uma maneira objetiva de definir/estabelecer/reconstruir um arquétipo para M^6 . Sem um arquétipo definível, M^6 não é um candidato viável para a forma original do Texto. No entanto, as dez variantes marcadas por ** distinguem, sim, M^6 de M^5 e M^7 , formando sua ‘espinha dorsal’. Mas dois dos dez, mais outros quatorze, têm variação interna (além

de uma variedade de outras variações não registradas nesta lista). Os MSS individuais serpenteiam em torno da abundância de variações internas (dentro do grupo) de uma maneira desconcertante, o que diminui a credibilidade do grupo. Eu diria que **M⁶** reflete uma influência alexandrina.

Perfil M⁵

7.53	01	**επορευθη / επορευθησαν
8.1	02	Ιησους δε
8.2	03	(βαθεως) = omitir
8.2	04	παρεγενετο
8.2	05	** (προς αυτον)
8.3	06	προς αυτον
8.3	07	**εν
8.3	08	**καταληφθεισαν
8.3	09	εν μεσω
8.4	10	λεγουσιν
8.4	11	**πειραζοντες
8.4	12	**αυτη η γυνη
8.4	13	**κατεληφθη / ειληπται / κατειληπται
8.4	14	επαυτοφωρω / -φορω
8.4	15	**μοιχευομενη
8.5	16	**Μωσης ημιν
8.5	17	λιθοβολεισθαι
8.5	18	(περι αυτης)
8.6	19	**κατηγορειν
8.6	20	μη προσποιουμενος
8.7	21	ερωτωντες
8.7	22	ανακυψας
8.7	23	προς αυτους
8.7	24	**επ αυτην τον λιθον βαλετω
8.9	25	και υπο της συνειδησεως ελεγχομενοι
8.9	26	** (εως των εσχατων)
8.9	27	μονος ο Ιησους
8.10	28	και μηδενα θεασαμενος πλην της γυναικος
8.10	29	αυτη / αυτη γυναι
8.10	30	εκεινοι οι κατηγοροι σου
8.11	31	**ειπεν δε ο Ιησους
8.11	32	**κρινω / κατακρινω
8.11	33	και

Comentário: Deixando de lado as divisões em #1, 13, 14, 29, 32 existe um grupo de MSS com este perfil. Há um grupo igualmente grande que muda

εγραφεν para κατεγραφεν no versículo 6 e muda πρωτος para πρωτον no versículo 7. Ambos os grupos têm um núcleo de MSS que tem um perfil 'perfeito', exceto que ambos os grupos se dividem em -φορω/-φορω. Ambos os grupos têm bordas 'difusas' com um bom número de MSS mostrando vários graus de variação. Há um grande número de MSS mistos, agrupados em torno de vários mosaicos grosseiramente definidos. Também há uma divisão de três vias na variante #24, além de uma quarta variante menor (205 MSS x 191 x 104 x 21). No entanto, as variantes com ** diferenciam o **M⁵** tanto do **M⁶** quanto do **M⁷**, formando sua 'espinha dorsal', embora haja variação interna em três deles, além do #24. Há outras variações internas não registradas nesta lista. **M⁵** não é tão 'mole' quanto **M⁶**, mas não é tão sólido quanto **M⁷**. Eu diria que **M⁵** reflete uma influência latina. De qualquer forma, parece ser quase impossível estabelecer um único arquétipo para **M⁵**, o que deve ter para ser um candidato viável à forma original do Texto. Evidentemente, a forma original é o arquétipo definitivo.

Representantes inequívocos **M⁷** (f³⁵) = 245 MSS

- a) Combinação perfeita (representantes principais)—**XI**: 35, 83, 547, 1435; **XII**: 510, 768, 1046, 1323, 1329, 1489, 1490, 2296, 2367, 2382; **XIII**: 128, 141, 147, 154, 167, 170, 204, 361, 553, 676, 685, 696, 757, 825, 897, 1072, 1251, 1339, 1400, 1461, 1496, 1499, 1550, 1551, 1576, 1694, 2284, 2479, 2510; **XIV**: 18, 55, 66, 201, 246, 363, 386, 402, 415, 480, 586, 645, 758, 763, 769, 781, 789, 797, 824, 845, 867, 928, 932, 938, 960, 986, 1023, 1075, 1092, 1111, 1117, 1119, 1133, 1146, 1189, 1236, 1328, 1390, 1482, 1488, 1492, 1493, 1548, 1560, 1572, 1584, 1600, 1619, 1620, 1628, 1633, 1637, 1650, 1659, 1667, 1688, 1698, 1703, 2261, 2355, 2407, 2454, 2503, 2765, 2767; **XV**: 955, 958, 962, 1003, 1180, 1250, 1508, 1625, 1636, 1648, 1686, 1713, 2131, 2554; **XVI**: 1596, 1652, 2496, 2636, 2806 = 127 MSS
- b) Subgrupo principal: em 8.4 tem επαντοφορω (única mudança)—**XII**: 660, 1145, 1224; **XIII**: 479, 689, 691, 940, 1334, 1487, 1501, 1601, 2584, 2598; **XIV**: 189, 290, 394, 521, 890, 959, 1025, 1165, 1234, 1445, 1462, 1476, 1543, 1559, 1614, 1618, 1622, 1634, 1657, 1658, 2309, 2399, 2466, 2621, 2689; **XV**: 285, 961, 1017, 1059, 1132, 1158, 1247, 1649, 1656, 2204, 2221, 2352, 2692; **XVI**: 1680, 1702, 2255; **XVII**: 1700 = 55 MSS
- c) Subgrupo menor: em 8.9 tem κατεληφθη (única mudança)—**XIII**: 155, 2520; **XIV**: 588, 1185; **XV**: 1617; **XVI**: 1088 = 6 MSS
- d) Subgrupo menor: em 8.7 tem τον λιθον βαλετω επ αυτην (única mudança)—**XII**: 1199; **XIV**: 953, 1020, 1147; **XV**: 1389 = 5 MSS

- e) Outros MSS com uma mudança única—**XII**: 520, 1401, 2122, 2322; **XIII**: 2647; **XIV**: 1095, 1503, 2273, 2508; **XV**: 575, 2673; **XVI**: 1030; **XVII**: 2136, 2137, 2497 = 15 MSS

+ MSS com duas	b) + c)— XII : 1453, 2559; XV : 1131;	} = 27 MSS
2) mudanças:	XVIII : 1325	
	b) + d)— XII : 387, 1813; XIII : 1552	
	b) + e)— XII : 2260; XIV : 1599, 1638, 1544	
	b) + odd— X : 1166; XIV : 952, 978, 1062;	
	XVI : 1591, 2714	
	d) + e)— XIII : 1477, 1497; XIV : 1181, 1248;	
	XVI : 2635	
	+ 2 outros— XI : 1314, 1384; XIV : 2265;	
	XV : 1116, 1348	
+ MSS com três	b) + c) + outro— XII : 105; XVI : 2715	} = 10 MS
3) mudanças:		
	b) + d) + e)— XIV : 806	
	b) + d) + outro— XII : 353; XIII : 966	
	b) + e) + outro— XV : 664	
	b) + 2 outros— XII : 2632; XV : 56; XVI : 61	
	+ 3 outros— XV : 58	

Comentário: b) e c) diferem de a) apenas em uma vogal de som semelhante, enquanto as variantes 8 e 14 envolvem uma única letra. Há um pequeno subgrupo (com bordas difusas) baseado nas variantes 17, 20, 29. Há um grupo maior e mais difuso que tem as variantes 1, 16, 17, 28, 29 como uma espécie de base, com 9, 19 nas margens, e depois mais variação. Existem 40-50 MSS com quantidades variadas de mistura adicionadas a uma base **M**⁷ (somando-os aos não ambíguos e dividindo por 1650, obtemos cerca de 18%). Na verdade, creio que o **M**⁷ foi a base de onde partiram os criadores do **M**⁵ e do **M**⁶ (bem como todos os outros grupos).

Comentário interpretativo: A ‘purificação’ progressiva do fluxo de transmissão através dos séculos (de uma perspectiva de prioridade bizantina) tem sido reconhecida por todos, suas tentativas de explicar o fenômeno geralmente refletindo seus pressupostos. Do meu ponto de vista, a explicação evidente é esta: todos os partidos teóricos reconhecem que os ataques mais pesados contra a pureza do Texto ocorreram durante o segundo século. Mas “a terra coração da Igreja”, a região do mar Egeu, de longe a mais qualificada em todos os aspectos para zelar pela transmissão fiel, simplesmente se recusou a copiar as formas aberrantes. MSS contendo tais formas não foram usados (nem copiados), de sorte que muitos sobreviveram fisicamente por mais de um milênio. Formas menos ruins

foram usadas (cópias eram difíceis de obter), mas progressivamente não foram copiadas. Assim, os unciais sobreviventes do século IX são ‘mais ou menos’, mais de 80% bizantinos, mas não bons o suficiente para serem copiados e reciclados (quando os melhores MSS foram colocados em forma minúscula). Até o advento do texto impresso, os MSS foram feitos para serem usados. Progressivamente, apenas os melhores foram usados e, portanto, desgastados e copiados. Esse processo culminou no século XIV, quando a sombra otomana avançava sobre a Ásia Menor, mas o império bizantino ainda se mantinha.

Por favor, note o 'de uma perspectiva de prioridade bizantina'. **A família 35 foi copiada fielmente do começo ao fim.** Para dezessete livros eu mesmo tenho uma cópia perfeita feita no século XV (além de uma variedade de cópias perfeitas para um ou mais livros, dos séculos 14, 13, 12 e 11). Para uma cópia feita no século 15 ser perfeita, todos os seus ‘ancestrais’ tinham que ser perfeitos também. Observe que uma cópia perfeita torna todos os ‘cânones’ da crítica textual irrelevantes para qualquer ponto posterior à criação do arquétipo. Mas como podemos saber que uma determinada cópia é ‘perfeita’? O perfil arquetípico pode ser estabelecido empiricamente, comparando todos os representantes da família conhecidos (refiro-me apenas à f³⁵). Uma cópia que combina perfeitamente com o arquétipo é uma cópia perfeita, por necessidade. Mas cópias perfeitas nos dizem algo importante sobre a atitude dos copistas. Que eles fizessem seu trabalho com tanto cuidado, presumivelmente indica pelo menos respeito, se não reverência para com o que eles estavam copiando – eles criam estar copiando a Palavra de Deus. **Como os MSS de todas as outras linhas de transmissão foram copiados com menos cuidado, presumivelmente os copistas fizeram uma distinção em suas mentes, evidentemente considerando f³⁵ como a melhor linha.**

Quando há ‘Recensão’?

“O texto sírio deve, de fato, ser o resultado de uma ‘recensão’ no sentido próprio da palavra, um trabalho de tentativa de crítica, realizado deliberadamente por editores e não apenas por escribas.”¹ Não é meu costume apelar para Fenton John Anthony Hort, mas sua compreensão de ‘recensão’ é presumivelmente correta. Uma recensão é produzida por um certo alguém (ou grupo) em um determinado momento em um determinado

¹ B.F. Westcott and F.J.A. Hort, *The New Testament in the Original Greek* (2 vols.; London: Macmillan and Co., 1881), *Introduction*, p. 133.

lugar. Se alguém deseja postular ou alegar uma recensão, e fazê-lo com responsabilidade, ele precisa indicar a fonte e fornecer algumas evidências.¹

Existem quaisquer recensões entre os MSS que contêm as Epístolas Católicas? Vou basear minha resposta nos cotejos apresentados em *Text und Textwert (TuT)*.² Eles cotejaram cerca de 555 MSS, cerca de 30 dos quais fragmentados; isto representa cerca de 85% do total de MSS conhecidos. Usarei o requisito de Colwell de 70% de concordância para que MSS sejam classificados no mesmo tipo de texto (embora para mim eu exija pelo menos 80%). Como *TuT* apresenta 98 conjuntos de variantes, distribuídos pelas sete epístolas, temos uma amostra que presumivelmente é razoavelmente representativa. Embora o *Institut* nunca tenha divulgado os critérios pelos quais eles escolheram os conjuntos, que eu saiba, os conjuntos escolhidos são significativos (não triviais).

Uma Recensão Alexandrina?

Existe uma recensão egípcia ou alexandrina, ou tipo de texto? *TuT* segue o texto 'padrão', que eles chamam de LESART 2. Nenhum MS tem esse perfil. O mais próximo é o Códice B, que diverge dele 13 vezes entre 98, três sendo sub-variantes e quatro singulares (incluindo duas das sub-variantes) – a concordância é de 86,7% [ignorando as sub-variantes é 89,8%]. A seguir vem o cursivo 1739 que diverge 29 vezes entre 98, quatro sendo sub-variantes e nenhum singular – a concordância é de 70,4% [ignorando as sub-variantes é 74,5%]. O próximo é P⁷⁴ [século VII] que diverge 3 vezes entre 10, uma sendo sub-variante e outra singular – a concordância é de 70% [ignorando a sub-variante é 80%]. O próximo é o Códice A que diverge 34 vezes entre 98, quatro sendo sub-variantes e nenhum singular – a concordância é de 65,3% [ignorando as sub-variantes é 69,4%]. O próximo é o Códice C que diverge 24 vezes entre 66, uma sendo sub-variante e quatro singulares – a concordância é de 63,6% [ignorando a sub-variante é 65,2%]. A seguir vem o cursivo 1852 que diverge 36 vezes entre 95, duas sendo sub-variantes e nenhuma singular – a concordância é de 62,1% [ignorando as sub-variantes é 64,2%]. O próximo é o Códice κ que diverge 40 vezes entre 98, sete sendo sub-variantes e nove singulares (incluindo quatro das sub-variantes) – a concordância é de 59,2%

¹ É verdade que Hort sugeriu Luciano de Antioquia como o principal movedor – uma sugestão tanto gratuita quanto frívola, já que ele não havia realmente examinado as evidências disponíveis na época. (Se ele repetisse a sugestão hoje, seria obviamente ridícula.)

² *Text und Textwert der Griechischen Handschriften des Neuen Testaments* (Ed. Kurt Aland, Berlin: Walter de Gruyter, 1987), volumes 9 and 11.

[ignorando as sub-variantes é 66,3%]. O próximo é o Códice 044 [c. 800] que diverge 40 vezes entre 97, quatro sendo sub-variantes e sete singulares (incluindo três das sub-variantes) – a concordância é de 59% [ignorando as sub-variantes é 62,9%]. O próximo é o Códice 048 [século V] que diverge 8 vezes entre 18, uma sendo sub-variante e nenhum singular – a concordância é de 55,6% [ignorando a sub-variante é 61,1%]. Não o próximo é P⁷² que diverge 18 vezes entre 38, seis sendo sub-variantes e nove singulares (incluindo três das sub-variantes) – a concordância é de 52,6% [ignorando as sub-variantes é 68,4%]. O Códice B é claramente o MS mais importante no esquema de coisas de Aland; e o texto ‘padrão’ é um composto.

Mas existe um tipo de texto egípcio aqui? Bem, B e κ discordam em 44 dos 98 conjuntos, então sua concordância é de 55,1%. B e A discordam em 43 dos 98 conjuntos, então sua concordância é de 56,1%. B e P⁷² discordam em 19 dos 38 conjuntos, então sua concordância é de 50%. B e C discordam em 27 dos 66 conjuntos, então sua concordância é de 59,1%. B e P⁷⁴ discordam em 5 de 10 conjuntos, então sua concordância é de 50%. B e 1739 discordam em 37 de 98 conjuntos, então sua concordância é de 62,2%. A e κ discordam em 35 dos 98 conjuntos, então sua concordância é de 64,3%. A e P⁷² discordam em 24 dos 38 conjuntos, então sua concordância é de 36,8%. A e C discordam em 26 dos 66 conjuntos, então sua concordância é de 60,6%. A e P⁷⁴ discordam em 4 de 10 conjuntos, então sua concordância é de 60%. A e 1739 discordam em 36 de 98 conjuntos, então sua concordância é de 63,3%. κ e P⁷² discordam em 26 dos 38 conjuntos, então sua concordância é de 31,6%. κ e C discordam em 30 dos 66 conjuntos, então sua concordância é de 54,5%. κ e P⁷⁴ discordam em 5 de 10 conjuntos, então sua concordância é de 50%. κ e 1.739 discordam em 46 dos 98 conjuntos, então sua concordância é de 53,1%. C e P⁷² discordam em 18 dos 31 conjuntos, então sua concordância é de 41,9%. C e P⁷⁴ discordam em 3 de 7 conjuntos, então sua concordância é de 57,1%. C e 1739 discordam em 23 dos 66 conjuntos, então sua concordância é de 65,2%. 1739 e P⁷² discordam em 22 dos 38 conjuntos, então sua concordância é de 42,1%. 1739 e P⁷⁴ discordam em 3 de 7 conjuntos, então sua concordância é de 57,1%. Com base nessa evidência, Colwell não nos permitiria reivindicar um tipo de texto. Os primeiros MSS evidentemente sofreram uma influência comum, mas cada um se desviou em um caminho particular. Não há dois conjuntos com a mesma lista de desacordos. Cada um deles é certamente independente em sua própria geração. A influência comum observável nos primeiros MSS deve ter tido uma fonte, mas essa fonte é realmente muito indefinida para se qualificar como uma recensão.

Uma Recensão Bizantina?

LESART 1 é um texto majoritário no sentido mais estrito. Aland seguiu a leitura majoritária (absoluta) em todos os casos, exceto para dois conjuntos de variantes onde não há variante majoritária e lá ele seguiu a pluralidade (maioria simples) (conjunto 32, 1 Pedro 3.16 – καταλαλωσιν tem 49,8%, contra καταλαλουσιν com 44,6%) (conjunto 34, 1 Pedro 4.3 – ημιν tem 47,1%, contra υμιν com 41,7%). Como um subproduto desse procedimento, nenhum único MS tem esse perfil preciso – encontrei quatro MSS que divergem em duas variantes (607, 639, 1730, 2423) e cinco que divergem em três. O perfil básico da \mathbf{f}^{35} diverge em cinco.

Tendo analisado os perfis para os ± 555 MSS, além da \mathbf{f}^{35} , encontrei precisamente um grupo de quatro MSS (82, 699, 1668, 2484), com alguns na periferia, e um grupo de três MSS (390, 912, 1594), também com alguns na periferia, e nove pares – todos os demais têm perfis privados (incluindo os na periferia).

Dentro da \mathbf{f}^{35} 31 MSS tem o perfil básico; há um subgrupo de 6 MSS, outro de 4, outro de 3, mais dois pares – esses 17 MSS, mais outros 10, diferem do perfil básico em apenas uma variante. São 15 MSS que diferem em dois e 7 em três, perfazendo um total de 80 MSS (32 dos quais com perfis privados), além de alguns outros à margem.

Deixando de lado todos os MSS com perfil compartilhado, mais cerca de 30 que têm menos de 11% do total, ficamos com cerca de 450 MSS que têm perfil privado (com base nos 98 conjuntos de variantes), a grande maioria dos quais são bizantinos. Estamos olhando para uma transmissão normal; nenhuma produção em massa de um único exemplar.

Deixando de lado os MSS fragmentários, existem cerca de 40 que ficam abaixo do limite de 70% de Colwell; todos os demais (± 485) se qualificariam como membros de um tipo de texto, que podemos chamar de bizantino. Usando meu limite de 80%, perdemos outros 17 MSS, deixando ± 470 . Mas eu realmente preferiria ter 90%, e com esse limite perdemos outros 46 – digamos ± 420 MSS. Deixando de lado os 30 fragmentários, dividindo 420 por 525 temos 80% dos MSS que são fortemente bizantinos¹ (usando o limite de 80% dá quase 90%) [usando o limite de 70% dá 92%]. 345 dos 420 têm perfis privados – com a possível exceção da \mathbf{f}^{35} , não houve produção em massa de um único exemplar.

Embora a \mathbf{f}^{35} obviamente caia dentro do fluxo bizantino, vou extraí-la e tratá-la separadamente. 420 menos 80 equivalem a 340 MSS fortemente bizantinos, dos quais apenas 25 compartilham um perfil. Obviamente,

¹ Para um limite de 95%, perdemos outros 35 MSS; $385 \div 525$ dá 73%. 75% dos MSS refletem um consenso muito forte e, no entanto, a maioria tem perfis privados.

temos um tipo de texto, mas é uma recensão? Para postular uma recensão, precisamos de uma fonte – quem fez isso, quando e aonde? E usando o quê? Ele apenas editou materiais existentes ou inventou algumas das variantes? Se ele inventou, existe um padrão observável para explicar sua atitude?

Temos 315 MSS fortemente bizantinos (sem \mathfrak{f}^{35}) com perfis privados – eles são independentes em sua própria geração, presumivelmente representando tantos exemplares, também presumivelmente independentes em sua própria geração, etc. E é pelo menos em parte por isso que estudiosos de Hort até Aland reconheceram que qualquer ‘recensão’ bizantina não poderia ter sido criada depois do século IV.

Como preliminar para considerar a questão de \mathfrak{f}^{35} (\mathbf{K}^r) como sendo possivelmente uma recensão, desejo considerar outros aspectos da evidência geral apresentada no *TuT*. Dos MSS que foram cotejados, 78 estão datados. Há nove pares de MSS com a mesma data (mas não mais do que dois MSS por ano – então 60 têm um ano privado); em oito deles os dois MSS são bem diferentes no perfil; no nono par, ambos os MSS são \mathfrak{f}^{35} , mas diferem em uma variante. Ambos estão em monte Atos, mas em mosteiros diferentes – é altamente improvável que eles tiveram o mesmo exemplar. Não há nenhuma evidência aqui de produção em massa. Mas por que um monge no monte Atos produziria uma cópia em 1280 d.C.? Se a cópia ainda está lá, não foi para atender um pedido da cidade. Então, por que ele fez isso, como um exercício ou dever religioso? Mas o que ele copiaria? Parece-me mais provável que ele copiaria um exemplar envelhecido que mostrasse sinais de desgaste, para preservar seu texto. Demonstrarei a seguir que os MSS produzidos em um único mosteiro foram baseados em exemplares distintos (como Lake, Blake e New indicaram há cerca de 95 anos).¹

Monte Atos

Já ouvi dizer que os MSS em monte Atos estão sob suspeita de terem sido produzidos em massa e de serem feitos para se conformarem a um padrão arbitrário. Suspeito que quem falou não estava ciente de que existem vários mosteiros distintos nessa área. *TuT* alista tão somente vinte.² Lembre-se que esses mosteiros representavam diferentes patriarcados, ordens, países e até idiomas. Uma pequena cidade média nos EUA provavelmente terá uma Assembleia de Deus, uma igreja batista, uma igreja bíblica, uma igreja

¹ K. Lake, R.P. Blake and Silva New, “The Caesarean Text of the Gospel of Mark”, *Harvard Theological Review*, XXI (1928), 348-49.

² Eu visitei pessoalmente a península de monte Atos em 2014, e posso garantir que existem vinte mosteiros independentes, além de alguns subordinados.

congregacional, uma igreja episcopal, uma igreja metodista, uma igreja presbiteriana, algum tipo de igreja neopentecostal, entre outras. Como eles se relacionam? Até que ponto eles unem forças? Mesmo uma campanha evangelística para toda a cidade não as reunirá. Os monges do império bizantino eram diferentes dos pastores nos EUA? A natureza humana mudou? O que quero dizer é que provavelmente houve muita pouca comparação de notas entre mosteiros sobre um assunto como copiar MSS.

Considere: Grigoriu, Pavlu e Protatu estão alistados com um MS cada (para as Epístolas Católicas),¹ nenhum dos quais é \mathfrak{f}^{35} . Karakallu e Kavsokalyvion estão alistados com um cada que é \mathfrak{f}^{35} . Konstamonitu, Philotheu e Stavronikita estão alistados com dois MSS, um \mathfrak{f}^{35} e outro não. Xiropotamu possui dois MSS, nenhum deles sendo \mathfrak{f}^{35} . Pantokratoros tem três, um dos quais é \mathfrak{f}^{35} . Dochiariu tem cinco MSS, nenhum sendo \mathfrak{f}^{35} . Esphigmenu também tem cinco, sendo um \mathfrak{f}^{35} . Panteleimonos está alistado com sete MSS, sendo dois \mathfrak{f}^{35} . Dionísio está alistado com nove MSS, sendo três \mathfrak{f}^{35} . Kutlumusiu está alistado com dez MSS, sendo dois \mathfrak{f}^{35} . Iviron está alistado com doze MSS, sendo cinco \mathfrak{f}^{35} . Vatopediu está alistado com 28 MSS, sendo cinco \mathfrak{f}^{35} . M Lavras está alistado com 52 MSS, sendo 22 \mathfrak{f}^{35} . Com a possível exceção de M Lavras, evidentemente não havia nenhum 'rolo compressor' \mathfrak{f}^{35} em ação.

Mas e dentro de um único mosteiro? Embora os MSS atualmente localizados em lugares como Londres ou Paris tenham sido presumivelmente produzidos em outros lugares, aqueles localizados em lugares como Monte Atos, Patmos, Jerusalém e Sinai provavelmente foram produzidos ali mesmo. O mosteiro no Monte Sinai é suficientemente isolado para que possamos esperar que tenha ocorrido uma boa quantidade de 'endogamia'. Então, vamos dar uma olhada nos MSS do Sinai alistados por *TuT*.

Monte Sinai

Vou alistar os MSS em ordem decrescente de 'alexandridade',² com a ressalva de que tal ordenação é relevante apenas para os primeiros sete ou oito:³

¹ *TuT* alista um MS cada para Andreas e Dimitriu, mas não os cotejou. Esphigmenu tem outros três MSS que não foram cotejados.

² Eu considero um alto quociente de 'erraticidade' como uma característica definidora de 'alexandridade'.

³ *TuT* inclui dois fragmentos unciais do século VI: 0285 tem uma leitura (das 98) e 0296 tem duas. Uma base tão escassa apenas nos permite adivinhar que eles não são bizantinos.

1. \aleph_1 ¹ – IV, eapr (2 = 57 [2 sub],² 1/2 = 5 [1 sub], 1 = 19 [3 sub], sing = 9, dif = 8) = 98 variantes;
2. 1243 – XI, eap (2 = 51, 1/2 = 6, 1 = 22 [5 sub], sing = 2, dif = 16) = 97;
3. 1241 – XII, eap (2 = 47 [5 sub], 1/2 = 4, 1 = 17 [2 sub], sing = 5, dif = 18) = 91;
4. 1881 – XIV, ap (2 = 42 [3 sub], 1/2 = 3 [1 sub], 1 = 16 [1 sub], sing = 1, dif = 11) = 73;
5. 2495 – XIV, eapr (2 = 37 [2 sub], 1/2 = 4, 1 = 37 [4 sub], sing = 2, dif = 17) = 97;
6. 2492 – XIII, eap (2 = 17 [2 sub], 1/2 = 8, 1 = 58 [2 sub], sing = 1, dif = 9) = 93;
7. 2494 – 1316, eapr (2 = 11, 1/2 = 4, 1 = 73 [2 sub], dif = 10) = 98;

Daqui para baixo, todos os MSS caem dentro da massa bizantina.

8. 1874 – X, ap (2 = 4, 1/2 = 9, 1 = 78 [2 sub], sing = 1, dif = 6) = 98;
9. 1877 – XIV, ap (2 = 2, 1/2 = 9, 1 = 81 [5 sub], sing = 2, dif = 4) = 98;
10. 2086 – XIV, ap (2 = 2, 1/2 = 8, 1 = 82 [2 sub], sing = 1, dif = 5) = 98;
11. 1251 – XIII, eap (2 = 2, 1/2 = 9, 1 = 82 [3 sub], dif = 4) = 97;
12. 1245 – XII, ap (2 = 3, 1/2 = 10 [1 sub], 1 = 83 [6 sub], dif = 2) = 98;
13. 1240 – XII, eap (2 = 1, 1/2 = 7, 1 = 82 [7 sub], dif = 4) = 94;
14. 2356 – XIV, eap (2 = 1, 1/2 = 9, 1 = 76 [2 sub], dif = 4) = 90;
15. 1880 – X, ap (2 = 2, 1/2 = 10, 1 = 84 [5 sub], dif = 2) = 98;
16. 2502 – 1242, eap (2 = 1, 1/2 = 9, 1 = 73 [6 sub], dif = 2) = 85;
17. 1242 – XIII, eap (2 = 1, 1/2 = 9, 1 = 86 [4 sub], dif = 2) = 98;
18. 1250 – XV, eap (2 = 1, 1/2 = 10, 1 = 77 [3 sub], dif = 3) = 91; [$f^{35} \pm 2$]
19. 1247 – XV, eap (2 = 1, 1/2 = 10, 1 = 81 [3 sub], dif = 3) = 95; [$f^{35} \pm 2$]
20. 1876 – XV, apr (2 = 1, 1/2 = 11, 1 = 83 [3 sub], dif = 3) = 98; [$f^{35} \pm 2$]
21. 1249 – 1324, ap (2 = 1, 1/2 = 10, 1 = 84 [3 sub], dif = 2) = 97; [$f^{35} \pm 1$]
22. 1248 – XIV, eap (2 = 1, 1/2 = 11, 1 = 84 [3 sub], sing = 1, dif = 1) = 98; [$f^{35} \pm 1$]
23. 2501 – XVI, ap (2 = 1, 1/2 = 11, 1 = 83 [5 sub], dif = 1) = 96; [$f^{35} \pm 4$]
24. 2085 – 1308, ap (2 = 0, 1/2 = 11, 1 = 84 [3 sub], sing = 1, dif = 2) = 98;
25. 1244 – XI, ap (2 = 0, 1/2 = 10, 1 = 85 [3 sub], dif = 2) = 97;
26. 2799 – XIV, ap (2 = 0, 1/2 = 3, 1 = 28 [2 sub], sing = 1, dif = 1) = 33.³

Absolutamente não há dois MSS idênticos; mesmo os seis MSS f^{35} diferem em pelo menos uma variante. O resto dos MSS bizantinos são todos distintos, alguns realmente assim,⁴ mas todos claramente se enquadram na tradição bizantina.⁵ Esses 26 MSS representam o mesmo número de

¹ Claro que Aleph está atualmente localizado em Londres, mas tornou-se conhecido no Sinai; até hoje os monges do mosteiro de Santa Catarina referem-se a Tischendorf como “o ladrão”.

² 'sub' significa sub-variante, que são incluídas no número maior. Onde um 'sub' também é um singular, eu o alisto apenas como um singular - cada variante é contada apenas uma vez.

³ Os três últimos MSS têm perfis bem diferentes.

⁴ Observe que nenhum MS pontua um 87 perfeito para LESART 1 e apenas quatro pontuam um 11 perfeito para LESART 1/2.

⁵ Lembre-se de que estamos olhando apenas para 98 conjuntos de variantes – se tivéssemos cotejos completos para os sete livros, é quase certo que nem dois MSS seriam idênticos (de todas as fontes); talvez para um único livro, quanto menor melhor, alguns podem ser encontrados. [Escrevi isso em 2004, quando estava começando a realmente prestar atenção à f^{35} – de fato, dentro dessa família, considerando apenas os MSS que eu

exemplares; não houve ‘endogamia’, nem o uso de um só exemplar; cada copista tentava reproduzir o que estava à sua frente, independentemente do tipo de texto. Como os MSS ainda estavam lá em 1800, eles não foram feitos para atender a um pedido de outro lugar. Dado o seu isolamento, alguns dos ancestrais dos 26 MSS conhecidos podem muito bem ter sido trazidos para o mosteiro antes da conquista islâmica.

Os perfis dos cinco primeiros MSS da lista acima são muito diferentes, distintos entre si; nenhum é uma cópia de \aleph , o que acho curioso. Evidentemente \aleph não foi copiado - por quê?¹

Megistis Lavras

Muito bem, mas e o M. Lavras? A porcentagem desproporcional de MSS f^{35} não é suspeita? Para verificar, devemos fazer para M. Lavras o que fizemos para o Sinai, que será o dobro do trabalho (52 X 26). Mais uma vez, alistarei os MSS em ordem decrescente de 'alexandridade', com a ressalva de que tal ordenação é relevante apenas para os primeiros nove ou dez:

1. 1739 – X, ap (2 = 66 [4 sub], 1/2 = 7, 1 = 12 [2 sub], dif = 13) = 98;
 2. 044 – VIII, ap (2 = 52 [1 sub], 1/2 = 7, 1 = 20, sing = 7, dif = 11) = 97;
 3. 1735 – XI, ap (2 = 43 [2 sub], 1/2 = 7 [1 sub], 1 = 35 [2 sub], sing = 1, dif = 12) = 98;
 4. 1505 – XII, eap (2 = 41 [3 sub], 1/2 = 4, 1 = 35 [3 sub], dif = 18) = 98;
 5. 1448 – XI, eap (2 = 23, 1/2 = 7 [1 sub], 1 = 58 [2 sub], sing = 1, dif = 8) = 97;
 6. 1490 – XII, eap (2 = 13, 1/2 = 7 [1 sub], 1 = 69 [4 sub], dif = 9) = 98;
 7. 1751 – 1479, ap (2 = 7 [1 sub], 1/2 = 11 [1 sub], 1 = 69 [3 sub], sing = 5, dif = 6) = 98;
 8. 1501 – XIII, eap (2 = 8 [1 sub], 1/2 = 8, 1 = 73 [1 sub], sing = 1, dif = 8) = 98;
 9. 1661 – XV, eap (2 = 6, 1/2 = 9 [1 sub], 1 = 73 [5 sub], sing = 3, dif = 7) = 98;
- Daqui para baixo, todos os MSS caem dentro da massa bizantina.**
10. 1609 – XIV, eap (2 = 9 [1 sub], 1/2 = 9, 1 = 76 [4 sub], dif = 3) = 97;
 11. 1646 – 1172, eap (2 = 3, 1/2 = 10, 1 = 77 [6 sub], sing = 5, dif = 3) = 98;
 12. 1509 – XIII, eap (2 = 3, 1/2 = 9, 1 = 77 [5 sub], sing = 3, dif = 5) = 97;
 13. 1744 – XIV, ap (2 = 2, 1/2 = 8, 1 = 81 [2 sub], sing = 2, dif = 5) = 98;
 14. 1643 – XIV, eap (2 = 3, 1/2 = 7, 1 = 82 [3 sub], dif = 6) = 98;
 15. 1626 – XV, eapr (2 = 2, 1/2 = 9, 1 = 81 [6 sub], sing = 1, dif = 5) = 98;
 16. 1743 – XII, ap (2 = 1, 1/2 = 7 [1 sub], 1 = 83 [2 sub], dif = 7) = 98;

mesmo cotejei, podemos dizer o seguinte em minha posse cópias de trinta MSS idênticos para 2 e 3 João (listas não idênticas), vinte e nove para Filemom, vinte e dois para Judas, quinze para 2 Tessalonicenses, nove para Tito, seis cada para Gálatas, Colossenses e 1 Tessalonicenses, cinco cada para Filipenses e 2 Pedro, quatro para Efésios, Tiago e 1 João, três para 2 Timóteo e 1 Pedro, e dois para Mateus, Romanos e 1 Timóteo. Não é a mesma seleção de MSS em cada caso, e eles vêm de todos os lugares.] Fora de f^{35} eu ainda ficaria surpreso ao encontrar cópias idênticas de qualquer livro com mais de 3 capítulos.

¹ Mas mais de dez pessoas tentaram corrigi-lo, ao longo dos séculos, de sorte que eles sabiam que estava lá. 1243 e 1241 são quase tão ruins, e foram produzidos nos séculos 11 e 12, respectivamente.

17. 1622 – XIV, eap (2 = 4, 1/2 = 10, 1 = 81 [4 sub], dif = 3) = 98;
18. 2194 – 1118, ap (2 = 2, 1/2 = 8, 1 = 83 [2 sub], dif = 5) = 98;
19. 1495 – XIV, eap (2 = 4, 1/2 = 10, 1 = 82 [5 sub], dif = 2) = 98;
20. 1642 – 1278, eap (2 = 1, 1/2 = 10, 1 = 82 [6 sub], sing = 1, dif = 3) = 97;
21. 1738 – XI, ap (2 = 2, 1/2 = 10, 1 = 82 [8 sub], dif = 3) = 97;
22. 1649 – XV, eap (2 = 2, 1/2 = 9, 1 = 84 [5 sub], dif = 3) = 98;
23. 1734 – 1015, apr (2 = 1, 1/2 = 9, 1 = 82 [1 sub], dif = 4) = 96;
24. 049 – IX, ap (2 = 1 [1 sub], 1/2 = 9, 1 = 84 [4 sub], dif = 3) = 97;
25. 1741 – XIV, ap (2 = 0, 1/2 = 7 [1 sub], 1 = 87 [4 sub], dif = 4) = 98;
26. 1456 – XIII, eap (2 = 0, 1/2 = 8 [1 sub], 1 = 69 [2 sub], dif = 4) = 81;
27. 1747 – XIV, ap (2 = 1, 1/2 = 9, 1 = 84 [6 sub], dif = 2) = 96;
28. 1736 – XIII, ap (2 = 1, 1/2 = 10, 1 = 83 [4 sub], dif = 2) = 96;
29. 2511 – XIV, eap (2 = 1, 1/2 = 10 [1 sub], 1 = 76 [1 sub], dif = 2) = 89;
30. 1750 – XV, ap (2 = 0, 1/2 = 9, 1 = 87 [3 sub], dif = 2) = 98;
31. 1733 – XIV, apr (2 = 1, 1/2 = 11, 1 = 83 [3 sub], dif = 3) = 98; [$f^{35} \pm 2$] (16, 91)
32. 1732 – 1384, apr (2 = 2, 1/2 = 11 [1 sub], 1 = 83 [3 sub], dif = 1) = 97; [$f^{35} \pm 2$] (1, 72)
33. 1508 – XV, eap (2 = 1, 1/2 = 10, 1 = 85 [4 sub], dif = 2) = 98; [$f^{35} \pm 2$] (21, 65)
34. 1482 – 1304, eap (2 = 1, 1/2 = 10, 1 = 85 [2 sub], dif = 2) = 98; [$f^{35} \pm 2$] (45, 65)
35. 1656 – XV, eap (2 = 1, 1/2 = 11, 1 = 84 [2 sub], dif = 2) = 98; [$f^{35} \pm 2$] (8, 45)
36. 1748 – 1662, ap (2 = 1, 1/2 = 11, 1 = 85 [4 sub], dif = 1) = 98; [$f^{35} \pm 2$] (32, 62)
37. 1737 – XII, ap (2 = 1, 1/2 = 11, 1 = 85 [3 sub], dif = 1) = 98; [$f^{35} \pm 2$] (32, 77)
38. 1749 – XVI, ap (2 = 2, 1/2 = 11, 1 = 78 [3 sub], dif = 1) = 92; [$f^{35} \pm 1$] (29)
39. 1637 – 1328, eapr (2 = 2, 1/2 = 11, 1 = 84 [3 sub], dif = 1) = 98; [$f^{35} \pm 1$] (17)
40. 1740 – XIII, apr (2 = 1, 1/2 = 11, 1 = 85 [4 sub], dif = 1) = 98; [$f^{35} \pm 1$] (39)
41. 1617 – XV, eapr (2 = 1, 1/2 = 11, 1 = 85 [4 sub], dif = 1) = 98; [$f^{35} \pm 1$] (21)
42. 1618 – 1568, eap (2 = 1, 1/2 = 11, 1 = 85 [2 sub], dif = 1) = 98; [$f^{35} \pm 1$] (32)
43. 1072 – XIII, eapr (2 = 1, 1/2 = 11, 1 = 85 [3 sub], dif = 1) = 98; [$f^{35} \pm 0$]
44. 1075 – XIV, eapr (2 = 1, 1/2 = 11, 1 = 85 [3 sub], dif = 1) = 98; [$f^{35} \pm 0$]
45. 1503 – 1317, eapr (2 = 1, 1/2 = 11, 1 = 85 [3 sub], dif = 1) = 98; [$f^{35} \pm 0$]
46. 1619 – XIV, ea(p) (2 = 1, 1/2 = 11, 1 = 85 [3 sub], dif = 1) = 98; [$f^{35} \pm 0$]
47. 1628 – 1400, eap (2 = 1, 1/2 = 11, 1 = 85 [3 sub], dif = 1) = 98; [$f^{35} \pm 0$]
48. 1636 – XV, eap (2 = 1, 1/2 = 11, 1 = 85 [3 sub], dif = 1) = 98; [$f^{35} \pm 0$]
49. 1745 – XV, apr (2 = 1, 1/2 = 11, 1 = 85 [3 sub], dif = 1) = 98; [$f^{35} \pm 0$]
50. 1746 – XIV, apr (2 = 1, 1/2 = 11, 1 = 85 [3 sub], dif = 1) = 98; [$f^{35} \pm 0$]
51. 1652 – XVI, eap (2 = 1, 1/2 = 3, 1 = 21) = 25; [f^{35} frag]
52. 1742 – XIII, ap (2 = 1, 1/2 = 11, 1 = 85 [3 sub]) = 97; [$f^{35} \pm 5$]

Novamente, deixando de lado os MSS f^{35} por enquanto, absolutamente não há dois MSS idênticos. O resto dos MSS bizantinos são todos distintos, alguns realmente assim, mas todos claramente se enquadram na tradição bizantina. Esses 30 MSS representam o mesmo número de exemplares; não houve ‘endogamia’, nem o uso de um só exemplar; cada copista tentava reproduzir o que estava à sua frente, independentemente da qualidade do texto. Como os MSS ainda estavam lá em 1800, eles não foram feitos para atender a um pedido de outro lugar.

Além disso, onde os mosteiros conseguiram o pergaminho para sua produção contínua de MSS? Eles tinham dinheiro para sair e comprar de curtumes? Parece-me mais provável que eles tenham feito o seu próprio

com as peles das ovelhas e cabras que comiam. Nesse caso, poderia facilmente levar vários anos para obter o suficiente para um único Novo Testamento. O problema de encontrar pergaminho suficiente vai contra a produção em massa de cópias em qualquer época da era do pergaminho. Três dos MSS datados no Sinai têm oito anos de diferença (1308, 1316, 1324) – poderia ter levado tanto tempo para reunir pergaminho suficiente?

Agora vamos considerar o grupo f^{35} . Sete são $f^{35} \pm 2$, mas não há dois com um perfil idêntico – coloquei as variantes desviantes dentro de () no final da linha, para que o leitor possa verificar isso rapidamente. Cinco são $f^{35} \pm 1$, mas não há dois deles também com um perfil idêntico, como o leitor pode ver de relance. Portanto, esses doze MSS também devem ter sido copiados de tantos exemplares – agora temos 44 MSS que foram copiados de exemplares distintos. Sim, mas há oito MSS com um perfil f^{35} perfeito; o que deles? Bem, vamos começar com o conteúdo: três contêm **eapr**, três contêm **epa**, dois contêm **apr** – no mínimo, esses três grupos devem representar exemplares distintos. Então agora temos um máximo de cinco MSS que podem não representar um exemplar distinto. Deixando de lado as ideias preconcebidas, que base objetiva poderia alguém ter para afirmar que esses cinco não foram copiados com o mesmo princípio que os demais, ou seja, preservar o texto do exemplar? Parece-me simplesmente justo entender que esses 52 MSS em M Lavras representam tantos exemplares distintos.¹

Uma Recensão f^{35} (K^r)?

Como f^{35} é o único grupo de consequência, com um número significativo de MSS e com um perfil empiricamente definido, podemos determinar seu texto arquetípico com certeza – temos o mais coeso de todos os tipos de texto. Mas seria uma ‘recensão’? Von Soden afirmou que sim, atribuindo-o ao século XII; eu não estou ciente de que ele citou uma fonte, mas se ele o fez, ele estava errado. Minúsculo 35, juntamente com outros MSS do século 11, pertence a este grupo – seus exemplares eram presumivelmente do século 10 ou anterior. Demonstrei em outro lugar² que f^{35} (K^r) é independente de K^x , em todo o NT – se é independente, não pode ter sido

¹ Lembro ao leitor novamente que estamos olhando apenas para 98 conjuntos de variantes - se tivéssemos cotejos completos para os sete livros, é quase certo que dois MSS não seriam idênticos (para os sete livros; tenho cópias idênticas para um só livro). Com cotejos completos, esses cinco, sem dúvida, também se revelarão distintos. [Tendo agora cotejado 43 MSS da Família 35 para as sete epístolas gerais, tenho dois que são perfeitos para todos os sete livros, e quatro dos exemplares podem ter sido assim também - eles vêm de diferentes localidades.]

² Ver “A Datação de K^r (f^{35}) Revisitada”, bem como “Sobre o texto da Pericope Adulterae” acima.

baseado em **K^x**. Repetidamente, **f³⁵** tem atestação antiga concreta, contra **K^x**, mas não há padrão para os alinhamentos, eles são aleatórios. É apoiado (contra **K^x**) por P^{45,46,47,66,75}, κ , A, B, C, D, W, lat, syr, cop – às vezes apenas por um, às vezes por dois, três, quatro ou mais deles, mas com padrões em constante mudança. Se não há padrão, então não há dependência; **f³⁵** tem leituras antigas porque ela própria é antiga.

Voltando a *TuT* e às Epístolas Católicas, alistarei a localização atual de MSS **f³⁵** por século:

XI — Paris, Trikala, Vaticano;

XII — Atos (Kutlumusiu, M. Lavras, Panteleimonos, Stavronikita, Vatopediu), Jerusalém;

XIII — Atenas, Atos (Ivion, Konstamonitu, M. Lavras, Pantokratoros, Philotheu), Bolonha, Kalavryta, Leiden, Vaticano;

XIV — Atenas, Atos (Dionysiu, Esphigmenu, Ivion, Karakally, Kavsoalyvion, M. Lavras, Vatopediu), Grottaferrata, Jerusalém, Karditsa, Londres, Ochrida, Paris, Patmos, Roma, Sinai, Vaticano;

XV — Atenas, Atos (Ivion, M. Lavras), Bucareste, Londres, Meteora, Sinai, Esparta, Vaticano, Venedig, Zittau;

XVI— Atenas, Atos (Ivion, Kuthumusiu, M. Lavras), Lesbos, Sinai;

XVII— Atos (Dionysiu, M. Lavras).

Manuscritos no Vaticano, Grottaferrata, Jerusalém, Patmos, Sinai, Atos, Trikala, Meteora, Lesbos, pelo menos, são provavelmente baseados em uma linha de ancestrais mantida localmente; qualquer importação de exemplares provavelmente ocorreu nos primeiros séculos. Se existem MSS **f³⁵** nesses lugares hoje, é presumivelmente porque houve MSS **f³⁵** lá desde o início.

Rejeito como totalmente infundada a alegação de que **f³⁵** é uma recensão. Se alguém quiser alegar que é, solicito que indique quem o fez, quando e aonde, e que forneça provas em apoio da alegação. Sem provas, tal afirmação é frívola e irresponsável.

Arquétipo nas Epístolas Gerais—f³⁵** sim, **K^x** não**

Se você quer ser candidato a melhor encanador da cidade, precisa ser encanador; o melhor advogado, você precisa ser advogado; o melhor oncologista, você precisa ser um oncologista; e assim por diante. Da mesma forma, se você quer ser um candidato ao arquétipo do Autógrafo, você precisa ser um arquétipo; um arquétipo real, honesto e objetivamente

verificável. Esta seção aborda a seguinte questão: existem arquétipos objetivamente identificáveis nas Epístolas Gerais?

Convido a atenção para as seguintes evidências retiradas do meu aparato crítico desses livros. Vou tomar os livros um de cada vez. A leitura de f^{35} será sempre a primeira, e a lista completa define o arquétipo daquela família.¹

Tiago

- | | | |
|------|--|----------------------------|
| 1.05 | ουκ f^{35} [70.3%] μη $\aleph A, B, C$ [29.7%]; | ?[sem K^x] ² |
| 1.23 | νομου f^{35} [30%] λογου $\aleph A, B, C$ [69%] λογων [1%]; | |
| 1.26 | αλλ f^{35} [35%] αλλα $\aleph A, B, C, 0173$ [65%]; | |
| 2.03 | λαμπραν εσθητα f^{35} [30%] εσθητα την λαμπραν $\aleph A, B, C$ [70%]; | |
| 2.04 | ου f^{35} $\aleph A, C$ [26.8%] και ου (72.2%) και (0.6%) --- B [0.4%]; | |
| 2.08 | σεαυτον f^{35} $\aleph A(B)C$ [50%] εαυτον [50%]; | [sem K^x] |
| 2.13 | ανηλεος f^{35} [20%] ανελεος $\aleph A, B, C$ [30%] ανιλεως [50%]; | [sem K^x] |
| 2.14 | λεγη τις f^{35} $\aleph B$ [70%] ~ 21 A, C [1%] λεγει τις [28%]; | ?[sem K^x] |
| 2.14 | εχει f^{35} [46%] εχη $\aleph A, B, C$ [47%] εχειν [4.5%] σχη [2.5%]; | [sem K^x] |
| 3.02 | δυναμενος f^{35} \aleph [23%] δυνατος A, B [76.5%]; | |
| 3.03 | ιδε f^{35} [60%] ει δε [38.5%] ιδου [0.5%]; ³ | [sem K^x] |
| 3.04 | ανεμων σκληρων f^{35} $\aleph B, C$ [44%] ~ 21 A [56%]; | ?[sem K^x] |
| 3.04 | ιθυνοντος f^{35} [21%] ευθυνοντος $\aleph A, B, C$ [79%]; | |
| 3.18 | δε f^{35} A, B, C [56.6%] δε της [42%] δε ο \aleph [0.4%] --- [1%]; | [sem K^x] |
| 4.02 | ουκ εχετε f^{35} P ¹⁰⁰ A, B [64%] και 12 \aleph [35%] 12 δε [1%]; | [sem K^x] |
| 4.04 | ουν f^{35} $\aleph A, B$ [58%] --- [42%]; | [sem K^x] |
| 4.07 | αντιστητε f^{35} [47.5%] 1 δε $\aleph A, B$ [50%] 1 ουν [2.5%]; | [sem K^x] |
| 4.11 | γαρ f^{35} [26%] --- $\aleph A, B$ [74%]; | |
| 4.12 | και κριτης f^{35} $\aleph A, B$ [62%] --- [38%]; | [sem K^x] |
| 4.14 | ημων f^{35} [26%] υμων (P ¹⁰⁰) $\aleph A(B)$ [74%] | |
| 4.14 | εστιν f^{35} [52%] εσται (A) [41%] εστε B [7%] --- \aleph ; | [sem K^x] |
| 4.14 | επειτα f^{35} [29.5%] 1 δε και [46%] 1 δε [15%] 1 και $\aleph A, B$ [9.5%]; | [sem K^x] |
| 5.07 | αν f^{35} \aleph [53%] --- A, B, 048 [45.5%] ου [1.5%]; | [sem K^x] |
| 5.10 | αδελφοι f^{35} (A)B [35%] αδελφοι μου (\aleph) [62%] --- [3%]; | |

¹ Deixando de lado as leituras singulares, mais de 50% das palavras do Texto terão 100% de atestação; 80% das palavras terão mais de 95% de atestação; 90% das palavras terão mais de 90% de atestação; apenas para cerca de 2% das palavras a atestação cairá abaixo de 80%. Eu considero f^{35} como a base da qual todos os outros fluxos de transmissão partiram, de uma forma ou de outra, de sorte que, em geral, a massa bizantina terá permanecido com f^{35} . Segue-se que a lista inclui apenas casos em que há uma divisão séria na massa bizantina, ou onde f^{35} está sozinha (ou quase isso) contra essa massa.

² Para os propósitos desta seção, uso K^x para representar a massa bizantina.

³ Como f^{35} (K^r) é distinto de K^x , seus 20% devem ser subtraídos dos 60%, deixando uma divisão equilibrada em K^x .

- 5.10 εν τω f³⁵ B [40%] || τω A [58%] || εν Ν [0.6%] || επι τω [1.4%];
 5.11 ειδετε f³⁵ NB [53%] || ιδετε A [45%]; [sem K^x]
 5.11 πολυσπλαγγχος f³⁵ SA,B [65%] || πολυευσπλαγγχος [35%]; [sem K^x]
 5.19 αδελφοι f³⁵ [72%] || αδελφοι μου SA,B,048 [28%]. ?[sem K^x]

O perfil arquetípico da f³⁵ em Tiago é definido pelas 28 leituras acima. É claro e inequívoco, de sorte que temos pelo menos um arquetipo definido objetivamente em Tiago. Em contraste, existem 14 + ?4 conjuntos de variantes onde K^x é seriamente dividido, colocando um arquetipo definido objetivamente além do nosso alcance atual.¹ (Eu não incluí um número de divisões menores – 25%, 20%, 15% – que poderiam complicar qualquer tentativa de chegar a um arquetipo para K^x.) Como Colwell observou para o Evangelho de Marcos, não existe um arquetipo ‘alexandrino’ objetivamente definível;² o mesmo se aplica a qualquer arquetipo ‘ocidental’, a menos que sigamos os Alands e tomemos um único MS como tal, o “texto D” deles (que inclui apenas os Evangelhos e Atos, no entanto, de sorte que não haveria ‘texto D’ para Romanos a Apocalipse).³ Vamos para 1 Pedro.

1 Pedro

- 1.03 ελεος αυτου f³⁵ P⁷² [38%] || ~ 21 SA,B,C [60%] || 1 [2%]; [sem K^x]
 1.07 δοξαν και τιμην f³⁵ P⁷² SA,B,C [35%] || ~ 321 [28%] || ~ 32 εις 1 [37%]; [sem K^x]
 1.16 γινεσθε f³⁵ [52%] || γενεσθε [36%] || εσεσθε P⁷² SA,B,C [12%]; [sem K^x]
 1.23 αλλ f³⁵ C [40%] || αλλα P⁷² SA,B [60%];
 2.02 εις σωτηριαν f³⁵ (P⁷²) SA,B,C [65%] || --- [35%]; [sem K^x]
 2.03 χρηστος f³⁵ SA,B,C [48%] || χριστος P⁷² [52%]; [sem K^x]
 2.06 η f³⁵ C [35%] || εν τη [59%] || εν P⁷² SA,B [6%]; ?[sem K^x]
 2.11 απεχεσθαι f³⁵ NB [65%] || απεχεσθε P⁷² A,C [35%]; [sem K^x]
 2.12 καταλαουσιν f³⁵ P⁷² SA,B,C [52%] || καταλαωσιν [48%]; [sem K^x]
 2.14 μεν f³⁵ C [52%] || --- P⁷² SA,B [48%]; [sem K^x]
 2.17 αγαπησατε f³⁵ [71%] || αγαπατε P⁷² SA,B,C [24%] || --- [5%]; ?[sem K^x]

¹ Se todos os MSS forem cotejados um dia, alguns grupos menores (na faixa de 5% a 10%) com um arquetipo definido objetivamente podem surgir, mas duvido muito que haja a maioria dos MSS com um único arquetipo; como no Apocalipse, onde simplesmente não há K^x (mas há de fato uma f³⁵ [K^r] definida objetivamente).

² E.C. Colwell, “The Significance of Grouping of New Testament Manuscripts”, *New Testament studies*, IV (1957-1958), 86-87. O que ele realmente disse foi: “Esses resultados mostram de forma convincente que qualquer tentativa de reconstruir um arquetipo do tipo de texto Beta [alexandrino] em uma base quantitativa está fadada ao fracasso. O texto assim reconstruído não é reconstruído, mas construído; é uma entidade artificial que nunca existiu.” [Amém!]

³ K. and B. Aland, *The Text of the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1967), pp. 55, 64. Eles falam do “‘texto ocidental’ fantasma”.

2.20	τω f³⁵ A [47%] --- P ^{72,81v} ΣB,C [53%];	[sem K^x]
2.21	και f³⁵ P ⁷² [23%] --- ΣA,B,C [77%];	
2.24	αυτου f³⁵ Σ [71%] --- P ^{72,81v} A,B,C [29%];	[sem K^x]
2.25	ημων f³⁵ [50%] υμων P ⁷² ΣA,B,C [50%];	[sem K^x]
3.06	εγεννηθητε f³⁵ P ^{81v} ΣA,B,C [63%] εγεννηθητε P ⁷² [35%] εγεννηθη [2%];	[sem K^x]
3.07	χαριτος ζωης f³⁵ P ^{81v} B,C [58%] 1 ζωσης [35%] ποικιλης 12 ΣA [7%] 12 αιωνιου P ⁷² ;	[sem K^x]
3.07	εγκοπτεσθαι f³⁵ P ⁸¹ (Σ)A,B [70%] εκκοπτεσθαι P ⁷² C [30%];	?[sem K^x]
3.10	ημερας ιδειν f³⁵ C [26%] ~ 21 P ^{72,81v} ΣA,B [74%];	
3.16	καταλαλουσιν f³⁵ ΣA,C (44.4%) καταλαλωσιν (50%) καταλαλεισθε P ⁷² B (5%);	[sem K^x]
3.16	τη αγαθη εν χριστω αναστροφη f³⁵ [20%] την αγαθην 34 αναστροφην (Σ)A,B [50%] την 34 αγαθην αναστροφην P ⁷² [24%] την 34 αγνην αναστροφην C [1%] την καλην 34 αναστροφην [4%] --- [1%];	[sem K^x]
3.18	ημας f³⁵ A,C [64%] υμας P ⁷² B [36%] --- Σ;	[sem K^x]
4.02	του f³⁵ [22%] --- P ⁷² ΣA,B,C [78%];	
4.03	υμιν f³⁵ Σ (41.7%) ημιν C (47.1%) --- P ⁷² A,B (11.2%);	[sem K^x]
4.03	χρονος f³⁵ P ⁷² ΣA,B,C [26%] χρονος του βιου [74%];	
4.03	ειδωλολατρειαις f³⁵ ΣA,C [70%] ειδωλολατρειαις B [30%];	?[sem K^x]
4.07	τας f³⁵ [70%] --- P ⁷² ΣA,B [30%];	?[sem K^x]
4.08	η f³⁵ [49%] --- P ⁷² ΣA,B [51%];	[sem K^x]
4.08	καλυπτει f³⁵ A,B [60%] καλυπει P ⁷² Σ [40%];	[sem K^x]
4.11	ως f³⁵ [69%] ης P ⁷² ΣA,B [28%] --- [3%];	[sem K^x]
4.11	δοξαζηται Θεος f³⁵ [20%] 1 ο 2 P ⁷² ΣA,B [73%] ~ο 21 [6%];	
4.11	αιωνας f³⁵ P ⁷² [27%] αιωνας των αιωνων ΣA,B [73%];	
4.14	αναπεπνται f³⁵ [39%] επαναπεπνται A [6%] επαναπεπνται P ⁷² [2%] αναπνεται ΣB [52%] αναπεμπεται [1%];	?[sem K^x]
5.03	μηδε f³⁵ P ⁷² [49%] μηδ ΣA [50%];	[sem K^x]
5.07	υπερ f³⁵ [35%] περι P ⁷² ΣA,B [65%];	
5.08	οτι f³⁵ P ⁷² [50%] --- ΣA,B [50%];	[sem K^x]
5.08	περιερχεται f³⁵ [24%] περιπατει P ⁷² ΣA,B [76%];	
5.08	καταπειν f³⁵ (Σ)B [53%] καταπει [25%] καταπει P ⁷² A [22%];	[sem K^x]
5.10	στηριξα f³⁵ [33%] στηριζει P ⁷² ΣA,B [66%] στηριξι [1%];	
5.10	σθενωσαι f³⁵ [30%] σθενωσει ΣA,B [66%] σθενωσοι [1%] --- P ⁷² [3%];	
5.10	θεμελωσαι f³⁵ [30%] θεμελωσει P ⁷² Σ [66%] θεμελωσοι [1%] --- A,B [3%];	
5.11	η δοξα και το κρατος f³⁵ Σ (59.6%) 125 (31.3%) ~ 45312 (7%) 4 (-το P ⁷²) 5 P ⁷² A,B (0.8%).	[sem K^x]

O perfil arquetípico de **f³⁵** em 1 Pedro é definido pelas 42 leituras acima. É claro e inequívoco, de sorte que temos pelo menos um arquetipo definido objetivamente em 1 Pedro. Em contraste, existem 24 + ?6 conjuntos de variantes onde **K^x** é seriamente dividido, colocando um arquetipo definido objetivamente além do nosso alcance atual. (Eu não incluí um número de divisões menores – 25%, 20%, 15% – que poderiam complicar qualquer

tentativa de criar um arquétipo para **K^x**. Por favor, volte para Tiago para outros comentários.) Vamos para 2 Peter.

2 Pedro

- 1.02 ησου του κυριου ημων **f³⁵** (P⁷²)B,C [68%] [234 1.4%] || 1 χριστου
234 **NA** [15%] || χριστου 1234 [8%] || σωτηρος 1 χριστου 234 [1.2%]
|| ~ 2341 χριστου [6%]; [sem **K^x**]
- 1.05 δε τουτο **f³⁵** **N** [66%] || ~ 21 P⁷²B,C [32%] || 1 A [1%] || 2 [0.8%]; [sem **K^x**]
- 2.02 ας **f³⁵** [20%] || ους P⁷²**NA,B,C** [80%];
- 2.09 πειρασμων **f³⁵** **N** [33%] || πειρασμου (P⁷²)A,B,C [67%];
- 2.12 γεγεννημενα φυσικα **f³⁵** **N** [26%] || ~ 21 [54%] || γεγεννημενα 2 A,B,C
[3%] || ~ 2 γεγεννημενα [12%] || 1 [4.2%] || 2 P⁷² [0.4%]; ?[sem **K^x**]
- 2.17 εις αιωνας **f³⁵** (25.1%) || 1 αιωνα A,C (70.3%) || 1 τον αιωνα (2.4%)
|| --- P⁷²**NB** (2.2%);
- 2.18 ασελγειας **f³⁵** [40%] || ασελγειας P⁷²**NA,B,C** [60%];
- 3.02 υμων **f³⁵** P⁷²**NA,B,C** [70%] || ημων [28.8%] || --- [1.2%]; ?[sem **K^x**]
- 3.05 συνεστωτα **f³⁵** **N** [23%] || συνεστωσα P⁷²A,C(048) [76%];
- 3.10 η **f³⁵** **N**,048 [67%] || η οι P⁷²A,B,C [33%]; [sem **K^x**]
- 3.15 αυτω δοθεισαν **f³⁵** [60%] || ~ 21 P⁷²(**N**)A,B,C,048 [40%]; [sem **K^x**]
- 3.16 εισιν **f³⁵** A [33%] || εστιν P⁷²**NB,C** [67%];
- 3.18 αυξανητε **f³⁵** [27%] || αυξανετε **NA,B** [60%] || αυξανεσθε P⁷²C [5%]
|| αυξανησθε [3%] || αυξανοιτε [5%].

O perfil arquetípico de **f³⁵** em 2 Pedro é definido pelas 13 leituras acima. É claro e inequívoco, de sorte que temos pelo menos um arquétipo definido objetivamente em 2 Pedro. **K^x** está em uma forma excepcionalmente boa aqui, e então as leituras diagnósticas são comparativamente menores. Os conjuntos de variantes 4 + ?2 onde **K^x** é seriamente dividido são suficientemente poucos em número para que talvez seja possível postular um arquétipo. (Eu não incluí um número de divisões menores – 25%, 20%, 15% – que poderiam complicar qualquer tentativa. Por favor, volte para Tiago para outros comentários.) Vamos para 1 João.

1 João

- 1.04 ημων **f³⁵** **NB** [59%] || υμων A,C [41%]; [sem **K^x**]
- 1.06 περιπατουμεν **f³⁵** [29%] || περιπατωμεν **f³⁵pt** **NA,B,C** [71%];
- 2.16 αλαζονεια **f³⁵** C [72%] || αλαζονια **NA,B** [28%]; ?[sem **K^x**]
- 2.24 πατρι και εν τω υιω **f³⁵** **N** [35%] || ~ 52341 A(B)C [65%];
- 2.27 διδασκη **f³⁵** **NA,B** [71%] || διδασκει C [28%]; ?[sem **K^x**]
- 2.29 ειδητε **f³⁵** **NB,C** [37%] || ιδητε A [59%] || οιδατε [4%];
- 2.29 γεγεννηται **f³⁵** **NA,B,C** [70%] || γεγεννηται [30%]; [sem **K^x**]
- 3.01 ημας **f³⁵** A,B [36%] || υμας **NC** [63.5%] || --- [0.5%];
- 3.06 και **f³⁵** [20%] || --- **NA,B,C** [80%];
- 3.15 εαυτω **f³⁵** **NA,C** [70%] || αυτω B [30%]; [sem **K^x**]
- 3.17 θεωρη **f³⁵** **NA,B,C** [47%] || θεωρει [53%]; ?[sem **K^x**]
- 3.18 εν **f³⁵** **NA,B,C** [65%] || --- [35%]; [sem **K^x**]
- 3.19 πεισωμεν **f³⁵** [43%] || πεισομεν **NA,B,C** [56%];
- 3.21 καταγιωσκη **f³⁵** **NB,C** [71%] || καταγιωσκει A [29%]; ?[sem **K^x**]

- 3.23 πιστευσωμεν **f³⁵** B (66.9%) || πιστευωμεν **NA,C** (26.5%) || πιστευομεν (5.4%) || πιστευσομεν (1.2%); [sem **K^x**]
- 3.24 εν **f³⁵** **N** [30%] || και εν **A,B,C^v** [70%];
- 4.02 γινωσκεται **f³⁵** [67%] || γινωσκετε **A,B,C** [25%] || γινωσκομεν **N** [8%]; [sem **K^x**]
- 4.03 ομολογει **f³⁵** **N** (73.5%) || ομολογει τον **A,B** (24.2%); ?[sem **K^x**]
- 4.03 εκ **f³⁵** **NA,B** [70%] || --- [30%]; [sem **K^x**]
- 4.16 αυτω **f³⁵** **A** [37%] || αυτω μενει **NB** [63%];
- 5.04 ημων **f³⁵** **NA,B** (56.4%) || υμων (43.2%) || --- (0.4%); [sem **K^x**]
- 5.06 και **f³⁵** **N** [70%] || και εν (A)B [30%]; [sem **K^x**]
- 5.10 εαυτω **f³⁵** **N** [48%] || αυτω **A,B** [52%]; ?[sem **K^x**]
- 5.11 ο θεος ημιν **f³⁵** **B** [24%] || ~ 312 **NA** [76%];
- 5.20 γινωσκωμεν **f³⁵** [66%] || γινωσκομεν **NA,B** [34%]; [sem **K^x**]
- 5.20 η ζωη η **f³⁵** [60%] || 2 **NA,B** [26%] || 12 [6%] || 23 [4%] || --- [4%]. [sem **K^x**]

O perfil arquetípico da **f³⁵** em 1 João é definido pelas 26 leituras acima. É claro e inequívoco, de sorte que temos pelo menos um arquetípico definido objetivamente em 1 João. Em contraste, existem 11 + ?6 conjuntos de variantes onde **K^x** é seriamente dividido, colocando um arquetípico definido objetivamente além do nosso alcance atual. (Eu não incluí um número de divisões menores – 25%, 20%, 15% – que poderiam complicar qualquer tentativa de criar um arquetípico para **K^x**. Por favor, volte para Tiago para outros comentários.) Vamos para 2 & 3 João.

2 João

- 02 εσται μεθ υμων **f³⁵** [58%] || εσται μεθ ημων **NB,0232** [40%] || --- **A** [2%]; [sem **K^x**]
- 05 αλλ **f³⁵** **A** [35%] || αλλα **NB** [65%];
- 05 εχομεν **f³⁵** [30%] || ειχομεν **NA,B** [70%];
- 09 δε **f³⁵** [20%] || --- **NA,B** [80%];
- 12 αλλ **f³⁵** [30%] || αλλα **NA,B** [70%].

3 João

- 11 δε **f³⁵** [25%] || --- **NA,B,C** [75%];
- 12 οιδαμεν **f³⁵** (23%) || οιδατε (61.5%) || οιδας **NA,B,C,048** (15.1%) || οιδα (0.4%).

O perfil arquetípico da **f³⁵** em 2 e 3 João é definido pelas 7 leituras acima. É claro e inequívoco, e por isso temos pelo menos um arquetípico definido objetivamente nestes livros. **K^x** está em uma forma excepcionalmente boa aqui, e por isso as leituras diagnósticas são comparativamente poucas. Com apenas um conjunto de variantes onde **K^x** é seriamente dividido, pode ser possível postular um arquetípico. Vamos para Judas.

Judas

- 06 αλλ **f³⁵** **C** [30%] || αλλα **P⁷²NA,B** [70%];
- 16 εαυτων **f³⁵** **C** [35%] || αυτων **NA,B** [65%];

24 αὐτοῦς f³⁵ (68.8%) || υἱαὺς ᾠB,C (29.2%) || ηἱμας A (1%). ?[sem K^x]

O perfil arquetípico da f³⁵ em Judas é definido pelas 3 leituras acima. É claro e inequívoco, e por isso temos pelo menos um arquétipo definido objetivamente neste livro. K^x está em uma forma excepcionalmente boa aqui, e por isso as leituras diagnósticas são comparativamente poucas. Com apenas um conjunto de variantes onde K^x é seriamente dividido, pode ser possível postular um arquétipo.

Conclusão

Tomando as sete epístolas como um bloco ou grupo, a evidência apresentada fornece uma resposta à pergunta inicial: há apenas um arquétipo objetivamente identificável nas Epístolas Gerais – precisamente a f³⁵. Seu perfil distintivo é definido pelas 119 leituras alistadas acima. Em contraste, existem 54 + ?18 conjuntos de variantes onde K^x é seriamente dividido, tornando altamente duvidoso que exista um único arquétipo de K^x para esses livros. (Eu não incluí um número de divisões menores – 28 em torno de 25%, 53 em torno de 20%, 57 em torno de 15% – que poderiam complicar qualquer tentativa de estabelecer um arquétipo para K^x, especialmente se a participação nas divisões não for constante ou previsível.) Não tenho conhecimento de quaisquer outros possíveis candidatos. Admitindo o estado atual de nossa ignorância, nas Epístolas Gerais há apenas um candidato qualificado ao arquétipo do Autógrafo: f³⁵. (Se houver apenas um candidato a prefeito em sua cidade, quem é eleito?)

‘*Concordia discors*’ e as leituras minoritárias da f³⁵ nas Epístolas Gerais

Há bem mais de um século, e ao longo de suas obras, John William Burgon repetidamente chamou a atenção para a *concordia discors*, a confusão e o desacordo predominantes, que os unciais mais antigos (ᾠABCD – ele pessoalmente cotejou cada um) exibem entre si. Lucas 11.2-4 oferece um exemplo.

“Os cinco Unciais Antigos” (ᾠABCD) falsificam a Oração do Senhor como dada por São Lucas em nada menos que quarenta e cinco palavras. Mas tão pouco eles concordam entre si, que se lançam em seis combinações diferentes em seus desvios do Texto Tradicional; e, no entanto, eles nunca são capazes de concordar entre si quanto a uma única leitura diferente: enquanto apenas uma vez mais de dois deles são observados juntos, e seu grande ponto de união é nada menos que uma omissão do artigo. Tal é sua tendência excêntrica, que em relação

a trinta e duas dessas quarenta e cinco palavras eles oferecem, um por um, evidência solitária.¹

Tiago

Concordia discors

Quatro desses unciais estão disponíveis em Tiago (ⲘABC), aos quais adiciono P^{20,100} e 048,² e o que Burgon chama de “tendência excêntrica” é claramente visível. Sua excentricidade, vista do ponto de vista da transmissão normal, é suficiente para aquecer o coração do iconoclasta mais obstinado. No entanto, sua própria excentricidade estabelece sua independência, o que é de especial interesse no que se segue. Prossigo para tabular seu desempenho nos 120 conjuntos de variantes relevantes (excluindo 5 com *rell*) incluídos no aparato crítico de minha edição do Texto grego de Tiago. Eu faço isso usando f³⁵ como ponto de referência.

f ³⁵ só	53	[Nesses casos os unciais geralmente estão juntos, mas nem sempre.]
f ³⁵ P ¹⁰⁰	2	
f ³⁵ Ⲙ	6	
f ³⁵ A	9	
f ³⁵ B	1	
f ³⁵ C	5	
f ³⁵ 048	1	
f ³⁵ P ²⁰ Ⲙ	1	
f ³⁵ P ¹⁰⁰ A	1	
f ³⁵ ⲘA	7	
f ³⁵ ⲘB	2	
f ³⁵ AB	2	
f ³⁵ AC	6	
f ³⁵ P ¹⁰⁰ ⲘA	1	
f ³⁵ P ¹⁰⁰ AB	1	
f ³⁵ P ¹⁰⁰ AC	1	
f ³⁵ ⲘAB	6	
f ³⁵ ⲘAC	2	
f ³⁵ ⲘBC	2	
f ³⁵ ABC	2	
f ³⁵ P ¹⁰⁰ ⲘAB	1	

¹ Burgon, *The Traditional Text of the Holy Gospels Vindicated and Established*, arranjado, completado e editado por Edward Miller (Londres: George Bell and Sons, 1986), p. 84.

² P²³, 0173 e 0246, todos fragmentários, também são citados em meu aparato, mas nunca concordam com f³⁵ contra os outros.

f³⁵ NABC 6 [Como essa combinação atesta mais de 90% das palavras, é irrelevante para o meu propósito atual e não será usada em nenhum cálculo abaixo.]

envolvendo P ²⁰	1
envolvendo P ¹⁰⁰	7
envolvendo x	28
envolvendo A	37
envolvendo B	17
envolvendo C	18
envolvendo 048	1

Para os 114 conjuntos de variantes relevantes (120 menos 6), f³⁵ tem atestação concreta desses unciais antigos em 52% das vezes. Não só são esses unciais obviamente independentes um do outro, mas f³⁵ também é independente deles, e igualmente antigo. Aqui está uma demonstração adicional de que a f³⁵ é tanto antigo como independente. Enquanto avançamos para a próxima seção, favor de manter em mente que, por si só, a f³⁵ prova que uma variante é antiga.

Leituras minoritárias f³⁵

Uma olhada no aparato do meu Texto grego de Tiago mostrará que designei como genuínas nove leituras com atestação de 30% ou menos. Em cada caso, o fator decisivo é a presença de f³⁵. Vou agora analisar essas nove leituras, começando com a menor porcentagem.

ανηλεος 2.13 [20%]

Os únicos MSS f³⁵ incluídos no *ECM*, 18 e 35, são falsamente atribuídos a uma variante diferente, de modo que esta leitura nem sequer é mencionada na *ECM*; nem é mencionada por von Soden. Além de qualquer dúvida, esta é a leitura de f³⁵, mas somente à medida que mais MSS forem cotejados saberemos se ela sobreviveu em outras linhas de transmissão. Que alguém tenha introduzido uma forma ática na Idade Média é pouco crível, de sorte que f³⁵ é antiga e, na minha opinião, provavelmente original.

ιθυνοντος 3.4 [21%]

Todos os oito MSS não-f³⁵, conforme alistados pela *ECM*,¹ têm um perfil distinto, alguns radicalmente assim. No entanto, três deles (1270, 1297, 1598) estão obviamente relacionados e presumivelmente tiveram um ancestral comum não muito distante. Portanto, temos seis linhas de

¹ *Editio Critica Maior*, The Institute for New Testament Textual Research, ed (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997), vol. IV, Catholic epistles.

transmissão independentes (fora de f^{35}) que provavelmente remontam aos primeiros séculos. Aliás, o cursivo 1595, embora bastante diferente dos três, provavelmente se juntaria a eles até o século V, deixando cinco linhas. Além disso, à medida que a distância no tempo aumenta, torna-se cada vez mais improvável que uma ortografia clássica antiga pudesse ser, ou fosse, introduzida. Esta leitura é certamente antiga e, na minha opinião, provavelmente original.

δυναμενος 3.2 \aleph [23%]

Para minha surpresa, não há absolutamente **nenhuma** sobreposição entre os oito MSS não- f^{35} que a ECM alista para *ιθυνοντος* e os 23 MSS não- f^{35} alistados para *δυναμενος*. Para minha surpresa maior, os 23 não incluem um único MS bizantino.¹ Então, f^{35} é totalmente independente de K^x aqui, e ainda assim \aleph a acompanha, de sorte que já sabemos que a leitura é antiga. Mas vamos analisar os cursivos.

Como não há dois com um perfil idêntico, os 23 são presumivelmente independentes em sua própria geração. No entanto, existem vários pares com um ancestral comum não muito distante, presumivelmente – coloco 206-429, 254-1524 e 630-2200 nesta categoria. Mas os dois primeiros pares estão relacionados, com um ancestral comum. O ancestral de 630-2200 é acompanhado por 2138 e seu avô por 2495. 621 e 2412 se encontram várias gerações atrás. Então, no século V, imagino, temos dezesseis linhas de transmissão independentes (fora de f^{35}). Quando voltarmos ao século III ainda devemos ter pelo menos seis linhas independentes que atestam *δυναμενος* (muito parecido com *ιθυνοντος*), mas as linhas são totalmente diferentes em cada caso!!! Isso significa que f^{35} é independente de todas essas onze linhas (certamente – com *ιθυνοντος* f^{35} é independente das seis que atestam *δυναμενος*, e com *δυναμενος* é independente das cinco que atestam *ιθυνοντος*; portanto, é independente de todas as onze).

Esta leitura é certamente antiga, não deve nada a K^x (a massa bizantina) e, na minha opinião, é muito provavelmente original.²

ημων 4.14 [26%]

Esta variante compartilha 206-429, 254-1524 e 630-2200 com *δυναμενος*,

¹ ECM alista dois como bizantinos (254, 1827), mas comparando-os com *TuT* eles não ficam acima do piso de 80% em Tiago.

² Esse refrão recorrente, “na minha opinião é provavelmente original” data de quando eu estava começando meu trabalho com a Família 35 (em 2004). Com base nas evidências que acumulei desde então, afirmo agora que as leituras da Família 35 são certamente originais.

e representam apenas duas linhas de transmissão; também compartilha 1490 e 1831, que são independentes. Isso deixa mais 10 MSS não- \mathbf{f}^{35} alistados para esta variante, seis dos quais são bizantinos (mas todos bem diferentes). Das dez, apenas duas se juntariam no século V, o que nos deixa com treze linhas de transmissão independentes (fora de \mathbf{f}^{35}) no século V, ou assim imagino. Quando voltarmos ao século III, ainda deveríamos ter pelo menos seis linhas independentes de transmissão para $\eta\mu\omega\nu$. Os seis MSS bizantinos obviamente não representam \mathbf{K}^x , de sorte que novamente temos uma leitura que é certamente antiga, e não devendo nada a \mathbf{K}^x . Na minha opinião é muito provavelmente original.

γαρ 4.11 [26%]

A lista de MSS aqui é semelhante à de $\delta\nu\nu\alpha\mu\epsilon\nu\omicron\varsigma$ – ela compartilha 13 das 16 linhas independentes e pega sete novas (uma é compartilhada com $\iota\theta\nu\nu\omicron\nu\omicron\tau\omicron\varsigma$), o que faz 20 (fora de \mathbf{f}^{35}). Portanto, esta leitura também é certamente antiga, não devendo nada a \mathbf{K}^x e, na minha opinião, é muito provavelmente original.

ov 2.4 $\aleph A, C$ (26.8%)

Uma vez que esta leitura também é atestada por $\aleph A, C$, não há dúvida sobre a idade. A lista de MSS aqui reproduz todos exceto sete MSS na lista para *γαρ*, mas tem cerca de vinte MSS adicionais. Como este é um dos conjuntos incluídos no *TuT*, a porcentagem é precisa. Aqui, novamente, esta leitura é certamente antiga, não devendo nada a \mathbf{K}^x e, na minha opinião, é provavelmente original.

επειτα 4.14 [29.5%]

A lista de MSS aqui é bastante semelhante à de *γαρ*, mas há menos. Mesmo assim, existem cerca de 15 linhas de transmissão independentes. Aqui, novamente, esta leitura é certamente antiga, não devendo nada a \mathbf{K}^x e, na minha opinião, é muito provavelmente original.

voμov 1.23 [30%]

A lista aqui é um pouco diferente. Uma linha independente é compartilhada com $\iota\theta\nu\nu\omicron\nu\omicron\tau\omicron\varsigma$, três com $\delta\nu\nu\alpha\mu\epsilon\nu\omicron\varsigma$, duas com $\eta\mu\omega\nu$ e duas com *γαρ*, o que já faz oito linhas independentes. Mas há seis novas linhas de transmissão independentes adicionadas aqui que nenhuma das outras possui. Assim, no século V, como imagino, temos 14 linhas independentes (fora de \mathbf{f}^{35}). Quando chegarmos ao século III, ainda devemos, novamente, ter pelo menos seis linhas independentes de transmissão para $\nu\omicron\mu\omicron\nu$, não necessariamente uma sobreposição perfeita com qualquer uma das outras.

Existem alguns MSS bizantinos que obviamente não representam **K^x**, e então novamente temos uma leitura que é certamente antiga, e não devendo nada a **K^x**. Na minha opinião é muito provavelmente original.

λαμπραν εσθητα 2.3 [30%]

A lista aqui é bastante semelhante à de γαρ, etc., compartilhando uma linha com ιθυνοντος que nenhuma das outras possui. Ele adiciona três novas linhas independentes, de sorte que a evidência aqui é muito parecida com as outras. Aqui, novamente, esta leitura é certamente antiga, não devendo nada a **K^x** e, na minha opinião, é provavelmente original.

Obviamente, o quadro que vimos até agora será verdadeiro para todas as outras leituras minoritárias, à medida que subimos para 35%, 40% etc.

Conclusão

A **f³⁵** é antiga e não deve nada a **K^x**. Q.E.D. Bem, claro, não exatamente. Eu não estava vivo no quinto século, nem no terceiro, de sorte que não posso provar que o quadro que pintei, quanto ao tempo, esteja correto. No entanto, somando as evidências aqui apresentadas às apresentadas em “Quando há ‘recensão?’”, afirmo com a consciência limpa que a maioria das linhas independentes mencionadas – ιθυνοντος 5, δυναμενος 16, ημων 9, γαρ 6, νομου 6, λαμπραν εσθητα 3, que equivale a **45** – a maioria provavelmente remonta ao século V, pelo menos. É altamente improvável que os 45 reduziriam para menos de 15 no terceiro século. [E todas essas 15 atestam **f³⁵** contra **K^x**, em um ponto ou outro – da mesma forma em outros pontos elas vão com **K^x** contra **f³⁵**, de forma que **K^x** também é antigo.] Convido a atenção para uma palavra de Kilpatrick.

O tratamento que Orígenes deu a Mat. 19.19 é significativo de duas outras maneiras. Primeiro, ele foi provavelmente o comentarista mais influente da Igreja Antiga e, no entanto, sua conjectura neste ponto parece ter influenciado apenas um manuscrito de uma versão local do Novo Testamento. A tradição grega aparentemente não foi afetada por ela. Do terceiro século em diante, mesmo um Orígenes não podia efetivamente alterar o texto.

Isso nos leva ao segundo ponto significativo – sua data. A partir do início do século III em diante, a liberdade de alterar o texto que dominava anteriormente não podia mais ser praticada. Taciano é o último autor a fazer alterações deliberadas no texto de quem temos informações explícitas. Entre Taciano e Orígenes, a opinião cristã

havia mudado tanto que não era mais possível fazer mudanças no texto, fossem elas inofensivas ou não.¹

A observação feita por Kilpatrick parece-me óbvia. Evidentemente haveria exceções ocasionais, especialmente em áreas remotas como o Egito, onde o grego não era mais falado. Após a campanha de Diocleciano [303], a maioria dos monges simplesmente copiava o que estava à sua frente. A maioria das 45 linhas de transmissão mencionadas acima provavelmente já existiam no ano 300.

1 Pedro

Assim como fiz com Tiago, tomo nota do que John William Burgon chamou de *concordia discors*, a confusão e o desacordo predominantes, que os unciais antigos (ⲠABCD – ele pessoalmente cotejou cada um) exibem entre si.

Concordia discors

Quatro desses unciais estão disponíveis em 1 Pedro (ⲠABC), aos quais acrescento P⁷² (que não era conhecido na época de Burgon), e o que Burgon chama de “tendência excêntrica” é claramente visível. Essa excentricidade estabelece sua independência, que é de especial interesse no que segue. Prossigo para tabular seu desempenho nos 141 conjuntos de variantes relevantes (desconsiderando os 13 com *rell*) incluídos no aparato crítico de minha edição do Texto grego de 1 Pedro. Eu faço isso usando f³⁵ como ponto de referência:

f ³⁵ só	46	[Nesses casos os unciais geralmente estão juntos, mas nem sempre.]
f ³⁵ P ⁷²	7	
f ³⁵ Ⲡ	9	
f ³⁵ A	8	
f ³⁵ B	2	
f ³⁵ C	8	
f ³⁵ P ⁷² A	2	
f ³⁵ P ⁷² B	2	
f ³⁵ P ⁷² C	3	
f ³⁵ ⲠA	2	
f ³⁵ ⲠB	3	
f ³⁵ ⲠC	1	
f ³⁵ AB	2	
f ³⁵ AC	4	

¹ G.D. Kilpatrick, “Atticism and the Text of the Greek New Testament,” *Neutestamentliche Aufsätze* (Regensburg: Verlag Friedrich Pustet, 1963), pp. 129-30.

f^{35} BC	1	
f^{35} P ⁷² ⋈A	3	
f^{35} P ⁷² ⋈B	1	
f^{35} P ⁷² ⋈C	2	
f^{35} P ⁷² AB	2	
f^{35} P ⁷² AC	2	
f^{35} ⋈AB	1	
f^{35} ⋈AC	4	
f^{35} ABC	1	
f^{35} P ⁷² ⋈AB	4	
f^{35} P ⁷² ⋈AC	2	
f^{35} P ⁷² ⋈BC	1	
f^{35} P ⁷² ABC	1	
f^{35} ⋈ABC	4	
f^{35} P ⁷² ⋈ABC	13	Como essa combinação atesta mais de 90% das palavras, é irrelevante para o meu propósito atual e não será usada em nenhum cálculo abaixo.]
envolvendo P ⁷²	32	
envolvendo ⋈	37	
envolvendo A	42	
envolvendo B	25	
envolvendo C	34	[C está faltando de 4.6 até o fim; se existisse, vários dos números acima mudariam.]

Para os 128 conjuntos de variantes que restam (141 menos 13), a f^{35} tem atestação concreta desses unciais antigos em 64% das vezes. Não só são esses unciais obviamente independentes um do outro, mas a f^{35} também é independente deles, e igualmente antigo. Aqui está uma demonstração adicional de que a f^{35} é tanto antiga como independente. Enquanto avançamos para a próxima seção, favor de manter em mente que, por si só, a f^{35} prova que uma variante é antiga.

Leituras minoritárias f^{35}

Uma olhada no meu aparato mostrará que designei nove leituras como sendo genuínas com uma atestação de 30% ou menos. Em cada caso, o fator decisivo é a presença da f^{35} . Vou agora analisar essas nove leituras, começando com a menor porcentagem.

τη αγαθη εν Χριστω αναστροφη 3.16 [20%]

ECM alista apenas os cursivos 18 e 35 para o dativo. Para minha decepção, von Soden não o menciona, mas Tischendorf o faz, citando seus cursivos 38 e 93 (GA 328 e 205), confirmando que o dativo é a leitura da f^{35} .

Tischendorf também cita seu 137 (GA 614) para o dativo, que tem um perfil ‘independente’. Então sabemos que o dativo não sobreviveu apenas na **f**³⁵. O dativo é correto para o objeto de $\epsilon\pi\eta\rho\epsilon\alpha\zeta\omega$, mas copistas que não estivessem familiarizados com essa peculiaridade naturalmente ‘corrigiriam’ para o acusativo. *ECM* alista 15 variações para a frase de 6 palavras. Uma de minhas pressuposições é que os livros do NT foram inspirados pelo Espírito Santo, e presumo que Ele sabia escrever corretamente o grego koinê.

Durante os últimos 150 anos, o cânone da ‘leitura mais difícil’ tem sido amplamente utilizado para imputar a João, Pedro, etc. uma variedade de barbaridades linguísticas; afinal, eram pescadores ignorantes, rústicos galileus ou como queira. Mas vamos parar e pensar por um minuto. Depois de Pentecostes, quando a Igreja explodiu e se tornou óbvio que os apóstolos teriam que viajar muito, para ter um ministério ‘internacional’, eles não iriam aprimorar seu grego (e até latim)? Se eu estivesse no lugar de Pedro, certamente teria feito isso. Em outras palavras, sustento que Pedro, João e Tiago eram perfeitamente competentes para escrever grego bom ou correto.¹ Para mim, é significativo que **f**³⁵ habitualmente fica do lado da leitura gramaticalmente correta, como neste caso.

δοξαζηται Θεος 4.11 [20%]

Novamente, *ECM* alista apenas os cursivos 18 e 35 para esta variante. Para minha decepção, nem von Soden nem Tischendorf a mencionam. No entanto, conforme ilustrado por Tischendorf para a variante acima, quase certamente haverá MSS não cotejados por *ECM* que concordam com a **f**³⁵ aqui (infelizmente, o *TuT* não inclui este conjunto). A falta do artigo enfatiza a qualidade inerente do substantivo, o que está de acordo com o contexto. Juntando o contexto à ‘média de acertos’, ou quociente de credibilidade, fico com a **f**³⁵ aqui.

του 4.2 [22%]

A maioria dos quatorze MSS não-**f**³⁵ alistados por *ECM* para esta variante são compartilhados com $\delta\nu\nu\alpha\mu\epsilon\nu\omicron\varsigma$ em Tiago 3.2. Os catorze se reduzirão a oito linhas de transmissão independentes no século V, ou assim imagino, algumas das quais remontarão ao século III. A escolha entre a presença ou ausência do artigo aqui faz pouca diferença no sentido, de sorte que por causa de seu quociente de credibilidade eu fico com a **f**³⁵.

¹ Que havia um centurião residente em Capernaum, significa que havia soldados romanos estacionados lá. Aquele posto avançado romano era, sem dúvida, o cliente mais importante da cidade para os peixes de Pedro e João. Suas conversas com os soldados teriam sido em grego, presumivelmente, e por isso eles tiveram um começo.

και 2.21 P⁷² [23%]

Essa variante também é atestada por quatorze MSS não-**f**³⁵ (alistados por *ECM*), mas apenas quatro são compartilhados. Há mais diversidade desta vez, com apenas dois pares, de sorte que no século V ainda temos doze linhas, a maioria das quais remontará ao terceiro, assim imagino. P⁷² dá atestação concreta do século III. A leitura da maioria é perfeitamente normal e faz muito sentido, e portanto, se fosse original, ninguém veria razão de alterá-la. Por outro lado, o *και* ao lado do *γαρ* poderia facilmente parecer desnecessário, motivando os copistas a excluí-lo. No contexto, o uso enfático se encaixa bem. Esta leitura é certamente antiga e independente, e na minha opinião muito provavelmente original.

περιερχεται 5.8 [24%]

Os vinte e um MSS não-**f**³⁵ alistados por *ECM* para esta variante incluem todos, exceto um, dos alistados para *του* acima, além de oito diferentes. Existem vários grupos, mas haveria pelo menos dez linhas independentes no século V, das quais pelo menos metade deve remontar ao terceiro, como imagino. O leão não saiu para um passeio à tarde, ele está rodeando a presa, procurando uma abertura. *Περιερχεται* é antigo, independente e correto, e na minha opinião quase certamente original.

ημερας ιδειν 3.10 C [26%]

Os vinte e seis MSS não-**f**³⁵ alistados por *ECM* para esta variante formam vários grupos, mas haveria pelo menos quinze linhas independentes no século 5 – o códice C dá atestação concreta do século 5 – pelo menos metade deve remontar ao 3º, assim imagino. Como isso faz parte de uma citação dos Salmos, a LXX pode ser um fator, mas como? O códice B tem a mesma ordem de palavras em sua LXX de Salmos e aqui em Pedro, enquanto o códice C concorda com a LXX impressa. Então, quem assimilou a quem? A ordem das palavras atestada pela **f**³⁵ parece menos suave que a da maioria e pode ter dado origem a ela. De qualquer forma, *ημερας ιδειν* é antiga, independente e, na minha opinião, provavelmente original.

χρονος 4.3 P⁷²⋈ABC [26%]

Os trinta e oito MSS não-**f**³⁵ alistados por *ECM* para esta variante incluem todos os cinco unciais antigos, e portanto, não há dúvida sobre a idade. (Apenas duas palavras depois, os mesmos cinco unciais antigos trazem *βουλημα* em vez de *θελημα*, mostrando que a **f**³⁵ é independente deles.) Haverá mais de vinte linhas independentes no século V, das quais pelo menos metade deve remontar ao terceiro, ou assim imagino. Eu traduziria os versículos 2-3 assim: “...para não viver mais o seu tempo restante na

carne para desejos humanos, mas para a vontade de Deus. Porque o tempo que passou é suficiente para vocês terem feito a vontade dos gentios...” A frase “da vida” atrapalha. A \mathbf{f}^{35} é antiga e independente; considero que sua leitura aqui é provavelmente original.

αιωνας 4.11 P⁷² [27%]

Os trinta e um MSS não- \mathbf{f}^{35} alistados por *ECM* para esta variante incluem P⁷², e portanto, não há dúvida sobre a idade. Eles serão reduzidos para cerca de vinte linhas independentes no século V, das quais pelo menos metade deve remontar ao terceiro, ou assim imagino. Que o familiar των αιωνων fosse adicionado, se o original não o tivesse, é previsível; que fosse omitido é mais difícil de explicar. Eu traduziria, “ao longo dos eras”. A \mathbf{f}^{35} é antiga e independente; considero que sua leitura aqui é provavelmente original.

σθενωσαι θεμελιωσαι 5.10 [30%]

Os vinte e quatro MSS não- \mathbf{f}^{35} alistados por *ECM* para esta variante serão reduzidos para nada menos que doze linhas de transmissão independentes no século V, além da \mathbf{f}^{35} , pelo menos metade das quais deve remontar ao 3º, ou assim imagino. Está Pedro afirmando que Deus fará, futuro indicativo, ou pedindo que Deus faça, aoristo optativo? Como “depois de ter sofrido um pouco” afeta a equação? Mais uma vez vou ficar com a \mathbf{f}^{35} . Esta leitura é certamente antiga e, na minha opinião, é provavelmente original.

Conclusão

Obviamente, o quadro que vimos até agora será verdadeiro para todas as outras leituras minoritárias da \mathbf{f}^{35} , à medida que subimos para 35%, 40%, etc. Como em Tiago, a \mathbf{f}^{35} é claramente antiga e independente de \mathbf{K}^x . Se também é independente de todas as outras linhas de transmissão, como creio (e posso demonstrar), então remonta ao Original – que outra explicação razoável existe?

2 Pedro

Assim como fiz com Tiago e 1 Pedro, tomo nota do que John William Burgon chamou de *concordia discors*, a confusão e o desacordo predominantes, que os unciais antigos (ⲠABCD – ele pessoalmente cotejou cada um) exibem entre si.

Concordia discors

Quatro desses unciais estão disponíveis em 2 Pedro (ⲠABC), aos quais adiciono P⁷² e 048, e o que Burgon chama de “tendência excêntrica” é claramente visível. Essa excentricidade estabelece sua independência, que

é de especial interesse no que segue. Prossigo para tabular seu desempenho nos 67 conjuntos de variantes relevantes incluídos no aparato crítico de minha edição do Texto grego de 2 Pedro (excluindo 17 onde uso *rell*). Eu faço isso usando a f^{35} como ponto de referência:

f^{35} só	9	[Nesses casos os unciais geralmente estão juntos, mas nem sempre.]
f^{35} N	7	
f^{35} A	3	
f^{35} B	1	
f^{35} C	3	
f^{35} P ⁷² B	1	
f^{35} P ⁷² C	1	
f^{35} NA	7	
f^{35} NC	2	
f^{35} N048	1	
f^{35} AC	2	
f^{35} P ⁷² BC	3	
f^{35} NAB	1	
f^{35} NAC	1	
f^{35} NA048	1	
f^{35} NBC	1	
f^{35} AC048	2	
f^{35} BC048	1	
f^{35} P ⁷² NAB	1	
f^{35} P ⁷² NAC	1	
f^{35} P ⁷² NBC	1	
f^{35} P ⁷² NAB048	1	
f^{35} P ⁷² NABC	6	[Como essa combinação atesta mais de 90% das palavras, é irrelevante para o meu propósito atual e não será usada em nenhum cálculo abaixo.]
envolvendo P ⁷²	9	
envolvendo N	25	
envolvendo A	20	
envolvendo B	11	
envolvendo C	18	
envolvendo 048	6	

Para os 61 conjuntos de variantes que restam (67 menos 6), a f^{35} tem atestação concreta desses unciais antigos em 69% das vezes. Não apenas

são esses unciais obviamente independentes um do outro, a f^{35} também é independente deles, mas igualmente antiga. Aqui está uma demonstração adicional de que a f^{35} é tanto antiga como independente. Enquanto avançamos para a próxima seção, favor de manter em mente que, por si só, a f^{35} prova que uma variante é antiga.

Leituras minoritárias f^{35}

Uma olhada no meu aparato mostrará que designei como sendo genuínas sete leituras com uma atestação de 33% ou menos. Em cada caso, o fator decisivo é a presença da f^{35} . Vou agora analisar essas sete leituras, começando com a menor porcentagem.

$\alpha\zeta$ 2.2 [20%]

ECM alista apenas o cursivo 18 para esta leitura, mas meu próprio cotejo de 35 me convence de que concorda com 18; assim como outros 38 representantes da família que já cotejei. De sorte que a família é sólida. Von Soden cita um outro MS para esta leitura, enquanto Tischendorf fica em silêncio. Assim, a leitura sobreviveu fora da família, embora não muito amplamente. O antecedente do pronome é as orgias ou as pessoas envolvidas nelas? Qualquer um faz sentido, mas é realmente a má conduta que mancha a reputação do Caminho. Entendo que a f^{35} preserva a leitura original aqui.

$\sigma\nu\nu\epsilon\sigma\tau\omega\tau\alpha$ 3.5 \aleph [23%]

A sintaxe de Pedro aqui é um pouco complexa, dando origem a onze variações para a frase de seis palavras. A meu ver, “sobressaindo d’água e dependendo d’água” é parentético, modificando 'terra', e assim o participio trabalha com $\eta\sigma\alpha\nu$ como uma construção perifrástica cujo sujeito inclui tanto 'céu' [m] quanto 'terra' [f] – e por isso o participio ativo perfeito no nominativo plural é neutro. A f^{35} está precisamente correta aqui, mesmo que a maioria dos copistas tenha se perdido na sintaxe de Pedro. \aleph dá atestação concreta do século IV, mas esta leitura também é atestada por outras quatro linhas de transmissão independentes (como citadas por *ECM*), além da f^{35} , que provavelmente remontam pelo menos ao século IV. Entendo que a f^{35} preserva o Original aqui.

$\epsilon\iota\zeta$ $\alpha\iota\omega\nu\alpha\varsigma$ 2.17 (25.1%)

Aqui podemos depender dos cotejos completos refletidos no *TuT*. Deve haver bem mais de vinte linhas de transmissão independentes que remontam ao século 5, metade das quais deve remontar ao 3º, além da f^{35} . A escolha é entre singular e plural, uma ‘era’ ou muitas. A ausência do artigo ajudou a confundir o quadro. Se o plural é mais forte que o singular, então se encaixa

melhor no contexto, já que Pedro está usando uma linguagem violenta. Considero que o plural é provavelmente original.

γεγενημενα φυσικα 2.12 Ἰ [26%]

Novamente, além do testemunho concreto de Ἰ, deve haver bem mais de vinte linhas de transmissão independentes que remontam ao século V, metade das quais deve remontar ao terceiro, além de f³⁵. O restante dos unciais antigos (P⁷² omite o participio) atestam essa ordem, enquanto cerca de 85% dos MSS atestam o verbo. A variante majoritária, ao colocar o adjetivo ao lado do substantivo, parece fazer uma construção mais natural, mas entendo que φυσικα está agindo como um substantivo em oposição a ζωα, e para nos ajudar a ver isso Pedro o coloca depois do participio: traduzir, “como animais irracionais, criaturas de instinto feitas para serem capturadas e destruídas”. Não duvido que a f³⁵ preserve o Original aqui.

αυξανητε 3.18 [27%]

Imperativo ou Subjuntivo? Entendo que Pedro está oferecendo uma alternativa mais suave do que caírem eles de sua firmeza; traduzir, “antes, que vocês cresçam em graça...” 5% dos MSS chegam a colocar o Optativo; o Subjuntivo e o Optativo perfazem 35%. Essa leitura é atestada por pelo menos dez linhas de transmissão independentes, algumas das quais devem remontar ao III, além da f³⁵. Entendo que o Subjuntivo deve ser original.

εισιν 3.16 Α [33%]

O plural é obviamente correto. Além do testemunho concreto de Α, deve haver bem mais de vinte linhas de transmissão independentes que remontam ao século V, metade das quais deve remontar ao terceiro, além da f³⁵. Deixe-me repetir uma colocação na seção de 1 Pedro.

Durante os últimos 150 anos, o cânone da ‘leitura mais difícil’ tem sido amplamente utilizado para imputar a João, Pedro, etc. uma variedade de barbaridades linguísticas; afinal, eram pescadores ignorantes, rústicos galileus ou como queira. Mas vamos parar e pensar por um minuto. Depois de Pentecostes, quando a Igreja explodiu e se tornou óbvio que os apóstolos teriam que viajar muito, para ter um ministério ‘internacional’, eles não iriam aprimorar seu grego (e até latim)? Se eu estivesse no lugar de Pedro, certamente teria feito isso. Em outras palavras, sustento que Pedro, João e Tiago eram perfeitamente competentes para escrever grego bom ou correto.¹ Para mim, é significativo que a f³⁵ habitualmente fica do lado da leitura gramaticalmente correta, como neste caso.

¹ Que havia um centurião residente em Capernaum, significa que havia soldados romanos

πειρασμων 2.9 Ν [33%]

Singular ou plural? Considero o plural claramente superior no contexto. Novamente, além do testemunho concreto de Ν, deve haver bem mais de vinte linhas de transmissão independentes que remontam ao século V, metade das quais deve remontar ao terceiro, além da f³⁵. Mais uma vez vou ficar com a f³⁵. Esta leitura é certamente antiga e é provavelmente original.

Conclusão

Obviamente, o quadro que vimos até agora será verdadeiro para todas as outras leituras minoritárias da f³⁵, à medida que avançamos para 40%, etc. Como em Tiago e 1 Pedro, a f³⁵ é claramente antiga e independente de K^x. Se também é independente de todas as outras linhas de transmissão, como creio, então remonta ao Original – que outra explicação razoável existe?

1 João

Como fiz com Tiago e 1 e 2 Pedro, tomo nota do que John William Burgon chamou de *concordia discors*, a confusão e o desacordo predominantes, que os unciais antigos (ΝABCD – ele pessoalmente cotejou cada um) exibem entre si.

Concordia discors

Quatro desses unciais estão disponíveis em 1 João (ΝABC), aos quais acrescentei 048, e o que Burgon chama de “tendência excêntrica” é claramente visível. Essa excentricidade estabelece sua independência, que é de especial interesse no que segue. Prossigo para tabular seu desempenho nos 87 conjuntos de variantes relevantes (excluindo 31 com *rell*) incluídos no aparato crítico de minha edição do Texto grego de 1 João. Eu faço isso usando a f³⁵ como ponto de referência.

f ³⁵ só	32	[Nesses casos os unciais geralmente estão juntos, mas nem sempre.]
f ³⁵ Ν	10	
f ³⁵ A	7	
f ³⁵ B	4	
f ³⁵ C	3	
f ³⁵ ΝA	4	
f ³⁵ ΝB	1	

estacionados lá. Aquele posto avançado romano era, sem dúvida, o cliente mais importante da cidade para os peixes de Pedro e João. Suas conversas com os soldados teriam sido em grego, presumivelmente, e por isso eles tiveram um começo.

f ³⁵ NC	5	
f ³⁵ AB	4	
f ³⁵ AC	1	
f ³⁵ A048	2	
f ³⁵ BC	1	
f ³⁵ NAB	4	
f ³⁵ NAC	1	
f ³⁵ NA048	1	
f ³⁵ NBC	2	
f ³⁵ ABC	2	
f ³⁵ NABC	3	[Como essa combinação atesta mais de 90% das palavras, é irrelevante para o meu propósito atual e não será usada em nenhum cálculo abaixo.]

envolvendo N	28
envolvendo A	24
envolvendo B	18
envolvendo C	15 [C está faltando de 4.3 até o final.]
envolvendo 048	3

Para os 84 conjuntos de variantes que restam (87 menos 3), a f³⁵ tem atestação concreta desses unciais antigos em 62% das vezes. Não apenas esses unciais são obviamente independentes um do outro, a f³⁵ também é independente deles, mas igualmente antiga. Aqui está uma demonstração adicional de que a f³⁵ é tanto antiga como independente. Enquanto avançamos para a próxima seção, favor de manter em mente que, por si só, a f³⁵ prova que uma variante é antiga.

Leituras minoritárias f³⁵

Uma olhada no meu aparelho mostrará que designei como sendo genuínas quatro leituras com uma atestação de 30% ou menos. Em cada caso, o fator decisivo é a presença da f³⁵. Vou agora analisar essas quatro leituras, começando com a menor porcentagem. Primeiro, aqui está uma lista de MSS não-f³⁵ (conforme *ECM*) que atestam cada variante.

3.6 [20%]	5.11 [24%]	1.6 [29%]	3.24 [30%]
και	ο θεος ημιν	περιπατουμεν	--- εν
---	---	---	01
---	03	---	---
---	---	0142	---
---	0296	---	---
---	---	33	---
---	---	61	---
---	69	---	---

---	---	---	94
---	---	180	180
254	---	---	---
---	323	---	---
---	---	378	---
---	---	607	607
---	614	---	614
---	630	---	---
915	---	---	---
---	1292	---	---
---	---	1501	---
---	1505	1505	---
1523	---	---	---
1524	---	---	---
---	1611	---	---
---	1739	---	---
1827	---	---	---
---	---	---	1836
---	---	1842	---
1844	---	---	---
1852	---	---	---
---	1881	---	---
---	---	1890	1890
---	2138	---	---
---	---	2147	---
---	2200	---	---
---	2298	---	---
2374	---	---	---
---	2412	---	2412
---	---	---	2423
---	2492	---	---
---	---	2544	---
---	---	2652	---
---	---	---	2805

Tal como acontece com Tiago, não há sobreposição entre as duas primeiras colunas, e apenas um MS em comum entre a 2ª e a 3ª! Segue-se que a f^{35} é independente de todas as linhas de transmissão representadas pelos MSS nessas colunas. Não há MSS bizantinos na 1ª coluna e apenas um (não muito forte – 69) na 2ª. Em contraste, a 3ª coluna tem um MS bizantino muito forte (607), um forte (180), dois ‘mais ou menos’ (0142, 1890) e dois fracos (1501, 1842); apesar disso, eles obviamente não representam a massa da tradição bizantina. Como em Tiago, a f^{35} é claramente antiga e independente de K^x . Se também é independente de todas as outras linhas de transmissão, como creio, então remonta ao Original – que outra explicação razoável existe?

και 3.6 [20%]

Dos oito MSS não- f^{35} alistados por *ECM* para esta variante, nenhum é bizantino. Os cursivos 1523 e 1524 provavelmente se juntam uma geração atrás; 1844 se junta a eles talvez duas gerações atrás; 254 se junta a eles talvez três gerações atrás; de sorte que esses quatro MSS se reduzem a uma linha de transmissão. No século V, ou assim imagino, *και* é atestada por cinco linhas de transmissão independentes, além da f^{35} . Como seus mosaicos/perfis são muito diferentes, a maioria provavelmente remonta ao terceiro. Esta variante é certamente antiga e nada deve a K^x . Considero a conjunção enfática e provavelmente original. Comparando isso com $\theta\upsilon\nu\nu\omicron\tau\omicron\varsigma$ em Tiago (3.4 [21%]), não há sobreposição com os oito MSS não- f^{35} alistados por *ECM* ali; de sorte que entre os dois temos dez linhas de transmissão independentes no século V, além da f^{35} .

ο Θεος ημιν 5.11 B [24%]

Dos dezesseis MSS não- f^{35} alistados por *ECM* para esta variante, apenas um é bizantino (69, razoável). Não há sobreposição com os oito acima. Codex B dá atestação concreta do século 4. 0296 é um fragmento do século VI pequeno demais para ser classificado. Os cursivos 630, 1292, 1611, 2138 e 2200 se encontrarão até o século V e, portanto, representam uma linha de transmissão. Os cursivos 614 e 2412 formam um par. No século V, como imagino, esta variante é atestada por onze linhas de transmissão independentes, além da f^{35} . Seus perfis são suficientemente distintos para que eu não me surpreenderia ao encontrar oito deles no século III. Esta leitura é certamente antiga, não deve nada a K^x e, na minha opinião, é provavelmente original. Comparando isto com $\delta\upsilon\nu\alpha\mu\epsilon\omicron\upsilon\varsigma$ em Tiago (3.2 [23%]), elas compartilham três linhas de transmissão, mas isso deixa treze para serem adicionadas às onze aqui – $11 + 13 = 24$! Os MSS sobreviventes dos primeiros cinco séculos absolutamente não representam o verdadeiro estado das coisas na época.

περιπατουμεν 1.6 [29%]

Dos treze MSS não- f^{35} alistados por *ECM* para esta variante, os cursivos 2147 e 2652 são muito próximos e 378 se juntará a eles até o século V. Todos os seis MSS bizantinos têm perfis bastante distintos, o suficiente para que no século V ainda representassem seis linhas.¹ Assim, no século V, esta variante tem onze linhas de transmissão independentes, além da f^{35} , das quais apenas uma é compartilhada com a segunda coluna. Então, para essas três primeiras leituras, a f^{35} encontra apoio de 26 linhas de transmissão

¹ Lembro ao leitor que determino os MSS bizantinos livro por livro, comparando *ECM* com *TuT*, mas determino o perfil de todas as sete epístolas gerais, baseado em *TuT*.

independentes (5 + 11 + 10) no século 5, como suponho, sendo ela mesma independente de todas elas. No aparato, já argumentei a partir da gramática e do contexto que περιπατούμεν é correta e, portanto, original – certamente é antiga. Se cada palavra em um tipo de texto independente é antiga, segue-se necessariamente que o próprio tipo de texto é antigo.

--- εν 3.24 Ν [30%]

Dos dez MSS não- \mathfrak{f}^{35} alistados por *ECM*, os cursivos 614 e 2412 representam uma linha. O cursivo 1836 tem apenas um terço do total, e por isso eu o desconsidero. O Códice Ν dá uma atestação concreta do século IV. Dos cinco MSS bizantinos, 607 e 2423 representam uma linha. Assim, ficamos com sete linhas independentes de transmissão no século V, além da \mathfrak{f}^{35} , três das quais são compartilhadas com a coluna três e outra com a coluna dois. Esta leitura é certamente antiga e, na minha opinião, é provavelmente original.

Conclusão

Obviamente, o quadro que vimos até agora será verdadeira para todas as outras leituras minoritárias da \mathfrak{f}^{35} , à medida que avançamos para 35%, 40%, etc. Permita-me repetir alguns pontos importantes:

1. a \mathfrak{f}^{35} é antiga e independente – independente de todas as outras linhas de transmissão conhecidas;
2. se é independente de todas as outras linhas de transmissão, deve remontar aos autógrafos, necessariamente;
3. se cada palavra em um tipo de texto independente é antiga, segue-se necessariamente que o próprio tipo de texto é antigo;
4. os MSS sobreviventes dos primeiros cinco séculos absolutamente não representam a verdadeira situação da época.

O aspecto espiritual da crítica textual do NT

Discutirei o assunto em três tópicos: 1) a origem do problema; 2) a perpetuação do problema; 3) uma solução para o problema.

A origem do problema

Existem apenas dois reinos espirituais neste mundo. Enquanto o Soberano Criador caminhava nesta terra no corpo de Jesus, Ele declarou: “Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta, espalha” (Lucas 11.23, Mateus 12.30). Observe que o Soberano não permite neutralidade; ou você está com Ele ou está contra Ele (o agnosticismo é uma rejeição passiva). Mesmo o que fazemos não é neutro; se não estamos ajuntando com Ele,

estamos espalhando. Não há terceira opção. Quem não está com Jesus está com Satanás, automaticamente. Isso se aplica a tudo nesta vida; quanto mais a algo tão importante como a transmissão do Texto bíblico. A oposição de Satanás a Deus sempre incluiu oposição a qualquer palavra d'Ele dirigida à raça humana. Começou no Jardim: “É assim que Deus disse?” (Gênesis 3.1). Segue-se que excluir o sobrenatural do modelo de crítica textual do NT é ser fundamentalmente irresponsável (a menos que seja conscientemente perverso).

Certamente, porque a responsabilidade começa com a pressuposição e você escolhe suas pressuposições. A questão é que a crítica textual, de qualquer coisa escrita, pressupõe que a redação original dessa escrita foi perdida, no sentido de que ninguém sabe o que poderia ter sido. Ninguém faz crítica textual no jornal de hoje ou na revista da semana passada. Ninguém sequer faz crítica textual sobre a primeira edição (1611) da KJV, pois ainda existe uma cópia. A maioria dos praticantes da crítica textual do NT usa alguma forma de ecletismo, e eles são responsáveis por terem feito essa escolha – eles aceitaram tacitamente as pressuposições sobre as quais o ecletismo se baseia.¹

O ecletismo se baseia nos seguintes pressupostos: 1) os escritos do NT não são inspirados (se tivessem sido inspirados, teriam sido preservados); 2) os primeiros cristãos não os reconheciam como inspirados; 3) portanto, eles não se preocuparam em proteger e preservar esses escritos; 4) portanto, a redação original foi perdida no sentido de que ninguém sabia ao certo o que poderia ter sido; 5) foi somente quando a superstição e a credulidade dos cristãos elevaram aqueles escritos à condição de 'Escritura' (por volta de 200 d.C.) que eles começaram a se preocupar com proteção e preservação, só que então já era tarde demais; 6), portanto, não houve 'transmissão normal' dos escritos do NT até depois do terceiro século.

Tais pressuposições rejeitam as evidências disponíveis em contrário. Temos evidências históricas para apoiar as seguintes declarações: 1) os apóstolos sabiam que estavam escrevendo Escritura; 2) os apóstolos sabiam que colegas estavam escrevendo Escritura; 3) os cristãos contemporâneos reconheceram imediatamente que aqueles escritos eram Escritura; 4) portanto, preocupavam-se com sua proteção e preservação (isso é demonstrável); 5) a proliferação de cópias bem feitas começou logo; 6) houve uma transmissão normal desses escritos desde o início e ao longo dos séculos; 7) assim, a redação original nunca foi perdida.

¹ Eles podem ter sofrido uma lavagem cerebral, pressionados a aceitar algo sem entendê-lo, mas isso não altera a natureza das pressuposições. Vou discutir isso mais tarde.

Por que as pessoas rejeitam as evidências, ou pelo menos as ignoram? Porque Satanás cega suas mentes, como está claramente declarado em 2 Coríntios 4.3-4. “Então, se o nosso Evangelho tem sido encoberto de fato, tem sido encoberto para os que estão sendo desperdiçados, 4 nos quais o deus desta era cega a mente dos incrédulos, para que a luz do Evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus, não lhes resplandeça.”

O Texto diz claramente que Satanás, ‘o deus deste mundo’, ocupa-se cegando as mentes dos incrédulos quando eles ouvem o Evangelho, para que não entendam, para que não sejam convencidos, para que não se arrependam e sejam convertidos. Esta é uma verdade para lá de terrível! O inimigo tem acesso às nossas mentes, ‘acesso’ no sentido de que ele tem o poder ou a capacidade de invadi-las, quer por introduzir pensamentos ou por bloquear o nosso raciocínio. O Soberano Jesus já tinha declarado esta verdade, quando Ele explicou a parábola do semeador. “Estes são aqueles onde a Palavra é semeada junto do caminho; logo que a ouvem, Satanás vem e retira a Palavra que foi semeada no coração deles” (Marcos 4.15). Na passagem paralela em Lucas 8.12 Jesus acrescenta as palavras seguintes: “para que não se salvem, tendo crido”. Notar que a Palavra já está na mente ou no coração da pessoa, mas então Satanás chega, invade a mente e ‘retira’ essa palavra. Não tenho certeza quanto à exata maneira em que essa intrusão do inimigo funciona – talvez ele cause algum tipo de bloqueio mental – mas o efeito prático é que a Palavra se torna sem efeito, como se a pessoa nem tivesse a ouvido.¹

¹ A questão aguda se apresenta: o que podemos fazer a respeito? O Senhor Jesus deu a resposta em Marcos 3.27. “Ninguém pode roubar os bens do valente, entrando-lhe em sua casa, se primeiro não amarrar o valente; só então poderá saquear a sua casa.” A gramática nos conduz seguramente à identidade do “valente”. Coloquei o artigo definido com a primeira ocorrência de ‘valente’ porque está no Texto grego. O uso do artigo definido, “o valente”, vale dizer que é um certo, já introduzido, já conhecido valente. Caso contrário teríamos que encontrar o artigo indefinido ‘um’, fosse um valente qualquer fora do nosso conhecimento. Quando encontramos o artigo definido, é porque esse valente já foi apresentado. No contexto imediato anterior, Jesus vinha falando nominalmente de Satanás. (É que os líderes dos judeus tentaram explicar o poder de Jesus sobre os demônios dizendo que vinha de Belzebu, príncipe dos demônios. Ao retrucar, Jesus não perdeu tempo com esse nome, mas chamou o inimigo logo de “Satanás”, que é o nome próprio do mesmo.)

Muito bem, Jesus afirma que é impossível roubar os bens de Satanás sem amarrá-lo primeiro. (Pelo uso do termo “ninguém” parece claro que o Senhor está enunciando um princípio geral.) E quais seriam esses “bens”? No contexto (ver Mateus 12.22-24) Jesus tinha expulsado um demônio de cegueira e mudez de uma pessoa, e no seu comentário os fariseus e escribas incluem outros casos de expulsão – creio que podemos entender tranquilamente que os “bens” são as pessoas que estão sob o poder de Satanás, de uma forma ou de outra. Imagino que não haja como tirar alguém da ‘casa’ de Satanás sem levar esse alguém para a ‘casa’ de Jesus (ver Mateus 12.43-45). Então, estamos diante da

Considere também 1 João 5.19 que diz que “o mundo inteiro jaz no maligno”. O verbo 'jazer' aqui é usado para deitar em uma cama - todo o seu peso está na cama. Uma cama não tem vontade, mas Satanás certamente tem; o quadro é de controle. A única maneira de escapar desse controle é se render ao Soberano Jesus. Até que você pertença a Jesus, você permanece no mundo controlado por Satanás.

Além disso, além de não permitir a neutralidade, o Soberano Jesus era rigoroso quanto aos requisitos para se identificar com Ele. “Quem se envergonhar de mim e **das minhas palavras** nesta geração adúltera e pecadora, o Filho do Homem também se envergonhará dele quando vier na glória de Seu Pai com os santos anjos.” (Marcos 8.38 e Lucas 9.26). Não nos é permitido ter vergonha das palavras que Jesus disse; é obrigatório concordar com o que Ele ensinou. Certamente, porque seremos julgados por essas palavras. “Quem me rejeita e não recebe os meus dizeres tem o que o julgue – a própria palavra que tenho proferido, é ela que o julgará no último dia;¹ mesmo porque eu não tenho falado por mim mesmo, mas o Pai que me enviou, Ele me deu ordem quanto ao que dizer e o que falar” (João 12.48-49). Então, como essas palavras podem julgá-lo? Elas vão julgá-lo com base no que você fez com elas. Mas como podem essas palavras julgá-lo? Elas podem julgá-lo porque elas são vivas (Hebreus 4.12, 1 Pedro 1.23, Atos 7.38). Qualquer palavra proferida pelo Soberano Criador tem autoridade.

2 João 9 vai na mesma direção: “Todo aquele que se desvia e não permanece no ensino de Cristo, não tem Deus”. Se você se desviar, está do lado de fora. “Não permanece” só pode dizer respeito a alguém que esteve dentro. Continuar em Seu ensino é concordar com Ele. Como se pode ter “a mente de Cristo” (1 Coríntios 2.16) sem pensar como Ele pensa?

Então, qual é o ponto? O ponto é o seguinte: O Soberano Jesus foi inflexível sobre a inspiração e preservação do VT; e uma vez glorificado, Ele foi mais do que enfático sobre o NT (Apocalipse 22.18-19). Embora Ele

mesma verdade declarada em Atos 26.18 – temos de dar um jeito no poder de Satanás sobre uma pessoa para que ela possa ser salva! Sim, mas exatamente o que podemos ou devemos fazer?

Já que a função de ‘algemas’ é deixar o preso sem condições de agir, creio que em tantas palavras, quer a viva voz ou no pensamento, havemos de proibir que Satanás interfira nas mentes dos nossos ouvintes, antes de pregar. Para mais sobre este assunto, o interessado pode consultar o meu site: www.prunch.com.br (ou pode comprar o livro, *Guerra Espiritual Bíblica, A Vida Cristã Como Deveria Ser!*, disponível no Clube de Autores).

¹ Ignorar a lei não é desculpa. Se a Bíblia existe na tua língua, e você sabe ler (ou conhece alguém que sabe), então você tinha a possibilidade de conhecer os dizeres de Jesus. Alegar ignorância não vai funcionar.

presumivelmente estivesse se referindo especificamente ao Apocalipse, podemos estender razoavelmente o aviso para todo o NT, baseado na convicção de que todos os livros do NT são inspirados. Quem não pensa como Jesus pensa a respeito da inspiração e da preservação das Sagradas Escrituras está do outro lado. O mundo em que vivemos não é mais 'pós-moderno', está se tornando cada vez mais anticristão. Na América do Norte e na Europa, pessoas já foram presas por pregar o que a Bíblia diz. Passar a eternidade no Lago de Fogo é o preço que você pagará por ser 'politicamente correto' no mundo de hoje.

Em João 8.44, o Soberano declarou que Satanás é "o pai do mentir" e que "não há verdade nele". De acordo com o uso idiomático hebraico, o 'filho' de algo é caracterizado por esse algo. Segue-se que ser o 'pai' de algo é ser o dono desse algo. Várias vezes Jesus chamou o Espírito Santo de "o Espírito da Verdade" (João 14.17, 15.26, 16.13). Portanto, toda verdade pertence ao Espírito Santo e toda falsidade pertence a Satanás. Segue-se que sempre que alguém mente, ele estará servindo a Satanás. E sempre que alguém abraçar uma mentira (como evolucionismo, marxismo, humanismo, relativismo, hortianismo, etc.), ele estará dando a Satanás uma cabeça de ponte em sua mente, que Satanás tentará transformar em uma fortaleza. Uma fortaleza de Satanás a respeito de um determinado assunto não permite que a pessoa pense livremente sobre esse assunto. A pessoa é obrigada a ficar com a mentira. (A única saída é alguém com o poder de Deus vir e anular a fortaleza.)

Segue-se que enquanto alguém está ensinando falsidade, ele está servindo a Satanás. Sim, porque Deus "não pode mentir" (Tito 1.2), pois é contrário à Sua essência; Ele não pode negar-se a si mesmo (2 Timóteo 2.13). Já que nenhuma mentira é de Deus, e só existem dois lados, qualquer mentira é de Satanás. Atenção: o que alguém pensa não muda a realidade. Saulo de Tarso pensou que estava servindo a Deus ao perseguir os cristãos; só que na verdade ele estava servindo a Satanás. Uma vez que a crítica textual eclética é baseada em falsidades, ela pertence a Satanás. As pessoas que pensam que a crítica textual do NT é uma área cinzenta onde qualquer um pode dar seus 'saltos' terão uma surpresa bastante desagradável. De passagem, no mundo de hoje as pessoas estão comprando a ideia de que você cria sua própria 'verdade'. Se algo é 'tua verdade', ninguém mais tem o direito de desafiá-lo. Uma vez que toda verdade real é verdade de Deus, não existe 'tua verdade', existe apenas 'tua falsidade'. A verdade não é democrática, não depende de opinião ou voto. A verdade é.

Efésios 2.2 afirma que Satanás é "o espírito que agora opera nos filhos da desobediência". Este espírito está atualmente trabalhando (tempo presente) nos 'filhos da desobediência'. 'Filhos' de algo são caracterizados por esse

algo, e o algo neste caso é ‘a’ desobediência (o Texto tem o artigo definido) – uma continuação da rebelião original contra o Soberano do universo. Qualquer pessoa em rebelião contra o Criador está sob influência satânica, direta ou indireta (na maioria dos casos, um demônio age como agente de Satanás, já que ele não é onipresente, quando é necessário algo mais do que a influência da cultura circundante; isso inclui a cultura acadêmica). Qualquer pessoa em rebelião contra o Criador também terá fortalezas de Satanás em sua mente. Com certeza. Se não me engano, todas as edições do NT grego publicadas pelas Sociedades Bíblicas Unidas foram produzidas por ‘filhos da desobediência’, e Satanás não perdeu a oportunidade.

Sim, mas como podemos saber quem é filho da desobediência? O Soberano Jesus explicou uma maneira em Mateus 7.15-20:

“Cuidado com falsos profetas, que vêm a vocês vestidos como ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores.¹ ¹⁶Vocês os conhecerão por seus frutos. Colhe alguém uvas de espinheiros, ou figos de cardos? ¹⁷Assim mesmo, toda árvore boa produz frutos bons, mas a árvore podre produz frutos malignos.² ¹⁸Uma árvore boa não pode produzir frutos malignos, nem pode uma árvore podre produzir frutos bons. ¹⁹Toda árvore que não produz fruto bom é cortada e jogada o fogo adentro.³ ²⁰Assim mesmo, vocês os conhecerão pelos seus frutos.”

Exatamente; é só prestar atenção aos resultados de seu trabalho. Uma vez que os editores das edições das SBU impuseram erros de fato e contradições óbvias a seus textos, o resultado tem sido um enfraquecimento constante da confiança na integridade e confiabilidade do NT. Igualmente perniciosas são as notas de rodapé em muitas versões modernas cujo verdadeiro propósito é minar a confiança no texto bíblico. Quem quer que mine a confiança no texto bíblico está servindo a Satanás. Basta olhar para os ‘frutos’. O que uma pessoa faz reflete o que ela crê. Além disso, se você tem o Espírito Santo e sabe ouvi-lo, pode interrogá-lo sobre casos específicos.

¹ Provavelmente são demonizados; profecias de procedência demoníaca são sempre destrutivas.

² O Senhor emprega ‘podre’ e ‘maligno’ porque Ele está dizendo respeito a pessoas, e não árvores.

³ O Senhor é muito claro quanto ao destino eterno de pessoas que não produzem bom fruto. Lembrar Efésios 2.8-10 – não somos salvos por boas obras, mas deveras somos salvos para boas obras; quem não produz, não é salvo.

Sempre foi procedimento padrão para Satanás e seus servos atacar argumentos fortes em favor da verdade como se fossem fracos e errados.¹ Para dar um exemplo, John William Burgon atacou a teoria e o texto de W-H, com base em evidências objetivas, mas também defendeu o *Textus Receptus*, que ele chamou de Texto Tradicional, citando a providência divina. O mundo acadêmico da época ignorou severamente as evidências objetivas e atacou veementemente o que chamavam de argumento ‘teológico’ de Burgon. Eles demonizaram o argumento ‘teológico’ e criaram uma psicose sobre esse assunto. Pois então, qual é o argumento mais forte possível em apoio ao texto bíblico? Precisamente que Deus o inspirou e depois o preservou! Então, Satanás energizou seus servos para fazer tudo ao seu alcance para excluir o sobrenatural da disciplina.

O procedimento deles era totalmente perverso, satânico, porque o argumento ‘teológico’ de Burgon era na realidade uma declaração de seus pressupostos, que ele declarou abertamente, como qualquer verdadeiro estudioso deveria fazer. É impossível trabalhar sem pressupostos, mas eles atacaram Burgon até por tê-los! Eles eram perversos porque fingiam não ter pressuposições e, claro, não as enunciaram. Isso é sujo.

E depois há as ‘verdades falazes’, falsidades que galgaram o ‘status’ de ‘verdade aceita’ dentro da disciplina.² Tem sido padrão dentro da disciplina referir-se ao texto bizantino como sendo um ‘texto controlado’. Se isso seria bom ou não, dependeria de quem fazia o controle. Mas a ideia é claramente apresentada como sendo um fator negativo porque é usada para ‘justificar’ a negligência dos MSS bizantinos. Que eu saiba, aqueles que usam a ideia como fator negativo nunca identificaram quem fez o controle. Entretanto, se um texto é ‘controlado’, alguém tem que fazer o controle – se não há controlador, não pode haver controle. Então, quem são os possíveis candidatos? Vejo três possibilidades: seres humanos, Satanás, Deus.

Tanto quanto sei, todos aqueles que se referem ao texto bizantino como ‘controlado’ excluem o sobrenatural de seu modelo; então para eles, o controle é feito por seres humanos, independente de influência sobrenatural. Como o suposto controle teria que operar por mais de um milênio, não poderia ser feito por um único indivíduo. Mas quem poderia controlar todo

¹ No mundo de hoje, dê uma boa olhada em qualquer ‘princípio’ ou ‘lei’ que Satanás está usando, como ‘tudo é relativo’ ou ‘discurso de ódio’. É o oposto que será verdadeiro.

² Usei ‘verdade falaz’ para traduzir ‘*canard*’. Os dicionários oferecem uma variedade de definições para o termo, mas todos concordam que é informação falsa, e que teria sido criado maliciosamente para enganar. Claro que alguém pode repetir um ‘*canard*’ sem malícia, embora sem verificar a evidência.

o mundo mediterrâneo? Por mais de mil anos a Igreja Romana usou latim, não grego. Houve alguma vez uma autoridade central em funcionamento entre as Igrejas Ortodoxas? Certamente não por mil anos, e não por todo o mundo mediterrâneo. Então, quem fez o controle?

Não apenas isso, mas o suposto controle era evidentemente bastante frouxo, já que os MSS estão cheios de erros aleatórios, além de dependências compartilhadas. Considere a conclusão alcançada por F. Wisse depois que ele cotejou e analisou 1.386 MSS gregos contendo os capítulos 1, 10 e 20 de Lucas (três capítulos completos). Ele descreveu 37 linhas de transmissão, mais 89 “mavericks”, MSS tão díspares individualmente que não podiam ser agrupados. Dos 37 grupos, 36 caem dentro do amplo rio bizantino, e dentro deles Wisse descreveu 70 subgrupos. Então, que tipo de “controle” poderia permitir semelhante situação? Espero que meus leitores não me achem irracional quando digo que, diante de tais evidências concretas, acho a tese de um texto bizantino “controlado” (excluindo o sobrenatural) ser menos que convincente. Mas então, como podemos explicar a uniformidade comparativa encontrada nele?

Espero que meus leitores/ouvintes estejam cientes de que eu pessoalmente insisto que o sobrenatural deve ser incluído em qualquer modelo de crítica textual do NT. Tanto Deus quanto Satanás certamente existem, e ambos têm um interesse contínuo no destino do Texto do NT. Há algum tempo venho defendendo a preservação divina do Texto do NT em termos concretos. Curiosamente, aqueles que alegam um texto bizantino controlado costumam rejeitar qualquer noção de preservação divina. Mas é claro, se eles não acreditam na inspiração divina, não acreditarão na preservação. Alguém que nega a existência de um Soberano Criador insistirá logicamente que um ser inexistente não pode fazer nada. Mas como, então, pode tal pessoa explicar o texto bizantino? Digo que nenhuma hipótese naturalista pode explicar a Família 35 (**K**¹).

Satanás certamente não faria nada para ajudar a preservar o Texto do NT; qualquer envolvimento dele seria com o objetivo de perverter o texto, minando assim sua autoridade. (Eu diria que ele concentrou seus esforços no Egito.) Já argumentei em outro lugar que a transmissão do Texto do NT era predominantemente “normal”, e que essa normalidade foi definida pela Igreja Cristã. Por que foram feitas cópias? Porque as congregações precisavam delas. Por que as congregações ‘precisavam’ delas? Porque eles entendiam que os escritos do NT eram divinamente inspirados, e eram lidos e discutidos em suas reuniões semanais. Argumentar que os primeiros cristãos estavam errados nesse entendimento seria irrelevante. Esse entendimento (errado ou não) determinou sua atitude em relação aos escritos do NT, que controlava sua produção de cópias. Se a maioria das

peças que produziam cópias era composta por cristãos sinceros (mais ou menos), eles faziam seu trabalho com cuidado razoável (alguns mais, outros menos). Aqueles que tinham uma visão forte da inspiração seriam especialmente cuidadosos.

Digo que os MSS sobreviventes refletem minha descrição acima. **K^r/f³⁵**, de longe o grupo maior e mais coeso (talvez o único que existe em todos os 27 livros), representa o núcleo da transmissão, tendo sido seus representantes produzidos por copistas com uma alta visão de inspiração (como evidenciado pelo extremo cuidado em seu trabalho). Fora desse núcleo há um grande número de tangentes, ou riachos, que divergem do núcleo em graus variados, e que começaram em tempos e lugares diferentes. Um monge que estivesse apenas cumprindo uma obrigação religiosa produziria uma cópia bizantina 'mais ou menos'; bom o suficiente para praticamente todos os propósitos práticos, mas aquém do padrão **f³⁵**.

Então, era o texto bizantino "controlado"? Obviamente não em qualquer sentido estrito. O controle foi exercido por uma crença comum (dentro da comunidade cristã) de que o NT foi divinamente inspirado. Foi essa crença que ditou a proliferação de cópias feitas com razoável cuidado. Esse cuidado razoável se reflete na uniformidade básica dentro da massa bizantina. Mas o explicar da transmissão incrivelmente cuidadosa refletida nos representantes do **f³⁵** requer algo mais.

Dos MSS da família 35 que eu mesmo já cotejei, tenho cópias perfeitas do arquétipo da família (determinado empiricamente) como segue: 29 para Filemom, 15 para 2 Tessalonicenses, 9 para Tito, 6 para Gálatas, 4 para Efésios, 2 para Mateus, e pelo menos um para 22 dos 27 livros do NT (e muitos outros erram apenas uma única letra!). Estes são MSS de todo o mundo mediterrâneo e que representam cinco séculos (XI, XII, XIII, XIV, XV). Então, que tipo de controle poderia produzir um nível tão incrível de perfeição - um controle exercido em mosteiros isolados espalhados pelo mundo mediterrâneo e durante cinco séculos? Não conhecemos nenhuma agência humana que pudesse fazê-lo. Se a agência não era humana, então tinha que ser divina. É a Família 35 um texto controlado? Sim. Controlado por quem? Pelo Espírito Santo.

Coisas como 'texto controlado' e 'imposição eclesiástica', bem como a falsidade de que a maior parte dos MSS gregos conhecidos tem um texto tardio, têm sido usadas para desencorajar as pessoas de estudar a grande maioria dos MSS. Os 'cânones' de leitura 'mais difícil' e 'mais curta' são claramente falsos, como qualquer um que tenha estudado MSS reais sabe. Para esconder o fato de que os MSS mais antigos são de qualidade comprovadamente ruim, os ecléticos têm insistido estridentemente que 'o

mais antigo é o melhor’, e assim por diante noite adentro. A disciplina da crítica textual do Novo Testamento é um verdadeiro pântano estagnado; isso mesmo, um verdadeiro pântano estagnado.

A perpetuação do problema

Aqueles que estão em rebelião aberta contra Deus e Sua Revelação escrita simplesmente continuarão a fazer o que puderem contra ambos. Isso é um dado. Mas, e quanto àqueles que afirmam crer em Deus e em Sua Palavra, e podem pensar que realmente creem, mas abraçaram falsidade com referência ao Texto do Novo Testamento? Como ficaram eles assim?

A disciplina da crítica textual do NT, como a conhecemos, é basicamente uma ‘filha’ da Europa Ocidental e suas colônias; as Igrejas Ortodoxas Orientais geralmente não foram envolvidas. (Eles sempre souberam que o verdadeiro texto do NT está dentro da tradição bizantina.) No ano de 1500, o cristianismo da Europa Ocidental era dominado pela Igreja Católica Romana, cujo papa reivindicou o direito exclusivo de interpretar as Escrituras. Essa Escritura era a Vulgata Latina, que os leigos não tinham permissão para ler. As noventa e cinco teses de Martinho Lutero foram postadas em 1517. Foi mero acaso que o primeiro Texto Grego impresso do NT foi publicado no ano anterior?

À medida que a Reforma Protestante avançava, foi declarado que a autoridade das Escrituras excedia a do papa, e que todo crente tinha o direito de ler e interpretar as Escrituras por si mesmo. A autoridade da Vulgata latina também foi contestada, visto que o NT foi escrito em grego. É claro que a biblioteca do Vaticano continha muitos MSS gregos, dois dos quais não eram idênticos (pelo menos nos Evangelhos), então a Igreja Romana desafiou a autenticidade do Texto Grego.¹ Em suma, a Igreja Romana forçou a Reforma a lidar com a variação textual entre os MSS gregos. Mas eles não sabiam como fazê-lo, porque este era um novo campo de estudo e eles simplesmente não possuíam uma proporção suficiente das evidências relevantes. (Eles provavelmente nem sabiam que a península do Monte Ato, com seus vinte mosteiros, existia.)

A Família 35, sendo de longe o grupo de MSS maior e mais coeso com um arquétipo demonstrável, estava mal representada nas bibliotecas da Europa Ocidental. Por falar nisso, muito poucos MSS de qualquer tipo de texto haviam sido cotejados o suficiente para permitir qualquer rastreamento da história da transmissão. Pior, a falta de cotejos completos tornou impossível

¹ Provavelmente, dois MSS da Vulgata Latina também não são idênticos, mas essa não era a questão. Aliás, até onde sei, não há como estabelecer o que pode ter sido a redação original da Vulgata latina, em todos os detalhes.

refutar uma hipótese errônea dentro de um prazo razoável. (Lamentavelmente, essa falta não foi completamente remediada até hoje.)

Em 1500, o Estabelecimento católico romano era corrupto, moralmente falido e desacreditado entre as pessoas pensantes. A Era da Razão e o humanismo vinham à tona. Mais e mais pessoas estavam decidindo que poderiam fazer melhor sem o deus do Estabelecimento romano. A nova liberdade imaginada da supervisão sobrenatural era inebriante, e muitos não tinham interesse em aceitar a autoridade das Escrituras (*sola Scriptura*). Além disso, seria ingênuo ao extremo excluir o sobrenatural da consideração, e não reconhecer a atividade satânica nos bastidores.

Considere Efésios 2.2 – “entre os quais vocês outrora andaram, segundo o Aeon deste mundo, o governante do domínio do ar, o espírito que agora opera nos filhos da desobediência”. Estritamente falando, o Texto tem “de acordo com o Aeon deste mundo, de acordo com o governante do domínio do ar” – as frases são paralelas, então 'Aeon' e 'governante' têm o mesmo referente, uma pessoa ou ser específico. Este espírito está atualmente em ação (tempo presente) nos “filhos da desobediência”. ‘Filhos’ de algo são aqueles caracterizados por esse algo, e o algo neste caso é ‘a’ desobediência (o Texto tem o artigo definido) – uma continuação da rebelião original contra o Soberano do universo.¹ Os ‘filhos da desobediência’ juntaram-se ao ataque contra as Escrituras. A chamada ‘alta crítica’ negou totalmente a inspiração divina.² Outros usaram a variação textual para argumentar que, em qualquer caso, a redação original estava ‘perdida’, não havendo uma maneira objetiva de determinar o que poderia ter sido (infelizmente, ninguém foi capaz de perceber tal maneira naquela época).

A suposição acrítica de que ‘o mais antigo é o melhor’ foi um fator importante, e tornou-se cada vez mais assim à medida que os unciais mais antigos vieram à luz. Recorreu-se à analogia de um riacho, onde a água mais

¹ Qualquer um em rebelião contra o Criador está sob influência satânica, direta ou indireta (na maioria dos casos um demônio age como agente de Satanás, quando algo mais do que a influência da cultura circundante é necessária - quase todas as culturas humanas têm ingredientes de origem satânica; isso inclui a cultura acadêmica). Qualquer um em rebelião contra o Criador também terá fortalezas de Satanás em sua mente. Já que Satanás é o ‘pai’ do mentir (João 8.44), sempre que você abraça uma mentira, você o convida a entrar em sua mente - isso se aplica a qualquer um de seus sofismas (2 Coríntios 10.5) atualmente em voga, como materialismo, humanismo, relativismo, marxismo, freudismo, hortianismo, etc.

² A teoria darwiniana parecia ter sido feita sob medida para aqueles que desejavam se livrar de um Criador, ou de qualquer Autoridade superior, que pudesse exigir uma prestação de contas. A ‘alta crítica’ serviu ao propósito de se livrar de uma Revelação autoritária, que poderia ser usada para exigir uma prestação de contas. Os rebeldes não gostam de ser responsabilizados.

pura seria presumivelmente aquela mais próxima da fonte. Mas com referência aos manuscritos do NT a analogia é falaciosa, e se torna um sofisma. Há um consenso geral de que a maior parte da grave corrupção sofrida pelo texto do NT aconteceu durante o segundo século, antes de nossos MSS mais antigos. Portanto, idade não é garantia.

Tanto o Códice Vaticanus quanto o Códice Bezae estavam disponíveis bem cedo, e eles têm milhares de desacordos entre si, apenas nos Evangelhos (em Atos, a ‘loucura’ de Bezae é quase inacreditável). **Se** ‘o mais antigo é o melhor’, e os MSS mais antigos estão em constante e massivo desacordo entre si, então a recuperação de um texto perdido se torna sem esperança. Você entendeu isso? **Sem esperança, totalmente sem esperança!** No entanto, tenho argumentado (e continuo a fazê-lo) que ‘mais antigo é igual a pior’, e isso muda o quadro radicalmente. O trabalho de referência sobre este assunto é o *Codex B and its Allies: A Study and an Indictment* de Herman C. Hoskier (2 vols.; Londres: Bernard Quaritch, 1914). O primeiro volume (cerca de 500 páginas) contém uma discussão detalhada e cuidadosa de centenas de erros óbvios no Códice B; o segundo (cerca de 400 páginas) contém o mesmo para o Códice Aleph. Ele afirma que somente nos Evangelhos esses dois MSS diferem bem mais de 3.000 vezes, número que não inclui pequenos erros como de ortografia (II, 1). [Se ele tivesse tabulado todas as diferenças, o total sem dúvida aumentaria em várias centenas.]

Ora, ora, a lógica simples exige que um ou outro esteja errado essas 3.000+ vezes; ambos não podem estar certos, independentemente das vezes em que ambos estão errados. **Nenhuma quantidade de preferência subjetiva pode obscurecer o fato de que são cópias pobres, objetivamente.**¹ Eles eram tão ruins que ninguém aguentava usá-los, e assim eles sobreviveram

¹ John William Burgon cotejou pessoalmente o que em sua época eram ‘os cinco unciais antigos’ (Ⲙ, A, B, C, D). Ao longo de suas obras, ele repetidamente chama a atenção para a *concordia discors*, a confusão e o desacordo predominantes, que os unciais antigos exibem entre si. Lucas 11.2-4 oferece um exemplo.

“Os cinco Unciais Antigos” (ⲘABCD) falsificam a Oração do Senhor como dada por São Lucas em nada menos que quarenta e cinco palavras. Mas tão pouco eles concordam entre si, que se lançam em seis combinações diferentes em seus desvios do Texto Tradicional; e, no entanto, eles nunca são capazes de concordar entre si quanto a uma única leitura diferente: enquanto apenas uma vez mais de dois deles são observados juntos, e seu grande ponto de união é nada menos que uma omissão do artigo. Tal é sua tendência excêntrica, que em relação a trinta e duas das quarenta e cinco palavras inteiras elas trazem, por sua vez, evidências solitárias. (*The Traditional Text of the Holy Gospels Vindicated and Established*. Arranjado, completado e editado por Edward Miller. Londres: George Bell and Sons, 1896, p. 84.)

Sim, de fato, mais antigo é igual a pior. Para mais informações sobre este assunto, por favor veja as páginas 85-91 acima.

fisicamente (mas não tiveram ‘filhos’, já que ninguém queria copiá-los). Eu diria que foram fabricados, não sendo cópias verdadeiras de nenhum exemplar. Nesse caso, eles não pertencem a nenhuma linha de transmissão.

Como todos são influenciados (não necessariamente controlados) por seu ambiente, isso também era verdade para os reformadores. Em parte (pelo menos) a Reforma foi um ‘filho’ do Renascimento, com sua ênfase na razão. Lembre-se que sendo julgado Lutero disse que só poderia se retratar se convencido pelas Escrituras e pela razão. Até aí tudo bem, mas muitos não queriam as Escrituras, e isso só deixava razão. Além disso, como a razão não pode explicar ou lidar com o sobrenatural, aqueles que enfatizam a razão geralmente são hostis ao sobrenatural. [Até hoje as chamadas denominações protestantes históricas ou tradicionais têm dificuldade em lidar com o sobrenatural.]

Antes de Adolf Deissmann publicar seu *Light from the Ancient East* (1910), (sendo uma tradução de *Licht vom Osten*, 1908), onde ele demonstrou que o grego koinê era a língua franca nos dias de Jesus, havendo inclusive uma gramática publicada explicando suas regras, apenas o grego clássico era ensinado nas universidades. Mas o NT foi escrito em koinê. Antes do trabalho de referência de Deissmann, havia duas posições sobre o grego do NT: 1) era uma forma degradada do grego clássico, ou 2) era um grego ‘do Espírito Santo’, inventado para o NT. A segunda opção foi adotada principalmente por pietistas; o mundo acadêmico preferiu a primeira, o que levantou a questão natural: se Deus fosse inspirar um NT, por que não o faria Ele em grego ‘decente’? A ideia predominante de que o koinê era um grego ruim predisps muitos contra o NT.

Tudo isso colocou os defensores de uma Bíblia grega inspirada na defensiva, com o problema muito real de decidir onde melhor estabelecer um perímetro que eles pudessem defender. Dada a ignorância prevalecente sobre as evidências relevantes, sua melhor escolha parecia ser um apelo à Providência Divina. Deus escolheu providencialmente o TR, de sorte que esse era o texto a ser usado (o texto ‘tradicional’).¹ Eu diria que a Providência Divina esteve mesmo em ação, porque o TR é um bom Texto, muito melhor do que o eclético que está em voga.

Ao que parecia, Satanás estava ganhando o dia, mas ainda tinha um problema: as principais versões protestantes (em alemão, inglês, espanhol etc.) eram todas baseadas no *Textus Receptus*, assim como declarações doutrinárias e ‘livros de orações’. Entra F.J.A. Hort, um ‘filho da

¹ Observe por favor que não estou criticando Burgon e outros; eles fizeram o que podiam, dadas as informações disponíveis. Eles sabiam que a teoria hortiana e o texto grego resultante não podiam estar certos.

desobediência' por excelência. Hort não acreditava na inspiração divina da Bíblia, nem na divindade de Jesus Cristo. Já que ele abraçou a teoria darwiniana assim que ela apareceu, ele presumivelmente não acreditava em Deus.¹ Sua teoria da crítica textual do NT, publicada em 1881,² baseou-se diretamente nas pressuposições de que o NT não foi inspirado, que nenhum cuidado especial foi dado a ele nas primeiras décadas e que, em consequência, a redação original foi perdida – perdida além da recuperação, pelo menos por meios objetivos. Sua teoria varreu o mundo acadêmico e continua a dominar a disciplina até hoje.³

Mas como foi que a teoria hortiana foi capaz de dominar os departamentos gregos das escolas conservadoras na América do Norte? A resposta começa com a investida da teologia liberal sobre as igrejas protestantes daquele continente no início do século XX. O grande defensor da inspiração divina das Escrituras foi Benjamin B. Warfield, um presbiteriano. Sua defesa da inspiração é tão boa que é difícil melhorá-la. Em algum momento, no entanto, ele decidiu ir para a Alemanha para estudar; acho que foi em Tübingen. Quando ele voltou, ele estava agradecendo a Deus por ter levantado Westcott e Hort para restaurar o texto do Novo Testamento (pense na implicação de “restaurar”). Um de seus alunos, Archibald T.

¹ Para documentação de tudo isso, e ainda muito mais, nas próprias palavras de Hort, veja a biografia escrita por seu filho. A.F. Hort, *Life and Letters of Fenton John Anthony Hort* (2 vols.; Londres: Macmillan and Co. Ltd., 1896). O filho fez uso intenso da farta correspondência do pai, a quem admirava. (Naquela época, uma 'Vida' de dois volumes, em oposição a uma 'Biografia' de um volume, era um símbolo de status póstumo, embora de pouca importância para os falecidos.) Muitos de meus leitores foram ensinados, assim como eu, que não se deve questionar/julgar os motivos de outra pessoa. Mas espere um minuto; de onde surgiu tal ideia? Certamente não veio de Deus, que espera que a pessoa espiritual avalie tudo (1 Coríntios 2.15). Como existem apenas dois reinos espirituais neste mundo (Mateus 6.24, 12.30; Lucas 11.23, 16.13), então a ideia vem do outro lado. Ao eliminar o motivo, elimina-se também a pressuposição, que é algo que Deus nunca faria, pois a pressuposição governa a interpretação (Mateus 22.29, Marcos 12.24). É por isso que devemos sempre esperar que um verdadeiro estudioso declare suas pressuposições. Eu tenho afirmado as minhas repetidamente, mas aqui estão elas novamente: 1) O Soberano Criador do universo existe; 2) Ele entregou uma revelação escrita à raça humana; 3) Ele preservou essa revelação intacta até hoje.

² B.F. Westcott e F.J.A. Hort, *The New Testament in the Original Greek* (2 Vols.; Londres: Macmillan and Co., 1881). O segundo volume explica a teoria e é geralmente entendido como sendo o trabalho de Hort.

³ Para uma discussão completa dessa teoria, consulte os capítulos 3 e 4 em *Identity IV*. Os capítulos 3 e 4 de *Identity IV* são pouco diferentes do que eram em 1977. Já se passaram quarenta e cinco anos e, até onde sei, ninguém tem refutado meu desmantelamento da teoria de Hort. Não foi por falta de vontade. Hoje em dia ouve-se com frequência o argumento de que criticar Hort é esfolar um cavalo morto, já que agora o paradigma dominante é o ecletismo (seja 'raciocinado' ou 'rigoroso'). Mas o ecletismo é baseado diretamente nas mesmas falsas pressuposições e, portanto, é igualmente errado.

Robertson, um batista, seguiu o exemplo de Warfield. O prestígio desses dois homens era tão grande que sua visão varreu as escolas teológicas do continente. Peço a paciência do leitor enquanto tento diagnosticar o que aconteceu com Warfield em Tübingen.

Em Tübingen Warfield se viu entre os inimigos de uma Bíblia inspirada. Ora, ele era um campeão da inspiração divina, mas para um texto inspirado ter autoridade objetiva hoje, ele deve ter sido preservado.¹ Dada a ignorância predominante sobre as evidências relevantes na época, Warfield simplesmente não foi capaz de defender a preservação em termos objetivos (e nem mais ninguém – isso é crucial para entender o que aconteceu). Ele foi confrontado com o fato de ampla variação entre os manuscritos gregos conhecidos. Pior ainda – muito pior – foi a pressuposição de que ‘o mais antigo é igual ao melhor’, porque os manuscritos mais antigos estão irremediavelmente em desacordo entre si. Por exemplo: os dois grandes códices primitivos, Vaticanus e Sinaiticus, diferem entre si bem mais de 3.000 vezes apenas nos quatro Evangelhos.

Ora, ora, ambos não podem estar certos; um ou outro **tem** que estar errado, independentemente dos lugares onde ambos estão errados. Então, o que o pobre Warfield deveria fazer? Entram Westcott e Hort. Hort alegava que, como resultado de seu trabalho, apenas uma milésima parte do texto do NT poderia ser considerada duvidosa, e isso foi recebido com alegria pelos crentes comuns, uma vez que parecia fornecer garantia sobre a confiabilidade desse texto – no entanto, é claro, essa alegação se aplicava apenas ao texto W-H (provavelmente o pior NT publicado existente até hoje, de sorte que a alegação era falsa).² Warfield agarrou-se a isso como um homem se afogando agarra uma palha, com isso causando sérios danos ao evangelicalismo norte-americano.³

¹ Este sempre tem sido um argumento favorito dos inimigos da inspiração; é assim: “Se Deus tivesse inspirado um texto, Ele o teria preservado (ou então por que se dar ao trabalho de inspirar). Ele não preservou o NT; portanto, Ele não o inspirou”. Confesso que estou inclinado a concordar com essa conexão lógica, exceto que estou disposto a virar a mesa. Creio que posso demonstrar que Deus de fato preservou o Texto do NT; portanto, Ele deve tê-lo inspirado!

² Eu diria que o texto deles está equivocado com referência a 10% das palavras – o NT grego tem aproximadamente 140.000 palavras, de sorte que o texto W-H está equivocado com referência a 14.000 delas. Eu diria que o texto dito 'crítico' (leia-se 'eclétrico') atualmente em voga está 'apenas' errado com referência a cerca de 12.000, uma melhoria (pequena que seja). E a propósito, quão sábio é usar um NT preparado por um servo (ou servos) de Satanás? (Por outro lado, afirmo que Deus preservou o texto original a tal ponto que podemos saber, e de fato sabemos, o que é.)

³ Entretanto, não devo ser excessivamente severo em minha crítica a Warfield; ninguém mais sabia o que fazer também. O fato cruel era que a evidência relevante não existia em

Para entender o impacto total do ataque da teologia liberal, é preciso levar em conta o ambiente. A razão sempre foi importante para as denominações protestantes históricas ou tradicionais. Em consequência, a respeitabilidade acadêmica sempre foi importante para suas escolas de pós-graduação em teologia. A dificuldade reside na seguinte circunstância: por pelo menos dois séculos a academia tem sido dominada por Satanás, e assim os termos de ‘respeitabilidade’ são ditados por ele. Esses termos incluem ‘publique ou pereça’, mas é claro que ele controla as revistas técnicas. Por ser o pai do mentir (João 8.44), quem quisesse dizer toda a verdade sempre teve dificuldade para publicar um artigo, por melhor que fosse. Para publicar um artigo, era preciso seguir a linha do partido. ‘Levar em conta a literatura existente’ obriga a pessoa a perder muito tempo lendo as tolices produzidas pelos servos de Satanás, todas destinadas a manter o leitor longe da verdade. Mais uma coisa: o aprendizado acadêmico alimenta o orgulho, não o espírito. Nenhuma escola de pós-graduação em teologia ensina como ouvir o Espírito Santo. Bem no início, Satanás se colocou na ‘árvore do conhecimento’ e permaneceu lá; ele nunca o deixou. E ele é o inimigo da verdade.

A VERDADE – sim, aí está o problema. Considere 2 Tessalonicenses 2.9-12: “Já a vinda daquele será segundo a operação de Satanás, com todo poder, com sinais e prodígios mentirosos, 10 e com todo engano iníquo entre os que estão se desperdiçando, porque não receberam o amor à verdade, para que pudessem ser salvos. 11 Sim, por causa disso Deus lhes enviará um engano operante, a fim de que eles creiam na mentira, 12 e para que sejam condenados todos os que não creram na verdade, mas antes tiveram prazer na iniquidade.” Embora o versículo dez esteja no contexto da atividade do Anticristo, que encontrará um alvo fácil em ‘aqueles que estão se desperdiçando’ (minha tradução), isso não significa que ninguém estará se desperdiçando antes dessa atividade. Obviamente, as pessoas têm se desperdiçado ao longo da história, e a causa subjacente para esse ‘desperdício’ nunca mudou – “eles não receberam o amor à verdade”. (Começou no Jardim.)

forma utilizável naquele momento. (Segue-se que qualquer defesa da preservação divina naquela época tinha que ser baseada na fé, fé de que Deus produziria a evidência em Seu tempo.) Parte do dano produzido pela teoria de Hort foi seu desdém pela vasta maioria dos manuscritos posteriores — eles não valiam o trabalho de cotejar e estudar. Uma vez que são precisamente esses MSS desdenhados que fornecem a evidência necessária, esse efeito soporífero da teoria de Hort atrasou a disponibilidade da evidência relevante por um século. Lembro-me de um dia na aula (em 1957), o professor encheu os pulmões e proclamou com entusiasmo: “Senhores, onde B e Aleph concordam, vocês têm o original”. O pobre homem obviamente nunca tinha lido o *Codex B and its Allies: A Study and an Indictment* de Herman C. Hoskier (publicado em 1914).

Por favor, observe atentamente o que é dito aqui: é o próprio Deus que envia o engano operante! E sobre quem Ele o envia? Sobre aqueles que não recebem o amor à verdade.¹ E qual é o propósito do engano operante? – a condenação daqueles que não creem na verdade. Ai, ai, isso é pesado. Observe que a verdade é **central** para a salvação de qualquer pessoa. Isso levanta a questão necessária: o que exatamente se entende por “a verdade”? Em João 14.6, o Soberano Jesus declarou ser Ele mesmo “a verdade”. Orando ao Pai em João 17.17 Ele disse: “Tua Palavra é a verdade”. Uma vez cada nos capítulos 14, 15 e 16 de João Ele se referiu à terceira pessoa da Trindade como “o Espírito da verdade”. Visto que o Filho está de volta ao Céu à direita do Pai, e o Espírito não é muito perceptível para a maioria de nós, na maioria das vezes, e visto que a Palavra é a espada do Espírito (Efésios 6.17), nosso principal acesso a 'a verdade' é através da Palavra de Deus, a Bíblia. A Bíblia oferece verdade proposicional, mas precisamos do Espírito Santo para iluminar essa verdade, e para ter o Espírito Santo devemos estar adequadamente relacionados com o Soberano Jesus.

Atenção, para que algo seja recebido, deve ser oferecido; não se pode crer em algo que nunca ouviu falar (Romanos 10.14). O uso do verbo “receber” implica claramente um ato de vontade por parte de quem não recebe a verdade; que o amor lhes foi oferecido ou disponibilizado, mas eles não o quiseram; eles queriam poder mentir e nutrir mentiras contadas por outros. Mas as consequências de tal escolha são terríveis; eles viraram as costas para a salvação. Suspeito que poucos cristãos no chamado ‘primeiro mundo’ realmente acreditam no que o Soberano Jesus disse em Mateus 7.14: aqueles que encontram o caminho da Vida são **poucos**! E não se esqueça de Apocalipse 22.15; “quem ama e pratica uma mentira” é excluído da Cidade celestial [qualquer mentira, incluindo a de Hort].² Considerarei aqui as implicações para um estudante que ingressa em uma escola de pós-graduação em teologia, por causa do que acontece se ele se tornar um professor, ou estudioso do NT, por sua vez.³

¹ Por favor, note que não é suficiente meramente ‘aceitar’ a verdade; é necessário que amemos a verdade. Satanás nos tantaliza com fama e fortuna (nos termos dele, é claro), de sorte que amar a verdade requer determinação.

² Socorro! “Uma mentira” é bastante geral, sem limite. O que acontece se eu aceitar uma mentira sem perceber que é uma mentira? Mas o Texto não diz ‘aceita’; diz ‘ama’ e ‘pratica’. A implicação é que a evidência contrária à mentira está disponível, mas foi rejeitada ou deliberadamente ignorada – a pessoa se vendeu à mentira.

³ No nível de pós-graduação, o aluno tem a responsabilidade de avaliar o que está sendo ensinado – se for contrário ao Texto, não deve ser aceito. Lembro-me de um dia na capela, um erudito visitante estava expondo Romanos 10.9. Ele afirmou que o texto grego significa claramente “Jesus como Senhor”, mas depois tentou explicar por que a escola não acreditava nisso. Seu argumento foi bastante fraco; tanto que decidi me

A maioria de tais alunos provavelmente vem de um ambiente evangélico e, sem dúvida, foi ensinado que a Bíblia é a Palavra de Deus e, portanto, inspirada. Alguns podem até ter aprendido a inspiração verbal e plenária. No entanto, na maioria das escolas teológicas, você não pode conseguir um emprego como professor se não concordar em usar o texto grego eclético, com tudo o que isso implica. (Assim como você não pode conseguir um emprego de professor na maioria das universidades a menos que pelo menos finja acreditar na evolução.) Se a escola for pelo menos nominalmente conservadora, eles ainda dirão que a Bíblia é inspirada. Mas se um aluno levantar a questão da preservação do texto em sala de aula, haverá um silêncio desconfortável. Se foi preservado, ninguém sabe o que é ou aonde está. A lavagem cerebral foi tão completa que muitos (a maioria?) graduados do seminário nem sequer sabem que há alguma dúvida sobre o que lhes foi ensinado. Eles foram ensinados um ecletismo baseado na teoria de Hort, e para eles isso é tudo que existe.

Mas voltando ao nosso aluno, ele se vê cercado por professores cujo ofício é destruir sua fé em uma Bíblia inspirada com autoridade objetiva. É claro que, presumivelmente, muito poucos desses professores já pensaram nesses termos (portanto, eles se oporiam à minha declaração). Eles diriam que estão apenas fazendo seu trabalho, fazendo o que são pagos para fazer, sem se preocupar com os porquês e para quê.¹ Mas é claro que o aluno não espera isso; ele acredita que seus professores devem ser homens de Deus, e por isso está predisposto a acreditar neles. Além dessa predisposição (e é poderosa), quais são as ferramentas à sua disposição para fazer seu trabalho? Bem, eles têm ridicularização, sarcasmo, lavagem cerebral, pressão dos colegas e assistência satânica, para começar. (Também pode haver ameaças, notas baixas, ações disciplinares, jogo sujo e assim por diante – escrevo por experiência própria.) Mas, de longe, o mais sério é a ‘assistência satânica’, e aqui devo entrar em detalhes.

Voltando a 2 Tessalonicenses 2.10 e ao ‘amor à verdade’, conforme explicado acima, nosso principal acesso à ‘verdade’ é através da Palavra de Deus, a Bíblia. Nosso aluno pode ter ido à escola dominical, provavelmente ouvido sermões com pelo menos algum conteúdo bíblico e certamente tem seu próprio exemplar da Bíblia. Em suma, ele teve e continua tendo acesso

aprofundar na questão por mim mesmo.

¹ Para os eruditos mais antigos e estabelecidos, há também a questão do orgulho e do interesse adquirido; quem quer admitir que esteve errado toda a sua vida profissional? Depois, há a doutrina da ética profissional, deve-se respeitar os colegas (o respeito pelo colega supera o respeito pela verdade). [Não se deve perguntar de onde veio essa doutrina.] Outra coisa: onde uma escola ou instituição depende de ajuda financeira de fora, ela será ameaçada com a perda dessa ajuda, se não seguir a linha, e sua própria existência pode depender dessa ajuda.

à ‘verdade’. No entanto, o Espírito Santo deveras ‘fala’ conosco, se ouvirmos. Por exemplo: meu pai nasceu em 1906, e no devido tempo foi para o Moody Bible Institute e Wheaton College. Naquela época, a American Standard Version (ASV) era propagada como sendo a melhor coisa desde o Jardim do Éden; era ‘a rocha da integridade bíblica’, etc. etc. Agora, meu pai tinha a prática de ler a Bíblia inteira uma vez por ano, uma prática que ele manteve por toda a sua vida. Devido à propaganda em torno da ASV, ele conseguiu uma cópia e começou a lê-la. Foi leitura difícil desde o início, e ele logo teve que parar – o Espírito Santo simplesmente não o deixou continuar. Ele voltou para sua AV de confiança.

Imagino que pelo menos alguns dos meus leitores terão uma pergunta neste momento. Estou insinuando que qualquer um que abraçou a ASV não estava ouvindo o Espírito Santo quando ele tomou essa decisão? A resposta é, “Sim”. Obviamente, o mesmo vale para a teoria hortiana, etc. Infelizmente, poucos estudantes de teologia têm o hábito de consultar o Espírito Santo, e aqueles que o fazem são marcados para perseguição. Nenhum Estabelecimento pode tolerar quem ouve o Espírito Santo. Certamente, ou você se esqueceu de João 3.8? “O vento sopra onde quer, e você ouve seu som, mas não sabe de onde vem nem para onde vai. Assim é com todo aquele que foi gerado pelo Espírito”. Observe que o Senhor está dizendo aqui que somos **nós** que devemos ser imprevisíveis, como o vento ou o Espírito (“vem” e “vai” estão no tempo presente). Se você estiver realmente sob o controle do Espírito, fará coisas inesperadas, assim como Ele faz.¹ Um Estabelecimento é definido por sua ‘camisa de força’, e o Espírito Santo não gosta de camisa de força, e vice-versa.

Em João 8.44, o Soberano Jesus declarou que “não há verdade” em Satanás, e que ele é o pai do mentir. Visto que Deus não pode mentir, Tito 1.2, sendo contrário à Sua essência, toda e qualquer mentira vem do inimigo. Então, o que acontece se você abraçar uma mentira? Você convida Satanás a entrar em sua mente. E o que ele faz lá? Ele estabelece uma fortaleza que prende você nessa mentira; você fica cego para a verdade sobre esse assunto.² É uma aplicação específica da verdade expressa em 2 Coríntios 4.4 – Satanás cega as mentes. Então, o que acontece com o nosso aluno? Com raríssimas exceções, ele sucumbe à pressão exercida pelas ferramentas já mencionadas. Ele aceita a linha do partido e, como é uma mentira, Satanás o cega para a verdade. Se ele se tornar um erudito influente, quase

¹ Visto que Satanás está sempre turvando as águas com excessos e abusos, é necessário discernimento espiritual.

² Sobre esse assunto - você não ficará necessariamente cego em outros assuntos, ou pelo menos não no início.

certamente ficará sob vigilância demoníaca (já que Satanás não é onipresente).

Há um equívoco comum que engana as pessoas neste ponto. Uma vez que qualquer pessoa genuinamente regenerada tem o Espírito Santo habitando nela, como pode Satanás ou um demônio estar na mente dessa pessoa? Há uma diferença fundamental entre presença e controle. Muitos poucos cristãos já entregaram conscientemente todas as áreas de suas vidas ao controle do Espírito Santo. O Espírito Santo é gente fina, ele não assumirá uma área contra a tua vontade (veja João 4.23-24). Quaisquer áreas que não estejam sob o controle do Espírito estão abertas à interferência do inimigo, e mais especialmente se você abraçar uma mentira. Ao abraçar uma mentira você entristece o Espírito Santo; não sábio (Efésios 4.30). Você também resiste a Ele; o que também não é sábio (Atos 7.51). Então, por que Deus não protege você? Porque você rejeitou o amor à verdade, e com isso Deus virou contra você! Quando Deus se volta contra você, quais são suas chances? Sem a proteção de Deus, você se torna presa de Satanás (1 Pedro 5.8).¹

Qualquer um em rebelião contra o Criador está sob influência satânica, direta ou indireta (na maioria dos casos um demônio age como agente de Satanás, quando algo mais do que a influência da cultura circundante é necessária - quase todas as culturas humanas têm ingredientes de origem satânica; isso inclui a cultura acadêmica). Qualquer um em rebelião contra o Criador também terá fortalezas de Satanás em sua mente. Já que Satanás é o 'pai' do mentir (João 8.44), sempre que você abraça uma mentira, você o convida a entrar em sua mente – isso se aplica a qualquer um de seus sofismas (2 Coríntios 10.5) atualmente em voga, como materialismo, humanismo, relativismo, marxismo, freudismo, hortianismo, etc.

A venda da mentira é realizada de geração em geração, resultando em uma deserção contínua. A maioria dos professores são 'papagaios', simplesmente repetindo o que lhes foi ensinado, sem nunca voltar para verificar os fatos. Alguns eruditos mais antigos podem ter tomado conhecimento dos fatos, mas por causa do interesse pessoal não os mencionam a seus alunos; eles mantêm a linha do partido. Tudo isso faz parte do que poderíamos chamar de 'pecado geracional'.

¹ Por favor, tenha em mente a sequência de causa e efeito – começa com a rejeição do amor à verdade. Não basta apenas 'aceitar' a verdade, é preciso amá-la. Para quem abraçou uma mentira, o único 'remédio' é voltar ao amor à verdade, rejeitando a mentira. Deus pode exigir uma renúncia pública da mentira.

Há pecado geracional dentro das famílias, em igrejas individuais, em escolas, em denominações e em segmentos mais amplos da Igreja. Um pecado geracional muito sério que é endêmico em amplas áreas da comunidade conservadora/evangélica em geral é a idolatria que eleva a razão humana acima da Palavra revelada de Deus. Essa idolatria se expressa em muitas frentes, mas talvez a fundamental esteja relacionada ao próprio Texto da Escritura – refiro-me à mentalidade que constantemente questiona o próprio texto do Texto, minando assim a confiança em sua integridade e autoridade.

A frase ‘pecado geracional’ implica que toda uma geração está praticando esse pecado. Isso envolve uma consequência muito séria: todas as gerações subsequentes recebem esse pecado como parte de seu ‘fundo genético’; não é percebido como ‘pecado’, mas como ‘verdade’. Mas sendo de fato uma mentira, torna-se uma fortaleza de Satanás em suas mentes e não é questionada. A única libertação desse pecado vem quando alguém volta ao seu início e analisa e expõe as falsas pressuposições e raciocínios que deram origem ao pecado. Mas tal pessoa não deve esperar ser bem recebida. Ele certamente será perseguido pelo ‘Estabelecimento’. No entanto, se ele tiver um meio de divulgar suas descobertas, poderá influenciar o futuro.

Uma solução para o problema

Resta comentar novamente 2 Tessalonicenses 2.9-12:

9 Já a vinda daquele será segundo a operação de Satanás, com todo poder,¹ com sinais e prodígios mentirosos, 10 e com todo engano iníquo entre os que estão se desperdiçando, porque não receberam o amor à verdade,² para que pudessem ser salvos.³ 11 Sim, por causa disso Deus lhes enviará um engano operante, a fim de que eles creiam na mentira,⁴ 12 e para que sejam condenados todos os que não creram

¹ Quando Satanás caiu, ele não perdeu seu poder.

² O uso do verbo ‘receber’ claramente indica um ato de volição da parte deles; aquele amor foi oferecido a eles, ou colocado a sua disposição, mas não quiseram. Eles queriam antes ter a opção de mentir e de nutrir mentiras proferidas por outros. As consequências de semelhante escolha são terríveis; viraram as costas para a salvação.

³ Sendo que só existem dois reinos espirituais neste mundo, o de Soberano Jesus e o de Satanás, “os que estão se desperdiçando”, neste texto, ainda estão no reino de Satanás, e portanto estão totalmente abertos ao “engano iníquo” dele. O Texto diz claramente que eles estão se desperdiçando “porque não receberam o amor à verdade para que pudessem ser salvos”. Tais pessoas não são salvas.

⁴ Em nossos dias, a melhor exemplificação “da mentira” talvez seja a teoria da evolução, como explicação de origens: ‘Não existe Criador’ – logo não haverá prestação de contas; portanto você pode fazer o que quiser. Quão terrível será o acordar!

na verdade, mas antes tiveram prazer na iniquidade.¹

Atenção para a sequência: primeiro eles rejeitam o amor à verdade; é como uma consequência daquela escolha que Deus manda o engano. Podemos entender que existe um ponto onde não há retorno. Deus manda o engano para que sejam condenados. A única escolha inteligente é abraçar a verdade!

Considere comigo as consequências dos fatos declarados nos versos 10 a 12 para uma nação inteira, como o Brasil. Temos muitos milhares de igrejas locais que se dizem cristãs. Mas conheço pouquíssimas que poderiam ser descritas como ‘amando a verdade’. Ninguém quer uma Bíblia com autoridade objetiva. Valores humanistas, relativistas e materialistas já tomaram conta das igrejas (para nem se comentar o apego ao poder de lideranças). Valores bíblicos não são mais aceitáveis. Como consequência, Satanás já tem controle do governo, da educação, da saúde, do comércio, do lazer – enfim, da cultura toda. As igrejas que já rejeitaram os valores bíblicos fazem parte do problema – já que rejeitaram “o amor à verdade”, já foram tomadas por um “engano operante”.

Notar que é o próprio Deus que manda o engano, com o objetivo declarado de condenar todos os que creram na mentira. Se o próprio Deus entrega um país inteiro ao “engano operante”, haverá saída possível para ele? O único ‘remédio’ possível é “o amor à verdade”. Nós que nos consideramos súditos genuínos do Soberano Jesus havemos de rogar a Ele que nos mostre como promover o amor à verdade nas igrejas e na sociedade geral. Aqui no Brasil talvez já seja tarde demais, mas se a graça de Deus ainda nos oferecer uma janela de oportunidade, temos de nos dedicar ao promover do amor à verdade por todos os meios possíveis.

Mas voltando ao assunto declarado deste artigo: o que eu disse sobre o Brasil se aplica também a críticos textuais. Uma vez que a crítica textual eclética é baseada em falsidades, ela pertence a Satanás. Visto que a maioria dos seminários teológicos e escolas bíblicas ensina crítica textual eclética, mesmo os mais conservadores, e visto que essa é a única opção que eles ensinam, a maioria dos alunos se forma pensando que é tudo o que existe. O graduado pode acreditar que o NT é inspirado e inerrante nos autógrafos, mas ele usa, e ensina a partir de um texto grego eclético e versões modernas baseadas em um texto eclético. Ele abraçou uma mentira porque confiava nos professores que lhe garantiram que era a verdade. Mas essa mentira se tornou uma fortaleza de Satanás em sua mente, e é por isso que tantos

¹ “Tendo prazer na iniquidade” inclui o rejeitar da Verdade de um Criador moral que exigirá uma prestação de contas, ou mesmo rebelião declarada contra esse Criador (como Lúcifer/ Satanás).

evangélicos parecem incapazes de reconsiderar o que aprenderam. Muito pior, se o próprio Deus envia engano operante para dentro de suas mentes, porque eles abraçaram uma mentira, como podem eles escapar? No entanto, Deus é justo e levará em conta todos os fatores relevantes. Alguém que está determinado a ensinar e defender a mentira provavelmente está em maus lençóis.

Agora, qualquer solução para o problema deve ser efetuada no âmbito espiritual. As pessoas não mudarão a menos que a interferência maligna em suas mentes seja cancelada. Então, com base em que podemos neutralizar a interferência? A questão mais fundamental para a vida humana neste planeta é a da autoridade: quem a possui, em que grau e em que termos? Como os principais sacerdotes disseram a Jesus: “Com que autoridade você está fazendo isto?” (Lucas 20.2). Após Sua morte e ressurreição, o Soberano Jesus disse: “Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra” (Mateus 28.18). Então Ele está perfeitamente dentro de Seus direitos, claramente competente, para delegar uma parte dessa autoridade para nós. Considere Lucas 10.19: “Atenção, estou dando a vocês a autoridade para pisotear serpentes e escorpiões,¹ bem como sobre todo o poder do inimigo, e nada poderá lhes fazer mal algum.” Em vez de 'estou dando', talvez 2,5% dos manuscritos gregos, de qualidade objetivamente inferior, trazem 'dei' (como em NVI, ARA, LH, CON, etc.) – um erro grave. Jesus disse isso talvez

¹ O Senhor nos dá autoridade para “pisotear serpentes e escorpiões”. Ora, ora, para esmagar o inseto literal, um escorpião, você não precisa de poder do Alto, basta um chinelo (se você for rápido, pode até fazê-lo descalço). Para pisotear uma cobra eu prefiro uma bota, mas podemos matar cobras literais sem ajuda sobrenatural. Torna-se óbvio que Jesus estava se referindo a algo além de répteis e insetos. Entendo que Marcos 16.18 esteja se referindo à mesma realidade - Jesus declara que certos sinais acompanharão os crentes (a maneira de falar praticamente tem o efeito de comandos): eles expulsarão demônios, falarão línguas estranhas, removerão 'serpentes' e colocarão as mãos sobre os doentes. (“Se beberem...” não é uma ordem; refere-se a uma eventualidade.) Mas o que o Senhor Jesus quis dizer com “cobras”?

Em uma lista de atividades distintas, Jesus já se referiu a demônios, de sorte que as ‘cobras’ devem ser outra coisa. Em Mateus 12.34, Jesus chamou os fariseus de “raça de víboras”, e em 23.33, de “cobras, raça de víboras”. Em João 8.44, depois que eles reivindicaram Deus como seu pai, Jesus disse: “Vocês são de seu pai, o diabo”. E 1 João 3.10 deixa claro que Satanás tem muitos outros ‘filhos’ (assim também Mateus 13.38-39). Em Apocalipse 20.2 lemos: “Ele pegou o dragão, a antiga serpente, que é um caluniador, a saber, o Satanás, que engana toda a terra habitada, e o amarrou por mil anos.” Se Satanás é uma cobra, então seus filhos também são cobras. Então, eu entendo que nossas ‘cobras’ são seres humanos que escolheram servir a Satanás, que se venderam ao mal. Concluo que as “cobras” em Lucas 10.19 são as mesmas de Marcos 16.18, mas e os “escorpiões”? Uma vez que eles também são do inimigo, eles podem ser demônios, caso em que o termo pode incluir seus descendentes, os humanoides (para mais informações veja meu artigo, “Nos Dias de Noé”, disponível em www.punch.com.br). Ainda estou trabalhando na questão de como a remoção é feita.

cinco meses antes de Sua morte e ressurreição, dirigindo-se aos setenta (não apenas aos doze). O Senhor estava se referindo ao futuro, não ao passado, um futuro que inclui a nós!

Considere ainda João 20.21: Jesus lhes disse novamente: “Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês”. “Assim como... também” – Jesus está nos enviando assim como o Pai O enviou. Então, como eles fizeram? O Pai determinou e o Filho obedeceu: “Deveras, estou aqui para fazer a tua vontade, ó Deus” (Hebreus 10.7). E o que foi essa vontade? Destruir Satanás (Hebreus 2.14) e desfazer suas obras (1 João 3.8). Uma vez que Jesus realmente derrotou Satanás (Colossenses 2.15, Efésios 1.20-21, etc.), mas depois voltou para o Céu, o que nos resta é o desfazer de suas obras.¹ Parece-me claro que para desfazer qualquer obra devemos também desfazer suas consequências (na medida em que isso seja possível).

Considere também Efésios 2.4-6: “Mas Deus – sendo rico em misericórdia, pelo Seu grande amor com que nos amou, mesmo estando nós mortos nas transgressões – nos vivificou juntamente com Cristo (pela graça sois salvos); sim, nos ressuscitou juntamente com Ele e nos fez assentar nas regiões celestiais em Cristo Jesus”. Isso é tremendo! Aqui temos nossa autoridade. Cristo está agora sentado à direita do Pai, “muito acima” do inimigo e suas hostes. Este versículo afirma que nós que estamos em Cristo também estamos lá! Assim, em Cristo também estamos muito acima do inimigo e suas hostes.² Certamente, ou não é isso que está declarado em Efésios 1.16-21?

Eu deveras não paro de dar graças por vocês, fazendo menção de vocês nas minhas orações: para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda um espírito de sabedoria e de revelação, visando um real conhecimento³ dEle próprio, os olhos do vosso coração tendo sido iluminados para que possam saber: qual é a esperança da chamada dEle, e qual a riqueza da gloriosa herança dEle nos santos, e qual a incomparável grandeza do poder dEle dentro⁴ de

¹ Para saber mais sobre este assunto, veja meu artigo, “Guerra Espiritual Bíblica” (disponível em www.prunch.com.br).

² Devemos operar conscientemente nessa base, mas como poucas igrejas ensinam isso, a maioria dos cristãos vive em derrota espiritual.

³ Finalmente escolhi ‘real conhecimento’ como sendo a melhor tradução para επιγνωσις, a forma enfatizada de γνωσις, ‘conhecimento’. Real conhecimento é mais do que conhecimento intelectual, ou até mesmo de conhecimento teórico que é verdadeiro – inclui experiência. O Texto prossegue dizendo, “os olhos do vosso **coração** tendo sido iluminados”. Real conhecimento muda o teu ‘coração’, o que você é.

⁴ “Dentro de nós” – é isso que o Texto diz. Notar que “estamos crendo” é tempo presente.

nós que estamos crendo, segundo a demonstração do alcance de Sua força, a qual Ele exerceu no Cristo quando O ressuscitou dentre os mortos e O fez sentar à Sua direita nas regiões celestiais, muito acima de todo governo, autoridade, poder e domínio – mesmo todo nome que se pode nomear, não só nesta era, mas também na vindoura.

Agora, “muito acima de todo governo, autoridade, poder e domínio – mesmo todo nome que se pode nomear, não só nesta era, mas também na vindoura” deve incluir Satanás e seus anjos. Se Cristo, sentado à direita do Pai, está “**muito** acima” deles, e nós estamos Nele, sentados à direita do Pai, então nós também estamos acima de todas as hostes do inimigo. Essa é a nossa posição e autoridade para neutralizar a interferência.

Muito bem, mas como vamos fazer isso? Os profissionais religiosos (líderes de igreja, professores de seminário, etc.) são parte do problema, de sorte que não podemos esperar que eles façam nada. Os poucos que não estão presos por Satanás não sabem o que fazer, ou têm medo de agir. Segue-se que qualquer solução para o problema deve ser buscada por seguidores sinceros do Soberano Jesus com outras e diferentes ocupações. O que se segue foi escrito para tais seguidores. Se você é um deles, deve perguntar ao Espírito Santo o que Ele quer que você faça em sua situação específica.

Prosseguindo, em que nível devemos ‘neutralizar’? Os candidatos que se sugerem são: instituições, professores, alunos, líderes eclesiásticos e leigos. Que tal trabalhar em todos os níveis? Em seguida, que procedimentos estão à nossa disposição para fazer a neutralização? Eu ofereço o seguinte: a) proibir qualquer uso a mais do poder de Satanás, em um caso específico; b) reivindicar o desfazimento das consequências do uso daquele poder que tenha havido (na medida do possível); c) destruir qualquer fortaleza de Satanás em suas mentes (incluindo pontos cegos); d) amarrar quaisquer demônios envolvidos e enviá-los para o Abismo, proibindo qualquer outra

Considere 3.20. “Agora, Àquele que é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou imaginamos, de acordo com o poder que está operando em nós.” Notar que o verbo está no tempo presente; ter crido ontem não resolve, temos de estar crendo hoje. Este incomparável poder que Deus disponibiliza dentro de nós, ao passo que cremos, excede a nossa capacidade de imaginar. Ora vejam, o meu horizonte particular é limitado e definido por minha capacidade de imaginar. Qualquer coisa que não consigo imaginar fica do lado de fora do meu horizonte, e obviamente não posso pedi-la. Com tristeza confesso que ainda não alcancei um nível espiritual que me permita manusear esse poder – ainda não consegui fazer a verdade descrita neste verso funcionar na minha vida. Mas entendo que a verdade aqui afirmada é literal, e espero que outros alcancem antes de mim (para eu poder aprender com eles), caso eu continuar demorando. O propósito dessa verdade (verso 21) é que Deus seja glorificado [não para eu ficar curtindo, se bem que, se um dia eu chegar lá, certamente vou curtir!], e na medida em que nós não utilizamos o poder dEle, estaremos privando-o da glória que Ele poderia e deveria receber.

atividade demoníaca; e) levar cativos os seus pensamentos à obediência de Cristo. Na minha experiência, para sermos eficientes precisamos ser específicos: nomear a instituição; nomeie a pessoa.

Mas só um minuto, submeto à consideração que fé é um pré-requisito básico para fazer uso de nossa posição e autoridade. O treinamento teológico que eu mesmo recebi me programou para não esperar manifestações sobrenaturais de poder em e através de minha vida e ministério. Como resultado, pessoalmente acho difícil exercer o tipo de fé que o Senhor Jesus exige. Considerar:

Em Mateus 8.5-13 o centurião entendia a respeito de autoridade – ele dava ordens e elas eram obedecidas, prontamente e sem questionar.¹ Mas o Senhor Jesus disse que ele tinha uma fé extraordinariamente grande – fé em quê? Fé na autoridade espiritual do Senhor; Ele poderia simplesmente dar uma ordem e isso aconteceria. Talvez devêssemos entender esse tipo de fé como uma confiança absoluta, sem sombra de dúvida ou medo. Em Mateus 21.21 o Senhor disse: “Certamente... se você tiver fé e não duvidar” (veja Marcos 11.23, “não duvidar em seu coração”) você pode (na verdade “fará”) murchar uma árvore ou enviar uma montanha para o mar. Veja também Hebreus 10.22, “plena certeza de fé”, 1 Timóteo 2.8, “orar... sem duvidar”, Tiago 1.6, “pedir com fé sem duvidar”. Marcos 5.34 e Mateus 15.28 oferecem exemplos positivos.

Se alguém der uma comissão, presumivelmente a apoiará até o limite de sua capacidade. Uma vez que a capacidade de Cristo não tem limite, Seu apoio não tem limite (da parte dEle). Em Mateus 28.18 Ele disse: “Toda autoridade me foi dada no céu e na terra”. Em seguida, vem a comissão: “Ao ir, fazei discípulos... ensinando-os a obedecer a todas as coisas que vos ordenei” – o pronome se refere aos onze apóstolos (versículo 16). Então, que ordens Jesus deu aos Onze? Entre outras coisas, “curar os enfermos, purificar os leprosos, expulsar demônios” (em Mateus 10.8 talvez 94% dos manuscritos gregos não têm “ressuscitar os mortos”). Os Onze também ouviram João 20.21. Sabendo que estamos sendo apoiados pelo Soberano do universo, que tem toda autoridade e poder, podemos e devemos agir com total confiança.

Uma palavra de cautela é necessária neste ponto. Considere Tiago 4.7 — “Portanto, submetem-se a Deus. Resistem ao diabo, e ele fugirá de vocês”. Observe a sequência: precisamos verificar se estamos em submissão a Deus

¹ O centurião não disse: “Na autoridade de Roma...”, ele apenas disse: “Faça isso; faça aquilo.” O Senhor Jesus não disse: “Na autoridade do Pai...”, Ele apenas disse: “Seja limpo! Vai!” Em Lucas 10.19 Ele disse: “Eu vos dou a autoridade sobre todo o poder do inimigo” – então, nós temos a autoridade; então, cabe a nós falar! Assim como Jesus fez.

antes de enfrentar o diabo. Então devemos reivindicar nossa posição em Cristo à direita do Pai. Uma vez que poucos cristãos receberam qualquer nível remotamente adequado de instrução na área da guerra espiritual bíblica (a maioria não recebeu nenhum), preciso explicar os procedimentos.

Proibir qualquer uso a mais do poder de Satanás:

Este procedimento é baseado em Lucas 10.19. O Soberano Jesus nos dá ‘a’ autoridade sobre todo o poder do inimigo. Autoridade controla poder, mas como temos acesso ao poder ilimitado de Deus (Efésios 3.20), não devemos dar a Satanás a satisfação de usarmos o dele (e ele poderia facilmente nos enganar e levar a fazer coisas que não deveríamos). Devemos usar nossa autoridade para proibir o uso do poder de Satanás, com referência a situações específicas – na minha experiência, temos de ser específicos. (Já tentei amarrar Satanás de uma vez por todas até o fim do mundo, mas não funcionou; presumivelmente porque o plano de Deus exige a atividade contínua do inimigo neste mundo. Podemos limitar o que o inimigo faz, mas não colocá-lo completamente fora de ação, ou assim entendo.) Mas exatamente como devemos fazer isso?

Na armadura descrita em Efésios 6 encontramos “a espada do Espírito” (versículo 17). Uma espada é uma arma de ataque, embora também seja usada para defesa. O Texto nos diz que essa espada é “a *ρημα* de Deus” – *ρημα*, não *λογος*. É a Palavra de Deus falada, ou aplicada. Realmente, de que serve uma espada deixada em sua bainha? Por mais maravilhosa que seja nossa Espada (Hebreus 4.12), para produzir efeito ela deve sair da bainha. A Palavra precisa ser falada ou escrita – aplicada de forma específica.

Na Bíblia temos muitos exemplos em que as pessoas colocaram o poder de Deus em ação falando. Nosso mundo começou com uma palavra criativa de Deus – falada (Gênesis, 1.3, 6, 9, 11, 14, 20, 24, 26; e veja Hebreus 11.3). Moisés falou muito. Elias falou (1 Reis 17.1, 18.36-38, 2 Reis 1.10, 12). Eliseu falou (2 Reis 2.14, 21-22, 24; 4.16, 43; 6.18). Jesus falou muito. Ananias falou (Atos 9.17-18). Pedro falou (Atos 9.34, 40). Paulo falou (Atos 13.11; 14.3, 10; 16.18; 20.10; 28.8). Resumindo, precisamos falar!

Reivindicar o desfazer das conseqüências do uso desse poder que já houve:

Este procedimento é baseado em 1 João 3.8, aliado a Lucas 10.19. Deveria ser possível para nós ordenar a Satanás que use seu próprio poder para desfazer bagunças que ele fez, obrigando-o assim a reconhecer sua derrota (o que não agrada a seu orgulho). O Filho de Deus foi manifestado com o propósito de “desfazer as obras do diabo” (1 João 3.8), e cabe a nós

continuar Sua obra aqui neste mundo (João 20.21). Como seria possível desfazer um trabalho sem desfazer suas consequências também? O Pai enviou o Filho para desfazer as obras de Satanás, e o Senhor Jesus Cristo está nos enviando para desfazer as obras de Satanás. Mais uma vez, entendo que devemos ser específicos.

Destruir quaisquer fortalezas de Satanás na mente da pessoa:

Este procedimento é baseado em 2 Coríntios 10.4 e 1 João 3.8. Já que fortalezas, e pontos cegos, na mente são obra de Satanás, e estamos aqui para desfazer tais obras, isso se enquadra na área de nossa competência. É feito reivindicando tal destruição em tantas palavras, sendo específico.

Amarrar quaisquer demônios envolvidos e mandá-los para o Abismo:

Este procedimento é baseado em Marcos 3.27 e Lucas 8.31. “Ninguém pode saquear os bens do homem forte, invadindo sua casa, se primeiro não amarrar o homem forte – depois pode saquear a casa” (Marcos 3.27). Como o artigo definido ocorre com “homem forte” na primeira vez que a frase ocorre, a entidade já foi introduzida, de sorte que a referência é a Satanás. Aqui está uma base bíblica para amarrar Satanás, o que agora é possível por causa da vitória de Cristo. Se podemos amarrar Satanás, evidentemente também podemos amarrar qualquer um de seus subordinados. “E ele¹ ficou implorando-lhe que Ele não ordenasse que eles fossem para dentro do Abismo” (Lucas 8.31).² Entendo que Jesus não os tenha enviado para o Abismo naquele momento porque Ele ainda não havia conquistado a vitória, e os demônios estavam ‘dentro de seus direitos’, sob Satanás, que ainda era o deus deste mundo. Mas os demônios estavam obviamente preocupados! (Eles sabiam muito bem quem era Jesus, e o que Ele poderia fazer.) Eu diria que esta é uma das “coisas maiores” (João 14.12) que podemos fazer agora – quer dizer, que deveríamos fazer. Quanto a proibir qualquer atividade demoníaca adicional, temos o exemplo do Senhor (Marcos 9.25), e devemos fazer o que Ele fez (João 14.12).

Levar os pensamentos deles cativos à obediência de Cristo:

Este procedimento é baseado em 2 Coríntios 10.5. No contexto, os pensamentos são de pessoas que estão servindo a Satanás (mesmo sem se dar conta disso). (É claro que devemos sempre verificar para ter certeza de que nós mesmos estamos operando dentro da 'mente de Cristo', 1 Coríntios 2.15-16). Ora, este procedimento afasta-se de simplesmente neutralizar a

¹ O demônio chefe é quem mais fala, representando sua coorte.

² O Texto tem ‘o Abismo’, presumivelmente o mesmo mencionado em Apocalipse 20.3. Os demônios sabiam algo que a maioria de nós não sabe.

interferência do inimigo, já que introduz uma ‘interferência’ positiva, mas é relevante para a questão que está sendo discutida aqui, uma vez que é proteção contra a recaída para o erro anterior. Novamente, devemos ser específicos.

Alguns outros textos que podem ser aplicáveis: Lucas 4.18-21, Salmo 149.5-9, João 14.12.

Em Lucas 4.18-21 Jesus inclui “pôr em liberdade os oprimidos” (Isaías 58.6) como uma das coisas que Ele foi enviado para fazer. Voltando a Isaías 58.6, encontramos Jeová declarando que tipo de ‘jejum’ Ele gostaria de ver: “Afrouxar os grilhões da iniquidade [a], desfazer as cordas da canga [b]; libertar os oprimidos [a], e que vocês quebrem todo jugo [b]”. Como é típico da gramática hebraica, as duas metades são paralelas. “Afrouxar os grilhões da iniquidade” e “libertar os oprimidos” são paralelos. Quem colocou os “grilhões” e quem está oprimindo? Bem, embora as pessoas certamente possam forjar seus próprios laços por meio de seu próprio estilo de vida perverso, entendo que o ponto aqui é que seres perversos colocaram os grilhões nos outros. “Desfazer as cordas da canga” e “que vocês quebrem todo jugo” andam juntos. Primeiro devemos desamarrar as cordas que prendem o jugo ao pescoço, depois devemos quebrar os próprios jugos. Tenho a clara impressão de que este texto está falando sobre a atividade dos servos de Satanás, homens e anjos. Usando cultura, cosmovisão, dispositivos legais, ameaças, chantagens, mentiras, enganos e simplesmente demonização e feitiçaria, eles prendem indivíduos, famílias, grupos étnicos, etc., com uma variedade de grilhões e instrumentos de opressão.

Então, o que isso tem a ver com o nosso assunto? Bem, o jejum era um componente importante e necessário em sua adoração a Deus. Portanto, esse tipo de ‘jejum’ é algo que Jeová deseja abertamente ver; é especificamente Sua vontade. Então, quando vemos qualquer obra de Satanás na vida de alguém, é a vontade de Deus que a desfazemos. Se soubermos que é a vontade de Deus, podemos prosseguir com total confiança. E é parte de nossa comissão (João 20.21).

Observe também Salmos 149.5-9. “Exultem de glória os santos, cantem de júbilo nas suas camas. Estejam os altos louvores de Deus na sua boca, e uma espada de dois gumes na sua mão, para executar vingança sobre as nações e castigo sobre os povos; para prender os seus reis com correntes e os seus nobres com grilhões de ferro; para impor a eles a sentença escrita. Esta honra é para todos os Seus santos.” Observe que os santos estão em suas camas, de sorte que a atividade descrita nos versículos subsequentes deve ocorrer no âmbito espiritual. Presumo que os “reis” e “nobres”

incluem tanto homens quanto anjos caídos. A atividade descrita é prerrogativa de “todos os Seus santos” – se você é um desses santos, depende de você. Há várias “sentenças escritas” no Texto: Zacarias 5.2-4, Provérbios 20.10, Isaías 10.1-2, Romanos 1.26-36 e 1 Coríntios 6.9-10, pelo menos.

Em João 14:12 o Senhor Jesus disse: “Com toda certeza eu vos digo: Aquele que crê para dentro de mim, ele também fará as obras que eu faço; aliás, fará maiores do que estas, porque estou indo para meu Pai”. “Com toda certeza” é na verdade “amém, amém” – traduzido “em verdade, em verdade” em várias versões. Somente João registra a palavra como repetida, nos demais Evangelhos é apenas “amém”. Na literatura contemporânea não temos exemplo de mais ninguém usando a palavra dessa maneira. Parece que Jesus cunhou Seu próprio uso, e o ponto parece ser chamar a atenção para um pronunciamento importante: “Pare e ouça!” Frequentemente precede uma declaração formal de doutrina ou política, como aqui.

“Aquele que crê para dentro de mim, ele também fará as obras que eu faço.” Esta é uma declaração tremenda, e não um pouco desconcertante. Observe que o Senhor disse, “fará”; não 'talvez', 'quem sabe', 'se você quiser'; e certamente não “se a doutrina de sua igreja permitir”! Se você crê, você vai fazer! O verbo 'crer' está no tempo presente; se você está crendo, você fará; segue-se que se você não está fazendo, é porque você não está crendo. $2 + 2 = 4$. Fazendo o quê? “As obras que eu faço.” Bem, Jesus pregou o Evangelho, Ele ensinou, Ele expulsou demônios, Ele curou todos os tipos e tamanhos de doenças e enfermidades, Ele ressuscitou uma pessoa morta cá e lá, e Ele realizou uma variedade de milagres (água em vinho, andar sobre a água, parar uma tempestade instantaneamente, transportar um barco vários quilômetros instantaneamente, multiplicar comida, murchar uma árvore - e Ele deu a entender que os discípulos deveriam ter parado a tempestade e multiplicado a comida, e Ele afirmou que eles poderiam murchar uma árvore [Pedro realmente deu alguns passos na água]). Então, e nós? Podemos lidar com a pregação e o ensino, mas e o resto? Certa feita ouvi o presidente de uma certa universidade cristã afirmar que este versículo obviamente não poderia significar o que diz porque não estava acontecendo! Bem, em sua própria experiência e na de seus associados, acho que não. Mas muitas pessoas hoje expulsam demônios e curam, e eu pessoalmente conheço alguém que ressuscitou uma pessoa morta. Milagres também estão acontecendo. Então, e eu? E você?

“Aliás, fará maiores do que estas.” Ora, ora, se expulsarmos demônios, curarmos e realizarmos milagres, isso não é suficiente? Jesus quer mais, Ele quer “coisas maiores” do que as mencionadas [não se esqueça do que Ele disse em Mateus 7.22-23]. Observe novamente que Ele disse “vai fazer”,

não talvez, ou se sua igreja permitir. Mas o que poderia ser “maior” do que milagres? Isso não pode se referir à tecnologia moderna porque, nesse caso, tais “coisas maiores” não estariam disponíveis para os crentes durante os primeiros 1900 anos. Observe que a chave está na declaração final do Senhor (no versículo 12), “porque estou indo para meu Pai”. Somente se Ele vencesse, Ele poderia retornar ao Pai, de sorte que Ele está aqui declarando Sua vitória antes do fato. É com base nessa vitória que as “coisas maiores” podem ser realizadas. E o que são essas coisas “maiores”? Para minha resposta, veja meu esboço, “Guerra Espiritual Bíblica”.

No versículo 12 o verbo ‘fará’ é singular, ambas as vezes, de sorte que tem a ver com o indivíduo. Observe que o Senhor não disse, “você^s apóstolos”, “somente durante a era apostólica”, “somente até que o cânon esteja completo”, ou como queira. Ele disse, “aquele que crê”, tempo presente, e então isso se aplica a todo e qualquer momento subsequente até o nosso tempo.¹

Conclusão

As pessoas que negam a existência do Criador e, portanto, de um texto inspirado, não têm motivos para participar do debate (exceto na tentativa de defender sua própria descrença, ou se estiverem conscientemente servindo a Satanás). O NT ganha a sua importância por ser divinamente inspirado; se não for inspirado, não adianta perder tempo criticando seu texto (seria irrelevante para hoje). Mesmo assim, a maioria dos críticos textuais do NT não acredita em sua inspiração divina. Então, o que os motiva? Eles me lembram as palavras do Soberano em Mateus 23.14 (ou 13 na FIEL). “Ai de vocês, escribas e fariseus, hipócritas!! Porque vocês fecham o Reino dos céus diante dos homens; sim, nem vocês mesmos entram, nem deixam entrar os que tentam fazê-lo.” Também em Lucas 11.52. “Ai de vocês peritos na Lei! Vocês removeram a chave do conhecimento; vocês mesmos não entraram, e impediram os que estavam para entrar!” Eles eram realmente perversos. Se eles próprios não quisessem entrar, a escolha era deles; mas tentar deter os outros era realmente perverso! Aqueles caras eram realmente sujeitos.

¹ Além disso, afirmar que os dons milagrosos cessaram quando a última pá de terra caiu na cova do apóstolo João é uma falsidade histórica. Cristãos que viveram durante os séculos II, III e IV, cujos escritos chegaram até nós, afirmam que os dons ainda estavam em uso em seus dias. Nenhum cristão do século 20 ou 21, que não estava lá, é competente para contradizê-los. E, por favor, veja a nota de rodapé em I Coríntios 13.12 na minha tradução, *O Soberano Criador já Falou*. Qualquer ‘cessacionista’ terá uma fortaleza de Satanás em sua mente sobre esse assunto, porque ele abraçou uma mentira. Qualquer doutrina que deriva da reação contra excessos e abusos dá vitória a Satanás. Qualquer argumento destinado a justificar a falta de poder espiritual não pode estar certo.

Estou bem ciente de que fui direto, que usei linguagem forte, mas estou em boa companhia. Leia novamente Mateus 23.13-33, onde Jesus censurou os escribas e fariseus. Aqui está o versículo 33: “Serpentes! Raça de víboras! Como podem vocês escapar da condenação do Inferno?” O Senhor estava mais preocupado com seu destino eterno (ver João 5.34 e 40) do que com suas sensibilidades, seus pobres sentimentos, mas Ele também estava reagindo ao dano que eles haviam infligido aos outros. Fica-se com a impressão de que as pessoas simplesmente não querem levar a sério tudo o que a Bíblia diz sobre a natureza de Deus. Seu amor inclui necessariamente um ódio ao mal, por causa do dano que o mal causa aos objetos de Seu amor. Deus é amor, mas Ele também é justiça e ira. Não temos como realmente entender quão terrível foi o preço que Jeová, o Filho, pagou por nossa redenção. O Filho não aceitará gentilmente o desprezo de Seu sacrifício. Apocalipse 19.15 declara que o Filho pisará o lagar da fúria da ira do Deus Todo-Poderoso sozinho! É o Filho que se assentará no Grande Trono Branco,¹ e a ira em Sua face será tão terrível que até o céu fugirá (Apocalipse 20.11)!

Gente, é hora de parar e pensar! Se o próprio Deus inserir um engano operante na sua mente, você está morto! Você está condenado! Você absolutamente não quer fazer nada que possa levar Deus a fazer isso! Você absolutamente não quer rejeitar o amor à verdade. Se você já o fez, deve prostrar-se diante de Deus e implorar Seu perdão. Isso é o que Davi fez no Salmo 51; ele se entregou à misericórdia de Deus. Ele sabia perfeitamente que não havia sacrifício para o que havia feito. (Os sacrifícios prescritos pela Lei eram apenas para 'pecados de ignorância'.) Se você sofreu uma lavagem cerebral e não entendeu o que aconteceu com você, o Justo Juiz considerará todos os fatores relevantes. Mas é melhor você ter uma conversa franca com Ele e perguntar a Ele o que você pode fazer visando desfazer ou aliviar o dano que você infligiu a outros.

Conclusão: Visto que a crítica textual existe apenas para um texto considerado perdido, a mera ideia de criticar o texto do NT já é contra Jesus. Um crítico está acima do texto que está criticando. Eu sou um estudioso do NT, não crítico; o Texto está acima de mim. Eu tenho uma teoria da preservação do Texto, porque o texto nunca foi perdido. Dito isso, permanece o fato de que os MSS existentes nos apresentam leituras diferentes. Precisamos cotejar e estudar os MSS, mas precisamos de um novo nome para isso: sugiro ‘Manuscritologia’.

Temos evidências históricas para apoiar as seguintes declarações: 1) os apóstolos sabiam que estavam escrevendo Escritura; 2) os apóstolos sabiam

¹ Em João 5.22, Jesus declarou que o Pai confiou todo o julgamento a Ele.

que os colegas estavam escrevendo Escritura; 3) seus cristãos contemporâneos reconheceram imediatamente que aqueles escritos eram Escritura; 4) portanto, preocupavam-se com sua proteção e preservação; 5) a proliferação de cópias bem feitas começou logo; 6) houve uma transmissão normal desses escritos desde o início e ao longo dos séculos; 7) assim, a redação original nunca foi perdida. Além disso, acredito ter demonstrado que podemos saber e de fato sabemos qual é essa redação, com base em um procedimento empírico objetivo.

Toda glória a Deus; Ele preservou o Seu Texto!

APÊNDICE

Avaliando o ‘princípio básico’

Qualquer pessoa que estudar a crítica textual do NT encontrará a seguinte afirmação: O princípio básico da crítica textual é: escolha a leitura que melhor explica a ascensão das outras (ou algo semelhante). O leitor não iniciado provavelmente não perceberá que a afirmação depende de certas pressuposições (que podem ser falaciosas). A crítica textual só existe para textos cuja redação original é considerada “perdida”. Ninguém faz crítica textual no jornal de hoje ou na revista da semana passada. Ninguém sequer faz crítica textual da versão King James de 1611, uma vez que ainda temos cópias impressas dela. Qualquer pessoa familiarizada com o terreno sabe que durante os últimos 140 anos, aproximadamente, o mundo acadêmico tem sido dominado pela noção de que a redação original do texto do NT está de facto “perdida”.

Essa noção baseia-se diretamente na teoria de Hort. Essa teoria nega: 1) que os escritos do NT tenham sido divinamente inspirados; 2) que a Igreja primitiva os reconheceu como Escritura; 3) que receberam qualquer cuidado ou proteção especial. Como resultado, na altura em que a superstição e a credulidade dos cristãos elevaram os escritos do NT à condição de ‘Escritura’, o texto original estava irrevogavelmente “perdido”, no sentido de que ninguém sabia o que era. Portanto, segundo a teoria, é impossível recuperar a redação original utilizando critérios objetivos; e então eles apelam para critérios subjetivos. (Deveria ser óbvio para qualquer pessoa pensante que isso coloca o crítico acima do texto. Note, ainda, que não há forma de saber se o encontraram.)

A noção de que o texto original do texto do NT está “perdido” rejeita (ou pelo menos ignora) a evidência histórica que mostra que a transmissão dos escritos do NT foi basicamente normal, desde o início. Essa noção também rejeita a grande maioria (90-95%) dos manuscritos existentes do NT que representam a tradição bizantina.¹ Feito isso, o que resta para os críticos trabalharem? Eles ficam com um punhado de MSS relativamente antigos que são tão díspares que não podem ser agrupados. Eles não apenas discordam da maioria, mas também discordam entre si. Eles sobreviveram porque são tão ruins que ninguém queria usá-los. Não têm ‘pais’ nem ‘filhos’, o que significa que foram produções privadas e não cópias honestas; eles não fazem parte de uma linha de transmissão.

Então, o que fazem os críticos quando esses poucos MSS discordam entre si? Eles perguntam: Qual leitura explica melhor a criação das outras? Então, que critérios eles usam para chegar a essa conclusão? Eles fazem perguntas como estas:

- 1) Qual é o MS mais antigo?
- 2) Qual é o MS ‘melhor’?
- 3) Qual é a leitura mais curta?
- 4) Qual é a leitura ‘mais difícil’?
- 5) Qual leitura melhor se adapta ao estilo e propósito do autor?

A questão 1) baseia-se na analogia de um riacho, cuja água será mais pura na nascente; quanto maior a distância da fonte, mais contaminantes a água terá. Contudo, com referência aos MSS do NT a analogia é certamente falsa. É geralmente aceito que a maior parte dos danos sofridos pelo texto do NT aconteceu até o ano 200, a data atribuída aos nossos primeiros MSS de

¹ Tendo rejeitado a inspiração divina do NT, eles rejeitam, é claro, qualquer solicitude divina por esse texto. Aqueles que negam a própria existência de um Criador Soberano insistirão logicamente que um ser inexistente não pode fazer nada.

qualquer tamanho (P⁶⁶). Portanto, os nossos primeiros MSS poderiam estar cheios de “contaminantes”.

Pergunta 2): Eles geralmente declaram o Codex B (Vaticanus, 03) como o “melhor” MS conhecido. Qual é a base para sua afirmação? Hort, com base nas suas preferências subjetivas (incluindo a antiguidade), declarou que B era de longe o “melhor” MS, e os críticos subsequentes geralmente concordaram com esse ditado. Mas existe alguma base objetiva para a afirmação? Até onde eu sei, não há nenhuma; a evidência objetiva disponível diz o contrário. (Minha avaliação também se aplica a todos os outros MSS mais antigos.)

As perguntas 3) e 4) são totalmente naturalistas, excluindo quaisquer considerações teológicas ou sobrenaturais. Hort importou-as do procedimento da escola Alexandrina para chegar à redação original de Homero. Qualquer pessoa que tenha cotejado qualquer número de MSS do NT, como eu fiz, sabe que esses critérios são falsos. Com referência ao NT, o critério de leitura “mais difícil” é obviamente perverso.

A questão 5) é totalmente subjetiva, sujeita ao capricho, preconceito, orientação teórica, perversidade pessoal do crítico, ou o que quer que seja. Este critério é patentemente inaceitável. Por que deveria ser permitido a qualquer servo de Satanás determinar a redação do Texto, com base em sua preferência pessoal?

Qualquer pessoa que respeite as evidências objetivas deve rejeitar os cinco critérios discutidos acima. Qualquer pessoa que respeite a evidência objetiva deve compreender que a transmissão do Texto do NT foi basicamente normal, e que a massa de MSS existentes devem receber o respeito que merecem. Todos os MSS conhecidos merecem ser cotejados, permitindo-nos assim agrupá-los empiricamente. As famílias definidas empiricamente devem então ser comparadas e avaliadas. A ‘verdade’ falaz, “MSS devem ser pesados, não contados”, é uma fuga.

Subgrupos da f³⁵ nas Epístolas Gerais¹

Há quatorze divisões significativas na Família nos quatro livros maiores (não havendo nenhuma nos três livros mais curtos), como segue:

¹ Este estudo utiliza 77 dos 84 familiares conhecidos; os sete que faltam provavelmente fariam pouca ou nenhuma diferença nas nossas conclusões. Dos 77 MSS, todos os que não são alistados com a alternativa estão com a forma principal. Assim, em Tiago 2.14, os 36 MSS que têm a forma alternativa devem ser subtraídos de 77, o que deixa 41 para a forma principal.

- Tiago 2.13 ελεον 432^{alt}, 1766^c
ελεος 328, 394 {432, 604}¹ 634, 664, 928, 986, 1247, 1249,
1482, 1548, 1619^c, 1636, 1725, 1732^{alt}, 1749, 1752, 1766,
1897, 2080, 2221, 2289, 2587, 2704
- Tiago 2.14 εχει
εχη 141, 328, 386, 394, 604, 634, 664, 801, 928, 986, 1075,
1247, 1249, 1250, 1482, 1508, 1548, 1656, 1704, 1737, 1746,
1748, 1749, 1752, 1766, 1855, 1876, 1899, 2218, 2221, 2289,
2431, 2501, 2587, 2626, 2704
- 1 Pedro 1.23 αλλ
αλλα {149, 201} {432, 604} 757, 824, 1072, 1075, 1248, 1250,
1503, 1548, 1617, 1618, 1619, 1628, 1636, 1637, 1656, 1740,
1745, 1746, 1748, 1754, 1763, 1768, 1864, 1892, 2352, 2431,
2777
- 1 Pedro 2.11 απεχεσθαι 1072^{alt}
απεχεσθε {149, 201} 204, 604^c, 757^{alt}, 824, 1072, 1248, 1503^c,
1548, 1617, 1618, 1619^{alt}, 1628^{alt}, 1637^c, 1745^{alt}, 1746, 1748,
1864^{alt}, 1899, 2352, 2431, 2704, 2777
- 1 Pedro 2.24 απογενομενοι
απογεννωμενοι (328)² 394 {432 (604)} 664, 928, 986, 1247,
1249, 1482, 1508, 1548, 1752, 1763, 1766, 1768, 1855, 2289,
2587 (2704)
- 1 Pedro 3.6 εγεννηθητε 1766^v
εγεννηθητε 604, 664, 801, 1247, 1250, 1618, 1637, 1732,
1748, 1752, 1763, 1876, 1899, 2289, 2431, 2587, 2626, 2704,
2777
- 1 Pedro 4.2 του 2261^c
--- {149, 201} {432, 604} 757, 824, 1072, 1075, 1101, 1248,
1503, 1508^c, 1548, 1617, 1618, 1619, 1628, 1636, 1637, 1656,
1737, 1740, 1745, 1746, 1748, 1754, 1761, 1766, 1768, 1864,
1892, 1899, 2218, 2261, 2352, 2431, 2501, 2777
- 1 Pedro 4.11 ως 1748?
ης 141^c {149, 201} {432, 604} 757, 824, 1072, 1075, 1248,
1503, 1508, 1617, 1618, 1619, 1628, 1636, 1637, 1656, 1737,
1740, 1745, 1746, 1754, 1864, 1892, 2218, 2352, 2431, 2777
- 1 Pedro 5.7 μελει 824^c, 1726^c
μελλει 141 {432, 604} 801, 824, 986, 1247, 1248, 1249, 1250,
1508, 1617, 1726, 1748, 1752, 1763, 1768, 1876, 1892, 1899,
2261, 2352, 2431, 2501, 2626
- 1 Pedro 5.8 καταπιειν 394^c
καταπιη 328, 394, 604, 664, 928, 986, 1075, 1247, 1249,
1482^v, 1508, 1737, 1748, 1749, 1752, 1761, 1763, 1766, 1855,
1892^c, 1899, 2218, 2221^c, 2255^v, 2289, 2431, 2587^c, 2704

¹ MSS entre colchetes, { }, têm um exemplar comum e podem ser tratados como um único voto.

² Um MS dentro de () tem uma ligeira variação na forma dada.

- 2 Pedro 2.14 πλεονεξιας
πλεονεξιαν 394, 664, 801, 928, 1249, 1250, 1482, 1508, 1726,
1749, 1763, 1855, 1876, 2261, 2289, 2378, 2587, 2626, 2704v
- 2 Pedro 3.3 γινωσκοντες
γινωσκοντας 328, 394, 664, 928, 1247, 1249, 1482, 1508,
1749, 1752, 1855, 2255, 2289, 2587, 2704
- 1 João 1.6 περιπατουμεν 18, 35, 141, 204, 386, 801, 824, 1100, 1101,
1250, 1636, 1704, 1725, 1726, 1732, 1733, 1754, 1761, 1858,
1865, 1876, 1897, 2080, 2221, 2261 [2378] 2466, 2554, 2626,
27231
περιπατωμεν {149, 201} 328, 394 {432, 604} 634 (664) 757,
928, 986, 1072, 1075, 1247, 1248, 1249, 1482, 1503, 1508,
1548, 1617, 1618, 1619, 1628, 1637, 1656, 1737, 1740, 1745,
1748, 1749, 1752, 1763, 1766, 1768, 1855, 1864, 1892, 2218,
2255, 2289, 2352, 2431, 2501, 2587, 2704, 2777
- 1 João 4.20 μισει
μιση 328, 386, 394, 604, 634, 928, 1247, 1249, 1482, 1508,
1548, 1704, 1749, 1752, 1763, 1766, 1855, 2255, 2289, 2587,
2704

Eles se dividem em dois subgrupos significativos da seguinte forma:

Grupo 1

Tg2.13	Tg2.14	1P2.24	1P3.6	1P5.8	2P2.14	2P3.3	1J4.20	local	data
2289	2289	2289	2289	2289	2289	2289	2289	Vatopediu	XII
2704	2704	2704	2704	2704	2704	2704	2704	Meteora	XV
394	394	394	---	394	394	394	394	Vallicelliana	1330
664	664	664	664	664	664	664	---	Zittau	XV
928	928	928	---	928	928	928	928	Dionysiu	1304
1247	1247	1247	1247	1247	1247	1247	1247	Sinai	XV
1249	1249	1249	---	1249	1249	1249	1249	Sinai	1324
1482	1482	1482	---	1482	1482	1482	1482	M Lavras	1304
1752	1752	1752	1752	1752	---	1752	1752	Panteleimonos	XII
2587	2587	2587	2587	---	2587	2587	2587	Vaticano	XI
328	328	(328)	---	328	---	328	328	Leiden	XIII
604	604	604	604	604	---	---	604	Paris	XIV
---	1508	1508	---	1508	1508	1508	1508	M Lavras	XV
1749	1749	---	---	1749	1749	1749	1749	M Lavras	XVI
---	1855	1855	---	1855	1855	1855	1855	Iviron	XIII
---	---	1763	1763	1763	1763	---	1763	Atenas	XV
1766	1766	1766	---	1766	---	---	1766	Sofia	1344

Considero que esses dezessete MSS representam um subgrupo significativo que está distribuído pelos quatro livros maiores. Observe que a distribuição geográfica é limitada; Constantinopla, Jerusalém, Patmos, Trikala e sete dos dez (que verifiquei) mosteiros do Monte Atos estão faltando (dos vinte MSS em M Lavras, apenas três estão aqui). A probabilidade de este grupo representar o arquétipo é insignificante. Agora adiciono os ‘retardatários’, para completar o quadro de cada variante.

¹ Aqui alisto os MSS para ambas as formas, já que segui uma minoria. Veja a discussão abaixo.

986	986	986	---	986	---	---	---	Esphigmenu	XIV
1548	1548	1548	---	---	---	---	1548	Vatopediu	1359
634	634	---	---	---	---	---	634	Vaticano	1394
---	801	---	801	---	801	---	---	Atenas	XV
---	1250	---	1250	---	1250	---	---	Sinai	XV
---	1748	---	1748	1748	---	---	---	M Lavras	1662
---	1876	---	1876	---	1876	---	---	Sinai	XV
---	1899	---	1899	1899	---	---	---	Patmos	XIV
---	---	---	---	2255	---	2255	2255	Iviron	XVI
---	2431	---	2431	2431	---	---	---	Kavsokalyvia	1332
---	2626	---	2626	---	2626	---	---	Ochrida	XIV

801, 1250, 1876 e 2626 podem muito bem ter compartilhado uma influência comum.

---	386	---	---	---	---	---	386	Vaticano	XIV
432	---	432	---	---	---	---	---	Vaticano	XV
---	1075	---	---	1075	---	---	---	M Lavras	XIV
---	1704	---	---	---	---	---	1704	Kutulumusu	1541
---	1737	---	---	1737	---	---	---	M Lavras	XII
---	2218	---	---	2218	---	---	---	Lesbos	XVI
2221	2221	---	---	---	---	---	---	Sparta	1432

A estes devem ser acrescentados os seguintes ‘solitários’: para Tiago 2.13 adicione 1636, 1725, 1897, 2080; para Tiago 2.14 adicione 141, 1656, 1746, 2501; para 1 Pedro 2.24 adicione 1768; para 1 Pedro 3.6 adicione 1618, 1637, 1732, 2777; para 1 Pedro 5.8 adicione 1761; para 2 Pedro 2.14 adicione 1726, 2261, 2378; para 2 Pedro 3.3 e 1 João 4.20 não há nenhum.

Comentário: *εχη* em Tiago 2.14 é atestado por 36 MSS, mais de 40% da Família. Além da ditografia ser uma possibilidade fácil, a pressão de *μη* pode ter feito com que alguns copistas colocassem o Subjuntivo, talvez sem pensar — a mudança inversa seria presumivelmente deliberada. No contexto o Indicativo está correto: Tiago está afirmando um fato, a pessoa não tem obras.

Grupo 2

1P1.23	1P2.11	[1P3.6]	1P4.2	1P4.11	1P5.7	local	data
824	824	---	824	824	824	Grottaferrata	XIV
1248	1248	---	1248	1248	1248	Sinai	XIV
1617	1617	---	1617	1617	1617	M Lavras	XV
2352	2352	---	2352	2352	2352	Meteora	XV
2431	2431	2431	2431	2431	2431	Kavsokalyvia	1332
149-201	149-201	---	149-201	149-201	---	Vaticano/Londres	XV/1357
432-604	---	604	432-604	432-604	432-604	Vaticano/Paris	XV/XIV
1072	1072	---	1072	1072	---	M Lavras	XIII
1618	1618	1618	1618	1618	---	M Lavras	XIV
1746	1746	---	1746	1746	---	M Lavras	XIV
1748	1748	1748	1748	---	1748	M Lavras	1662
1892	---	---	1892	1892	1892	Jerusalém	XIV
2777	2777	2777	2777	2777	---	Karditsa	XIV

Considero que esses treze MSS representam um subgrupo significativo, precedido por outros doze, abaixo, que deixaram a ‘árvore’ num nó mais acima.

757	---	---	757	757	---	Atenas	XIII
1075	---	---	1075	1075	---	M Lavras	XIV
1503	---	---	1503	1503	---	M Lavras	1317
1548	1548	---	1548	---	---	Vatopediu	1359
1619	---	---	1619	1619	---	M Lavras	XIV
1628	---	---	1628	1628	---	M Lavras	1400
1636	---	---	1636	1636	---	M Lavras	XV
1637	---	1637	1637	1637	---	M Lavras	1328
1656	---	---	1656	1656	---	M Lavras	XV
1740	---	---	1740	1740	---	M Lavras	XII
1745	---	---	1745	1745	---	M Lavras	XV
1754	---	---	1754	1754	---	Panteleimonos	XII
1768	---	---	1768	---	1768	Iviron	1519
1864	---	---	1864	1864	---	Stavronikita	XIII
---	1899	1899	1899	---	1899	Patmos	XIV

Agora adiciono os ‘dispersos’, para completar o quadro de cada variante. O leitor atento terá notado que 1 Pedro 3:6 está em [] acima; Fiz isso porque esta variante já está no grupo 1. Esta variante em particular tem uma estranha ‘mistura’ de ambos os grupos - devido à natureza da variante, suspeito que a lista seja fortuita e, portanto, esta variante não pertence realmente a nenhum dos grupos.

1250	---	1250	---	---	1250	Sinai	XV
---	---	---	---	1508	1508	M Lavras	XV
---	---	---	1737	1737	---	M Lavras	XII
1763	---	1763	---	---	1763	Atenas	XV
---	---	---	2218	2218	---	Lesbos	XVI
---	---	---	2261	---	2261	Kalavryta	XIV
---	---	---	2501	---	2501	Sinai	XVI

A estes devem ser acrescentados os seguintes ‘solitários’: para 1 Pedro 2.1 adicione 204, 2704; para 1 Pedro 4.2 adicione 1101, 1761, 1766; para 1 Pedro 5.7 adicione 141, 801, 986, 1247, 1249, 1726, 1752, 1876, 2626 (este quadro provavelmente se deve à natureza da variante e não reflete uma dependência); para 1 Pedro 1.23 e 4.11 não há nenhum.

Comentário: a característica marcante deste segundo grupo é que ele está limitado a um livro. Outra ‘marca’ é o domínio do M Lavras – quase metade do total (mas há alguns MSS do M Lavras que não estão em nenhum dos dois grupos). A probabilidade de este segundo grupo representar o arquétipo também é insignificante.

Tal como acontece com $\epsilon\eta\eta$ em Tiago 2.14, a omissão de $\tau\omicron\upsilon$ em 1 Pedro 4.2 é atestada por 36 MSS, mais de 40% da família. Visto que há poucas dúvidas de que o arquétipo tem o artigo, como explicar a alta atestação da

omissão? Suponho que tenha sido pressão da massa bizantina, quase 80% aqui. No contexto seria de esperar o artigo, que considero correto.

Chegamos agora ao único ‘problema’ real para determinar a forma arquetípica da família nas Epístolas Gerais – 1 João 1.6 (no início mencionei quatorze divisões, das quais tratei apenas de treze). Este é o único lugar nas Epístolas Gerais onde a forma arquetípica é preservada numa minoria dos representantes conhecidos, pelo menos a meu ver. O grande ponto em questão poderia ser um caso de ditografia. O verbo ‘dizer’ é propriamente subjuntivo, sendo controlado por *εαν*, mas os verbos ‘ter’ e ‘andar’ fazem parte de uma declaração e são propriamente indicativos – somente se estivermos de fato andando nas trevas é que nos tornamos mentirosos por afirmarmos que estamos em comunhão. Então *περιπατοουμεν* está correto. Mas voltando ao MSS, observamos uma circunstância curiosa: a lista que lê o Subjuntivo é composta justamente pelos dois subgrupos, sendo 2255 o único estranho (uma provável ditografia); todos os outros MSS que não participam em nenhum dos subgrupos leem o Indicativo e têm uma distribuição geográfica muito boa. Considerar:

18	Constantinopla	1364	35	Paris	XI
141	Vaticano	XIII	204	Bologna	XIII
386	Vaticano	XIV	801	Atenas	XV
824	Grottaferrata	XIV	1100	Dionysiu	1376
1101	Dionysiu	1660	1250	Sinai	XV
1636	M Lavras	XV	1704	Kutlumusiu	1541
1725	Vatopediu	1367	1726	Vatopediu	XIV
1732	M Lavras	1384	1733	M Lavras	XIV
1754	Panteleimonos	XII	1761	Atenas	XIV
1858	Konstamonitu	XIII	1865	Philotheu	XIII
1876	Sinai	XV	1897	Jerusalém	XII
2080	Patmos	XIV	2221	Sparta	1432
2261	Kalavryta	XIV	[2378]	Atenas	1511 ¹
2466	Patmos	1329	2554	Bucareste	1434
2626	Ochrida	XIV	2723	Trikala	XI

Um gráfico ajudará a visualizar a distribuição das duas variantes, usando ‘Mt. Atos’ e ‘em outro lugar’:

	<u>Indicativo</u>	<u>Subjuntivo</u>	<u>ambos</u>
1) Mt. Atos:	Konstamonitu Kutlumusiu Philotheu	Esphigmenu Iviron Kavsokalyvia Stavronikita	Dionysiu M Lavras Panteleimonos Vatopediu
2) outro lugar:	Bologna	Karditsa	Atenas

¹ 2378 está faltando a primeira folha de 1 João e, portanto, o versículo em questão, mas como evita ambos os subgrupos completamente, é quase certo que leu o Indicativo aqui.

Bucareste	Leiden	Jerusalém
Constantinopla	Lesbos	Paris
Grottaferrata	Londres	Sinai
Kalavryta	Meteora	Vaticano
Ochrida	Sofia	
Patmos	Vallicelliana (Roma)	
Sparta	Zittau	
Trikala		

Sinai, Jerusalém, Monte Atos e Vaticano estão em ambos os lados, mas o Indicativo tem melhor distribuição em outros lugares, significativamente melhor.

Voltando à lista de quatorze divisões no início, observar-se-á que quase todas envolvem uma única letra, ou ditongo com som semelhante. A maioria delas representa quase nenhuma diferença de significado. Simplesmente não há variação significativa em nenhum lugar da Família 35 ao longo das sete Epístolas Gerais. Deus preservou o Seu Texto.

Número de Variantes dos MSS Contendo Judas (conforme Wasserman)¹

Orientação: este estudo não reivindica acurácia precisa. Simplesmente segui Wasserman, sem verificar nenhum MS, exceto conforme observado no comentário 4 abaixo. Não contei nenhuma variante atestada por mais de 5% dos MSS, mesmo quando tanto Wasserman quanto eu a rejeitamos;² se eu tivesse feito isso, o número de variantes de muitos MSS aumentaria. Wasserman não registrou cerca de seis tipos de ditografia, que eu certamente incluiria – o número de variantes para MSS como 01 e 03 aumentaria acentuadamente. Portanto, o que se segue deve ser tomado apenas como uma aproximação grosseira, mas é válido e adequado para o meu presente propósito: **dar uma demonstração estatística da mentalidade dos copistas.**

É bastante óbvio que alguns copistas não levaram a sério a sua tarefa (além da alteração deliberada), enquanto outros a levaram muito a sério. Judas é um livro curto, com apenas 25 versos. Observe que P⁷², nosso MS mais antigo conhecido, é de longe o pior, com duas variantes por verso! Os primeiros 19 MSS alistados abaixo são realmente muito pobres; os copistas

¹ Tommy Wasserman, *The Epistle of Jude: Its Text and Transmission*, Stockholm: Almqvist & Wiksell International, 2006.

² Como resultado, há muita pouca diferença entre o Texto eclético e o meu. Embora eu tenha usado o meu, o objetivo do exercício não é comprometido por essa escolha

claramente não tinham respeito pelo que copiavam. Os copistas dos 95 MSS seguintes não levavam o seu trabalho a sério. A qualidade do seu trabalho contrasta fortemente com a da grande maioria dos copistas da Família 35; eles evidentemente entenderam que estavam copiando um Texto Sagrado (os MSS **f**³⁵ estão sublinhados).

# of variantes	MSS
51	P ⁷² o nosso MS conhecido mais antigo é de longe o pior!
34	1241
32	378, 631, 1838
30	1646
29	1847
28	1751
25	044
24	01, 90
23	1243, 1881
21	1066, 2147
20	6, 61, 915, 1505 19 MSS até aqui
19	38, 629, 1852, 1875, 1886
18	621, 1729, 2675
17	88, 322, 323, 1311, 1735, 2495
16	522, 1611
15	43, 459, 460, 616, 618, 918, 1739, 1834, 1844, 2242, 2298, 2344, 2412, 2674
14	03, 93, 104, 181, 321, 633, 680, 1292, 1845, 2652
13	04, 0142, 442, 630, 1104, 1523, 2200, 2818
12	02, 33, 180, 431, 1240, 1405, 1837, 1877, 2138, 2186
11	94, 131, 177, 307, 337, 496, 506, 636, 665, 876, 1501, 1661, 1827, 1828, 1869, 2544, 2691, 2805
10	056, 326, 489, 625, 1067, 1315, 1409, 1595, 1610, 1642, 1719, 1832, 1836, 1842, 1874, 1893, 2404, 2494, 2696 + 95 MSS até aqui (114 total)
9	218, 254, 263, 309, 458, 467, 1107, 1270, 1319, 1367, 1424, 1524, 1598, 1678, 1765, 1840, 2197, 2473, 2816
8	102, 436, 453, 582, 608, 615, 927, 996, <u>1247</u> , 1297, 1390, 1425, 1448, 1509, 1649, 1702, 1724, 1762, 1839, 1890, 2194, 2400, 2502, 2516, 2718
7	3, 203, 312, 421, 469, 628, 639, 914, 941, 999, 1003, 1175, 1245, 1573, 1718, 1741, 1744, 1753, 1780, 1799, 1829, 1872, 1882, 2127, 2243, 2318, 2401, 2513, 2865
6	P ⁷⁸ , 5, 42, 62, 234, 383, 393, 607, 623, 632, 641, 917, 921, 922, 1563, 1736, 1830, 1850, 1853, 1857, 1868, 1896, 2086, 2125, 2180, 2279, 2492, 2508, 2625, 2705
5	018, 0316, 51, 81, 103, 206, 327, 384, 385, 390, 452, 454, 606, 637, 945, 1070, 1099, 1127, 1359, 1360, 1594, 1626, 1727, 1731, 1831, 1843, 1873, 1880, 1888, 1891, 1902, 2085, 2288, <u>2501</u> , 2527, 2716 + 139 MSS até aqui (253 total)
4	049, 1, 76, 205, 223, 241, 252, 296, 363, 424, 429, 466, 592, 620, 642, 656, 901, 912, 913, 1069, 1103, 1106, 1149, 1162, 1244, <u>1248</u> , 1352, 1495, 1521, 1717, 1734, 1757, 1760, <u>1767</u> , 1847, 1851, 1860, 1861, 1863, 1889, 1894, 1895, 2131, 2378, 2423, 2558, 2712, 2736, 2746, 2774

# of variantes	MSS
3	020, 57, 82, 110, 205 ^{abs} , 221, 250, 314, 330, 400, <u>432</u> , 451, 456, 462, 465, 491, 613, 614, 617, 619, <u>634</u> , 635, <u>664</u> , 796, <u>801</u> , 832, 1022, <u>1250</u> , <u>1251</u> , 1277, 1384, 1398, 1599, 1622, 1673, <u>1721</u> , 1742, 1747, 1769, 1841, 1849, 1856, 1859, 1862, 1867, <u>1876</u> , 2191, 2201, <u>2218</u> , 2374, 2475, 2484, 2627, <u>2704</u> , <u>2776</u>
2	<u>35</u> , 97, 105, 142, <u>149</u> , <u>328</u> , 367, 398, 404, 425, 450, 468, 610, 622, 676, 720, 808, 910, 920, <u>986</u> , 1105, 1115, 1242, <u>1354</u> , 1490, 1609, <u>1617</u> , 1720, 1730, <u>1732</u> , 1743, 1750, <u>1754</u> , 1871, 1885, <u>1892</u> , 1903, 2143, 2289, <u>2466</u> , 2483, <u>2626</u> , <u>2653</u> , 2815
1	025, 69, 101, 133, 172, 175, 189, <u>201</u> , 209, 242, 256, 440, <u>444</u> , 479, 483, 517, 547, 601, 602, 605, 638, 699, 712, 997, <u>1058</u> , 1102, 1161, <u>1249</u> , 1404, <u>1548</u> , 1597, <u>1628</u> , 1643, 1722, <u>1725</u> , <u>1726</u> , 1728, <u>1733</u> , <u>1746</u> , <u>1748</u> , <u>1749</u> , <u>1766</u> , <u>1768</u> , 1795, 1854, 1870, <u>1897</u> , <u>2255</u> , <u>2431</u> , <u>2587</u> , <u>2777</u>
0	P ⁷⁴ , <u>18</u> , <u>141</u> , <u>204</u> , 216, 226, 302, 308, 319, 325, <u>386</u> , <u>394</u> , 457, 603, <u>604</u> , 627, <u>757</u> , <u>824</u> , <u>928</u> , 935, 959, <u>1040</u> , <u>1072</u> , <u>1075</u> , 1094, <u>1100</u> , <u>1101</u> , <u>1400</u> , <u>1482</u> , <u>1503</u> , <u>1508</u> , <u>1618</u> , <u>1619</u> , <u>1636</u> , <u>1637</u> , <u>1652</u> , <u>1656</u> , 1668, <u>1704</u> , <u>1723</u> , <u>1737</u> , <u>1740</u> , <u>1745</u> , <u>1752</u> , <u>1761</u> , <u>1763</u> , 1835, <u>1855</u> , <u>1858</u> , <u>1864</u> , <u>1865</u> , <u>1899</u> , <u>2080</u> , <u>2221</u> , <u>2261</u> , <u>2352</u> , 2356, 2511, 2541, <u>2554</u> , <u>2723</u>

Comentários:

1. O total geral de MSS alistados acima é 514; devido a lacunas, em qualquer ponto o número será em torno de 500. Wasserman também incluiu Lecionários, mas eu não.
2. P⁷⁴, 319, 325, 603, 2356 e 2511 são evidentemente fragmentados ou com pouco texto legível, razão pela qual recebem nota zero.
3. 216, 226, 302, 308, 457, 935, 959, 1094, 1668, 1835 e 2541 normalmente não são **f³⁵**, mas mantiveram seu texto para este pequeno livro (isso se Wasserman e eu registramos os fatos corretamente).
4. Onde eu mesmo já fiz um cotejo completo de um MS **f³⁵** para Judas, usei meus próprios dados, quando discordo de Wasserman – mudei a classificação de vinte e três MSS **f³⁵** (um quarto do total).
5. Dos 88 MSS que sublinhei como pertencentes à **f³⁵**, quase metade são perfeitos. 1247 é um tanto descuidado, mas pertence à família.
6. Qualquer pessoa que tenha cotejado qualquer número de MSS terá observado que por volta da 3^a ou 4^a página o copista começa a ficar cansado ou entediado e, em consequência, o número de erros aumenta visivelmente. Se este fosse um livro mais longo, a “classificação” da maioria dos MSS subiria. Os principais representantes da **f³⁵** permaneceriam praticamente na mesma.

7. Para um livro tão curto, considero cinco variantes inaceitáveis, de modo que praticamente metade dos MSS fica abaixo da minha linha de respeitabilidade.

Abaixo a falsificação!

De vez em quando recebo uma pergunta que começa me irritando, mas depois que me acalmo percebo que Deus está me cutucando para esclarecer um ponto que precisa. Isto aconteceu há pouco com a ‘joia’ atribuída a Jerônimo de que em sua época “a maioria” ou “quase todos” os manuscritos gregos não continham os últimos doze versículos de Marcos. Visto que dos cerca de 1700 MSS gregos que conhecemos e que contêm o último capítulo de Marcos, apenas três não os têm (um deles sendo uma falsificação neste lugar), como poderia uma grande maioria no século V ser reduzida a uma fração de um por cento mais tarde? Em termos da ciência da probabilidade estatística, tal inversão é simplesmente impossível. Só uma campanha mundial que fosse virtualmente 100% bem-sucedida poderia provocar tal mudança, e não há a menor evidência de tal campanha. Lembre-se de que a campanha de Diocleciano para destruir os MSS do NT (aplicados de forma desigual em diferentes áreas) já era história passada fazia um século (para não mencionar a “conversão” de Constantino e as suas consequências).

Kenneth Scott Latourette (*A History of Christianity* [Nova York: Harper, 1953], p. 231) descreve Eusébio Hieronimus Sophronius (vulgo Jerônimo) como “um estudioso talentoso e diligente, enormemente erudito, um mestre de línguas, um amante de livros, empunhando uma caneta fácil, vigorosa e muitas vezes mordaz” que “foi um defensor eloquente da vida monástica”. Ele sem dúvida tinha seus defeitos [como todos nós], mas não era ridiculamente estúpido, como teria que ser para fazer a afirmação que lhe foi atribuída. Nosso conhecimento da ‘joia’ vem do século X [o intervalo de cinco séculos não inspira confiança]; é quase certamente uma falsificação (alguém ‘pegando emprestado’ um nome famoso para dar credibilidade a alguma declaração). Visto que as “vacas sagradas” não gostam de morrer, é necessária uma revisão de alguma história relevante.

K. Aland sobre o Egito

Mesmo aquele grande defensor de um texto egípcio, Kurt Aland, reconheceu que durante os primeiros séculos, incluindo o IV, a Ásia Menor (especialmente a área do Egeu) era “o coração da Igreja”. (Tornou-se também o coração do Império Bizantino e das Igrejas Ortodoxas.) A procura de cópias do NT teria uma influência direta na oferta, bem como

nas áreas onde as cópias seriam concentradas. Mas sobre o assunto do Egito, Aland disse o seguinte:

Nosso conhecimento da igreja no Egito começa no final do século II com o bispo Demétrio, que reorganizou a igreja egípcia predominantemente gnóstica, fundando novas comunidades, consagrando bispos e, acima de tudo, estabelecendo relações com as outras províncias da irmandade da igreja. Toda igreja precisava de manuscritos do Novo Testamento – como Demétrio poderia fornecê-los? Mesmo que houvesse um scriptorium em sua própria sé, ele teria que procurar exemplares “ortodoxos” para os escribas. As cópias existentes nas comunidades gnósticas não puderam ser utilizadas, por estarem sob suspeita de corrupção. Não há como saber onde o bispo procurou exemplares para os escribas, ou o grande número de manuscritos em papiro que ele poderia dar diretamente às suas comunidades. (“The Text of the Church?” Kurt Aland, *Trinity Journal*, Vol. 8, Nº 2, Outono de 1987, p. 138 [na verdade enviado na Primavera de 1989].)

Mas só um minuto, por favor. No ano 200 do nosso Senhor, quem no Egito ainda falava grego? (Aliás, quem dentre as pessoas comuns falou grego lá em qualquer momento?) A quais comunidades de língua grega o digno Demétrio poderia estar servindo? Seria provável que os estudiosos ligados à biblioteca de Alexandria se curvassem diante de Demétrio? Até onde sabemos, nenhum apóstolo jamais ministrou no Egito, e nenhum autógrafo de um livro do Novo Testamento foi mantido lá. O domínio gnóstico provavelmente não deveria nos surpreender. Mas a situação em Alexandria é relevante para a questão em pauta por causa de Clemente, e especialmente de Orígenes, que foi mentor de Pânfilo, que foi mentor de Eusébio de Cesaréia.

Eusébio (Cesaréia)

Suspeita-se que o falsificador que “emprestou” Jerônimo na verdade começou por “pegar emprestado” Eusébio (Cesaréia). Ele faz Eusébio responder a um certo ‘Marino’ com: “Alguém poderia dizer que a passagem não está contida em todas as cópias do Evangelho de Marcos...” O ‘nem todos’ tornou-se ‘alguns’ ou mesmo ‘muitos’, aqui e ali. Se Eusébio realmente escreveu tal coisa, da qual não temos certeza [o intervalo de seis séculos também não inspira confiança aqui], como estava ele qualificado para fazê-lo? Após a destruição romana em 70 DC, a Palestina tornou-se

um remanso no fluxo do rio cristão. A transmissão do verdadeiro Texto do NT não deve nada a Cesaréia. Por volta do século 4, haveria milhares, literalmente, de MSS do NT em uso em todo o mundo, dos quais Eusébio (falecido em 339, n. cerca de 265) provavelmente não teria visto mais do que uma dúzia (a maioria de Alexandria, não da Ásia). Menor). Se o Códice B fosse produzido em Alexandria a tempo de Eusébio o ver, isso de facto permitir-lhe-ia dizer “não todas” as cópias; mas por que faria ele isso? E por que deveríamos prestar atenção nele se ele o fez? Mais uma vez, quem na Palestina ainda falava grego no século IV? Que uso Eusébio teria para os manuscritos gregos? Um outro ponto: se Eusébio tivesse escrito tal coisa, teria sido depois da campanha de Diocleciano, presumivelmente, mas ainda estaria fresco na sua memória e ele deveria tê-lo mencionado. Encorajado pelo sucesso, como suponho, o falsificador decidiu “aumentar a aposta”, atribuindo a mesma conversa a Jerónimo, respondendo a uma certa “Hebidia”, só que agora é “a maior parte” ou “quase toda”.

Jerônimo (Belém)

Jerônimo nasceu por volta de 342 e morreu em 420 (mais ou menos). Durante 382-384 foi secretário do Papa Dâmaso, em Roma, e começou a trabalhar na Vulgata Latina. Pouco depois da morte de Dâmaso (384), mudou-se para Belém, seguido alguns meses depois pela rica Paula, que o ajudou a construir um mosteiro, e assim por diante. Jerônimo passou os últimos 30 anos de sua vida em Belém, ainda mais insignificante do que Cesaréia, e um século depois de Eusébio. Todas as observações negativas feitas sobre Cesaréia aplicam-se aqui com força adicional. Além disso, quem na comitiva do Papa em Roma falava grego em 380 d.C.? De Roma, Jerônimo mudou-se para Belém. Quantos MSS gregos reais do NT teria Jerônimo visto? Certamente menos de 1% do total em uso (naquela altura haveria poucos MSS gregos em Itália e na Palestina – quem os utilizaria?). Nas listas dos “pais” da Igreja primitiva, Jerônimo é geralmente listado entre aqueles que escreveram em latim, não em grego. A afirmação que lhe é atribuída é manifestamente falsa, cientificamente impossível; e ele seria ridiculamente desqualificado para fazê-lo. Não sendo estúpido ou desonesto, ele não o fez!

Adenda

Depois que distribuí o texto acima como minha 'remessa 75', meu amigo canadense, Charles Holm, chamou minha atenção para a pesquisa histórica feita por Timothy David Barnes que é relevante para a credibilidade de Jerônimo (*Tertullian: A Historical and Literary Study*, Oxford: Clarendon Imprensa, 1971). Num apêndice que trata especificamente de Jerônimo, há

uma seção chamada “Jerônimo e Eusébio”, onde Barnes oferece as seguintes observações (páginas 236-238).

Primeiro, Jerônimo nunca questiona a confiabilidade de Eusébio. Assim, ele aceita a interpretação de Eusébio sobre o que um escritor diz, sem perguntar se está correta.

.....

Em segundo lugar, Jerônimo supera em muito Eusébio em credulidade. O que foi apresentado em Eusébio como suposição ou mero boato é para Jerônimo um fato estabelecido e indubitável.

.....

Em terceiro lugar, Jerônimo traduz e entende mal.

.....

Em quarto lugar, Jerônimo esconde desonestamente tanto a sua ignorância como a sua dívida para com Eusébio.

Ora, ora, ora, parece que se deve ler Jerônimo com bastante desconfiança. Talvez minha frase final acima devesse ter sido: Não sendo estúpido, ele não o fez! No entanto, continuo a insistir que Jerônimo não poderia ter sido tão estúpido e/ou desonesto a ponto de fazer a declaração ridícula que lhe foi atribuída. Abaixo a **falsificação!**¹

Definindo ‘Preservação’

Entendemos que os autores humanos das Escrituras escreveram sob inspiração, o que significa que o Espírito Santo supervisionou o processo com o resultado de que eles escreveram exatamente o que Ele queria que escrevessem (respeitando as normas que regem o uso da linguagem). Os autores foram inspirados, protegidos de erros, mas não os copistas ao longo dos anos. Não há nada como cotejar uma série de MSS para receber uma apreciação da preservação divina do Texto, um processo mais complicado do que a inspiração. (Satanás não foi permitido a interferir na inspiração, mas sim na preservação.)

O objetivo desta nota é ‘mastigar’ um pouco a questão de como avaliar a representação de uma cópia da sua forma arquetípica e, portanto, a sua

¹ Para documentação detalhada e uma discussão exaustiva de outros aspectos desta questão, veja Burgon, *The Last Twelve Verses according to S. Mark*, pp. 19-31, 38-69, 265-90.

preservação. Considero que os seguintes itens não devem ser considerados como ‘variantes’ ou desvios do arquétipo:

1. Se um número é escrito por extenso ou indicado com as letras;
2. Se uma letra (*alfa*) é escrita por extenso ou indicado com a letra;
3. Abreviaturas ou formas ‘taquigráficas’ (estas são especialmente frequentes no final de uma linha), onde a identidade da palavra e o seu significado não são tocados; as chamadas ‘nomina sacra’ são provavelmente os exemplos mais conhecidos.

Tanto o pergaminho quanto a tinta eram preparados à mão e eram difíceis de encontrar, de modo que qualquer meio legítimo de economizar esses materiais seria considerado inteiramente apropriado. Essa atitude se reflete nos três primeiros itens.

4. Os copistas muitas vezes davam expressão a uma tendência artística com a linha superior de uma página e o final das linhas, usando floreios, arabescos, formas exageradas, linhas saindo da página e assim por diante – estes deveriam ser ignorados.
5. Ortografias alternativas da mesma palavra, onde a identidade da palavra e seu significado não são tocados. Este é um pouco mais incômodo que os outros, mas acho que deveria ser incluído na lista. Contudo, tais diferenças podem ser úteis na identificação de subgrupos. Incluo aqui grafias alternativas de uma palavra estrangeira transliterada, como em Marcos 5.41 (ainda mais, como neste caso, quando é traduzida).
6. Onde a ordem das palavras é alterada, mas essa mudança não afeta o significado de forma alguma (aparentemente), são duas maneiras de dizer a mesma coisa. Estas não são variantes ‘adequadas’, embora possam ser úteis na identificação de subgrupos. Algumas mudanças na ordem das palavras afetam, sim, as nuances, e portanto cada caso precisa ser avaliado individualmente. Por exemplo: em Lucas 10.41, é ο Ιησους ειπεν αυτη, ou é ~ 3412? Ambos significam simplesmente “Jesus disse a ela”.

Estou mudando a maneira como descrevo o desempenho dos MSS com referência ao seu arquétipo. Um MS que reproduz a forma arquetípica sem quaisquer variantes é uma cópia que representa o arquétipo perfeitamente. Um MS que apenas tem maneiras diferentes de dizer a mesma coisa é uma cópia que representa o arquétipo completamente. Nesta segunda categoria incluo MSS que apenas têm formas alternativas e/ou correções para a forma

arquetípica – a verdadeira leitura é preservada em todos os casos. Também incluo aqui a repetição de uma letra ou sílaba indo de uma linha para a seguinte (não sendo uma variante ‘adequada’ em qualquer caso).

É claro que, ao imprimir um texto, uma escolha tem que ser feita entre formas concorrentes [estou preparado para explicar a minha em todos os casos], mas como o significado não é tocado, tais escolhas serão principalmente uma preocupação para alguém que deseje aplicar um código numérico ao texto. **As mudanças do tipo alistadas acima não podem ser legitimamente usadas para argumentar contra a doutrina da inerrância.**

Manuscritos f³⁵ já Cotejados¹

Quando digo que um MS tinha um exemplar perfeito (uma cópia perfeita do arquétipo da família), não atribuí ao seu exemplar o que parecem ser os erros privados de uma cópia – o que inclui correções para o arquétipo. É claro que meu julgamento é necessariamente presumido, já que não tenho como saber o que realmente aconteceu; mas provavelmente não estou longe do fato. Quando digo que uma cópia é perfeita, refiro-me à primeira mão. Usei os números GA, exceto o Iviron 2110, que não possui número GA. Quem conhece o meu trabalho sabe que a forma arquetípica da família foi determinada empiricamente, sendo o consenso dos MSS cotejados.

Mateus – eu já cotejei 57 MSS f³⁵; 1046 e 2554 são perfeitos como estão; 1072, 1117, 1461, 1496, 1652, 1713 e Iviron 2110 tiveram um exemplar perfeito (presumido).

Marcos – eu já cotejei 61 MSS f³⁵; nenhum é perfeito; GA 35 e 867 são completos; 586 e 2382 tiveram um exemplar perfeito.²

Lucas – eu já cotejei 55 MSS f³⁵; nenhum é perfeito; 2382 é praticamente completo;³ 789 e 897 tiveram um exemplar perfeito.

¹ Esta era a situação em junho de 2023.

² GA 586; em 10.35 os filhos de Zebedeu fazem um pedido: “Mestre, queremos que faça por nós tudo o que nós (ημιν) pedirmos”. Em vez disso, 586 tem: “Mestre, queremos que faça por nós tudo o que vocês (υμιν) pedirem” – absurdo manifesto. As duas letras recebiam a mesma pronúncia, então quem ouvisse o texto lido entenderia a primeira pessoa sem questionar. Até mesmo alguém que lesse o texto perceberia o erro óbvio e corrigiria o texto em sua mente. Como 586 tem apenas esta variante para o livro inteiro, uma letra, é virtualmente perfeito.

³ Em 2.40, em vez de ερ αυτω, ele tem ερ αυτο (há uma divisão na família neste lugar). A preposição επι trabalha tanto com o caso dativo quanto com o acusativo, e a tradução

João – eu já cotejei 62 MSS **f³⁵**; nenhum é perfeito; 2382 é completo; 361, 955 e 1072 tiveram um exemplar perfeito.

Atos – eu já cotejei 48 MSS **f³⁵**, e o Dr. Eduardo Flores cotejou mais 14, totalizando 62; nenhum é perfeito; 35 é quase completo;¹ não há exemplares perfeitos.

Romanos – eu já cotejei 39 MSS **f³⁵**; 1482, 2554 e 2723 são perfeitos; 35 é completo; 1249, 1855, 1865 e 2466 tiveram um exemplar perfeito.

1 Coríntios – eu já cotejei 34 MSS **f³⁵**; 2554 é perfeito; não há exemplares perfeitos.

2 Coríntios – eu já cotejei 36 MSS **f³⁵**; 2554 é perfeito; 35 é completo; 1865 teve um exemplar perfeito.

Gálatas – eu já cotejei 37 MSS **f³⁵**; 204, 1100, 1637, 1865, 2554 e 2587 são perfeitos; 35 é completo; 386, 444, 1075 e 2723 tiveram um exemplar perfeito.

Efésios – eu já cotejei 37 MSS **f³⁵**; 928, 1864, 2554 e 2723 são perfeitos; 204, 757, 986, 1248, 1503, 1548, 1725, 1732, 1865 e 2352 tiveram um exemplar perfeito.

Filipenses – eu já cotejei 37 MSS **f³⁵**; 35, 1072, 1864, 1865 e 2554 são perfeitos; 204, 394, 757, 824, 1249, 1503, 1548, 1732, 1855, 2352, 2466 e 2723 tiveram um exemplar perfeito.

Colossenses – eu já cotejei 37 MSS **f³⁵**; 18, 444, 1732, 1864, 2554 e 2723 são perfeitos; 35, 1075, 1503 e 1725 são completos; 824, 1637, 1865, 1892, 2352 e 2466 tiveram um exemplar perfeito.

1 Tessalonicenses – eu já cotejei 39 MSS **f³⁵**; 18, 824, 928, 1855, 1864 e 2723 são perfeitos; 35, 1865 e 2554 são completos; 394, 444, 757, 986, 1072, 1503, 1892 e 2587 tiveram um exemplar perfeito.

2 Tessalonicenses – eu já cotejei 38 MSS **f³⁵**; 18, 35, 204, 394, 928, 1072, 1075, 1249, 1503, 1637, 1768, 1864, 1865, 2554 e 2723 são perfeitos; 328,

será a mesma: “A graça de Deus estava sobre ele”. Se estas são duas maneiras de dizer a mesma coisa, então 2382 está completo; caso contrário, estará errado em uma letra para todo o livro!

¹ Em 1.11, em vez de ουτος Ιησους, ele tem ουτος ο Ιησους. Um pronome demonstrativo define, ainda mais do que um artigo definido, e portanto o artigo é redundante aqui; de sorte que são duas maneiras de dizer a mesma coisa: “este mesmo Jesus”. Em 26.29 Paulo está se defendendo diante do rei Agripa. Em vez de ευξαμην, ‘Eu oraria’, ele tem ευξαμην, ‘Eu oro’. O indicativo é mais direto do que o optativo, mas a diferença de significado é pequena. Se estas não são duas maneiras de dizer a mesma coisa, então 35 está errado em uma letra, para todo o livro de Atos!

386, 444, 604, 824, 986, 1248, 1548, 1725, 1732, 1761, 1855, 1892, 1897, 2466 e 2587 tiveram um exemplar perfeito.

1 Timóteo – eu já cotejei 37 MSS **f³⁵**; 1761 e 2554 são perfeitos; 35 é completo; 444 e 2466 tiveram um exemplar perfeito.

2 Timóteo – eu já cotejei 36 MSS **f³⁵**; 824, 1072, 1075 e 1864 são perfeitos; 1865 e 2723 são completos; 1503 teve um exemplar perfeito.

Tito – eu já cotejei 36 MSS **f³⁵**; 35, 1072, 1503, 1855, 1864, 1892, 2080, 2587 e 2723 são perfeitos; 18, 328, 1637 e 1761 tiveram um exemplar perfeito.

Filemom – eu já cotejei 36 MSS **f³⁵**; apenas sete não são perfeitos; e cinco deles tinham um exemplar perfeito.

Hebreus – eu já cotejei 34 MSS **f³⁵**; 2554 é perfeito; 35, 1637 e 2723 são completos.

Tiago – eu já cotejei 45 MSS **f³⁵**; 18, 1864, 2554 e 2723 são perfeitos; 35 e 2221 são completos; 1503, 1732, 1858, 1865 e 2303 tiveram um exemplar perfeito.

1 Pedro – eu já cotejei 43 MSS **f³⁵**; 1865, 2554 e 2723 são perfeitos; 35 é completo; 824 e 1858 tiveram um exemplar perfeito.

2 Pedro – eu já cotejei 43 MSS **f³⁵**; 35, 1725, 1864, 2554 e 2723 são perfeitos; 18, 141, 824, 1072, 1075, 1503, 1858, 1865 e 1897 tiveram um exemplar perfeito.

1 João – eu já cotejei 43 MSS **f³⁵**; 204, 824, 1100 e 2554 são perfeitos; 35, 1637 e 1865 são completos. 1248, 1503, 1725, 1732, 1858, 1864, 1897 e 2723 tiveram um exemplar perfeito.

2 & 3 João e Judas – eu já cotejei 47 MSS **f³⁵**; 141, 204, 386, 824, 928, 1072, 1075, 1100, 1637, 1855, 1864, 2221, 2554 e 2723 são perfeitos em todos os três livros; 35 e 2587 são perfeitos em João e completos em Judas; outros treze tiveram um exemplar perfeito; apenas seis dos 46 MSS têm uma variante em todos os três livros.

Apocalipse – eu já cotejei 22 MSS **f³⁵**; nenhum é perfeito; 1864 é completo; 757 teve um exemplar perfeito. (Não verifiquei o cotejo de outros MSS feito por Hoskier, neste contexto.)

Então, tenho uma cópia perfeita do arquétipo da Família 35 para 22 livros. Tenho uma cópia completa para mais três. Digo que GA 2382 é completo para Lucas; mas se não, falta só uma letra solitária. Digo que GA 35 deixa de ser completo para Atos por uma letra solitária; nada mal para o livro mais longo do NT. **Deus preservou o Seu Texto!**

Anos atrás, eu mesmo escrevi que não existiam dois MSS idênticos, apenas repetindo a falsidade predominante. Mas isso foi antes de eu mesmo começar a cotejar MSS. Afinal, não há nada como conhecer em primeira mão as evidências.

Manuscritos Bizantinos K^r (Família 35)

Unciais: Nenhum

Minúsculos: 18, 35, 47, 55, 56, 58, 59, 61, 66, 83, 105, 110, 128, 141, 147, 149, 154, 155, 167, 170, 189, 201, 204, 205, 209, 214, 225, 226, 246, 285, 290, 328, 353, 361, 363, 368, 386, 387, 394, 402, 415, 422, 432, 444, 471, 479, 480, 486, 510, 511, 512, 516, 520, 521, 522, 536, 547, 553, 575, 586, 588, 589, 594, 604, 634, 645, 660, 664, 673, 676, 685, 689, 691, 694, 696, 746, 757, 758, 763, 768, 769, 781, 786, 789, 797, 801, 802, 806, 824, 825, 830, 845, 864, 867, 890, 897, 913, 924, 928, 932, 936, 938, 940, 952, 953, 955, 958, 959, 960, 961, 962, 966, 978, 986, 1003, 1010, 1017, 1018, 1020, 1023, 1025, 1030, 1040, 1046, 1058, 1059, 1062, 1064, 1072, 1075, 1088, 1092, 1095, 1100, 1101, 1111, 1116, 1117, 1119, 1131, 1132, 1133, 1140, 1145, 1146, 1147, 1158, 1165, 1166, 1169, 1176, 1180, 1181, 1185, 1189, 1190, 1199, 1224, 1234, 1236, 1247, 1248, 1249, 1250, 1251, 1293, 1314, 1323, 1325, 1328, 1329, 1330, 1331, 1334, 1339, 1348, 1354, 1362, 1367, 1384, 1389, 1400, 1401, 1409, 1414, 1427, 1435, 1444, 1445, 1453, 1456, 1461, 1462, 1465, 1467, 1471, 1472, 1474, 1476, 1477, 1480, 1482, 1483, 1487, 1488, 1489, 1490, 1492, 1493, 1494, 1496, 1497, 1499, 1501, 1503, 1508, 1509, 1517, 1543, 1544, 1548, 1550, 1551, 1552, 1559, 1560, 1570, 1572, 1576, 1584, 1585, 1591, 1596, 1599, 1600, 1601, 1609, 1610, 1614, 1617, 1618, 1619, 1620, 1621, 1622, 1625, 1628, 1630, 1632, 1633, 1634, 1636, 1637, 1638, 1641, 1648, 1649, 1650, 1652, 1653, 1656, 1657, 1658, 1659, 1664, 1667, 1671, 1680, 1686, 1688, 1694, 1698, 1700, 1702, 1703, 1704, 1705, 1713, 1723, 1725, 1726, 1732, 1733, 1737, 1740, 1743, 1745, 1746, 1748, 1749, 1752, 1754, 1761, 1763, 1766, 1767, 1768, 1771, 1773, 1774, 1779, 1785, 1786, 1789, 1813, 1830, 1855, 1856, 1858, 1864, 1865, 1867, 1876, 1892, 1894, 1897, 1899, 1903, 1929, 1948, 1950, 1957, 1958, 1960, 1966, 2009, 2023, 2035, 2041, 2061, 2080, 2095, 2102, 2112, 2122, 2124, 2131, 2136, 2137, 2175, 2178, 2194, 2196, 2201, 2204, 2213, 2218, 2221, 2231, 2235, 2249, 2251, 2253, 2255, 2260, 2261, 2265, 2273, 2284, 2288, 2289, 2296, 2303, 2309, 2322, 2323, 2352, 2355, 2365, 2367, 2374, 2375, 2378, 2382, 2387, 2399, 2407, 2418, 2431, 2434, 2436, 2444, 2452, 2454, 2460, 2466, 2479, 2483, 2496, 2497, 2501, 2503, 2508, 2510, 2520, 2533, 2554, 2559, 2584, 2587, 2598, 2621, 2626, 2632, 2635, 2636, 2647, 2649, 2653, 2656, 2658, 2669, 2673, 2689, 2691, 2692, 2704, 2709, 2714,

2715, 2723, 2734, 2765, 2767, 2774, 2777, 2806, 2817, 2821, 2875, 2876, 2877, 2926, I.2110, L.65

Total = 436

Nota: A lista inclui apenas manuscritos de texto contínuo.

Fontes:

Die Schriften Des Neuen Testaments, Hermann Von Soden, Göttingen, 2 vols. (1911-1913)

Kurzgefaste Liste, Kurt Aland, Berlim, de Gruyter, 2ª edição. (1994)

Text und Textwert (TuT), Berlim, de Gryuter (1998-2005)

The Profile Method for Classification and Evaluation of Manuscript Evidence-The Gospel of Luke, Frederick Wisse, William B. Eerdmans, Grand Rapids, Michigan, (1982)

VMR-Handschriftenliste, (INTF) Munster, <http://intf.uniuester.de/vmr/NTVMR/ListeHandschriften.php>

Compilado por: Paulo D. Anderson, Abril, 2010

Atualizado por: Dr Eduardo Flores, Maio de 2023

Pecado de Geração em Geração

Aos Anciãos da Igreja Bíblica de Duncanville¹

Dois de nossos presbíteros fizeram referência pública no último domingo (22/10/89) ao “pecado geracional”, e isso me deu um ‘gancho’ para uma situação na igreja que vem me incomodando há algum tempo. Pecado geracional? Sim! Mas não apenas dentro das famílias. Existe pecado geracional em igrejas individuais, em escolas, em denominações e em segmentos mais amplos da Igreja. Um pecado geracional muito sério que é endêmico em amplas áreas da comunidade conservadora/evangélica em geral é a idolatria que eleva a razão humana acima da Palavra revelada de Deus. Esta idolatria expressa-se em muitas frentes, mas talvez a fundamental se relacione com o próprio Texto das Escrituras – refiro-me à mentalidade que constantemente põe em causa a própria redação do Texto, minando assim a confiança na sua integridade e autoridade.

Deixe-me dar um exemplo concreto e específico do que estou falando. Há algumas semanas, nosso pastor alterou o texto de 1 Coríntios 8.3 do púlpito.

¹ Essa igreja fechou há muitos anos.

Em vez de “se alguém ama a Deus, esse é conhecido por Ele”, ele sugeriu que talvez devêssemos ler “se alguém ama a Deus, esse conhece”. Visto que nenhum texto grego impresso contém o que ele sugeriu, senti-me levado pelo Senhor a alertá-lo de que tal procedimento não era aconselhável. Sua resposta foi me direcionar ao comentário de Gordon Fee sobre 1 Coríntios, que era a fonte do que ele havia feito. O comentário de Fee sobre 1 Coríntios 8.2-3 fornece um exemplo extraordinariamente flagrante da idolatria a que me referi. Considere:

O texto correto de 1 Coríntios 8.2-3, conforme atestado por cerca de 95% dos manuscritos gregos, diz o seguinte: *Εἰ δε τις δοκεῖ εἰδέναι* [86%] *τι, οὐδὲν οὐδὲν ἐγνώκε* καθὼς δεῖ γινῶναι. *Εἰ δε τις ἀγαπᾷ τὸν θεόν, οὗτος ἐγνώσται ὑπ’ αὐτοῦ.* O texto eclético atualmente em voga, sendo seguido pela NVI, NASB, LB, etc., é baseado em um punhado de testemunhas egípcias e diz assim: *Εἰ ... τις δοκεῖ ἐγνώκεναι τί οὐπῶ ... ἐγνώ* καθὼς δεῖ γινῶναι. *Εἰ δε τις ἀγαπᾷ τὸν θεόν, οὗτος ἐγνώσται ὑπ’ αὐτοῦ.* Os pontos em questão estão sublinhados. É o texto eclético que Fee usa como ponto de partida e tem o prazer de chamar de “texto padrão”. Se Fee tivesse reconhecido o texto correto, dificilmente poderia ter escrito daquela maneira. (Mas para fazer isso ele teria que rejeitar tudo o que lhe foi ensinado sobre o tema da crítica textual do Novo Testamento.) Mas ele não estava satisfeito nem mesmo com seu texto “padrão” – ele propõe emendá-lo por omissão em três lugares (veja sua página 367), e ele o faz com base em um único manuscrito grego, P⁴⁶. Seu texto seria: *Εἰ τις δοκεῖ ἐγνώκεναι... οὐπῶ ἐγνώ καθὼς δεῖ γινῶναι. Εἰ δε τις ἀγαπᾷ , οὗτος ἐγνώσται*

P⁴⁶ contém a maior parte das epístolas de Paulo e é geralmente datado de cerca de 200 d.C. (o que o torna o nosso MS mais antigo conhecido neste local). Foi descoberto nas areias do Egito há cerca de 85 anos e a opinião acadêmica parece concordar que foi produzido no Egito. Agora, naquela época (200), a 'igreja cristã' no Egito incluía pelo menos onze grupos heréticos que eram tão bem definidos que tinham nomes - Valentinianos, Basilidianos, Marcionitas, Peratae, Encratitas, Docetistas, Haimetitas, Cainitas, Ofitas, Simonianos e Eutiquetas – mas a força dominante em toda a comunidade 'cristã' era o gnosticismo. O texto de P⁴⁶ em 1 Coríntios 8.2-3 é simplesmente uma invenção gnóstica que ficou enterrada nas areias do Egito durante 17 séculos, mas que Fee se propõe a ressuscitar e apresentar ao mundo como a Verdade de Deus!

Agora, vamos analisar o procedimento de Fee. Ele começou com um texto grego eclético baseado em menos de 5% dos manuscritos gregos conhecidos (cerca de 700, aqui). Não satisfeito com isso, ele propõe três

omissões baseadas em um MS grego, contra todos os outros MS gregos e todas as versões antigas, incluindo MSS e versões egípcias (exceto que a terceira omissão também é encontrada em dois outros MSS). Observe que ele não discute as evidências; não há nenhuma tentativa de explicar por que ou como cada MS (exceto P⁴⁶) e versão está errada aqui. Todo o seu argumento é em termos de considerações subjetivas, daquilo que ele pensa que “se ajusta ao contexto”. Em outras palavras, Fee está elevando seus próprios processos mentais acima da Palavra de Deus. Ele, Gordon Fee, irá determinar qual é o texto original do Texto Sagrado com base na sua própria imaginação. Isto é idolatria; é uma idolatria perversa.

Agora considere as implicações para a doutrina da inspiração das Escrituras. Se Fee estiver certo, então a forma de 1 Coríntios que os vários Concílios da Igreja canonizaram está errada. Se a Igreja canonizou o Texto errado, como sabemos que ela estava certa ao canonizar o livro (1 Coríntios)? Não só isso, a Igreja Universal usou e preservou o texto errado ao longo dos séculos. Martinho Lutero não sabia qual era o texto correto de 1 Coríntios – ele estava enterrado nas areias do Egito (de acordo com Fee). Nem ninguém mais poderia fazê-lo, em qualquer época entre 300 e 1930 d.C. – a verdadeira leitura (de acordo com Fee) havia desaparecido do conhecimento da Igreja. Todo e qualquer tradutor e estudioso em 1900 simplesmente não podia saber qual era a verdadeira leitura – ela não existia. Além disso, como sabemos que amanhã não será descoberto um novo papiro, digamos P²⁰¹, que terá uma variante num ponto em que até agora há 100% de concordância? E o que impede Fee de nos dizer que essa variante é realmente a leitura original? Em outras palavras, se Fee estiver certo, não temos certeza e nunca poderemos ter certeza sobre qual é o verdadeiro texto das Escrituras. Então, por que se preocupar em tentar falar sobre um Texto inerrante em tal situação? E qualquer afirmação sobre inspiração não se torna relativa?

O tratamento que Fee dá a 1 Coríntios 8.2-3 é apenas um exemplo extremo de uma mentalidade que permeia as nossas igrejas. As margens das versões modernas estão cheias de notas que minam a confiança na integridade do Texto: “*alguns MSS antigos omitem...*”, “*muitas autoridades antigas leem...*”, “*as primeiras e melhores [piores, realmente] testemunhas...*”; sem mencionar os colchetes no próprio texto que dizem ao leitor que o material incluso “certamente não é genuíno”. Por que é que eles fazem isto? Porque seguem um texto eclético, e os editores desse texto o construíram com base em critérios subjetivos, por sua vez baseados em falsos pressupostos. Mas nenhum desses editores acreditava que a Bíblia era a Palavra infalível de Deus – na verdade, eles impingiram erros evidentes de facto e contradições ao seu texto. Não seriam eles qualificados como “filhos

da desobediência” (Efésios 2.2)? Caso que sim, isso significaria que eles estavam totalmente abertos à interferência satânica nas suas mentes. Se alguém pensa que Satanás deixaria passar tal oportunidade de corromper o Texto Sagrado, ele realmente não acredita no que a Bíblia diz sobre o nosso inimigo!

A frase “pecado geracional” implica que toda uma geração está praticando esse pecado. Envolve uma consequência muito grave: todas as gerações subsequentes recebem esse pecado como parte do seu ‘fundo genético’; não é percebido como ‘pecado’, mas como ‘verdade’. Mas sendo de fato uma mentira, torna-se um reduto de Satanás nas suas mentes e não é questionada. A única libertação desse pecado ocorre quando alguém volta ao seu início e analisa e expõe os falsos pressupostos e raciocínios que deram origem ao pecado. Mas tal pessoa não deve esperar ser bem recebida. Ela certamente será perseguida pelo ‘Estabelecimento’. No entanto, se tiver meios de divulgar as suas descobertas, poderá influenciar o futuro.

Agora considere as consequências deste pecado geracional. É difícil realmente ensinar uma lição de Escola Dominical – pode haver várias versões diferentes na sala e começamos a discutir os vários textos e traduções; não há autoridade para fazer escolhas; ninguém sabe ao certo o que é a palavra de Deus! As notas de rodapé, mais as diferenças de versão (muitas vezes significativas), já minaram a confiança das pessoas na integridade do Texto. Se o pregador altera o Texto do púlpito, a confusão aumenta. A autoridade das Escrituras foi minada. Poucos têm confiança para se levantar e dizer: “Assim diz o Senhor!” O resultado prático é que sempre que algum ensino das Escrituras se torna inconveniente, por razões pessoais ou culturais, nós simplesmente as contornamos, explicamos ou simplesmente ignoramos. A obediência sem questionamento ao significado normal do Texto está agora irremediavelmente fora de moda! Afinal, hoje em dia é a nossa razão e lógica (temperada pela nossa conveniência) que é a autoridade final, o árbitro final – a Palavra de Deus já não nos governa; nós governamos sobre ela (à la Fee).

Por que Deus deveria abençoar nosso país, nossa igreja, nossos lares, nossas vidas quando persistimos em uma forma tão perniciosa de idolatria?

Método Genealógico Baseado em Coerência

Qualquer pessoa que lide com a crítica textual do NT de qualquer forma provavelmente já ouviu falar sobre o Método Genealógico Baseado na Coerência (CBGM). Sempre que você vir a frase “método genealógico”, você deve dizer para si mesmo: “Aha, esta será apenas mais uma tentativa

de evitar o trabalho enfadonho de cotejar todos os MSS”. Tendo eu mesmo cotejado pelo menos um livro em mais de 120 MSS (mais de 30 inteiros), posso garantir que é realmente um trabalho penoso e escravo.

O CBGM é basicamente outra tentativa de evitar a tarefa de cotejar todos os MSS conhecidos. Ele usa um computador para traçar probabilidades. O principal problema com este método (do nosso ponto de vista) é que em quase todas as fases do procedimento o crítico tem que fazer escolhas subjetivas, e ele fará essas escolhas usando os mesmos critérios usados no ecletismo (prefira a leitura mais difícil, a mais curta, etc.). Na recente ECM de Atos, Klaus Wachtel afirma claramente: “Na primeira fase, são aplicados os métodos tradicionais de crítica textual eclética” (p. 28*). Então é basicamente o velho ecletismo vestido com roupas novas. O método não é empírico, embora utilize variantes reais.

A tendência é ilustrada pela série *Editio Critica Maior (ECM)* para as Epístolas Gerais. Para Tiago, eles incluíram 182 MSS de 522 MSS completos e fragmentos maiores. Pela sua própria definição, incluíram 78 MSS que consideraram tão bizantinos que os agruparam sob o símbolo ‘Byz’. No entanto, para os seis livros restantes, o total de MSS foi reduzido em média 50 MSS, enquanto o total de MSS ‘Byz’ foi reduzido em média 35 MSS. Do meu ponto de vista, o *ECM* para Tiago é claramente mais útil do que para os outros seis livros.

Na *ECM* de Atos eles continuam a chamar o texto bizantino de “forma cuidadosamente controlada” (p. 18*), como fizeram vinte anos antes na *ECM* de Tiago (p. 11*), mas nunca dizem quem fez o controle. A razão é simples: não podem, porque a afirmação é falsa. Eles estão apenas repetindo uma mentira querida.

Aonde colocar uma ‘vírgula’ -- Atos 12.25

Como Atos foi escrito pelo menos dois anos depois que Paulo chegou acorrentado a Roma, ele não teria sido “publicado” até a década de 60. Quando Jerusalém foi destruída em 70, desapareceu do mapa cristão durante séculos – o centro de gravidade da Igreja era agora a Ásia Menor. Embora o próprio Lucas fosse sem dúvida muito fluente em grego, para a maioria dos cristãos na Ásia Menor seria uma segunda língua. Se isso também fosse verdade para a maioria das pessoas que fizeram cópias dos livros do N.T. (especialmente nas primeiras décadas), e uma vez que esses livros foram escritos sem pontuação (ou mesmo espaços entre as palavras), era previsível que de vez em quando alguém colocaria uma ‘vírgula’ no lugar

errado. Imagino que teria sido exatamente esse evento que deu origem ao conjunto peculiar de variantes que encontramos em Atos 12.25.

Ao longo do NT há numerosos lugares onde há uma divisão mais ou menos séria dentro da Família 35, com duas leituras concorrentes (geralmente envolvendo apenas uma letra). Mas este é o único lugar (sim, o único) em todo o NT onde a família se estilhaça – há nada menos que sete variantes, cinco delas tendo alguma consequência.

Em vez de “Barnabé e Saulo retornaram para Antioquia, tendo cumprido sua missão”, alguém (ou vários alguéns) colocou a vírgula depois de ‘retornar’, resultando em “Barnabé e Saulo retornaram, tendo cumprido sua missão em Antioquia” – mas com essa pontuação 'Antioquia' tem que ser alterada para 'Jerusalém'. (Tendo feito isso, temos duas maneiras de dizer essencialmente a mesma coisa – se você acertar a 'vírgula!') Seguindo essa hipótese, essa mudança deve ter ocorrido bem cedo, e em circunstâncias que resultaram naquela mudança dominando a transmissão de Atos ao longo dos anos. Para entender o que quero dizer, precisamos ter a evidência diante de nós:

- | | |
|--|---|
| 1) <i>υπεστρεψαν εις αντιοχειαν</i> | (f ³⁵ =27.8%) (5.1%) |
| 2) <i>υπεστρεψαν απο ιερουσαλημ</i> | (f ³⁵ =8.9%) D (10.9%) |
| 3) <i>υπεστρεψαν απο ιερουσαλημ εις αντιοχειαν</i> | (f ³⁵ =12.7%) (7.3%) |
| 4) <i>υπεστρεψαν εξ ιερουσαλημ</i> | (f ³⁵ =1.3%) SA (3.6%) OC,TR |
| 5) <i>υπεστρεψαν εξ ιερουσαλημ εις αντιοχειαν</i> | (f ³⁵ =11.4%) (12.2%) CP |
| 6) <i>υπεστρεψαν εις ιερουσαλημ</i> | (f ³⁵ =36.7%) B (60%) RP,HF,NU |
| 7) <i>υπεστρεψαν εις ιερουσαλημ εις αντιοχειαν</i> | (f ³⁵ =1.3%) (0.6%) [não é uma confluência, sendo um contra-senso; o copista estava ciente de ambas as leituras e não sabia como escolher] |

Essa demonstração diz respeito à totalidade dos manuscritos conhecidos. Depois verifiquei o lugar em todos os representantes da Família 35 disponíveis. Os MSS entre { } ainda não foram cotejados por completo. Eis o resultado:

- | | |
|---|--|
| 1) <i>εις αντιοχειαν</i> | 141,204,328,394,801,928,986,1140,1247,1249,1482,1723,
1725,1732,1749,1761,1855,1856,1876,1897,2080,2255,
2261,2378,2431,2441 |
| 2) <i>απο ιερουσαλημ</i> | 18,386,1100,2554 {634,1101,1733,2303} |
| 3) <i>απο ιερουσαλημ εις αντιοχειαν</i> | 444,1058,1548,2587 {664,1400,1752,
1763,2221,2704} |
| 4) <i>εξ ιερουσαλημ</i> | 1865 |

- 5) εἰς ἱερουσαλημ εἰς ἀντιοχειαν 604,1865^c {432,1767,1768}
- 6) εἰς ἱερουσαλημ 35^c,149,201,757,824,1040,1072,1075,1248,1503,1508,
1617,1619,1628,1636,1637,1656,1723^c,1740,1746,1864,
1892,2352, 2431^c,2466,2723 {1618,1737,1748,2653,2691}
- 7) εἰς ἱερουσαλημ εἰς ἀντιοχειαν 35 (não é uma confluência, porque é um absurdo; o copista conhecia as duas leituras e registrou ambas)
- Faltando: 1652,2218 {206^{s.fr},1745^{fr},1754^{s.fr},1766^{fr},1858^{fr},2175^{fr},2289^{fr},2626^{fr},
2777^{fr},2778^{fr},2926^{s.fr}}
- Totais: εἰς ἀντιοχειαν = 26
 ἀπο ἱερουσαλημ = 8
 ἀπο ἱερουσαλημ εἰς ἀντιοχειαν = 10
 εἰς ἱερουσαλημ = 1
 εἰς ἱερουσαλημ εἰς ἀντιοχειαν = 4
 εἰς ἱερουσαλημ = 28
 Faltando = 13

Comentário: As cinco primeiras leituras são votos contra a sexta, portanto a votação é 49:28. No entanto, 15 dos 28 são do mosteiro M. Lavras (Monte Athos), o que provavelmente indica uma influência comum. A votação para a sexta leitura provavelmente deveria ser reduzida, tornando a vantagem da primeira leitura ainda mais forte (se os 15 representassem 5 exemplares, a votação seria 49:18). A leitura do arquétipo é a primeira, εἰς ἀντιοχειαν. Dentro do contexto, “para Jerusalém” não faz sentido.

Agora volto à primeira demonstração. É evidente que as variantes 2) - 5) foram criadas deliberadamente; os copistas estavam reagindo ao significado de toda a frase dentro do contexto (nesta situação não se deve considerar o nome de cada cidade isoladamente; a preposição que a acompanha também deve ser levada em conta). Mas eles estavam reagindo à variante 6), não à variante 1). Porém, uma vez criadas, e à medida que se tornassem exemplares, quem fizesse cópias não veria problema e simplesmente reproduziria o que estava à sua frente [portanto não podemos somar as porcentagens para 2) - 6) e dizer que Jerusalém tem mais de 90% dos votos]. Tendo eu mesmo cotejado pelo menos um livro em 130 MSS (e mais de 30 MSS inteiros), tenho observado repetidas vezes que o copista reproduziu fielmente uma leitura sem sentido: ou não estava prestando atenção, ou o seu respeito pelo Texto era tal que não se aventurou a alterá-lo (ou, em anos posteriores, os monges podem ter sido instruídos a não fazer alterações, justamente para preservar a variedade de leituras que lhes chegaram [seus superiores podem não ter sentido que tinham a competência para escolher uma forma para a exclusão de outras]) — portanto, os 60% não significam

que todos aqueles copistas concordaram com o que copiaram, ou mesmo que o compreenderam.

Como o significado normal da sintaxe aqui é o primeiro (eles retornaram a Antioquia), e como tanto o Espírito Santo quanto Lucas sabiam escrever bem o grego (koinê), meus pressupostos me levaram a escolhê-lo. Mas não são apenas os meus pressupostos; considerar:

a) Atos 11.30, ο και εποησαν αποστειλαντες, “o que eles também fizeram, tendo enviado... por B. & S.” Um particípio aoristo é anterior no tempo ao seu verbo principal, neste caso também aoristo – afirma-se que seu propósito foi realizado. O autor implica claramente que a oferta chegou, ou tinha chegado, à Judéia/Jerusalém. [Em Atos, o autor parece quase usar “Jerusalém” e “Judéia” alternadamente, talvez para evitar repetições. Ex.: 11.1 Judéia, 11.2 Jerusalém (os apóstolos não estavam em Jerusalém ou arredores imediatos?); 11.27 Jerusalém, 11.29 Judéia, 11.30 os anciãos (os anciãos governantes não estariam em Jerusalém?); 12.1-19 aconteceu em Jerusalém, mas o versículo 19 diz que Herodes desceu da Judéia para Cesaréia; 15.1 Judéia, 15.2 Jerusalém; 28.21 letras de “Judéia” provavelmente significa Jerusalém.] Observe que o próximo versículo (12.1) nos coloca em Jerusalém.

b) Atos 12.25 (12.1-24 não está relacionado, exceto que os versículos 1-19 acontecem em Jerusalém), βαρναβας και σαυλος – a ação inclui ambos.

c) Atos 12.25, υπεστρεψαν... πληρωσαντες την διακονιαν, “eles retornaram... tendo cumprido a missão”. Novamente, tanto o particípio quanto o verbo principal são aoristo e ambos estão no plural. “Tendo cumprido a missão” define o verbo principal. Como a missão era para a Judéia, que necessariamente inclui Jerusalém como sua capital, o “retorno” deve ser ao local onde a missão se originou.

d) Atos 12.25, “levando também consigo João, aquele chamado Marcos” – não temos registro de que João Marcos já tivesse estado em Antioquia antes disso; então, como poderia ele retornar a Jerusalém se já estivesse lá? Atos 13.13 levanta a mesma questão.

Barnabé poderia ser visto como retornando a Jerusalém, tendo completado sua missão em Antioquia, mas o mesmo não poderia ser dito de Saulo. Concluo que “para Jerusalém” não pode estar correto aqui, embora seja atestado por 60% da totalidade dos MSS. Observamos que os outros 40% dos MSS, incluindo a Família 35, mais as três versões antigas, concordam que a moção foi partindo de Jerusalém, e não em direção a ela. Parece-me

que só há uma maneira de ‘salvar’ aqui a variante maioritária: colocar uma vírgula entre *υπεστρεψαν* e *εις*, fazendo assim com que ‘para Jerusalém’ modifique ‘o ministério’. (Esta foi minha hipótese inicial.) Mas tal construção não é natural a ponto de ser inaceitável: se esse fosse o propósito do autor, deveríamos esperar *την εις ιερουσαλημ διακονιαν ου την διακονιαν εις ιερουσαλημ* (presumindo que tanto o Espírito Santo como Lucas eram bons em grego). Nas outras dezesseis vezes que Lucas usa *υποστρεφω εις*, encontramos o significado normal e esperado, “retornar para”. Como linguista (PhD), eu diria que as normas da linguagem exigem que usemos o mesmo significado em Atos 12.25. O que, em minha opinião, deixa *εις αντιοχειαν* como o único candidato viável para a leitura original neste local. (O que, no entanto, não impediria que copistas que não eram falantes nativos de grego colocassem a ‘vírgula’ no lugar errado.)

Todo o contorno da evidência é perturbador, estranho e, como já observei, é absolutamente o único lugar em todo o NT onde a Família 35 se estilhaça. As variantes 1) a 5) são todas votos contra 6), mas devemos escolher uma delas para se opor a 6) – a escolha clara é 1). “Para Jerusalém” tem ‘Número’, ‘Antiguidade’ e ‘Continuidade’. “Para Antioquia” tem ‘Antiguidade’, ‘Variedade’, ‘Continuidade’ e ‘Razoabilidade’. Como diria Burgon, este é um daqueles lugares onde a “razoabilidade” simplesmente não pode ser ignorada. Acredito que ele concordaria que suas “notas de verdade” acenam para Antioquia.

É a crítica textual do NT uma ciência?

Você já ouviu ou leu (ou disse) a frase “a ciência da crítica textual do NT”? E quanto à frase “crítico textual”? Então, o que faz um crítico? Ele critica. O que ele critica? Neste caso é o texto do NT em grego. Mas o que exatamente está ele criticando? Um crítico literário analisa coisas como estilo e escolha de vocabulário; um comentarista tenta decidir qual foi o significado pretendido pelo autor do texto. Então, o que faz um crítico textual? Ele tenta reconstruir a redação original de um texto – note que ele está assumindo que a redação original está ‘perdida’, no sentido de que ninguém sabe ao certo o que é ou foi. (Observe também que isso coloca a crítica acima do texto, ao qual retornarei.) A crítica textual só existe para textos cuja redação original é considerada “perdida”. Ninguém faz crítica textual no jornal de hoje ou na revista de notícias da semana passada. Ninguém sequer faz crítica textual da versão King James de 1611, uma vez que ainda temos cópias impressas dela. Todo e qualquer argumento em torno da KJV cai sob outros títulos; não são crítica textual.

Qualquer pessoa familiarizada com o terreno sabe que durante os últimos 150 anos (pelo menos) o mundo acadêmico tem sido dominado pela noção de que a redação original do texto do NT está de fato “perdida”. Apenas para ilustrar, há cerca de 75 anos, Robert M. Grant escreveu: “é geralmente reconhecido que o texto original da Bíblia não pode ser recuperado”.¹ Para uma série de outras referências que ecoam esse sentimento, consulte as páginas 3-5 do meu *Identity V*. Antes de tentar refutar essa ficção, como acredito, esboçarei um pouco de história relevante.

Um pouco de história relevante

A disciplina tal como a conhecemos é basicamente uma ‘filha’ da Europa Ocidental e das suas colônias; as Igrejas Ortodoxas Orientais geralmente não estiveram envolvidas. (Eles sempre souberam que o verdadeiro Texto reside na tradição bizantina.) No ano de 1500, o cristianismo da Europa Ocidental era dominado pela Igreja Católica Romana, cujo papa reivindicava o direito exclusivo de interpretar as Escrituras. Essa Escritura era a Vulgata Latina, que os leigos não tinham permissão de ler. As 95 teses de Martinho Lutero foram publicadas em 1517. Foi mero acaso que o primeiro Texto Grego impresso do NT tenha sido publicado no ano anterior? À medida que a Reforma Protestante avançava, foi declarado que a autoridade das Escrituras excedia a do papa, e que todo crente tinha o direito de ler e interpretar as Escrituras. A autoridade da Vulgata Latina também foi desafiada, uma vez que o NT foi escrito em grego. É claro que a biblioteca do Vaticano continha muitos MSS gregos, não havendo dois dos quais idênticos (pelo menos nos Evangelhos), por isso a Igreja Romana desafiou a autenticidade do Texto Grego. Em suma, a Igreja Romana forçou a Reforma a enfrentar a variação textual entre os MSS gregos. Mas eles não sabiam como fazê-lo, porque se tratava de um novo campo de estudo e simplesmente não possuíam uma proporção suficiente das evidências relevantes.² (Eles provavelmente nem sabiam que existia a península do Monte Atos com seus vinte mosteiros.)

Em 1500, o Estabelecimento católico romano era corrupto, moralmente falido e desacreditado entre as pessoas pensantes. A Era da Razão e o humanismo estavam vindo à tona. Mais e mais pessoas estavam decidindo

¹ R. M. Grant, “The Bible of Theophilus of Antioch”, *Journal of Biblical Literature*, LXVI (1947), 173. Observe o pessimismo, ele ‘não pode ser recuperado’. Nesse caso, os críticos estão desperdiçando o seu tempo, e o nosso. Certamente, porque não teríamos como saber se o encontraram ou não.

² A família 35, sendo de longe o maior e mais coeso grupo de MSS, estava mal representada nas bibliotecas da Europa Ocidental. Aliás, muito poucos MSS de qualquer tipo de texto haviam sido suficientemente cotejados para permitir qualquer rastreamento da história da transmissão.

que poderiam viver melhor sem o deus do Estabelecimento romano. A nova suposta liberdade da supervisão sobrenatural era inebriante, e muitos não tinham interesse em aceitar a autoridade das Escrituras (“*sola Scriptura*”). Além disso, seria ingênuo ao extremo excluir o sobrenatural de consideração, e não levar em conta a atividade satânica nos bastidores – Efésios 2.2.¹ ‘Filhos da desobediência’ juntaram-se ao ataque contra as Escrituras. A chamada “alta crítica” negou completamente a inspiração divina. Outros utilizaram a variação textual para argumentar que, de qualquer forma, a redação original estava ‘perdida’, não havendo forma objetiva de determinar o que poderia ter sido (ou seja, não conseguiam perceber tal forma naquele momento).

A suposição acrítica de que “o mais velho é igual ao melhor” era um fator importante e tornou-se cada vez mais importante à medida que os unciais mais antigos vieram à luz. Tanto o Códice Vaticanus quanto o Códice Bezae estavam disponíveis desde cedo, e eles têm milhares de divergências, apenas nos Evangelhos (em Atos, Bezae é ‘louco’, quase inacreditável). **Se** “o mais antigo é igual ao melhor” e os MSS mais antigos estão em constante e massiva discordância entre si, então a recuperação de um texto perdido torna-se impossível. Você entendeu isso? **Sem esperança, totalmente sem esperança!** No entanto, já argumentei que “o mais velho é igual ao pior”, e isso muda radicalmente o quadro.²

¹ Estritamente falando, o Texto tem “segundo o ‘Aeon’ deste mundo, segundo o príncipe do domínio do ar” – as frases são paralelas, de sorte que ‘Aeon’ e ‘príncipe’ têm a mesma referência, uma pessoa ou um ser específico. Esse espírito está atualmente em ação (tempo presente) nos “filhos da desobediência”. Os ‘filhos’ de algo são caracterizados por esse algo, e o algo neste caso é ‘a’ desobediência (o Texto tem o artigo definido) – uma continuação da rebelião original contra o Soberano do universo. Qualquer pessoa em rebelião contra o Criador está sob influência satânica, direta ou indireta (na maioria dos casos, um demônio atua como agente de Satanás, quando é necessário algo mais do que a influência da cultura circundante - quase todas as culturas humanas têm ingredientes de origem satânica; isso inclui a cultura acadêmica [a exigência acadêmica de que se demonstre ‘conhecimento da literatura’ obriga a perder tempo com tudo o que os servos de Satanás escreveram - considere 1 Coríntios 3.18-20]). Qualquer pessoa em rebelião contra o Criador também terá fortalezas de Satanás em sua mente. Visto que Satanás é o “pai” das mentiras (João 8.44), sempre que você abraça uma mentira, você o convida a entrar em sua mente – isso se aplica a qualquer um de seus sofismas (2 Coríntios 10.5) atualmente em voga, como o materialismo, humanismo, relativismo, marxismo, freudismo, hortianismo, etc.

² O trabalho de referência sobre este assunto é a obra de Herman C. Hoskier: *Codex B and its Allies, a Study and an Indictment* (2 vols.; Londres: Bernard Quaritch, 1914). O primeiro volume (cerca de 500 páginas) contém uma discussão detalhada e cuidadosa de centenas de erros óbvios no Códice B; o segundo (cerca de 400 páginas) contém o mesmo para o Códice Aleph. Ele afirma que só nos Evangelhos esses dois MSS diferem bem mais de 3.000 vezes, número esse que não inclui pequenos erros como ortografia (II, 1). Pois

Visto que todos são influenciados (não necessariamente controlados) pelo seu meio, isso se aplicava aos Reformadores. Em parte (pelo menos) a Reforma foi um ‘filho’ da Renascença, com ênfase na razão. Lembre-se de que, no julgamento, Lutero disse que só poderia retratar-se se fosse convencido pelas Escrituras e pela razão. Até aí tudo bem, mas muitos não queriam as Escrituras, e isso deixou apenas a razão. Além disso, visto que a razão não pode explicar ou lidar com o sobrenatural, aqueles que enfatizam a razão são geralmente hostis para com o sobrenatural. [Até hoje as denominações protestantes históricas ou tradicionais, assim chamadas, têm dificuldade em lidar com o sobrenatural.]

Antes de Adolf Deissmann publicar seu *Light from the Ancient East* (1910), (sendo uma tradução de *Licht vom Osten*, 1908), onde demonstrou que o grego Koinê era a *língua franca* nos dias de Jesus, existindo até uma gramática publicada explicando suas regras, apenas o grego clássico era ensinado nas universidades. Mas o NT está escrito em Koinê. Antes do trabalho de referência de Deissmann, havia duas posições sobre o grego do NT: 1) era uma forma degradada do grego clássico, ou 2) era um grego do ‘Espírito Santo’, inventado para o NT. A segunda opção foi defendida principalmente pelos pietistas; o mundo acadêmico preferiu a primeira, o que levantou a questão natural: se Deus fosse inspirar um NT, por que não o faria em grego ‘decente’?

Tudo isto colocou os defensores de uma Bíblia grega inspirada na defensiva, com o problema muito real de decidir onde melhor estabelecer o seu perímetro de defesa. Dada a ignorância prevaiente relativamente às

bem, a lógica simples exige que um ou outro tem de estar errado mais de 3.000 vezes; ambos não podem estar certos, sem contar os lugares em que ambos estão errados.

Nenhuma preferência subjetiva pode obscurecer o fato de que são cópias de baixa qualidade, objetivamente.

John William Burgon cotejou pessoalmente o que em sua época eram “os cinco unciais antigos” (Ⲙ,Ⲁ,Ⲃ,Ⲙ,Ⲕ). Ao longo de suas obras, ele repetidamente chama a atenção para a *concordia discors*, a confusão e a discordância predominantes, que os unciais antigos exibem entre si. Lucas 11.2-4 oferece um exemplo.

“Os cinco Unciais Antigos” (ⲘⲀⲂⲘⲔ) falsificam a Oração do Pai Nosso conforme dada por São Lucas em nada menos que quarenta e cinco palavras. Mas eles concordam tão pouco entre si, que se lançam em seis combinações diferentes nos seus desvios do Texto Tradicional; e, no entanto, eles nunca são capazes de concordar entre si quanto a uma única leitura diferente: embora apenas uma vez seja observado que mais de dois deles estão juntos, e seu grande ponto de união é nada menos que uma omissão do artigo. Tal é a sua tendência excêntrica que, em relação a trinta e duas das quarenta e cinco palavras, elas trazem, por sua vez, evidências solitárias. (*The Traditional Text of the Holy Gospels Vindicated and Established*. Organizado, concluído e editado por Edward Miller. Londres: George Bell and Sons, 1896, p. 84.)

Sim, de fato, o mais antigo é igual ao pior. Para mais informações sobre este assunto, consulte as páginas 130-36 de meu *Identity IV*.

provas relevantes, a sua melhor escolha pareceu ser um apelo à Providência Divina. Deus escolheu providencialmente o TR, e então esse era o texto a ser usado (o texto ‘tradicional’).¹

Ao que tudo indicava, Satanás estava vencendo, mas ainda tinha um problema: as principais versões protestantes (em alemão, inglês, espanhol, etc.) eram todas baseadas no *Textus Receptus*, assim como as declarações doutrinárias e os ‘livros de orações’. Entra F.J.A. Hort, um “filho da desobediência” por excelência. Hort não cria na inspiração divina da Bíblia, nem na divindade de Jesus Cristo. Como ele abraçou a teoria darwiniana assim que ela apareceu, presumivelmente não acreditava em Deus.² Sua teoria da crítica textual do NT, publicada em 1881,³ baseava-se diretamente nos pressupostos de que o NT não era inspirado, que nenhum cuidado especial lhe foi dispensado nas primeiras décadas e que, em consequência, a redação original se perdeu – ficou perdida sem recuperação, pelo menos por meios objetivos. Sua teoria varreu o mundo acadêmico e continua a dominar a disciplina até hoje.

Além disso, Hort afirmou que, como resultado do seu trabalho, apenas uma milésima parte do texto do NT poderia ser considerada como em dúvida, e isso foi recebido com alegria pelas bases, uma vez que parecia fornecer garantia sobre a confiabilidade daquele texto. – no entanto, é claro, essa

¹ Note, por favor, que não estou criticando Burgon e outros; eles fizeram o que puderam, dadas as informações disponíveis. Eles sabiam que a teoria hortiana e o texto grego resultante não poderiam estar certos.

² Para documentação de tudo isso, e muito mais, nas palavras do próprio Hort, veja a biografia escrita por seu filho. A.F. Hort, *Life and Letters of Fenton John Anthony Hort* (2 vols.; Londres: Macmillan and Co. Ltd., 1896). O filho fez uso intenso da abundante correspondência do pai, a quem admirava. (Naquela época, uma 'Vida' de dois volumes, em oposição a uma 'Biografia' de um volume, era um símbolo de status póstumo.) Muitos dos meus leitores foram ensinados, assim como eu, que não se deve questionar/julgar os motivos de outra pessoa. Mas espere só um minuto; de onde veio uma tal ideia? Certamente não veio de Deus, que espera que a pessoa espiritual avalie tudo (1 Coríntios 2.15). Visto que existem apenas dois reinos espirituais neste mundo (Mateus 12.30, Lucas 11.23), então a ideia vem do outro lado. Ao eliminar o motivo, elimina-se também a pressuposição, algo que Deus nunca faria, uma vez que a pressuposição governa a interpretação (Mateus 22.29, Marcos 12.24). É por isso que devemos sempre esperar que um verdadeiro estudioso declare as suas pressuposições. Já afirmei repetidamente as minhas, mas aqui estão novamente: 1) O Soberano Criador do universo existe; 2) Ele entregou uma revelação escrita à raça humana; 3) Ele preservou essa revelação intacta até hoje.

³ B.F. Westcott e F.J.A. Hort, *The New Testament in the Original Greek* (2 Vols.; Londres: Macmillan and Co., 1881). O segundo volume explica a teoria e é geralmente entendido como sendo o trabalho de Hort.

afirmação aplicava-se apenas ao texto de W-H (provavelmente o pior NT publicado que existe, até hoje).¹

A natureza de um exercício científico

Até aí o meu esboço da história. Voltarei agora à questão do título. Para começar, observo e insisto que em qualquer exercício científico tem de ser feita uma distinção rigorosa entre evidência, interpretação e pressuposição. É desonesto representar as próprias pressuposições como sendo parte da evidência (opinião não é evidência). Portanto, para que a crítica textual do NT seja uma “ciência”, as pressuposições devem ser excluídas. Mas se excluirmos a pressuposição de que a redação original foi “perdida”, então a crítica textual deixa de existir; e como pode se ter uma ‘ciência’ de algo que não existe? A ciência é uma coisa; teoria é outra. Uma teoria baseia-se em pressupostos, por necessidade, e por isso é legítimo falar de uma teoria hortiana de crítica textual, uma vez que ele considerava perdida a redação original. Minha própria teoria não inclui crítica textual, pois considero que a redação original não está perdida. Defendo uma teoria da preservação divina do Texto do NT.²

A esta altura, deve estar evidente para o leitor que a questão de um original “perdido” é o ponto crucial, a questão central em qualquer tentativa de identificar a redação original do NT. Então, para essa questão, passo agora. Para ser justo, preciso reconhecer duas definições de “perdido”: 1) perda irrecuperável, pelo menos por meios objetivos; 2) perdido de vista, no sentido de que a evidência disponível não foi suficientemente estudada para permitir uma escolha empírica entre variantes concorrentes. Considero que a minha *Identidade V* fornece provas mais do que suficientes para demonstrar que a primeira definição é falsa. A teoria hortiana e todos os seus derivados, como o ecletismo (de qualquer tipo), não é ciência, e não pode honestamente ser chamada de ciência. A segunda definição permite procedimento científico. Sugiro e recomendo que comecemos a usar o termo “manuscritologia”, em vez de “crítica textual” – a manuscritologia refere-se ao estudo dos MSS e é neutra quanto

¹ Eu diria que o texto deles está errado com referência a 10% das palavras – o NT grego tem cerca de 140.000 palavras, e então o texto WH está errado com referência a 14.000 delas. Eu diria que o assim chamado texto “crítico” atualmente em voga “apenas” está errado com referência a cerca de 12.000, uma melhoria (por menor que seja). E, a propósito, quão sábio é usar um NT preparado por um servo de Satanás?

² Considero-me um estudioso do texto, não um crítico. O Texto está acima de mim, não o contrário. No ecletismo o crítico está acima do texto, está acima da evidência; em vez de seguir fielmente as evidências, ele faz com que as evidências o sigam. Os MSS são reduzidos ao papel de ‘fornecedores de leituras’.

aos pressupostos. Qualquer exercício científico deve começar com as evidências; então qual é a evidência?

A evidência primária é fornecida pelos manuscritos de texto contínuo (grego) do NT. A evidência fornecida pelos lecionários é secundária. A evidência fornecida por versões antigas e citações patrísticas é terciária. A evidência histórica genuína (na medida em que possa ser determinada) é acessória. Quando a evidência primária é inequívoca, os restantes tipos não devem entrar em jogo. Por exemplo, em qualquer ponto dos quatro Evangelhos existirão cerca de 1.700 MSS de texto contínuo, representando todas as linhas de transmissão e todos os locais. Onde todos concordam, não pode haver dúvidas legítimas quanto à redação original. Mas e se um papiro antigo vier à tona com uma variante, isso mudará o quadro? O próprio fato de ser antigo sugere que é ruim; por que não foi usado e desgastado?

Provavelmente todos nós já ouvimos/lemos a ‘verdade falaz’, ‘manuscritos devem ser pesados, não contados’. O significado básico do verbo ‘pesar’ refere-se a um procedimento objetivo; isso é feito com pesos fisicamente verificáveis. Mas será que os seguidores de Hort (que são os principais que continuam a repeti-lo) ‘pesam’ os manuscritos usando critérios objetivos? Não o fazem, e é por isso que chamo isso de ‘verdade falaz’. Dito isso, no entanto, submeto à consideração de todos os interessados que é de facto possível avaliar os MSS utilizando critérios objetivos.

Como devem os MSS ser pesados? E quem poderia ser competente para fazer a pesagem? Como o leitor já deve saber, Hort e a maioria dos estudiosos subsequentes fizeram a sua “pesagem” com base nas chamadas “evidências internas” – os dois critérios padrão são: “escolha a leitura que se adapta ao contexto” e “escolha a leitura que explica a origem da outra leitura”.

Um problema com isso foi bem declarado por E.C. Colwell. “Na verdade, esses dois critérios padrão para a avaliação da evidência interna das leituras podem facilmente anular-se mutuamente e deixar o estudioso livre para escolher em termos dos seus próprios pré-julgamentos.”¹ Além disso, “quanto mais conhecimento o estudioso conhece, mais fácil é para ele produzir uma defesa razoável de ambas as leituras...”² Todo o processo é tão subjetivo que zomba da palavra “pesar”. O significado básico do termo envolve uma avaliação feita por um instrumento objetivo. Se desejarmos

¹ Colwell, “External Evidence and New Testament Criticism”, *Studies in the History and Text of the New Testament*, eds. B.L. Daniels and M.J. Suggs (Salt Lake City: University of Utah Press, 1967), p. 3.

² *Ibid.*, p. 4.

que a nossa pesagem de MSS tenha validade objetiva, devemos encontrar um procedimento objetivo.

Como avaliamos a credibilidade de uma testemunha na vida real? Observamos como ele age, ouvimos o que ele diz e como o diz, e ouvimos a opinião dos seus vizinhos e associados. Se pudermos demonstrar que uma testemunha é uma mentirosa habitual ou que as suas faculdades críticas estão prejudicadas, então receberemos o seu testemunho com ceticismo. É perfeitamente possível avaliar os MSS de forma semelhante, numa medida considerável, e é difícil compreender porque é que os estudiosos geralmente têm negligenciado fazê-lo.

Podemos ‘pensar’ objetivamente P⁶⁶ como testemunha? (É o mais antigo de algum tamanho.) Bem, no espaço do Evangelho de João (não completo) contém mais de 900 erros claros e indubitáveis – como testemunha da identidade do texto de João, ele nos enganou mais de 900 vezes. P⁶⁶ é uma testemunha crível? Eu diria que nenhum dos escribas de P⁶⁶ e P⁷⁵ sabia grego; não deveríamos dizer que como testemunhas eles foram prejudicados?¹

P⁷⁵ é colocado perto de P⁶⁶ na data. Embora não seja tão ruim quanto o P⁶⁶, dificilmente seria uma boa cópia. Colwell descobriu que P⁷⁵ tem cerca de 145 itacismos, além de 257 outras leituras singulares, 25% das quais são absurdas.² Embora Colwell dê crédito ao escriba do P⁷⁵ por ter tentado produzir uma boa cópia, o P⁷⁵ parece bom apenas em comparação com o P⁶⁶. (Se te pedissem para escrever o Evangelho de João à mão, você cometeria mais de 400 erros? Experimente e veja!) Deve-se ter em mente que os números oferecidos por Colwell tratam apenas de erros que são de propriedade exclusiva de os respectivos MSS. Eles sem dúvida contêm muitos outros erros que por acaso podem também ser encontrados em outras testemunhas. Em outras palavras, são ainda piores do que indicam os números de Colwell.

¹ O fato de o transcritor de P⁷⁵ ter copiado letra por letra, e o de P⁶⁶ sílaba por sílaba (Colwell, “Scribal Habits”, p. 380) sugere fortemente que nenhum dos dois sabia grego. Ao transcrever em um idioma que você sabe, você copia frase por frase, ou pelo menos palavra por palavra. P⁶⁶ tem tantas leituras sem sentido que o transcritor não poderia saber o significado do texto. Qualquer pessoa que já tenha tentado transcrever um texto de algum tamanho à mão (não à máquina de escrever) em um idioma que não entende saberá que é uma tarefa cansativa e enfadonha. Pureza de transmissão não se pode esperar sob tais circunstâncias.

² E.C. Colwell, “Scribal Habits in Early Papyri: A Study in the Corruption of the Text”, *The Bible in Modern Scholarship*, ed. J.P. Hyatt [New York: Abingdon Press, 1965], pp. 374-76.

P⁴⁵, embora sua data seja um pouco mais tarde, será considerado a seguir porque é o terceiro membro no estudo de Colwell. Ele descobriu que P⁴⁵ tem aproximadamente 90 itacismos mais 275 outras leituras singulares, 10% das quais são absurdas (*Ibid.*). No entanto, o P⁴⁵ é mais curto que o P⁶⁶ (o P⁷⁵ é mais longo) e por isso não é comparativamente tão melhor como os números podem sugerir à primeira vista. Colwell comenta sobre P⁴⁵ da seguinte forma:

Outra maneira de dizer isso é que quando o escriba de P⁴⁵ cria uma leitura singular, ela quase sempre faz sentido; quando os escribas de P⁶⁶ e P⁷⁵ criam leituras singulares, muitas vezes elas não fazem sentido e são erros óbvios. Assim, deve-se dar crédito ao P⁴⁵ por uma densidade muito maior de mudanças intencionais do que os outros dois (*Ibid.*, p. 376).

Como editor, o escriba do P⁴⁵ empunhava um machado afiado. O aspecto mais marcante de seu estilo é a concisão. A palavra dispensável é dispensada. Ele omite advérbios, adjetivos, substantivos, participios, verbos, pronomes pessoais – sem qualquer hábito compensatório de adição. Ele freqüentemente omite frases e cláusulas. Ele prefere a palavra simples à palavra composta. Em suma, ele favorece a brevidade. Ele encurta o texto em pelo menos cinquenta lugares **apenas em leituras singulares**. Mas ele **não** omite sílabas ou letras. Seu texto abreviado é legível (*Ibid.*, p. 383).

P⁴⁶ é considerado por alguns como sendo tão antigo quanto P⁶⁶. O estudo deste manuscrito por Zuntz é bem conhecido. “Apesar de sua aparência elegante (foi escrito por um escriba profissional e corrigido – mas de forma muito imperfeita – por um especialista), o P⁴⁶ não é de forma alguma um bom manuscrito. O escriba cometeu muitos erros... Minha impressão é que ele estava sujeito a acessos de exaustão.”¹

Deve-se observar de passagem que o Códice B também é conhecido por sua ‘aparência elegante’, mas não se deve presumir que, portanto, deva ser uma boa cópia. Até mesmo Hort admitiu que o escriba de B “não alcançou de forma alguma um alto padrão de precisão” (Westcott e Hort, p. 233). Aleph é reconhecido por todos como pior que B em todos os sentidos. Zuntz diz ainda: “P⁴⁶ está repleto de erros do copista, omissões e também acréscimos” (*Op. Cit.*, p. 212).

...o escriba que escreveu o papiro fez muito mal o seu trabalho. De suas inúmeras falhas, apenas uma fração (menos de uma em cada dez) foi corrigida e mesmo essa fração – como acontece frequentemente nos

¹ Gunther Zuntz, *The Text of the Epistles* (London: Oxford University Press, 1953), p.18.

manuscritos – fica cada vez menor até o final do livro. Páginas inteiras ficaram sem qualquer correção, por mais que precisassem dela (*Ibid.*, p. 252).

Lembre-se do estudo de Colwell que o escriba de P⁴⁵ evidentemente fez numerosas mudanças **deliberadas** no texto – não deveríamos dizer que ele estava moralmente prejudicado? De qualquer forma, ele nos informou mal repetidamente. Ainda devemos confiar nele? Da mesma forma, já foi demonstrado que Aleph e B têm mais de 3.000 erros entre eles, apenas nos Evangelhos. Aleph é claramente pior que B, mas provavelmente não é duas vezes pior – pelo menos 1.000 desses erros são de B.¹ Aleph e B se enquadram na sua noção de uma boa testemunha? Mais uma vez digo: mais velho é igual a pior!

Precisamos realmente entender que a idade não garante nada em relação à qualidade. Cada testemunha deve ser avaliada por si só, independentemente da idade. Além disso, e talvez mais precisamente, precisamos de saber como um determinado MS se relaciona com outros. Uma vez que um MS é identificado empiricamente como pertencente a uma família (linha de transmissão), então já não é uma testemunha independente do original – é uma testemunha do arquétipo da família. Como Colwell tão bem colocou, “a questão crucial tanto para as testemunhas antigas como para as tardias ainda é: ‘ONDE ELES SE ENCAIXAM NUMA RECONSTRUÇÃO PLAUSÍVEL DA HISTÓRIA DA TRADIÇÃO MANUSCRITA?’”²

Lamentavelmente, a teoria hortiana, aliada à ficção de que ‘o mais velho é igual ao melhor’, teve um efeito soporífero sobre a disciplina de tal forma que comparativamente poucos MSS têm sido totalmente cotejados e, em consequência, poucas famílias foram definidas empiricamente. Uma ideia aproximada baseada em verificações pontuais não é adequada; há muita mistura.

A Transmissão do Texto

Voltando aos 1.700 MSS conhecidos para qualquer ponto dos Evangelhos, deveria ser evidente que uma variante num único MS, de qualquer idade, é irrelevante – é um falso testemunho do seu arquétipo familiar, nesse ponto, nada mais. Se vários MSS partilham uma variante, mas não pertencem à mesma família, então cometeram o erro de forma independente e são falsas

¹ Se você copiasse os quatro Evangelhos à mão, você acha que conseguiria cometer mil erros? Experimente e veja!

² Colwell, “Hort Redivivus: A Plea and a Program”, *Studies in Methodology in Textual Criticism of the New Testament*, E.C. Colwell (Leiden: E.J. Brill, 1969), p. 157. [Ênfase no original.]

testemunhas dos seus respectivos arquétipos familiares – não há dependência. Quando um grupo de MSS reflete evidentemente corretamente a forma arquetípica da sua família, então estamos a lidar com uma família (não com os MSS individuais). As famílias precisam ser avaliadas da mesma maneira que avaliamos os MSS individuais. É possível atribuir um quociente de credibilidade a uma família, com base em critérios objetivos. Mas é claro que toda e qualquer família deve primeiro ser identificada e definida empiricamente, e tal identificação depende do cotejo completo dos MSS.

Embora a disciplina tenha (até agora) negligenciado o seu trabalho de casa (cotejar MSS), ainda assim uma grande maioria de MSS deveria ser convincente. Por exemplo, se uma variante goza de 99% de atestação das testemunhas primárias, isto significa que domina totalmente qualquer ‘árvore’ genealógica, porque dominou a transmissão global do texto. A série *Text und Textwert* do INTF, praticantes do método de perfil Claremont, H.C. Hoskier, von Soden, Burgon, Scrivener – em suma, qualquer pessoa que tenha cotejado qualquer número de MSS – todos demonstraram que a maior parte dos MSS bizantinos não é de forma alguma monolítica. Existem um bom número de córregos e riachos. (Lembre-se de que Wisse postulou 34 grupos dentro da massa bizantina, com 70 subgrupos.) É claro que não houve ‘fraude das urnas’; não houve decreto ‘papal’; não houve recensão imposta pela autoridade eclesiástica. Em suma, a transmissão foi predominantemente normal.

Em circunstâncias normais, quanto mais antigo for um texto do que os seus rivais, maiores serão as suas probabilidades de sobreviver numa pluralidade ou na maioria absoluta dos textos existentes em qualquer período subsequente. Mas o texto **mais antigo** de todos é o autógrafo. Assim, deveria se presumir que, salvo algum deslocamento radical na história da transmissão, uma maioria de textos terá muito mais probabilidade de representar corretamente o caráter do original do que uma pequena minoria de textos. Isto é especialmente verdade quando a proporção é uma esmagadora 8:2. Sob quaisquer condições de transmissão razoavelmente normais, seria... completamente impossível para uma forma de texto posterior assegurar uma preponderância tão desproporcional de testemunhas conhecidas.¹

¹ Z.C. Hodges, “A Defense of the Majority Text” (notas de curso não publicadas, Dallas Theological Seminary, 1975), p. 4. O Apêndice B do meu livro *Identity V* mostra que a ciência matemática da probabilidade estatística dá amplo apoio à afirmação de Hodges. É estatisticamente impossível que um retardatário domine a transmissão.

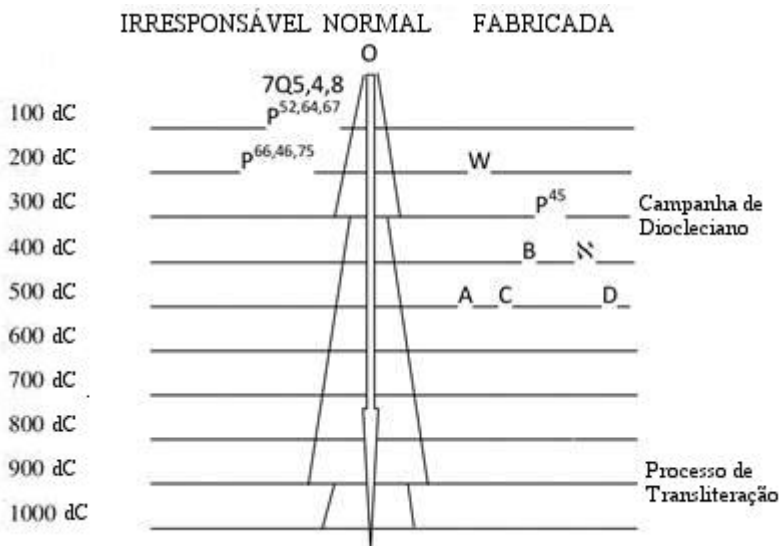
Insisto que a transmissão do Texto do NT foi de fato predominantemente normal, baseado em evidências históricas. A Parte I acima alista e discute essas evidências, mas aqui está um esboço por alto:

1. Os autores dos livros do NT criam que estavam escrevendo Escritura;
2. Os Apóstolos reconheceram que seus colegas estavam escrevendo Escritura;
3. Os ‘Pais da Igreja’ dos séculos I e II consideravam os escritos do NT como Escritura;
4. Os escritos do NT foram usados junto com o AT pelas congregações cristãs desde muito cedo;
5. Os primeiros cristãos estavam preocupados com a pureza do Texto do NT.
6. Quais regiões começaram com os Autógrafos? Área do Egeu (18-24), Roma (2-7), Palestina (0-3), Egito (0).
7. Onde a Igreja foi mais forte durante os séculos II e III? Ásia Menor e região do Egeu.
8. Onde o grego foi mais usado e por mais tempo? Área do Egeu e Ásia Menor.
9. Quais são as implicações da campanha de Diocleciano e do movimento donatista?

Afirmo que as provas são claras no sentido de que a transmissão foi de fato predominantemente normal.

Então, que tipo de quadro podemos esperar encontrar nas testemunhas sobreviventes, dado o entendimento de que a história da transmissão do Texto do Novo Testamento foi predominantemente normal? Podemos esperar um amplo espectro de cópias, mostrando pequenas diferenças devido a erros de copiar, mas todas refletindo uma tradição comum. A existência simultânea de transmissão anormal nos primeiros séculos resultaria num salpicar de cópias, desordenadamente, fora desse fluxo principal. O quadro seria algo como a figura a seguir.¹

¹ A história do local onde o Códice W foi encontrado sugere que ele deve ter sido copiado antes de 200 d.C., o que colocaria o Texto Bizantino no século II, uma vez que ele mostra influência bizantina.



Os MSS dentro dos cones representam a transmissão “normal”. À esquerda, plotei alguns possíveis representantes do que poderíamos chamar de transmissão “irresponsável” do texto – os copistas produziram cópias de baixa qualidade por incompetência ou descuido, mas não fizeram alterações deliberadas. À direita, plotei alguns possíveis representantes do que poderíamos chamar de transmissão “fabricada” do texto – os escribas fizeram alterações deliberadas no texto (por quaisquer razões), produzindo cópias fabricadas, e não cópias verdadeiras. Estou bem ciente de que os MSS plotados na figura acima contêm erros descuidados e deliberados, em proporções diferentes (7Q5,4,8 e P^{52,64,67} são demasiado fragmentados para permitir a classificação dos seus erros como deliberados e não descuidados), de modo que qualquer classificação como a que tento aqui será relativa e dá uma imagem distorcida. Ainda assim, atrevo-me a insistir que a ignorância, o descuido, a intromissão e a malícia todos deixaram a sua marca na transmissão do texto do Novo Testamento, e devemos levá-los em conta em qualquer tentativa de reconstruir a história dessa transmissão.

Tal como a figura sugere, defendo que a campanha de Diocleciano teve um efeito purificador sobre o fluxo de transmissão. Para aguentar a tortura em vez de entregar seu(s) MS(S), você teria que ser um crente verdadeiramente comprometido, o tipo de pessoa que desejaria boas cópias das Escrituras. Assim, provavelmente foram os MSS mais contaminados que foram destruídos, grosso modo, deixando os MSS mais puros para reabastecer a terra (por favor, veja a seção “Repressão Imperial do N.T.” no Capítulo 6 de minha *Identity IV*). A seta dentro dos cones representa a Família 35 (ver Parte II).

Outra consideração sugere-se – se, como relatado, a campanha de Diocleciano foi mais feroz e eficaz na área bizantina, a vantagem numérica do tipo de texto 'bizantino' sobre o 'ocidental' e o 'alexandrino' teria sido reduzida, dando aos dois últimos uma oportunidade de tomar a liderança. Mas isso não aconteceu. A Igreja, em sua maioria, recusou-se a propagar essas formas do texto grego. Os códices B, κ , D, etc., não têm 'filhos'. Uma vez que é impossível produzir uma forma arquetípica para os tipos de texto, assim chamados, 'ocidental' ou 'alexandrino', com base na evidência dos manuscritos, será que eles existem?

O 'ponto crucial' de um Original 'perdido'

Voltando ao 'ponto crucial', a redação original se perdeu? Respondo com um enfático “**Não**”. Certamente existe dentro da massa bizantina, mas o que faremos se há confusão dentro dessa massa? (Insistir que deve ser uma das variantes existentes é melhor do que nada, suponho, mas eu, pelo menos, quero identificar a redação original.) Na minha opinião, sempre que pelo menos 90% das testemunhas primárias concordam, não pode haver nenhuma questão razoável; é estatisticamente impossível que uma leitura não original possa ter uma pontuação tão alta.¹ Sempre que uma leitura obtém uma atestação de pelo menos 80%, sua probabilidade é muito alta. Mas para talvez 2% das palavras no NT a atestação cai abaixo de 80% (um número desproporcional estando no Apocalipse), e neste ponto precisamos desviar a nossa atenção dos MSS para as famílias.² Já mencionei a atribuição de um quociente de credibilidade a cada família, com base em critérios objetivos, e isso precisa ser feito. Infelizmente, há muito “trabalho de casa” por fazer nesta área (até onde sei, apenas a Família 35 tem um perfil empiricamente definido),³ mas já foi feito trabalho suficiente para permitir algumas ideias aproximadas.

¹ Ver o Appendix B no meu *Identity V*.

² Uma vez que todos os MSS tenham sido cotejados e atribuídos empiricamente a famílias, então poderemos limitar a nossa atenção a essas famílias, desde o início (como fiz no Apocalipse).

³ Até onde eu sei, nem f^1 nem f^{13} existem fora dos Evangelhos, mas mesmo ali, alguém já produziu um perfil empiricamente definido para qualquer um deles? Considere a seguinte declaração de Metzger:

Deve-se observar que, de acordo com a teoria de que os membros de f^1 e f^{13} foram sujeitos a uma acomodação progressiva ao texto bizantino posterior, os estudiosos estabeleceram o texto dessas famílias adotando leituras de testemunhas da família que diferem do Textus Receptus. Portanto, a citação da sigla f^1 e f^{13} pode, em um dado caso, significar uma minoria de manuscritos (ou mesmo apenas um) que pertencem à família. (*A Textual Commentary on the Greek New Testament* [companheiro de UBS³], p. xii.)

Seria irracional dizer que tal procedimento é injusto para com o leitor? Não engana o

Estamos em dívida com o *Institut für Neutestamentliche Textforschung* por sua série *Text und Textwert*. Uma análise cuidadosa de seus cotejos indica que provavelmente não existe **K^x** em lugar nenhum (e lembre-se de *Wisse*). Tomemos, por exemplo, os volumes do *TuT* sobre o Evangelho de João, capítulos 1-10. Eles examinaram um total de 1.763 MSS (para 153 conjuntos de variantes) e incluíram os resultados nos dois volumes. As páginas 54 a 90 (volume 1) contêm “Agrupamentos de acordo com graus de concordância” “concordando mais frequentemente entre si do que com o texto majoritário”. Apenas um símbolo de grupo é usado, **K^r** – o primeiro representante da família, MS 18, lidera um grupo de cerca de 120 MSS, mas todos os representantes subseqüentes têm apenas um **K^r** (que chamo de **f³⁵**). Depois de **K^r**, existem 22 grupos com entre 52 e 25 MSS, e todos, exceto quatro deles, são realmente **K^r** / **f³⁵**, e o mesmo vale para vários grupos menores, de sorte que seu **K^r** provavelmente deveria ser superior a 200 (eu diria que a Família 35 nos Evangelhos tem mais de 250 representantes, mas a sua classificação aqui é baseada em apenas 153 conjuntos de variantes, na metade de João).

Considere o maior grupo além de **K^r**: 2103. Dos seus 52 membros, 15 mostram apenas uma concordância de 95% com o MS 2103. Se esses 52 MSS forem alguma vez cotejados para todos os Evangelhos, é inteiramente previsível que o “grupo” diminuirá consideravelmente; pode até desaparecer.

Há alguns anos, Maurice Robinson fez um cotejo completo de 1.389 MSS que contêm o P.A.,¹ e eu tive em minha posse a fotocópia de William Pierpont desses cotejos durante dois meses, passando a maior parte desse tempo estudando esses cotejos. Ao fazê-lo, tornou-se óbvio para mim que von Soden “regularizou” os seus dados, “criando” arbitrariamente a alegada forma arquetípica para as suas primeiras quatro famílias, **M^{1,2,3,4}** – se é que existem, são bastante fluidos. Seus **M^{5&6}** existem, possuindo perfis distintos para o propósito de mostrar que são diferentes, mas são um pouco ‘moles’, com confusão interna suficiente para tornar arbitrária a escolha da forma

usuário do aparato? Pelo menos conforme utilizadas pelas edições da UBS, essas siglas não representam perfis definidos empiricamente.

¹ 240 MSS omitem o PA, 64 dos quais são baseados no comentário de Teofilato. Outros quatorze apresentam lacunas, mas não são testemunhas de omissão total. Alguns outros certamente contêm a passagem, mas o microfilme é ilegível. Portanto, 1389 + 240 + 14 + 7(?) = cerca de 1650 MSS verificados por Robinson. Isso não inclui Lecionários, dos quais ele também verificou um bom número. (Esses são microfilmes mantidos pelo Instituto em Münster. Sabemos agora que existem muitos mais MSS conhecidos, e provavelmente ainda mais que ainda não foram identificados.) Infelizmente, até onde sei, Robinson ainda não publicou os seus cotejos, tornando-os assim disponíveis ao público em geral.

arquetípica. De fato, suspeito que terão de ser subdivididos. Em contraste com o exposto acima, seu **M⁷** (que chamo de Família 35) tem um perfil sólido e inequívoco – a forma arquetípica é demonstrável, determinada empiricamente.

Quanto ao Apocalipse, dos nove grupos que Hoskier identificou, apenas o seu Complutense (que chamo de Família 35) é homogêneo. Dos demais, os principais têm subdivisões, que exigirão perfil próprio.

Dadas as minhas pressuposições, considero que tenho boas razões para declarar a preservação divina da precisa redação original do Texto completo do Novo Testamento, até hoje. Essa redação está reproduzida na minha edição do NT grego, disponível em www.prunch.org. **MAS ATENÇÃO:** seja ou não o arquetipo de **f³⁵** o Autógrafo (como afirmo), permanece o fato de que os MSS cotejados para este estudo refletem uma transmissão incrivelmente cuidadosa de sua fonte, e isso ao longo da Idade Média. Minhas pressuposições incluem: Deus existe; Ele inspirou o Texto Bíblico; Ele prometeu preservá-lo por mil gerações (1 Crônicas 16.15); portanto, Ele deve ter um interesse ativo e contínuo nessa preservação [já houve menos de 300 gerações desde Adão, e então Ele ainda tem um longo caminho a percorrer!]. **Se Ele estivesse preservando a redação original em alguma linha de transmissão diferente de f³⁵, essa transmissão seria menos cuidadosa do que a que já demonstrei para f³⁵?** Eu acho que não. Portanto, qualquer linha de transmissão caracterizada por confusão interna é desqualificada – isto inclui **todas** as outras linhas de transmissão que vi até agora!¹

Com base nas evidências disponíveis até agora, afirmo o seguinte:

1. A redação original nunca foi ‘perdida’ e sua transmissão ao longo dos anos foi basicamente normal, sendo reconhecida como material inspirado desde o início.
2. Esse processo normal resultou em linhas de transmissão.
3. Para delinear tais linhas, os MSS devem ser agrupados empiricamente com base num mosaico partilhado de leituras.
4. Esses grupos ou famílias devem ser avaliados em termos de independência e credibilidade.
5. O maior grupo claramente definido é a Família 35.
6. A Família 35 é comprovadamente independente de todas as outras linhas de transmissão em todo o NT.

¹ Coisas como **M⁶** e **M⁵** em João 7.53-8.11 vêm à mente.

7. A família 35 é demonstradamente antiga, datando pelo menos ao século III.

8. Os representantes da Família 35 vêm de toda a região do Mediterrâneo; a distribuição geográfica é quase total.

9. A Família 35 não é uma recensão, não foi criada em algum momento posterior aos Autógrafos.

10. A família 35 é uma entidade objetiva/empiricamente definida em todo o NT; tem um perfil diagnóstico demonstrável de Mateus 1.1 a Apocalipse 22.21.

11. A forma arquetípica da Família 35 é demonstrável – já foi demonstrada (ver Parte II).

12. O Texto Original é o arquétipo mor; qualquer candidato também tem de ser um arquétipo – um arquétipo real, honesto e objetivamente verificável; há apenas um – Família 35.¹

13. A preocupação de Deus com a preservação do Texto Bíblico é evidente: entendo que passagens como 1 Crônicas 16.15, Salmo 119.89, Isaías 40.8, Mateus 5.18, Lucas 16.17 e 21.33, João 10.35 e 16.12-13, 1 Pedro 1.23-25 e Lucas 4.4 podem razoavelmente ser interpretados como implicando uma promessa de que as Escrituras (até o til) serão preservadas para o uso do homem (devemos viver “por *cada* palavra de Deus”) e até o fim do mundo (“por mil gerações”), mas nenhuma indicação é dada sobre como Deus propôs fazer isso. Devemos deduzir a resposta daquilo que Ele realmente fez – descobrimos que Ele fez, de fato!

14. Essa preocupação reflete-se na Família 35; é caracterizada por uma transmissão incrivelmente cuidadosa (em contraste com outras linhas). [Tenho uma cópia perfeita do texto arquetípico da Família 35 para a maioria dos livros do NT (22); Tenho cópias feitas de exemplar perfeito (presumido) por mais quatro (4); à medida que continuo a cotejar os MSS, espero acrescentar o último (Atos), mas mesmo para ele a forma arquetípica é demonstrável.]

15. Se Deus estivesse preservando o texto original em alguma linha de transmissão que não fosse a Família 35, essa linha seria menos cuidadosa? Eu acho que não. Portanto, qualquer linha de transmissão caracterizada por confusão interna é desqualificada – isso inclui todas as outras linhas de transmissão que vi até agora.

¹ Se você quer ser candidato ao melhor advogado da sua cidade, você deve ser advogado, ou o melhor carpinteiro, ou oncologista, ou o que quer que seja. Se houver apenas um candidato a prefeito em sua cidade, quem será eleito?

16. Afirmo que Deus usou a Família 35 para preservar a exata redação original do Texto do Novo Testamento; está reproduzida em minha edição do Texto Grego.¹

A honestidade costumava fazer parte da definição de um verdadeiro estudioso. Qualquer um que deseje sê-lo deveria absolutamente parar de representar suas pressuposições como fazendo parte da evidência. Visto que o original nunca foi perdido, não há crítica textual legítima do NT e, portanto, nenhuma ciência sobre tal. Visto que a crítica textual do NT (tal como praticada pela comunidade acadêmica durante os últimos 130 anos) depende de um pressuposto falso, não pode ser uma ciência. Aqueles que rejeitam a evidência primária podem, e provavelmente continuarão, a propor uma teoria de crítica textual. Suponho que eles tenham direito à sua teoria, mas não posso desejar que passem bem.

A apresentação das evidências por Aland

Para esta discussão usarei estatísticas oferecidas por Kurt Aland e seu Instituto para Pesquisa Textual do Novo Testamento. Visto que ele desprezava o Texto Bizantino e era um defensor dedicado do seu texto Egípcio, podemos estar absolutamente certos de que a evidência não será apresentada de forma a favorecer o Texto Bizantino de qualquer maneira.

Os Unciais

Em *The Text of the New Testament*,² K. Aland oferece um resumo dos resultados de um “cotejo sistemático de teste” para os unciais mais importantes dos séculos IV-IX. Ele usa quatro títulos: “bizantino”, “original”, “acordos” entre os dois primeiros, e leituras “independentes ou distintas”. Como por “original” ele parece querer dizer essencialmente “egípcio” (ou “alexandrino”), usarei os seguintes títulos: ‘Egípcio’, ‘Majoritário’ (“bizantino”), ‘ambos’ (“acordos”) e ‘outros’ (“independentes”). Prossigo plotando cada MS dos séculos IV a IX para o qual Aland oferece um resumo.

¹ E Deus usou principalmente as Igrejas Ortodoxas Orientais para preservar o Texto do NT ao longo dos séculos – elas sempre usaram um Texto que era uma representação adequada do Original, para todos os efeitos práticos.

² K. and B. Aland, *Ibid.*, pp. 106-125.

A título de explicação: “cont.” significa conteúdo, **e** = Evangelhos (mas os números de Aland cobrem apenas os Sinóticos), **a** = Atos, **p** = Epístolas Paulinas (incluindo Hebreus) e **c** = Epístolas Católicas; “Cat.” refere-se às cinco categorias de Aland (*The Text*, pp. 105-6) e “class.” representa uma classificação elaborada por mim em que **E** = Egípcio, **M** = Majoritário e **O** = outro. Possui os seguintes valores, que são ilustrados com M:

M+++++ = 100%

M++++ = mais de 95% = 19:1 = muito forte

M+++ = mais de 90% = 9:1 = forte

M++ = mais de 80% = 4:1 = bom

M+ = acima de 66% = 2:1 = razoável

M = mais de 50% = 1:1 = fraco

M- = pluralidade = marginal

M/E = empate

Presumo que Aland concordará comigo que E + M é certamente original, de sorte que a coluna “ambos” precisa ser desconsiderada enquanto tentamos avaliar as tendências dos vários MSS. Assim, considere apenas as colunas “Egípcio”, “Majoritário” e “outro” no cálculo das percentagens.

Codex	Data	cont.	Egit.	ambos	Major.	outro	total	class.	Cat.
01	IV	e	170	80	23	95	368	E	I
		a	67	24	9	17	117	E+	I
		p	174	38	76	52	340	E	I
		c	73	5	21	16	115	E	I
03	IV	e	196	54	9	72	331	E+	I
		a	72	22	2	11	107	E++	I
		p	144	31	8	27	210	E++	I
		c	80	8	2	9	99	E++	I
032 ¹	IV	e	54	70	118	88	330	M-	III
<hr/>									
02	V	e	18	84	151	15	268	M++	III
		a	65	22	9	12	108	E+	I
		p	149	28	31	37	245	E+	I
		c	62	5	18	12	97	E+	I
04	V	e	66	66	87	50	269	M-	II
		a	37	12	12	11	72	E	II
		p	104	23	31	15	173	E+	II
		c	41	3	15	12	71	E	II
05	V	e	77	48	65	134	324	O-	IV

400

¹ A história do local onde o Códice W foi encontrado sugere que ele deve ter sido copiado antes de 200 d.C., o que colocaria o Texto Bizantino no século II.

Codex	Data	cont. a	Egit. 16	ambos 7	Major. 21	outro 33	total 77	class. O-	Cat. IV
016	V	p	15	1	2	6	24	E	II
026	V	e	0	5	5	2	12	M+	V
048	V	p*	26	7	3	4	40	E+	II
0274	V	e	19	6	0	2	27	E+++	II
<hr/>									
06	VI	p	112	29	137	83	361	M-	II
08	VI	a	23	21	36	22	102	M-	II
015	VI	p	11	0	5	1	17	E	III
022	VI	e	8	48	89	15	160	M+	V
023	VI	e	0	4	9	3	16	M+	V
024	VI	e	3	16	24	0	43	M++	V
027	VI	e	0	4	11	5	20	M+	V
035	VI	e	11	5	3	2	21	E+	III
040	VI	e	8	2	2	3	15	E	III
042	VI	e	15	83	140	25	263	M+	V
043	VI	e	11	83	131	18	243	M++	V
<hr/>									
0211	VII	e	10	101	189	23	323	M++	V
<hr/>									
07	VIII	e	1	107	209	9	326	M++++	V
019	VIII	e	125	75	52	64	316	E	II
044	VIII	e	52	21	40	19	132	E-	III
		a	22	25	43	15	105	M	III
		p	38	42	135	33	248	M	III
		c	54	8	21	14	97	E	II
047	VIII	e	6	96	175	21	298	M++	V
0233	VIII	e	3	23	47	5	78	M++	III
<hr/>									
09	IX	e	0	78	156	11	245	M+++	V
010	IX	p	91	12	41	69	213	E-	III
011	IX	e	4	87	176	21	288	M++	V

Codex	Data	cont.	Egit.	ambos	Major.	outro	total	class.	Cat.
012	IX	p	91	12	43	66	212	E-	III
013	IX	e	2	82	174	7	265	M++++	V
014	IX	a	2	22	48	1	73	M+++	V
017	IX	e	8	107	197	15	327	M++	V
018	IX	p	8	32	154	8	202	M+++	V
		c	4	9	77	6	96	M++	V
020	IX	a	1	23	51	3	78	M+++	V
		p	5	44	188	4	241	M++++	V
		c	5	9	78	3	95	M+++	V
021	IX	e	7	106	202	12	327	M+++	V
025	IX	a	1	29	70	0	100	M++++	V
		p	87	31	87	31	236	E/M	III
		c	26	6	46	9	87	M	III
030	IX	e	1	38	105	11	155	M++	V
031	IX	e	8	101	192	17	318	M++	V
034	IX	e	4	95	192	6	297	M++++	V
037	IX	e	69	88	120	47	324	M	III
038	IX	e	75	59	89	95	318	O-	II
039	IX	e	0	10	41	2	53	M++++	V
041	IX	e	11	104	190	18	323	M++	V
045	IX	e	3	104	208	10	325	M+++	V
049	IX	a	3	29	69	3	104	M+++	V
		p	0	34	113	3	150	M++++	V
		c	1	9	82	4	96	M+++	V
063	IX	p	0	3	15	0	18	M+++++	V
0150	IX	p	65	34	101	23	223	M	III
0151	IX	p	9	44	174	7	234	M+++	V
33	IX	e	57	73	54	44	228	E-	II
		a	34	19	21	11	85	E	I
		p	129	35	47	36	247	E	I
		c	45	3	21	14	83	E	I
461	835	e	3	102	219	5	329	M++++	V

(*Aland mostra **ap**, mas não fornece números para **a**.)

Então, o que podemos aprender com esse gráfico? Talvez um bom lugar para começar seja com uma correlação entre “Cat.” e “class.” em termos dos valores que cada um atribuiu a MSS específicos:

<u>I</u>	<u>II</u>	<u>III</u>	<u>IV</u>	<u>V</u>
E++	E+++ M- O-	E+ M++	O-	M+++++
E+	E+	E M		M++++
E	E	E- M-		M+++
	E-	E/M		M++
				M+

As categorias I, IV e V são razoavelmente consistentes, mas como devemos interpretar II e III? Isto é incômodo porque no livro de Aland (pp. 156-59) muitos MSS estão alistados em III e não poucos em II. Pode ser útil ver quantos MSS, ou segmentos de conteúdo, se enquadram nas interseções dos dois parâmetros:

	<u>I</u>	<u>II</u>	<u>III</u>	<u>IV</u>	<u>V</u>	<u>total</u>
E+++		1				1
E++	3					3
E+	5	2	1			8
E	6	5	2			13
E-		1	3			4
O-		1		2		3
E/M			1			1
M-		3	1			4
M			5			5
M+					5	5
M++			2		10	12
M+++					10	10
M++++					8	8
M+++++					1	1

0274 e 063 são fragmentários, o que presumivelmente explica as suas pontuações excepcionais, E+++ e M+++++ respectivamente; se fossem mais completos, provavelmente cada um desceria um nível. Dos 45 segmentos M, 31 pontuam acima de 80%, enquanto 9 têm mais de 95% de “pureza”. Deveria ser possível reconstruir a maior parte de um arquétipo “bizantino” com confiança tolerável. Mas devemos nos perguntar como Aland chegou à norma “egípcia” nos Evangelhos, já que a melhor testemunha egípcia (exceto o fragmentário 0274, que tem menos de 10% do texto, mas pontua 90%), o Códice B, mal passa de 70%. (Em *The Text*, p. 95, Aland dá um resumo para P⁷⁵ em Lucas – a pontuação é de 77%.) Além disso, além de B e 0274, P⁷⁵ e Z (ambos também fragmentários) são os

únicos MSS gregos que pontuam tanto quanto um E+ nos Evangelhos. Lembramos a conclusão de E.C. Colwell depois de tentar reconstruir um texto alexandrino “médio” para o primeiro capítulo de Marcos. “Estes resultados mostram de forma convincente que qualquer tentativa de reconstruir um arquétipo do tipo de texto Beta [Alexandrino] numa base quantitativa está fadada ao fracasso. O texto assim reconstruído não é reconstruído, mas construído; é uma entidade artificial que nunca existiu.”¹

Para as outras áreas de conteúdo a situação não é muito melhor. Apenas P⁷⁴ (86%), B (85%) e 81 (80%) classificam E++ em **a**; além deles, apenas A e Aleph conseguem até mesmo um E+. Códice B é o único E++ (80%) em **p**, e apenas P⁴⁶, A, C, 048 e 1739 conseguem um E+. Além dos 88% de B em **c**, apenas P⁷⁴, A e 1739 conseguem até mesmo um E+. Como é que Aland chegou à sua norma “egípcia” nessas áreas? Seria essa “norma” uma ficção, como afirmou Colwell?

O Códice A^c é 82% bizantino e deve ter sido baseado num exemplar bizantino, que provavelmente pertenceria ao século IV. O Códice W em Mateus também é claramente bizantino e deve ter tido um exemplar bizantino. O salpicar de leituras bizantinas em B é suficientemente pequeno para poder ser atribuído ao acaso, suponho, mas essa explicação dificilmente servirá para Aleph. Pelo menos em **p**, se não em toda a sua extensão, o copista de Aleph deve ter tido acesso a um exemplar bizantino, que poderia ter pertencido ao século III. Mas Astério oferece evidência muito mais forte: ele morreu em 341, e necessariamente compôs os seus escritos antes; parece provável que seus MSS seriam do século III – sendo que ele mostra uma preferência de 90% por leituras bizantinas, esses MSS devem ter sido **bizantinos**. (Usando minha classificação, Astério seria M++, sendo a preferência bizantina de 83%. Numa base percentual, Astério é tão fortemente bizantino quanto B é egípcio.) Adamântio morreu em 300, e portanto escreveu antes. Teriam os seus MSS sido da primeira metade do século III? Como ele mostra uma preferência de 52% pelas leituras bizantinas (ou 39%, usando minha classificação), pelo menos alguns de seus MSS eram presumivelmente bizantinos. Aliás o P⁶⁶ tem tantas leituras bizantinas que o seu copista deve ter tido acesso a um exemplar bizantino, que pertenceria necessariamente ao século III! A circunstância de que algumas leituras bizantinas em P^{66*} foram corrigidas para leituras egípcias, enquanto algumas leituras egípcias em P^{66*} foram corrigidas para leituras bizantinas, realmente parece exigir que postulemos exemplares dos dois

¹ “The Significance of Grouping of New Testament Manuscripts”, *New Testament Studies*, IV (1957-1958), 86-87.

tipos – entre eles, as duas mãos fornecem evidência clara de que o texto bizantino, como tal, existia em sua época.

Voltando ao gráfico dos unciais acima, no século IV E lidera em todas as quatro áreas, embora em Aleph E seja fraco e M esteja ganhando. Se W for do século IV,¹ M ganhou ainda mais. Lembro ao leitor que estou me referindo apenas às informações do gráfico acima. Na realidade, presumo que o século IV, como todos os outros, foi dominado por MSS bizantinos. Por serem boas cópias, foram usados e desgastados, perecendo assim. Cópias como B e Aleph sobreviveram porque eram “diferentes” e, portanto, não foram usadas. Por “usado” quero dizer para fins comuns – estou bem ciente de que Aleph exerceu a engenhosidade de vários corretores ao longo dos séculos, mas não deixou descendentes. No século V, M assume a liderança em e, enquanto E mantém **apc** (pode ser uma surpresa para alguns que C^e é mais M do que qualquer outra coisa). No século VI, M fortalece seu domínio sobre e e avança sobre a (pode ser uma surpresa para alguns que D^p seja mais M do que qualquer outra coisa). Depois do século V, com a única exceção do Z fragmentário, todas as testemunhas “egípcias” são fracas – mesmo a “rainha dos cursivos”, 33, não chega a um E+. Dos unciais do século X para os quais Aland oferece um resumo, todos são claramente bizantinos (028, 033, 036, 056, 075 e 0124), exceto 0243, que pontua um E.

Os Cursivos

Quando mudamos para os manuscritos cursivos, Aland oferece resumos para 150, escolhidos com base na sua “independência” da norma bizantina. Ele alista 900 MSS apenas por número porque “estes minúsculos exibem um texto pura ou predominantemente bizantino”, e por isso ele considera que “são todos irrelevantes para a crítica textual” (*The Text*, p. 155). Fazer para os 150 MSS cursivos “independentes” o que fiz para os unciais ocuparia espaço demais, e por isso vou resumir as estatísticas de Aland em forma de gráfico, usando a minha classificação:

cont.	M+++++	M++++	M+++	M++	M+	M	M-	M/E	E-	E	E+	E++
e		10	23	12	6	16	1		2	1		
a		12	15	23	21	14	12	1	4	2		1
p	1	25	17	17	28	19	4		2	3	1	
c	1	9	18	6	30	21	10	1	5	10	1	
total	2	56	73	58	85	70	27	2	13	16	2	1

Mesmo entre esses cursivos “independentes”, há dois segmentos de conteúdo que na verdade pontuam 100% bizantinos! (Imagine só quantos

¹ Há razão para acreditar que se trata do século II, devido às circunstâncias envolvendo o local onde foi descoberto.

mais deve haver entre os 900 que são tão bizantinos que Aland os ignorou.) O melhor representante egípcio é 81 em Atos, com 80%. 1739 pontua 70% (E+) em **c** e 68% (E+) em **p**. Estes são os únicos três segmentos que eu chamaria de “claramente egípcios”. São dezesseis segmentos que pontuam entre 50 e 66% (E). Colocando M a M+++++ contra E a E++ obtemos 344 a 19, e isso a partir dos minúsculos “independentes”. Se adicionarmos os 900 MSS “predominantemente bizantinos”, que terão em média mais que dois segmentos de conteúdo cada, a proporção real é bem superior a 100 para um. Presumo que quase todos esses 900 pontuarão pelo menos M++, e a maioria sem dúvida pontuará M+++ ou superior. Se calculássemos apenas segmentos que pontuassem pelo menos 80%, a proporção Bizantino: Egípcio seria mais próxima de **1.000** para um – os MSS que foram classificados pelo “cotejo de teste” de Aland, conforme relatado em seu livro, representam talvez 40% do total (excluindo Lecionários), mas podemos razoavelmente assumir que a maioria dos “independentes” já foram identificados e apresentados. Segue-se que os MSS restantes, pelo menos 1.500, só podem aumentar o lado bizantino da proporção. Se o texto bizantino é o “pior”, então, ao longo dos séculos de copiar manuscritos, a Igreja estava tremendamente equivocada!

Os MSS discutidos no livro de Aland (primeira edição) refletem o cotejar feito no seu Instituto até 1981. Sem dúvida, muitos mais foram cotejados desde então, mas as proporções gerais provavelmente não mudarão significativamente. Considere o estudo feito por Frederik Wisse. Ele cotejou e comparou **1.386** MSS em Lucas 1, 10 e 20, e encontrou apenas quatro unciais (de 34) e quatro cursivos (de 1.352) que exibiam o tipo de texto egípcio, além de outros dois de cada um que eram egípcios em um dos três capítulos.¹

Observações Finais

Em seu livro, a discussão de Aland sobre a transmissão do texto do NT é permeada pela suposição de que o texto bizantino foi um desenvolvimento secundário que contaminou progressivamente o texto egípcio (“Alexandrino”) puro.² Mas as principais testemunhas “Alexandrinas”, B,

¹ *The Profile Method for the Classification and Evaluation of Manuscript Evidence* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982).

² A “purificação” progressiva do fluxo de transmissão ao longo dos séculos, com base nos MSS conhecidos (a partir de uma perspectiva de prioridade bizantina), foi reconhecida por todos, e as suas tentativas de explicar o fenômeno refletem geralmente os seus pressupostos. Do meu ponto de vista, a explicação evidente é esta: todos os partidos reconhecem que os ataques mais pesados contra a pureza do Texto ocorreram durante o século II. Mas “a terra-coração da Igreja”, a região do Egeu, de longe a mais qualificada em todos os sentidos para zelar pela transmissão fiel, simplesmente recusou-se a copiar

A (exceto e) e κ (*The Text*, p. 107), estão em constante e significativo desacordo entre si; tanto que não existe uma forma objetiva de reconstruir um arquétipo. 150 anos antes, o quadro é o mesmo; P⁴⁵, P⁶⁶ e P⁷⁵ são bastante diferentes e não refletem uma única tradição. Em 200 d.C. ‘não havia rei no [Egito]; cada um fez o que parecia certo aos seus próprios olhos’, ou assim parece. Mas se se cogitássemos a hipótese de que a tradição bizantina é a mais antiga e que os MSS “ocidentais” e “alexandrinos” representam perturbações variadas nas margens da corrente principal de transmissão? Isso não daria mais sentido às evidências sobreviventes? Então não teria havido arquétipos “ocidentais” ou “egípcios”, apenas várias fontes de contaminação que agiram de forma tão aleatória que cada MS “ocidental” ou “egípcio” conhecido tem um “mosaico” diferente. Em contraste, haveria de facto um arquétipo “bizantino”, que refletiria o original. O texto médio dos MSS conhecidos melhora século após século, sendo o XIV o melhor, porque os piores MSS não foram copiados ou desgastados pelo uso; enquanto os bons eram usados e copiados e, quando desgastados, descartados.

Aqueles que catalogam os MSS do NT nos informam que os séculos XII e XIII lideram a turma, em termos de MSS conhecidos, seguidos pelos séculos XIV, XI, XV, XVI e X, nessa ordem. Há mais de quatro vezes mais MSS do XIII do que do X, mas obviamente o grego koinê teria sido uma língua mais viva no X do que no XIII e, portanto, teria havido mais demanda e, portanto, mais oferta. Em outras palavras, muitas centenas de MSS realmente puros do X pereceram. Uma percentagem mais elevada dos MSS realmente bons produzidos no século XIV sobreviveram do que aqueles produzidos no século XI; e assim por diante. É por isso que existe um nível progressivo de acordo entre os MSS bizantinos, havendo uma percentagem de acordo mais elevada no XIV do que no X. Mas se tivéssemos vivido no século 10 e feito um amplo levantamento dos MSS, teríamos encontrado quase o mesmo nível de concordância (talvez 98%). O mesmo aconteceria se tivéssemos vivido nos séculos VIII, VI, IV ou II. Em outras palavras, OS MSS SOBREVIVENTES DOS PRIMEIROS DEZ SÉCULOS NÃO SÃO

as formas aberrantes. MSS contendo tais formas não foram usados (nem copiados), de sorte que muitos sobreviveram fisicamente por mais de um milênio. Formas menos ruins foram utilizadas, mas progressivamente não foram copiadas. Assim, os unciais sobreviventes do século IX são razoáveis, mais de 80% bizantinos, mas não bons o suficiente para serem copiados e reciclados (quando os melhores MSS foram colocados em forma cursiva). Até o advento do texto impresso, os MSS eram feitos para serem usados. Progressivamente, apenas os melhores foram usados e, portanto, desgastados e copiados. Esse processo culminou no século XIV, quando a sombra otomana avançava sobre a Ásia Menor, mas o império bizantino ainda permanecia.

REPRESENTATIVOS DO VERDADEIRO ESTADO DE COISAS NO SEU TEMPO.

Aland parece admitir que ao longo dos séculos da história da igreja o texto bizantino foi considerado “o texto da igreja”, e ele atribui o início deste estado de coisas a Luciano.¹ Ele faz repetidas menções a uma “escola de/em Antioquia” e à Ásia Menor. Tudo isto é muito interessante, porque no seu livro ele concorda com Adolf Harnack que “cerca de 180 a maior concentração de igrejas estava na Ásia Menor e ao longo da costa do Egeu, na Grécia”.² Esta é a área onde o grego era a língua materna e onde o grego continuou a ser usado. É também a área que começou com a maior parte dos Autógrafos. Mas Aland continua: “Mesmo por volta de 325 d.C., o cenário ainda permanecia praticamente inalterado. A Ásia Menor continuou a ser a terra-coração da Igreja”. “A terra-coração da Igreja” – pois então, quem mais estaria em melhor posição para identificar o texto correto do Novo Testamento? Quem poderia “vender” um texto fabricado na Ásia Menor no início do século IV? Afirmo que o texto bizantino dominou a história da transmissão porque as igrejas na Ásia Menor o atestaram. E fizeram-no, desde o início, porque sabiam que era o texto verdadeiro, tendo-o recebido dos Apóstolos. O Texto Maioritário é o que é justamente porque sempre foi o **Texto da Igreja**.

¹ K. Aland, “The Text of the Church?”, *Trinity Journal*, 1987, 8NS:131-144 [publicado em 1989], pp. 142-43.

² *The Text of the New Testament*, p. 53.